

110 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO

**DAVID  
BALDACCI**

**PODER  
ABSOLUTO**



Um crime quase perfeito e uma testemunha  
que pode pôr tudo a perder



110 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO

**DAVID  
BALDACCI**

**PODER  
ABSOLUTO**



Um crime quase perfeito e uma testemunha  
que pode pôr tudo a perder

# PODER ABSOLUTO

# DAVID BALDACCI

## PODER ABSOLUTO



# Sumário

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

Epílogo

Conheça outros títulos do autor

Conheça outro título da Editora Arqueiro

Conheça os clássicos da Editora Arqueiro

Informações sobre os próximos lançamentos

*“O poder absoluto corrompe de modo absoluto.”*

– Lord Acton



*Para Michelle,  
Minha querida amiga, esposa amada e parceira no crime.  
Sem você, este sonho não teria deixado de ser um tênue  
lampejo em meus olhos cansados.*

*Para minha mãe e meu pai,  
não existem pais que pudessem ter feito mais.*

*Para meu irmão e minha irmã,  
por terem aturado tanto seu irmão mais novo  
e continuarem sempre prontos a me ajudar.*

Título original: *Absolute Power*

Copyright © 1996 por Columbus Rose Ltd.

Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Haroldo Netto

*preparo de originais:* Rachel Agavino

*revisão:* Ana Lúcia Machado e Luis Américo Costa

*diagramação:* Ilustrarte Design

*capa:* Rodrigo Rodrigues

*imagem de capa:* Dougal Waters / Getty Images

*geração de Epub:* SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Baldacci, David

Poder absoluto [recurso eletrônico] / David Baldacci [tradução de Haroldo Netto]; São Paulo: Arqueiro, 2013.  
recurso digital

Tradução de: Absolute power

Requisitos do sistema: Multiplataforma

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-140-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Haroldo Netto. II. Título.

B146p

13-0948

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br  
www.editoraarqueiro.com.br



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

ELE SEGURAVA FROUXAMENTE O volante enquanto o carro, com as luzes apagadas, diminuía a velocidade aos poucos, até parar. Umas últimas pedrinhas de cascalho se desprenderam dos pneus e então o silêncio o envolveu. Levou um instante para se ajustar ao ambiente. Em seguida pegou os óculos de visão noturna, que, apesar de muito velhos, ainda funcionavam bem. Lentamente, a casa entrou em foco. Ele mudou de posição no banco, tranquilo e confiante. Havia uma bolsa de tecido no assento do carona. O interior do veículo era desbotado, porém limpo.

O carro era roubado. E de um lugar bastante improvável.

Havia um par de palmeiras em miniatura pendurado no espelho retrovisor. Ele deu um sorriso melancólico ao olhar para elas. Em breve poderia ir para a terra das palmeiras. Mar calmo, de água azul e transparente, manhãs longas e céu cor de salmão ao pôr do sol. Já era hora de se aposentar. Embora houvesse dito isso a si mesmo muitas vezes, agora tinha certeza.

Com 66 anos, Luther Whitney tinha direito a receber o Seguro Social e possuía uma carteirinha da Associação Americana de Aposentados. Nessa idade, a maioria dos homens já havia estabelecido uma segunda carreira como avô, criando em tempo parcial os filhos de seus filhos, descansando as juntas doloridas em poltronas reclináveis e terminando de entupir as artérias com o lixo acumulado a vida toda.

Mas Luther tinha apenas uma carreira, que envolvia arrombar e entrar nas casas ou locais de trabalho de outras pessoas, geralmente à noite, como agora, e levar suas posses – tudo que pudesse carregar.

Embora evidentemente do lado errado da lei, ele jamais havia disparado uma arma ou empunhado uma faca por raiva ou por medo, a não ser na ocasião em que lutara numa guerra extremamente confusa, travada na divisa entre as Coreias do Norte e do Sul. E os únicos socos que trocara tinham sido em bares, em legítima defesa, quando a cerveja tornava os homens muito mais corajosos do que deveriam ser.

Mas Luther tinha um critério para escolher seus alvos: só roubava daqueles que podiam arcar com o prejuízo. Não se considerava diferente das pessoas que frequentemente engambelam os ricos, persuadindo-os a comprar coisas de que não precisam.

Boa parte de seus mais de 60 anos havia sido passada em diversos presídios de segurança média – e depois máxima – na Costa Leste. Como blocos de granito pendurados em seu pescoço, ele carregava três condenações, em três estados diferentes. Anos que tinham sido tirados de sua vida. Um tempo importante. Mas agora não podia fazer nada para mudar isso.

Refinara tanto seus talentos que se permitia ter grandes esperanças de que não seria condenado pela quarta vez. Não havia absolutamente nada de misterioso com relação a outro fracasso: pegaria vinte anos. E, na sua idade, isso seria o mesmo que perpétua. Também poderiam fritá-lo na cadeira elétrica, que era o modo como a Virgínia lidava com gente particularmente ruim. Os cidadãos daquele estado eram, de modo geral, tementes a Deus, e a religião prega que é “olho por olho”. A Virgínia mandou para o corredor da morte mais criminosos do que todos os outros estados, com exceção de dois: Texas e Flórida. Mas não por simples roubo; até mesmo o bom povo da Virgínia tem seus limites.

Mesmo com todo esse risco, ele não conseguia tirar os olhos da casa – mansão, podia-se dizer. Ela o fascinava já havia alguns meses. Esta noite a fascinação terminaria.

Middleton, Virgínia. Quarenta e cinco minutos de carro a oeste de Washington, D.C. Região de imensas casas, carrões e cavalos cujos preços poderiam alimentar, por um ano inteiro, todos os moradores de um prédio no centro da cidade. As propriedades nesta área se estendem por terrenos enormes, suficientemente esplendorosas para que tenham seu próprio nome.

A descarga de adrenalina que acompanhava cada trabalho era única. Ele imaginava que era mais ou menos isso que um goleiro sentia enquanto esperava um pênalti ser cobrado. A multidão de pé, cinquenta mil pares de olhos voltados para um único ser humano, parecendo que todo o ar do mundo foi sugado.

Luther vasculhou demoradamente a área com os olhos argutos. De vez em quando um vagalume piscava para ele. Fora isso, estava sozinho. Ouviu por um instante o canto das cigarras, mas depois o som acabou ficando em segundo plano, tornando-se onipresente como devia ser para todas as pessoas que moravam havia muito tempo naquela área.

Avançou com o carro um pouco mais pela rua asfaltada e retornou por uma estradinha de terra, bem pequena, que terminava em meio a umas árvores grossas. Seu cabelo grisalho estava coberto por um gorro de esquí preto. O rosto curtido fora pintado com creme de camuflagem, fazendo com que seus olhos verdes e calmos parecessem flutuar acima de uma mandíbula de carvão. Seu corpo magro estava rígido como sempre fora. Tudo nele lembrava o soldado do Exército que tinha sido um dia.

Luther saltou do carro. Agachando-se atrás de uma árvore, examinou o alvo. Coppers, como muitas outras propriedades rurais que de fato não eram fazendas ou estábulos, tinha um grande portão de ferro batido montado em duas colunas de tijolinhos, mas não havia cerca. O terreno era acessível pela estrada ou pelo mato próximo. Luther entrou pelo mato.

Levou dois minutos para chegar à beira da plantação de milho junto à casa. O dono obviamente não tinha necessidade de cultivar seu próprio alimento, mas parecia levar a sério o papel de proprietário de terras. Luther não tinha do que se queixar, pois o milharal lhe proporcionava uma trilha escondida quase até a porta da frente.

Esperou alguns instantes e então desapareceu na escuridão em meio aos pés de milho.

Quase não havia pedras ou detritos no terreno e seus tênis não fizeram barulho, o que era importante, pois qualquer ruído seria facilmente ouvido. Manteve os olhos fixos à frente; os pés, após muita prática, escolhiam cuidadosamente o caminho pelas fileiras estreitas da plantação, compensando de modo automático a ligeira irregularidade do solo. Após o debilitante calor do verão abafado, o ar da noite estava frio, mas não o bastante para que a respiração se condensasse e pudesse ser vista a distância por olhos inquietos ou insones.

Ao longo do mês anterior, Luther havia cronometrado aquela operação diversas vezes, sempre se detendo na beira do milharal antes de avançar pelo terreno e entrar na terra de ninguém. Cada detalhe havia sido elaborado e revisto centenas de vezes em sua cabeça, até que um roteiro preciso – com movimento, espera e mais movimento – estivesse gravado em sua mente.

Ao chegar à orla da plantação, agachou-se e deu mais uma olhada em torno. Não precisava se apressar. Não havia cães com que se preocupar, o que era ótimo. Um homem, independentemente de quão jovem e ágil seja, é incapaz de correr mais que um cão; mas é o

barulho que esses animais fazem que paralisa caras como Luther. Tampouco havia um sistema de segurança no terreno, provavelmente por causa dos incontáveis alarmes falsos que seriam disparados por cervos, esquilos e guaxinins vagando pela área. No entanto, em pouco tempo Luther precisaria enfrentar um sistema defensivo altamente sofisticado, e teria apenas 33 segundos para desarmá-lo – contando os dez que levaria para remover o painel de controle.

A patrulha da segurança particular passara trinta minutos antes. Os arremedos de policiais deveriam variar sua rotina, trocando de setores de vigilância de meia em meia hora. Mas, após um mês de observações, Luther não tivera dificuldade de identificar um padrão. Tinha pelo menos três horas antes que passassem de novo. Não precisaria de tanto tempo assim.

Estava escuro como breu e arbustos grossos, essenciais para os ladrões, se agarravam à entrada de tijolos como o casulo de uma lagarta num galho de árvore. Ele verificou cada janela da casa: todas escuras e silenciosas. Dois dias antes tinha visto uma caravana transportando os ocupantes da casa para o sul, e fizera um inventário cuidadoso de todos. A propriedade mais próxima ficava a uns três quilômetros de distância.

Respirou fundo. Planejava tudo, mas a verdade é que, nesse ramo, não se pode controlar todas as coisas.

Afrouxou as tiras da mochila, deslizou para fora do milharal e atravessou o terreno a passos largos e suaves. Em dez segundos estava diante da porta de entrada, de madeira maciça, reforçada por uma moldura de aço e dotada de um sistema de tranca que, por sua resistência à força, estava no topo do ranking de equipamentos de segurança. Nada disso preocupava Luther.

Tirou do bolso do casaco uma cópia da chave da porta e a enfiou na fechadura, mas não a girou.

Aguçou os ouvidos por mais alguns segundos. Tirou a mochila e trocou de sapatos para não deixar marcas de lama. Preparou a parafusadeira elétrica; com ela exporia, dez vezes mais depressa do que manualmente, o circuito que precisava desarmar.

O equipamento que retirou da mochila em seguida pesava exatamente 170 gramas, era um pouco maior que uma calculadora e o melhor investimento que já fizera na vida. O pequeno aparelho, que Luther apelidara de Wit, o ajudara nos três últimos serviços sem nenhum problema.

Os cinco dígitos do código de segurança da casa já tinham sido fornecidos a Luther e programados em seu aparelho. Ele ainda não sabia a sequência correta, mas esse obstáculo teria que ser vencido por seu pequeno companheiro feito de metal, fios e microchip, ou então um guincho estridente ecoaria das quatro sirenes instaladas nos cantos da fortaleza de 900 metros quadrados que estava prestes a invadir. Logo depois, o computador que enfrentaria em poucos momentos enviaria um alerta para a polícia. A casa também contava com janelas e piso sensíveis à pressão, além de portas à prova de arrombamento. É claro que nada disso teria importância se o Wit acertasse a sequência do código do alarme.

Luther deu uma olhada na chave que estava na porta e, com um movimento experiente, pendurou o Wit no cinto, deixando-o pender ao lado do corpo. Girou a chave sem esforço algum e se preparou para bloquear o som que ouviria em seguida, o bipe baixo do sistema de segurança avisando ao intruso que, se a resposta certa não fosse dada em tempo hábil – nem uma fração de segundo depois –, um terrível destino o aguardava.

Trocou as luvas pretas de couro por outras de plástico, que tinham acolchoamento nas pontas

dos dedos e na palma das mãos e lhe dariam mais agilidade. Não era de seu feitio deixar rastros. Respirou fundo e abriu a porta. O bipe agudo do sistema de segurança soou de imediato. Luther entrou depressa no grande hall e parou diante do painel de alarme.

A parafusadeira eletrônica girou silenciosamente; os seis parafusos caíram na mão de Luther sem fazer barulho e foram guardados numa bolsa do cinto. Fios muito finos presos ao Wit brilharam sob o feixe de luar que penetrava na sala pela janela ao lado da porta. Como um cirurgião sondando a cavidade torácica do paciente, Luther observou, encontrou o ponto certo, colocou os fios na posição e ligou o Wit.

Do outro lado do hall, um feixe de luz vermelha estava virado para ele. O detector infravermelho já localizara o calor de seu corpo e, enquanto os segundos passavam, aguardava pacientemente que o “cérebro” do sistema de segurança determinasse se o intruso era amigo ou inimigo.

Mais rápido do que o olho era capaz de acompanhar, os números cor de âmbar se sucediam no mostrador do Wit. À direita, no canto superior do mostrador, também aparecia o tempo transcorrido.

Cinco segundos haviam se passado quando os números 5, 13, 9, 3 e 11 surgiram e congelaram na pequena tela.

O sistema de segurança foi desarmado, o bipe parou imediatamente, a luz vermelha se apagou e foi substituída por um verde amigável, e Luther pôde dar início ao trabalho. Removeu os fios do painel de controle, aparafusou de novo a placa, guardou o equipamento na mochila e, com todo o cuidado, trancou a porta da frente.

O quarto principal ficava no terceiro andar. Era possível subir por um elevador situado no fim do corredor principal, à direita, mas Luther preferiu usar a escada. Quanto menos dependesse de algo sobre o qual não tinha controle total, melhor. Ficar preso num elevador semanas a fio não fazia parte do seu plano.

Olhou para o detector no canto do teto, adormecido por ora. Então se dirigiu para a escada.

A porta do quarto não estava trancada. Em poucos segundos, acendeu sua lanterna de trabalho, de baixo consumo e luz discreta, e espiou em torno. O brilho esverdeado de um segundo painel de controle ao lado da porta se destacou na escuridão.

Havia menos de cinco anos que a casa fora construída. Luther verificara os registros na prefeitura e até conseguira acesso a um conjunto de plantas. A propriedade era grande o bastante para exigir atenção especial do governo municipal – como se algum dia eles fossem se opor aos desejos dos ricos.

Não havia surpresas nas plantas. Era uma casa grande e espaçosa, que justificava o valor multimilionário pago à vista pelo proprietário.

Luther chegara a visitar a casa uma vez, em plena luz do dia, com gente por toda parte. Estivera naquele quarto e tinha visto o que precisava ver. Era por isso que estava ali agora.

Ajoelhou-se junto à enorme cama de dossel. Ao lado dela havia um criado-mudo. Sobre ele estavam um pequeno relógio de prata, um romance publicado recentemente e um antigo abridor de cartas de prata com cabo de couro.

Tudo ali era grandioso e caro. O quarto tinha três closets do tamanho da sala da casa de Luther. Dois eram ocupados por roupas, sapatos, bolsas e todos os tipos de acessórios femininos que se

pudesse comprar, racionalmente ou por impulso. Luther deu uma olhada nos porta-retratos em cima do criado-mudo e observou com ironia a “mocinha” de 20 e poucos anos ao lado do marido de mais de 70.

Há muitos tipos de loteria no mundo e nem todos são administrados pelo governo.

Diversas fotos mostravam quase completamente os atributos da dona da casa, e um rápido exame do closet revelou que seu gosto para roupas tendia ao vulgar.

Ergueu os olhos para o espelho de corpo inteiro, estudando a moldura entalhada. Depois examinou as laterais. Era uma peça pesada, elegante, que parecia montada diretamente na parede. No entanto, Luther sabia que dobradiças haviam sido escondidas com cuidado dentro do recesso, a quinze centímetros do topo e da base.

Voltou a olhar para o espelho. Tinha a vantagem de ter visto um alvo como aquele uns dois anos antes. Calculava que atrás daquele espelho houvesse 500 mil dólares.

Com sua força e a ajuda de um pé de cabra, poderia arrombar o sistema de tranca embutido na moldura, mas isso tomaria um tempo precioso. E, ainda mais importante, deixaria traços óbvios de que a casa fora violada. Apesar de ser provável que ninguém aparecesse por ali por muitas semanas ainda, nunca se sabia. Quando saísse de Coppers, não deveria haver nenhum sinal de que estivera ali. Mesmo depois de retornarem, os proprietários poderiam não verificar o cofre por algum tempo.

Caminhou depressa para perto da grande TV presa a uma das paredes do enorme quarto. Aquela área estava decorada como uma sala de estar, com poltronas forradas de chintz e uma mesa de centro. Luther examinou os três controles remotos sobre a mesa. Um era da TV, outro do videocassete e o último iria lhe poupar noventa por cento do trabalho. Os controles eram muito parecidos, embora cada um fosse de uma marca diferente. Uma tentativa rápida mostrou que dois acionavam os aparelhos eletrônicos, e o terceiro, não.

Voltou a cruzar o quarto, apontou o controle remoto para o espelho e apertou o botão vermelho localizado na parte de baixo. Normalmente esse gesto daria início a uma gravação, mas ali naquele quarto, naquela noite, abria o banco para seu único e afortunado cliente.

Luther observou a porta se abrir com facilidade, sem fazer barulho, revelando as dobradiças. Como de hábito, recolocou o controle remoto exatamente onde o encontrara, depois tirou uma bolsa de lona da mochila e entrou no cofre.

Quando a luz de sua lanterna varreu a escuridão, ele se surpreendeu ao ver uma poltrona no meio daquele espaço quadrado, de mais ou menos 1,80m de lado. Sobre um braço da poltrona havia um controle remoto idêntico ao que ele usara, obviamente uma medida de segurança para o caso de alguém ficar trancado ali por acidente. Em seguida observou as prateleiras que ocupavam as paredes.

Pegou primeiro o dinheiro, separado de modo bem-organizado. Depois foi a vez do conteúdo de estojos finos, que evidentemente não continham bijuterias. Luther contou cerca de 200 mil dólares em títulos negociáveis e ações, duas caixinhas de moedas antigas e uma de selos. Ignorou os talões de cheques em branco e as caixas cheias de documentos, que não tinham valor para ele. Numa avaliação rápida, calculou que houvesse quase dois milhões de dólares, provavelmente mais.

Deu mais uma olhada em volta, tomando o cuidado de não deixar passar nada. As paredes



eram grossas e ele imaginou que fossem à prova de fogo. O interior do cofre não era hermeticamente fechado e havia ar fresco. Seria possível passar dias ali dentro.



A limusine desceu rapidamente a rua, seguida pelo furgão. Ambos os motoristas eram experientes o bastante para cumprir as ordens sem precisar ligar os faróis.

Nos espaçosos bancos de trás da limusine havia um homem e duas mulheres. Uma delas estava quase bêbada e se esforçava ao máximo para tirar suas roupas e as do homem ali mesmo, a despeito do esforço que ele fazia para se defender.

A outra mulher estava sentada diante deles com os lábios contraídos, fingindo ignorar aquele espetáculo ridículo – que incluía risadinhas e arquejos –, quando na verdade observava detalhadamente os movimentos do casal. Olhava para uma grande agenda aberta no seu colo, na qual compromissos e anotações brigavam por espaço e pela atenção do homem diante dela. Ele aproveitou o momento em que sua acompanhante estava tirando os sapatos de salto agulha para se servir de outro drinque. Ele era muito resistente ao álcool. Podia beber o dobro do que já bebera naquela noite sem que houvesse qualquer sinal de embriaguez, como engrolar as palavras ou ter a coordenação motora prejudicada – o que seria uma tragédia para alguém na sua posição.

Ela tinha que admirá-lo – era obsessivo e até rude, mas conseguia passar para o mundo uma imagem de pureza e força, normalidade e grandeza. Todas as mulheres do país estavam apaixonadas por ele, encantadas com sua beleza clássica, sua autoconfiança e o que ele representava. E o fato de ele retribuir essa admiração universal com uma paixão tão grande porém mal direcionada a deixava irritada.

Lamentavelmente essa paixão nunca fora direcionada para ela, apesar das mensagens sutis, dos contatos físicos um pouco mais demorados do que o normal, das referências sexuais nas reuniões de estratégia e de ela sempre dar um jeito de encontrá-lo na primeira hora da manhã, quando estava em sua melhor forma. Mas, até que o seu momento chegasse – e haveria de chegar, ela não cansava de dizer a si mesma –, seria paciente.

Olhou pela janela. Aquilo estava demorando muito, o que atrasaria todo o restante. Sua boca se contraiu numa expressão contrariada.



Luther ouviu os carros na entrada de automóveis. Correu para a janela e os viu dar a volta até os fundos da casa, onde não ficariam à vista. Quatro pessoas saltaram da limusine e uma do furgão. Pensou rapidamente numa lista de quem poderiam ser. O grupo era pequeno demais para serem os proprietários; e grande demais para que fossem apenas algumas pessoas dando uma olhada no lugar. Não conseguiu distinguir o rosto de ninguém. Por um momento, imaginou se, ironicamente, a casa não seria assaltada duas vezes na mesma noite. Mas seria muita coincidência. Além disso, criminosos não atacam seus alvos usando roupas mais adequadas a uma noite na cidade.

Teve que raciocinar depressa enquanto escutava os ruídos. Levou um segundo para entender que não tinha como escapar e para elaborar um plano.

Pegando a bolsa, correu até o painel de alarme que ficava ao lado da porta do quarto e ativou o sistema de segurança, agradecendo por sua boa memória para números. Depois se esgueirou para dentro do cofre, fechando cuidadosamente a porta. Espremeu-se o mais longe que pôde naquele pequeno espaço. Teria que esperar.

Amaldiçoou sua falta de sorte. E tudo estava indo tão bem... Depois balançou a cabeça para clarear as ideias e se forçou a respirar regularmente. Era como voar. Quanto mais longe se vai, maiores são as chances de algo ruim acontecer. Sua esperança era de que os recém-chegados não precisassem guardar nada no cofre.

Ele ouviu risadas, um falatório e o bipe agudo do sistema de alarme. Aparentemente, houvera alguma confusão com o código de segurança. Uma gota de suor brotou na testa de Luther quando ele imaginou o alarme disparando e a polícia querendo examinar, só por precaução, cada centímetro da casa, a começar por seu pequeno abrigo.

Imaginou qual seria sua reação quando a porta espelhada se abrisse e a luz se acendesse, sem a menor possibilidade de ele não ser visto. Pensou nos rostos desconhecidos espiando dentro do cofre, nas armas apontadas para ele, em seus direitos sendo lidos. Quase riu. Encurralado como um rato, sem ter para onde ir. Não fumava havia quase trinta anos, mas naquele momento daria tudo por um cigarro. Silenciosamente, pôs no chão a bolsa e esticou as pernas para que não ficassem dormentes.

Ouviu passos pesados na escada de tábuas de carvalho. Fossem quem fossem aquelas pessoas, não se importavam que soubessem de sua presença ali. Os passos viraram à esquerda e seguiram em sua direção.

A porta do quarto se abriu com um rangido. Luther revisou mentalmente o que tinha feito. Tudo havia sido guardado ou posto de volta no lugar. Só tocara no controle remoto e o encaixara exatamente na leve marca deixada pela poeira. Agora Luther só ouvia três vozes: um homem e duas mulheres. Uma das mulheres parecia bêbada, a outra era muito profissional. Então a Srta. Negócios desapareceu, a porta foi fechada, mas não trancada, e a Srta. Bêbada e o homem ficaram sozinhos. Onde estavam os outros? Para onde fora a Srta. Negócios? As risadinhas continuaram. Luther ouviu passos se aproximando do espelho e se espremeu no canto o máximo que pôde, torcendo para que a poltrona o escondesse, embora soubesse que isso seria impossível.

De repente um clarão atingiu seus olhos e ele teve que conter um arquejo por causa do modo súbito como seu mundinho passou da escuridão absoluta para tamanha claridade. Piscou rapidamente para ajustar a vista, as pupilas passando da dilatação quase completa a pontos mínimos em segundos. Mas não houve gritos, rostos nem armas.

Após um minuto inteiro, Luther enfim espiou por trás da poltrona e levou outro choque: a porta do cofre parecia ter desaparecido. Ele estava diante do quarto. Quase caiu para trás, mas se controlou. Subitamente entendeu para que servia a poltrona.

Reconheceu as duas pessoas na sua frente. Já vira a mulher: era a dona da casa, que gostava de roupas vulgares.

Quanto ao homem, conhecia-o por uma razão completamente diferente. Ele não era o dono da casa. Luther balançou a cabeça devagar, assombrado, e respirou fundo. Suas mãos tremeram. Sentiu uma náusea, mas lutou contra ela e olhou para a frente.

A porta do cofre era um espelho falso. Com a luz acesa lá fora e tudo escuro do lado de dentro,

era como se estivesse assistindo a uma televisão gigante.

Então viu o colar de brilhantes no pescoço da mulher e o susto o fez perder o fôlego. Seus olhos experientes avaliaram a peça em 200 mil dólares, talvez mais. O tipo de coisa que se guarda no cofre antes de ir para a cama. Mas relaxou ao vê-la tirar o colar e deixá-lo cair no chão.

Seu medo diminuiu o suficiente para que ele se levantasse, fosse lentamente para a frente da poltrona e se acomodasse nela. O velho se sentava ali e observava a jovem esposa trepar com outros homens. A julgar pela aparência dela, Luther imaginou que alguns daqueles homens deviam ser jovens que ganhavam salário mínimo ou que precisavam de um *green card*. No entanto, seu acompanhante desta noite era de um nível bem diferente.

Luther correu os olhos pelo quarto, atento a qualquer som produzido pelas outras pessoas na casa. O que mais poderia fazer? Em mais de trinta anos de atividade criminosa, nunca estivera numa situação como aquela, e decidiu fazer a única coisa que podia. Com apenas dois centímetros de vidro a separá-lo da ruína total, ajoitou-se silenciosamente na poltrona de couro e esperou.

A TRÊS QUADRAS DO IMPONENTE prédio branco do Capitólio dos Estados Unidos, Jack Graham abriu a porta de seu apartamento, jogou o sobretudo no chão e foi direto para a geladeira. Com uma cerveja na mão, desabou no sofá surrado da sala. Enquanto tomava um gole, seus olhos vasculharam rapidamente o pequeno aposento. Era bem diferente do lugar onde acabara de estar. Engoliu a bebida. Seu maxilar quadrado ficou tenso e depois relaxou. As dúvidas perturbadoras se dissiparam lentamente, mas logo ressurgiriam; sempre ressurgiam.

Outro jantar importante com Jennifer, sua futura esposa, a família dela e o círculo de contatos pessoais e profissionais. Aparentemente, pessoas desse nível de sofisticação não têm amizades puras e simples. Todo mundo tem uma função e o todo é maior que a soma das partes. Ou pelo menos este é o objetivo, embora Jack tenha sua própria opinião sobre o assunto.

A indústria e as finanças tinham estado bem-representadas, com um desfile de nomes sobre os quais Jack lia no *Wall Street Journal* antes de passar às páginas de esportes. Os políticos apareceram em peso, em busca de dólares para a campanha e futuros votos. Para completar o grupo, havia os onipresentes advogados – Jack entre eles –, um ou outro médico, para mostrar laços com a tradição, e alguns defensores de causas sociais, para demonstrar que os poderosos se importam com os problemas dos cidadãos comuns.

Terminou de beber a cerveja e ligou a televisão. Tirou os sapatos e jogou descuidadamente sobre o abajur as meias de 40 dólares que sua noiva lhe dera. Era uma questão de tempo ela fazer com que ele usasse suspensórios de 200 dólares combinando com gravatas pintadas à mão. Esfregando os dedos dos pés, pensou em tomar uma segunda cerveja. Tentou, em vão, prestar atenção na TV. Afastou o cabelo grosso e escuro dos olhos e refletiu pela milésima vez sobre o rumo que sua vida estava tomando, aparentemente à velocidade da luz.

A limusine da empresa de Jennifer tinha levado os dois à casa dela na região noroeste de Washington, para onde Jack provavelmente se mudaria depois do casamento. Jennifer detestava o apartamento dele. Eles se casariam em seis meses – tempo curtíssimo para os padrões das noivas –, e ali estava ele, repensando seriamente.

Jennifer Ryce Baldwin tinha uma beleza tão estonteante que fazia tanto os homens quanto as mulheres virarem o pescoço para admirá-la. Também era inteligente e educada, nascera numa família muito rica e estava determinada a se casar com Jack. Seu pai era um dos maiores empreendedores do país. Shoppings, edifícios comerciais, estações de rádio, loteamentos, ele tinha negócios em todas as áreas que se pudesse imaginar, e se saía melhor que qualquer outro. O bisavô paterno de Jennifer fora um dos primeiros magnatas da indústria do Meio-Oeste, e a família da mãe dela tinha sido dona de boa parte do centro de Boston. Os deuses sorriram cedo e com frequência para Jennifer Baldwin. Jack não conhecia um único homem que não o invejasse.

Ele se contorceu e massageou o ombro, tentando se livrar da tensão. Havia uma semana que não se exercitava. Mesmo aos 32 anos, seu corpo de 1,80m conservava os músculos dos tempos de escola, quando ele se destacava em praticamente todos os esportes, e da época da faculdade, quando, mesmo a competição sendo muito mais acirrada, fez parte da equipe de luta livre na categoria peso-pesado e do primeiro time da seleção universitária nacional. Tamanha habilidade

Lhe abriu as portas da Faculdade de Direito da Universidade da Virgínia, onde publicou trabalhos e pesquisas e se formou entre os primeiros da turma, logo assumindo o cargo de defensor público no Distrito de Colúmbia.

Ao sair da faculdade, todos os seus colegas tinham optado por trabalhar em grandes empresas. Ligaram muitas vezes para ele, a fim de passar o telefone de psiquiatras que poderiam curar sua insanidade. Jack sorriu e foi pegar a segunda cerveja. A geladeira ficou vazia.

O primeiro ano de Jack como defensor público foi difícil, ele ainda estava aprendendo os truques da profissão e perdia mais do que ganhava. Com o passar do tempo, começou a cuidar de casos mais sérios. E, à medida que empenhava toda sua energia, seu talento natural e seu bom senso em cada um deles, a maré começou a virar.

Logo passou a adotar uma postura agressiva no tribunal.

Descobriu que tinha vocação para o papel, que era tão bom em interrogatórios quanto fora em derrubar adversários muito maiores no ringue. E passou a ser um advogado respeitado e admirado.

Então conheceu Jennifer num evento da Ordem dos Advogados. Ela era vice-presidente de desenvolvimento e marketing das empresas Baldwin. Dinâmica, tinha o talento de fazer qualquer pessoa com quem falasse se sentir importante. Ela sempre ouvia as opiniões dos outros, embora não se sentisse obrigada a segui-las. Era linda, mas não precisava recorrer unicamente a esse trunfo.

Havia muito mais por trás de sua aparência. Jack não seria humano se não tivesse se sentido atraído por ela. E desde o início Jennifer deixara claro que a atração era recíproca. Mesmo impressionada com o modo como ele se dedicava a defender os direitos dos suspeitos de crimes na capital do país, pouco a pouco conseguira convencê-lo de que ele já tinha dado sua contribuição aos pobres e desventurados, e que talvez devesse começar a pensar em si mesmo e no seu futuro – do qual talvez ela quisesse participar. Quando Jack finalmente deixou a Defensoria Pública, o gabinete do procurador-geral lhe ofereceu uma bela festa de despedida. Isso deveria ter sido o suficiente para que ele entendesse que ainda havia muitos pobres e desventurados que precisavam de sua ajuda. Achava que nunca mais sentiria emoção maior do que como defensor público. Acreditava que coisas desse tipo aconteciam somente uma vez na vida. Era hora de seguir em frente. Até mesmo garotinhos como Jack Graham têm de crescer. Talvez tivesse chegado a sua hora.

Desligou a televisão, pegou um saco de biscoitos e foi para o quarto, saltando a pilha de roupa suja na frente da porta. Não podia culpar Jennifer por não gostar de sua casa; era um relaxado. No entanto, o que mais o aborrecia era a certeza de que, mesmo que tudo fosse impecável, Jennifer jamais concordaria em morar ali. Para começar, era o lugar errado. Capitol Hill, sem dúvida, mas não sua parte nobre, nem de longe.

Depois, havia o tamanho do apartamento. A casa dela devia ter 500 metros quadrados, sem contar as dependências de empregada e a garagem que abrigava seu Jaguar e um Range Rover novinho em folha – como se alguém que mora em Washington, com todo aquele engarrafamento, fosse precisar de um veículo capaz de subir o paredão vertical de uma montanha.

O apartamento de Jack tinha quatro aposentos, contando o banheiro. Quando chegou ao

quarto, ele tirou a roupa e se jogou na cama. Na parede em frente estava a pequena placa que ficara pendurada em sua sala até que ele começou a ter vergonha dela: a notícia do seu ingresso na Patton, Shaw & Lord. PS&L era a melhor firma de advocacia da capital, consultora jurídica de centenas de empresas de primeira linha, inclusive a de seu futuro sogro, que representava uma conta multimilionária. Fora ele quem conquistara esse cliente e, como consequência, se tornara sócio da firma. Isso valia pelo menos meio milhão de dólares por ano, valor que era troco para os Baldwin, mas ele não era um Baldwin. Ainda.

Puxou o cobertor. O isolamento térmico do prédio deixava muito a desejar. Enfiou duas aspirinas na boca e as engoliu com o resto de uma Coca-Cola que estava em cima da mesinha de cabeceira. Em seguida observou o quarto atulhado de coisas, uma bagunça. Aquilo o fez lembrar a adolescência. Uma boa recordação. As casas deviam parecer habitadas, não restringir os gritos das crianças correndo de quarto em quarto em busca de novas aventuras, novos objetos para quebrar.

Este era outro problema com Jennifer: ela deixara claro que o barulho de pezinhos de criança era um projeto distante e incerto. A carreira na empresa do pai era a prioridade tanto em sua cabeça quanto em seu coração e vinha na frente de tudo – Jack achava que até dele mesmo.

Rolou na cama e tentou fechar os olhos. O vento sacudiu a vidraça e ele deu uma espiada nessa direção. Logo desviou os olhos, mas, resignado, acabou deixando que voltassem a se focar na caixa.

Ali estava parte de sua coleção de troféus e prêmios dos tempos de escola e de faculdade. Mas não era isso que chamava sua atenção. Na penumbra, esticou um braço para pegar o porta-retratos. Hesitou por um instante, mas depois foi em frente.

Aquilo tinha se tornado uma espécie de ritual. Nunca tivera medo de que a noiva encontrasse aquela foto, pois ela se recusava a entrar no quarto dele por mais de um minuto. Só transavam na casa dela, onde Jack se deitava de costas na cama, olhando para o teto de três metros e meio de altura, que exibia uma pintura de antigos cavaleiros e jovens donzelas, enquanto Jennifer se divertia até o êxtase e depois rolava para o colchão, para que ele terminasse por cima. Ou então na casa de campo dos pais dela, onde o teto era ainda mais alto e os murais haviam sido trazidos de uma igreja romana do século XIII, o que fazia Jack sentir que Deus o observava ser cavalgado pela linda Jennifer Ryce Baldwin, totalmente nua, e que estaria condenado a arder no fogo do inferno por causa daqueles momentos de prazer visceral.

A mulher no retrato tinha cabelos castanhos sedosos ligeiramente ondulados nas pontas. Estava sorrindo. Jack se lembrava muito bem do dia em que havia tirado aquela foto.

Fora durante um passeio de bicicleta na zona rural do condado de Albemarle. Ele estava no início da faculdade de direito; ela cursava o segundo ano na Universidade da Virgínia. Aquele era o terceiro encontro deles, mas parecia que nunca tinham vivido um sem o outro.

Kate Whitney.

Pronunciou o nome bem devagar, a mão passeando instintivamente pela curva do sorriso dela, pela covinha solitária na bochecha esquerda. As maçãs do rosto acentuadas ladeavam o nariz delicado que se inclinava na direção dos lábios sensuais. O queixo anguloso parecia anunciar sua teimosia. Jack fitou seus olhos amendoados, que quase sempre pareciam maliciosos.

Rolou de barriga para cima e pôs uma foto sobre o peito, fazendo com que ela o encarasse. Sempre que pensava em Kate, vinha à sua mente a imagem do pai dela, com sua inteligência

rápida e seu sorriso torto.

Jack visitara Luther Whitney com frequência em sua pequena casa geminada situada num bairro decadente de Arlington. Passavam horas bebendo cerveja e conversando, a maior parte do tempo Luther falando e Jack ouvindo.

Kate nunca visitava o pai, e ele jamais tentava entrar em contato com ela. Jack descobrira quem ele era quase por acidente e, apesar de ela ser contra, fizera questão de conhecê-lo. Era difícil ela não estar sorrindo, mas nunca sorria diante desse assunto.

Depois que Jack se formou, eles se mudaram para Washington e Kate se matriculou na faculdade de direito de Georgetown. A vida parecia um sonho. Ela assistiu a suas primeiras defesas nos tribunais, quando ele ainda tinha que vencer o nervosismo, controlar o tremor na voz e se preocupar em não sentar à mesa do promotor. Mas, à medida que a gravidade dos crimes dos quais seus clientes eram acusados aumentava, o entusiasmo dela foi diminuindo.

Eles se separaram durante o primeiro ano de trabalho de Jack.

As razões eram simples: Kate não podia entender por que ele havia decidido representar pessoas que tinham violado a lei, além de não suportar o fato de que ele gostasse de seu pai.

No fim do relacionamento, ele havia se sentado com Kate naquele mesmo quarto e pedido, implorado, para que ela não fosse embora. Mas ainda assim ela o deixara. Isso tinha sido quatro anos antes. Ele nunca mais a vira ou tivera notícias dela.

Sabia apenas que tinha arranjado um emprego na Promotoria Pública de Alexandria, na Virgínia, onde certamente se dedicava a pôr ex-clientes dele atrás das grades. Fora isso, Kate Whitney tinha se tornado uma estranha para ele.

Deitado ali, fitando aquele sorriso que lhe dizia um milhão de coisas que jamais ouvira da mulher com quem se casaria em seis meses, Jack se perguntou se Kate teria que continuar sendo uma estranha e se sua vida estava fadada a se tornar muito mais complicada do que ele pretendia. Pegou o telefone e discou.

Após quatro toques, ouviu a voz. Tinha um tom cortante de que ele não se lembrava. Talvez fosse novo. O bipe soou e ele pensou em deixar um recado, algo engraçado, inesperado, mas ficou nervoso e desligou depressa, as mãos trêmulas, a respiração acelerada. Balançou a cabeça. Pelo amor de Deus! Defendia casos graves de homicídio e ali estava, tremendo como um adolescente, sem coragem de ligar para a primeira namorada.

Deixou a foto de lado e se perguntou o que Kate estaria fazendo naquele exato momento. Provavelmente ainda estava no escritório, imaginando por quantos anos poderia deixar alguém confinado.

Em seguida pensou em Luther. Será que ele estaria invadindo a casa de alguém naquele mesmo instante? Ou já estaria de saída, com um saco abarrotado nas costas?

Que família, Luther e Kate Whitney! Tão diferentes e tão iguais. As pessoas mais dedicadas que já conhecera, embora sua atenção fosse voltada para áreas diametralmente opostas. Naquela noite, depois de Kate sair de sua vida, ele foi ver Luther para dizer adeus e tomar uma última cerveja. Sentaram-se no pequeno jardim bem-cuidado, observando a trepadeira florida e a hera na cerca, sentindo o perfume dos lilases e das rosas, tão denso que parecia envolvê-los como uma rede.

Luther aceitara bem o rompimento, fizera algumas perguntas e desejara sorte a Jack. Algumas

coisas não davam certo. Luther entendia isso melhor que ninguém. No entanto, ao ir embora, Jack notou um brilho nos olhos do velho – e depois fechou a porta daquela parte de sua vida.

Por fim, Jack apagou a luz e cerrou os olhos, com a certeza de que um futuro diferente se aproximava. Faltava menos um dia para pôr as mãos em seu pote de ouro, no prêmio que só se ganha uma vez na vida. O que não tornou seu sono nem um pouco mais tranquilo.



ENQUANTO ESPIAVA PELO ESPELHO falso, Luther achou que os dois formavam um belo casal. Era uma ideia absurda, dadas as circunstâncias, mas isso não a tornava menos válida. O homem era alto e bonito, um quarentão muito bem-apanhado. A mulher não podia ter muito mais de 20 anos. Seus cabelos eram louros e cheios. Tinha um lindo rosto oval, com grandes olhos azuis que fitavam amorosamente o homem diante dela. Ele tocou sua face macia, e ela virou ligeiramente a cabeça, encostando os lábios na mão dele.

O homem segurava dois copos e os encheu com o conteúdo da garrafa que havia trazido. Entregou um deles à mulher. Olhando-se fixamente, eles fizeram um brinde e depois ele tomou a bebida de um só gole, enquanto ela apenas bebericou a sua. Em seguida largaram os copos e se abraçaram no meio do quarto. As mãos dele deslizaram pelas costas da mulher e tornaram a subir até seus ombros nus. Os braços dela eram bronzeados e bem-torneados. Ele os segurou com admiração e se inclinou para beijar-lhe o pescoço.

Luther desviou os olhos, constrangido por assistir a um encontro tão pessoal. Algo estranho de se sentir quando ainda corria o risco de ser pego. Mas não era tão velho a ponto de ser incapaz de apreciar a ternura e a paixão que se desdobravam à sua frente.

Quando levantou os olhos, teve que sorrir. O casal estava dançando lentamente pelo quarto. O homem tinha prática. Sua parceira era menos habilidosa, mas ele a conduziu com delicadeza, usando passos simples, até voltarem para perto da cama.

O homem fez uma pausa para encher de novo o copo e bebeu tudo depressa. A garrafa ficou vazia. Ele voltou a abraçar a mulher, que encostou o corpo no dele, puxou seu paletó e começou a desfazer o nó da gravata. Ele levou as mãos ao zíper do vestido preto que ela usava e o puxou lentamente para baixo. A roupa escorregou por seu corpo, revelando a calcinha preta, meias sete oitavos e nenhum sutiã.

Ela tinha o tipo de corpo que provocava inveja nas outras mulheres, com todas as curvas no lugar. Luther poderia fechar as duas mãos em torno da cintura dela. Quando se virou de lado para tirar as meias, ele notou que seus seios eram fartos e redondos. As pernas eram magras porém bem-torneadas, provavelmente resultado de horas de exercício diário sob o olhar atento de um personal trainer.

O homem se despiu depressa e sentou-se de cuecas na beira da cama, observando a mulher tirar lentamente a calcinha. Suas nádegas eram redondas, firmes e brancas, em contraste com o bronzeado impecável. Quando ela deixou cair essa última peça de roupa, o homem abriu um sorriso. Tinha dentes brancos, grandes e bem-alinhados. Apesar de ter bebido, seus olhos não estavam baços e mantinham o foco.

Ao perceber a atenção do homem, ela sorriu e caminhou na direção dele. Quando se aproximou, ele esticou o braço e a puxou. Ela acariciou seu peito.

Luther começou a desviar o olhar mais uma vez, ansiando que aquele espetáculo terminasse e aquelas pessoas fossem embora. Levaria apenas alguns minutos para chegar ao carro e então aquela noite ficaria arquivada em sua memória como uma experiência única e potencialmente desastrosa.

Foi quando viu o homem agarrar a bunda da mulher e bater nela várias vezes. Luther estremeceu, solidário à dor dos golpes repetidos. A pele branca logo ficou vermelha. Mas ou a mulher estava bêbada demais para sentir a dor, ou gostava daquele tipo de tratamento, porque não parou de sorrir. Luther sentiu um embrulho no estômago quando o homem enterrou os dedos na carne macia.

Ele deslizou a boca pelo peito dela e a mulher reagiu passando os dedos pelos cabelos dele e posicionando o corpo entre suas pernas. Ela fechou os olhos e, com um sorriso de contentamento, jogou a cabeça para trás. Tornou a abrir os olhos e sua boca procurou a dele num movimento brusco.

Ele massageou delicadamente as costas dela. Em seguida apertou-a com força, até que ela estremeceu e recuou, afastando-se. Ela deu um meio sorriso e ele parou quando seus dedos se tocaram. Então voltou a atenção para os seios e começou a chupá-los. Ela tornou a fechar os olhos, sua respiração se transformando num gemido baixo. O homem voltou sua atenção para o pescoço dela. Mantinha os olhos bem abertos, na direção de Luther, mas sem ter a menor ideia de que ele estava ali.

Luther fitou o homem nos olhos e não gostou do que viu. Duas poças negras cercadas de vermelho, como um planeta sinistro visto ao telescópio. Ocorreu-lhe que aquela mulher nua estava nas garras de um homem que não era tão gentil e amoroso quanto ela imaginava.

Ela ficou impaciente e enfim empurrou o amante na cama. Sentou sobre ele, proporcionando a Luther uma visão que deveria ser reservada ao seu ginecologista ou ao marido. Quando ergueu as costas, ele, num rompante de energia, empurrou-a com força para o lado e ficou por cima dela. Segurou suas pernas e levantou-as até ficarem perpendiculares à cama.

Luther se retesou na poltrona ao ver o que o homem fez em seguida: ele a segurou pelo pescoço e puxou, fazendo com que ela ficasse sentada, com a cabeça entre as pernas. Ela arquejou de susto, a boca a apenas dois centímetros dele. Então o homem riu e a soltou. Após um momento de confusão, a mulher conseguiu forçar um sorriso fraco e apoiou-se nos cotovelos enquanto ele se debruçava sobre ela. O homem segurou o pênis ereto com uma das mãos e abriu as pernas dela com a outra. A mulher deixou-se cair deitada para recebê-lo, e ele lhe dirigiu um olhar selvagem.

No entanto, em vez de mergulhar entre as pernas dela, ele agarrou seus seios e apertou, aparentemente com força demais, pois a mulher gemeu de dor e deu um tapa no homem. Ele largou os seios e revidou o tapa com violência. Luther viu um fio de sangue surgir no canto da boca da mulher e se espalhar sobre os lábios pintados.

– Seu filho da puta!

Ela rolou para fora da cama e sentou no chão, esfregando a boca, sentindo gosto de sangue, o cérebro de repente voltando à sobriedade. Aquelas eram as primeiras palavras que Luther ouvia com clareza nessa noite, e elas o atingiram como uma marreta. Ele se levantou e se aproximou um pouco do vidro.

O homem deu um sorriso maldoso. Luther gelou ao ver aquilo. Não parecia de um ser humano, mas de um animal selvagem prestes a matar.

– Filho da puta – repetiu ela, um pouco mais baixo.

Quando se levantou, ele agarrou seu braço, torceu-o e ela caiu com força no chão. O homem

sentou na cama e olhou para baixo em triunfo.

Com a respiração acelerada, Luther postou-se diante do vidro abrindo e fechando as mãos, nervoso, enquanto observava a cena e torcia para que as outras pessoas aparecessem. Deu uma espiada no controle remoto no braço da poltrona e depois seus olhos se voltaram para o quarto.

A mulher estava se levantando e, aos poucos, recuperava o fôlego. Os sentimentos românticos haviam desaparecido. Luther pôde ver isso em seus movimentos cautelosos. Seu parceiro, no entanto, não pareceu notar essa mudança nem o brilho de ódio em seus olhos azuis, caso contrário não teria se levantado e lhe estendido a mão, que ela pegou.

O sorriso do homem desapareceu completamente quando ela o acertou em cheio entre as pernas com o joelho, fazendo com que ele se curvasse e acabando de uma vez por todas com sua ereção. Ele desabou no chão, mas não emitiu nenhum som além do ruído de sua respiração pesada. Enquanto isso ela começou a vestir a calcinha.

Ele pegou o tornozelo dela, jogando-a no chão, com a calcinha no meio da perna.

– Sua putinha.

As palavras soaram entrecortadas, pois ele ainda tentava recuperar o fôlego. Sem soltar seu tornozelo, ele a puxava cada vez para mais perto.

Ela o chutou várias vezes. Acertou o peito dele, mas o homem não parou de puxar.

– Sua putinha de merda.

Ao perceber a ameaça contida naquelas palavras, Luther levou uma das mãos ao vidro, como se quisesse atravessá-lo, pegar o homem e fazer com que ele a soltasse.

O agressor conseguiu se levantar com esforço e a expressão em seu rosto fez Luther gelar.

Ele apertava o pescoço da mulher.

O cérebro dela, antes entorpecido pelo álcool, pegou no tranco. Completamente tomados pelo medo, seus olhos moviam-se depressa de um lado para outro, à medida que a pressão no pescoço aumentava e sua respiração começava a falhar. Enterrou os dedos no braço do homem, arranhando-o.

Luther viu o sangue brotar em sua pele, mas nem assim ele afrouxou a mão.

Ela chutava e se debatia, mas seu agressor, que tinha quase o dobro do peso dela, nem se abalou.

Luther voltou a olhar para o controle remoto. Ele podia abrir a porta e acabar com aquilo, mas suas pernas não se mexiam. Continuou observando por trás do espelho, impotente, a testa coberta de suor. Sentia o peito pesado e respirava com dificuldade. Levou a outra mão ao vidro também.

Luther prendeu a respiração quando viu os olhos da mulher se fixarem por um instante no criado-mudo. Num gesto desesperado, ela pegou o abridor de cartas e desferiu um golpe às cegas, que atingiu o homem.

Ele grunhiu de dor, soltou-a e apertou o braço que sangrava. Por um terrível instante olhou para o ferimento, quase sem acreditar que tivesse sido atingido daquele jeito. Esfaqueado por aquela mulher.

Quando ele tornou a erguer os olhos, Luther teve a sensação de poder ouvir o rosnado assassino antes que ele escapasse dos lábios do homem.

Então ele bateu nela. Luther nunca tinha visto um homem bater numa mulher com tanta

força. Seu punho acertou a boca e o nariz dela, fazendo jorrar sangue.

Luther não sabia se era por causa da bebida ou o quê, mas o golpe que teria nocauteado qualquer outra pessoa só serviu para irritá-la. Com uma força incontrolável, ela cambaleou e ficou de pé. Quando se virou para o espelho, Luther percebeu o horror em seu rosto ao ver sua beleza subitamente arruinada. De olhos arregalados, sem acreditar no que via, ela tocou o nariz inchado, deslizou um dedo e tateou os dentes frouxos. Tornara-se um retrato manchado; seu maior atributo havia desaparecido.

Ela se virou para encarar o homem. Os músculos de suas costas estavam tão tensos que pareciam de pedra. Rápida como um relâmpago, ela o chutou novamente entre as pernas. Ele imediatamente voltou a fraquejar, os membros inúteis, nauseado. Caiu no chão e rolou de costas, gemendo, com os joelhos encolhidos e as mãos protegendo a genitália.

Com sangue escorrendo pelo rosto, olhos que passaram de assustados para homicidas num instante, a mulher caiu de joelhos ao lado dele e ergueu o abridor de cartas bem alto.

Luther pegou o controle remoto e deu um passo na direção da porta, quase apertando o botão.

Ao ver o abridor de cartas baixando sobre seu peito, o homem entendeu que sua vida estava prestes a acabar e gritou com todas as forças que lhe restavam. Seu grito não foi ignorado.

Paralisado, Luther virou os olhos para a porta do quarto que se abria.

Dois homens de cabelos raspados, usando ternos elegantes que não escondiam físicos impressionantes, entraram no quarto de armas em punho. Antes que Luther pudesse dar outro passo, eles avaliaram a situação e tomaram sua decisão.

As duas armas dispararam ao mesmo tempo.



Kate Whitney estava em seu escritório, estudando mais uma vez o arquivo.

O cara tinha quatro condenações e em seis outras ocasiões havia sido preso mas depois liberado porque as testemunhas ficaram amedrontadas demais para falar ou acabaram em depósitos de lixo. Era uma bomba-relógio ambulante, prestes a explodir outra vítima. Todas as anteriores haviam sido mulheres.

A acusação atual era de assalto à mão armada e estupro, seguidos de homicídio, o que, de acordo com as leis da Virgínia, era passível de pena de morte. E foi isso que ela decidiu pedir dessa vez. Nunca tinha feito isso, mas se havia alguém que merecia morrer era aquele homem, e o júri não teria grandes escrúpulos em autorizar a execução. Por que permitir que ele vivesse quando matara cruelmente uma universitária de 19 anos de idade que cometera o erro de ir a um shopping em plena luz do dia para comprar meias e um novo par de sapatos?

Kate esfregou os olhos e, usando um elástico que estava em cima da mesa, prendeu o cabelo num rabo de cavalo. Olhou em torno de seu escritório pequeno e simples. Havia pilhas altas de processos por toda parte, e pela milionésima vez ela se perguntou se algum dia aquilo ia acabar. Claro que não. Apenas ficaria pior, e só havia uma coisa que ela podia fazer para interromper aquele rio de sangue. Começaria pela execução de Roger Simmons Jr. Aos 22 anos, ele era um criminoso tão cruel quanto qualquer outro. E, mesmo em sua curta carreira, ela já encontrara muitos criminosos. Lembrou-se do olhar que ele lhe lançara no tribunal. Seu rosto não demonstrava o menor traço de remorso, de preocupação ou qualquer outra emoção positiva. Era

um rosto sem esperança, observação corroborada pela história da vida dele, com uma infância terrível. Mas isso não era problema dela. Aliás, era a única coisa que não era problema dela.

Balançou a cabeça e olhou o relógio: já passava muito de meia-noite. Foi se servir de mais café. Estava começando a se desconcentrar. O último advogado do escritório tinha ido embora cinco horas antes. A equipe da limpeza já saía havia três. Só de meias, atravessou o corredor em direção à cozinha. Se Charlie Manson estivesse livre e na ativa, seu caso seria um dos mais brandos – um amador comparado com os monstros que andavam à solta.

Ao voltar para a sala com uma xícara de café, parou por um momento e olhou sua imagem refletida na janela. Em seu trabalho, a aparência não tinha a mínima importância. Meu Deus, havia mais de um ano que não tinha um encontro. Não conseguiu tirar os olhos do reflexo. Era alta e magra, talvez magra demais em certas partes, mas não mudara sua rotina de correr seis quilômetros todos os dias, ao passo que sua ingestão calórica vinha diminuindo constantemente. Sobrevivia basicamente à base de café ruim e biscoitos, embora se limitasse a dois cigarros por dia e tivesse esperanças de parar de fumar de uma vez.

Sentia-se culpada pelos maus-tratos que impunha a seu corpo, com horas intermináveis de trabalho, passando de um caso escabroso para outro. Mas o que poderia fazer? Pedir demissão só porque não parecia com as modelos de capa de revista? Consolou-se com o fato de que o trabalho delas era se manter bonitas 24 horas por dia. O seu era garantir que as pessoas que violaram a lei, que feriram os outros, fossem punidas. Concluiu que sua vida era muito mais produtiva que a delas.

Passou a mão nos cabelos. Precisavam de um corte, mas como ela arranjaria tempo para isso? Mesmo após quatro anos de dezenove horas diárias de trabalho e incontáveis julgamentos, seu rosto ainda não mostrava as marcas do fardo que ela considerava cada vez mais difícil de carregar. Suspirou ao se dar conta de que ele provavelmente não iria continuar assim por muito tempo. Na faculdade, fazia os homens virarem o pescoço e suar frio. Mas agora, prestes a completar 30 anos, percebia que em pouco tempo seus atributos, que muitas vezes desprezara, deixariam de existir. E tinha quase certeza de que sentiria falta de ser capaz de silenciar uma sala simplesmente por entrar nela.

Era notável que tivesse conservado tão boa aparência nos últimos anos, pois não fizera quase nada com relação a isso. Bons genes, só podia ser. Era uma mulher de sorte. Mas então se lembrou do pai e concluiu que, em se tratando de genética, não era nem um pouco sortuda. Um homem que roubava e fingia levar uma vida normal. Um homem que enganava todo mundo, inclusive a mulher e a filha. Um homem em quem não se podia confiar.

Sentou-se à mesa, tomou um gole do café, pôs mais açúcar e, enquanto mexia, olhou para o Sr. Simmons.

Pegou o telefone e discou para ouvir os recados em sua caixa postal. Havia cinco – dois de advogados, um do policial que iria depor contra o Sr. Simmons e outro de um investigador da equipe, que gostava de ligar para ela em horas estranhas, quase sempre com informações inúteis. Tinha que mudar o número de seu telefone. A última pessoa não tinha deixado recado, mas era possível ouvir uma respiração baixinha e ela quase distinguiu uma ou duas palavras. Alguma coisa naquele som lhe era familiar, mas ela não conseguia dizer o quê. Gente que não tinha mais o que fazer.

O café surtiu efeito e ela se concentrou novamente no arquivo. Ergueu os olhos para a prateleira sobre a qual estava uma velha foto dela, aos 10 anos, ao lado de sua falecida mãe. Luther Whitney havia sido cortado do retrato. Um grande vazio ao lado da mãe e da filha. Um grande nada.



– Meu Deus! Puta que pariu!

Alan J. Richmond, o presidente dos Estados Unidos, se sentou, uma das mãos cobrindo as partes íntimas, ainda doloridas, e a outra segurando o abridor de cartas que quase o matara.

– Porra, Bill! Você a matou!

Bill se inclinou para ajudá-lo a levantar, enquanto o outro homem verificava o estado da mulher: um exame desnecessário, considerando que duas balas de grosso calibre haviam atravessado a cabeça dela.

– Sinto muito, senhor, não havia tempo para fazer outra coisa.

Bill Burton era agente do Serviço Secreto havia doze anos e, antes disso, fora da polícia estadual de Maryland por oito anos. Um de seus disparos acabara de explodir a cabeça de uma bela jovem. Apesar do intenso treinamento que recebera, ele tremia como um garotinha que acorda de um pesadelo.

Já havia matado em serviço antes, durante a apreensão de um veículo. Mas o morto fora um criminoso condenado quatro vezes que odiava policiais e empunhava uma Glock semiautomática, numa clara tentativa de estourar os miolos de Burton.

Olhou o corpo pequeno e nu no chão e achou que iria vomitar. Tim Collin, seu parceiro, olhou para ele e segurou seu braço. Burton engoliu em seco e fez que não com a cabeça. Conseguiria se controlar.

Juntos, levantaram o presidente dos Estados Unidos – herói político e líder dos cidadãos de todas as idades, mas que, naquele momento, não passava de um homem nu e bêbado. Richmond ergueu os olhos para eles, o horror inicial cedendo à ação do álcool.

– Ela está morta?

As palavras saíram engroladas. Seus olhos se reviravam, parecendo bolas de gude soltas.

– Sim, senhor – respondeu Collin com firmeza.

Não se deixa de responder a uma pergunta do presidente, bêbado ou não.

Burton recuou. Olhou de relance para a mulher e depois encarou o presidente. Este era o trabalho deles: proteger o maldito presidente. Não importava o que precisasse ser feito, ele não podia morrer, não daquele jeito, esfaqueado como um porco por uma piranha bêbada.

A boca do presidente se retorceu no que parecia um sorriso, embora nem Collin nem Burton se lembrassem de tê-lo visto sorrir assim. Richmond começou a se levantar.

– Onde estão minhas roupas?

– Aqui, senhor.

Recobrando a atenção de repente, Burton se abaixou para pegar as roupas. Como tudo naquele quarto, estavam manchadas com o sangue da mulher.

– Bem, ajudem-me a levantar e a me vestir! Tenho que fazer um discurso em algum lugar, não tenho? – Ele soltou um riso agudo.

Burton e Collin se entreolharam e depois viram o presidente desabar na cama.



Ao ouvir os disparos, Gloria Russell, chefe de gabinete de Richmond, estava no primeiro andar, o mais longe possível daquele quarto.

Tinha acompanhado o presidente em muitas daquelas escapulidas, mas, em vez de se acostumar com elas, sentia-se cada vez mais enojada. Imaginar seu chefe, o homem mais poderoso do mundo, na cama com todas aquelas prostitutas célebres, aquelas oportunistas caçadoras de políticos, era mais do que ela podia tolerar, por isso, quase tinha aprendido a ignorar. Quase.

Pegou a bolsa, voou pelo corredor e, mesmo de saltos altos, subiu a escada de dois em dois degraus. Quando chegou à porta do quarto, o agente Burton a deteve.

– A senhora não vai querer ver isso, não é bonito.

Ela passou por ele, mas parou logo em seguida. Seu primeiro impulso foi de sair correndo, descer a escada, entrar na limusine, sumir dali, do estado, daquele maldito país. Não sentiu pena de Christy Sullivan, que queria trepar com o presidente. Esse tinha sido seu objetivo nos últimos dois anos. Às vezes não se consegue o que se deseja; às vezes se ganha muito mais.

Gloria Russell se empertigou e encarou o agente Collin.

– O que aconteceu aqui?

Tim Collin era jovem, durão e fiel ao homem que devia proteger. Tinha sido treinado para morrer defendendo o presidente e, se fosse preciso, faria exatamente isso. Muitos anos antes ele havia detido um atirador no estacionamento de um shopping, durante uma aparição de campanha de Alan Richmond, então candidato à presidência. Collin derrubara o assassino e o imobilizara por completo antes mesmo que ele tivesse a chance de sacar a arma e que qualquer outra pessoa pudesse ter reagido. Para Collin, sua única missão na vida era proteger Alan Richmond.

Ele levou apenas um minuto para relatar os fatos a Gloria Russell, em frases curtas e coerentes. Burton confirmou o que ele dissera.

– Era ele ou ela, Srta. Russell. Não havia alternativa.

Burton olhou para o presidente, ainda deitado na cama, inconsciente. Os agentes haviam coberto sua nudez com um lençol.

– Quer dizer que vocês não ouviram nada? Nenhum barulho que indicasse alguma violência antes que chegassem a isso? – Ela gesticulou para a bagunça do quarto.

Os agentes se entreolharam. Tinham ouvido muito barulho no quarto. Alguns podiam ser considerados violentos, outros não. Mas, nas ocasiões anteriores, todos tinham saído ilesos.

– Nada fora do comum – respondeu Burton. – Até que ouvimos o presidente gritar e entramos. Aquela faca estava a poucos centímetros do peito dele. A única coisa rápida o bastante era uma bala.

Burton se mantinha tão ereto quanto podia, encarando-a. Ele e Collin tinham cumprido seu dever e aquela mulher não lhes diria o contrário. Não aceitariam que jogassem a culpa em seus ombros.

– Havia uma porra de uma faca neste quarto? – Ela olhava para Burton, incrédula.

– Se dependesse de mim, o presidente não sairia nestas... nestas pequenas aventuras. Na maioria das vezes ele não nos deixa verificar nada antes. Não tivemos chance de revistar o quarto. – Fez uma pausa. – Ele é o presidente, senhora – acrescentou, como se aquilo justificasse tudo. Para Gloria Russell, costumava justificar mesmo, e Burton sabia bem disso.

Ela olhou em volta, registrando tudo. Tinha sido professora titular de ciência política em Stanford antes de aceitar o convite de Alan Richmond para ajudá-lo em sua campanha. Ele tinha um magnetismo tão grande que todo mundo queria segui-lo.

Atualmente Gloria Russel era chefe de gabinete e era bem provável que se tornasse secretária de Estado caso Richmond se reelegesse – o que todos acreditavam que ele conseguiria com facilidade. Talvez até se cogitasse uma chapa Alan Richmond-Gloria Russell. Os dois formavam uma dupla incrível. Ela, a estrategista; ele, um orador nato. O futuro deles se tornava mais brilhante a cada dia. Mas e agora? Agora Gloria tinha um cadáver e um presidente bêbado numa casa que deveria estar vazia.

Sentiu que ia pifar, mas sua mente logo reagiu. Não por causa daquele lixo humano. Nunca!

Burton se agitou.

– A senhora quer que eu chame a polícia?

Gloria o encarou como se ele tivesse ficado louco.

– Burton, deixe-me lembrá-lo de uma coisa: nosso trabalho é proteger os interesses do presidente, e absolutamente nada é mais importante do que isso. Fui clara?

– Mas, senhora, a moça está morta. Acho que nós...

– Certo. Você e Collin atiraram na mulher e ela morreu.

As palavras ficaram suspensas no ar. Collin esfregou as mãos e depois levou uma delas à arma no coldre. Olhou para o corpo da Sra. Sullivan como se, com muita força de vontade, pudesse trazê-la de volta à vida.

Burton encolheu os ombros largos e se aproximou um pouco de Gloria, tentando impressioná-la com a diferença de altura entre eles.

– Se não tivéssemos atirado, o presidente poderia estar morto. Este é o nosso trabalho: manter o presidente são e salvo.

– Certo de novo, Burton. E, agora que evitaram sua morte, como pretendem explicar à polícia, à mulher do presidente, aos seus superiores no Serviço Secreto, aos advogados, à mídia, ao Congresso, aos mercados financeiros, ao país e ao restante deste maldito mundo por que ele estava aqui? O que ele estava fazendo? Que circunstâncias levaram você e o agente Collin a atirar na esposa de um dos homens mais ricos e influentes dos Estados Unidos? Porque, se ligarem para a polícia ou para qualquer pessoa, será exatamente isso que terão de fazer. Agora, se estão preparados para assumir toda a responsabilidade por isso, podem pegar o telefone e ligar.

O rosto de Burton mudou de cor. Deu um passo para trás, sua estatura inútil agora. Collin permaneceu imóvel, observando o embate entre Gloria e Burton. Nunca vira ninguém falar daquele jeito com seu parceiro. Ele poderia quebrar o pescoço de Gloria Russell com um movimento suave do braço.

Burton olhou mais uma vez para o cadáver. Como poderia explicar aquilo de modo que ficasse tudo bem? Simplesmente não podia.

Gloria observou o rosto dele com atenção. Burton a encarou, mas seus olhos piscavam; não



conseguiu sustentar o olhar dela. Gloria Russell tinha vencido. Ela deu um sorriso benevolente e balançou a cabeça. Era ela que estava no comando.

– Vá fazer café. Um bule inteiro – ordenou a Burton, deleitando-se com aquela inversão de papéis. – E depois fique de olho na porta, para o caso de termos visitas tardias.

Virando-se para Collin, ela disse:

– Você vá ao furgão e fale com Johnson e Varney. Não diga nada sobre o que aconteceu aqui. Basta que eles saibam que houve um acidente mas que o presidente está bem. Só isso. E que eles fiquem prontos para entrar em ação. Entendido? Quando precisar de vocês, eu chamo. Tenho que pensar no que fazer.

Burton e Collin assentiram e saíram. Nenhum dos dois tinha sido treinado para ignorar ordens dadas com tanta autoridade. E Burton não queria estar no controle daquela situação. Não ganhava para isso.



Luther não se mexera desde que os tiros tinham estourado a cabeça da mulher. Estava com medo. O choque finalmente havia passado, mas seus olhos se voltavam o tempo todo para o corpo no chão. Em todos os seus anos de atividade criminosa, só vira uma pessoa ser morta antes: um pedófilo com três condenações, esfaqueado por um companheiro de cela que não simpatizava com ele. Sentia agora uma emoção bem diferente. Nada lhe parecia familiar. Fazer qualquer barulho não seria nada bom para ele, mas ainda assim se sentou lentamente, antes que suas pernas trêmulas cedessem.

Ficou observando Gloria Russell andar pelo quarto e se abaixar perto do cadáver, sem tocá-lo. Em seguida ela tirou um lenço da bolsa e pegou o abridor de cartas pela ponta da lâmina. Olhou fixa e demoradamente para o objeto que quase acabara com a vida do seu chefe e que desempenhara um papel importante na morte de outra pessoa. Guardou-o cuidadosamente na bolsa de couro que estava em cima do criado-mudo e pôs o lenço de volta na bolsa. Deu uma olhada rápida naquela massa que até pouco antes era Christine Sullivan.

Admirava o modo como Richmond administrava suas escapadas. Todas as suas “acompanhantes” eram ricas e de boa posição social – além de casadas. Isso garantia que seu comportamento adúltero jamais apareceria em nenhum tabloide sensacionalista. As mulheres com quem ia para a cama tinham tanto a perder quanto ele, se não mais, e sabiam bem disso.

E a imprensa. Gloria sorriu. O presidente vivia sob vigilância constante. Ele não podia ir ao banheiro, fumar um cigarro ou arrotar sem que o público ficasse sabendo dos detalhes mais íntimos. Pelo menos era no que o público acreditava, por conta da supervalorização da imprensa e de sua capacidade de desencavar cada fragmento de história. As pessoas não entendiam que o presidente estava cercado de gente extremamente leal e capaz, com uma perícia em atividades secretas muito acima da de jornalistas polidos e estereotipados, cuja ideia de correr atrás de uma história quente era fazer perguntas inócuas a um congressista disposto a falar qualquer coisa para aparecer no noticiário da noite. A verdade é que, se quisesse, Alan Richmond poderia se deslocar sem que ninguém o localizasse. Poderia inclusive sumir de vista pelo tempo que desejasse, embora isso fosse exatamente o contrário do que qualquer político bem-sucedido pretendesse. E todo esse privilégio podia ser resumido a um único fator.

O Serviço Secreto. Os melhores entre os melhores. Um grupo de elite que provara seu valor inúmeras vezes ao longo dos anos.

Pouco depois do meio-dia, Christy Sullivan tinha saído de um salão de beleza em Upper Northwest. Caminhou uma quadra e entrou no hall de um prédio. Trinta segundos depois, saiu usando óculos de sol e um casaco longo de capuz que tirara da bolsa. Andou por diversos quarteirões, parando de vez em quando para olhar as vitrines. Em seguida tomou o metrô até o Metro Center. Ao sair, caminhou mais duas quadras e entrou numa viela entre dois prédios que seriam demolidos. Dois minutos depois, um carro de vidros escuros saiu da viela. Collin dirigia e Christy Sullivan estava sentada no banco de trás. Ela ficou isolada num lugar seguro, acompanhada por Bill Burton, até que o presidente pudesse encontrá-la à noite.

A casa dos Sullivan tinha sido eleita o lugar perfeito para o encontro porque, por mais inacreditável que parecesse, seria o último lugar onde procurariam Christy Sullivan. Além disso, certamente estaria vazia, protegida por um sistema de segurança que não seria obstáculo para os planos deles.

Gloria se sentou numa cadeira e fechou os olhos. Dois dos melhores agentes do Serviço Secreto estavam com ela naquela casa. E, pela primeira vez, isso perturbava a chefe de gabinete. Entre os cerca de cem agentes destacados para o serviço presidencial, os quatro que estavam ali naquela noite tinham sido escolhidos a dedo pelo próprio presidente para aquelas pequenas atividades. Eram leais e altamente qualificados. Cuidavam do presidente e mantinham a boca fechada, independentemente do que lhes fosse perguntado. Até aquela noite a fascinação de Alan Richmond por mulheres casadas não tinha criado grandes problemas. Mas o que acontecera ali sem dúvida punha tudo em risco. Gloria balançou a cabeça e se obrigou a pensar num plano.



Luther observou o rosto dela. Era inteligente, bonito, mas também duro. Quase dava para ver seu cérebro funcionando, a testa ora se franzindo, ora relaxando. O tempo passava, mas ela nem se mexia. Até que por fim seus olhos se abriram e varreram o quarto, sem deixar passar um detalhe sequer.

Luther se encolheu involuntariamente quando o olhar dela passou por ele como um holofote esquadrinhando o pátio de uma prisão. Em seguida, ela se virou para a cama e parou. Ficou um bom tempo olhando o homem adormecido. Luther não foi capaz de identificar a expressão em seu rosto – algo entre um sorriso e uma careta.

Ela se levantou, foi até a cama e olhou para o presidente. Um homem do povo, ou pelo menos era o que o povo pensava. Um homem que entraria para a história. Não tinha uma aparência tão boa agora. Metade de seu corpo estava para fora da cama, as pernas abertas, os pés quase tocando o chão. Uma posição no mínimo constrangedora, ainda mais quando se está nu.

Ela correu os olhos pelo corpo do presidente, demorando-se em alguns pontos. Luther se surpreendeu com aquilo, afinal havia uma mulher morta no chão. Antes de Gloria Russell entrar no quarto e confrontar Burton, Luther tinha esperado ouvir sirenes e ficar sentado ali vendo policiais e detetives, médicos-legistas e até mesmo relações-públicas por todos os lados, com a imprensa amontoada do lado de fora. Mas estava claro que aquela mulher tinha um plano diferente.

Luther tinha visto Gloria Russell na CNN e em outros canais importantes, assim como inúmeras vezes nos jornais. Tinha feições marcantes. Nariz comprido e aquilino cercado por malares proeminentes, herança de um ancestral cheroqui. Cabelo muito preto, de corte reto, na altura dos ombros. Olhos grandes e de um azul tão escuro que lembrava o mar – depósitos de perigo para os incautos.

Ele se remexeu cuidadosamente na poltrona. Ver aquela mulher diante de uma imponente lareira na Casa Branca, falando das mais recentes preocupações políticas, era uma coisa. Vê-la andar num quarto onde há um cadáver, examinando o líder do mundo livre bêbado e nu, era completamente diferente. Luther não queria mais assistir àquilo, mas não conseguia desviar os olhos.

Gloria olhou de relance para a entrada do quarto, atravessou o cômodo rapidamente, pegou o lenço na bolsa, fechou e trancou a porta. Em seguida voltou depressa para perto do presidente. No momento em que ela esticou a mão, Luther se encolheu, temeroso, mas ela apenas acariciou o rosto do homem. Luther relaxou, mas logo ficou tenso de novo. A mão dela desceu para o peito do presidente, demorando-se um pouco em seus pelos antes de deslizar para a barriga chata, que se movia tranquilamente em seu sono profundo.

Ela continuou a deslizar a mão, tirou lentamente o lençol e o deixou cair no chão. Tocou no pênis dele. Então, dando outra espiada na porta, Gloria se ajoelhou. Luther foi obrigado a fechar os olhos. Não compartilhava o voyeurismo do dono da casa.

Após alguns minutos Luther abriu os olhos.

Gloria Russell estava tirando a meia-calça, deixando-a meticulosamente em cima de uma cadeira. Depois montou com cuidado o presidente adormecido.

Luther fechou os olhos de novo. Imaginou se as pessoas que estavam no andar de baixo poderiam ouvir o colchão rangendo. Provavelmente não, pois a casa era muito grande. E, mesmo que ouvissem, o que poderiam fazer?

Dez minutos depois, o homem soltou um arquejo baixinho, involuntário. A mulher gemeu, também baixo. Luther manteve os olhos fechados mesmo assim. Não sabia por quê. Talvez por uma combinação de medo e nojo pelo desrespeito à mulher morta.

Quando enfim abriu os olhos, Gloria olhava diretamente para ele. Seu coração parou por um instante, até que a razão o lembrou de que estava tudo bem. Ela vestiu rapidamente a meia-calça. Depois, com gestos confiantes e controlados, passou batom.

Estava sorrindo, com o rosto corado. Parecia mais jovem. Luther olhou para o presidente. Tinha voltado ao sono profundo. Os últimos vinte minutos provavelmente tinham sido arquivados em sua memória como um sonho agradável e bastante realista. Luther fitou Gloria Russell.

Era irritante ver aquela mulher sorrindo diretamente para ele, naquele quarto maldito, sem saber que ele estava ali. Havia poder no rosto daquela mulher. E uma expressão que Luther já vira naquele cômodo. Ela também era perigosa.



– Quero este quarto perfeitamente limpo, com exceção daquilo – ordenou Gloria, apontando para o corpo da Sra. Sullivan. – Um momento. Deve haver vestígios dele nela toda. Burton,

quero que verifique cada centímetro do corpo. Se encontrar alguma coisa que pareça não pertencer à Sra. Sullivan, suma com ela. Depois vista as roupas nela.

Burton calçou as luvas e começou a cumprir a ordem.

Collin sentou-se ao lado do presidente, forçando-o a tomar mais uma xícara de café. A cafeína ajudaria a curar a bebedeira, mas só o tempo acabaria de vez com ela. Sentando-se do outro lado do presidente, Gloria pegou sua mão. Ele já estava completamente vestido, embora o cabelo continuasse despenteado. Seu braço ferido tinha sido enfaixado da melhor maneira possível. Ele gozava de excelente saúde, logo se recuperaria.

– Senhor presidente? Alan? *Alan?* – Gloria pegou seu rosto e o virou na direção dela.

Será que ele havia sentido o que ela fizera? Gloria duvidava. Ele desejara tanto transar naquela noite, estar dentro de uma mulher. Ela lhe entregara seu corpo, nada mais. Tecnicamente, cometera estupro. Mas, no fundo, acreditava que tinha realizado o sonho de um homem. Não importava que não se lembrasse do sacrifício que ela fizera. Mas saberia o que ela ia fazer por ele a partir de agora.

Os olhos do presidente entravam e saíam de foco. Collin esfregou seu pescoço. Ele estava voltando a si. Gloria olhou para o relógio. Duas da manhã. Tinham que voltar. Deu um tapa no rosto dele, não com força, apenas o suficiente para chamar sua atenção. Sentiu Collin ficar tenso. Meu Deus, aqueles caras tinham uma visão tão estreita!

– Alan, você fez sexo com ela?

– O que...

– Você fez sexo com ela?

– O que... Não. Acho que não. Não me lem...

– Dê mais café a ele. Se for preciso, vire goela abaixo, mas faça com que fique sóbrio.

Collin assentiu e obedeceu. Gloria foi até Burton, que examinava cada centímetro do corpo da Sra. Sullivan.

Ele já estivera envolvido em diversas investigações. Sabia exatamente o que os detetives procuravam, e onde. Mas nunca havia imaginado que usaria esse conhecimento para atrapalhar uma investigação – nunca havia imaginado que nada daquilo pudesse acontecer.

Ele deu uma olhada em torno, pensando em que áreas do quarto teriam que ser revistadas e que outros cômodos tinham usado. Não podia fazer nada a respeito das marcas no pescoço da mulher e de outras provas microscópicas que sem dúvida havia na pele dela. O legista certamente as veria. No entanto, nenhuma dessas coisas podia ser ligada ao presidente, a menos que ele fosse considerado suspeito, o que estava fora de cogitação.

Ficaria a cargo da polícia explicar a incoerência da tentativa de estrangulamento de uma mulher que acabou sendo morta a tiros.

Burton voltou sua atenção para a morta e começou a vestir sua calcinha com todo o cuidado. Sentiu um tapinha no ombro.

– Examine-a.

Burton levantou os olhos e ia dizer alguma coisa quando foi interrompido.

– Examine-a! – ordenou Gloria, com as sobrancelhas arqueadas.

Ele a vira fazer aquilo milhões de vezes com o pessoal da Casa Branca. Todos tinham pavor dela. Ele não sentia medo, mas era esperto o bastante para ficar quietinho quando ela estava por

perto. Fez o que ela mandou. Depois posicionou o corpo exatamente como tinha caído. Olhou para Gloria e fez um gesto negativo com a cabeça.

– Tem certeza?

Ela não parecia convencida, embora soubesse, por conta do que acontecera entre ela e o presidente, que ele provavelmente não havia penetrado a mulher, ou ao menos não tinha ido até o fim. Ainda assim poderia haver vestígios. É impressionante as coisas que se pode descobrir com base em amostras quase insignificantes.

– Não sou ginecologista. Acho que, se houvesse alguma coisa, eu teria visto, mas não ando por aí carregando um microscópio.

Gloria teria que engolir aquilo. Ainda havia muito o que fazer e não restava muito tempo.

– Johnson e Varney disseram alguma coisa?

De onde estava, ao lado do presidente, que tomava sua quarta xícara de café, Collin olhou para ela.

– Estão se perguntando o que está acontecendo, se é isso que a senhora quer dizer.

– Você não disse...

– Falei o que a senhora mandou dizer e mais nada. – Ele a encarou. – Eles são bons homens, Srta. Russell. Estão com o presidente desde a campanha. Não vão fazer nada para complicar ainda mais as coisas.

Gloria Russell agradeceu a Collin com um sorriso. Era um rapaz bonito e, mais importante, membro leal da guarda pessoal do presidente. Poderia ser muito útil a ela. Burton talvez se tornasse um problema. Mas Gloria tinha um trunfo muito forte: ele e Collin tinham puxado o gatilho. Talvez estivessem cumprindo seu dever, mas quem poderia saber a verdade? Eles estavam metidos naquilo até o pescoço.



Luther observou toda aquela atividade com admiração e, dadas as circunstâncias, sentiu-se culpado por isso. Aqueles homens eram bons: metódicos, cuidadosos, ponderados e não deixavam passar nada. Homens da lei e criminosos não são tão diferentes assim. A habilidade e as técnicas são muito parecidas, só o que muda é o foco. Mas é isso que faz toda a diferença, não é?

Agora a mulher estava completamente vestida, na posição exata em que havia caído. Collin estava acabando de limpar suas unhas com uma solução e uma pequena engenhoca de sucção que removera traços de pele e outros resquícios incriminadores.

Haviam trocado a roupa de cama. As cobertas cheias de provas estavam dentro de uma bolsa de lona, prontas para serem incineradas. Collin já tinha revistado o primeiro andar.

Tudo em que qualquer um deles havia tocado tinha sido limpo, com exceção de um item. Burton agora passava o aspirador de pó no carpete, fazendo desaparecer o rastro deles.

Antes disso, Luther observara os agentes vasculharem o quarto. Sorrira diante de seu objetivo evidente: simular um roubo. O colar havia sido depositado numa bolsa, junto com vários anéis. A ideia era fazer com que parecesse que ela havia surpreendido o ladrão e que ele a matara. Não sabiam que bem ali naquele quarto um ladrão de verdade observava e ouvia tudo o que estavam fazendo.

Uma testemunha ocular!

Luther nunca testemunhara um roubo que não estivesse sendo cometido por ele mesmo. Criminosos odeiam testemunhas. Não havia dúvida de que aquelas pessoas matariam Luther se soubessem de sua presença. Sacrificar um ladrão velho, com três condenações nas costas, não era nada de mais para proteger o Homem do Povo.

Ainda tonto, o presidente saiu do quarto devagar, com a ajuda de Burton. Gloria ficou observando os dois e não notou que Collin revistava freneticamente o quarto. Seus olhos penetrantes enfim se fixaram na bolsa de Gloria sobre o criado-mudo. Um pedaço do cabo do abridor de cartas estava para o lado de fora. Com um saco plástico, puxou-o rapidamente e se preparou para limpar a lâmina. Luther estremeceu quando viu Gloria correr e segurar a mão dele.

– Não faça isso, Collin.

Collin não era tão esperto quanto Burton e certamente não jogava no time de Gloria. Pareceu intrigado.

– Senhora, isto aqui está cheio de impressões digitais dele. Dela também. E mais algumas outras coisas, se entende o que quero dizer... é couro, está encharcado.

– Agente Collin, fui destacada pelo presidente como sua planejadora estratégica. O que para você parece uma decisão óbvia, para mim pode requerer muito mais análise e deliberação. Até que esta análise esteja terminada, você não limpará esse objeto. Irá apenas colocá-lo num recipiente adequado e depois o entregará a mim.

Collin começou a protestar, mas o olhar ameaçador de Gloria o deteve. Ele pôs o abridor de cartas no saco e o entregou a ela.

– Por favor, seja cuidadosa com isso, Srta. Russell.

– Eu sempre sou cuidadosa, Tim.

Ela o brindou com outro sorriso. Ele também sorriu. Era a primeira vez que o chamava pelo primeiro nome. Ele nem tinha certeza se ela sabia qual era. Observou também – e não pela primeira vez – que a chefe de gabinete era muito bonita.

– Sim, senhora.

– Tim?

Gloria caminhou até ele, baixou os olhos e depois o encarou. Quando falou, foi em voz baixa, parecendo quase constrangida:

– Tim, esta é uma situação muito peculiar. Preciso de algum tempo para pensar no que fazer. Você entende?

Collin assentiu.

– É mesmo uma situação ímpar. Fiquei apavorado quando vi essa lâmina quase entrando no peito do presidente.

Ela tocou no braço dele. Suas unhas eram compridas e muito bem-feitas. Ela levantou o saco com o abridor de cartas.

– Precisamos manter isto entre nós, Tim. Tudo bem? O presidente não deve saber. Nem Burton.

– Não sei...

Ela segurou a mão dele.

– Tim, realmente preciso do seu apoio. O presidente não tem ideia do que aconteceu e não acho que Burton esteja vendo tudo isso de modo muito racional. Preciso de alguém em quem

confiar. Preciso de você, Tim. É muito importante. Eu não lhe pediria isso se achasse que você não é capaz de lidar com esse tipo de problema.

Ele sorriu com o elogio e a encarou.

– Tudo bem, Srta. Russell. Como quiser.

Enquanto Collin terminava de guardar as coisas, Gloria olhou para o pedaço de metal de quinze centímetros, todo ensanguentado, que quase acabara com suas ambições políticas. Se o presidente tivesse sido morto, seria impossível esconder o que acontecera. Esconder – uma coisa feia, mas muitas vezes necessária no mundo da política. Ela estremeceu ao pensar nas manchetes.

PRESIDENTE ENCONTRADO MORTO NO QUARTO DE AMIGO. AMANTE PRESA POR ESFAQUEAMENTO. LÍDERES DO PARTIDO CONSIDERAM QUE GLORIA RUSSELL, CHEFE DE GABINETE, É A RESPONSÁVEL.

Mas isso não havia acontecido. Nem aconteceria.

Aquele objeto que tinha em mãos valia mais que uma montanha de armas nucleares, mais que toda a produção de petróleo da Arábia Saudita.

Com aquilo em seu poder, quem sabe? Talvez uma chapa Russell-Richmond? As possibilidades eram infinitas.

Ela sorriu e guardou o saco plástico na bolsa.



O grito fez Luther virar a cabeça com força. Sentiu uma dor aguda no pescoço e quase gritou.

O presidente entrou correndo no quarto, de olhos arregalados, mas ainda meio bêbado. A lembrança das últimas horas voltara como um Boeing 747 aterrissando na sua cabeça.

Burton entrou correndo atrás dele. O presidente ia na direção do corpo. Gloria Russell largou a bolsa no criado-mudo e, seguida por Collin, se pôs no caminho de Richmond.

– Merda! Ela está morta. Eu a matei. Ah, meu Deus, me ajude. Eu a matei!

Ele gritava sem parar. Tentou forçar passagem, mas ainda estava muito fraco. Burton puxou o presidente por trás.

Então, com uma força impressionante, Richmond se soltou e disparou pelo quarto, bateu na parede, rolou por cima do criado-mudo e por fim caiu no chão, encolhendo-se em posição fetal e choramingando, ao lado da mulher com quem planejava passar a noite.

Luther assistiu àquilo com nojo. Esfregou o pescoço e balançou a cabeça devagar. Os acontecimentos daquela noite estavam se tornando inacreditáveis.

O presidente se sentou lentamente. Burton parecia tão enojado quanto Luther, mas não disse nada. Collin olhou para Gloria, esperando instruções. Ela percebeu e aceitou com ar de superioridade aquela mudança de atitude dele.

– Gloria?

– Sim, Alan?

Luther tinha visto o modo como ela olhara para o abridor de cartas. Ele agora sabia de algo que ninguém mais naquele quarto sabia.

– Vai ficar tudo bem? Faça com que fique, Gloria. Por favor. Meu Deus, Gloria!

Ela pôs a mão no ombro dele de um jeito tranquilizador, como fizera durante centenas de milhares de quilômetros de viagem durante a campanha eleitoral.

– Está tudo sob controle, Alan. Tenho *tudo* sob controle.

O presidente ainda estava embriagado demais para entender o que ouvia, mas ela não se importava.

Burton tocou seu fone de ouvido, escutou com atenção por um instante e se virou para Gloria.

– É melhor darmos o fora daqui. Varney acaba de identificar uma radiopatrulha descendo a rua.

– O alarme...? – Gloria parecia intrigada.

Burton negou com a cabeça.

– Provavelmente é só um segurança particular numa inspeção de rotina, mas se o cara perceber alguma coisa... – Não precisava completar a frase.

Naquela terra de gente rica, sair numa limusine era o melhor disfarce que havia. Gloria agradeceu a Deus por sempre alugar limusines sem motorista para aquelas pequenas aventuras. Os nomes que apareciam nos formulários eram falsos, as taxas eram pagas em espécie, o carro retirado e entregue fora dos horários de expediente. Não havia rostos associados à negociação. O carro seria esterilizado. Se a polícia seguisse aquela pista, o que já era improvável, depararia com um beco sem saída.

– Vamos!

Agora Gloria estava ligeiramente assustada.

Ela ajudou o presidente e saiu com ele. Collin pegou os sacos e em seguida parou.

Luther engoliu em seco.

Collin se virou, pegou a bolsa de Gloria no criado-mudo e saiu.

Burton ligou o pequeno aspirador de pó, completou a limpeza do quarto e foi embora, apagando a luz e fechando a porta.



Luther ficou em completa escuridão.

Era a primeira vez que ficava sozinho no quarto com o corpo da mulher. Os outros tinham parecido se acostumar com aquela figura ensanguentada no chão, passando por cima ou em torno dela sem lhe dar muita importância. Mas Luther não se acostumara.

Não podia mais ver o corpo sem vida vestido com roupas manchadas de sangue, mas sabia que ainda estava ali. O epitáfio dela poderia ser “Putá rica e espalhafatosa”. E, sim, ela havia traído o marido; não que ele parecesse se importar. Mas não merecia ter morrido daquele jeito. O presidente a teria matado, não havia a menor dúvida. Se ela não houvesse reagido depressa, Alan Richmond teria cometido assassinato.

Não podia culpar os agentes do Serviço Secreto. Tinham simplesmente feito seu trabalho. Ela havia tentado matar o homem errado, independentemente do calor do momento. Talvez fosse melhor assim. Se a mão dela tivesse sido um pouco mais rápida ou a reação dos agentes um pouco mais lenta, talvez ela passasse o resto da vida na cadeia. Ou seria condenada à morte por ter matado um presidente.

Luther sentou na poltrona. Suas pernas estavam quase dormentes. Forçou-se a relaxar. Em pouco tempo teria que sair dali. Precisava estar pronto para correr.

Tinha muito em que pensar, considerando que poderia acabar virando o principal suspeito



daquele crime hediondo. O fato de a vítima ser rica implicaria que a polícia utilizasse todos os recursos para encontrar o assassino. Mas é claro que não iriam procurá-lo na Casa Branca. E, apesar de todas as precauções de Luther, era bem possível que chegassem a ele. Embora fosse muito bom em sua atividade, nunca enfrentara as forças que entrariam em ação para solucionar aquele caso.

Repassou rapidamente todo o plano que culminara na operação daquela noite. Não havia falhas óbvias, mas eram as não tão óbvias que arruinavam as pessoas. Engoliu em seco, fechou e abriu os dedos e esticou as pernas para ver se ficava mais calmo. Uma coisa de cada vez. Ainda não tinha saído da casa. Muitas coisas podiam dar errado, e uma ou duas certamente dariam.

Esperaria mais dois minutos. Contou os segundos mentalmente, enquanto imaginava o grupo entrando no automóvel. Provavelmente iriam esperar para ver ou ouvir a radiopatrulha antes de sair.

Abriu cuidadosamente a bolsa. Dentro dela havia boa parte do conteúdo daquele quarto. Quase se esquecera de que tinha ido ali para roubar. Seu carro estava a uns quinhentos metros de distância. Agradeceu a Deus por ter parado de fumar tantos anos antes. Precisaria de toda a sua capacidade pulmonar. Quantos agentes do Serviço Secreto havia ali? No mínimo quatro. Merda!

Acionou o controle remoto e em seguida o deixou sobre a poltrona. A porta espelhada se abriu devagar e Luther saiu para o quarto.

Olhou a janela. Já havia planejado uma fuga por aquela rota alternativa. Dentro de sua bolsa havia uma corda de náilon muito forte, de trinta metros de comprimento, com um nó a cada vinte centímetros.

Manteve-se o mais longe possível do corpo, tomando cuidado para não pisar na mancha vermelha, cuja posição havia memorizado. Olhou apenas uma vez para o corpo de Christine Sullivan. Ela não podia ser trazida de volta à vida. Luther agora tinha que preservar a sua.

Levou alguns segundos para chegar até o criado-mudo e tatear debaixo dele.

Pegou o saco plástico. Quando o presidente batera na mesinha, havia derrubado a bolsa de Gloria de lado. O saco plástico com aquele objeto tão valioso caíra de dentro dela.

Luther apalpou a lâmina do abridor de cartas protegida pelo plástico antes de escondê-lo em sua bolsa. Foi rapidamente até a janela e espiou do lado de fora. A limusine e o furgão ainda estavam lá. Isso não era bom.

Foi até o outro lado do quarto, prendeu a corda no pé da enorme cômoda e a levou até a outra janela, do lado da casa que não dava para a rua. Abriu a janela com cuidado, rezando para que a dobradiça estivesse lubrificada, e foi recompensado.

Jogou a corda e a observou descer como uma cobra pelos tijolos aparentes que revestiam a lateral da casa.



Gloria Russell olhou para a imponente fachada da mansão. Havia muito dinheiro ali. Dinheiro e posição social que Christine Sullivan não merecia. Havia conquistado essas coisas por causa de seus peitos e da bunda grande, que, de alguma forma, haviam inspirado o velho Walter Sullivan, despertando alguma emoção enterrada dentro dele. Em seis meses já não sentiria falta dela. Seu mundo de fortuna e de poder continuaria girando como sempre.

Foi então que se deu conta.

Já estava saindo da limusine quando Collin pegou seu braço. Ele segurava a bolsa de couro que Gloria havia comprado em Georgetown por cem dólares. Agora valia muito mais. Ela se recostou no banco, a respiração voltando ao normal. Sorriu para Collin, quase ruborizada.

Sentado em estado catatônico, o presidente não percebeu nada.

Gloria deu uma espiada na bolsa só por garantia. Boquiaberta, vasculhou freneticamente seu conteúdo. Precisou de muito autocontrole para não gritar, olhando horrorizada para o jovem agente. O abridor de cartas não estava ali. Devia ter ficado na casa.

Collin subiu a escada correndo. Mesmo sem entender nada, Burton disparou atrás dele.

Luther estava no meio da descida quando os ouviu se aproximar.

Faltavam três metros.

Eles irromperam pela porta do quarto.

Faltavam dois metros.

Atônitos, os dois agentes viram a corda. Burton correu para ela.

Quando faltava apenas meio metro, Luther se soltou e saiu correndo.

Burton voou até a janela. Collin empurrou a mesinha para o lado: nada. Juntou-se ao colega. Luther já havia desaparecido. Burton já ia descer pela corda, mas Collin o deteve. Seria mais rápido se saíssem pelo mesmo caminho de onde tinham vindo.

Os dois dispararam para a porta.



Luther saiu correndo pelo milharal. Não estava mais preocupado em não deixar rastros; só queria continuar vivo. A bolsa o atrapalhava um pouco, mas ele tinha trabalhado demais nos últimos meses para sair dali de mãos abanando.

Ao deixar a plantação, começou a parte mais perigosa da fuga: cem metros de campo aberto. A lua tinha desaparecido atrás das nuvens cada vez mais densas e não havia iluminação ali no campo. Seria quase impossível vê-lo vestido de preto. Mas, na escuridão, o olho humano é bom em detectar o movimento, e ele corria o mais rápido que podia.



Os dois agentes do Serviço Secreto se detiveram por um momento no furgão. Ao se afastarem do veículo, estavam acompanhados pelo agente Varney. Os três correram pelo campo aberto.

Gloria abriu a janela do carro e os observou, com uma expressão de choque no rosto. Até o presidente estava meio alerta, mas ela o tranquilizou e ele voltou a seu estado letárgico.

Collin e Burton puseram os óculos de visão noturna e passaram a enxergar o que parecia um jogo de computador antigo. As imagens térmicas apareciam em vermelho, todo o resto era verde.

O agente Travis Varney, alto e esguio, ia à frente deles, e tinha apenas uma vaga noção do que estava acontecendo. Corria com os mesmos movimentos graciosos de seus tempos de atletismo na faculdade.

No Serviço havia três anos, Varney era solteiro, totalmente dedicado à profissão e tinha Burton como um pai, em substituição ao que fora morto no Vietnã. Procuravam alguém que

tinha feito alguma coisa naquela casa. Essa coisa tinha a ver com o presidente e, por isso, também tinha a ver com ele. Se fosse pego, Varney teria pena dele.



Luther podia ouvir os homens correndo atrás dele. Tinham recuperado o tempo mais depressa do que ele imaginara. Sua vantagem inicial diminuiria, mas ainda seria suficiente. Eles haviam cometido um grande erro ao decidirem não entrar no furgão e persegui-lo motorizados. Deviam adivinhar que ele teria um carro. Não tinha caído ali de paraquedas. Mas ficou grato por eles não terem sido tão espertos quanto deveriam. Ou então provavelmente não estaria vivo para ver o sol nascer.

Tomou um atalho pelo mato, que descobrira na última vez em que estivera lá fazendo o reconhecimento do terreno. Com isso ganhou cerca de um minuto. Estava ofegante. As roupas pareciam muito pesadas e suas pernas pareciam se mover em câmera lenta, como num sonho.

Finalmente saiu do meio das árvores, viu seu carro e sentiu-se grato por ter tido a precaução de entrar de ré.



Cem metros atrás, uma figura térmica que não era a de Varney finalmente apareceu diante de Burton e Collin. Um homem correndo muito rápido. Ambos levaram as mãos ao ombro. Suas armas não tinham longo alcance, mas eles não podiam se preocupar com isso agora.

Ao ouvirem um motor sendo ligado, Burton e Collin correram como se fugissem de um tornado.

Varney ainda estava à frente deles, para a esquerda. Deveria ter uma mira melhor, mas iria atirar? Algo lhes dizia que não. Não havia sido treinado para atirar numa pessoa em fuga que não oferecia mais risco ao homem que jurara proteger. Varney não sabia que o que estava em jogo ali não era apenas uma vida. Havia uma instituição que nunca mais seria a mesma, além de dois agentes do Serviço Secreto que não tinham feito nada de errado, mas que eram inteligentes o bastante para saber que ficariam com toda a culpa.

Ao pensar nisso, Burton, que nunca fora um grande corredor, apertou o passo e o jovem Collin viu-se obrigado a acompanhá-lo. Mas Burton sabia que era tarde demais. Suas pernas começavam a diminuir o ritmo quando o carro acelerou, afastando-se deles. Em pouco tempo já tinha percorrido duzentos metros.

Burton parou de correr, ajoelhou-se, apontou a arma, mas só conseguiu ver a poeira que o veículo deixava para trás. As luzes traseiras do carro se apagaram e um instante depois ele perdeu o alvo de vista.

Virou-se para Collin, que estava ao seu lado, encarando-o, absorvendo a realidade da situação. Levantou-se devagar e guardou a arma. Tirou os óculos de visão noturna. Collin fez o mesmo.

Eles se entreolharam.

Burton respirou fundo. Suas pernas tremiam. Agora que a adrenalina diminuía, seu corpo finalmente estava reagindo ao esforço. Estava tudo acabado.

Varney voltou correndo. Burton não estava tão perturbado a ponto de deixar de notar com

uma ponta de inveja que o homem não estava sequer com a respiração alterada. Daria um jeito para que Varney e Johnson não fossem envolvidos. Eles não mereciam.

Ele e Collin seriam rebaixados, mas era só isso. Tinha pena de Collin, porém não havia nada que pudesse fazer. Mas, quando Varney falou, os pensamentos de Burton sobre o futuro passaram da mais completa e absoluta ruína a um pequeno vislumbre de esperança.

– Anotei a placa do carro.



– Onde diabos ele estava escondido? – Gloria Russell examinava o quarto, incrédula. – Embaixo da droga da cama?

Ela encarava Burton, tentando fazer com que ele desviasse o olhar. O cara não estivera escondido debaixo da cama nem dentro dos closets. Burton examinara todos esses lugares quando limpou o quarto. E deixou isso bem claro para Gloria.

Ele olhou para a corda e depois para a janela aberta.

– Meu Deus, parece que o homem estava nos observando o tempo todo. Soube exatamente quando saímos da casa.

Olhou em torno, como se procurasse alguma outra pessoa escondida ali por perto. Seus olhos passaram pelo espelho, pararam e voltaram.

Burton olhou para o tapete que havia ali em frente.

Tinha passado o aspirador várias vezes até alisá-lo. Quando terminara, o tapete caro e luxuoso tinha ficado pelo menos um centímetro mais alto. Ninguém havia pisado naquele trecho desde que voltaram ao quarto.

Ainda assim, agora que analisava melhor, distinguiu pegadas nítidas. Não havia notado antes porque todo tapete estava abaixado, como se alguém houvesse deslizado por ali... Calçou as luvas, correu até o espelho, puxando e examinando a moldura. Em seguida gritou para que Collin trouxesse algumas ferramentas. Gloria observava tudo atônita.

Burton inseriu o pé de cabra na lateral do espelho e, junto com Collin, aplicaram todo o seu peso contra a ferramenta. O fecho não era tão forte – os segredos estavam guardados mais pela discrição que por força.

Houve um rangido estridente, seguido de uma ruptura e um estalo. Então a porta se abriu.

Burton entrou no cubículo, com Collin logo atrás. Havia um interruptor na parede. O aposento se iluminou e os homens olharam em torno.

Gloria também entrou e viu a poltrona. Quando se virou, congelou ao dar de cara com a parte interna da porta. Estava olhando diretamente para a cama onde um pouco antes... Esfregou as têmporas, sentindo uma fisgada lancinante.

Um espelho falso.

Ao se voltar de novo para o interior do cômodo, viu que Burton olhava por cima do seu ombro, através do espelho. A observação que ele fizera sobre alguém os estar observando tinha sido profética.

Olhou para Gloria, impotente.

– Ele devia estar aqui o tempo todo. Não acredito nisso. – Observou as prateleiras vazias. – Parece que levou bastante coisa. Provavelmente dinheiro e outras coisas que não se podem

rastrear.

– Isso não tem importância! – explodiu Gloria, apontando para o espelho. – Ele viu e ouviu tudo e vocês o deixaram fugir.

– Temos a placa do carro. – Collin esperava ganhar outro sorriso. Não ganhou.

– E daí? Acha que ele vai ficar parado esperando a gente rastrear a placa e ir bater na porta dele?

Gloria sentou-se na cama, com a cabeça rodando. Se o homem estivesse mesmo ali dentro, teria visto tudo. Balançou a cabeça. A situação era difícil porém contornável, mas de repente havia se tornado um desastre incompreensível, totalmente fora de controle. Principalmente considerando-se a informação que Collin lhe dera ao entrar no quarto.

O filho da puta estava com o abridor de cartas! Impressões digitais, sangue, tudo diretamente ligado à Casa Branca.

Olhou para o espelho e depois para a cama, onde pouco antes estivera montada no presidente. Ajeitou o casaco por instinto. Sentiu-se subitamente nauseada. Apoiou-se numa das colunas da cama.

Collin saiu do cofre.

– Não se esqueça de que ele cometeu um crime aqui. Se for à polícia, pode se meter numa grande encrenca. – Essa ideia lhe ocorrera enquanto examinava o cofre.

Devia ter pensado um pouco mais.

Gloria conteve uma forte ânsia de vômito.

– Ele não precisa ir à polícia para lucrar com essa história. Já ouviu falar de telefone? Neste exato momento ele deve estar ligando para o *Post*. Merda! Em seguida virão os tabloides e, lá pelo fim da semana, o veremos na televisão, filmado em qualquer ilha remota que escolheu para curtir a aposentadoria, com o rosto borrado para não ser reconhecido. Depois virão o livro e o filme. Merda!

Gloria Russell podia imaginar um pacote chegando ao *Washington Post*, ao Edifício J. Edgar Hoover, ao gabinete do procurador-geral dos Estados Unidos ou do líder da minoria no Senado, todos os possíveis depositários prometendo máximo dano político – isso sem falar nos desdobramentos legais.

O bilhete acompanhando o pacote pediria que comparassem as impressões digitais e o sangue com amostras do presidente. Pareceria uma piada, mas ainda assim seria feito. Claro que seria. As impressões digitais de Richmond já estavam catalogadas. O DNA dele seria identificado. Encontrariam o corpo dela, examinariam o sangue, e eles seriam confrontados com mais perguntas do que poderiam responder.

Estavam todos ferrados. E aquele filho da mãe apenas ficara sentado ali, esperando por uma oportunidade. Sem saber que aquela noite lhe traria a maior recompensa de sua vida. Não meros dólares. Ele derrubaria um presidente, sem lhe deixar nenhuma chance de sobrevivência. Com que frequência alguém faz uma coisa dessas? Woodward e Bernstein tinham se tornado super-homens por causa do escândalo Watergate. Mas esta história superava em muito Watergate.

Gloria quase não conseguiu chegar ao banheiro. Burton olhou para o cadáver e depois para Collin. Nenhum dos dois disse nada, seus corações ficando cada vez mais acelerados à medida que a gravidade da situação se abatia sobre eles. Como não conseguiram pensar em nada mais a fazer

enquanto Gloria vomitava, os dois pegaram o equipamento de limpeza. Em uma hora tinham embalado tudo de novo e ido embora.



A porta se fechou silenciosamente atrás dele.

Luther acreditava que tinha apenas dois dias, talvez menos. Arriscou acender a luz e seus olhos examinaram rapidamente a sala.

Sua vida passara de normal, ou pelo menos quase, a um verdadeiro horror.

Largou a mochila, apagou a luz e arriscou dar uma espiada pela janela.

Tudo estava quieto. Fugir daquela casa tinha sido a experiência mais estressante de sua vida, pior que ser pisoteado por norte-coreanos aos berros. Suas mãos ainda tremiam. Durante o caminho de volta, todos os automóveis que passavam por ele pareciam jogar os faróis em seu rosto, denunciando sua culpa secreta. Dois carros de polícia haviam passado por ele, fazendo o suor brotar em sua testa e o obrigando a prender a respiração.

O carro foi devolvido ao depósito de veículos apreendidos onde Luther o pegara “emprestado” algumas horas antes. A placa não os levaria a lugar nenhum, mas alguma outra coisa poderia servir de pista.

Duvidava que tivessem conseguido vê-lo. E, mesmo que tivessem visto, teriam apenas uma ideia de sua altura e seu peso. Idade, raça e feições ainda seriam um mistério e, sem isso, eles não tinham nada. E, pela rapidez com que corra, provavelmente imaginariam que fosse jovem. Havia um fio solto, e ele pensara em como lidar com isso no trajeto de volta. Pôs em duas malas tudo o que pôde dos últimos trinta anos de sua vida. Não voltaria mais ali.

Encerraria suas contas na manhã seguinte. O dinheiro sacado lhe permitiria fugir para bem longe. Durante sua longa vida, tinha enfrentado uma boa cota de perigo. Escolher entre denunciar o presidente dos Estados Unidos e desaparecer não exigia o menor esforço intelectual. O fruto do roubo daquela noite estava bem escondido. Três meses de trabalho por algo que poderia resultar em sua morte. Trancou a porta e desapareceu na noite.

ÀS SETE HORAS DA manhã as portas douradas do elevador se abriram e Jack saiu na recepção meticulosamente decorada da Patton, Shaw & Lord.

Lucinda, a recepcionista, ainda não tinha chegado; sua mesa estava vazia. Era um móvel sólido, de teca, que devia pesar cerca de quinhentos quilos, cada um deles valendo uns vinte dólares.

Ele percorreu os corredores largos, de luz suave em castiçais neoclássicos, virou à direita, depois à esquerda e após um minuto abriu a porta de carvalho maciço de seu escritório. Os telefones começavam a tocar à medida que a cidade despertava para os negócios.

Seis andares, mais de nove mil metros quadrados num dos melhores endereços do centro da cidade, mais de duzentos advogados muito bem-remunerados, uma biblioteca de dois andares, academia totalmente equipada, sauna, vestiários, dez salas de reuniões, equipe de apoio de centenas de pessoas e, o mais importante, uma lista de clientes invejada por todas as empresas importantes do país – esse era o império da Patton, Shaw & Lord.

A empresa resistira à falência até os anos 1980 e tomou fôlego quando a recessão finalmente terminou. Agora ia de vento em popa enquanto muitos concorrentes tinham sido obrigados a enxugar o quadro de funcionários. Contava com alguns dos melhores advogados em praticamente todas as áreas do direito – pelo menos nas que pagavam melhor. Muitos haviam sido recrutados de outras empresas de ponta, atraídos por melhores salários e pela promessa de que nenhum dólar seria poupado quando estivessem atrás de um novo cliente.

Três sócios seniores haviam sido convocados pelo atual governo para cargos de nível elevado. A PS&L pagou a cada um deles dois milhões a mais que o valor da rescisão contratual, com o acordo tácito de que, encerrado seu serviço ao governo, voltariam para a empresa, trazendo dezenas de milhões de dólares em negócios com seus novos contatos.

A regra da firma, não escrita mas religiosamente obedecida, era que não se aceitava nenhuma causa que não rendesse pelo menos 100 mil dólares. A diretoria havia decidido que qualquer coisa abaixo disso era perda de tempo. E eles não tiveram nenhum problema para crescer, mesmo se atendo a essa regra. Na capital do país, as pessoas queriam ter o que havia de melhor e não se importavam em pagar por isso.

A empresa tinha aberto uma única exceção a essa regra, e tinha sido para o único cliente de Jack além de Baldwin. Sua ideia era desafiar essa regra com frequência cada vez maior. Se iria continuar na empresa, queria que, na medida do possível, fosse nos seus termos. Sabia que no início suas vitórias seriam pequenas, mas isso não era problema.

Sentou-se à escrivaninha, tirou a tampa do copo de café e deu uma olhada no *Post*. A Patton, Shaw & Lord contava com cinco cozinhas e três copeiras que trabalhavam em tempo integral e tinham seus próprios computadores. O consumo diário de café devia ser de quinhentos bules, mas Jack sempre comprava o seu na cafeteria da esquina, porque não suportava o que era servido na empresa. Era uma mistura especial de grãos, importada, que custava uma fortuna e tinha gosto de terra e algas marinhas.

Inclinou a cadeira um pouco para trás e deu uma olhada em torno da sala. Tinha uns vinte

metros quadrados, um bom tamanho para os padrões de advogado associado de uma grande empresa, e uma bela vista da avenida Connecticut.

Na Defensoria Pública, Jack dividia com outro advogado uma sala que não tinha janela, apenas um grande pôster de uma praia do Havá, que ele prendera na parede numa manhã repulsivamente fria. Jack gostava mais do café da Defensoria Pública.

Quando se tornasse sócio, ganharia uma nova sala, com o dobro do tamanho daquela – talvez ainda não fosse de esquina, mas isso era questão de tempo. A conta Baldwin o elevava à quarta posição na lista dos mais capazes de gerar faturamento. E os três acima dele tinham entre 50 e 60 anos e estavam mais voltados para os campos de golfe do que para o escritório. Jack consultou o relógio. Era hora de começar.

Geralmente era um dos primeiros a chegar, mas logo o lugar estaria fervilhando. A PS&L pagava os mesmos salários das melhores empresas de Nova York e exigia que os esforços de seus funcionários compensassem o investimento. Os clientes eram importantíssimos e suas demandas eram enormes. Um erro ali podia pôr a perder um contrato de quatro bilhões de dólares com o Departamento de Defesa ou resultar na falência de uma cidade.

Todos os sócios da firma tinham problemas de estômago e boa parte deles fazia algum tipo de terapia. Jack observava seus rostos pálidos e seus corpos enfraquecidos quando caminhavam diariamente pelos imaculados corredores da PS&L, carregando nos ombros mais uma hercúlea tarefa jurídica. Era o preço da remuneração que os punha entre os cinco por cento dos profissionais mais bem-pagos do país.

Jack era o único que estava a salvo das duras críticas dos sócios. O controle de clientes era a coisa mais importante em direito. Havia cerca de um ano que ele trabalhava na PS&L, era novato na área do direito corporativo, mas mesmo assim tinha o respeito dos funcionários mais experientes.

Tudo isso deveria fazer com que se sentisse culpado e sem merecimento – e faria, caso não se sentisse tão desgostoso com o resto de sua vida.

Tomou o último gole de café, inclinou-se para a frente na cadeira e abriu uma pasta. O direito corporativo era monótono e sua experiência não lhe garantia tarefas empolgantes. Rever arrendamentos de terras, preparar petições, abrir empresas de responsabilidade limitada, rascunhar memorandos de conciliação – tudo isso fazia parte de seus dias de trabalho, que pareciam cada vez mais longos. Mas ele estava aprendendo rápido. Tinha que aprender se quisesse se sair bem ali, onde sua experiência nos tribunais era inútil.

Normalmente a empresa não tratava de questões litigiosas. Preferia se concentrar em questões corporativas e fiscais, mais seguras e lucrativas. Quando surgia um litígio, era delegado a uma das empresas de elite cuidadosamente selecionadas, que só cuidavam de casos assim. Em troca essas empresas encaminhavam para a PS&L todos os trabalhos que lhes eram oferecidos e não envolviam julgamentos. Um acordo que funcionava bem.

Por volta da hora do almoço, Jack já havia transferido duas pilhas de documentos da caixa de entrada para a de saída e ditara duas cartas. Também atendera quatro telefonemas de Jennifer para lembrá-lo do jantar na Casa Branca naquela noite.

O pai dela receberia de alguma organização o título de Empresário do Ano. O fato de essa premiação ser digna de uma recepção na Casa Branca dizia muito sobre a ligação do presidente



com o mundo dos negócios. Pelo menos Jack teria uma oportunidade de vê-lo de perto. Conhecê-lo provavelmente estava fora de cogitação, mas nunca se sabe.

– Tem um minuto? – perguntou Barry Alvis, enfiando a cabeça calva pela porta entreaberta.

Alvis era um advogado sênior cuja promoção a sócio já havia sido desconsiderada mais de três vezes e na verdade nunca aconteceria. Esforçado e inteligente, qualquer empresa gostaria de tê-lo como funcionário. Entretanto, não era bom de papo e não tinha a menor capacidade de atrair novos clientes. Ganhava 160 mil por ano e dava duro o suficiente para justificar um bônus anual de vinte mil. Ninguém esperava que ele trouxesse novos negócios, sua mulher não trabalhava, seus filhos estudavam numa escola particular, ele dirigia um Beemer último modelo e não tinha muito do que se queixar.

Experiente, com dez anos de trabalho intenso em negociações de alto nível, tinha tudo para se ressentir de Jack, e de fato se ressentia.

Jack fez um gesto para que ele entrasse. Sabia que Alvis não gostava dele, entendia o motivo e não forçava a barra.

– Jack, temos que acelerar a fusão Bishop.

Jack ficou confuso. Aquele negócio, uma grande chatice, havia morrido, ou pelo menos era o que ele acreditava. Pegou um bloco com as mãos trêmulas.

– Achei que Raymond Bishop não quisesse nada com a TCC.

Alvis sentou-se, colocou um arquivo de mais de trinta centímetros de altura em cima da mesa de Jack e se recostou.

– Alguns negócios morrem, mas depois voltam a nos assombrar. Precisamos dos seus comentários sobre os documentos de financiamento amanhã à tarde.

Jack quase deixou cair a caneta.

– São catorze acordos e mais de quinhentas páginas, Barry. Quando você soube disso?

Alvis se levantou e Jack notou um sorriso querendo aparecer no rosto dele.

– São quinze acordos e 613 páginas em espaço simples, sem contar os anexos. Obrigado, Jack. A empresa agradece a sua dedicação. – Caminhou até a porta e, antes de sair, se virou. – Ah, divirta-se hoje à noite com o presidente e mande lembranças à Srta. Baldwin.

Jack olhou o calhamaço à sua frente e esfregou as têmporas. Gostaria de saber quando aquele filho da mãe havia tomado conhecimento de que o negócio Bishop tinha ressuscitado. Algo lhe dizia que não fora naquela manhã.

Checou as horas. Chamou a secretária, conseguiu cancelar seus compromissos do dia, pegou o arquivo de quatro quilos e foi para a sala de reuniões número nove, a menor e mais reservada, onde poderia se esconder e se concentrar. Trabalharia direto por seis horas, iria à festa, voltaria, trabalharia o resto da noite, tomaria uma chuveirada e faria a barba ali mesmo. Depois terminaria os comentários e os colocaria na mesa de Alvis às três horas, no máximo às quatro. Aquele merdinha.

Seis acordos mais tarde, Jack comeu o último biscoito, terminou a Coca-Cola, vestiu o casaco e desceu correndo os dez andares até o saguão.

O táxi o deixou em frente a seu prédio. Ao saltar, ele congelou.

O Jaguar estava estacionado na porta. A placa especial com a palavra SUCESSO lhe disse que aquela que em breve seria sua companheira pelo resto da vida estava lá em cima esperando. Devia

estar irritada com ele. Nunca ia à sua casa, a menos que estivesse furiosa por algum motivo e quisesse que ele soubesse.

Jack deu uma olhada no relógio. Estava um pouco atrasado, mas ainda daria tempo. Ao abrir a porta passou a mão no queixo. Talvez não precisasse fazer a barba. Ela estava sentada no sofá, que tomara a precaução de forrar com um lençol. Estava estonteante, ele tinha que admitir. Ela se levantou e olhou para ele, séria.

- Você está atrasado.
- Não sou meu próprio chefe, você sabe.
- Isso não é desculpa. Eu também trabalho.
- É, só que seu chefe tem seu sobrenome e faz tudo o que a linda filhinha quiser.
- Meus pais foram na frente. A limusine estará aqui em vinte minutos.
- Tempo de sobra. – Jack se despiu, entrou no chuveiro e fechou a cortina. – Jenn, pode fazer

o favor de pegar meu jaquetão azul?

Ela entrou no banheiro e deu uma olhada em torno, mal disfarçando o nojo que sentia.

- O convite dizia traje a rigor.
- Traje a rigor opcional – corrigiu Jack, tirando o sabão dos olhos e abrindo um pouco a cortina.
- Jack, não faça isso. Pelo amor de Deus, é a Casa Branca. É o presidente!
- Eles lhe dão a opção de usar traje a rigor ou não. Estou exercendo meus direitos. Além do mais, não tenho smoking. – Sorriu para ela e fechou a cortina.
- Deveria ter arranjado um.
- Esqueci. Ora, Jenn, por favor! Ninguém vai ficar me olhando. O que importa como estarei vestido?

- Muito obrigada, Jack Graham. Eu lhe peço uma coisinha de nada...
- Você sabe quanto custa um smoking?

Ele pensou em Barry Alvis, em ser obrigado a trabalhar a noite inteira e ter que explicar isso primeiro a Jennifer e depois ao pai dela. Seu tom de voz ficou mais irritado:

- E quantas vezes vou usar essa porcaria? Uma ou duas por ano?
- Depois que nos casarmos, iremos a muitos eventos em que o traje a rigor será obrigatório. É um bom investimento.
- Prefiro gastar todo o dinheiro da minha aposentadoria em figurinhas.

Ele passou a cabeça pela lateral da cortina, querendo mostrar a ela que estava brincando, mas Jennifer já não estava ali.

Esfregou o cabelo com uma toalha, enrolou-a na cintura e foi até o quarto, onde encontrou um smoking novo pendurado na porta. Jennifer apareceu, sorrindo.

- Com os cumprimentos das Empresas Baldwin. É um Armani. Ficará incrível em você.
- Como sabia meu tamanho?
- Você é um perfeito 42 longo. Podia ser modelo. Modelo masculino exclusivo de Jennifer Baldwin.

Ela passou os braços perfumados em torno dele e o apertou. Jack sentiu aqueles seios fartos pressionando suas costas e amaldiçoou em segredo a falta de tempo para aproveitar o momento. Pelo menos uma vez sem as malditas pinturas, os querubins e as carruagens. Talvez fosse

diferente.

Jack olhou com desejo a cama pequena e desarrumada. E ainda tinha que virar a noite trabalhando. Malditos Barry Alvis e o indeciso Raymond Bishop.

Por que todas as vezes que via Jennifer Baldwin esperava que as coisas pudessem ser diferentes entre eles? Que mudassem para melhor? Que ela mudasse, ou ele, ou quem sabe os dois chegassem a um meio-termo? Ela era tão bonita, tinha tudo no mundo a seu favor. Meu Deus, o que havia de errado com ele?



A limusine deslocou-se facilmente pelo tráfego após a hora do rush. Depois das sete da noite num dia de semana, o centro de Washington fica bastante deserto.

Jack olhou para a noiva. Seu casaco leve e caríssimo não escondia o decote profundo. Ela tinha feições perfeitamente esculpidas e pele imaculada. De vez em quando seu rosto era iluminado por um sorriso perfeito. Seus cabelos castanhos e cheios estavam presos no alto da cabeça. Normalmente ela os usava soltos. Parecia uma dessas supermodelos que são conhecidas apenas pelo primeiro nome.

Aproximou-se mais dela. Jennifer sorriu, verificou a maquiagem, que estava perfeita, e fez um carinho na mão dele.

Jack acariciou sua perna, levantando um pouco o vestido. Ela afastou a mão dele.

– Mais tarde, quem sabe – sussurrou ela, para que o motorista não ouvisse.

Jack sorriu e murmurou que mais tarde talvez tivesse dor de cabeça. Jennifer riu e ele se lembrou do trabalho e de que não haveria mesmo “mais tarde” naquela noite.

Ele se recostou no banco e olhou pela janela. Nunca tinha ido à Casa Branca. Jennifer já, duas vezes. Ela não parecia nervosa; ele estava. Apertou o nó da gravata-borboleta e ajeitou o cabelo quando o carro virou na Executive Drive.

Foram meticulosamente revistados pelos seguranças da Casa Branca. Jennifer, como sempre, atraiu olhares de todos os presentes, homens e mulheres. Quando se abaixou para ajeitar o sapato de salto alto, o vestido de cinco mil dólares mostrou demais, deixando vários funcionários da Casa Branca muito mais felizes. Jack recebeu os costumeiros olhares invejosos dos outros homens. Em seguida entraram no prédio e apresentaram os convites gravados ao sargento dos Fuzileiros Navais que os escoltou pelo corredor de entrada até o Salão Leste, no andar de cima.



– Que droga! – O presidente se inclinou para pegar uma cópia do discurso que pronunciaria no evento daquela noite e sentiu uma fígada no ombro. – Acho que lesionei um tendão, Gloria.

A chefe de gabinete estava sentada em uma das largas poltronas de veludo que a esposa do presidente havia usado para decorar o Salão Oval.

A primeira-dama pelo menos tinha bom gosto. Era bonita, mas deixava um pouco a desejar no que dizia respeito ao intelecto. Não era uma ameaça ao poder do marido e garantia uma vantagem nas intenções de votos.

Os antecedentes da família dela eram impecáveis: dinheiro e relações tradicionais. A ligação do

presidente com a fortuna conservadora e o segmento influente do país não prejudicara nem um pouco sua posição em relação ao contingente liberal, devida principalmente ao seu carisma e talento na obtenção de soluções de consenso. E à sua boa aparência, que contava mais do que qualquer um estava disposto a admitir.

– Acho que preciso de um médico.

Alan Richmond não estava de muito bom humor. Gloria tampouco.

– Muito bem, Alan. Mas como exatamente você explicaria uma punhalada à imprensa da Casa Branca?

– O que aconteceu com o sigilo da relação médico-paciente?

Gloria revirou os olhos. Às vezes ele era tão ingênuo!

– Você é como uma das quinhentas empresas da lista da *Fortune*, Alan. Tudo o que lhe diz respeito é de domínio público.

– Nem tudo.

– É o que vamos ver, certo? Isso está longe de acabar, Alan – disse Gloria.

Desde a noite anterior, ela havia fumado três maços de cigarros e bebido dois bules de café. A qualquer momento o mundo deles, a carreira dela poderiam desmoronar. A polícia bateria à sua porta. Tinha que se controlar para não sair correndo. Sentia continuamente grandes ondas de náusea. Ela cerrou os dentes e se agarrou à poltrona. Não conseguia tirar da cabeça a ideia de que seriam completamente destruídos.

O presidente deu uma olhada rápida no discurso, memorizando alguns pontos. Improvisaria o resto. Tinha uma memória incrível, um trunfo que sempre o ajudara.

– É por isso que tenho você, não é, Gloria? Para resolver tudo.

Ele a encarou.

Por um momento Gloria se perguntou se ele sabia o que tinha feito com ele. Sentiu seu corpo ficar tenso e depois relaxar. Ele não tinha como saber. Era impossível. Lembrou-se de seus apelos quando estava embriagado. Ah, uma garrafa de Jack Daniel's podia mudar uma pessoa.

– Claro que é, Alan. Mas algumas decisões têm que ser tomadas. Temos que desenvolver estratégias de acordo com o que vamos enfrentar.

– Não posso cancelar minha agenda. Além do mais, esse sujeito não pode fazer nada.

Gloria balançou a cabeça.

– Não podemos ter certeza disso.

– Pense! Ele vai ter que admitir um roubo para explicar sua presença na casa. Dá para imaginá-lo procurando a imprensa com essa história? Eles o colocariam numa solitária num instante. – O presidente meneou a cabeça. – Estou seguro. Esse cara não pode me atingir, Gloria. Nem em um milhão de anos.

Eles tinham preparado uma estratégia inicial ao voltar para casa na limusine. Era bem simples: negar categoricamente. Deixariam que o absurdo da acusação, se algum dia fosse feita, trabalhasse por eles. E, embora fosse verdadeira, aquela história era um completo absurdo. A Casa Branca manifestaria simpatia pelo pobre homem, um criminoso confesso e desequilibrado, e por sua envergonhada família.

É claro que havia outra possibilidade, mas Gloria decidiu não tratar dela com o presidente por enquanto. Na verdade, tinha concluído que esse seria o cenário mais provável. Era a única coisa

que lhe permitia agir.

– Coisas mais estranhas aconteceram. – Ela o encarou.

– O lugar foi limpo, não foi? Não há nada a ser encontrado, certo? Só ela. – Havia um quê de nervosismo na voz dele.

– Certo.

Gloria passou a língua pelo lábios. O presidente não sabia que o abridor de cartas com seu sangue e suas impressões digitais estava com a testemunha.

Ela se levantou e começou a andar de um lado para outro.

– Claro que não posso garantir que não haja traços de contato sexual, mas isso jamais será ligado a você.

– Meu Deus, não consigo nem me lembrar se transamos ou não. Parece que sim.

Ela não pôde deixar de sorrir ao ouvir aquilo.

O presidente se virou e a encarou.

– E quanto a Burton e Collin?

– O quê?

– Você já conversou com eles? – A mensagem dele era bastante clara.

– Eles têm tanto a perder quanto você, não têm, Alan?

– Quanto *nós*, Gloria. – Ele ajeitou a gravata diante do espelho. – Alguma pista do voyeur?

– Ainda não. O jogo mal começou.

– Quando você acha que vão dar pela falta dela?

– Com o calor que tem feito, acho que em breve.

– Muito engraçado, Gloria.

– Vão sentir falta dela e haverá investigações. O marido será contactado, depois irão todos até a casa. É questão de um ou dois dias, trêz no máximo.

– E então a polícia vai começar a investigar.

– Não há nada que possamos fazer a esse respeito.

– Mas vocês se manterão à frente de tudo?

Um traço de preocupação marcou a testa do presidente quando ele pensou rapidamente nas diversas possibilidades. *Teria transado com Christy Sullivan? Esperava que sim. Pelo menos a noite não teria sido um desastre completo.*

– Tanto quanto pudermos, sem levantar suspeitas.

– Isso é fácil. Você pode alegar que Walter Sullivan é meu amigo íntimo e aliado político. Seria natural que eu tivesse interesse pessoal no caso. Dê um jeito, Gloria, é para isso que lhe pago.

*E você ia para a cama com a mulher dele, pensou Russell. Que amigo!*

– Eu já havia pensado nisso, Alan.

Ela acendeu um cigarro e soprou a fumaça devagar. Era uma boa sensação. Tinha que continuar à frente dele naquela história – um pequeno passo à frente e ela já estaria feliz. Não seria fácil. Ele era inteligente, mas também arrogante. Os arrogantes geralmente superestimam sua capacidade e subestimam a dos outros.

– Ninguém sabia que ela ia se encontrar com você?

– Acho que podemos presumir que ela tenha sido discreta, Gloria. Christy não era muito inteligente, seus talentos eram outros, mas entendia de economia. – O presidente piscou para a

chefe de gabinete. – Poderia perder oitocentos milhões se o marido descobrisse que andava pulando a cerca, mesmo que fosse com o presidente.

Russell sabia do estranho hábito de voyeur de Walter Sullivan, mas quem poderia dizer qual seria a reação dele aos encontros da mulher dos quais não sabia e não podia assistir? Graças a Deus não era Sullivan quem estava sentado ali no escuro.

– Alan, eu lhe avisei que um dia suas escapulidas nos meteriam em encrenca.

Richmond olhou para ela, o desapontamento estampado no rosto.

– Ouça, você acha que sou o primeiro cara nesta função a pular a cerca? Pelo amor de Deus, Gloria! Não seja tão ingênua. Pelo menos sou muito mais discreto que alguns dos meus antecessores. Assumo as responsabilidades do cargo... e usufruo as mordomias. Entendeu?

Gloria esfregou nervosamente o pescoço.

– Perfeitamente, Sr. presidente.

– Então esse cara é só um ladrão que não poderá fazer nada.

– Basta uma carta para fazer o castelo cair.

– É mesmo? Pois lembre-se de que há um monte de gente morando nesse castelo.

– Eu me lembro, chefe. Todos os dias.

Houve uma batida na porta. Era o assistente de Gloria, que avisou:

– Cinco minutos, senhor.

O presidente assentiu e o dispensou com um gesto.

– Esta apresentação não podia acontecer em hora melhor.

– Ransome Baldwin contribuiu substancialmente para sua campanha, assim como todos os amigos dele.

– Você não precisa me explicar retribuições políticas, querida.

Gloria se levantou e se aproximou do presidente. Pegando seu braço que não estava machucado, encarou-o, séria. Na face esquerda dele havia uma pequena cicatriz causada por um estilhaço, lembrança de seu breve período no Exército, no final da Guerra do Vietnã. Quando sua carreira política decolou, o consenso feminino era de que aquela minúscula imperfeição o deixava ainda mais atraente. Gloria se flagrou olhando fixamente a cicatriz.

– Alan, farei o que for necessário para defender seus interesses. Você vai superar isso, mas precisamos trabalhar juntos. Somos uma equipe, Alan. Uma equipe sensacional. Se agirmos juntos, ninguém pode nos derrubar.

O presidente encarou-a por um instante e depois a recompensou com o sorriso que normalmente estampava as primeiras páginas dos jornais. Deu um beijo em seu rosto e a abraçou. Gloria o apertou com força.

– Amo você, Gloria. Você é leal. – Ele pegou o discurso. – Hora do espetáculo.

Em seguida se virou e saiu.

Gloria fitou suas costas largas, esfregou cuidadosamente o rosto e foi atrás dele.



Jack admirou a exagerada elegância do imenso Salão Leste. Estavam ali alguns dos homens e mulheres mais poderosos do país. Contatos eram habilmente feitos à sua volta e a única coisa que ele podia fazer era ficar ali observando com cara de bobo. Olhou para o outro lado do salão e viu

sua noiva abordando um deputado de algum estado do Oeste, sem dúvida pedindo a ajuda daquele bom legislador para uma questão de direitos locais das Empresas Baldwin.

Sua noiva passava a maior parte do tempo tentando obter acesso aos detentores de poder em todos os níveis. Desde representantes distritais a presidentes de comissões do Senado, Jennifer massageava os egos certos, molhava as mãos certas e garantia que os jogadores importantes estariam a postos quando as Empresas Baldwin quisessem fechar outro negócio gigantesco. A duplicação do patrimônio de seu pai nos últimos cinco anos sem dúvida devia-se em grande parte ao excelente desempenho de Jennifer nessa tarefa. A verdade era que nenhum homem estava em segurança com ela.

Ransome Baldwin, do alto dos seus quase dois metros, cabelos brancos grossos e voz de barítono, circulava pelo salão, apertando vigorosamente as mãos dos políticos que já eram seus aliados e misturando-se socialmente aos poucos que ainda não conquistara.

A cerimônia de entrega do prêmio foi misericordiosamente breve. Jack deu uma olhada no relógio. Em breve teria que voltar para o escritório. No caminho para a Casa Branca, Jennifer mencionara uma festa particular no Willard Hotel às onze horas. Ele esfregou o rosto. Era só o que faltava!

Estava prestes a chamar Jennifer para lhe explicar por que teria que ir embora cedo quando o presidente se aproximou dela, acompanhado de Ransome Baldwin, e, um instante depois, os três se encaminharam para Jack.

Jack largou o copo e limpou a garganta para não parecer um idiota, as palavras saindo engasgadas. Jennifer e o pai conversavam com o presidente como velhos amigos, rindo e trocando cotoveladas. O detalhe é que ele era o presidente dos Estados Unidos!

– Então você é o felizardo? – perguntou o presidente, imediatamente abrindo um sorriso agradável.

Eles se cumprimentaram com um aperto de mãos. Alan era tão alto quanto Jack, que ficou admirado ao ver como ele conseguia manter a forma mesmo exercendo aquele cargo.

– Sou Jack Graham, Sr. presidente. É uma honra conhecê-lo, senhor.

– Tenho a impressão de que já o conheço, Jack, de tanto que Jennifer tem falado a seu respeito. Bem, claro. – Ele sorriu.

– Jack é sócio na Patton, Shaw & Lord. – Jennifer continuava com a mão no braço do presidente. Olhou para Jack e abriu um sorriso forçado e conscientemente gracioso.

– Bem, ainda não sou sócio, Jenn.

– É só uma questão de tempo – reverberou a voz de Ransome Baldwin. – Tendo as Empresas Baldwin como cliente, você pode pedir o valor que quiser a qualquer empresa neste país. Não se esqueça disso. Não deixe Sandy Lord tapear você.

– Preste atenção no que ele diz, Jack. A voz da experiência. – O presidente levantou o copo e, involuntariamente, deu um safanão para trás. Jennifer se desequilibrou e soltou o braço dele. – Desculpe, Jennifer. É de tanto jogar tênis. Os braços estão me causando problemas de novo. Bem, Ransome, parece que você arranjou um excelente pupilo.

– Bem, ele vai ter que lutar com minha filha pelo império. Talvez Jack possa ser a rainha e Jenn, o rei. – Ransome riu com tanta vontade que contagiou todos.

Jack sentiu-se corar.

– Sou apenas um advogado, Ransome. Não estou procurando um trono desocupado. Há outras coisas para fazer na vida.

Jack pegou seu copo. Aquilo não estava saindo tão bem quanto ele gostaria. Sentiu que adotava uma postura defensiva. Mastigou um cubo de gelo. O que Ransome Baldwin realmente pensava do futuro genro naquele exato momento? Jack realmente não se importava.

Ransome parou de rir e o encarou. Jennifer inclinou a cabeça como sempre fazia quando ele dizia algo que ela considerava inadequado, o que acontecia quase o tempo todo. O presidente olhou para os três, sorriu, pediu licença e foi até uma mulher que estava a um canto.

Jack o observou. Já tinha visto aquela mulher na televisão defendendo o posicionamento do presidente em diversos assuntos. Gloria Russell não parecia muito feliz, mas, com tantas crises no mundo, a felicidade provavelmente era algo raro em seu trabalho.

Jack só pensou nisso mais tarde. Havia conhecido o presidente, apertado a mão dele. Esperava que seu braço melhorasse. Puxou Jennifer de lado e explicou que precisava ir embora. Ela não ficou nada satisfeita.

– Isto é inaceitável, Jack. Você entende como esta noite é especial para meu pai?

– Ei, sou apenas um cara que precisa trabalhar. Sabe como é? Pagamento por hora?

– Isso é ridículo e você sabe! Ninguém naquela empresa pode exigir uma coisa dessas de você, muito menos um cara que não é nada lá.

– Jenn, não tem nada de mais. Eu me diverti bastante. Seu pai já recebeu o prêmio. Agora é hora de voltar ao trabalho. Alvis é um cara legal. Está pegando um pouco no meu pé, mas também trabalha duro, talvez até mais do que eu. Todo mundo passa por isso.

– Não é justo, Jack. Não é conveniente para mim.

– Jenn, é o meu trabalho. Eu disse para você não se preocupar, então não se preocupe. Nos vemos amanhã. Vou pegar um táxi.

– Meu pai vai ficar muito desapontado.

– Ele nem vai sentir minha falta. Beba algo por mim. E lembra o que me falou sobre depois? Vou cobrar. Que tal na minha casa, só para variar?

Ela deixou que ele a beijasse, mas depois que Jack saiu foi esbravejar com o pai.



KATE WHITNEY PAROU O carro no estacionamento do seu prédio. O saco de compras batia em uma de suas pernas e a pasta abarrotada de documentos batia na outra enquanto ela subia correndo os quatro lances de escada. Os prédios naquela faixa de preço tinham elevadores, só que do tipo que não funciona com regularidade.

Ela trocou de roupa depressa, vestindo-se para correr, verificou as mensagens e tornou a sair. Andou-se em frente à estátua de Ulysses Grant e começou a corrida.

Seguiu para oeste, passou pelo Museu Aeroespacial e depois pelo Smithsonian, que, com suas torres e ameias e seu estilo arquitetônico italiano do século XII, mais parecia a casa de um cientista maluco do que qualquer outra coisa. Com passadas tranquilas e metódicas, cruzou o National Mall no seu ponto mais largo e deu duas voltas no Monumento a Washington.

Sua respiração estava um pouco mais acelerada e o suor começava a passar pela camiseta e a manchar o moletom da Faculdade de Direito de Georgetown. À medida que avançava pela margem da Tidal Basin, o lago das cerejeiras, a multidão aumentava. O início do outono trouxera pessoas de todo o país, na esperança de se livrarem dos turistas e do calor de Washington no verão.

Ao desviar de uma criança, acabou colidindo com outro corredor. Os dois caíram engalfinhados.

– Droga! – reclamou o homem, rolando para o lado depressa e pondo-se de pé num pulo.

Ela já começava a se levantar quando olhou para ele, pronta para pedir desculpas, e então voltou a se sentar de forma brusca. Passou-se um longo momento. Turistas andavam em torno deles com suas câmeras fotográficas.

– Oi, Kate.

Jack estendeu a mão e a ajudou a ir para debaixo de uma das cerejeiras agora sem folhas que rodeavam a Tidal Basin. Do outro lado do lago, ficava o Jefferson Memorial, a silhueta alta do terceiro presidente do país claramente visível no interior da rotunda.

O tornozelo de Kate estava inchando. Ela tirou o tênis e a meia e o esfregou.

– Achei que você não tivesse mais tempo para correr, Jack.

Ela o examinou: não tinha entradas no cabelo, rugas nem barriga. O tempo não tinha passado para Jack Graham. Kate teve que admitir que ele estava ótimo. Ela, por sua vez, estava um desastre completo.

Amaldiçoou-se em silêncio por não ter cortado o cabelo e depois amaldiçoou-se de novo por pensar aquilo. Uma gota de suor escorreu pelo seu nariz e ela a limpou com um gesto irritado.

– Eu estava pensando o mesmo a seu respeito. Achei que não deixassem promotores irem para casa antes da meia-noite. Relaxando?

– É.

Ela esfregou o tornozelo, que estava doendo muito. Ele notou que ela sentia dor, abaixou-se e tomou o pé dela em suas mãos. Kate deu um passo para trás. Jack olhou para ela.

– Lembro que eu costumava fazer isso e você era a minha melhor e única cliente. Nunca vi uma mulher com tornozelos tão frágeis, quando todo o resto parece tão saudável.

Ela relaxou, deixou que Jack massageasse seu tornozelo e seu pé e logo percebeu que ele não havia perdido o jeito. Será que tinha falado sério sobre ela parecer saudável? Ela franziu as sobrancelhas. Afinal, tinha terminado com ele. E com toda a razão. Ou não?

– Fiquei sabendo da Patton, Shaw & Lord. Parabéns.

– Ah, isso não foi nada. Qualquer advogado com um negócio que valesse milhões conseguiria a mesma coisa. – Ele deu um sorriso.

– É. Também li sobre seu noivado no jornal. Parabéns de novo.

Dessa vez ele não sorriu. Ela se perguntou por quê.

Sem dizer nada, ele calçou a meia e o tênis nela. Depois a encarou.

– Você não vai poder correr por um ou dois dias. Está bem inchado. Meu carro está aqui perto, levo você em casa.

– Eu pego um táxi.

– Você confia mais num taxista do que em mim? – Ele fingiu estar ofendido. – Além do mais, não estou vendo nenhum bolso. Vai tentar negociar uma corrida de graça? Boa sorte.

Ela baixou os olhos para seu short. Jack sorriu diante do dilema de Kate. Ela apertou os lábios e passou a língua por eles. Um hábito do qual ele se lembrava. Embora não a visse fazer aquilo havia anos, de repente era como se nunca tivessem se afastado.

Jack se levantou.

– Eu até lhe emprestaria o dinheiro, mas estou igualmente desprevenido.

Ela também se levantou, apoiou-se no ombro dele e testou o tornozelo.

– E eu que achei que as empresas privadas pagassem bem.

– Até pagam, mas nunca fui bom em controlar o dinheiro. Você sabe disso.

Era verdade. Ela sempre tinha sido a responsável pelo controle financeiro. Não que houvesse muito dinheiro a controlar naquele tempo.

Ele a segurou por um dos braços enquanto ela ia mancando até o carro, uma caminhonete Subaru de dez anos de uso. Kate olhou assombrada para o velho automóvel.

– Você não se livrou dessa coisa?

– Ei, ele ainda vai rodar muitos quilômetros. Além do mais, tem muita história. Está vendo aquela mancha ali? Seu sorvete com calda de caramelo, em 1986, na noite anterior à minha prova final de impostos. Você não conseguia dormir e eu não aguentava mais estudar. Lembra? Você entrou muito rápido naquela curva.

– Você tem um caso grave de memória seletiva. Pelo que eu me lembro, você derramou milk-shake nas minhas costas porque eu estava reclamando do calor.

– Ah, isso também.

Os dois entraram no carro rindo.

Ela examinou a mancha e deu uma olhada no interior do veículo. As recordações vieram em grandes ondas. Virou-se para o banco de trás e arqueou as sobrancelhas. Se aquele banco falasse... Quando se voltou para a frente, percebeu que Jack a encarava e sentiu-se corar.

Pegaram um tráfego leve e seguiram para leste. Kate estava nervosa, mas não desconfortável, como se houvessem voltado quatro anos no tempo e tivessem pegado o carro para ir comprar jornal ou tomar café da manhã no Corner, em Charlottesville, ou num dos vários cafés de Capitol Hill. Mas aquilo tinha sido anos antes, teve que lembrar a si mesma. O presente era

muito diferente. Ela abriu um pouco a janela.

Jack mantinha um olho no trânsito e outro nela. Aquele encontro não tinha sido casual. Ela corria aquele mesmo trajeto no National Mall desde que tinham se mudado para o pequeno apartamento sem elevador na região sudeste de Washington, perto do Eastern Market.

Naquela manhã Jack acordou com um desespero que não sentia havia quatro anos, desde que Kate o deixara e, depois de uma semana, ele enfim percebera que ela não ia voltar. Agora, com a proximidade de seu casamento, havida decidido que tinha que dar um jeito de vê-la. Não queria nem podia deixar aquela luz se apagar. Ainda não. Era provável que ele fosse o único a acreditar que ainda restava alguma esperança. E, embora não tivesse tido coragem de deixar um recado na secretária eletrônica dela, achou que, se esse fosse seu destino, a encontraria ali no Mall, em meio a todas aquelas pessoas. E se contentara com isso.

Até esbarrar nela, ele já havia corrido por uma hora, esquadrinhando a multidão à procura do rosto da foto em seu porta-retratos. Jack a avistara cerca de cinco minutos antes do encontro brusco. Se seus batimentos cardíacos ainda não estavam no máximo de sua capacidade por causa do exercício, com certeza atingiram essa marca ao vê-la correndo sem esforço. Não era sua intenção fazer com que ela torcesse o tornozelo, mas a verdade é que era por isso que ela estava em seu carro, era essa a razão para ele a estar levando para casa.

Kate puxou o cabelo para trás e o prendeu num rabo de cavalo, usando um elástico que tinha no pulso.

- E então, como vai o trabalho?
- Bem. – Ele não queria falar sobre isso. – Como vai seu pai?
- Você deve saber melhor que eu. – Ela não queria falar sobre ele.
- Não o vejo desde...
- Sorte sua – disparou ela, e em seguida ficou em silêncio.

Jack balançou a cabeça ante sua estupidez em mencionar Luther. Tinha esperança de que pai e filha houvessem se reconciliado depois de tantos anos. É óbvio que isso não tinha acontecido.

- Ouço falar muito bem de você na Promotoria Pública – disse ele.
- Certo.
- Estou falando sério.
- Desde quando você fala sério?
- Todo mundo cresce, Kate.
- Menos Jack Graham. Ele não, pelo amor de Deus.

Ele virou à direita na Constitution e seguiu em direção à Union Station. Então se deteve. Sabia para onde ir, mas queria que ela percebesse isso.

- Estou meio perdido, Kate. Para onde vou?
  - Desculpe. Contorne o Capitólio, siga para Maryland e pegue à esquerda na rua 3.
  - Gosta desta área?
  - Para o meu salário, está bom. Você provavelmente está morando em Georgetown, certo?
- Numa daquelas casas enormes com quarto de empregada e tudo, não é?

Ele deu de ombros.

- Não me mudei. Ainda moro no mesmo lugar.

Kate olhou para ele espantada.

- Jack, o que você faz de todo seu dinheiro?
- Compro o que quero. Só que não quero muito. – Ele a encarou. – Ei, que tal um sorvete com calda de caramelo?
- Eu bem que procurei, mas não encontrei nenhum por aqui.
- Ele fez um retorno, forçou um sorriso para os motoristas que buzinaavam atrás dele e acelerou.
- Aparentemente, advogada, não se esforçou o bastante.



Trinta minutos mais tarde, ele estacionava na garagem de Kate. Deu a volta no carro para ajudá-la a saltar. O tornozelo tinha piorado. O sorvete já estava no fim.

- Eu ajudo você.
- Não precisa.
- Machuquei seu tornozelo. Deixe eu me livrar de um pouco da culpa.
- Fui eu que me machuquei, Jack.

Aquele tom de voz lhe era familiar, mesmo após quatro anos. Ele deu um sorriso sem graça e recuou. Observou enquanto ela subia lentamente os degraus da portaria. Ele já estava entrando no carro quando ela se virou.

– Jack? – chamou. Ele levantou os olhos. – Obrigada pelo sorvete – disse ela, e então entrou no prédio.

Ao sair, Jack não viu o homem de pé junto às árvores na entrada da garagem.

Luther saiu da sombra das árvores e olhou para o edifício.

Sua aparência havia mudado drasticamente nos dois últimos dias. A barba crescia depressa, o que era uma sorte. Cortara o cabelo bem curto e usava um chapéu. Óculos escuros escondiam os olhos de brilho intenso e um casacão volumoso disfarçava o corpo magro.

Apenas esperava vê-la uma última vez antes de partir. Ficou surpreso ao ver Jack, mas tudo bem. Gostava dele.

Apertou o casaco em volta do corpo. O vento era cortante e fazia mais frio que o normal para aquela época do ano. Olhou fixamente a janela da filha.

Apartamento 14. Ele o conhecia bem. Até tinha entrado ali algumas vezes, sem o conhecimento da filha, claro. A fechadura comum da porta era moleza para ele. Uma pessoa com a chave levaria mais tempo para abri-la. Sentava-se na poltrona da sala e ficava olhando um monte de coisas, todas cheias de lembranças, algumas boas, mas a maioria decepções.

Às vezes ele apenas fechava os olhos e absorvia os diferentes aromas. Sabia que perfume ela usava – muito pouco e nada marcante. A mobília era grande, sólida e gasta. A geladeira estava sempre vazia. Ele se encolhia ao ver seus poucos itens nada saudáveis. Ela mantinha as coisas arrumadas, mas não perfeitas. A casa passava a impressão de que era habitada.

E Kate recebia muitos recados. Ele ouvia alguns. Aquilo fazia com que ele desejasse que ela tivesse escolhido outro trabalho. Como ele mesmo era um criminoso, sabia bem quantos malucos estavam à solta. Só que era tarde demais para sugerir que sua única filha mudasse de carreira.

Sabia que era estranho ter uma relação daquelas com a filha, mas Luther achava que era tudo o que merecia. Uma imagem de sua mulher veio-lhe à mente. Ela o amara e ficara ao lado dele todos aqueles anos. E o que recebera em troca? Só dor e sofrimento. Quando enfim recuperou o

juízo e se divorciou dele, morreu precocemente. Luther perguntou-se pela centésima vez por que continuara com as atividades criminosas. Certamente não havia sido pelo dinheiro. Sempre levou uma vida simples; grande parte do resultado dos roubos tinha sido doada. Mas a carreira que escolhera tinha deixado sua mulher louca de preocupação e forçara sua filha a se afastar dele. E, pela centésima vez, não soube dizer por que tinha continuado a roubar fortunas bem-protegidas. Talvez fosse apenas para provar que era capaz.

Olhou novamente em torno do apartamento da filha. Ele nunca esteve ao lado dela quando ela precisou, por que ela ficaria ao lado dele? Mas não podia cortar os laços de vez, mesmo que ela tivesse feito isso. Estaria ao lado dela se ela quisesse, mas sabia que isso nunca aconteceria.

Luther desceu a rua depressa e correu para pegar um ônibus que ia para o metrô da Union Station. Sempre foi independente, nunca confiou em ninguém. Era um solitário e gostava disso. Mas agora se sentia muito sozinho e dessa vez esse sentimento não era reconfortante.

Começou a chover e ele ficou olhando pela janela de trás do ônibus, que seguia seu caminho até o grande terminal, que só não tinha fechado por causa de uma grande reforma que abrira um shopping center no local. As gotas da chuva corriam pela superfície lisa do vidro, atrapalhando sua visão. Gostaria de voltar ao prédio da filha, mas era impossível.

Virou-se para a frente, enterrou o chapéu na cabeça, assoou o nariz no lenço. Pegou um jornal largado e deu uma olhada nas manchetes antigas. Perguntou-se quanto tempo levariam para encontrá-la. Quando isso acontecesse, ele com certeza ficaria sabendo. Toda a cidade saberia que Christine Sullivan estava morta. Quando pessoas ricas são assassinadas, a notícia sai nas primeiras páginas. A morte de gente pobre era escondida na seção de notícias da cidade. Christy Sullivan certamente seria primeira página, notícia central.

Largou o jornal no chão e afundou no banco. Tinha que procurar um advogado e depois partiria. O ônibus continuou seu caminho. Luther enfim fechou os olhos, mas não dormiu. Naquele momento, estava sentado na sala da filha e, dessa vez, ela estava lá ao lado dele.

LUTHER SENTOU DIANTE DA pequena mesa da sala de reuniões, mobiliada com extrema simplicidade. As cadeiras e a mesa eram antigas e tinham milhares de arranhões. O tapete era igualmente velho e meio encardido. A única coisa em cima da mesa além de sua pasta era um porta-cartões. Pegou um e leu: “Serviços Jurídicos S.A.” Aquela não era a melhor agência do ramo. Estavam longe das sedes do poder do centro da capital. Advogados formados em faculdades de terceira classe, sem chances de entrar nas empresas tradicionais, ganhavam a vida com dificuldade, esperando deparar com um golpe de sorte no caminho. Mas seus sonhos de trabalhar em grandes escritórios, com grandes clientes e, acima de tudo, ganhando muito dinheiro desapareciam um pouco a cada ano. Mas Luther não precisava do melhor. Só queria alguém formado em direito e com os formulários certos.

– Está tudo em ordem, Sr. Whitney.

O garoto parecia ter cerca de 25 anos, ainda cheio de esperança e energia. Não passaria a vida inteira ali. Estava claro que ainda acreditava nisso. O rosto cansado, magro e flácido do homem mais velho à sua frente não demonstrava a mesma esperança.

– Este é Jerry Burns, nosso gerente, que será a outra testemunha. Como temos testemunhas juramentadas, não será preciso ir à corte validar seu testamento.

Uma mulher austera de 40 e tantos anos apareceu trazendo uma caneta e o selo de notário.

– Sr. Whitney, esta é Phyllis, nossa notária. – Todos se sentaram. – Gostaria que eu lesse o testamento em voz alta?

Jerry Burns parecia mortalmente entediado, o olhar perdido no espaço, sonhando com todos os outros lugares em que gostaria de estar. Pelo jeito, devia preferir estar limpando estrume de vaca numa fazenda do Meio-Oeste. Lançou um olhar de desdém ao colega mais jovem.

– Eu já li – respondeu Luther.

– Ótimo – disse Jerry Burns. – Então por que não começamos logo?

Quinze minutos depois Luther saiu da Serviços Jurídicos S.A. com duas vias originais do seu testamento enfiadas no bolso do casaco.

Malditos advogados, não se pode nem morrer sem eles. São os advogados que fazem todas as leis. Têm todas as pessoas sob seu poder. Mas Luther se lembrou de Jack e sorriu. Jack era diferente. Em seguida lembrou-se da filha e seu sorriso desapareceu. Kate também não era assim. Só que ela o odiava.

Parou numa loja de fotografias e comprou uma câmera Polaroid One Step e um pacote de filmes. Não permitiria que outra pessoa revelasse as fotos que ia tirar. Voltou ao hotel e uma hora mais tarde tinha feito dez fotos. Embrulhou-as e as colocou numa pasta bem no fundo da mochila.

Depois se sentou na cama e ficou olhando pela janela. Já havia se passado quase uma hora quando ele enfim se mexeu, deslizando até deitar. Era um homem durão. Mas não indiferente a ponto de não tremer diante da morte e não se horrorizar ao ver assassinar alguém que deveria viver muito mais tempo. E, ainda por cima, o presidente dos Estados Unidos estava envolvido no caso. Um homem a quem Luther respeitava, em quem votara. O ocupante do mais alto cargo

do país quase matara uma mulher com as próprias mãos, bêbado. Luther não poderia ter ficado mais enojado e chocado nem se tivesse visto seu parente mais próximo matar alguém a pauladas. Era como se ele próprio houvesse sido invadido, como se aquelas mãos assassinas tivessem apertado seu pescoço.

No entanto, uma outra coisa o agoniava, algo que não era capaz de enfrentar. Ele enfiou a cara no travesseiro e fechou os olhos, numa tentativa inútil de dormir.



– É maravilhosa, Jenn.

Jack olhava para a mansão de pedra e tijolos com mais de sessenta metros de fachada e mais quartos que um dormitório escolar e se perguntava o que eles estavam fazendo ali. A sinuosa entrada de automóveis terminava numa garagem para quatro carros nos fundos da casa imponente. Os gramados eram tão perfeitamente aparados que Jack tinha a impressão de estar diante de uma enorme piscina de jade. Nos fundos, o terreno tinha sido dividido em três níveis, cada um com sua própria piscina. Havia ali as instalações características dos muito ricos: quadras de tênis, estábulos e oito hectares – um verdadeiro latifúndio para os padrões da região norte da Virgínia – para passear.

A corretora esperava na porta da frente, seu Mercedes último modelo estacionado ao lado da grande fonte de pedra coberta de enormes rosas esculpidas em granito. Sua comissão estava sendo calculada e recalculada. Eles não formavam um casal fantástico? Ela repetira tanto isso que as temporadas de Jack chegavam a latejar.

Jennifer Baldwin pegou o braço do noivo e, depois de duas horas, terminaram de ver a casa. Jack foi até a beira do imenso gramado e admirou o bosque denso, onde olmos, abetos, bordos, pinheiros e carvalhos tentavam sobressair uns aos outros. As folhas começavam a mudar de cor e Jack viu os primeiros tons de vermelho, amarelo e laranja diante da propriedade que estavam pensando em comprar.

– Quanto custa? – ele achou que tinha o direito de perguntar.

Sabia que aquilo estaria acima do limite deles. Do seu, pelo menos. Tinha que admitir que a localização era conveniente. A apenas 45 minutos do escritório, na hora do rush. Mas não podiam pagar pela casa. Olhou para a noiva, esperando a resposta.

Ela mexeu no cabelo, parecendo nervosa.

– Três milhões e oitocentos – disse.

Jack perdeu a cor.

– Três milhões e oitocentos mil dólares?

– Jack, vale três vezes isso.

– Então por que estão pedindo três milhões e oitocentos? Não podemos pagar isso, Jenn. Esqueça.

Ela revirou os olhos em resposta. Fez um sinal confiante à corretora, que se sentou no carro e começou a preencher o contrato.

– Jenn, eu ganho 120 mil por ano. Você também ganha por volta disso, talvez um pouco mais.

– Quando você virar sócio...

– Certo. Meu salário vai subir, mas não o suficiente para isso. Não poderemos pagar a hipoteca. Achei que fôssemos nos mudar para sua casa.

– Minha casa não serve para um casal.

– Não serve? Mas é um palácio.

Ele foi se sentar num banco de jardim pintado de verde.

Ela postou-se na frente dele, de braços cruzados e olhar determinado. Começava a perder o bronzeado do verão. Usava um chapéu fedora marrom sobre os cabelos na altura dos ombros. A calça tinha um corte perfeito que valorizava sua silhueta esguia. Botas de couro lustroso sumiam debaixo das pernas da calça.

– Não teremos que pagar hipoteca, Jack.

Ele ergueu os olhos para ela.

– É mesmo? O que então? Eles vão nos dar a casa por formarmos um casal fantástico?

Ela hesitou, mas acabou contando:

– Meu pai vai pagar a casa à vista e nós iremos pagar a ele.

Jack já esperava por isso.

– E como vamos conseguir pagar a ele, Jenn?

– Ele fez uma proposta muito boa, que leva em conta expectativas de lucros futuros. Pelo amor de Deus, Jack, eu poderia pagar esta casa com os juros de um dos meus fundos, mas sabia que você seria contra. – Ela se sentou ao lado dele. – Achei que você se sentiria melhor se ele nos emprestasse o dinheiro. Sei o que pensa sobre a fortuna Baldwin. Nós *vamos* pagar a meu pai. Não é um presente. É um empréstimo *com juros*. Vou vender minha casa, e isso deve render uns oitocentos mil. Você vai ter que entrar com algum dinheiro também. – Ela cutucou o peito dele de um jeito bem-humorado, como se quisesse fazer seus argumentos entrarem ali. Depois olhou mais uma vez para a casa. – Não é linda, Jack? Seremos tão felizes aqui. Nascemos para morar aqui.

Embora olhasse para a fachada da mansão, Jack não a via realmente. Só conseguia enxergar Kate Whitney em cada janela da construção de pedra.

Jennifer recostou-se nele e apertou seu braço. A dor de cabeça de Jack se transformou em pânico. Sua mente se recusava a funcionar. Sentiu a garganta seca e as pernas bambas. Delicadamente, fez a noiva soltar seu braço, se levantou e caminhou em silêncio até o carro.

Jennifer deixou-se ficar sentada por alguns instantes. Seu rosto denunciava muitas emoções, mas a principal delas era a incredulidade. Depois se levantou e foi atrás dele, furiosa.

Sentada no Mercedes, a corretora, que os observava conversar atentamente, parou de escrever o contrato e contraiu a boca em sinal de desgosto.



Luther saiu bem cedo do pequeno hotel escondido num bairro residencial na parte noroeste de Washington. Pegou um táxi para ir até a estação Metro Center e, com o pretexto de ver alguns pontos turísticos da cidade, pediu ao motorista que fizesse um trajeto longo. O taxista não ficou surpreso e seguiu o mesmo caminho que repetiria milhares de vezes até que a estação turística terminasse, se é que isso algum dia ia acontecer.

Ameaçava chover, mas nunca se podia ter certeza. Luther ergueu os olhos para o céu escuro,



que o sol que acabara de nascer ainda não conseguia iluminar.

Será que ainda estaria vivo dali a seis meses? Talvez não. Era possível que o encontrassem, apesar de suas precauções. Mas pretendia aproveitar o tempo que lhe restava.

Foi de metrô até o Aeroporto Nacional de Washington, onde tomou o ônibus até o terminal principal. Já havia despachado sua bagagem para o voo da American Airlines que o levaria a Dallas/Fort Worth, onde faria a conexão para Miami. Passaria a noite lá e depois pegaria outro avião até Porto Rico, de onde um último voo o levaria a Barbados. Tudo tinha sido pago em dinheiro. O passaporte o identificava como Arthur Lanis, 65 anos, nascido em Michigan. Luther tinha meia dúzia de documentos como aquele, todos feitos por profissionais, com aparência oficial e absolutamente falsos. O passaporte era válido por mais oito anos e comprovava que ele era um homem bastante viajado.

Acomodou-se na área de espera e fingiu ler um jornal. O lugar estava cheio e barulhento, um dia útil típico no movimentado aeroporto. De vez em quando, tirava os olhos do jornal, para ver se alguém estava prestando mais atenção nele do que o normal, mas não percebeu nada. E tinha experiência suficiente para notar se houvesse algo com que se preocupar. Seu voo foi anunciado. Ele apresentou o cartão de embarque e desceu a rampa com dificuldade até a aeronave que em três horas o deixaria no coração do Texas.

O voo da American para Dallas/Fort Worth era muito requisitado, mas, surpreendentemente, havia um lugar vazio ao lado dele. Tirou o casaco e o estendeu na poltrona vazia, num desafio a quem pensasse em sentar ali. Por fim se acomodou e olhou pela janela.

Enquanto taxiavam rumo à pista de decolagem, conseguiu ver a ponta do Monumento a Washington acima da densa névoa da manhã fria e úmida. A menos de um quilômetro e meio dali, sua filha acordaria em pouco tempo para ir trabalhar, enquanto ele decolaria para uma nova vida antes do planejado – e não muito bem-resolvido.

Quando o avião levantou voo, Luther olhou para baixo e ficou observando as curvas do Potomac até o rio ficar para trás. Por um instante seus pensamentos passaram para a esposa morta havia tanto tempo e depois voltaram para a filha tão cheia de vida.

Levantou os olhos para o rosto amável e competente da comissária de bordo, pediu café e pegou a bandeja com o desjejum simples. Tomou a bebida fumegante e em seguida tocou o vidro da janela, que tinha arranhões e riscos estranhos. Ao limpar os óculos, percebeu que as lágrimas escorriam livremente. Deu uma rápida olhada à sua volta; a maioria dos passageiros estava terminando de comer ou tinha se recostado para uma curta soneca antes do pouso.

Fechou a bandeja nas costas do banco diante dele, desafivelou o cinto de segurança e foi ao banheiro. Viu seu reflexo no espelho. Tinha os olhos inchados e vermelhos. As bolsas abaixo deles pareciam maiores. Ele havia envelhecido visivelmente nas últimas 36 horas.

Jogou água no rosto e esfregou os olhos doloridos. Encostou-se na pia minúscula, tentando controlar os músculos que se contraíam.

A despeito de toda a força de vontade, sua mente voltou para aquele quarto onde vira uma mulher ser cruelmente espancada. O presidente dos Estados Unidos era um bêbado, adúltero e agressor de mulheres. Sorria para a imprensa, beijava criancinhas, flertava com velhinhas encantadas, tinha encontros importantes e voava pelo mundo como líder de seu país. Mas no fundo era um filho da puta que transava com mulheres casadas, depois as espancava e fazia com

que fossem mortas.

Era mais informação do que uma pessoa deveria ter.

Luther se sentiu muito sozinho. E furioso.

E o pior era que o canalha sairia incólume.

Luther repetia a si mesmo que, se fosse trinta anos mais jovem, enfrentaria aquela batalha. Mas não era. Seus nervos ainda eram mais fortes do que os de muita gente, mas, como as pedras do leito de um rio, tinham se gastado com o passar do tempo e já não eram como antigamente. Na sua idade, era melhor deixar que os outros travassem as batalhas. Sua hora finalmente tinha chegado. Não estava à altura do problema. Até mesmo ele tinha que entender e aceitar essa realidade.

Luther se olhou no pequeno espelho de novo. Um soluço se formou em sua garganta e, quando ele o soltou, o som encheu o banheiro.

Mas nenhuma desculpa justificaria o que ele não tinha feito. Não abria a porta espelhada. Não tirara aquele homem de cima de Christine Sullivan. A verdade pura e simples é que poderia ter evitado a morte dela. Se tivesse agido, ela ainda estaria viva. Luther trocara sua liberdade, talvez sua própria vida, pela vida de outra pessoa. Alguém que precisava de sua ajuda, que lutava para viver enquanto ele apenas assistia. Um ser humano que mal vivera um terço dos anos de Luther. Ele fora covarde, e isso o esmagava, ameaçando explodir cada órgão do seu corpo.

Debruçou-se sobre a pia quando as pernas começaram a falhar. Ficou grato por isso. Não conseguia mais olhar seu reflexo. Uma turbulência sacudiu o avião e ele se sentiu nauseado.

Passaram-se alguns minutos e então ele molhou uma toalha de papel na água fria e a esfregou no rosto e na nuca. Finalmente conseguiu voltar para seu assento. O avião prosseguia ruidosamente, e a culpa dele crescia a cada quilômetro.



O telefone estava tocando. Kate olhou para o relógio. Onze horas. Normalmente filtraria as ligações, mas por algum motivo passou a mão no telefone depressa e atendeu antes da secretária eletrônica.

– Alô.

– Por que não está no trabalho?

– Jack?

– Como está o tornozelo?

– Sabe que horas são?

– Só estou querendo saber da minha paciente. Os médicos nunca dormem.

– Sua paciente está bem. Obrigada pela preocupação. – Ela sorriu contra a vontade.

– Sorvete com calda de caramelo, minha prescrição nunca falha.

– Então quer dizer que houve outras pacientes?

– Meu advogado me aconselhou a não responder a essa pergunta.

– Sábio conselho.

Jack podia imaginá-la sentada, enrolando as pontas do cabelo no dedo, como fazia quando estudavam juntos – ele às voltas com a legislação reguladora de seguros, ela com francês.

– Seu cabelo vira sozinho nas pontas. Não precisa ajudar.

Ela tirou o dedo, sorriu e franziu a testa. O que ele dissera resgatou muitas lembranças, nem todas boas.

– É tarde, Jack. Tenho que ir ao tribunal amanhã.

Ele se levantou e começou a andar de um lado para outro com o telefone sem fio, pensando depressa. Qualquer coisa para mantê-la na linha por mais alguns segundos. Sentiu-se culpado, como se a estivesse espreitando. Deu uma olhada involuntária por cima do ombro. Não havia ninguém, pelo menos que ele conseguisse ver.

– Desculpe por ter ligado tão tarde.

– Tudo bem.

– Desculpe também por ter machucado seu tornozelo.

– Você já tinha se desculpado por isso.

– É. Bem, como você vai? Quero dizer, fora o tornozelo?

– Jack, eu realmente preciso dormir um pouco.

Ele já esperava que ela fosse dizer aquilo.

– Muito bem, pode me contar durante o almoço.

– Já falei que tenho que ir ao tribunal.

– Depois disso.

– Jack, não sei se é uma boa ideia. Na verdade, tenho certeza de que é uma péssima ideia.

Ele se perguntou o que ela queria dizer com aquilo. Sempre tivera o mau hábito de querer ler os pensamentos dela.

– Puxa, Kate, é só um almoço. Não estou pedindo sua mão em casamento. – Ele riu, mas sabia que havia estragado tudo.

Kate não estava mais mexendo no cabelo. Ela se levantou e ajeitou o decote da camisola. Sua imagem apareceu no espelho do corredor. Tinha a testa franzida, com linhas bastante pronunciadas.

– Desculpe – ele apressou-se em dizer. – Sinto muito, não foi isso que eu quis dizer. Olha, é por minha conta. Tenho que gastar todo aquele dinheiro com alguma coisa.

Ela continuou em silêncio. Na verdade, ele nem sabia se ela ainda estava na linha.

Passara as duas últimas horas ensaiando aquela conversa – todas as perguntas, as possíveis respostas e suas variações. Ele se mostraria afável; ela, compreensiva. Concordariam com tudo. Até ali, nada tinha saído como Jack planejava. Resolveu adotar o plano alternativo: implorar.

– Por favor, Kate. Eu realmente gostaria de conversar com você. Por favor.

Ela voltou a se sentar, cruzando as pernas, e massageou os dedos compridos dos pés. Respirou fundo. Não havia mudado tanto ao longo dos anos quanto tinha imaginado. Isso era bom ou ruim? Naquele exato momento não respondeu a essa pergunta.

– Quando e onde?

– No Morton's?

– Para o almoço?

Ele podia imaginar o rosto incrédulo de Kate ao pensar naquele restaurante tão caro, perguntando-se em que tipo de mundo ele vivia.

– Tudo bem. Então, que tal a delicatessen em Old Town, perto do Founder's Park? Perto de duas horas está bom? A multidão da hora do almoço já terá ido embora.

– Melhor. Mas não posso garantir. Se não puder ir, aviso.

Ele expirou lentamente.

– Obrigado, Kate.

Desligou o telefone e desabou no sofá. Agora que seu plano tinha dado certo, perguntou-se o que estava fazendo. O que ele diria? E ela? Jack não queria brigar. Não tinha mentido, realmente só queria vê-la e conversar com ela. Só isso. Era o que repetia a si mesmo sem parar.

Foi ao banheiro e molhou a cabeça com a água fria da pia. Depois foi pegar uma cerveja e subiu ao terraço com piscina, onde ficou sentado no escuro, observando os aviões que passavam sobre o Potomac para aterrissar no Aeroporto Nacional. As luzes vermelhas do Monumento a Washington piscavam reconfortantemente para ele. Oito andares abaixo, as ruas estavam silenciosas, exceto por uma ou outra sirene de polícia ou de ambulância.

Jack olhou para a superfície lisa da piscina e mergulhou o pé na água fria, provocando ondulações. Tomou a cerveja, desceu e caiu no sono numa poltrona da sala, com a TV ligada. Não ouviu o telefone tocar. Não deixaram mensagem. A 1.500 quilômetros dali, Luther desligou e fumou seu primeiro cigarro em mais de trinta anos.



O caminhão da FedEx seguia lentamente pela estrada isolada na região rural. O motorista examinava as caixas de correio enferrujadas e tortas à procura do endereço certo. Nunca tinha feito uma entrega ali. O caminhão parecia ir de buraco em buraco na estrada estreita.

Parou na entrada de carros da última casa e já ia retornar quando, por acaso, deu uma última olhada e viu o endereço num pedacinho de madeira ao lado da porta. Balançou a cabeça e sorriu. Às vezes era apenas uma questão de sorte.

A casa era pequena e não muito bem-conservada. Os toldos de alumínio que cobriam as janelas, populares cerca de vinte anos antes de o motorista ter nascido, estavam castigados pelo tempo, arriados, como se estivessem exaustos e só quisessem descansar.

A senhora idosa que atendeu à porta estava com um vestido florido simples e tinha um suéter grosso sobre os ombros. Os tornozelos grossos e vermelhos denunciavam a má circulação e provavelmente várias outras enfermidades. Ela pareceu surpresa com a encomenda, mas assinou prontamente o recibo.

O motorista deu uma olhada na assinatura: Edwina Broome. Em seguida entrou no caminhão e foi embora. Ela esperou que ele se afastasse antes de fechar a porta.



O walkie-talkie estalou.

Havia sete anos que Fred Barnes fazia aquele serviço: circular pelos bairros ricos, ver as grandes casas, as gramadas bem-aparadas e, de vez em quando, um automóvel caríssimo com seus ocupantes parecendo manequins, descendo a pista de asfalto perfeito e passando pelos portões imponentes. Nunca entrara em nenhuma daquelas casas que era pago para vigiar e esperava que isso nunca acontecesse.

Ergueu os olhos para a estrutura imponente. Calculou que devia valer de quatro a cinco

milhões de dólares. Mais dinheiro do que poderia ganhar em cinco vidas. Às vezes não parecia justo.

Daria uma volta na casa. Não sabia exatamente o que estava acontecendo. Só que o proprietário tinha ligado e pedido que a vigilância fosse fazer uma verificação.

O ar frio no rosto fez Barnes desejar uma xícara de café quente e uma rosquinha, e depois oito horas de sono, até que tivesse que voltar a sair em seu Saturn para mais uma noite protegendo as propriedades dos ricos. O salário não era de todo mau, mas não tinha nenhum benefício. Sua mulher também trabalhava em tempo integral e, mesmo somados, seus rendimentos mal davam para sustentar os três filhos. A vida era dura para todo mundo. Ele viu a garagem de quatro carros nos fundos, a piscina e as quadras de tênis. Bem, nem para todo mundo.

Ao virar a esquina, viu a corda pendurada e as ideias do café com rosquinha desapareceram. Agachou-se e levou a mão ao coldre depressa. Pegou o walkie-talkie e relatou o que via. Sua voz falhava de um jeito constrangedor. A polícia de verdade chegaria em minutos. Podia esperar ou investigar por si mesmo. Por oito dólares a hora, decidiu ficar onde estava.

Seu supervisor foi o primeiro a chegar, na caminhonete branca com a logomarca da empresa de segurança na lateral. Trinta segundos depois, a primeira das cinco radiopatrulhas encostou na entrada de carros, seguida pelas demais, formando um trem na frente da casa.

Dois policiais examinaram a janela. Provavelmente os ladrões já teriam fugido muito antes, mas, naquele ramo, era um perigo fazer suposições.

Outros dois ficaram cobrindo os fundos da casa, enquanto quatro foram para a frente. Trabalhando em pares, entraram. A porta estava destrancada e o alarme, desligado. Depois que estavam satisfeitos com a vistoria do andar de baixo, subiram cautelosamente a larga escadaria, olhos e ouvidos atentos a quaisquer sinais de som ou movimento.

Quando chegaram ao segundo andar, as narinas do sargento no comando lhe disseram que aquilo não seria um roubo de rotina.

Quatro minutos depois, eles estavam reunidos em torno do que até pouco tempo tinha sido uma mulher jovem e bonita. Todos perderam a cor saudável e ficaram pálidos.

O sargento, que tinha 50 e tantos anos e era pai de três filhos, olhou para a janela aberta. Graças a Deus, pensou. Mesmo com o ar frio lá fora, ali dentro estava muito abafado. Olhou mais uma vez para o cadáver, foi até a janela em passadas rápidas e inspirou profundamente o ar fresco.

Ele tinha uma filha mais ou menos daquela idade. Por um momento imaginou-a ali no chão, a vida brutalmente ceifada. Aquele caso estava fora da sua área de atuação, mas ele tinha um desejo: gostaria de estar lá quando a pessoa que cometeu aquela atrocidade fosse apanhada.

SETH FRANK MASTIGAVA UM pedaço de torrada e tentava prender o cabelo de sua filha de 6 anos que ia para a escola, quando o telefone tocou. Com um único olhar a mulher lhe disse que terminaria de ajeitar o cabelo da menina. Ele atendeu o telefone e, ao mesmo tempo que dava o nó na gravata, ouviu as informações que o despachante passava em tom calmo e eficiente. Dois minutos depois, entrou no carro. A lâmpada redonda da polícia estava presa no teto do Ford fornecido pelo departamento, com as luzes azul-claras piscando ameaçadoramente enquanto ele seguia pelas ruas quase desertas.

O corpo alto e largo de Frank começava a ficar flácido, e seu cabelo preto ondulado já tinha sido mais farto. Aos 41 anos, pai de três filhas que a cada dia ficavam mais complicadas, ele havia se dado conta de que nem tudo na vida fazia sentido. Mas ainda era um homem feliz. A vida não o nocauteara. Ainda. Frank trabalhava como agente da lei havia tempo suficiente para saber que isso podia mudar de uma hora para outra.

Enfiou um chiclete na boca e o mascou lentamente enquanto fileiras compactas de pinheiros passavam pela janela. Começara a carreira de policial numa das piores áreas de Nova York, em que a expressão “o valor da vida” não passava de um paradoxo e onde ele vira praticamente todas as maneiras possíveis de se cometer assassinato. Acabara sendo promovido a detetive, o que deixou sua mulher muito satisfeita. Pelo menos chegava na cena do crime depois de os bandidos terem ido embora. Ela passou a dormir melhor, sabendo que o tão temido telefonema que poderia destruir sua vida provavelmente não chegaria. O que era o máximo que podia esperar estando casada com um policial.

Por fim Frank fora transferido para a divisão de homicídios, o que podia ser considerado o desafio máximo em sua profissão. Depois de alguns anos, concluíra que gostava de seu trabalho, mas não do volume de sete mortes por dia. Por isso resolvera se mudar para o Sul, na Virgínia.

Ele era o detetive-chefe de homicídios de Middleton – o que soava muito melhor que a verdade: ele era o único detetive de homicídios do condado. Mas o trabalho nos confins pacatos daquela região rural não exigia muito dele. Os níveis da renda per capita ali eram fora de série. Havia crimes, mas não muita emoção, basicamente cônjuges se matando ou filhos acabando com os pais a fim de pôr as mãos na herança. Nesses casos os assassinos eram bastante evidentes e o trabalho era muito mais de campo que intelectual. Aquele telefonema do despachante prometia mudar tudo isso.

A estrada serpenteava por uma área coberta de árvores e depois atravessava campos verdes cercados, onde puros-sangues de pernas compridas contemplavam preguiçosamente a manhã. Para além de portões imponentes e de longas e sinuosas entradas para carros, ficavam as residências dos muito afortunados, que na verdade eram muitos em Middleton. Frank percebeu que não conseguiria nenhuma ajuda dos vizinhos naquele caso. Quando entravam em suas fortalezas, eles não viam nem ouviam nada do lado de fora. Sem dúvida era assim que queriam que fosse, privilégio pelo qual pagaram caro.

Quando Frank se aproximou da propriedade dos Sullivan, olhou-se no retrovisor, ajeitou o nó da gravata e umas mechas rebeldes de cabelo. Não tinha afinidade particular com os ricos;

tampouco os desprezava. Eram parte do quebra-cabeça. Um enigma tão distante de um jogo quanto possível. O que levava à parte mais satisfatória do trabalho. Em meio a tantas reviravoltas, pistas falsas e erros crassos, escondia-se algo óbvio: se você matasse outro ser humano, acabaria sendo punido. Em geral Frank não se importava com qual seria a punição. Só fazia questão que alguém fosse a julgamento e, se condenado, recebesse a pena devida. Independentemente de ser rico ou pobre. Seu talento podia estar adormecido, mas os instintos ainda estavam todos lá. No fim das contas, sempre se guiava por eles.

Ao parar o carro ele notou uma pequena colheitadeira trabalhando no campo de milho ao lado, com o operador observando atentamente a atividade da polícia. Os boatos se espalhariam depressa pela área. O operador não tinha como saber que estava destruindo indícios de uma fuga. Tampouco Seth Frank, que saltou do carro, enfiou o paletó e entrou depressa pela porta da frente.



Com as mãos nos bolsos, ele olhou lentamente em torno do quarto, reparando em todos os detalhes do chão, das paredes e do teto; depois virou-se para a porta espelhada e, por fim, para o local onde a vítima permanecera nos últimos dias.

– Tire muitas fotos, Stu, parece que vamos precisar – orientou Seth Frank.

O fotógrafo da unidade criminal deslocava-se pelo cômodo metodicamente, num esforço para capturar todos os aspectos do local, incluindo sua única ocupante. Em seguida filmariam toda a cena do crime, narrando sua descrição. Não era algo aceito num tribunal, mas tinha um valor incalculável para a investigação. Assim como os jogadores de futebol assistem às partidas gravadas, os detetives cada vez mais estudam os vídeos à procura de indícios que apenas são notados no oitavo, décimo ou centésimo exame.

A corda ainda estava amarrada na escrivaninha, pendurada para fora da janela. Tinha sido coberta com pó preto para levantamento de impressões digitais, mas não deveria haver muita coisa ali. As pessoas geralmente usam luvas para descer por uma corda, mesmo que ela tenha nós.

Sam Magruder, encarregado do caso, se aproximou, depois de passar dois minutos debruçado na janela respirando ar fresco. Era um cinquentão, com cabelos vermelhos e um rosto redondo e sem barba. Magruder estava tendo dificuldades para manter o café da manhã no estômago. Um grande ventilador havia sido levado para lá e as janelas estavam escancaradas. Todo o pessoal da unidade criminal usava máscaras, mas o cheiro ainda era opressivo.

Frank deu uma olhada nas anotações de Magruder. Percebeu o tom esverdeado no rosto do oficial e disse:

– Sam, se ficar longe da janela, deixará de sentir o cheiro em cerca de quatro minutos. Você só está piorando as coisas.

– Sei disso, Seth. É o que meu cérebro diz, mas meu nariz não ouve.

– Quando o marido telefonou?

– Esta manhã, às 7h45.

Frank tentou entender os garranchos do colega.

– E onde ele está?

– Barbados.

Frank inclinou a cabeça.

– Há quanto tempo?

– Estamos checando.

– Faça isso.

– Quantos cartões de visita eles deixaram, Laura? – perguntou Frank a sua datiloscopista, Laura Simon.

Ela ergueu os olhos.

– Não estou encontrando muita coisa, Seth.

Frank aproximou-se dela.

– Vamos, Laura, ela deve ter andado pela casa inteira. E o marido? A criada? Tem que haver impressões em toda parte.

– Não estou achando.

– Você está de sacanagem.

Laura, que levava seu trabalho muito a sério e era a melhor datiloscopista com quem Frank já trabalhara, melhor até que os profissionais da polícia de Nova York, assumiu uma expressão de quem pede desculpas. Havia pó de carvão espalhado em todos os lugares e mesmo assim nenhuma impressão digital? Ao contrário da crença popular, muitos criminosos deixam suas impressões na cena do crime. Basta saber onde procurar. Laura Simon sabia e mesmo assim não estava encontrando nada. Com sorte, conseguiriam alguma coisa após a análise no laboratório. Muitas impressões não eram visíveis, não importava de quantos ângulos fossem iluminadas. Você simplesmente polvilha e passa uma fita adesiva em tudo o que imagina que os criminosos possam ter tocado. Talvez tenha sorte.

– Tenho umas coisinhas embaladas para levar para o laboratório. Depois que eu usar a ninidrina e o cianoacrilato, talvez encontre algo para você – disse ela, voltando ao trabalho.

Frank balançou a cabeça. O cianoacrilato provavelmente era o melhor método de expor e levantar impressões. O problema era que o maldito processo levava tempo – algo de que eles não dispunham.

– Vamos, Laura, pelo estado do corpo, os bandidos já tiveram toda a vantagem que podiam ter.

Ela o encarou.

– Tenho outro éster de cianoacrilato que venho querendo experimentar. É mais rápido. Ou posso acelerar o cianoacrilato comum. – Ela sorriu.

O detetive fez uma careta.

– Da última vez que você tentou isso tivemos que evacuar o prédio.

– Eu não disse que era um mundo perfeito, Seth.

Magruder pigarreou.

– Parece que estamos lidando com profissionais.

Seth fez cara feia para o policial encarregado.

– Eles não são profissionais, Sam. São criminosos. Assassinos. Não cursaram uma maldita faculdade para aprender a fazer isso.

– Não, senhor.

– Temos certeza de que é a dona da casa? – indagou Frank.



Magruder apontou a foto no criado-mudo.

– Christine Sullivan. É claro que precisaremos providenciar uma identificação.

– Alguma testemunha?

– Não entre as probabilidades mais óbvias. Ainda não falamos com os vizinho. Vamos fazer isso esta manhã.

Frank fez várias anotações sobre o lugar e o estado do corpo. Depois desenhou um diagrama detalhado, especificando tudo o que havia no quarto. Um bom advogado de defesa é capaz de fazer uma testemunha de acusação despreparada parecer uma marionete. O despreparo significa a liberdade dos culpados.

Ele havia aprendido a única lição sobre isso de que precisaria ainda novato, quando fora o primeiro a chegar numa cena de arrombamento e invasão. Nunca tinha se sentido tão envergonhado e deprimido quanto no momento em que saíra do banco das testemunhas, depois de seu depoimento ter sido esfrangalhado e usado como base para absolver o réu. Se tivesse podido usar sua arma no tribunal naquele dia, haveria menos um advogado no mundo.

Frank cruzou o quarto e foi até o médico-legista, um homem corpulento e de cabelos brancos que suava em bicas apesar do frio que fazia lá fora. Ele estava abaixando a saia do cadáver. Frank se ajoelhou e examinou a mão da morta, pequena, envolta em um saco plástico, e depois seu rosto. As manchas escuras e azuladas indicavam que havia sido espancada. A roupa estava encharcada com seus fluidos corporais. A morte faz os esfíncteres relaxarem quase imediatamente. A combinação dos cheiros não é nada agradável. Por sorte, a infestação de insetos era mínima, apesar de a janela ter ficado aberta. Embora um entomologista pudesse determinar a hora da morte com mais precisão do que um patologista, nenhum detetive gostava da ideia de examinar um corpo humano transformado em bufê de insetos.

– Já chegou a uma hora aproximada? – perguntou Frank ao legista.

– Meu termômetro retal não vai ser muito útil, porque a temperatura do corpo cai muito rápido. De 72 a 84 horas. Terei um número melhor para você depois que a abrir. – O legista se levantou. – Tiros na cabeça – falou, embora ninguém ali tivesse dúvida sobre a causa da morte.

– Notei as marcas no pescoço.

O legista lançou um olhar arguto para Frank e assentiu.

– Eu vi. Ainda não sei o que significam.

– Gostaria muito de um resultado rápido neste caso.

– Você vai ter. Não são muitos os criminosos que agem assim. De modo geral, estabelecem uma prioridade.

O detetive estremeceu ligeiramente ao ouvir aquilo.

O legista olhou para ele.

– Espero que você goste de falar com a imprensa. Eles vão pular em cima disso como um enxame de abelhas.

– Mais como vespas.

O legista deu de ombros.

– Antes você do que eu. Estou velho demais para essa merda. Ela está pronta para ser removida.

O legista terminou de guardar suas coisas e saiu.

Frank levantou a mão da morta e examinou as unhas bem-feitas. Havia diversos cortes em duas cutículas. Era possível que tivesse havido uma briga antes que ela fosse baleada. O corpo estava bastante distendido. O rigor mortis passara havia muito tempo, o que significava que a morte tinha acontecido bem mais de 48 horas antes. Frank suspirou. Aquilo era bom para o assassino e péssimo para a polícia.

Ele ainda se espantava ao ver como a morte mudava uma pessoa. Uma massa inchada, quando apenas alguns dias antes... Se já não tivesse perdido o olfato, não teria conseguido fazer o que estava fazendo. Mas adquirira essa habilidade por ser um detetive especializado em homicídios. Todos os seus clientes estavam mortos.

Frank seguiu cuidadosamente a cabeça do cadáver, virando um lado de cada vez para a luz. Dois pequenos ferimentos de entrada do lado direito, um grande buraco de saída à esquerda, bastante irregular. Estavam diante de uma arma de grosso calibre. Stu já havia tirado fotos dos ferimentos de diversos ângulos, inclusive diretamente de cima. As marcas circulares abrasivas e a ausência de queimaduras na pele levaram Frank à conclusão de que os tiros haviam sido disparados de mais de meio metro de distância.

Ferimentos de contato, com a arma encostada na pele, ou os provocados por disparos de menos de cinco centímetros podem duplicar os tipos de marcas de entrada presentes na vítima. Mas, se fosse o caso, haveria resíduos de pólvora instalados profundamente nos tecidos ao longo da trajetória da bala. A autópsia elucidaria definitivamente essa questão.

Em seguida Frank examinou a contusão no lado esquerdo do queixo. Era difícil de identificar por causa das pústulas que surgem no corpo com o processo de decomposição, mas Frank já vira cadáveres suficientes para saber a diferença. A superfície da pele naquele ponto apresentava uma curiosa mistura de verde, marrom e preto. Um forte golpe causara aquilo. Um homem? Não dava para ter certeza. Ele chamou Stu para fotografar o ferimento com uma escala de cores. Depois pousou a cabeça com a reverência que os mortos merecem, quaisquer que sejam suas condições clínicas.

A autópsia não seria tão respeitosa.

Ele levantou a saia dela devagar. Roupas de baixo intactas. A autópsia responderia à pergunta óbvia.

Frank se deslocou pelo quarto enquanto os agentes da unidade criminal continuavam seu trabalho. Uma coisa boa de se trabalhar num condado rico, embora basicamente rural, era dispor de uma arrecadação de impostos mais do que suficiente para manter uma unidade de cena de crime relativamente pequena mas completa, com tecnologia de ponta e equipamentos que facilitam a prisão dos criminosos.

A vítima caíra sobre seu lado esquerdo, longe da porta. Os joelhos dobrados, o braço esquerdo estendido, o outro sobre o quadril. O rosto estava perpendicular ao lado direito da cama. Ela se encontrava quase em posição fetal. Frank esfregou o nariz. Do princípio ao fim e de volta ao princípio. Ninguém sabe como vai sair deste mundo.

Com a ajuda de Laura ele fez a triangulação da localização do corpo. Quando esticavam a trena para fazer as medições, ela rangia, o que parecia um sacrilégio naquele quarto da morte. Olhou para a porta e para a posição do corpo. Ele e Laura levantaram uma trajetória preliminar dos tiros. Tudo indicava que tinham vindo da porta. Ora, quando um ladrão é pego em flagrante, espera-se

que aconteça justamente o contrário. Ainda assim outro indício confirmava a direção dos tiros.

Frank voltou a se ajoelhar ao lado do corpo. Não havia marcas no carpete que indicassem que ela havia sido arrastada, e as manchas e respingos de sangue sugeriam que fora alvejada no lugar onde caíra. Ele se virou cuidadosamente para o corpo, levantando sua saia mais uma vez. Após a morte o sangue se concentra nas partes inferiores do corpo, uma condição chamada livor mortis. Depois de quatro ou seis horas, o livor mortis permanece inalterado. Por conta disso, movimentações do corpo não mudariam a distribuição do sangue. Tudo indicava que Christine Sullivan morrera ali mesmo.

O padrão dos respingos reforçava a conclusão de que ela estava virada para a cama ao ser baleada. Nesse caso, para o que estaria olhando? Normalmente, uma pessoa prestes a levar um tiro olha na direção do agressor, suplicando pela vida. Frank tinha certeza de que Christine Sullivan era do tipo que teria suplicado. O detetive olhou em volta, para aquele quarto que ostentava riqueza. Ela tinha muito pelo que viver.

Ele examinou cuidadosamente o carpete, o rosto a poucos centímetros do chão. Havia uma irregularidade nos respingos de sangue, como se algo estivesse na frente ou do lado dela. Isso poderia acabar se revelando importante. Muita coisa já fora escrita sobre os padrões de respingos de sangue. Frank respeitava a utilidade do material, mas tentava não ler muito sobre o assunto. Mesmo assim, se alguma coisa tinha protegido o carpete do sangue, ele ia querer saber o que era. Outro detalhe intrigante era a ausência de sangue no vestido. Ia registrar isso; também podia significar alguma coisa.

Laura abriu seu kit de estupro e, com a ajuda de Frank, passou algodão na vagina da morta. Em seguida pentearam seu cabelo e seus pelos púbicos, mas não encontraram nenhuma substância estranha. Depois puseram a roupa da vítima num saco.

Frank examinou o corpo detidamente. Olhou para Laura. Ela leu seus pensamentos.

– Não vai ter nada, Seth.

– Faça isso por mim, Laura.

Laura pegou obediamente seu kit de digitais e aplicou pó de carvão nos pulsos, seios, pescoço e na parte superior dos braços. Após poucos segundos, olhou para Frank e balançou lentamente a cabeça. Ensacou o que encontrou.

Frank observou enquanto o corpo era embrulhado num lençol branco, depositado num saco especial e levado para uma ambulância silenciosa que transportaria Christine Sullivan ao lugar para o qual todos rezavam para não ir.

Em seguida ele examinou o cofre, reparando na poltrona e no controle remoto. A poeira no chão havia sido mexida. Laura já investigara a área. Havia uma mancha de pó preto no assento da poltrona. O cofre tinha sido arrombado. A porta e a parede estavam fortemente marcadas no ponto onde a fechadura fora forçada. Iam cortar esse pedaço, para tentar identificar a ferramenta usada. Frank deu uma olhada pela porta do cofre e balançou a cabeça. Um espelho falso. Isso era ótimo. Mal podia esperar para conhecer o dono da casa.

Ele voltou para o interior do quarto e deu uma olhada na foto que estava em cima do criado-mudo. Virou-se para Laura.

– Já investiguei, Seth – disse ela.

Ele balançou a cabeça e pegou o porta-retratos. Era uma mulher realmente bonita, pensou. E

um tanto vulgar. Na foto, que havia sido tirada naquele quarto mesmo, ela estava sentada na cadeira perto da cama. Foi então que ele notou a marca na parede. As paredes do quarto eram de placas de gesso, e não o tão comum drywall, mas ainda assim a marca era profunda. Frank notou que a posição do criado-mudo tinha sido ligeiramente modificada. O carpete grosso mostrava a posição original. Ele se virou para Magruder e falou:

- Parece que alguém bateu nisto aqui.
- Provavelmente durante a luta.
- Provavelmente.
- Já encontrou a bala?
- Uma ainda está dentro dela, Seth.
- Estou falando da outra, Sam. – Frank balançou a cabeça, impaciente.

Magruder apontou para a parede ao lado da cama, onde havia um pequeno buraco que mal podia ser visto.

Frank assentiu.

– Corte aquele pedaço e deixe que os rapazes do laboratório tirem a bala. Não vá estragar tudo querendo agir por conta própria.

Duas vezes no ano anterior provas balísticas tinham sido inutilizadas porque um policial cheio de boa vontade havia puxado a bala de dentro da parede, arruinando as estrias.

– Algum cartucho?

Magruder negou.

– Se algum foi ejetado, eles pegaram. – Ele se virou para Laura: – Algum tesouro recolhido pelo E-vac?

O E-vac era uma máquina extremamente poderosa que continha uma série de filtros e era usada para vasculhar o carpete e outros materiais, à procura de fibras, cabelos, pelos e outros pequenos objetos que, com frequência, davam bons resultados, pois, como os criminosos não os viam, não tentavam removê-los.

– Queria que meu carpete fosse tão limpo assim – disse Magruder, tentando fazer piada.

Frank olhou para sua equipe.

– Encontramos alguma pista, pessoal?

Todos se entreolharam sem saber se Frank estava brincando. Continuaram em dúvida quando ele saiu do quarto e desceu.

Um representante da empresa fabricante do alarme conversava com um policial uniformizado na porta da frente. Um membro da equipe de homicídios guardava a placa e os fios em embalagens apropriadas para provas. Eles mostraram a Frank onde a tinta havia sido levemente riscada e um fragmento de metal quase microscópico que indicava que o painel fora removido. Na fiação havia pequenos entalhes parecidos com dentadas. O representante da empresa de segurança contemplou, admirado, o trabalho do invasor. Magruder se aproximou, recuperando a cor aos poucos.

O representante da empresa de segurança encolheu os ombros.

– Eles provavelmente usaram um contador. Pelo menos é o que parece.

Seth o encarou.

– O que é isso?

– Um método controlado por computador para forçar um número maciço de combinações no sistema até conseguir a combinação certa. É o que usam para arrombar os caixas eletrônicos.

Frank olhou para o painel e depois de novo para o homem.

– Acho estranho que uma casa como esta não tivesse um equipamento de segurança mais sofisticado.

– O sistema é sofisticado – rebateu o homem, na defensiva.

– Muitos criminosos andam usando computadores.

– É, mas a questão é que este dispositivo aqui tem um código de quinze dígitos, e não de dez, e uma espera de 43 segundos. Se você não acertar a senha, o alarme dispara.

Frank esfregou o nariz. Precisava ir para casa tomar um banho. O cheiro da morte trancado vários dias num quarto quente deixa marcas indeléveis nas roupas, no cabelo e na pele. E nas narinas também.

– E daí? – quis saber Frank.

– E daí que o contador portátil que costuma ser usado em ações como essa não é capaz de processar um número suficiente de combinações em cerca de trinta segundos. Caramba, para um código de quinze dígitos, há trilhões de combinações possíveis.

– Por que trinta segundos? – perguntou Magruder.

Foi Frank quem respondeu:

– Eles precisariam de algum tempo para tirar a placa, Sam. – Ele se virou de novo para o homem da firma de segurança: – Aonde você quer chegar?

– O que estou querendo dizer é que, se ele usou um contador, é porque já tinha eliminado alguns dos dígitos possíveis. Metade ou mais. Bem, talvez exista um sistema capaz de resolver isso sem problema, ou talvez eles tenham criado um programa capaz de abrir esta gaiola. Mas não seria um equipamento barato. E os responsáveis não seriam como esses palhaços que entram numa loja de eletrônicos para roubar uma calculadora. Quer dizer, sei que os computadores estão cada vez menores e mais rápidos, mas apenas a velocidade do equipamento não vai resolver o problema. Você tem que levar em conta a velocidade com que o sistema de segurança responderá às combinações que vão entrando. Provavelmente será muito menor que a velocidade do seu equipamento. E aí você tem um problemão. Resumindo: se eu fosse esses caras, ia querer uma boa margem de segurança. Entende o que estou dizendo? Na linha de trabalho deles, não há segunda chance.

Frank olhou para o uniforme do homem e depois para o painel. Se o sujeito estivesse certo, sabia o que aquilo significava. Já tinha considerado aquilo ao ver que a porta da frente não tinha sido forçada nem danificada.

O representante da empresa de segurança continuou:

– O que quero dizer é que poderíamos descartar essa possibilidade. Nossos sistemas travam diante de um grande volume de tentativas de combinações. Os computadores seriam inúteis. Esses sistemas são tão sensíveis a interferências que frequentemente negam acesso aos usuários que não conseguem se lembrar do código na primeira ou na segunda tentativa. Temos recebido tantos falsos alarmes que a polícia está começando a nos multar.

Frank agradeceu e percorreu o resto da casa. A pessoa que cometeu aquele crime sabia o que estava fazendo. Aquele caso não seria solucionado rapidamente. Um bom planejamento antes do

crime normalmente significa um planejamento posterior igualmente bom. Mas eles não deviam ter imaginado que precisariam matar a dona da casa.

De repente Frank se apoiou num portal e pensou na palavra usada pelo médico-legista: *ferimentos*.

**J**ACK ESTAVA ADIANTADO. SEU relógio marcava 13h35. Tinha tirado o dia de folga, e perdera grande parte dele escolhendo o que vestir; algo com que nunca se preocupara, mas que agora parecia muito importante.

Ajeitou o paletó de tweed cinza, checou um botão na camisa branca de algodão e ajustou o nó da gravata pela décima vez.

Caminhou até o cais e ficou observando os auxiliares de convés limparem o *Cherry Blossom*, uma embarcação turística construída para parecer um velho barco a vapor do Mississippi. Jack e Kate haviam andado nele em seu primeiro ano em Washington, numa rara tarde de folga do trabalho. Tinham feito todos os programas turísticos. O dia tinha sido quente como aquele, só que mais claro. Agora havia nuvens cinza vindo do oeste. Nessa época do ano, tempestades à tarde são quase certas.

Ao lado da guarita do zelador havia um banco gasto. Jack sentou-se nele e acompanhou o voo preguiçoso das gaivotas sobre as águas crispadas. Dali, podia ver o Capitólio. Lady Liberty, livre da sujeira de mais de 130 anos ao ar livre graças a uma limpeza recente, destacava-se imperiosamente sobre a famosa cúpula. As pessoas daquela cidade acabavam cercadas pela sujeira, pensou Jack. Era algo natural do território.

Os devaneios de Jack se voltaram para Sandy Lord, o mais produtivo mandachuva da PS&L e a maior personalidade que a empresa já tivera. Sandy era quase uma instituição nos círculos jurídicos e políticos da capital. Os outros sócios pronunciavam seu nome como se ele tivesse acabado de chegar do monte Sinai com sua própria versão dos Dez Mandamentos, começando com “Farás com que a Patton, Shaw & LORD ganhe o máximo de dinheiro possível”.

Lord era um dos melhores – se não o melhor – advogados que a cidade tinha a oferecer para os poderosos, e olha que havia muitos deles. As possibilidades eram ilimitadas para Jack. Ele só não tinha certeza de que ser feliz era uma delas.

Também não tinha certeza sobre o que esperava daquele almoço. Só sabia que queria muito ver Kate Whitney. Tinha a impressão de que, à medida que o casamento se aproximava, mais ele fugia emocionalmente. E havia forma melhor de fugir do que encontrando a mulher que pedira em casamento mais de quatro anos antes? Ele estremeceu com a lembrança. Estava apavorado com a ideia de se casar com Jennifer Baldwin. Morrendo de medo de que em breve sua vida se tornasse irreconhecível para ele mesmo.

Ele se virou, sem saber exatamente por quê. Kate estava na extremidade do píer, olhando para ele. O vento grudava sua saia em torno das pernas, e o sol, mesmo lutando contra as nuvens escuras, ainda fornecia claridade suficiente para iluminar seu rosto quando ela tirou o cabelo de cima dos olhos. Tinha as panturrilhas e os tornozelos bronzeados, da cor do verão. A blusa frouxa deixava seus ombros de fora, mostrando as sardas e a minúscula marca de nascença em forma de meia-lua que Jack tinha o hábito de contornar com o dedo depois que faziam amor – ela dormindo e ele a admirando.

Jack sorriu quando ela se aproximou. Devia ter ido em casa trocar de roupa. Com certeza não usava aquilo no tribunal. Aquelas roupas mostravam um lado muito feminino de Kate Whitney,

que nenhum de seus oponentes jamais veria.

Desceram a rua até a pequena delicatessen, fizeram seus pedidos e esperaram. Durante os primeiros minutos, alternavam entre olhar pela janela a chuva que se aproximava, com a ventania agitando as árvores, e se fitarem envergonhados, com medo de se encarar, como se aquele fosse seu primeiro encontro.

– Fico feliz que tenha podido vir, Kate.

Ela deu de ombros.

– Gosto daqui e faz muito tempo que não venho. É bom sair, para variar. Geralmente como na minha sala.

– Bolachas e café?

Ele sorriu e olhou para a boca de Kate, para aquele dente engraçadinho que se curvava um pouco para dentro, como se quisesse dar um abraço no vizinho. Gostava especialmente daquele dente. Era a única falha que encontrara nela.

– Bolachas e café. – Ela retribuiu o sorriso. – Agora são só dois cigarros por dia.

– Parabéns.

A chuva chegou junto com a comida.

Kate tirou o olhar do prato, desviou-o para a janela e pousou-o subitamente no rosto de Jack, que a encarava. Ele deu um sorriso sem graça e tomou um rápido gole de sua bebida.

Kate pôs o guardanapo em cima da mesa.

– O Mall é um lugar bem grande para se esbarrar em alguém por acaso.

Jack não olhou para ela.

– Tenho tido sorte ultimamente – disse ele, e só então a encarou.

Ela esperou. Os ombros dele finalmente caíram.

– Tudo bem, não foi um acidente. Foi premeditado. Mas não se pode contestar os resultados.

– Quais são os resultados? Almoço?

– Não quero antecipar nada. Um passo de cada vez. Nova resolução de vida. Mudar é bom.

– Bem, pelo menos você não está mais defendendo estupradores e assassinos – disse ela com mais do que um traço de desprezo.

– E ladrões? – rebateu ele, arrependendo-se na mesma hora.

Ela perdeu a cor.

– Desculpe, Kate. Não foi o que eu quis dizer.

Ela pegou um cigarro, acendeu-o e soprou na cara dele.

Jack afastou a fumaça.

– O primeiro ou o segundo do dia?

– Terceiro. Por alguma razão você faz com que eu me sinta ousada.

Ela olhou para a janela e cruzou as pernas. Seu pé tocou no joelho de Jack e ela rapidamente recuou, com um movimento brusco. Apagou o cigarro no cinzeiro e levantou-se, pegando a bolsa.

– Tenho que voltar ao trabalho. Quanto lhe devo?

Ela a encarou espantado.

– Eu a *convidei* para almoçar. E você nem tocou na comida.

Kate puxou uma nota de dez dólares, jogou-a sobre a mesa e dirigiu-se para a porta.



Jogando uma nota igual, Jack correu atrás dela.

– Kate!

Alcançou-a bem em frente à delicatessen. A chuva estava mais forte e, apesar de ele estender o paletó sobre suas cabeças, os dois logo ficaram encharcados. Ela pareceu não notar. Entrou no carro. Jack enfiou-se no banco do carona. Ela o encarou.

– Tenho mesmo que voltar.

Jack respirou fundo e tentou secar um pouco o rosto. A chuva tamborilava na lataria do automóvel. Ele sentiu como se tudo estivesse escorrendo por entre seus dedos. Não tinha ideia de como lidar com aquela situação. Mas precisava dizer alguma coisa.

– Kate, estamos encharcados e já são quase três horas. Vamos trocar de roupa e depois ir ao cinema. Ou podemos dar uma volta no campo. Lembra-se do Windsor Inn?

Ela o encarou, completamente espantada.

– Jack, você por acaso falou sobre isso com sua noiva?

Ele baixou os olhos. O que podia dizer? Que não amava Jennifer Baldwin, apesar de tê-la pedido em casamento? Naquele exato momento, nem conseguia se lembrar de ter feito o pedido.

– Eu só gostaria de passar algum tempo com você, Kate. Nada mais. Não há nada de errado nisso.

– Há tudo de errado nisso, Jack. *Tudo!* – Ela começou a enfiar a chave na ignição, mas ele a deteve.

– Não quero transformar isto numa guerra.

– Jack, você já tomou sua decisão. É um pouco tarde agora.

Ele não podia acreditar naquilo.

– Como assim, minha decisão? Minha decisão foi casar com você há quatro anos. A sua foi terminar tudo.

Ela afastou o cabelo molhado dos olhos.

– Tudo bem, a decisão foi minha. E daí?

Jack se virou para encará-la e a agarrou pelos ombros.

– Olha, pensei em você do nada na noite passada. Ah, mentira! Todas as noites, desde que você foi embora. Sei que foi um erro, droga! Não trabalho mais na Defensoria Pública. Você está certa, não defendo mais criminosos. Ganho a vida de forma honesta e respeitável. Eu... Nós...

Ao perceber a expressão de assombro no rosto dela, seu cérebro ficou inteiramente vazio. As mãos tremeram e ele a soltou, afundando no banco.

Tirou a gravata, enfiou-a no bolso do paletó e pousou o olhar no relógio do painel. Kate verificou o velocímetro imóvel e deu uma olhada nele. Havia bondade no seu tom de voz, embora a dor fosse evidente em seus olhos.

– Jack, o almoço foi muito legal. Gostei de ver você. Mas isso é tudo. Desculpe.

Ela mordeu o lábio, mas ele não viu, porque estava saltando do carro.

Ele enfiou a cabeça pela janela.

– Tenha uma boa vida, Kate. Se algum dia precisar de alguma coisa, me ligue.

Ela ficou observando seus ombros largos enquanto ele caminhava sob a chuva forte, entrava no carro e ia embora. Permaneceu ali sentada por alguns minutos. Uma lágrima escorreu por seu rosto. Afastou-a furiosa, engrenou e saiu na direção oposta.

Na manhã seguinte Jack pegou o telefone e imediatamente o recolocou no gancho. De que adiantava? Estava no escritório desde as seis horas, terminara tudo o que era urgente e tinha passado para projetos que haviam ficado semanas em segundo plano. Olhou pela janela. O sol refletia nos prédios. Esfregou os olhos por causa da luz e baixou a persiana.

Kate não ia voltar para sua vida de repente e ele tinha que aceitar isso. Passara a noite pensando em todas as hipóteses, a maioria irreal. Deu de ombros. Aquilo acontecia a homens e mulheres todos os dias, em todos os países do mundo. As coisas às vezes não davam certo. Mesmo que você quisesse isso mais que tudo. Não se pode obrigar alguém a retribuir seu amor. É preciso seguir em frente. E ele tinha muito que fazer. Talvez estivesse na hora de desfrutar o futuro que tinha à sua frente.

Sentou-se à escrivaninha e, metodicamente, se dedicou a dois outros projetos: uma *joint venture* para a qual estava fazendo um trabalho muito mais braçal que intelectual e um projeto para seu único cliente além de Baldwin, Tarr Crimson.

Crimson era dono de uma pequena empresa de audiovisual, um gênio das imagens e gráficos computadorizados, e ganhava muito bem organizando audiovisuais de conferências para empresas hoteleiras. Dirigia uma moto, vestia bermudas feitas de calças jeans cortadas de qualquer maneira, fumava tudo, até mesmo um cigarro de vez em quando, e tinha a aparência do maior drogado do mundo.

Jack o conhecera quando um amigo processara Tarr por embriaguez e desordem, e perdera. Tarr aparecera vestido de terno e colete, pasta de executivo e cabelo e barba bem-aparados. Alegara, persuasivamente, que o testemunho do policial não era imparcial porque a prisão tinha acontecido do lado de fora de um show de heavy metal, que o teste de embriaguez era inaceitável porque o policial não fizera as advertências verbais necessárias e porque uma peça do equipamento não estava funcionando bem.

O juiz, sobrecarregado com o número de pessoas detidas na saída do show, dera o caso por encerrado depois de instruir o oficial a se ater estritamente às regras no futuro. Jack assistira a tudo com assombro. Impressionado, saíra da sala de sessões com Tarr, tomaram uma cerveja naquela noite e se tornaram amigos.

A não ser por ocasionais atritos com a lei relativamente inofensivos, Crimson era um ótimo cliente, mesmo que não fosse bem-vindo na empresa. Parte do acordo de Jack com a PS&L era que Tarr, que tinha despedido seu último advogado, poderia continuar sendo seu cliente, independentemente do valor dos serviços prestados.

Largou a caneta e foi de novo até a janela, os pensamentos vagando para Kate Whitney. Não conseguia tirar uma ideia da cabeça. Quando Kate o deixara, Jack tinha ido ver Luther. O velho não dissera palavras sábias nem apresentara uma solução para o dilema de Jack. Na verdade, de todas as pessoas no mundo, Luther Whitney seria o último a saber como chegar ao coração da filha. E, ainda assim, Jack sempre conseguiria conversar com ele sobre qualquer coisa. Luther escutava de verdade. Não se limitava a esperar que você fizesse uma pausa para começar a falar de suas próprias mágoas. Jack não tinha certeza do que iria dizer a ele, mas sabia que Luther o ouviria. E isso provavelmente bastaria.

Uma hora depois a agenda eletrônica de Jack apitou. Ele verificou a hora e vestiu o paletó.

Atravessou o corredor depressa. Tinha um almoço com Sandy Lord em vinte minutos. Jack se sentia pouco à vontade por ficar sozinho com ele. Muita coisa tinha sido dita sobre Lord e a maioria era verdade, presumia Jack. Lord queria almoçar com ele, avisara sua secretária naquela manhã. E a vontade de Sandy Lord era lei. A secretária também o lembrara disso com um sussurro abafado que o deixou ligeiramente nauseado.

Antes de ir, Jack tinha que verificar com Alvis a questão dos documentos Bishop. Sorriu ao se lembrar da cara dele ao ver os comentários em cima da mesa, trinta minutos antes do fim do prazo. Alvis os examinara, o assombro evidente em seu rosto.

– Parece muito bom. Reconheço que lhe dei um prazo muito curto. Geralmente não gosto de fazer isso. – Ele desviara o olhar. – Agradeço o esforço, Jack. Desculpe se atrapalhei seus planos.

– Não se preocupe, Barry, é para isso que me pagam.

Jack virou-se para ir embora e Barry se levantou.

– Jack, nunca tivemos uma oportunidade de conversar desde que você começou a trabalhar aqui. Esta empresa é grande demais. Vamos almoçar juntos qualquer dia desses.

– Ótimo, Barry, mande sua secretária marcar com a minha.

Naquele momento Jack percebera que Barry Alvis não era tão ruim assim. Ele o prejudicara, mas e daí? Comparado com o que os outros sócios faziam com seus subordinados, Jack tinha sorte. Além do mais, Alvis era um excelente advogado especializado em corporações e Jack podia aprender muito com ele.

Passou pela mesa da secretária de Alvis, mas Sheila não estava lá.

Só então notou as caixas empilhadas junto à parede. A porta da sala de Alvis estava fechada. Jack bateu, mas não houve resposta. Ele olhou em torno e abriu a porta. Piscou, incrédulo, diante das prateleiras vazias, as manchas retangulares no papel de parede onde ficavam pendurados os muitos diplomas e certificados.

*O que estava acontecendo?* Ele fechou a porta, virou-se e deu de cara com Sheila.

Normalmente ela era profissional e meticulosa, sem um fio de cabelo fora do lugar, os óculos firmemente ajustados no nariz, mas agora estava um desastre. Havia dez anos que trabalhava como secretária de Alvis. Encarou Jack, os olhos azuis muito claros faiscando por um segundo. Depois se virou, foi até a mesa e começou a encaixotar suas coisas. Jack a fitou, perplexo.

– Sheila, o que está havendo? Onde está Barry?

Ela não respondeu. Suas mãos moviam-se cada vez mais depressa até que começou a literalmente jogar as coisas dentro das caixas. Jack se aproximou e a encarou.

– Sheila? Que diabo está acontecendo? Sheila?!

Jack segurou sua mão. Ela deu-lhe uma bofetada, mas ficou tão chocada com isso que se sentou abruptamente. Deitou a cabeça na mesa e começou a soluçar em silêncio.

Jack olhou em volta mais uma vez. Alvis teria morrido? Será que tinha acontecido algum acidente terrível e ninguém se dera o trabalho de lhe contar? Será que a empresa era tão grande assim, tão insensível a ponto de ele só ficar sabendo ao ler um memorando? Olhou para as próprias mãos, que tremiam.

Sentou-se na beira da mesa e tocou o ombro de Sheila com delicadeza, tentando tirá-la daquele transe, mas sem sucesso. Os soluços ficavam cada vez mais intensos. Por fim duas outras

secretárias apareceram e, sem dizer nada, levaram Sheila embora. Ambas dirigiram a Jack um olhar nada amistoso.

O que ele tinha feito? Deu uma olhada no relógio. Precisava encontrar Lord em dez minutos. De repente se sentiu ansioso por aquele almoço. Lord sabia de tudo o que acontecia na empresa, geralmente antes mesmo de acontecer. Então um pensamento terrível lhe ocorreu. No jantar na Casa Branca ele tinha mencionado o nome de Barry Alvis para sua noiva irada. Mas ela não teria?... Jack praticamente disparou pelo corredor.



O Fillmore's era um ponto de referência relativamente recente de Washington. Tinha portas de mogno maciço com ornamentos de metal sólido e pesado, carpetes e cortinas caríssimos e tecidos à mão. Cada mesa era um refúgio de intensa produtividade gastronômica. Telefones, faxes e copiadoras estavam disponíveis e eram muito usados pelos clientes. As mesas de madeira entalhada eram cercadas por cadeiras de estofado confortável, nas quais se sentava a elite dos círculos políticos e de negócios de Washington. E os preços garantiam que a clientela fosse essa.

Mesmo lotado, o ritmo do restaurante não se alterava. Os clientes não estavam acostumados a receber ordens e faziam as coisas a seu tempo. Às vezes, a simples presença deles numa mesa, uma sobancelha erguida ou um pigarrear contido significavam um dia cheio, que resultaria em grandes recompensas financeiras para eles ou para aqueles a quem representavam. Dinheiro e poder fluuavam naquele salão.

Os garçons de camisas engomadas e gravatas-borboleta apareciam e sumiam a intervalos. Os clientes eram mimados, bem-atendidos, ouvidos ou deixados em paz segundo requeria cada ocasião. E as gorjetas refletiam o apreço da clientela pelo tratamento recebido.

O Fillmore's era o restaurante favorito de Sandy Lord. Ele deu uma espiada no menu e depois seus vívidos olhos cinzentos percorreram rápida porém metodicamente a imensa área do salão, em busca de um possível negócio ou talvez de alguma outra coisa. Mexeu o corpo volumoso na cadeira e, cuidadosamente, ajeitou alguns fios do cabelo grisalho. O problema era que alguns rostos conhecidos iam desaparecendo com o passar do tempo, roubados pela morte ou pela aposentadoria. Espanou um cisco de poeira de uma das abotoaduras com monograma e suspirou. Lord selecionara aquele estabelecimento, talvez a cidade, pela limpeza.

Ele pegou o celular e ouviu as mensagens. Walter Sullivan não ligara. Se o negócio de Sullivan desse certo, Lord teria um país do antigo bloco da Europa Oriental como cliente.

Um país inteiro! Quanto se pode cobrar pelo trabalho jurídico prestado a um país? Muito. O problema era que os ex-comunistas não tinham dinheiro, a menos que você aceitasse rublos, cupons, coqueques ou fosse lá o que eles estivessem usando – e que, na realidade, não passava de papel higiênico.

Isso não perturbava Lord. Os ex-comunistas tinham matérias-primas de sobra e era isso que Sullivan queria. Fora esse o motivo para Lord ter passado três pavorosos meses lá. Mas valeria a pena se Sullivan conseguisse.

Lord aprendera a duvidar de todo mundo. Mas, se havia alguém capaz de fechar aquele negócio, era Walter Sullivan. Tudo em que ele tocava parecia ganhar proporções globais, e as sobras que respingavam em seus parceiros eram dignas de respeito. Mesmo com quase 80 anos,

Sullivan não tinha diminuído o ritmo. Trabalhava quinze horas por dia e era casado com uma beldade de 20 e poucos anos que parecia ter saído de um filme pornô. Naquele exato momento estava em Barbados, para onde levava os três políticos mais importantes do tal país, para fazerem negócios e se divertirem ao melhor estilo ocidental. Sullivan ia telefonar, com certeza. E a lista curta e seleta dos clientes de Sandy receberia um novo nome – e que nome!

Lord reparou numa jovem de minissaia e saltos muito altos atravessando o salão.

Ela sorriu para ele. Ele retribuiu arqueando ligeiramente as sobrancelhas, um de seus sinais favoritos, por causa da ambiguidade. Ela era um elo entre o Congresso e uma daquelas grandes associações da Rua 16. Não que ele se interessasse pelo seu trabalho. Era boa de cama e era com isso que Lord se importava.

Vê-la despertou várias lembranças agradáveis. Ligaria para ela em breve. Fez uma anotação sobre isso na agenda eletrônica. Depois, a exemplo da maioria das mulheres ali, voltou sua atenção para a figura alta e esguia de Jack Graham, que cruzava o salão em passadas largas, em sua direção.

Lord se levantou e estendeu a mão. Jack não a apertou.

– O que aconteceu com Barry Alvis?

Lord lançou-lhe um olhar indiferente e tornou a se sentar. Um garçom apareceu, mas Lord o dispensou com um gesto discreto. Em seguida avaliou Jack, que continuava em pé.

– Você não dá à outra pessoa uma chance de respirar, não é? Direto ao ponto. Às vezes essa é uma estratégia inteligente, às vezes não.

– Não estou brincando, Sandy. Quero saber o que está acontecendo. A sala de Alvis está vazia e a secretária dele me olhou como se eu o tivesse demitido pessoalmente. Quero respostas. – A voz de Jack subiu de tom, o que aumentou o número de olhares curiosos.

– Qualquer que seja a questão, tenho certeza de que podemos discuti-la com um pouco mais de discrição. Por que não senta e começa a agir como um dos sócios da melhor empresa de advocacia da cidade?

Os dois se encararam por uns cinco segundos, até que Jack enfim se sentou devagar.

– Vai beber o quê?

– Uma cerveja.

O garçom reapareceu e anotou o pedido de uma cerveja e de um gim-tônica. Sandy acendeu um charuto caro, olhou distraidamente pela janela e depois de novo para Jack.

– Então você já soube do Barry.

– Sei apenas que ele foi embora. Quero que você me diga por quê.

– Não há muito o que contar. Ele foi dispensado a partir de hoje.

– Por quê?

– O que isso tem a ver com você?

– Nós trabalhávamos juntos.

– Mas não eram amigos.

– Ainda não havíamos tido chance de ficar amigos.

– Pelo amor de Deus, por que você ia querer fazer amizade com Barry Alvis? Ele nunca seria mais que um advogado associado.

– Ele era um excelente profissional.

– Não. Ele era muito competente na área de grandes empresas e impostos, em especial em aquisições de planos de saúde. Mas nunca gerou um único centavo para o negócio e nem ia gerar. Portanto, não era “um excelente profissional”.

– Droga, você entende o que estou dizendo! Barry era valioso para a empresa. Você precisa de alguém para fazer a merda do trabalho.

– Temos cerca de duzentos advogados que podem perfeitamente fazer a merda do trabalho. Por outro lado, temos apenas uma dúzia de associados capazes de trazer clientes importantes para a empresa. Essa não é a proporção pela qual deveríamos lutar. Muito soldado para pouco comandante. Você achava Barry Alvis valioso, nós o víamos como um custo alto, sem talento para crescer. Ele rendia o suficiente para se manter altamente remunerado. Não é assim que nós, sócios, ganhamos dinheiro. Por isso decidimos acabar com esse vínculo.

– Quer dizer que Baldwin não mexeu seus pauzinhos para que isso acontecesse?

A surpresa no rosto de Lord parecia genuína. Advogado com mais de 35 anos de experiência, era um grande mentiroso.

– O que os Baldwin têm a ver com Barry Alvis?

Jack estudou o rosto redondo de Lord por um minuto inteiro e depois respirou lentamente. Deu uma olhada em torno, sentindo-se tolo e envergonhado. Tudo aquilo por nada? Mas por que Lord mentiria? Jack podia pensar em diversas respostas, mas nenhuma delas fazia muito sentido. Teria se enganado? Teria bancado o completo idiota diante do sócio mais importante da empresa?

Quando voltou a falar, a voz de Lord era mais suave, quase consoladora:

– Barry Alvis foi dispensado como parte do esforço que estamos fazendo para eliminar os excessos no alto escalão. Queremos mais advogados que possam fazer o trabalho e atrair clientes. Como você, droga. É só isso. Barry não foi o primeiro nem será o último. Estamos trabalhando nisso há muito tempo, Jack. Bem antes de você ser contratado. – Ele fez uma pausa e lançou um olhar penetrante para Jack. – Há alguma coisa que você não me contou? Em breve seremos sócios e, nessa relação, não podemos esconder coisas importantes.

Lord riu por dentro. A lista de negócios secretos que tinha fechado era enorme.

Jack estava prestes a dar uma resposta sarcástica, mas decidiu que era melhor não.

– Ainda não sou sócio, Sandy.

– Pura formalidade.

– As coisas não acontecem até que aconteçam.

Lord se remexeu desconfortavelmente na cadeira. Então era verdade que Jack estava pensando em abandonar o barco. Era por causa desses boatos que Lord se achava ali sentado com o jovem advogado. Eles se encararam. Um sorriso começou a se formar na boca de Jack. Seus quatro milhões em negócios eram um atrativo irresistível. Particularmente porque significavam mais 400 mil dólares para Sandy Lord – não que ele precisasse, mas também não ia recusar. Tinha a reputação de ser perdulário. E advogados não se aposentam. Trabalham até cair. Os melhores ganham muito dinheiro, mas, comparados aos presidentes de grandes empresas, astros de rock e atores, isso não é nada.

– Achei que você gostasse da nossa empresa.

– Eu gosto.

- E então?
- Então o quê?

Lord deu mais uma olhada no salão. Avistou outra conhecida com um terninho caro e elegante, sob o qual ele tinha bons motivos para crer que ela não usava mais nada. Tomou o resto do gim-tônica e olhou para Jack, sentindo-se cada vez mais irritado com aquele filho da mãe, burro e imaturo.

- Você já esteve aqui antes?

Jack balançou a cabeça e examinou o extenso cardápio em busca de um hambúrguer com fritas, mas não encontrou. Então o cardápio foi arrancado de suas mãos e Lord se inclinou para perto dele, a respiração pesada e ofegante no rosto de Jack.

- Bem, por que não dá uma olhada em torno?

Lord levantou um dedo para o garçom e pediu um uísque com água, que foi servido um minuto depois. Jack recostou-se na cadeira, mas Lord se aproximou mais um pouco, quase subindo na mesa finamente entalhada.

- Já estive em restaurantes, Sandy, acredite ou não.

- Mas não neste aqui, certo? Está vendo aquela mocinha ali? - Os dedos muito finos de Lord cortaram o ar, apontando para a moça que trabalhava como elo no Congresso. - Comi aquela mulher cinco vezes nos últimos seis meses.

Lord não pôde deixar de sorrir quando Jack avaliou a moça e fez cara de espanto.

- Por que uma mulher daquela aceitaria dormir com um velho gordo como eu?

- Talvez por pena - respondeu Jack com um sorriso.

Mas Lord não sorriu.

- Se você realmente acredita nisso, sua ingenuidade beira a ignorância. Acredita mesmo que as mulheres desta cidade são mais puras que os homens? Por que seria? O fato de terem peitos e usarem saias não significa que não conseguirão o que querem e usarão todos os meios disponíveis para isso. - Ele fez uma pausa. - Veja bem, garoto, o motivo para ela dormir comigo é que posso lhe dar o que ela quer, e não estou me referindo à cama. Ela sabe disso, eu sei disso. Posso abrir portas nesta cidade a que poucos têm acesso. Em troca disso, ela transa comigo. É apenas um negócio feito entre duas pessoas inteligentes e altamente sofisticadas. O que me diz disso?

- O que eu digo?

Lord se recostou na cadeira, acendeu outro charuto e soprou anéis perfeitos para o alto. Em seguida mordeu o lábio e deu uma risadinha.

- Alguma coisa engraçada, Sandy?

- Estava pensando em como você devia zombar de gente como eu na faculdade. Imaginava que jamais seria igual a mim, que ia defender estrangeiros em situação ilegal querendo asilo político ou apelar pelos filhos da puta condenados à morte por esquartejar meia dúzia de pessoas, que alegavam ter feito isso porque eram espancados pela mãe quando se comportavam mal. Fale a verdade, você pensava assim, não pensava?

Jack afrouxou a gravata e tomou um gole de cerveja. Já vira Lord em ação antes. Ele estava planejando alguma coisa.

- Você é um dos melhores advogados do mundo, Sandy. Todos dizem isso.

- Porra, não advogo há muitos anos.

– De qualquer modo, está dando certo.

– E o que funciona para você, Jack?

Jack sentiu o estômago se contorcer ao ouvir seu nome ser pronunciado por Lord. Aquilo sugeria uma intimidade que o alarmava, embora ele soubesse que era inevitável. Sócio? Jack respirou fundo e deu de ombros.

– Quem é que sabe o que vai ser quando crescer?

– Mas você já cresceu, Jack. E então? O que vai ser?

– Não sei aonde você quer chegar.

Lord se inclinou de novo, as mãos cerradas, como um peso-pesado desafiando o adversário, procurando alguma abertura em sua guarda. Por um momento pareceu mesmo que ele iria atacar. Jack ficou tenso.

– Você me acha um babaca, não acha? – perguntou Lord.

Jack pegou o cardápio de novo.

– Recomenda alguma coisa?

– Vamos, garoto, você acha que sou um babaca ganancioso, egocêntrico e arrogante e que não dou a mínima para tudo e todos que não possam fazer nada por mim. Não é isso, Jack? – Lord levantou a voz, metade de seu corpo volumoso fora da cadeira. Ele empurrou o cardápio de Jack de volta por cima da mesa.

Jack olhou o salão, nervoso, mas ninguém parecia prestar atenção, o que significava que cada palavra daquela conversa estava sendo ouvida e analisada. Os olhos vermelhos de Lord fixaram-se nos de Jack.

– Eu sou exatamente assim, Jack. Você sabe.

Lord tornou a sentar, triunfante. Sorriu. Jack sentiu-se inclinado a sorrir também, apesar da repulsa.

Ele relaxou um pouquinho. Como se tivesse percebido isso, Lord empurrou sua cadeira para o lado da de Jack, pressionando-o. Por um momento Jack pensou seriamente na possibilidade de derrubá-lo. Aquilo já estava passando dos limites.

– É verdade, Jack. Eu sou tudo isso mesmo e muito mais. Mas sabe de uma coisa? É assim que sou. Não tento disfarçar nem me explicar. Cada filho da puta que já me procurou sabia exatamente quem e o que eu era. Acredito no que faço. Não gosto de papo-furado.

Lord respirou profunda e lentamente. Jack balançou a cabeça, tentando clarear as ideias.

– E você, Jack?

– O que tem eu?

– Quem é você? Em que você acredita, se é que acredita em alguma coisa?

– Estudei doze anos numa escola católica. Tenho que acreditar em alguma coisa.

Lord deu de ombros, cansado.

– Você está me decepcionando. Ouvi dizer que era um garoto brilhante. Ou me informaram errado, ou você está com esse sorriso amarelo no rosto por ter medo do que possa dizer.

Jack agarrou o pulso de Lord com força.

– O que você quer de mim, porra?

Lord sorriu e, delicadamente, deu uns tapinhas na mão de Jack até ele soltá-lo.

– Gosta de lugares como este? Tendo Baldwin como cliente, você vai comer em lugares assim



até entupir as artérias. Daqui a uns quarenta anos, você vai ter um troço numa praia qualquer do Caribe e vai deixar subitamente rica uma jovem viúva pela terceira vez. Mas eu lhe garanto que vai morrer feliz.

– Para mim, este lugar é igual a qualquer outro.

Lord deu um soco na mesa. Dessa vez diversas cabeças se viraram. O maître olhou na direção deles, tentando disfarçar sua apreensão por trás do bigode grosso e de um sereno ar de competência.

– É exatamente disso que estou falando, garoto, dessa sua maldita ambivalência. – Ele baixou o tom de voz, mas continuou inclinado para Jack, encostando nele. – Este lugar definitivamente não é igual a qualquer outro. Você tem a chave para entrar aqui. Sua chave é Baldwin e a linda filha dele. A questão é: você vai abrir a porta ou não? E essa pergunta nos leva de volta à original: em que você acredita, Jack? Porque, se não acredita nisto – ele fez um gesto largo –, se não quer se tornar o próximo Sandy Lord, se ri ou pragueja contra minhas pequenas idiossincrasias, minhas babaquices, se preferir, se realmente acredita que está acima de tudo isto, se detesta mesmo os ataques da Srta. Baldwin e se não vê um único prato nesse cardápio que lhe interesse, por que não manda eu me foder? Por que não se levanta e sai por aquela porta de cabeça erguida, consciência limpa e crenças intactas? Porque, com toda a sinceridade, este jogo é importante e intenso demais para os que não estão engajados.

Lord se recostou de novo na cadeira, o corpo volumoso extravasando pelas laterais.

Do lado de fora, fazia um lindo dia de outono. Nem a chuva nem o excesso de umidade maculavam a perfeição do céu azul. Uma brisa suave desfolhava jornais jogados fora. O ritmo alucinante da cidade parecia ter diminuído por um momento. Mais adiante naquela rua, no Parque Lafayette, algumas pessoas estavam deitadas na grama, na esperança de conseguir um pouco mais de bronzado antes que o frio chegasse de verdade. Entregadores de bicicleta rondavam a área em sua hora de folga, procurando pernas de fora e blusas abertas para dar uma espiada.

Dentro do restaurante, Jack Graham e Sandy Lord se encaravam.

– Você nunca pega leve, não é?

– Há vinte anos que não tenho tempo para isso, Jack. Se eu não acreditasse que você seria capaz de aguentar uma abordagem direta, teria dado uma desculpa qualquer e deixado para lá.

– O que você quer que eu diga?

– Só quero saber se você está dentro ou fora. Com Baldwin, você poderia ter ido para qualquer empresa da cidade, mas escolheu a nossa. Imagino que tenha gostado do que viu.

– Baldwin recomendou vocês.

– Ele é um homem inteligente. Muitas pessoas seguiriam seus conselhos. Você está conosco há um ano. Se resolver ficar, será nomeado sócio. Para ser honesto, esses doze meses foram uma mera formalidade, para ver se você se encaixava. Como sócio, nunca mais precisará se preocupar com dinheiro, sem contar a fortuna de sua futura esposa. Sua principal ocupação será manter Baldwin feliz, expandir o negócio com ele e trazer os clientes que conseguir. Vamos encarar os fatos, Jack. A única segurança de um advogado são seus clientes. Não ensinam isso na faculdade, mas é a lição mais importante. Nunca se esqueça disso. Até executar o trabalho é secundário. Sempre haverá alguém para fazer isso. Você terá carta branca para buscar novos negócios. Não

terá ninguém o supervisionando, exceto Baldwin. Não terá que gerenciar o trabalho jurídico a ser feito para Baldwin. Outras pessoas farão isso. No fim das contas, não é uma vida tão ruim assim.

Jack baixou os olhos e fitou suas mãos. Lembrou a imagem de Jennifer. Sentiu-se culpado por ter deduzido que ela havia mandado demitirem Barry Alvis. Depois pensou nas horas intermináveis que tinha passado na Defensoria Pública. Por fim seus pensamentos se voltaram para Kate e então pararam. Ele levantou os olhos.

– Uma pergunta burra: vou continuar advogando?

– Se quiser. – Lord o examinou detidamente. – Posso tomar isso como um sim?

Jack deu uma olhada no cardápio.

– A torta de siri parece boa.

Lord soprou a fumaça do charuto na direção do teto e deu um sorriso largo.

– Adoro a torta de siri, Jack. Adoro.



Duas horas depois, Lord estava de pé no canto de seu enorme escritório, olhando fixamente para a rua movimentada lá embaixo, enquanto ouvia uma teleconferência pelo viva voz.

Dan Kirksen entrou, a gravata-borboleta e a camisa engomada escondendo o corpo esbelto de alguém que corre com regularidade. Kirksen era o sócio-gerente. Tinha controle absoluto sobre todo mundo na empresa, exceto Sandy Lord. E agora talvez Jack Graham.

Lord lançou-lhe um olhar desinteressado. Kirksen sentou e esperou pacientemente que a teleconferência acabasse. Lord desligou o telefone e se sentou. Recostando-se, olhou para o teto e acendeu um cigarro. Kirksen, um fanático pela saúde, recuou um pouco.

– Você quer alguma coisa? – Os olhos de Lord finalmente se voltaram para o rosto magro de Kirksen.

Ele controlava pouco menos de 600 mil em negócios, o que lhe garantia uma posição segura e duradoura na PS&L, mas esses números não eram nada para Lord, que não se esforçava para esconder sua antipatia pelo sócio-gerente.

– Como foi o almoço?

– Não tenho tempo para pegar leve.

– Ouvimos alguns boatos preocupantes e, com a demissão de Alvis depois do telefonema da Srta. Baldwin...

Lord fez um gesto com a mão.

– Já cuidei disso. Ele nos ama e vai ficar. E eu perdi duas horas.

– Com o volume de dinheiro que estava em jogo, Sandy, todos nós achamos que seria melhor, que a impressão seria mais forte se você...

– Sim. E eu entendo os números melhor que você, Kirksen. O garoto vai ficar. Com sorte, ele pode dobrar sua captação em dez anos e todos poderemos nos aposentar mais cedo. – Lord encarou Kirksen, que parecia encolher sob seu olhar. – Ele tem colhões, sabe? Mais do que qualquer um dos meus sócios.

Kirksen estremeceu.

– Na verdade, gosto do garoto – disse Lord. Depois se levantou e foi para a janela, onde viu uma fila de alunos da pré-escola atravessar a rua lá embaixo, amarrados por uma corda.

- Então posso dar uma resposta positiva ao comitê?

- Pode dizer o que quiser. Apenas lembre-se de uma coisa: nunca mais me aporrinhem com uma coisas dessas, a menos que seja muito, muito importante mesmo. Entendeu?

Lord olhou de novo para Kirksen e depois de volta para a janela. Sullivan ainda não havia telefonado. Isso não era bom. Ele podia ver o país europeu sumindo como os pequenos corpos na esquina.

- Muito obrigado, Sandy.

- Tá.

WALTER SULLIVAN OLHOU FIXAMENTE para o rosto, ou o que restava dele. No pé havia uma etiqueta-padrão do necrotério. Enquanto seu séquito esperava do lado de fora, ele se deixou ficar sentado ali em silêncio, sozinho com ela. A identificação já tinha sido oficialmente feita. Os policiais saíram para atualizar os registros e os repórteres, para escrever as matérias. Mas Walter Sullivan, um dos homens mais poderosos de sua geração, que desde os 14 anos transformava tudo o que tocava em dinheiro, de repente se viu sem energia ou força de vontade.

A imprensa passara um tempo ocupada com Christy e ele quando seu primeiro casamento terminara após 47 anos, por causa da morte da esposa. Com quase 80 anos, ele só queria uma mulher jovem e cheia de vida, que certamente duraria mais que ele. Depois de ver tantos amigos e parentes morrerem à sua volta, atingira seu nível de tolerância ao luto. Envelhecer não é fácil, nem mesmo para os ricos.

Mas Christy Sullivan havia morrido. E ele ia fazer alguma coisa com relação a isso. Por sorte, ignorava tudo o que seria feito com o corpo de sua esposa. Embora fosse um processo necessário, não confortava em nada a família da vítima.

Assim que Walter Sullivan sáísse, um técnico levaria a maca da Sra. Sullivan até a sala de autópsias. Lá, checariam seu peso e sua altura. Depois o corpo seria fotografado, primeiro de roupa e em seguida nu. A seguir tirariam radiografias e impressões digitais. Um exame externo completo seria realizado, com a intenção de obter o maior número possível de pistas e provas judicialmente válidas. Fluidos corporais seriam colhidos e enviados para a toxicologia, que faria testes de álcool, drogas e outras substâncias. Uma incisão em Y abriria seu corpo dos ombros ao peito e do peito à genitália. Era horrível, mesmo para alguém acostumado. Cada órgão seria analisado e pesado. A genitália seria examinada em busca de sinais de relação sexual ou ferimentos. Quaisquer vestígios de sêmen, sangue ou cabelo estranho seriam enviados para o teste de DNA.

A cabeça dela seria examinada, para definir os padrões dos ferimentos. Depois uma serra faria uma incisão no topo do crânio, cortando o couro cabeludo e o osso. A parte da frente do crânio seria aberta, e o cérebro, removido e examinado. A bala seria extraída, marcada para fins de custódia legal e guardada para o exame de balística.

Quando o processo estivesse terminado, Walter Sullivan teria o corpo de sua mulher de volta.

A toxicologia verificaria o conteúdo do estômago e checaria a existência de substâncias estranhas no sangue e na urina.

O protocolo da autópsia seria elaborado, apresentando a causa da morte e todas as descobertas relevantes, além do parecer do médico-legista.

Ele seria entregue ao detetive encarregado junto com todas as fotos, raios X, impressões digitais, relatórios da toxicologia e todas as outras informações referentes ao caso.

Walter Sullivan finalmente se levantou, cobriu o corpo de sua esposa e saiu.

Por trás de um espelho falso, os olhos do detetive seguiram o consternado marido. Então Seth Frank pôs o chapéu e, silenciosamente, saiu.

A sala de reuniões número um, a maior da empresa, ficava numa posição de destaque, bem no centro, logo atrás da recepção. Por trás das grossas portas de correr, uma reunião com todos os sócios tinha acabado de começar.

Jack Graham estava sentado entre Sandy Lord e outro sócio sênior. Oficialmente, ele ainda não fazia parte da sociedade, mas Lord havia insistido e, naquele dia, o protocolo não era importante.

A equipe de copeiras serviu café, rosquinhas e bolinhos e depois se retirou, fechando as portas.

Todas as cabeças se voltaram para Dan Kirksen. Ele tomou um gole de suco, secou a boca com um guardanapo e se levantou.

– Vocês já devem estar sabendo que uma terrível tragédia se abateu sobre um dos nossos clientes mais... – Kirksen deu uma olhada rápida para Lord. – Bem, sobre nosso cliente mais importante.

Jack correu os olhos em torno da mesa de quase vinte metros, com tampo de mármore. A maioria das pessoas continuava olhando para Kirksen, umas poucas se inteiravam dos fatos pelos sussurros dos vizinhos. Jack tinha lido as manchetes. Nunca trabalhara em nenhum assunto do interesse de Sullivan, mas sabia que suas demandas eram suficientes para ocupar quarenta advogados quase em tempo integral. Era de longe o melhor cliente da empresa.

Kirksen prosseguiu:

– A polícia está investigando minuciosamente o caso, mas até o momento não houve nenhum progresso. – Fez uma pausa e deu mais uma olhada para Lord. – Como vocês podem imaginar, Walter está passando por um período de grande aflição. A fim de facilitar o máximo possível as coisas para ele, estamos pedindo a todos os advogados que dediquem atenção especial a qualquer assunto relacionado a Sullivan, para que nenhum problema tome grandes proporções. Além do mais, embora acreditemos que tenha sido apenas um assalto com um resultado extremamente lamentável e que não tenha nenhuma relação com os negócios de Walter, pedimos a todos vocês que fiquem alertas a quaisquer sinais de anormalidade nos assuntos em que o representamos. Qualquer coisa suspeita deve ser imediatamente comunicada a mim ou a Sandy.

Várias cabeças se viraram para Lord, que estava olhando para o teto, como de costume. Havia três guimbas de cigarro no cinzeiro à sua frente e um copo com um restinho de Bloody Mary ao lado.

Ron Day, do departamento de direitos internacionais, pediu a palavra. Seu cabelo cuidadosamente cortado emoldurava um rosto redondo, parcialmente escondido pelos óculos finos de lentes ovais.

– Não teve nada a ver com terrorismo, teve? Estou trabalhando numa série de *joint ventures* no Oriente Médio para a subsidiária de Sullivan no Kuwait e posso afirmar que aquela gente segue suas próprias regras. Devo me preocupar com minha segurança? Vou pegar um avião hoje de tarde para Riad.

Lord virou a cabeça até pousar os olhos em Day. Às vezes ele se espantava com a visão curta, ou mesmo com a idiotice, de muitos de seus sócios. O principal mérito de Day – e, na cabeça de Lord, o único – era saber falar sete idiomas e conseguir puxar o saco dos sauditas.

– Eu não me preocuparia com isso, Ron. Se for uma conspiração internacional, você não é importante o suficiente para ser alvo dela, e, se isso acontecesse, eles o matariam antes que você pudesse ao menos pensar.

Day mexeu no nó da gravata enquanto uma risada sem graça circulava rapidamente pela mesa.

– Muito obrigado pelo esclarecimento, Sandy.

– De nada, Ron.

Kirksen pigarreou.

– Tudo o que pode ser feito para solucionar esse crime hediondo está sendo feito. Estão falando até que o presidente autorizará que uma força-tarefa investigue o caso. Como sabem, Walter Sullivan ocupou diversas posições no governo em algumas ocasiões e é um dos amigos mais próximos do presidente. Acho que podemos presumir que os criminosos serão presos em breve. – Ao dizer isso, Kirksen se sentou.

Lord olhou em torno da mesa, arqueou as sobrancelhas e apagou o último cigarro no cinzeiro. Todos se retiraram.



Seth Frank girou na cadeira. Seu escritório mais parecia uma jaula de 1,80x 1,80m. O delegado tinha ficado com a única sala espaçosa do pequeno prédio da sede da polícia. O relatório do médico-legista estava em cima da mesa. Eram apenas sete e meia da manhã, mas Frank já tinha lido tudo três vezes.

Ele havia acompanhado a autópsia. Isso era algo que os detetives tinham que fazer, por diversas razões. Embora já tivesse assistido a centenas de procedimentos como aquele, nunca ficava à vontade ao ver os mortos recortados como os restos de animais em que todos os estudantes das áreas biológicas metem os dedos. E, embora não se sentisse mais nauseado, geralmente precisava de duas ou três horas dirigindo sem rumo antes de poder voltar ao trabalho.

O relatório era grosso e caprichosamente digitado. Christy Sullivan tinha morrido pelo menos 72 horas antes, provavelmente mais. A quantidade de pústulas no corpo, o inchaço, o ataque das bactérias e os gases em seus órgãos corroboravam esse prazo com precisão. No entanto, o quarto estivera muito quente, o que acelerou a putrefação, e isso dificultava a definição da hora do óbito. Ainda assim, o médico-legista tinha certeza de que não havia sido menos de três dias antes. Frank também dispunha de outras informações que o levavam a crer que Christine Sullivan tinha morrido na noite de segunda-feira – um prazo de três ou quatro dias.

Frank ficou preocupado. Um mínimo de três dias significava que ele seguiria um rastro muito frio. Se o assassino soubesse o que estavam fazendo, podia sumir do mapa nesse tempo. O pior era que sua investigação não havia progredido nada. Não conseguia se lembrar de outro caso tão sem pistas.

Até onde sabiam, não havia testemunhas do que acontecera na mansão dos Sullivan. Eles haviam posto chamadas nos jornais, bancos e shoppings. Mas ninguém se apresentara.

Tinham falado com todos os vizinhos num raio de cinco quilômetros. Eles expressaram choque, ultraje e medo. Frank percebera isso no tremer de uma pálpebra, nos ombros encolhidos e nas mãos que se esfregavam, nervosas. A segurança no pequeno condado seria mais rígida do

que nunca. No entanto, todas essas emoções não representavam nenhuma informação útil. Os criados dos vizinhos também foram interrogados. Também não acrescentaram nada. Os empregados de Sullivan, que o tinham acompanhado a Barbados, foram entrevistados por telefone, mas não tinham nada a relatar. Além disso, todos tinham álibis. Não que fossem incontestáveis. Frank os arquivou em sua cabeça.

Também não haviam conseguido uma boa descrição do último dia da vida de Christine Sullivan. Tinha sido assassinada em casa, provavelmente tarde da noite. Mas o que fizera durante o dia? Frank acreditava que essa informação os levaria a algum lugar.

Às nove e meia da manhã de segunda-feira, Christine Sullivan fora vista no centro de Washington, num salão luxuoso onde qualquer serviço devia custar metade do salário de Frank. Ele teria que descobrir se ela estivera se preparando para algum compromisso à noite ou se aquilo era algo que as mulheres ricas fazem com regularidade. Não descobriu nada sobre o paradeiro de Christine depois que ela deixou o salão, por volta do meio-dia. Não voltara para seu apartamento na cidade nem pegara um táxi em qualquer lugar que pudessem determinar.

Ela devia ter um motivo para ficar em Washington quando todo mundo tinha ido para o Caribe. Se ela esteve com alguém naquela noite, Frank gostaria de conversar com essa pessoa e, talvez, prendê-la.

Ironicamente, homicídio durante invasão e roubo de residência não é crime passível de sentença de morte na Virgínia, ao contrário do assassinato no curso de um assalto à mão armada. Se você assalta e mata, pode ser condenado à morte. Se tenta furtar e acaba matando, o máximo que pode pegar é prisão perpétua, o que não é uma grande vantagem, considerando-se as condições bárbaras da maioria dos presídios. Contudo, Christine Sullivan costumava usar muitas joias. Todos os relatórios que o detetive recebera diziam que ela era uma grande admiradora de diamantes, esmeraldas, safiras e todas as pedras preciosas. E as usava. Ainda assim, não havia joias no corpo, embora fosse fácil ver as marcas deixadas na pele pelos anéis. Sullivan também confirmara que o colar de diamantes da mulher havia sumido. E o dono do salão de beleza se lembrava de tê-la visto com o colar na segunda-feira.

Frank tinha certeza de que, com base nisso, um bom promotor poderia alegar um caso de assalto. Os criminosos teriam ficado na casa à espera da vítima, tudo premeditado, sem dúvida. Por que o bondoso povo da Virgínia pagaria milhares de dólares por ano para alimentar, vestir e abrigar um assassino a sangue-frio? Invasão e furto? Quem se importava? A mulher estava morta. Liquidada por algum atirador doente. Pequenos detalhes jurídicos desse tipo não interessavam a Frank. Como muitos policiais, ele achava que a justiça criminal pendia a favor do réu. Com frequência lhe parecia que o fato de que alguém de fato havia violado a lei ficava perdido no meio de todo o processo, com suas transações complicadas, armadilhas técnicas e advogados de defesa dedicados demais. Que alguém havia sido ferido, estuprado ou morto. E isso estava definitivamente errado. Frank não tinha como mudar o sistema, mas podia encontrar algumas brechas.

Aproximou o relatório dos olhos. Tomou outro gole de café forte. Causa da morte: ferimentos na lateral do cérebro. Um deles, perfurante, provocado por projétil de arma de fogo de grosso calibre e alta velocidade, expansivo e de ponta macia. Outro ferimento, penetrante, foi provocado por um pedaço de metal de composição desconhecida saído de uma arma não

identificada. Isso, num vocabulário leigo, significava que o cérebro dela tinha sido explodido por uma pistola de grosso calibre. O relatório também afirmava que se tratava de um homicídio, o que, para Frank, era a única coisa que estava clara naquele caso. Notou que estivera certo quanto à distância dos disparos. Não havia vestígios de pólvora no ferimento. Os tiros foram dados de mais de meio metro de distância. Ele acreditava que a distância era de cerca de 2 metros, mas era só um palpite.

Frank se inclinou sobre a mesa. Por que mais de um tiro? A mulher certamente tinha morrido com o primeiro. Seria o assaltante um sádico, atirando várias vezes no cadáver? No entanto, havia apenas dois ferimentos de bala no corpo, o que não caracterizava a ação de um louco descarregando a arma. Havia também a questão dos projéteis: um expansivo e o outro misterioso.

Levantou um saco plástico. Apenas uma bala tinha sido extraída do corpo. Havia entrado abaixo da têmpora direita, se achatara e expandira com o impacto, penetrara no crânio e no cérebro, causando uma onda de choque no delicado tecido cerebral.

Cutucou cautelosamente a bala dentro do saco, ou o que sobrara dela. Um projétil medonho criado para destruir tudo o que encontrasse em seu caminho, e que funcionara perfeitamente em Christine Sullivan. O problema era que projéteis expansivos podem ser encontrados por toda parte. E a bala ficou muito deformada. O exame de balística fora praticamente inútil.

O segundo tiro entrara um centímetro acima do primeiro, atravessara todo o cérebro e saíra pelo outro lado, deixando um buraco muito maior que o da entrada. Os danos no osso e nos tecidos tinham sido consideráveis.

O lugar onde essa segunda bala se aninhara surpreendeu a todos: um buraco de um centímetro na parede atrás da cama. O normal seria que o pessoal do laboratório usasse ferramentas especiais para extrair a bala do pedaço de gesso cortado, tendo o cuidado de preservar as estrias nela gravadas, o que possibilitaria a identificação do fabricante e, eventualmente, compará-la com outra munição do mesmo tipo. A identificação de digitais e balística era o mais perto da certeza que se podia ter nesse ramo.

Só que, neste caso, embora tivessem encontrado o buraco, não havia bala alguma dentro dele nem no quarto. Quando o laboratório ligou para lhe dar essa informação, Seth Frank desceu para ver pessoalmente, irritado como nunca se mostrara.

Por que eles se dariam o trabalho de extrair uma bala da parede quando havia outra no corpo? O que a segunda bala mostraria que a primeira não mostrava? Havia várias possibilidades.

Frank fez algumas anotações. A bala que faltava podia ser de outro tipo ou calibre, o que provaria a existência de dois assaltantes. Por mais fértil que fosse a imaginação de Frank, não conseguia visualizar uma pessoa atirando na mulher com uma arma em cada mão. Era provável que houvesse dois suspeitos. Isso também explicava os diferentes padrões de entrada e saída das balas e dos ferimentos internos. O buraco de entrada da expansiva era maior que o da outra. Portanto, a segunda bala não podia ser oca nem de ponta macia. Atravessara a cabeça, abrindo um túnel da metade da largura de um dedo mínimo. O projétil quase não devia ter sofrido deformações, o que não queria dizer nada, já que ele não tinha a maldita bala.

Examinou as anotações iniciais da cena do crime. Estava no estágio da coleta de dados e esperava não ficar preso nele para sempre. Pelo menos não tinha que se preocupar com o prazo para que o crime prescrevesse.



Olhou para o relatório mais uma vez e voltou a ficar preocupado.

Frank pegou o telefone e discou. Dez minutos depois estava sentado no escritório do médico-legista.

O homem grande futucava as cutículas com um bisturi e ergueu os olhos para ele.

– Marcas de estrangulamento. Ou, pelo menos, *tentativa* de estrangulamento. Veja bem, a traqueia não foi esmagada, embora o tecido estivesse um pouco inchado e com hemorragia e eu tenha encontrado uma pequena fratura no osso hioide. Também encontrei traços de petéquias na conjuntiva das pálpebras. Sem ligação. Está tudo no documento.

Frank processou aquela informação. Petéquias, ou pequenas hemorragias na conjuntiva dos olhos e das pálpebras, podiam ser causadas por estrangulamento e a resultante pressão sobre o cérebro.

Frank inclinou-se para a frente e deu uma olhada nos diplomas que cobriam a parede e declaravam que o homem à sua frente havia muito tempo se dedicava ao estudo da patologia forense.

– Homem ou mulher?

O médico-legista deu de ombros.

– Difícil dizer. Como você sabe, a pele humana não é boa superfície para impressões digitais. Na verdade, é impossível distinguir qualquer coisa, com exceção de algumas áreas e, mesmo assim, após doze horas, não haveria mais nada. É difícil imaginar uma mulher tentando estrangular outra com as próprias mãos, mas já aconteceu. Não é necessária muita pressão para esmagar uma traqueia, mas o estrangulamento geralmente é um método masculino. Em uma centena de casos de estrangulamento, nunca vi um ter sido comprovadamente cometido por uma mulher. E este também foi frente a frente – acrescentou ele. – Você tem que estar muito certo de sua força. Com base em minha experiência, se eu tivesse que dar um palpite, diria que foi um homem.

– O relatório também diz que havia contusões e arranhões do lado esquerdo do queixo, dentes frouxos e cortes no interior da boca.

– Parece que alguém lhe deu uma boa coça. Um dos molares quase penetrou na bochecha.

Frank deu uma olhada na pasta do caso.

– E a segunda bala?

– Pelo dano causado, creio que seja de grosso calibre, como a primeira.

– Algum palpite quanto à primeira?

– Bem, não passa de palpite. Talvez uma 357, ou 41. Também pode ser uma nove milímetros. Meu Deus, você viu a bala. Estava chata como uma panqueca, metade dela perdida pelo tecido do cérebro e fluidos. Nada de sulcos ou distorções. Mesmo que você consiga encontrar uma arma, não vai conseguir fazer uma comparação.

– Se achássemos a outra bala, talvez tivéssemos uma pista.

– Talvez não. As marcas devem ter sido estragadas quando ela foi retirada da parede. O pessoal da balística não vai ficar satisfeito.

– É, mas talvez houvesse cabelo, sangue ou pele da vítima na ponta. Eu adoraria pôr as mãos nisso.

O médico-legista esfregou o queixo, pensativo.

- É verdade. Mas primeiro vai ter que encontrar a bala.
- O que provavelmente não vai acontecer. – Frank sorriu.
- Nunca se sabe.

Os dois homens se olharam, cientes de que jamais encontrariam o outro projétil. E, mesmo que o encontrassem, não poderiam relacioná-lo ao crime, a menos que contivesse indícios da morta, ou que achessem a arma que efetuou o disparo e a ligassem ao crime.

- Achou alguma cápsula?

Frank balançou a cabeça.

- Então você também não tem a marca do percussor, Seth. – O médico-legista se referia à marca única deixada pelo gatilho na base da cápsula.

- Nunca falei que seria fácil. A propósito, os caras do governo têm deixado você respirar?

O médico-legista sorriu.

- Incrivelmente calmos. Agora, se a vítima tivesse sido o Walter Sullivan... Quem vai saber? Já entreguei meu relatório a Richmond.

Só então Frank fez a pergunta que o tinha levado ali.

- Por que dois tiros?

O médico-legista parou de futucar as cutículas, largou o bisturi e olhou para Frank.

- Por que não? – Ele estreitou os olhos.

Encontrava-se na nada invejável posição de ser mais competente do que requeriam as oportunidades que se apresentavam naquele condado pacato. Era um dos cerca de quinhentos legistas assistentes do estado e tinha bastante sucesso como clínico geral, mas sentia fascinação pessoal tanto pelas investigações policiais quanto pela patologia forense. Antes de se estabelecer na Virgínia, tinha sido legista assistente em Los Angeles por quase vinte anos. Em termos de homicídios, o condado não era pior que L.A., mas ali ele podia ir a fundo.

Frank o encarou e disse:

- Não há dúvida de que qualquer um dos tiros teria sido fatal. Por que então disparar o segundo? Havia muitas razões para não fazer isso. Primeiro, o barulho. Segundo, se você quisesse dar o fora rápido, por que perderia tempo dando mais um tiro? Além do mais, por que deixar outra bala que possa identificá-lo no futuro? Foi Christine que os assustou? Nesse caso, por que os tiros vieram da porta e não da direção contrária? Por que a linha de tiro foi descendente? Ela estava de joelhos? Devia estar, ou então o atirador tinha uma altura descomunal. Se estava de joelhos, por quê? Execução? Mas não havia ferimentos de contato. E há ainda as marcas no pescoço. Por que tentar estrangulá-la primeiro, parar, pegar uma arma e estourar seus miolos? E depois estourá-los de novo. Uma bala recolhida. Por quê? Uma segunda arma? Por que tentar esconder? O que isso significa?

Frank se levantou e andou pela sala, as mãos enfiadas nos bolsos – um hábito que tinha quando pensava intensamente.

- E a porra da cena do crime estava tão limpa que não dava para acreditar – continuou ele. – Não ficou nada. Nada mesmo. Fico surpreso que eles não tenham tirado a outra bala da cabeça dela. Quero dizer, o cara era um ladrão. Pelo menos é nisso que quer que acreditemos. Mas o fato é que o cofre *foi* limpo. Levaram cerca de quatro milhões e meio. E o que a Sra. Sullivan estava fazendo ali? Deveria estar tomando sol no Caribe. Ela conhecia o assassino? Estava transando

com alguém? Nesse caso, os dois incidentes têm alguma relação? E por que diabos o ladrão entra pela porta da frente, desliga o sistema de segurança e depois usa uma corda para sair pela janela? Sempre que me faço uma pergunta, outra logo me ocorre.

Frank sentou de novo, parecendo ligeiramente perplexo com o próprio desabafo.

O médico-legista recostou-se na cadeira, pegou a pasta do caso e leu por um minuto. Tirou os óculos, limpou-os na manga do jaleco e apoiou a cabeça na mão, repuxando o canto da boca com o indicador.

As narinas de Frank tremiam enquanto ele observava o legista.

– O que me diz?

– Você falou que nada foi deixado na cena do crime. Tenho pensado nisso. Você tem razão. Estava limpo demais.

Ele demorou-se acendendo um cigarro sem filtro. Todo patologista com quem Frank trabalhara era fumante. O legista soprou anéis no ar, evidentemente se deleitando com o exercício mental.

– As unhas dela estavam limpas demais.

Frank ficou intrigado.

– O que quero dizer é que não havia sujeira, vestígios de esmalte, embora as unhas estivessem pintadas de vermelho vivo, nenhum dos resíduos comuns que se costuma encontrar. Nada. Como se tivessem sido retirados. Entende o que quero dizer? – Ele fez uma pausa e continuou: – Também encontrei traços de uma solução. – Outra pausa. – Algo para limpeza.

– Ela esteve num salão de beleza pela manhã. Para fazer as unhas e tudo o mais.

O legista discordou, balançando a cabeça.

– Então deveria haver mais resíduos, e não menos, com todos os produtos químicos que eles usam.

– O que está querendo dizer? Que as unhas dela foram deliberadamente limpas?

O médico-legista fez que sim com a cabeça.

– Alguém tomou todo o cuidado para não deixar nenhum material que pudesse ser identificado.

– O que significa que estavam paranoicos com a ideia de serem identificados pelos indícios físicos.

– A maioria dos criminosos é assim, Seth.

– Até certo ponto. Mas limpar as unhas da vítima com solução especial e deixar o lugar tão limpo que nosso aspirador especial não conseguiu sugar praticamente nada é demais.

Frank esquadrinhou o relatório.

– Você também encontrou traços de óleo nas palmas das mãos dela.

O médico-legista assentiu, examinando o detetive de perto.

– Um composto para proteção e preservação. Você sabe, do tipo que se usa em tecidos, couros, essas coisas.

– Então ela poderia ter segurado alguma coisa que tenha deixado o resíduo de óleo em suas mãos?

– Sim. Embora não possamos ter certeza de quando exatamente o óleo foi parar na mão dela.

– O médico-legista pôs os óculos. – Acha que ela conhecia o assassino, Seth?

– Nenhum dos indícios aponta nessa direção, a menos que ela o tenha convidado para roubar a casa.

O médico-legista teve uma inspiração súbita:

– Talvez ela tenha armado esse roubo. Cansada do velho, facilita o acesso do novo amante para convenientemente roubar as joias e depois sumirem e viverem felizes para sempre.

Frank refletiu.

– E depois eles tiveram uma desavença ou um estava tentando enganar o outro desde o início, e no fim foi ela que se deu mal?

– Faz sentido, Seth.

Frank hesitou.

– Todos dizem que ela adorava *ser* a Sra. Walter Sullivan. Mais do que pelo dinheiro, se entende o que quero dizer. Com ele, tinha a chance de se relacionar, em muitos sentidos, com gente famosa do mundo todo. Algo emocionante para uma mulher que fritava hambúrgueres no Burger King.

O médico-legista olhou para ele espantado.

– Você está brincando!

O detetive sorriu.

– Bilionários de 80 anos às vezes têm ideias estranhas.

O médico-legista sorriu e balançou a cabeça. Bilionário? O que ele faria com um bilhão de dólares? Baixou os olhos para o mata-borrão em cima da mesa. Depois apagou o cigarro, olhou de novo para o relatório e de volta para Frank. Pigarreou.

– Acho que a cápsula do segundo projétil era de metal, toda ou pela metade.

Frank afrouxou a gravata e apoiou os cotovelos na mesa.

– O.k.

– A bala atravessou o osso temporal e irrompeu pelo parietal esquerdo, deixando um ferimento na saída duas vezes maior que o de entrada.

– Então você definitivamente está falando em duas armas?

– A menos que o sujeito tivesse carregado a mesma arma com dois tipos de munição. – Ele dirigiu ao detetive um olhar penetrante. – Isso não parece surpreendê-lo, Seth.

– Teria me surpreendido há uma hora. Agora não.

– Então provavelmente temos dois assassinos.

– Dois assassinos com duas armas. E uma dama de que tamanho?

O médico-legista não precisou recorrer às anotações.

– Um metro e 55 de altura e 52 quilos.

– Uma mulher pequena e dois criminosos, provavelmente homens, com armas de grosso calibre, que tentam estrangulá-la, a espancam e depois atiram contra ela, matando-a.

O médico-legista esfregou o queixo. Os fatos eram bem confusos.

Frank deu uma espiada no relatório.

– Você tem certeza de que as marcas de estrangulamento e das pancadas foram feitas antes da morte?

O médico-legista pareceu ofendido.

– Claro. Uma confusão e tanto, não é?

Frank folheou o relatório, tomando notas.

– É o mínimo que se pode dizer. Sem tentativa de estupro. Nada nesse sentido?

O médico-legista não respondeu.

Por fim Frank levantou os olhos para ele, tirou os óculos, deixou-os sobre a mesa e se recostou, tomando um gole do café preto que lhe tinha sido oferecido antes.

– O relatório não fala em abuso sexual – lembrou ele ao amigo.

O médico-legista finalmente se mexeu.

– O relatório está certo. Não houve abuso sexual. Nenhum traço de sêmen, nenhum indício de penetração, nenhum ferimento. Tudo isso me leva a concluir que, oficialmente, não houve abuso sexual.

– Mas e aí? Você não está satisfeito com essa conclusão? – Frank olhava para ele, ansioso.

O médico-legista tomou um gole de café, se espreguiçou, alongando bem os braços, e depois se inclinou para a frente.

– Sua mulher já fez exame ginecológico?

– Claro. Toda mulher faz, não é?

– Você ficaria surpreso – respondeu o legista em tom seco. – O negócio é que, não importa quão competente seja o ginecologista, o exame sempre deixa marcas, um ligeiro inchaço e pequenas lesões na genitália. Para ser eficiente, você tem que mexer no local.

Frank pousou o café e se remexeu na cadeira.

– O que você está sugerindo? Que o ginecologista foi examiná-la no meio da noite, antes de ela ser baleada?

– Os indícios eram muito sutis, mas estavam lá. – O médico-legista fez uma pausa, escolhendo cuidadosamente as palavras. – Tenho pensado nisso desde que entreguei o relatório. Veja bem, pode não ser nada. Ela poderia ter feito aquilo sozinha, entende o que quero dizer? Mas, pela aparência, não acredito que tenha sido autoinfligido. Acho que alguém a examinou *depois* de morta. Talvez duas horas depois, talvez antes.

– Para quê? Para ver se tinha acontecido alguma coisa? – Frank não tentou esconder sua incredulidade.

O médico-legista o encarou com firmeza.

– Numa situação como essa, não há outro motivo para examinar a vagina de uma mulher, não é?

Frank continuou encarando o médico por um longo tempo. Aquela informação só fez suas ténporas latejarem ainda mais. Ele balançou a cabeça. Rabiscou umas anotações, as sobranceiras arqueadas, bebendo o café de modo automático.

O médico-legista a examinou. Aquele não era um caso fácil, mas até ali o detetive apertara os botões certos, fizera boas perguntas. Estava intrigado, mas isso era parte do processo. Mesmo os bons nunca resolvem tudo. Mas não ficam confusos para sempre. Chegava uma hora em que, com sorte e dedicação, em doses diferentes de um caso para outro, você desvendava o mistério e as peças do quebra-cabeça se encaixavam. O médico-legista esperava que isso acontecesse naquele caso. Porém, no momento, as perspectivas não pareciam muito boas.

– Ela estava bastante bêbada quando foi morta. – Frank examinava o relatório da toxicologia.

– Não vejo alguém tão bêbado como ela estava desde os tempos de faculdade.

Frank sorriu.

- Bem, eu estava me perguntando como ela teria ficado assim.
- Uma casa como aquela costuma ter muita bebida.
- Sim, mas não havia copos sujos, garrafas abertas nem nada no lixo.
- Talvez ela tenha bebido em outro lugar.
- E como chegou em casa?

O médico-legista pensou por um momento e esfregou os olhos sonolentos.

- Dirigindo. Já vi gente com percentagem maior atrás de um volante.
- Você quer dizer na sala de autópsias, não é? A questão é que nenhum dos carros saiu da garagem desde que a criadagem foi para o Caribe.

- Como sabe disso? O motor não continua quente depois de três dias.

Frank folheou seu caderno de anotações, encontrou o que procurava e passou para o amigo.

- O Sr. Sullivan tem um motorista em tempo integral. Um velho chamado Bernie Kopeti. Conhece os carros, é meticoloso e organizado e guarda registros detalhados da frota de Sullivan. Tem a quilometragem de cada automóvel anotada num livro de registros que é atualizado diariamente. Acredita nisso? Pedi a ele que checasse o hodômetro dos carros na garagem. Kopeti confirmou que não faltava veículo nenhum. Todas as quilometragens batiam. Nenhum carro saiu de casa desde que eles foram para o Caribe. Christine Sullivan não foi para casa num deles. Então como chegou lá?

- Táxi?

Frank negou com a cabeça.

- Conversamos com todas as companhias de táxi que atuam aqui. Não houve nenhuma corrida com destino ao endereço de Sullivan naquela noite. Seria difícil esquecer aquele lugar, você não acha?

- A menos que o motorista seja o assassino.

- Você acha que ela iria convidar um motorista de táxi para entrar?
- Ela estava bêbada e provavelmente não sabia o que estava fazendo.
- Isso não bate com o fato de a placa do alarme ter sido removida ou de haver uma corda pendurada na janela. Além do mais, estamos falando de dois possíveis criminosos. Nunca vi um táxi dirigido por dois motoristas.

Um pensamento ocorreu a Frank, que o anotou no caderninho. Tinha certeza de que Christine Sullivan fora levada para casa por alguém que ela conhecia. Essa pessoa ou pessoas não haviam se apresentado, e Frank achou que tinha uma boa ideia do motivo. Sair pela janela usando uma corda, em vez de pela porta da frente, como tinham entrado, significava que algo fizera com que os assassinos fugissem. A probabilidade mais óbvia era a patrulha de segurança, mas o guarda de serviço não relatara nada de extraordinário naquela noite. Só que os criminosos não sabiam disso. O simples fato de terem visto a radiopatrulha os fizera sair em disparada.

O médico-legista permaneceu recostado na cadeira, sem saber o que dizer. Levantou as mãos abertas e perguntou:

- Algum suspeito?

Frank terminou de escrever.

- Talvez.

O médico-legista lhe dirigiu um olhar arguto.

– O que diz o marido dela? Um dos homens mais ricos do país.

– Do mundo. – Frank guardou o caderninho de notas, pegou o relatório e acabou de tomar o café. – Ela desistiu de viajar a caminho do aeroporto. O marido achou que ela fosse ficar no apartamento deles no Edifício Watergate. Isso já foi confirmado. O jato da família estava reservado para buscá-la em três dias e levá-la para a propriedade de Sullivan em Bridgetown, Barbados. Ela não apareceu no aeroporto, então Sullivan ficou preocupado e começou a telefonar.

– Ela explicou a ele por que decidiu não viajar?

– Não que ele tenha me contado.

– Esses caras ricos podem pagar pelo melhor. Simular um roubo enquanto se balança numa rede bebericando uma cana barata fabricada numa ilha a seis mil quilômetros de distância. Acha que ele é um dos criminosos?

Frank fixou os olhos na parede por um longo tempo. Seus pensamentos voltaram para Walter Sullivan sentado silenciosamente ao lado da mulher no necrotério, o modo como agiu quando não tinha razão para achar que alguém estivesse olhando.

Frank ergueu os olhos para o médico-legista e se levantou para ir embora.

– Não, não acho.

**B**ILL BURTON ESTAVA SENTADO no posto de comando do Serviço Secreto na Casa Branca. Baixou o jornal lentamente, o terceiro que lia naquela manhã. Cada um deles trazia uma matéria dando continuidade ao caso de Christine Sullivan. Os fatos eram basicamente os mesmos das primeiras matérias publicadas. Aparentemente não havia novidades.

Ele tinha falado com Varney e Johnson numa reunião de fim de semana em sua casa. Só ele, Collin e seus dois companheiros do Serviço. O sujeito estivera no cofre e vira o presidente com sua acompanhante. Então saíra do cofre, derrubara o presidente, matara a mulher e fugira, apesar dos esforços de Burton e Collin. Essa história não batia perfeitamente com a sequência dos acontecimentos daquela noite, mas tanto Varney quanto Johnson aceitaram a versão de Burton sem pestanejar. Ambos expressaram raiva e indignação por alguém ter levantado a mão para o homem que protegiam. O sujeito merecia o que lhe aconteceria. Eles não contariam a ninguém sobre o envolvimento do presidente no caso.

Depois que todos se foram, Burton se sentou no quintal tomando uma cerveja. Se eles soubessem... O problema é que ele sabia. Bill Burton sempre fora um homem honesto e não estava gostando nem um pouco de seu novo papel de mentiroso.

Burton virou a segunda xícara de café e olhou o relógio. Serviu-se de mais café e deu uma olhada nas acomodações do Serviço Secreto na Casa Branca.

Sempre quisera pertencer àquela equipe de segurança de elite, protegendo o homem mais importante do planeta. Sempre ansiara a sabedoria, a força e a inteligência dos agentes do Serviço Secreto, a íntima camaradagem. Saber que esperavam de você que, a qualquer momento, sacrificasse a vida – o que você faria – por outro homem, em benefício do bem comum, ressaltava a nobreza suprema daquele ato num mundo cada vez mais carente de qualquer coisa que fosse remotamente virtuosa. Tudo isso permitia ao agente William James Burton se levantar com um sorriso todas as manhãs e dormir tranquilo à noite. Agora esse sentimento desaparecera. Ele apenas cumprira seu dever, e o sentimento se fora. Balançou a cabeça e fumou um cigarro às pressas.

Sentados num barril de pólvora. Era como todos estavam. Quanto mais Gloria Russell explicava, mais impossível ele achava que era.

O carro tinha sido um desastre. Investigações muito discretas o ligaram diretamente ao maldito estacionamento de veículos apreendidos da polícia da capital. Desde então seria perigoso demais forçar a barra. Gloria tinha ficado furiosa. Problema dela. Ela dissera que tinha tudo sob controle. Mentira.

Ele dobrou o jornal e guardou-o com cuidado para o próximo agente.

Filha da puta da Gloria. Quanto mais Burton pensava no caso, mais furioso ficava. Só que agora era tarde demais para voltar atrás. Tocou no lado esquerdo do paletó. Sua 357 e a 9mm de Collin estavam juntas, cheias de cimento, no fundo do rio Severn, no ponto mais remoto que puderam encontrar. Muitos achariam que aquela era uma precaução desnecessária, mas Burton achava que nenhuma precaução era desnecessária. A polícia tinha apenas uma bala inútil e jamais encontraria a outra. Mesmo que a encontrasse, o cano de sua nova pistola estaria



irrepreensivelmente limpo. Burton não se preocupava com o departamento de balística da polícia da Virgínia – não conseguiriam pegá-lo.

Ele inclinou a cabeça enquanto relembrava os acontecimentos daquela noite. O presidente dos Estados Unidos era um adúltero que tratara sua amante daquela noite com tanta violência que ela tentara matá-lo e os agentes Burton e Collin tiveram que acabar com ela.

Depois precisaram encobrir tudo. Era isso que fazia Burton estremecer sempre que se olhava no espelho. A farsa. Eles tinham mentido. Ao ficarem calados, estavam mentindo. Mas ele não tinha mentido todo o tempo? Todas aquelas noites de encontros? Quando cumprimentava a primeira-dama pela manhã? Quando brincava com os dois filhos dela e do presidente no gramado? Sem dizer a eles que o marido e o pai não era nem um pouco tão correto, delicado e bondoso quanto eles pensavam. Como todo o país pensava.

O Serviço Secreto. Burton fez uma careta. Era o nome certo por um motivo improvável. Toda a sujeira que ele vira ao longo dos anos. E tinha fechado os olhos. Era o que todo agente fazia vez por outra. Em particular, reclamavam ou faziam piada, mas era só. Essa função especial e indesejável fazia parte do emprego. O poder enlouquecia as pessoas; fazia com que se sentissem invencíveis. E, quando alguma coisa de ruim acontecia, os caras do Serviço Secreto limpavam a sujeira.

Burton pegara o telefone diversas vezes para falar com seu diretor, contar tudo a ele, tentar reduzir seu prejuízo. Mas sempre desistira, incapaz de pronunciar as palavras que acabariam com sua carreira e com sua vida. E, a cada dia, aumentavam suas esperanças de que tudo aquilo acabasse, embora o bom senso lhe dissesse que isso jamais aconteceria. Achava que agora era tarde demais para contar a verdade. Telefonar um ou dois dias depois contando o que acontecera era aceitável, mas não agora.

Seus pensamentos voltaram à investigação da morte de Christine Sullivan. Burton lera com grande interesse o relatório da autópsia, cortesia da polícia local ao presidente, que estava muito, muito abalado com a tragédia. Filho da puta.

Queixo quebrado e marcas de estrangulamento. Os tiros disparados por ele e por Collin não tinham causado esses ferimentos. Ela tivera bons motivos para tentar matá-lo. Só que Burton não podia deixar isso acontecer de jeito nenhum. Restavam poucas verdades absolutas, mas essa com certeza era uma delas.

Ele tinha feito a coisa certa. Burton repetira isso para si mesmo milhares de vezes. Tratara-se da ação para a qual treinara toda a sua vida adulta. As pessoas comuns jamais entenderiam como um agente se sentiria se algo ruim acontecesse sob sua vigilância.

Ele havia conversado com um dos agentes de Kennedy muito tempo antes. O cara nunca se recuperou do que acontecera em Dallas. Estivera caminhando bem ao lado da limusine do presidente e não pudera fazer nada. E Kennedy morreria. Explodiram a cabeça do presidente diante de seus olhos. Ele não pudera fazer nada, mas sempre havia, sim, algo que pudesse ser feito. Virar à esquerda, em vez de à direita, observar melhor um prédio, examinar a multidão com um pouco mais de cuidado. O agente da segurança de Kennedy nunca mais fora o mesmo. Largara o Serviço Secreto, se divorciara, mas continuou morando em Dallas pelos últimos vinte anos de sua vida, até acabar com ela sem que ninguém soubesse, num ninho de ratos no Mississippi.

Uma coisa dessas jamais aconteceria com Bill Burton. Foi por isso que ele havia se jogado na frente do predecessor de Alan Richmond seis anos antes, levando dois tiros de um 38, apesar do colete protetor que usava. Uma bala havia perfurado seu ombro; a outra, o antebraço. Por milagre, nenhuma atingira um órgão ou uma artéria vital, deixando Burton apenas com as cicatrizes e a gratidão de todo o país. E, mais importante ainda, a adulação dos outros agentes.

E foi por isso que havia atirado em Christine Sullivan. Faria a mesma coisa outra vez, se fosse preciso. Ele a mataria quantas vezes fossem necessárias. Puxaria o gatilho, veria a bala de dez gramas penetrar na lateral de sua cabeça a mais de 360 metros por segundo, a jovem vida terminada. Escolha dela, não dele. Morta.

Voltou ao trabalho enquanto ainda podia.



Gloria Russell atravessou o corredor depressa. Acabara de orientar o assessor de imprensa do presidente quanto à abordagem adequada do conflito entre a Rússia e a Ucrânia. Os ditames puramente políticos indicavam que apoiassem a Rússia, mas a tomada de decisão da administração de Richmond quase nunca se baseava apenas em política. A Rússia detinha todas as armas nucleares intercontinentais, mas a Ucrânia estava em posição muito melhor para se tornar um importante parceiro comercial dos países do Ocidente. O que pesava a favor da Ucrânia era o fato de Walter Sullivan, o bom amigo enlutado do presidente, estar fechando um grande negócio com esse país. Sullivan e seus contatos tinham contribuído com aproximadamente 12 milhões de dólares para a campanha de Richmond, além de lhe garantir praticamente todos os endossos de que precisara na corrida presidencial. Ele tinha que retribuir à altura. Por isso os Estados Unidos apoiariam a Ucrânia.

Gloria olhou o relógio, agradecendo a Deus a existência de boas razões para que se tomasse o partido de Kiev e não o de Moscou, embora ela tivesse certeza de que Richmond teria tomado a mesma decisão se não houvesse. Ele não esquecia a lealdade. Favores tinham que ser retribuídos. Só que o presidente pode retribuir em escala global. Resolvido aquele problema, ela se sentou à escrivaninha e se concentrou numa lista crescente de crises.

Após quinze minutos de malabarismo político, Gloria se levantou e foi devagar até a janela. A vida seguia em Washington, exatamente como nos últimos duzentos anos. Conflitos se espalhavam por toda parte, trazendo dinheiro, grandes intelectos e pessoas influentes para a atividade política, que essencialmente significava ferrar os outros antes que eles dessem a volta e ferrassem você. Gloria entendia esse jogo melhor que a maioria das pessoas. Ela o amava e era muito boa nele. Aquele sem dúvida era seu ambiente e ela se sentia feliz como nunca. O fato de ser solteira e não ter filhos começava a preocupá-la. Todo o reconhecimento profissional começou a lhe parecer monótono e vazio. Então Alan Richmond entrara em sua vida e a fizera vislumbrar a possibilidade de se alçar ao nível seguinte. Talvez um nível ao qual nenhuma mulher chegara. Essa ideia era tão forte em sua mente que ela às vezes chegava a estremecer, antecipando o futuro.

E de repente uma bomba estourara em suas mãos. Onde estaria ele? Por que não aparecera? Claro que sabia o que tinha em seu poder. Se era dinheiro o que desejava, ela pagaria. O caixa dois que tinha à sua disposição era suficiente até para a mais irracional das exigências, e Gloria

esperava pelo pior. Essa era uma das coisas maravilhosas a respeito da Casa Branca. Ninguém sabia quanto dinheiro era realmente necessário para administrá-la. Isso acontecia porque era grande o número de órgãos do governo que contribuíam com partes de seu orçamento e de seu pessoal para manter a Casa Branca funcionando. Com tanta confusão financeira, as administrações não tinham dificuldade em arranjar dinheiro mesmo para as compras mais estapafúrdias. Dinheiro seria a menor de suas preocupações. No entanto, havia muitas outras coisas com que se preocupar.

Será que o tal homem sabia que o presidente estava completamente alheio à situação? Era isso que a angustiava. E se ele tentasse fazer contato direto com o presidente, e não com ela? Gloria começou a tremer e se deixou cair numa cadeira junto à janela. Richmond logo perceberia suas intenções, não havia a menor dúvida. Ele era arrogante, mas não idiota. Então a destruiria. E ela se veria indefesa. Não ganharia nada se o expusesse. Não tinha provas. Seria a palavra dela contra a dele. E seria relegada a um limbo político, condenada e depois, o que seria o pior de tudo, esquecida.

Precisava encontrá-lo. Tinha que dar um jeito de mandar uma mensagem para ele, dizer-lhe que tinha que agir por intermédio dela. Só uma pessoa seria capaz de ajudá-la com isso. Sentou-se de novo à escrivaninha e voltou ao trabalho. Não era hora de entrar em pânico. Naquele momento precisava ser mais forte do que nunca. Ainda podia controlar o desfecho de tudo aquilo; bastava dominar os nervos e usar o cérebro bem-dotado que Deus lhe dera. Conseguiria sair daquela confusão. Sabia por onde começar.

Qualquer pessoa que a conhecesse consideraria o caminho que ela escolhera particularmente estranho. Mas havia um lado da chefe de gabinete que surpreenderia os poucos que afirmavam conhecê-la bem. Sua carreira sempre estivera à frente de outras áreas de sua vida, inclusive a pessoal e os relacionamentos sexuais. Mas Gloria Russell se considerava uma mulher muito atraente. Na verdade, tinha uma feminilidade que contrastava com sua armadura oficial. O fato de os anos estarem passando depressa só aumentava a apreensão que ela começara a sentir por causa desse desequilíbrio em sua vida. Não que estivesse planejando alguma coisa, sobretudo diante da catástrofe em potencial com que lidava, mas achava que sabia qual era o melhor jeito de resolver isso. E testar seus atrativos. Não podia fugir de seus sentimentos, assim como não podia fugir da própria sombra. Então por que não tentar? De qualquer modo, achava que sutileza seria perda de tempo, considerando o alvo que tinha em mente.

Algumas horas mais tarde, ela apagou a lâmpada de cima da mesa e pediu seu carro. Em seguida checou o pessoal do Serviço Secreto que estava de plantão e pegou o telefone. Três minutos depois o agente Collin estava diante dela, as mãos juntas à frente do corpo, os dedos entrelaçados, na pose padrão dos agentes. Ela fez um gesto para que ele esperasse um instante. Verificou sua maquiagem e retocou o batom. Com o canto do olho observou o homem alto diante de sua mesa, com corpo de modelo de capa de revista. Seria difícil para qualquer mulher ignorar aquela aparência. O fato de viver à beira do perigo por causa de sua profissão, podendo ele mesmo ser perigoso, só tornava o conjunto ainda mais atraente. Como os bad boys da escola, por quem as meninas sempre se sentem atraídas, nem que seja para fugir por um momento do tédio de suas vidas. Tim Collin já devia ter partido muitos corações em sua vida, pensou ela com uma razoável dose de confiança.

Sua agenda estava livre naquela noite, o que era raro. Ela empurrou a cadeira para trás e calçou os sapatos de salto. Não viu os olhos do agente Collin se desviarem rapidamente para suas pernas. Se tivesse visto, teria ficado satisfeita.

– Tim, o presidente vai dar uma entrevista coletiva na semana que vem, no tribunal de Middleton.

– Sim, senhora, às 9h35. Já estamos trabalhando nos preparativos. – Os olhos dele continuavam fixos à frente.

– Você acha isso um pouco estranho?

Collin fitou-a.

– Como assim, senhora?

– O expediente já terminou, pode me chamar de Gloria.

Collin transferiu o peso do corpo de um pé para o outro, sentindo-se desconfortável. Ela sorriu para ele, achando graça.

– Você sabe para que vai ser a entrevista, não sabe?

– O presidente vai falar – Collin engoliu em seco – da morte da Sra. Sullivan.

– Exatamente. Um presidente dando uma entrevista coletiva sobre o assassinato de uma cidadã comum. Você não acha curioso? Acredito que seja a primeira vez na história da presidência, Tim.

– Quanto a isso não sei dizer, sen... Gloria.

– Você tem passado bastante tempo com ele ultimamente. Notou alguma coisa diferente?

– Como o quê?

– Como ele estar mais estressado ou preocupado que o normal?

Collin balançou lentamente a cabeça, sem saber aonde ela queria chegar com aquela conversa.

– Acho que podemos ter um probleminha, Tim. Acho que o presidente pode precisar de nossa ajuda. Você está pronto a ajudá-lo, não está?

– Ele é o presidente, senhora. Meu trabalho é protegê-lo.

Remexendo na bolsa, ela disse:

– Você está ocupado hoje à noite, Tim? É sua noite de folga, não é? Sei que o presidente não vai sair.

Ele assentiu.

– Você sabe onde moro. Apareça assim que largar o serviço. Gostaria de continuar esta conversa com você em particular. Você se importaria de ajudar a mim e ao presidente?

A resposta de Collin foi imediata:

– Estarei lá, Gloria.



Jack bateu na porta de novo. Não houve resposta. As persianas estavam fechadas e não dava para ver nenhuma luz dentro da casa. Ou ele estava dormindo ou tinha saído. Jack olhou o relógio. Nove horas. Lembrou que Luther Whitney raramente ia para a cama antes de duas ou três horas da manhã. O velho Ford estava na entrada de carros. A pequena garagem tinha a porta fechada. Jack checkou a caixa do correio ao lado da porta. Estava transbordando. Era um mau sinal. Luther tinha uns 60 e poucos anos. Será que encontraria o velho amigo caído no chão, as

mãos geladas sobre o peito? Jack se virou para ver se alguém o observava e depois levantou uma jardineira de cerâmica junto da porta da frente. A chave extra ainda estava lá. Olhando em torno mais uma vez, enfiou a chave na fechadura e entrou.

A sala estava limpa e arrumada. Tudo estava em seu lugar.

– Luther?

Ele avançou pelo corredor. Ainda se lembrava da planta simples da casa. Quarto à esquerda, banheiro à direita, cozinha nos fundos e, depois dela, uma varandinha com tela e o jardim. Luther não estava em parte alguma. Jack entrou no pequeno quarto, que, como o restante da casa, estava limpo e em perfeita ordem.

Ele se sentou na beira da cama e olhou para o criado-mudo, onde diversos porta-retratos com fotos de Kate o encararam. Virou-se rapidamente e saiu do quarto.

Os cômodos minúsculos do segundo andar não continham praticamente nada. Ele aguçou os ouvidos. Silêncio absoluto.

Sentou-se numa cadeira de plástico na cozinha e deu uma olhada em volta. Não acendeu a luz, deixou-se ficar no escuro. Inclinou-se e, esticando o braço, abriu a geladeira com um gesto brusco. Sorriu. Duas embalagens de seis garrafas de Bud olhavam para ele. Sempre se podia contar com Luther para uma cerveja gelada. Pegou uma e abriu a porta dos fundos.

O jardim estava malcuidado. Os lírios e as samambaias tinham caído à sombra de um carvalho e a trepadeira que recobria a cerca de madeira estava murcha. Examinando as flores que Luther tanto amava, Jack notou que o verão de Washington tinha deixado mais vítimas que sobreviventes.

Sentou-se e tomou um gole de cerveja. Sem dúvida Luther não aparecia em casa havia algum tempo. E daí? Era adulto. Podia ir aonde quisesse, quando quisesse. Ainda assim, sentia que havia alguma coisa errada. No entanto, muitos anos tinham se passado. As pessoas mudam de hábitos. Refletiu por mais um instante. Não, os hábitos de Luther não mudariam. Ele não era desse tipo. Era sólido como uma rocha, a pessoa mais confiável que Jack conhecera na vida. Pilhas de correspondência, flores mortas, o carro fora da garagem... não deixaria as coisas assim. Não *voluntariamente*.

Jack tornou a entrar. A secretária eletrônica não tinha mensagens gravadas. Voltou ao quarto, sentindo novamente o cheiro de mofo no ar. Examinou o cômodo mais uma vez e começou a se sentir bobo. Não era nenhum detetive. Riu de si mesmo. Luther provavelmente estava aproveitando a vida, passando algumas semanas numa praia, e ali estava ele bancando o parente preocupado. Luther era um dos homens mais capazes que ele já conhecera. Além do mais, não tinha nada a ver com aquilo. A família Whitney não era da sua conta, nem o pai nem a filha. Aliás, o que estava fazendo ali? Tentando reviver os velhos tempos? Tentando chegar a Kate através do pai dela? Era o jeito mais improvável de conseguir isso.

Trancou a porta ao sair e recolocou a chave sob a jardineira. Deu uma última olhada para a casa e foi para seu carro.



A casa de Gloria Russell ficava numa rua sem saída num subúrbio tranquilo e rico de Bethesda. Seu trabalho como consultora de muitas das maiores empresas do país, associado à considerável

renda de professora e agora o salário de chefe de gabinete, e anos de investimento cuidadoso a tinham deixado numa boa situação financeira, e ela gostava de se cercar de coisas bonitas. A entrada era emoldurada por uma pégula envelhecida, entrelaçada de hera forte e viçosa. Um sinuoso muro de tijolo e cimento, de meia altura, cercava o terreno da frente, que era arrumado como um jardim privado, com mesas e guarda-sóis. Um pequeno chafariz borbulhava e sibilava na escuridão, que só era quebrada pela luz que vinha da grande *bay window* na frente da casa.

Gloria Russell estava sentada a uma das mesas do jardim quando o agente Collin chegou em seu conversível, a postura muito ereta, o terno estalando de tão bem passado, o nó da gravata apertado. A chefe de gabinete também não trocara de roupa. Sorriu para ele e os dois atravessaram juntos o passeio e entraram na casa.

– Aceita uma bebida? Você parece ser do tipo que prefere bourbon com água.

Gloria olhou para o rapaz e lentamente esvaziou a terceira taça de vinho branco. Havia muito tempo que não tinha um homem jovem à sua disposição. Tempo demais, pensou, embora o álcool não a deixasse raciocinar de modo muito claro.

– Cerveja, se tiver.

– Num minuto.

Ela parou para tirar os sapatos de salto alto e entrou descalça na cozinha. Collin olhou à sua volta, admirando a sala com cortinas drapeadas feitas por decorador, papel de parede texturizado e peças antigas de bom gosto. Perguntou-se o que estava fazendo ali. Esperava que ela trouxesse logo a cerveja. Astro dos esportes no colégio, desde o ensino médio era seduzido por mulheres. Mas aquilo ali não era a escola e Gloria Russell não era uma líder de torcida. Achou que não daria conta da noite sem um bom porre. Tinha pensado em falar com Burton sobre aquilo, mas algo o fizera ficar quieto. Burton andava meio distante e mal-humorado. Não tinham feito nada de errado. Collin sabia que as circunstâncias eram estranhas e uma atitude que normalmente lhes renderia elogios do país inteiro tinha que ser mantida em segredo. Lamentava ter matado a mulher, mas não havia opção. Tragédias acontecem o tempo todo. A hora dela havia chegado.

Pouco depois ele estava bebendo sua cerveja e olhava a bunda da chefe de gabinete enquanto ela afofava uma almofada no sofá grande antes de se sentar. Sorriu para ele e, delicadamente, tomou um gole de vinho.

– Há quanto tempo você está no Serviço, Tim?

– Quase seis anos.

– Subiu depressa. O presidente o tem em alta conta. Nunca vai esquecer que você salvou a vida dele.

– Fico feliz por isso. De verdade.

Ela tomou outro gole de vinho e o olhou de alto a baixo. Tim Collin estava sentado com as costas retas. Seu nervosismo evidente a divertia. Gloria terminou o exame e ficou muito impressionada. O jovem agente não deixara de perceber sua atenção e escondia o desconforto olhando as diversas pinturas que enfeitavam as paredes.

– Bonito – disse ele, apontando as obras de arte.

Ela sorriu, vendo que ele se apressava a engolir a cerveja. *Bonito*. Ela estava pensando exatamente a mesma coisa.

– Vamos sentar num lugar mais confortável, Tim.

Gloria se levantou, olhou para ele e o conduziu para o outro lado da sala de visitas, depois por um corredor estreito e comprido e, por fim, por uma grande porta dupla que levava a uma ampla sala de estar. As luzes se acenderam automaticamente, e Collin notou que, por trás de outro conjunto de portas duplas, dava para ver a cama da chefe de gabinete.

– Você me daria um minuto para trocar de roupa? Estou com este tailleur desde cedo.

Collin observou-a entrar no quarto. Ela não fechou completamente as portas. De onde ele estava, podia ver uma parte do cômodo. Virou a cabeça e tentou se concentrar nos desenhos e ornamentos da grade da lareira antiga que em breve voltaria a ser usada. Terminou a cerveja e quis outra. Recostou-se nas grossas almofadas. Tentou em vão não ouvir os barulhos que ela fazia. Por fim não conseguiu mais resistir. Virou a cabeça e olhou direto pelas portas abertas. Com uma ponta de arrependimento, não viu nada. A princípio. Então ela passou pela fresta.

Foi apenas um instante, enquanto parava aos pés da cama para pegar uma roupa. A chefe de gabinete Gloria Russell desfilando nua na frente dele deixou Collin abalado, mesmo que estivesse esperando por aquilo ou algo parecido.

Confirmada a programação daquela noite, Collin virou a cabeça, provavelmente mais devagar do que deveria. Lambeu o topo da lata de cerveja, sorvendo as últimas gotas. Sentiu a coroa da sua nova arma contra o peito. Em geral, aquele contato com o metal era confortador. Agora só doía.

Pensou nas diretrizes de relacionamentos. Todos sabiam que membros do governo e da família do presidente às vezes se tornavam muito ligados aos agentes do Serviço Secreto que os atendiam. Em todos aqueles anos, sempre ouvira boatos sobre transas, mas a política oficial era clara nesse ponto. Se Collin fosse descoberto naquela sala, com a chefe de gabinete nua em seu quarto, a carreira dele estaria acabada.

Pensou rápido. Poderia sair dali imediatamente e relatar tudo a Burton. Mas Gloria negaria. Collin faria papel de idiota e sua carreira estaria acabada do mesmo jeito. Ela o chamara ali por um motivo. Tinha dito que o presidente precisava da ajuda dele. Pela primeira vez o agente Collin se sentiu preso numa armadilha. Numa posição em que sua capacidade atlética, seu raciocínio rápido e sua 9mm eram inúteis. Intelectualmente não era páreo para aquela mulher. Na hierarquia oficial do poder estava tão abaixo dela que era como se olhasse de dentro de um abismo com um telescópio e ainda assim não conseguisse ver a sola de seus sapatos de salto. A noite seria longa.



Walter Sullivan andava de um lado para outro e Sandy Lord o observava. Uma garrafa de uísque ocupava uma posição de destaque num canto da mesa de Lord. Do lado de fora, a escuridão era quebrada pelo brilho fraco das lâmpadas da rua. Voltara a fazer calor, e Lord pedira que o ar-condicionado da empresa ficasse ligado, pois receberia uma visita especial naquela noite. O visitante parou de andar e olhou para a rua, onde, a algumas quadras dali, ficava a famosa construção branca na qual morava Alan Richmond e que era uma das chaves do grande esquema de Sullivan e Lord. Naquela noite, porém, Sullivan não pensava em negócios. Lord, sim. Mas era esperto demais para demonstrar isso. Naquela noite, estava ali pelo amigo. Para ouvir suas mágoas, seu desabafo, para deixar que chorasse a dor da perda de sua putinha. Quanto antes isso

fosse feito, mais depressa poderiam tratar do que realmente interessava: o próximo negócio.

– Foi uma bela cerimônia. As pessoas irão se lembrar por muito tempo. – Lord escolheu as palavras com cuidado.

Walter Sullivan era um velho amigo seu, mas essa amizade fora construída com base numa relação entre cliente e advogado, e poderia sofrer algum abalo a qualquer momento. Sullivan também era a única pessoa que deixava Lord nervoso, pois sabia que jamais tinha total controle da situação, que estava lidando com um homem no mínimo igual a ele, provavelmente superior.

– Foi, sim.

Sullivan manteve os olhos fixos na rua. Acreditava ter finalmente convencido a polícia de que o espelho falso não tinha relação com o crime. Tinha sido uma situação bastante constrangedora para um homem que não estava habituado a isso. O detetive, cujo nome Sullivan não conseguia lembrar, não lhe demonstrara o respeito merecido, o que o deixara furioso. Sempre conquistara o respeito de todo mundo. Não ajudava em nada o fato de ele não confiar nem um pouco na capacidade da polícia para encontrar os criminosos.

Balançou a cabeça quando seus pensamentos voltaram para o espelho. Pelo menos aquilo não havia sido divulgado na imprensa. Sullivan não iria suportar. Tinha sido ideia de Christine, mas ele havia concordado. Agora, ao olhar para trás, lhe parecia absurdo. A princípio ficara fascinado de ver sua mulher com outros homens. Por causa de sua idade, já não podia mais satisfazê-la e também não parecia fazer sentido negar a ela os prazeres físicos que estavam além de suas possibilidades. Mas tudo tinha sido absurdo, inclusive o casamento. Agora ele percebia. Tentar recuperar a juventude. Devia saber que a natureza não se submete a ninguém, independentemente da fortuna. Sentia-se constrangido e furioso. Finalmente voltou-se para Lord:

– Não tenho certeza se confio no detetive encarregado do caso. Como podemos conseguir ajuda do FBI?

Lord pôs o copo, pegou um charuto numa caixa escondida num compartimento de sua mesa e o desembulhou devagar.

– O homicídio de um cidadão comum não justifica uma investigação federal.

– Richmond está se envolvendo.

– Muito de leve.

Sullivan balançou a cabeça.

– Não, ele parecia realmente preocupado.

– Pode ser. Mas não espere que essa preocupação vá durar muito. Ele tem milhares de problemas para resolver.

– Quero que os responsáveis sejam pegos, Sandy.

– Eu entendo perfeitamente, Walter. Eles serão pegos. Você precisa ter paciência. Esses caras não eram ladrões de galinhas. Sabiam o que estavam fazendo. Mas todo mundo comete erros. Eles vão a julgamento, pode escrever o que estou dizendo.

– E depois? – perguntou Sullivan em tom de desprezo. – Prisão perpétua, certo?

– Provavelmente não vai ser caso para pena capital, então vão acabar pegando perpétua. Mas sem chance de condicional, Walter, pode acreditar. Nunca mais vão respirar ar livre. E uma injeção no braço pode parecer muito atraente depois de alguns anos sendo currado todas as



noites.

Walter Sullivan sentou e olhou para o amigo. Não queria participar de nenhum julgamento que revelasse todos os detalhes do crime. Estremeceu só de pensar em tudo aquilo sendo lembrado. Estranhos tomando conhecimento de detalhes íntimos de sua vida e da de sua falecida esposa. Não iria suportar. Queria apenas que os assassinos fossem pegos. Ele cuidaria do resto. Lord dissera que o estado da Virgínia condenaria os responsáveis à prisão perpétua. Pois naquele exato momento Walter Sullivan decidiu que pouparia ao estado as despesas de um encarceramento tão longo.



Gloria enroscou-se na ponta do sofá, os pés descalços enfiados sob um vestido de algodão largo que ia até a panturrilha. Seu decote atraía o olhar dele. Collin havia tomado mais duas cervejas e servira a ela outra taça de vinho da garrafa que tinha levado. Sentia a cabeça ligeiramente quente, como se uma pequena fogueira ardesse dentro dela. O nó da gravata tinha sido afrouxado, o paletó e a arma haviam ficado em cima do outro sofá. Ela havia tocado na arma quando Collin a retirara.

– Tão pesada.

– A gente se acostuma.

Ela não fez a pergunta que os outros em geral faziam. Sabia que Collin já havia matado alguém.

– Você realmente levaria um tiro pelo presidente?

Ela o fitou por entre as pálpebras semicerradas. Tinha que manter a concentração, ficava repetindo a si mesma. Mesmo assim quase levara o rapaz para sua cama. Sentiu que perdia grande parte de seu controle. Foi com muito esforço que começou a recuperá-lo. Que diabo estava fazendo? Agindo como uma prostituta num momento de crise. Não precisava abordar o assunto desse modo. Sabia disso. Sentia aflorar uma parte de sua personalidade que atrapalhava sua capacidade de tomar decisões. Não podia permitir que isso acontecesse, não agora.

Devia ir trocar de roupa de novo, voltar para a sala de visitas ou talvez ir para o escritório, onde os painéis de carvalho escuro e as paredes cobertas de livros abafariam seu incômodo lamento.

Ela a encarou com firmeza.

– Sim – respondeu.

Ela já ia se levantar, mas permaneceu onde estava.

– Levaria um tiro por você também, Gloria.

– Por mim? – A voz dela tremeu. Fitou-o de novo, sua estratégia esquecida, os olhos arregalados.

– Sem nem pensar duas vezes. Há muitos agentes do Serviço Secreto. Só uma chefe de gabinete. É assim que funciona. – Ele baixou os olhos e falou baixinho: – Não é um jogo, Gloria.

Quando foi se servir de mais cerveja, notou que ela havia se aproximado mais e, ao se sentar de novo, o joelho dela encostou em sua coxa. Então ela esticou as pernas, esfregando-as nas dele, e pousou-as sobre a mesinha de centro. De algum modo o vestido subira mais, revelando coxas grossas e brancas. Aquelas eram as pernas de uma mulher mais velha e muito atraente. Os olhos de Collin percorreram devagar a pele exposta.

– Sempre admirei vocês. Refiro-me a todos vocês, agentes. – Ela parecia quase constrangida. – Sei que às vezes não recebem o valor que merecem. Quero que saiba quanto os aprecio.

– É um ótimo emprego. Não trocaria por nenhum outro.

Ele tomou outro gole de cerveja e se sentiu melhor. Sua respiração ficou mais relaxada.

Gloria Russell sorriu.

– Fico feliz que você tenha vindo.

– Qualquer coisa para ajudar, Gloria.

A confiança dele aumentava junto com o nível de álcool no sangue. Ele terminou a cerveja e ela apontou com um dedo trêmulo para um bar perto da porta. Ele foi até lá, preparou drinks para os dois e voltou a sentar perto dela.

– Sinto que posso confiar em você, Tim.

– Pode mesmo.

– Espero que não me leve a mal, mas não sinto o mesmo com relação a Burton.

– Bill é um grande agente. O melhor.

Ela pôs a mão no braço dele.

– Não falei nesse sentido. Sei que ele é ótimo. Só que às vezes não sei o que pensar dele. É difícil de explicar. É só uma intuição.

– Você deve confiar nos seus instintos. Eu confio – disse ele, encarando-a.

Gloria parecia muito mais jovem, como se estivesse se formando na faculdade, pronta para conquistar o mundo.

– Meus instintos dizem que posso confiar em você, Tim.

– Pode.

Ele virou seu drink.

– Sempre?

Ele olhou para Gloria e encostou o copo vazio no dela.

– Sempre.

Os olhos de Tim estavam pesados. Lembrou-se dos tempos do ensino médio. Depois de fazer o gol da vitória no campeonato estadual, Cindy Purket tinha olhado para ele daquele jeito.

Pôs a mão na coxa de Gloria e a acariciou para cima e para baixo. A carne era macia, intensamente feminina. Ela não resistiu. Em vez disso, se aproximou ainda mais. A mão dele sumiu debaixo do vestido, subindo por sua barriga firme, passando de leve pela parte de baixo dos seios e voltando. Passou o outro braço pela cintura dela, puxando-a para junto de si, e apertou sua bunda. Ela respirou fundo e soltou o ar suavemente, recostando-se no ombro dele. Collin sentiu o peito dela contra seu braço, movendo-se para cima e para baixo. Sua pele era quente e suave. Gloria levou a mão ao pênis dele e apertou, depois beijou-o na boca, afastou-se sem pressa e o fitou, as pálpebras abrindo e fechando devagar.

Gloria largou o copo e muito lentamente, de um jeito quase provocante, puxou o vestido pela cabeça. Ele se apertou contra ela, as mãos mexendo no sutiã até soltá-lo. Quando Gloria se ofereceu a ele, Collin enterrou a cabeça entre seus seios volumosos. Em seguida, arrancou a última peça de roupa dela, a calcinha de renda preta. Gloria sorriu ao vê-la ser lançada contra a parede. E prendeu a respiração quando Collin a pegou no colo sem o menor esforço e a levou para o quarto.

**O** JAGUAR PERCORREU DEVAGAR A longa pista de acesso, parou e duas pessoas saltaram.

Jack levantou a gola do casaco. A noite estava fria, com nuvens carregadas de chuva se aproximando da região.

Jennifer deu a volta no carro e se acomodou ao lado dele, os dois encostados no automóvel de luxo.

Jack levantou os olhos para a casa. Grossas camadas de hera cobriam a parte de cima da entrada. A casa realmente tinha personalidade. Seus moradores provavelmente absorveriam um bocado disso. Seria útil em sua vida agora. Tinha que admitir: a casa era linda. O que havia de errado com coisas bonitas? Quatrocentos mil dólares como sócio. Se conseguisse novos clientes, quem sabe quanto poderia ganhar? Lord ganhava cinco vezes isso, dois milhões por ano, no mínimo.

O valor das remunerações dos sócios era estritamente confidencial e nunca discutido na empresa, nem mesmo nas situações mais informais. Mas Jack tinha adivinhado a senha do arquivo no computador do sócio. A palavra era “cobiça”. Alguma secretária devia ter morrido de rir ao inventar aquilo.

Jack olhou o gramado da frente, que era do tamanho de uma pista de pouso de um porta-aviões. Ele teve uma visão e olhou para a noiva.

– Tem bastante espaço para jogar futebol com as crianças. – Ele sorriu.

– Tem mesmo. – Jennifer sorriu de volta e beijou delicadamente sua bochecha. Pegou o braço dele e o passou pela sua cintura.

Jack olhou de novo para a mansão de 3,8 milhões de dólares que em breve seria seu lar. Jennifer continuou olhando para ele, o sorriso ficando mais largo à medida que apertava os dedos dele. Mesmo no escuro, seus olhos pareciam brilhar.

Jack continuou olhando fixamente para a casa, sentindo uma onda de alívio. Dessa vez só via janelas.



A mais de dez mil metros de altitude, Walter Sullivan se recostou na poltrona macia e funda e olhou a escuridão pela janela do 747. Enquanto se deslocavam para oeste, Sullivan ia acrescentando horas a seu dia, mas os fusos horários nunca o haviam incomodado. Quanto mais velho ficava, menos horas de sono precisava. Na verdade, nunca havia precisado de muitas mesmo.

O homem sentado do outro lado do corredor aproveitou a oportunidade para examiná-lo detidamente. Sullivan era conhecido em todo o mundo como um honesto, embora às vezes agressivo, homem de negócios internacionais. Honesto. Era essa a palavra-chave que Michael McCarty tinha em mente. Empresários honestos normalmente não têm necessidade nem vontade de falar com pessoas da profissão de McCarty. Mas, quando se é avisado por meios muito discretos de que um dos homens mais ricos do mundo quer vê-lo, você vai ao seu

encontro. McCarty não se tornara um dos maiores assassinos do mundo porque gostava especialmente do trabalho. Ele gostava mesmo era do dinheiro e do luxo.

A vantagem de McCarty era que ele também parecia um homem de negócios. Tinha a boa aparência de quem havia estudado nas melhores universidades do país, o que não estava muito longe da verdade, uma vez que era formado em política internacional por Dartmouth. Com seu basto cabelo louro ondulado, ombros largos e rosto sem rugas, podia se passar por um empresário em ascensão ou por um astro de cinema no auge da carreira. O fato de ganhar a vida matando pessoas, cobrando mais de um milhão de dólares por homicídio, em nada arrefecia seu entusiasmo juvenil ou seu amor pela vida.

Sullivan finalmente olhou para ele. McCarty, apesar da enorme confiança que tinha em suas habilidades e da frieza quando se encontrava sob pressão, chegou a ficar nervoso com o escrutínio do bilionário.

– Quero que você mate alguém para mim – disse Sullivan sem rodeios. – Infelizmente, ainda não sei quem é essa pessoa. Mas, com sorte, um dia saberei. Enquanto esse dia não chega, vou lhe pagar para que seus serviços estejam sempre disponíveis para quando eu precisar deles.

McCarty sorriu e balançou a cabeça.

– O senhor deve conhecer minha reputação, Sr. Sullivan. A demanda por meus serviços é muito grande. Viajo pelo mundo inteiro a trabalho, como o senhor deve saber. Se eu fosse reservar todo meu tempo à espera do momento de executar um serviço para o senhor, teria que abrir mão de outros trabalhos. Receio que minha conta bancária e minha reputação ficariam prejudicadas.

A resposta de Sullivan foi imediata:

– Cem mil dólares por dia até que chegue a hora, Sr. McCarty. Quando executar a tarefa, pagarei o dobro do que você cobra normalmente. Não posso fazer nada quanto a sua reputação, mas acho que essa proposta resguardará sua situação financeira.

Os olhos de McCarty arregalaram-se um pouco, mas ele logo recuperou a compostura.

– Acho que será satisfatório, Sr. Sullivan.

– É claro que estou depositando muita confiança não apenas na sua capacidade de eliminar seus alvos, mas também na sua discrição.

McCarty conteve o sorriso. Havia embarcado no avião de Sullivan em Istambul, à meia-noite, horário local. A tripulação não tinha ideia de quem ele era. Ninguém nunca o identificara, portanto ele não se preocupava em ser reconhecido. O fato de Sullivan encontrá-lo pessoalmente eliminava um intermediário que, depois, teria Sullivan sob controle. McCarty, por sua vez, não tinha nenhum motivo para trair Sullivan e tinha todos para não fazê-lo.

Sullivan continuou:

– Você conhecerá os detalhes quando estiverem disponíveis. Deverá se estabelecer na área metropolitana de Washington, embora a tarefa possa levá-lo a qualquer parte do mundo. Precisaré que você entre em ação de uma hora para outra. Você vai me manter informado sobre sua localização o tempo todo e entrará em contato comigo diariamente através de linhas de comunicação seguras que vou providenciar. Suas despesas correrão por sua conta. O dinheiro será transferido eletronicamente para o banco que você escolher. Meus aviões estarão à sua disposição se precisar. Entendido?

McCarty assentiu, um pouco confuso com a série de ordens que recebera. Mas ninguém se torna bilionário sem ser autoritário. Além do mais, McCarty havia lido sobre Christine Sullivan. Quem poderia culpar o velho?

Sullivan apertou um botão no braço da poltrona.

– Thomas? Quanto tempo para entrarmos no espaço aéreo dos Estados Unidos?

– Cinco horas e quinze minutos, Sr. Sullivan, se mantivermos a velocidade e a altitude – informou uma voz energética.

– Faça isso.

– Sim, senhor.

Em seguida ele apertou outro botão e um comissário de bordo eficiente apareceu para lhes servir um jantar que McCarty nunca tinha visto num avião. Sullivan não disse mais nada até eles terminarem a refeição. Quando os pratos foram retirados, McCarty se levantou e o comissário apareceu para conduzi-lo ao leito onde dormiria. Obedecendo a um gesto de Sullivan, o rapaz desapareceu nas entranhas da aeronave.

– Mais uma coisa, Sr. McCarty. Alguma vez já falhou numa missão?

Os olhos de McCarty se transformaram em duas fendas ao encarar seu novo empregador. Pela primeira vez ficou evidente que ele era extremamente perigoso.

– Uma vez, Sr. Sullivan. Israelenses. Às vezes eles parecem sobre-humanos.

– Por favor, não falhe novamente. Obrigado.



Seth Frank perambulava pelos corredores da casa dos Sullivan. As faixas amarelas da polícia ainda isolavam o lado de fora, tremulando suavemente à brisa que ia ganhando força, sob uma espessa camada de nuvens negras que prometiam mais chuva forte. Sullivan estava em sua cobertura no Watergate, no centro da cidade. Os criados tinham ido para a residência da ilha Fisher, na Flórida, atendendo a membros da família. Frank já havia falado com cada um deles pessoalmente. Em breve voltariam para casa de avião, para serem submetidos a um interrogatório mais detalhado.

Passou um momento admirando o ambiente. Era como se estivesse visitando um museu. Quanto dinheiro. Desde as antiguidades de primeiríssima qualidade até os quadros pendurados por toda parte, com assinaturas legítimas, tudo naquela casa era original.

Ele entrou na cozinha e de lá passou para a sala de jantar. A mesa lembrava uma ponte estendida sobre o tapete azul-claro em cima do refinado piso de parquê. Seus pés pareciam afundar naquelas fibras grossas e pesadas. Sentou-se à cabeceira da mesa, os olhos examinando tudo. Até onde ele sabia, nada havia acontecido ali. O tempo estava passando e ele não estava fazendo nenhum progresso.

Lá fora, o sol conseguiu passar momentaneamente pelas grossas nuvens e Frank viu a primeira brecha no caso. Não teria notado se não estivesse admirando os frisos em torno do teto. Seu pai tinha sido carpinteiro. As junções dos frisos eram uniformes e lisas como a pele de um bebê.

Foi nesse momento que viu o arco-íris no teto. Enquanto admirava as faixas coloridas, perguntou-se qual seria a origem delas, como naquele folclore que diz que há um pote de ouro no fim do arco-íris. Examinou o aposento. Levou alguns segundos, mas encontrou. Ajoelhou-se

rapidamente do lado da mesa e espiou sob uma das pernas. A mesa era uma Sheraton, século XVIII, o que significava que era incrivelmente pesada. Precisou de duas tentativas, o suor brotou em sua testa e uma gota escorreu para dentro de seu olho direito, fazendo com que ele lacrimejasse, mas por fim conseguiu arrastar a mesa e pegar o que havia embaixo do pé.

Sentou-se e contemplou sua nova conquista, seu pequeno pote de ouro. Aquele pedacinho de material prateado agia como uma barreira que impedia que o carpete molhado danificasse a madeira ou o estofamento dos móveis e também evitava que as fibras do carpete se desgastassem. Ao refletir a luz do sol, tinha criado um belo arco-íris. Ele mesmo tivera coisas como aquela em casa, quando sua mulher havia ficado muito nervosa com uma visita dos sogros e decidira que precisava fazer uma faxina completa na casa.

Pegou o caderninho de notas. Os criados desembarcariam no Aeroporto Dulles às dez horas da manhã seguinte. Frank duvidava que, naquela casa, a pequena lâmina pudesse ficar muito tempo no lugar onde a havia achado. Podia não ser nada. Ou podia ser tudo. Um modo perfeito de descobrir como as coisas funcionavam ali. Se tivesse muita, muita sorte, seria um meio-termo.

Ajoelhou-se de novo, cheirou o carpete e passou os dedos pelas fibras. Com as coisas que se usam hoje em dia, não dá para saber. Sem cheiro, secagem em poucas horas. Logo saberia quanto tempo antes tinha sido; se é que aquilo podia lhe dizer alguma coisa. Poderia ligar para Sullivan, mas por algum motivo queria ouvir a informação de outra pessoa que não o dono da casa. O velho não era um dos principais suspeitos, mas Frank era inteligente o bastante para saber que ainda estava na lista. Se iria mais para o topo dela ou mais para baixo, era algo que Frank poderia descobrir hoje, amanhã, na semana seguinte... No fim das contas, era simples assim. Ótimo, porque até aquele momento nada a respeito da morte de Christine Sullivan tinha sido simples. Ele saiu da sala pensando na natureza caprichosa dos arco-íris e das investigações policiais em geral.



Ao lado de Collin, Burton examinou a multidão. Alan Richmond avançou até o palanque improvisado nos degraus do tribunal de Middleton, um imenso bloco de tijolos aparentes, friso branco denticulado, degraus de concreto castigados pelo tempo e a onipresente bandeira americana ao lado da bandeira da Virgínia tremulando à brisa da manhã. Precisamente às 9h35, o presidente começou a falar. Atrás dele estava Walter Sullivan, com o rosto marcado e inexpressivo, ao lado do corpulento Herbert Sanderson Lord.

Collin se aproximou um pouco da multidão de repórteres na base da escadaria do tribunal, esticados e posicionados como jogadores de basquete de times adversários, aguardando que a falta fosse cobrada e convertida ou que a bola voltasse depois de bater no aro. Ele tinha saído da casa de Gloria Russell às três da manhã. Que noite! Que *semana*! Por mais cruel e impiedosa que Gloria parecesse na vida pública, Collin tinha visto outro lado dela, um lado pelo qual se sentia fortemente atraído. Ainda parecia um devaneio indiscreto. Ele havia dormido com a chefe de gabinete do presidente. Isso simplesmente não acontecia. Mas tinha acontecido com o agente Tim Collin. Planejaram se encontrar de novo naquela noite. É claro que precisavam tomar cuidado, mas ambos eram cautelosos por natureza. Aonde aquilo ia dar, Collin não sabia.

Nascido e criado em Lawrence, no Kansas, Collin tinha muitos valores típicos do Meio-Oeste.

Você saía com uma garota, se apaixonava, casava e tinha quatro ou cinco filhos, estritamente nessa ordem. Não achava que isso fosse acontecer naquele caso. Tudo o que sabia é que queria estar com ela de novo. Virou-se um pouco e a viu, atrás e à esquerda do presidente. De óculos escuros, o vento soprando de leve seu cabelo, ela parecia ter controle de tudo a seu redor.

Burton observava a multidão, mas, ao desviar os olhos para seu colega, viu que ele fitava fixamente a chefe de gabinete. Burton franziu a testa. Collin era um bom agente, fazia bem seu trabalho, talvez com zelo excessivo. Não era o primeiro agente a demonstrar dedicação demais, o que não era necessariamente um defeito na profissão deles. Mas tinha que manter os olhos na multidão, em tudo que acontecia lá. Que diabos estava acontecendo? Burton olhou de lado para Gloria, mas ela estava virada para a frente e não parecia prestar atenção nos homens destacados para protegê-la. Burton olhou mais uma vez para Collin. O rapaz agora esquadrinhava a multidão, mudando a direção de vez em quando, da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, às vezes parava, olhava fixamente para a frente – um atacante em potencial não poderia distinguir um padrão e prever seu próximo movimento. Mas Burton não conseguia esquecer o olhar que ele lançara à chefe de gabinete. Por trás das lentes escuras dos óculos de sol, Burton tinha visto algo de que não gostara.

Alan Richmond terminou o discurso olhando para o céu sem nuvens enquanto o vento agitava seu cabelo de corte perfeito. Parecia estar pedindo a ajuda de Deus, mas na verdade tentava lembrar se seu encontro com o embaixador japonês era às duas ou às três da tarde. Ainda assim, aquele olhar distante, quase visionário, ficaria muito bem no noticiário da noite.

No momento certo ele se empertigou, virou-se para Walter Sullivan e abraçou o amigo enlutado com o respeito devido a alguém da sua importância.

– Meu Deus, Walter, eu sinto muito. Meus pêsames. Se eu puder fazer alguma coisa, qualquer... Você sabe disso.

Sullivan apertou a mão que o presidente lhe estendia e suas pernas começaram a tremer, até que dois homens da sua equipe o ampararam discretamente com braços vigorosos.

– Muito obrigado, presidente.

– Walter, por favor, me chame de Alan. De amigo para amigo.

– Obrigado, Alan, você não tem ideia de como agradeço a sua dedicação. Christy teria ficado muito emocionada com suas palavras.

Apenas Gloria Russell, que os observava com atenção, notou a leve distorção de um sorriso se formando no canto da boca do seu chefe. Mas, num instante, havia sumido.

– Sei que não há palavras para fazer justiça ao que você está sentindo, Walter. Cada vez mais parece que as coisas neste mundo não fazem sentido. Não fosse o súbito mal-estar que ela sentiu, nada disso teria acontecido. Não posso explicar por que coisas assim acontecem. Ninguém pode. Mas quero que saiba que estou aqui para o que você precisar. A qualquer hora, em qualquer lugar. Passamos por muita coisa juntos. E você me ajudou em momentos de grande dificuldade.

– Sua amizade sempre foi importante para mim, Alan. Não vou me esquecer disso.

Richmond passou um braço pelos ombros de Sullivan. Ao fundo, microfones balançavam suspensos por varas compridas, cercando-os, apesar dos esforços das equipes de segurança.

– Walter, vou me envolver nisso. Sei que algumas pessoas dirão que não faz parte dos meus deveres e que, na minha posição, não posso me envolver pessoalmente com nada. Mas, Walter,

você é meu amigo e não vou deixar que isso fique assim. Os responsáveis terão que pagar.

Os dois homens se abraçaram mais uma vez e os fotógrafos entraram em ação. As antenas das viaturas dos canais de TV transmitiram aquele momento de ternura para o mundo. Outro exemplo de Alan Richmond sendo mais que presidente. A equipe de relações públicas da Casa Branca começou a pensar, entusiasmada, nas prévias eleitorais.



O homem zapeou os canais de TV, até parar na CNN. Sentou-se na cama, apagou o cigarro e largou o controle remoto. O presidente estava dando uma entrevista coletiva. Parecia verdadeiramente consternado com o terrível assassinato de Christine Sullivan, esposa do bilionário Walter Sullivan, um de seus amigos mais íntimos, e com o crescente desrespeito às leis que aquele crime representava.

Ninguém questionou se o presidente teria a mesma postura caso a vítima tivesse sido um pobre negro, hispânico ou asiático encontrado com a garganta cortada numa viela. Seu tom era firme e ríspido, com traços de raiva e determinação. A violência tinha que parar. As pessoas deveriam se sentir seguras em suas casas ou, nesse caso em particular, mansões. Foi uma cena impressionante. Um presidente cheio de consideração pelas pessoas. Os repórteres engoliam tudo e faziam as perguntas certas.

A televisão mostrou a chefe de gabinete Gloria Russell, vestida de preto, balançando a cabeça em sinal de aprovação quando o presidente abordou pontos importantes sobre crime e castigo. Os votos dos policiais e dos aposentados estavam garantidos na próxima eleição. Quarenta milhões de votos compensavam com folga o esforço daquela manhã.

Ela não se sentiria tão feliz se soubesse quem assistia à transmissão naquele exato momento, os olhos fixos nos rostos dela e do presidente, enquanto as lembranças daquela noite jorravam como petróleo em chamas, cuspidor calor e destruição em todas as direções.

O voo para Barbados tinha sido tranquilo. Os motores poderosos do Airbus o levantaram do chão sem esforço, em San Juan, Porto Rico, alcançando em poucos minutos a altitude de cruzeiro, dez mil metros. O avião estava lotado. San Juan era uma importante conexão para os turistas com destino às ilhas que fazem do Caribe uma das regiões favoritas para se passar férias. Passageiros do Oregon, de Nova York e de todos os lugares entre esses dois contemplaram uma parede de nuvens negras quando o avião fez uma curva à esquerda e se afastou do que havia restado de uma tempestade tropical prematura que não chegou a se transformar em furacão.

Uma escada de metal os esperava ao saírem da aeronave. Um carro minúsculo para os padrões americanos conduziu cinco deles pela mão errada da estrada do aeroporto a Bridgetown, a capital da antiga colônia britânica, que ainda mostrava fortes traços do longo período de colonialismo no modo de falar, nas roupas e nos maneirismos. Num tom de voz melodioso, o motorista os informou sobre as muitas maravilhas da pequena ilha e destacou o passeio no navio pirata ao avistarem a bandeira da caveira com ossos cruzados despontando no mar ainda picado. No convés, turistas vermelhos de sol eram servidos de ponche em tal quantidade que, quando retornassem ao cais no fim da tarde, estariam muito bêbados ou muito enjoados.

No banco de trás, dois casais de Des Moines faziam planos animados. O homem mais velho, que sentou no banco da frente olhando fixamente pelo para-brisa, estava com seus pensamentos



a mais de três mil quilômetros dali. Por uma ou duas vezes checou a direção que seguiam, instintivamente querendo reconhecer o terreno. Havia poucos marcos importantes. A ilha tinha pouco mais de 400km<sup>2</sup> de área. O calor quase constante de 30 graus era amenizado pela brisa contínua, cujo rumor acabava absorvido pelo inconsciente, mas que estava lá, como um sonho muito intenso.

O hotel era um Hilton com padrão americano, construído numa praia artificial em uma ponta da ilha. A equipe era bem-treinada, cortês e mais do que disposta a deixá-lo sozinho se o desejasse. Enquanto a maioria dos hóspedes se entregava inteiramente ao tratamento indulgente da equipe, um deles evitava qualquer contato, deixando o quarto apenas para passear em áreas isoladas das praias de areia branca ou no lado montanhoso da ilha, voltado para o oceano Atlântico. O restante do tempo ficava no quarto, com a luz fraca, a TV ligada e bandejas de serviço espalhadas pelo carpete e pela mobília de vime.

Em seu primeiro dia ali, Luther havia tomado um táxi na frente do hotel e seguira para o norte, quase até a beira-mar, onde, num dos numerosos montes da ilha, ficava a propriedade de Sullivan. Não tinha escolhido Barbados por acaso.

– Você conhece o Sr. Sullivan? Ele não está. Voltou para os Estados Unidos.

O tom cantado da voz do taxista tirou Luther do transe. Os imponentes portões de ferro no sopé da colina coberta de relva escondiam a estrada sinuosa que levava à mansão, que, com suas paredes cor de salmão e altas colunas de mármore branco, parecia estranhamente adequada ao cenário marcado pela rica vegetação, como uma enorme rosa que se destacasse na paisagem verde.

– Já estive na casa dele – respondeu Luther. – Nos Estados Unidos.

O taxista olhou para ele com respeito redobrado.

– Tem alguém em casa? Algum criado, talvez?

O homem balançou a cabeça.

– Todos foram embora. Hoje de manhã.

Luther se recostou no banco. O motivo da partida era óbvio. Tinham encontrado o corpo.

Passou os dias seguintes nas praias, observando os navios desembarcarem seus passageiros nas lojas *duty-free* que proliferavam no centro da cidade. Os moradores da ilha, com seu cabelo rastafári, circulavam com malas velhas cheias de relógios, perfumes e outros produtos falsificados.

Por cinco dólares, um ilhéu cortava uma folha de babosa e despejava seu rico sumo numa garrafinha para o turista usar quando o sol começasse a queimar a delicada pele branca mantida imaculada sob ternos e blusas. Usar o cabelo à moda dos nativos custava 40 dólares e levava cerca de uma hora. Muitas mulheres de braços e pés gordos e enrugados sentavam-se pacientemente na areia, esperando que o penteado ficasse pronto.

A beleza da ilha devia ter ajudado Luther a se libertar um pouco de sua melancolia. Por fim, o sol quente, a brisa suave e o estilo de vida calmo da população atenuaram seu nervosismo a ponto de ele sorrir para um passante de vez em quando, trocar monossílabos com o homem do bar e tomar os drinques que ele preparava, deitado na praia até tarde da noite, ouvindo na escuridão o barulho das ondas que o afastava de seu pesadelo. Planejou viajar em poucos dias. Para onde, não tinha certeza.

Até que, naqueles minutos assistindo à CNN, Luther fora fisgado como um peixe cansado e

puxado de volta para o lugar de onde tentara fugir, gastando alguns milhares de dólares e viajando milhares de quilômetros.



Gloria cambaleou para fora da cama e foi até a escrivaninha procurar um maço de cigarros.

– O fumo vai tirar dez anos da sua vida. – Collin rolou na cama para observá-la.

– Já tirou.

Ela acendeu um cigarro, tragou profundamente, soltou a fumaça e voltou para a cama, aninhando-se nele de costas e sorrindo de satisfação quando ele a envolveu com seus braços longos e musculosos.

– A coletiva foi boa, você não achou?

Gloria pôde sentir que Collin pensava na resposta. Ele era bem transparente. Na verdade, ela achava que todos eram quando tiravam os óculos escuros.

– Foi, desde que não descubram o que aconteceu de verdade.

Gloria se virou para ele e correu o dedo ao longo de seu pescoço, desenhando um V em seu peito liso. O peito de Richmond era peludo, com alguns tufo grisalhos. O de Collin era liso como bumbum de bebê, mas ela podia sentir os músculos poderosos por baixo da pele. Ele seria capaz de quebrar o pescoço dela com um movimento rápido. Por um instante ela imaginou como seria essa sensação.

– Você sabe que temos um problema.

Collin quase deu uma risada.

– É, há um sujeito solto por aí de posse de uma faca com o sangue e as digitais do presidente e de uma mulher morta. Eu diria que temos um grande problema.

– Por que você acha que ele não deu as caras?

Collin deu de ombros. Se fosse ele, teria desaparecido com o dinheiro roubado do cofre. Milhões de dólares. Por mais leal que Collin fosse, dava para pensar no que faria com essa grana toda. Desapareceria por um tempo. Olhou para Gloria. Com todo aquele dinheiro, será que ela toparia ir com ele? Voltou a se concentrar na conversa. Talvez o cara fosse filiado ao partido do presidente, talvez tivesse votado nele. De qualquer maneira, por que se meter naquela encrenha?

– Provavelmente está apavorado – respondeu ele por fim.

– Ele poderia fazer isso anonimamente.

– Talvez o cara não seja tão sofisticado. Ou talvez não ganhe nada com isso. Ou pode ser que não dê a mínima. Tanto faz. Se ele pretendesse dar as caras, já teria feito isso. E, se já fez, logo saberemos.

Ela se sentou.

– Tim, estou realmente preocupada com isso. – A tensão em sua voz fez com que ele também se sentasse. – Eu decidi deixar aquele abridor de cartas como estava. Se o presidente descobrir...

Ela fitou Collin, que entendeu a mensagem que aquele olhar transmitia, acariciou o cabelo dela e pôs a mão em seu rosto.

– Não sou eu que vou contar.

Ela sorriu.

– Sei disso, Tim. Acredito em você de verdade. Mas e se ele, esse cara, tentar entrar em

contato diretamente com o presidente?

Collin ficou intrigado.

– Por que ele faria isso?

Gloria chegou para a beira da cama, os pés balançando a alguns centímetros do chão. Collin notou pela primeira vez a pequena marca de nascença, oval e avermelhada, na parte de baixo do pescoço dela. E notou também que ela tremia, embora o quarto estivesse quente.

– Por que ele faria isso, Gloria? – Collin chegou mais para perto.

Ela falou para a parede:

– Você já pensou que aquele abridor de cartas é um dos objetos mais valiosos do mundo?

Gloria virou-se para ele, acariciou seu cabelo e sorriu ao ver que ele chegava a uma conclusão.

– Chantagem?

Ela assentiu.

– Como é que se chantageia o presidente?

Ela se levantou, vestiu um robe e serviu-se de mais vinho do decantador quase vazio.

– Ser presidente não torna ninguém imune a tentativas de chantagem, Tim. Na verdade, você tem muito mais a perder... ou a ganhar.

Ela remexeu o vinho na taça devagar, sentou no sofá e bebeu de uma vez só o líquido quente e tranquilizante. Ultimamente vinha bebendo muito mais que o normal. Não que seu desempenho tivesse sido prejudicado, porém precisava ficar atenta, especialmente naquele momento crítico. Mas decidiu que pensaria nisso no dia seguinte. Hoje, com o peso do desastre político sobre seus ombros e um rapaz jovem e bonito em sua cama, ia beber. Sentia-se quinze anos mais jovem. A cada momento que passava com ele sentia-se mais bonita. Não esqueceria seu objetivo principal, mas quem disse que não podia se divertir?

– O que você quer que eu faça? – perguntou Collin.

Aquilo era justamente o que Gloria esperava. Seu jovem e belo agente do Serviço Secreto era uma versão moderna do cavaleiro de armadura branca, sobre os quais tinha lido quando era pequena. Olhou para ele com a taça balançando entre os dedos. Com a outra mão tirou o robe lentamente e o deixou cair no chão. Havia tempo suficiente, sobretudo para uma mulher de 37 anos que nunca tivera um relacionamento sério. Havia tempo para tudo. A bebida acalmava seu medo, sua paranoia. E, assim como o medo, a cautela também diminuía. Ela precisava de muita cautela. Mas não naquela noite.

– Há uma coisa que você pode fazer por mim. Mas amanhã eu digo o que é.

Ela sorriu, deitou no sofá e o chamou com um gesto da mão. Obediente, ele se levantou e foi até ela. Poucos minutos depois, os únicos sons naquele quarto eram gemidos e os rangidos persistentes do sofá.



A meio quarteirão da casa de Gloria Russell, Bill Burton estava sentado no incomum Bonneville de sua mulher, com uma lata de Diet Coke entre os joelhos. De vez em quando dava uma olhada na casa onde vira seu parceiro entrar à 0:14, depois de ser recebido pela chefe de gabinete, que usava um traje que indicava que a visita não era de negócios. Usando a teleobjetiva, havia conseguido tirar duas fotos daquela cena nas quais Gloria seria capaz de matar

para pôr as mãos. As luzes foram sendo apagadas de cômodo em cômodo até que chegaram ao lado leste da casa, quando todas as lâmpadas foram dramaticamente apagadas.

Burton olhou para as lanternas traseiras do carro do parceiro. O rapaz havia cometido um erro. Aquilo podia ser o fim das carreiras dele e de Gloria Russell. Burton pensou de novo naquela noite. Collin correndo de volta para a casa. Gloria branca como cera. Por quê? No meio de toda a confusão, Burton havia se esquecido de perguntar. E depois eles atravessando o milharal atrás de alguém que não devia estar ali, mas que com toda a certeza estivera.

Collin tinha voltado à casa por um motivo. E Burton decidiu que era hora de descobrir qual. Tinha um vago pressentimento de que uma conspiração estava se formando. E, como tinha sido excluído dela, concluía que provavelmente não se beneficiaria disso. Não acreditava nem um pouco que Gloria estivesse interessada apenas no que havia dentro das calças de Collin. Definitivamente, ela não era desse tipo. Tudo o que fazia tinha um objetivo, um propósito muito importante.

Outras duas horas se passaram. Burton olhou para o relógio e endireitou o corpo ao ver Collin abrir a porta da frente, caminhar devagar até a calçada e entrar no carro. Quando arrancou, Burton afundou em seu banco, sentindo-se ligeiramente culpado por vigiar um colega. Viu o Ford de Collin dar a seta ao sair daquela área nobre.

Burton olhou de novo para a casa. Uma luz se acendeu no que devia ser a sala de estar. Era tarde, mas parecia que a dona da casa ainda estava cheia de energia. Sua resistência era lendária na Casa Branca. Por um segundo, Burton se perguntou se ela tinha a mesma resistência na cama. Dois minutos depois a rua ficou vazia. A luz da casa continuou acesa.

O AVIÃO ATERRISSOU, RUGINDO ATÉ parar na curta pista principal do Aeroporto Nacional. Em seguida fez uma curva à esquerda, a poucas centenas de metros do pequeno braço de rio que dava às multidões de velejadores de fim de semana acesso ao Potomac, e taxiou até o portão 9. Um segurança do aeroporto respondia às perguntas de um grupo de turistas ansiosos e não viu o homem que passou por ele caminhando depressa. Não que fosse pedir a ele que se identificasse, de qualquer maneira.

Na viagem de volta Luther tinha seguido o mesmo roteiro da saída: uma parada em Miami e depois outra em Dallas/Fort Worth.

Pegou um táxi e observou o trânsito na avenida George Washington. Era a hora do rush e trabalhadores cansados voltavam para casa. O céu prometia mais chuva e o vento fustigava a avenida arborizada que seguia, sinuosa, mais ou menos paralela ao Potomac. De tempos em tempos os aviões decolavam como foguetes, fazendo uma curva à esquerda e desaparecendo rapidamente nas nuvens.

Luther tinha mais uma batalha pela frente. A imagem do indignado presidente Richmond batendo no púlpito onde pronunciava seu veemente discurso contra a violência, com a presunçosa chefe de gabinete ao seu lado, não saía de sua mente. O homem velho e cansado que saíra do país não se sentia mais nem cansado nem com medo. A culpa por ter permitido que uma jovem morresse tinha dado lugar a um ódio avassalador, que dominava cada nervo do seu corpo. Se ia ser o anjo vingador de Christine Sullivan, realizaria essa tarefa com toda a energia e engenhosidade que lhe restavam.

Luther recostou-se no banco, comeu alguns biscoitos que haviam sobrado do último voo e se perguntou se Gloria Russell era do tipo que gostava de confrontos ou se preferia ceder.



Seth Frank olhou pela janela do carro. Suas entrevistas com os criados de Walter Sullivan tinham revelado duas coisas interessantes: a primeira era a empresa diante da qual ele acabara de estacionar; a segunda podia esperar. Sediada num grande prédio de concreto numa área essencialmente comercial de Springfield, bem ao lado da Beltway, a avenida que define o perímetro urbano, a firma especializada em lavagem de carpetes a vapor anunciava estar no negócio desde 1949. Essa estabilidade nada significava para Frank. Muitos negócios legitimamente estabelecidos muitos anos antes tinham se tornado fachadas para lavagem de dinheiro do crime organizado e da Máfia. E uma empresa de lavagem de carpetes com clientes muito ricos encontrava-se numa posição perfeita para localizar sistemas de alarme, esconderijos de dinheiro e de joias e perceber padrões de comportamento das possíveis vítimas. Se estava diante de uma pessoa agindo sozinha ou de uma organização, Frank não sabia. O mais provável era que aquilo não desse em nada, mas nunca se sabe. Havia duas radiopatrulhas estacionadas perto dali. Por precaução, Frank saltou do carro.

– Foram três funcionários: Rogers, Budizinski e Jerome Pettis. Foi no dia 30 de agosto, às nove

da manhã. Três andares. A maldita casa era tão grande que levou o dia todo, mesmo com três. – George Patterson consultou seu livro de registros, enquanto Frank examinava a sala suja.

– Posso falar com eles?

– Só com Pettis. Os outros foram embora.

– De uma vez?

Patterson assentiu.

– Por quanto tempo trabalharam com você?

Os olhos de Patterson vasculharam o livro de registro dos funcionários.

– Jerome está comigo há cinco anos. É um dos melhores. Rogers só ficou uns dois meses. Acho que se mudou. Budizinski estava conosco havia umas quatro semanas.

– Períodos muito curtos.

– Este negócio é assim mesmo. Gasto mil pratas treinando esses caras e eles se mandam. Não é um emprego para fazer carreira. É um trabalho sujo e pesado, e o salário não dá exatamente para deixar alguém rico, se é que você me entende.

– Tem os endereços deles? – perguntou Frank, pegando o caderninho de notas.

– Bem, como falei, Rogers se mudou. Pettis está aqui hoje, se quiser falar com ele. Tem um serviço em McLean em cerca de meia hora. A van dele está sendo carregada neste instante.

– Quem decide que equipe vai atender cada serviço?

– Eu.

– Sempre?

Patterson hesitou.

– Bem, tenho caras especialistas em coisas diferentes.

– Quem é o especialista nas áreas nobres?

– Jerome. Como falei, é meu melhor funcionário.

– Como os outros dois acabaram trabalhando com ele?

– Não sei, vou revezando. Às vezes depende de quem aparece para trabalhar.

– Você lembra se um dos três se mostrou particularmente interessado em trabalhar na casa de Sullivan?

Patterson balançou a cabeça.

– E quanto a Budizinski? Tem o endereço dele?

Patterson consultou um caderno cheio de folhas soltas e anotou alguma coisa num pedacinho de papel.

– É em Arlington. Não sei se ainda mora lá.

– Quero a ficha deles. Número do Seguro Social, data de nascimento, histórico no emprego, tudo isso.

– Sally pode arranjar isso para o senhor. É a garota lá da frente.

– Obrigado. Você tem fotos desses caras?

Patterson olhou para Frank como se ele fosse louco.

– O senhor está brincando. Isto aqui não é o FBI.

– Pode me dar uma descrição? – pediu Frank, paciente.

– Tenho 65 funcionários e uma rotatividade muito alta. Geralmente nem vejo o cara depois que ele é contratado. De qualquer forma, depois de algum tempo todos parecem ter a mesma

cara. Pettis se lembrará.

– Tem mais alguma coisa que possa me ajudar?

Patterson negou com a cabeça e perguntou:

– Acha que um deles pode ter matado a mulher?

Frank se levantou e se espreguiçou.

– Não sei. O que você acha?

– Olha, há todo tipo de gente aqui. Nada mais me surpreende.

Frank se virou para ir embora, mas se deteve.

– Ah, a propósito, vou querer uma lista com os endereços de todas as casas de família e estabelecimentos de Middleton que contrataram seus serviços nos últimos dois anos.

Patterson pulou da cadeira.

– Porra, para quê?

– O senhor tem os registros?

– Sim, tenho.

– Ótimo, então me avise quando a lista estiver pronta. Tenha um bom dia.



Jerome Pettis era um negro alto e cadavérico com 40 e poucos anos e um cigarro permanentemente pendurado no canto da boca. Frank observou com admiração a prática com que o homem botava na van o pesado equipamento de limpeza. Seu macacão azul anunciava que era um técnico sênior da Metro. Atento ao que fazia, Pettis não olhou para Frank. Em volta dele, na imensa garagem, vans brancas iam sendo carregados de modo similar. Uns dois homens olharam para Frank espantados, mas voltaram rapidamente ao trabalho.

– O Sr. Patterson disse que o senhor queria me fazer algumas perguntas.

Frank se acomodou no para-choque da frente da van.

– Poucas. Você executou um serviço de limpeza na casa de Walter Sullivan, em Middleton, no dia 30 de agosto.

Pettis franziu a testa.

– Agosto? Caramba, faço umas quatro casas por dia. Não me lembro delas porque não costumam nem um pouco ser lembradas.

– Esta tomou um dia inteiro. Uma casa enorme em Middleton. Rogers e Budizinski foram com você.

Pettis sorriu.

– É verdade. A maior que já vi... E olha que já vi muitas, cara.

Frank também sorriu.

– Pensei a mesma coisa quando a vi.

Pettis endireitou-se e acendeu um cigarro.

– O problema foi toda aquela mobília. Tivemos que tirar tudo do lugar e algumas peças eram muito pesadas, dessas que não se fazem mais hoje em dia.

– Então vocês ficaram lá o dia todo? – A pergunta não saiu exatamente como Frank queria.

Pettis se alongou, deu uma tragada no cigarro e se encostou na porta do furgão.

– Por que a polícia está interessada em limpeza de carpetes?

– Uma mulher foi assassinada naquela casa. Parece que encontrou uns ladrões. Você não lê jornal?

– Só a seção de esportes. O senhor quer saber se sou um dos caras?

– Por ora, não. Só estou colhendo informações. Estou interessado em todo mundo que esteve perto daquela casa recentemente. Acho que depois vou falar com o carteiro.

– O senhor é engraçado para um policial. Acha que matei a mulher?

– Acho que, se tivesse matado, seria esperto o bastante para não ficar por aqui esperando eu bater à sua porta. O que pode me dizer sobre os dois homens que estavam com você?

Pettis terminou o cigarro e olhou para Frank sem responder. Frank começou a fechar o caderninho de notas.

– Você quer um advogado, Jerome?

– Preciso de um?

– Por mim, não, mas não vai depender de mim. Não pretendo usar o que você disse contra você no tribunal, se é isso que o preocupa.

Pettis olhou para o chão de concreto, pisou na guimba do cigarro e encarou Frank.

– Olha, cara, estou com o Sr. Patterson há muito tempo. Venho trabalhar todo dia, faço meu trabalho, pego meu pagamento e vou para casa.

– Então parece que não tem com que se preocupar.

– Certo. Olha, fiz um troço aí há algum tempo. Cumpri pena. Você pode descobrir isso nos seus computadores em cinco segundos. Portanto, não vou tentar tapear o senhor, o.k.?

– O.k.

– Crio quatro filhos sozinho. Não invadi aquela casa e não fiz nada com aquela mulher.

– Acredito em você, Jerome. Estou mais interessado em Rogers e Budizinski.

Pettis olhou o detetive por vários segundos.

– Vamos dar uma volta.

Os dois homens saíram da garagem e foram até um Buick que tinha mais ferrugem que metal. Pettis entrou no carro. Frank o imitou.

– As paredes da garagem têm ouvidos, sabe como é?

Frank fez que sim.

– Brian Rogers. Era um bom trabalhador, aprendia depressa.

– Como ele é fisicamente?

– Branco, uns 50 anos, talvez mais. Não muito alto, cerca de 1,70m, com uma grande cicatriz no rosto. Trabalhava duro.

– E Budizinski?

– Buddy. Era branco também, um pouco mais alto. Talvez um pouco mais velho que Rogers. Era muito no dele. Fazia o que mandavam e nada mais.

– Quem limpou o quarto principal?

– Nós três. Tivemos que levantar a cama e a escrivaninha. Pesavam uma tonelada cada. Minhas costas ainda estão doendo. – Jerome esticou o braço para o banco de trás e pegou uma caixinha de isopor. – Não tive tempo de tomar café da manhã hoje – explicou, pegando uma banana e um biscoito.

Frank se remexeu desconfortavelmente no banco desgastado. Um pedaço de metal espetou



suas costas. O carro fedia a cigarro.

– Algum deles ficou sozinho no quarto ou dentro da casa?  
– Sempre havia alguém na casa. O cara tem um bocado de gente trabalhando para ele. Buddy e Rogers podiam ter subido sozinhos. Não fiquei de olho neles. Não faz parte do meu trabalho, entende?

– Como Rogers e Budizinski foram escalados para trabalhar com você naquele dia?

Jerome pensou por um momento.

– Não sei direito. O trabalho tinha que começar cedo. Talvez tenham ido comigo porque foram os primeiros a chegar. Às vezes é só por isso.

– Quer dizer que, se eles soubessem que você sairia cedo para limpar uma casa daquelas e chegassem antes de todo mundo, poderiam ir com você?

– É, acho que sim. Cara, a gente só precisa de músculos, entende? Ninguém tem que ser um neurocirurgião para fazer essa bosta.

– Quando foi a última vez que os viu?

O homem franziu a testa e deu uma mordida na banana.

– Há uns dois meses, talvez mais. Buddy foi embora primeiro, não disse por quê. Os caras entram e saem daqui o tempo todo. Estou aqui há mais tempo que todo mundo, tirando o Sr. Patterson. Acho que Rogers se mudou.

– Sabe para onde?

– Ele falou qualquer coisa sobre Kansas. Um trabalho de construção. Ele era carpinteiro e tinha sido mandado embora porque a empresa faliu. Era habilidoso.

Frank anotou essa informação enquanto Jerome acabava de comer. Os dois homens voltaram juntos para a garagem. Frank deu uma olhada dentro da van, cheia de mangueiras, frascos e equipamento pesado de limpeza.

– Foi essa van que você usou no serviço de Sullivan?

– Essa está comigo há três anos. É a melhor da casa.

– Você sempre usa o mesmo equipamento?

– Uso.

– Então é melhor arranjar outra van por um tempo.

– O quê? – Jerome saltou do banco do motorista.

– Vou falar com Patterson. Estou apreendendo esse veículo.

– O senhor está de sacanagem.

– Não, Jerome. Lamento.



– Walter, este é Jack Graham. Jack, Walter Sullivan. – Sandy Lord sentou pesadamente em sua cadeira.

Jack apertou a mão de Sullivan e os dois se sentaram à pequena mesa da sala de reuniões número cinco. Eram oito horas da manhã e Jack estava no escritório desde as seis, depois de passar duas noites em claro. Já havia tomado três xícaras de café e foi se servir de mais uma.

– Walter, falei com Jack sobre o negócio com a Ucrânia. Estudamos toda a situação. A matéria no *The Hill* é ótima. Richmond falou com as pessoas certas. O Urso está morto. Kiev ficou com o

sapatinho de cristal. Seu amigo conseguiu.

– Ele é um dos meus melhores amigos. E é isso que espero dos meus amigos. Mas achei que já tivéssemos advogados suficientes neste negócio. Aumentando a conta, Sandy?

Sullivan se levantou e olhou pela janela o céu claro e limpo que prenunciava um belo dia de outono. Jack olhou de lado para ele, enquanto fazia anotações com base no curso superintensivo que tivera sobre o mais recente negócio de Sullivan. O homem não parecia muito interessado em fechar o gigantesco negócio multibilionário internacional. Jack não tinha como saber que os pensamentos dele estavam num necrotério na Virgínia, lembrando-se de um rosto.

Jack ficara surpreso quando Lord cerimoniosamente o havia indicado como seu braço direito na maior transação que a empresa estava negociando, passando por cima de vários sócios mais importantes e de advogados mais antigos que Jack. Ele já podia perceber os ressentimentos ao andar pelos corredores luxuosamente acarpetados. A essa altura, não se importava. Eles não tinham Ransome Baldwin como cliente. Independentemente de como havia conseguido isso, Jack tinha muito prestígio. Estava cansado de se sentir culpado por sua posição. Essa era a forma de Lord testar a capacidade de Jack. Bem, se ele queria enfiar Jack pela goela abaixo dos outros, Jack corresponderia à altura. Filosofia e o politicamente correto não interessavam ali. Só resultados.

– Jack é um dos nossos melhores advogados. É ele que cuida dos negócios de Baldwin.

Sullivan olhou para eles.

– Ransome Baldwin?

Olhou para Jack com outros olhos e voltou a se virar para a janela.

– Nossa oportunidade fica menor a cada dia – continuou Lord. – Precisamos definir os envolvidos e garantir que Kiev entenda o que tem que fazer.

– Você não pode cuidar disso?

Lord olhou para Jack e depois para Sullivan.

– Claro que posso, Walter, mas você não pode sair de cena agora. Ainda tem um papel importante a desempenhar. Foi você que conseguiu esse negócio. É fundamental para todos os lados que você continue envolvido. – Sullivan permaneceu impassível. – Walter, esta é a joia que vai coroar sua carreira – insistiu Lord.

– Foi o que você disse da última vez.

– O que posso fazer se você vive se superando?

Finalmente, pela primeira vez desde que um telefonema arruinara sua vida, Sullivan deu um sorriso quase imperceptível.

Lord relaxou um pouco e olhou para Jack. Tinham ensaiado esse próximo passo diversas vezes.

– Recomendo que você viaje até lá com Jack. Aperte as mãos certas, dê tapinhas nos ombros apropriados, deixe que vejam que você ainda está no controle. Eles precisam disso. O capitalismo ainda é novidade para eles.

– E qual é o papel de Jack?

Lord fez um gesto para Jack, que se levantou e foi até a janela.

– Sr. Sullivan, passei as últimas 48 horas estudando cada detalhe desse negócio. Todos os outros advogados daqui só trabalharam em partes dele. Creio que ninguém nesta empresa, com exceção de Sandy, saiba tão bem quanto eu o que o senhor deseja atingir.

Sullivan virou-se lentamente para Jack.

– É uma afirmativa e tanto.

– Bem, é um negócio e tanto, senhor.

– Você sabe o que eu quero atingir?

– Sim, senhor.

– Então por que não me diz o que acha que é? – Sullivan sentou, cruzou os braços e ficou olhando para Jack.

Ele não precisou de tempo para recuperar o fôlego.

– A Ucrânia dispõe de muitos recursos naturais, tudo o que a indústria pesada do mundo inteiro usa e quer. A questão é como tirar esses recursos de lá com custo e risco mínimos, considerando-se a situação política deles.

Sullivan descruzou os braços, empertigou o corpo e tomou um gole de café.

Jack continuou:

– A questão é que o senhor precisa que Kiev acredite que as exportações que sua empresa fará terão uma contrapartida equivalente em investimentos no futuro da Ucrânia. Um investimento de longo prazo com o qual, pelo que entendi, o senhor não está disposto a se comprometer.

– Passei a maior parte da minha vida morrendo de medo dos comunistas. Acredito tanto na perestroika e na glasnost quanto na fada do dente. Considero meu dever patriótico arrancar dos comunistas tudo o que eu puder. Deixá-los sem meios de dominar o mundo, que é o plano deles a longo prazo, apesar desse último ataque de democracia.

– Exatamente, senhor – disse Jack. – “Arrancar” é a palavra-chave. Arrancar a carcaça antes que ela se autodestrua... ou ataque. – Jack fez uma pausa para avaliar as reações dos dois homens. Lord olhava para o teto, suas feições imperscrutáveis.

Sullivan se agitou.

– Continue. Você está chegando à parte interessante.

– A parte interessante é como fazer o negócio de modo que a Sullivan and Company tenha pouco ou nenhum prejuízo e o máximo potencial de lucro. Ou o senhor age como intermediário dos negócios ou compra direto da Ucrânia e revende para as multinacionais. E investe uma parte dos lucros naquele país.

– Isso mesmo. Um dia o país ficará quase sem nada e eu darei o fora com um lucro de pelo menos dois bilhões.

Jack olhou novamente para Lord, que agora ouvia atentamente. Esse era o gancho. Jack só havia pensado nisso no dia anterior.

– Por que não tiramos da Ucrânia o que realmente a torna perigosa? – Ele fez uma pausa. – E ao mesmo tempo triplicamos seu lucro?

Sullivan olhou fixamente para ele.

– Como?

– Mísseis balísticos de alcance intermediário. A Ucrânia tem montes deles. E, desde que a Ucrânia assinou o Tratado de Não Proliferação Nuclear, em 1994, e prometeu se livrar das ogivas nucleares, elas voltaram a ser uma enorme dor de cabeça para o Ocidente.

– O que você está sugerindo? Que eu compre os malditos mísseis? E o que eu faria com eles?

Jack viu que Lord finalmente se inclinava para a frente e prosseguiu:

– O senhor compra a preço baixo, talvez meio bilhão, usando parte dos lucros das vendas de matérias-primas. A Ucrânia poderá usar esses dólares para comprar outros artigos nos mercados mundiais.

– Por que a Ucrânia aceitaria o preço baixo? Todos os países do Oriente Médio farão ofertas por eles.

– Mas a Ucrânia não pode vender para eles. Os membros do G-7 jamais concordarão. Se desobedecer, a Ucrânia será cortada da União Europeia e dos outros mercados ocidentais e, nesse caso, estará liquidada.

– Muito bem. Eu compro deles e vendo para quem?

Jack não conseguiu conter um sorriso.

– Para nós, os Estados Unidos. Seis bilhões é uma estimativa conservadora do valor dos mísseis. Caramba, o valor do plutônio que eles contêm é incalculável. Os outros integrantes do G-7 provavelmente contribuiriam com uns bilhões. É o seu relacionamento com Kiev que faz a coisa toda funcionar. Os ucranianos veem o senhor como o salvador deles.

Sullivan parecia atônito. Começou a se levantar, mas mudou de ideia. A quantidade de dinheiro em jogo naquele negócio era assombrosa até mesmo para ele. Só que ele já tinha dinheiro mais que suficiente. No entanto, tirar parte do arsenal nuclear da lista de possíveis mazelas deste mundo...

– De quem foi essa ideia? – Sullivan fez a pergunta olhando para Lord, que apontou para Jack.

Sullivan recostou-se na cadeira e dirigiu um olhar de admiração ao jovem advogado. Então levantou-se com uma agilidade que surpreendeu Jack. Apertando sua mão com força, disse:

– Você vai longe, meu jovem. Posso ir junto?

Lord sorriu como um pai. Jack não conseguiu esconder a satisfação. Já estava se esquecendo de como era marcar um gol de placa.

Depois que Sullivan foi embora, Jack e Sandy se sentaram à mesa.

– Reconheço que não foi uma tarefa fácil – disse Sandy. – Como se sente?

– Como se tivesse dormido com a garota mais bonita da escola. Meu corpo todo está formigando.

Lord riu e se levantou.

– É melhor você ir para casa descansar um pouco. Sullivan deve estar ligando do carro para o piloto dele. Pelo menos afastamos os pensamentos dele daquela vaca.

Jack não ouviu a última parte porque estava saindo da sala depressa. Pela primeira vez em muito tempo sentia-se bem. Sem preocupações, apenas possibilidades. Possibilidades intermináveis.

Naquela noite ficou acordado até tarde contando tudo aquilo a Jennifer Baldwin, superentusiasmada. Mais tarde, após beberem uma garrafa de champanhe geladíssimo e comerem um prato de ostras especialmente entregue na casa dela, tiveram a noite de sexo mais gratificante de todo o relacionamento. Pelo menos daquela vez o teto alto e os murais não perturbaram Jack. Na verdade, estava começando a gostar deles.

**A** CASA BRANCA RECEBE, A cada ano, uma grande quantidade de correspondência não oficial. Ela passa por uma cuidadosa triagem e por um processamento adequado, e toda essa tarefa é controlada pelo pessoal interno, com assistência e supervisão do Serviço Secreto.

Os dois envelopes tinham sido endereçados a Gloria Russell, o que não era usual, já que a maior parte desse tipo de correspondência era encaminhada ao presidente e aos membros de sua família, ou, com frequência, a seu animal de estimação, que atualmente vinha a ser um golden retriever chamado Barney.

Ambos tinham sido sobrescritados em letras maiúsculas e eram brancos e baratos, do tipo que se encontra em qualquer lugar. Gloria os recebeu por volta do meio-dia, e até então o dia transcorria muito bem. Dentro de um deles havia uma única folha de papel e, no outro, um item que ela fitou por alguns minutos. No papel, também em maiúsculas, estavam as palavras:

*Pergunta: O que constitui crimes graves e delitos?*

*Resposta: Não acho que você queira descobrir. Item valioso à disposição, mais informações em breve, chefe, assinado um não admirador secreto.*

Embora esperasse por aquilo – na verdade, queria desesperadamente receber aquele bilhete –, seu coração acelerou até parecer que martelava o peito; sua boca ficou tão seca que ela precisou tomar vários copos d'água até ser capaz de segurar a carta sem tremer. Só então olhou para o segundo item. Uma fotografia. A visão do abridor de cartas fez com que revivesse o pesadelo. Segurou-se às laterais da cadeira e, por fim, se acalmou.

– Pelo menos ele quer negociar.

Collin deixou o bilhete e a foto em cima da mesa e voltou para sua cadeira. Notou que Gloria estava muito pálida e se perguntou se ela seria resistente o bastante para enfrentar o que estava por vir.

– Talvez. Também pode ser uma armação.

Collin balançou a cabeça.

– Acho que não.

Gloria sentou de novo, massageou as têmporas, tomou um analgésico.

– Por que não?

– Por que alguém faria uma armação dessas? Ele tem algo que pode nos enterrar. Quer dinheiro.

– Provavelmente tem os milhões do assalto à casa de Sullivan.

– Pode ser. Mas não sabemos quanto daquilo foi transformado em dinheiro. Talvez ele tenha escondido e não possa ir buscar. Ou quem sabe seja apenas uma pessoa extremamente gananciosa. O mundo está cheio de gente assim.

– Preciso de um drinque. Você pode ir me ver de noite?

– O presidente vai jantar na embaixada canadense.

– Merda. Não consegue arranjar ninguém para substituir você?

– Talvez, se você mexer os pauzinhos.

– Considere isso feito. Em quanto tempo você acha que teremos notícias dele?

– Ele não me parece muito ansioso, embora possa apenas estar agindo com cautela. No lugar dele, eu estaria.

– Ótimo. Então posso fumar dois maços de cigarros mentolados por dia antes de ter notícias dele. Até lá morri de câncer no pulmão.

– Se ele quiser dinheiro, o que você vai fazer? – perguntou Collin.

– Dependendo do valor, pode ser resolvido sem muita dificuldade.

Ela parecia mais calma agora.

Collin levantou-se para sair.

– Você é quem manda.

– Tim? – Gloria foi até ele. – Me abrace um instante.

Ao abraçá-la, sentiu o corpo dela contra sua pistola.

– Tim, e se for mais que dinheiro? E se não conseguirmos recuperar aquilo?

Collin a encarou.

– Aí eu darei um jeito, Gloria.

Ele levou os dedos aos lábios dela, virou-se e foi embora.



Collin encontrou Burton esperando no corredor.

Burton olhou o companheiro mais jovem de alto a baixo.

– Então, como ela está suportando?

– Tudo bem.

Collin prosseguiu pelo corredor até que Burton o agarrou pelo braço e fez com que se virasse.

– Que porra está havendo, Tim?

Collin fez Burton largar seu braço.

– Não é a hora nem o lugar, Bill.

– Bem, então me diga qual é a hora e o lugar que estarei lá, porque precisamos conversar.

– Sobre o quê?

– Vai querer bancar o idiota para cima de mim? – Ele empurrou Collin rudemente para um canto. – Quero que você pense com clareza sobre a mulher que está ali dentro. Ela não dá a mínima para você, para mim nem para ninguém. A única coisa com que se importa é salvar o próprio rabo. Não sei que história ela inventou para você e não sei o que vocês estão armando, mas estou lhe dizendo para tomar cuidado. Não quero ver você jogar tudo fora por causa dela.

– Agradeço sua preocupação, mas sei o que estou fazendo, Bill.

– Sabe mesmo, Tim? Comer a chefe de gabinete faz parte das responsabilidades de um agente do Serviço Secreto? Por que não me mostra onde isso está escrito no manual? Gostaria de ler. E, já que estamos tendo esta conversa, por que não me esclarece o motivo para termos voltado àquela casa? Porque não conseguimos nada, e acho que sei quem conseguiu. O meu também está na reta, Tim. Se vou me ferrar, quero saber o motivo.

Um servente passou pelo corredor e olhou os dois homens com estranheza. Burton sorriu, acenou com a cabeça e voltou sua atenção para Collin.

– Ora, Tim, o que você faria no meu lugar?

Collin olhou para ele e seu rosto aos poucos relaxou, abandonando o ar durão que costumava

exibir em serviço. O que ele faria no lugar de Burton? A resposta era fácil. Chutaria alguns traseiros até que as pessoas comessem a falar. Burton era seu amigo, tinha provado isso várias vezes. O que dizia sobre Gloria provavelmente era verdade. Collin não tinha perdido completamente a razão por causa de uma lingerie de seda.

– Está com tempo para uma xícara de café, Bill?



Frank desceu os dois lances de escada, dobrou à direita e abriu a porta do laboratório criminal. Pequeno e precisando de pintura, o espaço era surpreendentemente organizado, em grande parte porque Laura Simon era obsessiva. Frank imaginava que sua casa fosse tão meticulosamente limpa e bem-cuidada quanto o laboratório, apesar de ter dois filhos em idade pré-escolar que a deixavam exausta. Ao redor da sala amontoavam-se kits de evidências não usados, com seus lacres cor de laranja intactos colorindo um pouco as paredes cinzentas, sem graça e bastante descascadas. Caixas de papelão cuidadosamente etiquetadas podiam ser vistas em pilhas num canto. No outro, havia um pequeno cofre com os poucos itens que requeriam segurança extra. A seu lado ficava uma geladeira com provas que precisavam ser mantidas em temperatura controlada.

Ele olhou as costas pequenas de Laura, debruçada sobre o microscópio do outro lado do laboratório.

– Você telefonou?

Frank se inclinou. Sobre a lâmina de vidro havia pequenos fragmentos de uma substância. Não podia se imaginar passando os dias debruçado ao microscópio, observando partículas de sabe Deus o quê, mas tinha plena consciência de que o trabalho de Laura Simon representava uma contribuição de enorme importância para as investigações.

– Olhe só isto aqui.

Laura fez um gesto na direção das lentes. Frank tirou os óculos. Olhou rapidamente para baixo e levantou de novo a cabeça.

– Laura, você sabe que não faço ideia do que estou olhando. O que é isso?

– Uma amostra de carpete retirada do quarto dos Sullivan. Não pegamos na revista inicial, só mais tarde.

– O que há de tão significativo nela? – Frank aprendera a ouvir a perita com muita atenção.

– O carpete do quarto é um daqueles modelos caríssimos que custam mais de dois mil dólares por metro quadrado. Só para o quarto, gastaram quase 250 mil dólares em carpete.

– Meu Deus! – Frank pôs um chiclete na boca. Tentar parar de fumar estava estragando seus dentes e aumentando sua cintura. – Duzentos e cinquenta mil por algo em que você vai pisar?

– Mas dura que é uma beleza. Você poderia passar por cima dele com um tanque e ele simplesmente voltaria ao normal. Só está ali há uns dois anos. Já fizeram um bocado de reformas.

– Reformas? A casa foi construída há poucos anos.

– Foi quando Christine se casou com Walter Sullivan.

– Ah.

– As mulheres gostam de deixar as coisas com a sua cara, Seth. Na verdade, a Sra. Sullivan tinha bom gosto para carpetes.

– O.k., mas aonde o bom gosto dela nos leva?

– Examine as fibras de novo.

Frank suspirou, mas obedeceu.

– Está vendo as pontas? Veja a seção transversal. Foi cortada. Acredito que com uma tesoura não muito afiada. O corte é bem irregular, embora, como já disse, essas fibras sejam resistentes como ferro.

Frank olhou para ela.

– Cortadas? Por que alguém faria isso? Onde você as encontrou?

– Essas amostras foram encontradas na saia do colchão. Quem as cortou provavelmente não notou umas poucas fibras grudadas na mão. Deve ter passado a mão na saia do colchão, e aí estão elas.

– Você encontrou a parte correspondente no carpete?

– Sim. Bem debaixo do lado esquerdo da cama, se você olhar para ela a cerca de dez centímetros de distância, num ângulo perpendicular. O corte foi pequeno mas visível.

Frank se sentou num dos bancos perto de Laura.

– E isso não é tudo, Seth. Em um dos fragmentos também encontrei traços de solvente. Como um removedor de manchas.

– Pode ser da limpeza recente do carpete. Ou talvez as criadas tenham derramado alguma coisa.

Laura balançou a cabeça.

– Hum... não. A companhia de limpeza utiliza um sistema a vapor. Para manchas, usa um solvente especial de base orgânica. Eu verifiquei. Este aqui é à base de petróleo e não se encontra à venda por aí. E as criadas usam o removedor recomendado pelo fabricante. Também é de base orgânica. Há um estoque dele na casa. E o carpete é quimicamente tratado para prevenir manchas ao ser molhado. Usar um solvente à base de petróleo provavelmente pioraria as coisas. Talvez tenha sido por isso que cortaram esse pedaço.

– Então podemos presumir que os criminosos tiraram as fibras porque elas mostravam algo. E mostram?

– Não na amostra que peguei, mas eles podem ter cortado uma área maior para se certificarem de que não estavam deixando nada para trás.

– O que poderia haver no carpete para que alguém se desse o trabalho de cortar fibras de um centímetro?

Tanto Laura quanto Frank tinham o mesmo palpite e, na verdade, já pensavam nisso havia algum tempo.

– Sangue – disse Laura, sem rodeios.

– E não da morta. Se bem me lembro, não havia sangue dela em parte alguma ali perto. – Frank acrescentou: – Acho que você tem mais um teste para fazer, Laura.

Ela pegou um kit de um gancho na parede.

– Estava me preparando para isso, mas achei melhor ligar para você primeiro.

– Garota esperta.



A viagem de carro levou trinta minutos. Frank abriu a janela e deixou o vento bater no seu rosto. Isso também ajudou a dispersar a fumaça do cigarro. Laura reclamava disso o tempo todo.

O quarto de Walter Sullivan permanecera lacrado por ordem de Frank.

Ele observou de um canto do cômodo enquanto Laura misturava cuidadosamente os produtos químicos de alguns frascos e depois despejava o resultado em um borrifador de plástico. Em seguida, ele a ajudou a enfiar toalhas sob a porta e a prender papel pardo nas janelas. Cerraram as pesadas cortinas, cortando praticamente todos os traços de luz natural.

Frank inspecionou o quarto mais uma vez. Observou o espelho, a cama, a janela, os armários, e então seu olhar repousou sobre o criado-mudo e o buraco atrás dele, de onde o gesso tinha sido removido. Então viu o retrato. Pegou-o. Novamente foi lembrado de que Christine Sullivan era uma mulher muito bonita, tão longe quanto possível da carcaça destruída que ele tinha visto. Na foto, ela estava sentada na cadeira ao lado da cama. À sua esquerda, via-se claramente o criado-mudo. No canto direito da foto, aparecia só uma pontinha da cama. O que era irônico, considerando o tanto que Christine Sullivan devia tê-la usado. Depois do que acontecera, já não teria muita serventia. Frank se lembrava da expressão no rosto de Walter Sullivan.

Pôs a foto no lugar e continuou a observar os movimentos suaves de Laura. Olhou de relance para o retrato: algo o incomodava, mas fosse o que fosse desapareceu tão rapidamente quanto se formara em sua cabeça.

– Como é mesmo o nome desse troço, Laura?

– Luminol. É vendido com uma variedade de nomes, mas é o mesmo reagente. Estou pronta.

Ela posicionou o borrifador sobre a área do carpete de onde as fibras haviam sido cortadas.

– Ainda bem que você não tem que pagar por esse carpete. – O detetive sorriu para ela.

Laura virou-se para encará-lo.

– Não faria diferença. Eu simplesmente me declararia falida. Meu salário ficaria penhorado eternamente. Esse é o melhor recurso dos pobres.

Frank apagou a luz, mergulhando o quarto no breu. Silvos de ar foram ouvidos quando Laura começou a borrifar. Quase imediatamente, como uma massa de vaga-lumes, uma parte muito pequena do carpete emitiu uma luz azul pálida, que logo desapareceu. Frank acendeu a luz e olhou para Laura.

– Então temos o sangue de outra pessoa. Uma descoberta e tanto, Laura. Tem alguma maneira de levar uma quantidade suficiente desse sangue para analisar, descobrir o tipo? Teste de DNA?

Laura parecia em dúvida.

– Vamos arrancar o carpete para ver se algo passou para o outro lado, mas duvido. Quase nada penetra um carpete impermeabilizado. E qualquer resíduo foi misturado com uma porção de coisas. Não conte com isso.

– Tudo bem, um criminoso ferido – pensou Frank em voz alta. – Não muito sangue, mas algum. – Olhou para Laura, que balançou a cabeça afirmativamente. – Ferido, mas com quê? Ela não tinha nada nas mãos quando a encontramos.

Laura leu os pensamentos dele.

– E, repentina como foi a morte dela, provavelmente houve espasmo cadavérico. Para tirar algo de suas mãos, eles teriam que quase quebrar os dedos.

Foi Frank quem concluiu:

- E não havia nenhum sinal disso na autópsia.
- A menos que o impacto das balas tenha feito a mão dela se abrir.
- Com que frequência isso acontece?
- Uma vez basta para este caso.
- O.k., vamos supor que ela tivesse uma arma, que agora está desaparecida. Que tipo de arma poderia ser?

Laura pensou na pergunta enquanto guardava o kit.

- Com certeza pode descartar uma pistola. Ela teria conseguido atirar, e não havia pólvora em suas mãos. Não poderiam raspar isso sem deixar vestígios.

- Ótimo. Mais ainda: não existe nenhuma evidência de que ela tivesse uma arma registrada no seu nome. E já verificamos que não há armas na casa.

- Então, nada de armas de fogo. Talvez uma faca. Não dá para dizer que tipo de ferimento produziu, mas provavelmente foi um corte superficial. O número de fibras cortadas foi pequeno, logo, não estamos falando de risco de vida.

- Portanto ela esfaqueou um dos criminosos, talvez no braço ou na perna. Aí eles recuaram e atiraram nela? Ou ela esfaqueou enquanto morria? – Frank mesmo se corrigiu: – Não, ela morreu instantaneamente. Golpeia um deles em outro cômodo, corre para cá e é baleada. Parado acima dela, o criminoso ferido deixa pingar um pouco de sangue.

- Só que o cofre fica aqui. O mais provável é que ela os tenha pegado em flagrante.

- Correto, mas você está esquecendo que os tiros foram disparados da porta para *dentro* do quarto. E *de cima para baixo*. Quem surpreendeu quem? É nisso que não consigo parar de pensar.

- Se foi assim, por que tirar a faca? Se é que era uma faca.

- Porque, de algum modo, identifica alguém.

- Digitais? – As narinas de Laura tremeram quando ela pensou naquela prova escondida em algum lugar fora da casa.

Frank assentiu.

- É como eu interpreto.

- Será que a Sra. Sullivan tinha o hábito de andar com uma faca?

Frank respondeu dando um tapa tão forte na própria testa que Laura estremeceu. Ela o observou correr até o criado-mudo e pegar a foto. Ele balançou a cabeça e passou o retrato para ela.

- Aí está sua maldita faca.

Laura examinou a foto. Sobre o criado-mudo, havia um abridor de cartas comprido de cabo de couro.

- O couro também explica o resíduo oleoso na palma da mão dela.

Frank se deteve na porta da casa antes de sair. Olhou para o painel de controle do sistema de segurança, que tinha sido consertado e voltara a funcionar. Ele abriu um sorriso quando um pensamento fugidio enfim tomou forma.

- Laura, você tem uma lâmpada fluorescente na mala do carro?

- Tenho, por quê?

- Você se importa de ir pegar?

Intrigada, Laura obedeceu. Retornou ao vestibulo e acendeu a lâmpada.

– Ilumine bem em cima das teclas numéricas.

O que a luz fluorescente revelou fez Frank sorrir de novo.

– Puxa vida, que coisa boa.

– O que significa? – perguntou Laura com a testa franzida.

– Significa duas coisas. Primeiro, definitivamente algum conhecido está envolvido. Segundo, nossos criminosos são de fato criativos.



Frank sentou na pequena sala de interrogatório, pensou em fumar outro cigarro, mas acabou optando por tomar um antiácido. Deu uma olhada nas paredes de blocos de concreto, na mesa barata de metal e nas cadeiras velhas e chegou à conclusão de que aquele era um lugar muito deprimente para alguém ser interrogado. O que era bom. Pessoas deprimidas são vulneráveis, e pessoas vulneráveis, se estimuladas da forma correta, tendem a falar. E Frank queria ouvir. Ficaria ouvindo o dia inteiro.

O caso ainda estava extremamente confuso, mas certos elementos vinham se esclarecendo.

Buddy Budizinski ainda morava em Arlington e agora trabalhava num lava-carros em Falls Church. Ele admitira ter estado na casa de Walter Sullivan, tinha lido sobre o assassinato, mas não sabia nada além disso. Frank tendia a acreditar nele. O homem não se destacava pela inteligência, não tinha ficha na polícia e passara toda a vida adulta fazendo biscates para ganhar a vida, sem dúvida obrigado a isso por só ter estudado até a quinta série. Seu apartamento era modesto, quase pobre. Budizinski era uma pista falsa.

Rogers, por outro lado, mostrou-se uma verdadeira mina de ouro. O número do Seguro Social que ele dera no emprego era legítimo, só que pertencia a uma funcionária do Departamento de Estado lotada na Tailândia havia dois anos. Ele devia saber que a firma de limpeza de carpetes não ia verificar. Por que se dariam esse trabalho? O endereço era de um motel em Beltsville, Maryland. Ninguém com aquele nome tinha se registrado ali nos últimos doze meses, tampouco tinham visto alguém que se encaixasse na descrição dele por ali. O estado do Kansas não tinha registro de Rogers. Além disso, ele nunca descontara nenhum dos cheques pagos pela Metro. Só isso já era altamente significativo.

Um retrato falado com base nas lembranças de Pettis estava sendo preparado por um desenhista e seria distribuído em toda a região.

Rogers era o cara, Frank podia sentir isso. Estivera na casa e depois desaparecera deixando um rastro de informações falsas. Naquele exato momento, Laura estava examinando minuciosamente a van de Pettis na esperança de que as digitais de Rogers ainda estivessem em alguma parte. A cena do crime não fornecera digitais para comparações, mas, se pudessem identificar as de Rogers, com certeza descobririam que tinha antecedentes criminais, e o caso de Frank finalmente começaria a ganhar forma. Seria um grande avanço se a pessoa a quem estava esperando decidisse cooperar.

Walter Sullivan confirmara que um antigo abridor de cartas do quarto estava mesmo desaparecido. Frank ansiava por botar as mãos nessa prova, que podia ser uma mina de ouro. Frank comunicara a Sullivan sua teoria de que a esposa dele tinha golpeado o atacante com

aquele instrumento. O velho pareceu não registrar a informação. Frank se perguntou se Sullivan estava perdendo a sanidade.

O detetive checkou a lista de criados da casa de Sullivan mais uma vez, embora a essa altura já a soubesse de cor. Estava interessado em apenas um.

Não conseguia esquecer a declaração do representante da empresa do sistema de segurança. Era impossível um computador portátil processar as variações de quinze dígitos para conseguir um código de cinco dígitos na sequência correta no curto tempo disponível, principalmente levando-se em conta que a resposta do sistema de segurança não é instantânea. Para tornar isso viável, era preciso eliminar algumas possibilidades. Como isso tinha sido feito?

Um exame do teclado mostrou que um agente químico – Frank não conseguia lembrar o nome exato, embora Laura o tivesse reconhecido –, que foi revelado apenas sob luz fluorescente, havia sido aplicado a cada um dos números.

Frank se recostou e visualizou Walter Sullivan – ou o mordomo, ou quem quer que tivesse a função de armar o alarme – digitando o código. Apertaria as cinco teclas certas e o alarme seria ativado. A pessoa iria embora sem saber que tinha no dedo um leve resíduo, inodoro e invisível a olho nu, do tal produto químico. E, mais importante, sem saber que tinha acabado de revelar os números do código de segurança. Sob luz fluorescente, os criminosos saberiam dizer quais teclas haviam sido acionadas, pois nelas o produto seria menos visível. Com essa informação, cabia ao computador descobrir a sequência correta, o que o representante da empresa assegurou que poderia ser feito em tempo hábil, uma vez que teriam sido eliminados 99,9 por cento das combinações possíveis.

Permanecia uma pergunta: quem aplicara o produto? A princípio, Frank achava que podia ter sido Rogers, enquanto estava na casa, mas os fatos contrários a essa conclusão eram esmagadores. Primeiro, a casa estava sempre cheia de gente e até mesmo a mais distraída das pessoas suspeitaria de um estranho rondando o painel do alarme. Segundo, o hall de entrada era amplo e aberto, sendo o lugar menos reservado da propriedade. Por último, a aplicação exigiria um pouco de tempo e cuidado. E Rogers não dispunha disso. Bastaria uma suspeita mínima, o mais furtivo relance, e todo seu plano estaria arruinado. Quem tinha pensado naquilo não era do tipo que correria esse risco. Não tinha sido Rogers. Frank estava bastante seguro de que sabia quem fora.



À primeira vista, a mulher parecia tão magra que dava a impressão de estar doente, talvez com câncer. Olhando-se outra vez, o colorido de suas bochechas, a leve estrutura óssea e o modo gracioso como se movia levavam à conclusão de que, apesar de muito magra, era saudável.

– Sente-se, por favor, Srta. Broome. Muito obrigado por ter vindo.

A mulher assentiu e deslizou para uma das cadeiras. Usava uma saia mídi florida. Um colar de uma volta de pérolas grandes e falsas adornava seu pescoço. O cabelo fora preso num coque bem-feito; alguns fios no topo da testa começavam a ficar grisalhos. Tendo em vista a pele lisa e a ausência de rugas, Frank lhe daria quase 40 anos. Na verdade era um pouco mais velha.

– Pensei que já tivesse me perguntado tudo o que queria, Sr. Frank.

– Por favor, me chame de Seth. Você fuma?

Ela negou com a cabeça.

– Tenho só algumas poucas perguntas de rotina, dando sequência às que fiz antes. Você não é a única. Pelo que sei, está deixando o emprego na casa do Sr. Sullivan.

Ela engoliu em seco, olhou primeiro para baixo e depois levantou a cabeça.

– Eu era muito chegada, por assim dizer, à Sra. Sullivan. É difícil agora, sabe... – A voz dela falhou.

– Eu sei, eu sei. É muito difícil, terrível mesmo. – Frank fez uma pausa. – Há quanto tempo está com os Sullivan?

– Pouco mais de um ano.

– Faz a limpeza e...?

– Ajudo na limpeza. Somos quatro, Sally, Rebecca, eu e Karen Taylor, que cozinha. Eu também cuidava das coisas da Sra. Sullivan. Roupas e tudo o mais. Eu era uma espécie de assistente dela, pode-se dizer. O Sr. Sullivan tinha o próprio assistente, o Richard.

– Quer um café?

Frank não esperou pela resposta. Levantou-se e abriu a porta da sala.

– Ei, Molly, pode me trazer dois cafés? – Ele se virou para a Srta. Broome. – Preto? Ou com leite?

– Preto.

– Dois puros, Molly, obrigado.

Ele fechou a porta e se sentou.

– Maldita friagem, não consigo me sentir aquecido. – Ele bateu na parede áspera. – Estes blocos de concreto não ajudam muito. O que estava dizendo mesmo sobre a Sra. Sullivan?

– Ela foi realmente muito boa comigo. Conversava comigo sobre um monte de coisas. Ela não era... ela não era, sabe, dessa classe de gente, da elite, pode-se dizer. Fez o ensino médio na mesma escola que eu, aqui em Middleton.

– E em épocas não muito diferentes, suponho.

Essa observação fez Wanda Broome sorrir e, inconscientemente, ajeitar uma mecha invisível de cabelo.

– Mais do que eu gostaria de admitir.

A porta se abriu e o café foi servido. Estava agradavelmente quente e fresco. Frank tinha razão sobre a friagem.

– Eu não diria que ela se misturava bem com todas aquelas pessoas, mas parecia que sabia se virar. Não levava desaforo para casa, se é que você me entende.

Frank tinha motivos para acreditar que aquilo era verdade. Com base em todos os relatos, a Sra. Sullivan parecia ter causado muitos problemas.

– Você diria que o relacionamento entre ela e o marido era... bom, ruim, mediano?

Ela não hesitou:

– Muito bom. Ah, sei o que as pessoas falam sobre a diferença de idade e todo o resto, mas ela era boa para ele e ele era bom para ela. Acredito sinceramente nisso. Ele a amava, posso garantir. Talvez mais como um pai ama uma filha, mas ainda assim era amor.

– E ela o amava?

Dessa vez houve uma hesitação perceptível.

– Você tem que entender que Christy Sullivan era muito jovem, em muitos aspectos talvez

mais jovem que outras mulheres da sua idade. O Sr. Sullivan abriu as portas de um mundo completamente novo para ela e... – Ela se interrompeu, insegura sobre como prosseguir.

Frank mudou de estratégia.

– E o que me diz do cofre no quarto? Quem sabia dele?

– Não sei. Eu certamente não sabia. Acredito que só o Sr. e a Sra. Sullivan. Talvez Richard, o criado pessoal do Sr. Sullivan. Mas não posso garantir.

– Christine Sullivan ou seu marido nunca revelaram que havia um cofre atrás do espelho?

– Meu Deus, não. Embora eu fosse como uma amiga para ela, ainda era somente uma criada. E estava com eles havia apenas um ano. O Sr. Sullivan nunca chegou a falar comigo. Quero dizer, isso não é o tipo de coisa que se diz a uma pessoa como eu, não é?

– Não, acho que não.

Frank tinha certeza de que ela estava mentindo, mas não conseguira encontrar nenhum indício disso. Christine Sullivan era o tipo de pessoa que ostentaria sua riqueza para alguém com quem se identificasse, nem que fosse apenas para mostrar como subira na vida repentinamente.

– Então você não sabia que dava para olhar dentro do quarto através do espelho?

Dessa vez a mulher ficou visivelmente surpresa. Frank notou que ela corava sob a leve camada de maquiagem.

– Wanda... Posso chamá-la de Wanda? Wanda, você entende que o sistema de alarme foi desativado pela pessoa que invadiu a casa, não entende? Foi desativado com o código correto. Quem acionava o sistema à noite?

– Richard – respondeu ela de pronto. – Ou às vezes o próprio Sr. Sullivan.

– Todo mundo na casa conhecia o código?

– Ah, não, claro que não. Richard conhecia. Ele está com o Sr. Sullivan há quase quarenta anos. Que eu saiba, era a única pessoa fora os donos da casa que sabia.

– Alguma vez você o viu acionar o alarme?

– Geralmente eu já estava na cama quando ele fazia isso.

Frank a encarou, com um olhar fixo. *Aposto que estava, Wanda.*

Wanda Broome arregalou os olhos.

– Você... você está desconfiando de que Richard tenha alguma coisa a ver com isso?

– Bem, Wanda, de algum modo o alarme foi desativado por alguém que não deveria saber fazer isso. É normal que a suspeita recaia sobre quem tinha acesso ao código.

Wanda Broome pareceu que ia começar a chorar, mas se recompôs.

– Richard tem quase 70 anos.

– Então provavelmente está precisando de um bom pé-de-meia. É claro que o que estou lhe dizendo deve ser mantido no mais estrito segredo.

Ela assentiu, ao mesmo tempo que assoava o nariz. Não tinha tocado no café, mas o bebeu em goles rápidos.

Frank continuou:

– Até que alguém possa me explicar como aquele sistema de segurança foi acessado, vou ter que investigar os caminhos que fizeram mais sentido para mim.

Ele continuou a encará-la. Tinha passado o dia anterior descobrindo tudo o que fora possível a respeito de Wanda Broome. Era uma história razoavelmente comum, exceto por um desvio. Ela

estava com 44 anos, havia se divorciado duas vezes e tinha dois filhos crescidos. Morava na ala da criadagem com os outros empregados. A pouco mais de seis quilômetros de distância, sua mãe, com 81 anos, morava numa casa modesta e um tanto precária, sobrevivendo confortavelmente à custa do Seguro Social e da pensão de ferroviário deixada pelo marido. Wanda trabalhava para os Sullivan, conforme dissera, havia cerca de um ano, o que inicialmente chamara a atenção de Frank. Ela era, de longe, a criada contratada havia menos tempo. Isso, por si só, não queria dizer muita coisa, mas, segundo todos os depoimentos, o Sr. Sullivan tratava muito bem seus empregados e não se podia deixar de ressaltar a lealdade dos criados antigos e bem-pagos. Wanda Broome dava a impressão de também poder ser leal. A questão era: a quem?

O desvio na história de Wanda era que ela havia passado um tempo na prisão, mais de vinte anos antes, por um desfalque quando trabalhava como contadora para um médico em Pittsburgh. As fichas dos outros criados eram perfeitamente limpas. Mas Wanda era capaz de violar a lei e passara algum tempo na casa. Naquela época seu nome era Wanda Jackson. Divorciara-se de Jackson ao sair da cadeia; na verdade, ele a largara. Desde então não havia mais registro de prisões. Com a troca de nome e a condenação esquecida no passado, se os Sullivan tivessem checado seus antecedentes, podiam não ter descoberto nada, ou talvez não tivessem se incomodado. Segundo todas as fontes, Wanda Broome tinha sido uma cidadã honesta e trabalhadora nos últimos vinte anos. Frank gostaria de saber o que mudara isso.

– Há alguma coisa que você consiga lembrar ou que ache que possa me ajudar, Wanda?

Frank tentou parecer o mais inocente possível, abrindo o caderninho e fingindo fazer anotações. Se ela fosse a pessoa infiltrada na casa, a última coisa que ele queria é que fosse correndo procurar Rogers, que acabaria se escondendo num buraco mais fundo ainda. Por outro lado, se a deixasse abalada, ela talvez mudasse de lado.

Dava para imaginá-la tirando o pó do hall de entrada. Teria sido tão fácil aplicar aquele produto no pano e depois esfregá-lo casualmente no painel de segurança. Teria sido tão natural que ninguém, nem mesmo se estivesse olhando bem para ela, pensaria duas vezes no que vira. Nada além de uma criada conscienciosa fazendo seu trabalho. E depois esgueirando-se quando todos estivessem dormindo, acionando rapidamente a luz, e sua parte estava terminada.

Tecnicamente, era provável que ela fosse considerada cúmplice de homicídio, já que sempre há uma chance de que o roubo a uma casa resulte em morte. Frank, no entanto, estava muito menos interessado em mandar Wanda Broome para a cadeia por boa parte do resto de sua vida do que em apanhar o homem que puxara o gatilho. Acreditava que a mulher sentada diante dele não havia tramado aquele plano. Apenas desempenhara um papel pequeno, embora importante. Frank queria o cérebro por trás daquilo. Estava disposto a procurar o promotor público para negociar um acordo com Wanda a fim de atingir seu objetivo.

– Wanda? – Frank inclinou-se sobre a mesa e, com seriedade, pegou a mão dela. – Você não consegue pensar em mais nada? Qualquer coisa que me ajude a pegar a pessoa que assassinou sua amiga?

Frank finalmente recebeu como resposta um leve balançar de cabeça e se recostou na cadeira. Não tinha esperado muito daquela entrevista, mas chegara ao ponto que queria. Ela não iria avisar o sujeito, Frank tinha certeza. Ele estava progredindo com Wanda Broome, pouco a pouco.

Como descobriria depois, já fora longe demais.



**J**ACK LARGOU A MALA de mão num canto, jogou o sobretudo no sofá e lutou contra a vontade de desmaiar ali mesmo no carpete. Ir e voltar da Ucrânia em cinco dias tinha sido de matar. As sete horas de diferença de fuso horário foram péssimas, mas, para alguém de 80 anos, Walter Sullivan se mostrara incansável.

Eles tinham sido rapidamente conduzidos pelos postos de controle alfandegário com a vivacidade e o respeito que a fortuna e a reputação de Sullivan exigiam. Dali em diante teve início uma série de reuniões intermináveis. Visitaram indústrias, minas, escritórios, hospitais e depois foram jantar e beber com o prefeito de Kiev. O presidente da Ucrânia os recebera no segundo dia e, em menos de uma hora, Sullivan o tinha comendo em suas mãos. Capitalismo e empreendedorismo eram respeitados acima de tudo ali, e Sullivan era um capitalista com C maiúsculo. Todos queriam falar com ele, cumprimentá-lo, como se alguma magia capaz de produzir dinheiro fosse transmitida por suas mãos, gerando riqueza incalculável num prazo muito curto.

O resultado foi melhor que o esperado, visto que os ucranianos concordaram com o negócio, entusiasmados. A compra das ogivas seria abordada depois, na ocasião apropriada. Era um patrimônio e tanto. Um patrimônio desnecessário que poderia virar liquidez.

O 747 modificado de Sullivan fez um voo sem escalas de Kiev às Índias Ocidentais Britânicas, e sua limusine acabara de deixar Jack em casa. Ele foi direto para a cozinha. A única coisa que havia na geladeira era leite azedo. A comida ucraniana era boa, mas muito pesada, e depois de dois dias ele passara a só beliscar as refeições. Além do mais, houvera muita bebida. Ao que parecia, não era possível tratar de negócios sem álcool.

Ele esfregou a cabeça, lutando contra o sono, que estava incrivelmente atrasado. Na verdade, estava cansado demais para dormir. Sentia fome. Consultou o relógio. Seu relógio interno dizia que eram quase oito horas. O relógio de pulso mostrava que já passava bastante da meia-noite. Embora Washington não tivesse a mesma capacidade de Nova York de prover comida de todos os tipos a qualquer hora do dia ou da noite, havia uns poucos lugares onde Jack poderia conseguir uma comida decente no meio da semana, apesar da hora. Enquanto enfiava o sobretudo, o telefone tocou. A secretária eletrônica estava ligada. Jack já estava saindo, mas hesitou. Ouviu a mensagem rápida seguida pelo bipe.

– Jack?

Aquela voz o surpreendeu, vinda do passado. Ele pegou o telefone.

– Luther?



O restaurante era quase um boteco, o que o tornava um dos favoritos de Jack. Qualquer mistura razoável de comida podia ser conseguida ali 24 horas por dia. Era o tipo de lugar que ele frequentava com Kate e no qual Jennifer Baldwin jamais poria os pés. Pouco tempo atrás essa comparação o teria perturbado, mas agora estava decidido e não pretendia reconsiderar a questão.

A vida não é perfeita, e não se pode passar toda ela almejando a perfeição. Ele não ia fazer isso.

Jack engoliu avidamente um prato de ovos mexidos, bacon e quatro torradas. O café fresco desceu queimando sua garganta. Após cinco dias de café instantâneo e água mineral, aquilo foi maravilhoso.

Jack olhou de esguelha para Luther, que bebericava o café e alternava sua atenção entre o vidro sujo da janela e o recinto pequeno e encardido.

Jack pôs sua xícara.

– Você parece cansado.

– Você também, Jack.

– Estive fora do país.

– Eu também.

Isso explicava o estado do quintal e a pilha de correspondências. Jack tinha se preocupado desnecessariamente. Empurrou o prato e acenou para que enchessem de novo a xícara de café.

– Fui à sua casa outro dia.

– Por quê?

Jack já esperava essa pergunta. Luther Whitney era sempre direto. Mas prever a pergunta é uma coisa, ter uma resposta pronta é outra. Jack deu de ombros.

– Não sei. Só queria ver você, acho. Já faz um tempo.

Luther balançou a cabeça, concordando.

– Está saindo com Kate de novo?

Jack tomou um gole de café antes de responder. Suas têmporas começaram a latejar.

– Não. Por quê?

– Pensei ter visto vocês juntos há um tempo.

– Nos esbarramos. Só isso.

Jack não tinha certeza, mas sentiu que Luther havia ficado chateado com aquela resposta. Ele notou que Jack o observava atentamente, e sorriu.

– Você era o único meio que eu tinha para saber se minha filha estava bem. Você era minha fonte, Jack.

– Já pensou em falar direto com ela, Luther? Talvez valha a pena. O tempo está passando.

Luther descartou a sugestão com um gesto e voltou a olhar pela janela.

Jack o examinou com atenção. O rosto estava mais magro que o usual, os olhos inchados. Havia mais rugas na testa e em torno dos olhos do que Jack se lembrava. Mas quatro anos haviam se passado. Luther atingira a idade em que o tempo massacra a pessoa mais depressa e o envelhecimento fica mais evidente a cada dia.

Jack fitou Luther direto nos olhos. Aqueles olhos sempre fascinaram Jack. Verde-escuros e grandes, como os de uma mulher, cheios de confiança. Uma calma inabalável diante da vida em geral. Nada os perturbava. Jack tinha visto felicidade naqueles olhos quando ele e Kate anunciaram o noivado, mas com mais frequência vira tristeza. Naquele momento, percebeu duas coisas que nunca tinha visto nos olhos de Luther Whitney. Medo e ódio. E não saberia dizer qual das duas o perturbava mais.

– Luther, você está com problemas?

O velho sacou a carteira e, apesar dos protestos de Jack, pagou a conta.

– Vamos dar uma volta.

Pegaram um táxi até o Mall e caminharam em silêncio até um banco em frente ao Museu Smithsonian. O ar frio da noite os atingiu, e Jack puxou a gola do casaco. Ele se sentou, enquanto Luther continuou de pé e acendeu um cigarro.

– Isso é novidade. – Jack acompanhou a fumaça subindo lentamente em espirais no ar claro da noite.

– Na minha idade, quem se importa?

Luther jogou fora o fósforo e o enfiou na terra com o pé. Em seguida se sentou.

– Jack, quero que você me faça um favor.

– O.k.

– Você ainda nem sabe o que é. – Luther se levantou de repente. – Você se incomoda de caminhar um pouco? Minhas juntas estão começando a endurecer.

Tinham passado pelo Monumento a Washington e seguiam em direção ao Capitólio quando Luther quebrou o silêncio:

– Estou metido numa confusão, Jack. Não está tão ruim agora, mas tenho a sensação de que vai piorar em breve. – Luther não encarou Jack. Parecia ter os olhos fixos na imponente cúpula do Capitólio. – Não tenho certeza de como as coisas vão acontecer daqui para a frente, mas, se saírem como penso, vou precisar de um advogado. E quero você, Jack. Não quero nenhum desses mentirosos nem um recém-formado. Você é o melhor advogado de defesa que já vi, e olha que já vi muitos. Digo por experiência própria.

– Não faço mais isso, Luther. Agora trabalho com contratos de negócios.

Naquele instante Jack se deu conta de que tinha se tornado mais um homem de negócios do que um advogado. Não foi uma constatação agradável.

Luther não pareceu ouvi-lo.

– Não vai ser de graça. Vou pagar. Quero alguém em quem possa confiar, e só confio em você, Jack.

Luther parou de andar e se virou para o homem mais jovem, esperando uma resposta.

– Luther, você quer me contar o que está acontecendo?

Ele balançou vigorosamente a cabeça.

– Não, a menos que eu precise mesmo. Não faria bem a você nem a ninguém. – Luther encarou Jack até que este se sentisse desconfortável. – Tenho que alertá-lo, Jack, que, se aceitar ser meu advogado nesse caso, vai ser um bocado difícil.

– Como assim?

– Você pode se machucar, Jack. De verdade. E sem volta.

Jack parou de andar.

– Se pessoas desse tipo estão atrás de você, é melhor fazer um acordo agora, conseguir imunidade e desaparecer num Programa de Proteção à Testemunha. Muitas pessoas fazem isso. Não é nenhuma novidade.

Luther deu uma gargalhada. Riu tanto que chegou a engasgar e acabou inclinado para a frente, vomitando. Ao ajudá-lo, Jack sentiu os braços de Luther tremendo. Só não percebeu que tremiam de raiva. Uma explosão daquelas combinava tão pouco com o estilo de Luther que Jack se assustou. Percebeu que Luther suave, embora sua respiração se condensasse no ar gelado da

madrugada.

Luther se recompôs. Respirou fundo, quase envergonhado.

– Obrigado pelo conselho, mande a conta. Tenho que ir.

– Ir? Aonde você pensa que vai? Quero saber o que está acontecendo, Luther.

– Se me acontecer alguma coisa...

– Que droga, Luther, estou ficando cansado dessa porcaria de mistério.

Os olhos de Luther se estreitaram, tornando-se duas fendas. A confiança voltou de repente, com um toque de ferocidade.

– Tudo que faço tem um motivo, Jack. Pode estar certo de que tenho uma excelente razão para não lhe contar tudo agora. Você pode não entender, mas estou fazendo isso para mantê-lo o mais seguro possível. Eu nem estaria envolvendo você nisso se não precisasse perguntar se me defenderia quando e se eu precisar. Porque, se não for me defender, esqueça que esta conversa aconteceu e que me conhece.

– Você não pode estar falando sério.

– Estou, sim, Jack.

Os dois se encararam. As árvores atrás de Luther tinham perdido quase todas as folhas. Os galhos nus estendiam-se para o céu, como raios negros imobilizados.

– Pode contar comigo, Luther.

Luther apertou rapidamente a mão de Jack e, no minuto seguinte, desapareceu nas sombras.



O táxi deixou Jack na frente do prédio. O telefone público ficava do outro lado da rua. Ele parou por um instante, reunindo a energia e a coragem de que precisaria para fazer o que tinha em mente.

– Alô? – atendeu uma voz sonolenta.

– Kate?

Jack contou os segundos que Kate levou para entender o que estava acontecendo e reconhecer a voz dele.

– Meu Deus, Jack, sabe que horas são?

– Posso subir?

– Não. Achei que já estivéssemos entendidos.

Ele fez uma pausa e se armou de uma dose extra de determinação.

– Não é nada disso. É sobre seu pai.

Era difícil interpretar aquela silêncio prolongado.

– O que tem ele? – O tom não foi tão frio quanto ele previra.

– Ele está com problemas.

– E daí? – respondeu ela, dessa vez no tom que ele já conhecia. – Por que isso ainda o surpreende?

– Não. Ele está com um problema sério. Acaba de conseguir me assustar sem na verdade ter me contado nada.

– Jack, já é tarde e qualquer que seja o problema do meu pai...

– Kate, ele estava apavorado. De verdade. Chegou a vomitar.

Houve outra pausa longa. Jack tentou adivinhar seus pensamentos sobre o homem que conheciam tão bem. Luther Whitney apavorado? Não fazia sentido. O trabalho dele exigia nervos de aço. Não era um homem violento, mas passara toda a vida adulta no limite do perigo.

Ela foi direta:

– Onde você está?

– Do outro lado da rua.

Jack levantou a cabeça e viu um vulto magro aparecer numa janela e olhar para fora. Ele acenou.

A porta se abriu quando Jack bateu. Kate foi para a cozinha e ele ouviu barulho de panelas, água escorrendo e o fogão sendo aceso. Jack deu uma olhada na sala e ficou em pé junto da porta, sentindo-se um tanto idiota.

Um minuto depois ela voltou. Vestia um roupão grosso que ia até os tornozelos. Estava descalça. Jack se pegou olhando fixamente os pés dela. Kate acompanhou o olhar dele e em seguida o encarou. Ele teve um sobressalto.

– Como está o tornozelo? Parece bom. – Ele sorriu.

Ela franziu a testa e retrucou, tensa:

– É tarde, Jack. O que há com ele?

Jack foi até a pequena sala de estar e sentou. Kate acomodou-se diante dele.

– Ele me telefonou há algumas horas. Comemos naquele boteco ao lado do Eastern Market e depois fomos dar uma volta. Ele me disse que precisava de um favor. Que estava encrencado. Um problema sério, com pessoas que podiam lhe fazer muito mal. De verdade.

A chaleira apitou. Kate deu um pulo. Enquanto se afastava, Jack ficou olhando suas nádegas perfeitamente delineadas sob o roupão, trazendo de volta uma enxurrada de lembranças que ele gostaria que o deixassem em paz. Ela voltou com duas xícaras de chá.

– Qual era o favor?

Ela bebericou o chá. Jack nem tocou na xícara.

– Ele disse que precisava de um advogado. Que *poderia* precisar de um advogado. Mas as coisas também podiam se desenrolar bem, e aí não seria necessário. Queria que eu o defendesse.

Ela pousou a xícara.

– É só isso?

– E não é o bastante?

– Talvez para uma pessoa honesta e respeitável, mas não para ele.

– Meu Deus, Kate, ele estava apavorado. Nunca o vi com medo antes, você já?

– Já vi tudo o que precisava a respeito dele. Ele escolheu a vida que queria levar, e parece que agora está pagando por isso.

– Pelo amor de Deus, ele é seu pai!

– Jack, não quero falar sobre isso. – Ela começou a se levantar.

– E se acontecer alguma coisa com ele? Como é que vai ser?

Ela lançou-lhe um olhar frio.

– Se acontecer, paciência. Não é problema meu.

Jack se levantou e foi saindo. Mas se virou, o rosto vermelho de raiva.

– Depois eu lhe conto como foi o enterro. Pensando bem, por que você se importaria? Vou

apenas garantir que você receba uma cópia da certidão de óbito.

Ele não sabia que ela podia ser tão rápida, mas sentiria a ardência daquela bofetada por uma semana, como se alguém tivesse jogado ácido em seu rosto – uma descrição mais adequada do que ele percebeu na hora.

– Como se atreve?

Kate o fulminou com o olhar enquanto ele esfregava o rosto devagar. Então ela começou a chorar com tanta intensidade que as lágrimas chegaram a pingar no roupão.

Jack falou baixinho, com toda a calma de que foi capaz:

– Não mate o mensageiro, Kate. Já falei para Luther e estou falando para você: a vida é curta demais para essas bobagens. Perdi meus pais há muito tempo. O.k., você tem suas razões para não gostar dele. O problema é seu. Mas ele ama e se importa com você e, mesmo achando que ele acabou com sua vida, você tem que respeitar esse amor. É meu conselho, siga-o se quiser.

Ele se dirigiu para a porta, mas ela se interpôs em seu caminho.

– Você não sabe nada sobre isso.

– Ótimo, não sei nada. Volte para a cama. Tenho certeza de que logo vai pegar no sono, sem nada importante na cabeça.

Ela agarrou o paletó dele com tanta força que fez com que ele se virasse, embora fosse muito mais pesado.

– Eu tinha 2 anos quando ele foi preso pela última vez. Tinha 9 quando saiu. Você entende a vergonha que uma menininha sente porque o pai está na cadeia? Porque o pai *rouba* as outras pessoas? Você sabe o que eu sentia quando era dia de levar os pais na escola e o pai de um coleguinha era médico, o de outro era motorista de caminhão, mas, quando chegava a minha vez, a professora abaixava a cabeça e dizia à turma que o pai de Kate teve que ir embora porque fez uma coisa má e então passava para a criança seguinte? Ele nunca estava do nosso lado. *Nunca!* Minha mãe vivia doente de preocupação. Mas sempre manteve a fé, até o fim. Facilitou tudo para ele.

– Ela acabou se divorciando dele, Kate – lembrou Jack com delicadeza.

– Porque foi a única opção que lhe restou. E, no momento em que estava começando a refazer sua vida, descobriu um caroço no seio e morreu seis meses depois.

Kate encostou na parede. Parecia tão cansada que era doloroso vê-la.

– E você sabe o que é mais louco nisso tudo? Ela nunca deixou de amá-lo. Depois de todo o sofrimento que ele a fez passar. – Kate balançou a cabeça, achando difícil acreditar no que acabara de dizer. Levantou o rosto para Jack, o queixo tremendo. – Mas tudo bem, sinto ódio suficiente por nós duas. – Ela o encarou com uma mistura de orgulho e integridade no olhar.

Jack não sabia se o que estava sentindo era exaustão ou agonia por ter trancado tantos anos dentro de si aquilo que estava prestes a dizer. Anos contemplando aquela questão e a deixando de lado em favor da beleza e da vivacidade daquela mulher. Seu sonho de perfeição.

– É essa sua ideia de justiça, Kate? Ódio e amor em quantidades iguais, um contrabalançando o outro?

Ela se afastou dele.

– De que você está falando?

Ele se adiantou enquanto ela continuava a recuar pela pequena sala.

– Estou cansado de ouvir esse seu maldito martírio, Kate. Você se acha a perfeita defensora dos fracos e oprimidos. Nada está acima disso. Nem você, nem eu, nem seu pai. A única razão para você trabalhar como promotora, acusando tudo quanto é filho da puta que passa na sua frente, é porque seu pai a magoou. Toda vez que condena alguém, é um prego a mais que crava no coração dele.

A mão dela voou de novo na direção do rosto dele. Jack a pegou no ar e segurou firme.

– Toda sua vida adulta tem sido dedicada a se vingar dele. Por todos os erros. Por toda a mágoa. Por nunca ter estado a seu lado. – Apertou a mão dela até que ela gemeu. – Alguma vez já pensou que você talvez nunca tenha estado ao lado dele também?

Jack largou a mão de Kate, que ficou ali parada, encarando-o com uma expressão que ele nunca tinha visto.

– Será que você não percebe que Luther a ama tanto que nunca tentou entrar em contato com você, fazer parte da sua vida porque sabe que é assim que você quer que seja? Sua única filha morando a poucos quilômetros de distância, e ele completamente excluído da vida dela. Você já pensou em como ele se sente? Será que seu ódio alguma vez permitiu que você pensasse nisso?

Ela não respondeu.

– Nunca se perguntou por que sua mãe o amava? Será que a imagem que faz de Luther Whitney é tão distorcida que você não consegue ver o motivo para ela o amar tanto?

Ele a agarrou pelos ombros e a sacudiu.

– Seu maldito ódio alguma vez lhe permitiu sentir compaixão? Permitiu que você amasse alguma coisa, Kate?

Ele a empurrou. Ela cambaleou para trás, os olhos cravados nele.

Jack hesitou por um momento.

– O fato, senhorita, é que você não o merece. – Ele fez mais uma pausa antes de concluir: – Você não merece ser amada.

Numa explosão de fúria, Kate rangeu os dentes, o rosto contorcido de raiva. Gritou e voou para cima dele, socando seu peito e esbofeteando seu rosto. Jack não sentiu os golpes tanto quanto sentiu as lágrimas que escorriam pelas faces dela.

O ataque acabou tão repentinamente quanto começara. Sentindo os braços pesados como chumbo, ela segurou o paletó dele, amparando-se. Então começaram os soluços e ela deslizou para o chão, as lágrimas jorrando, o pranto ecoando no espaço minúsculo da sala.

Ele a levantou e a levou delicadamente para o sofá.

Ajoelhou-se ao lado e deixou que chorasse por muito tempo. Seu corpo tenso foi ficando cada vez mais fraco, as mãos frias e úmidas. Finalmente ele a envolveu com os braços e encostou o peito ao lado do corpo dela. Os dedos finos de Kate continuaram segurando com força seu paletó e seus corpos passaram um longo tempo tremendo, juntos.

Quando se acalmou, ela sentou devagar, o rosto vermelho e manchado.

Jack recuou.

Ela se recusou a olhar para ele.

– Saia daqui, Jack.

– Kate...

– *Saia!*

Apesar do grito, a voz dela era frágil, ferida. Kate cobriu o rosto com as mãos.

Jack se virou e saiu. Enquanto descia a rua, virou-se uma última vez para o prédio dela. Viu sua silhueta emoldurada na janela, mas Kate não olhava para ele. Procurava alguma coisa, ele não sabia o quê. Provavelmente nem ela mesma sabia. Com ele ainda olhando, afastou-se da janela. Poucos minutos depois, as luzes do apartamento se apagaram.

Jack esfregou os olhos, virou-se e seguiu devagar pela rua, voltando para casa após um dos dias mais longos de que podia se lembrar.



– *Porra!* Há quanto tempo?

Seth Frank parou junto do carro. Ainda não eram nem oito da manhã.

O jovem patrulheiro de Fairfax não sabia da importância do acontecimento e ficou chocado com o rompante do detetive.

– Nós a encontramos tem mais ou menos uma hora. Um homem saiu para correr muito cedo e viu o carro.

Frank deu a volta no veículo e espiou pelo lado do passageiro. A expressão no rosto era tranquila, muito diferente do último corpo que ele examinara. O cabelo comprido estava solto, caído pelas laterais do banco. Wanda Broome parecia estar dormindo.

Três horas depois a investigação da cena do crime estava terminada. Quatro comprimidos foram encontrados no banco do carro. A autópsia confirmaria que Wanda Broome morreria de overdose de digitalina, que comprara com uma receita no nome de sua mãe. Estava morta havia cerca de duas horas quando o corpo foi encontrado no isolado caminho de terra que circundava um lago a cerca de dez quilômetros da casa de Sullivan, logo depois dos limites do condado. A única outra prova que havia estava dentro de um saco plástico que Frank levava consigo, com autorização da polícia do outro condado. O bilhete tinha sido escrito num pedaço de papel arrancado de um caderninho de notas de espiral. A caligrafia era feminina, cheia de floreios e enfeites. As últimas palavras de Wanda haviam sido um pedido desesperado de redenção. Um grito de culpa em duas palavras:

*Sinto muito.*

Frank dirigiu depressa, passando pela folhagem que perdia rapidamente a cor e pelo pântano enevoado que seguiam paralelos à estrada. Tinha estragado tudo. Nunca imaginara que Wanda Broome fosse capaz de cometer suicídio. Sua história a caracterizava como uma sobrevivente. Frank sentia pena, mas também raiva por tamanha estupidez. Poderia ter conseguido um belo acordo para ela! Então ponderou que ao menos seus instintos estiveram certos em um ponto. Wanda Broome era *mesmo* uma pessoa leal. Tinha sido leal a Christine Sullivan e não pudera conviver com a culpa de ter contribuído, mesmo que sem querer, para sua morte. Uma reação compreensível, embora lamentável. No entanto, agora que ela morreria, Frank perdera sua melhor e talvez única oportunidade de pegar o peixe grande.

A lembrança de Wanda Broome dissolveu-se quando ele se concentrou em outra questão: como levar a julgamento um homem que causara a morte de duas mulheres?





– Porra, Tarr, era hoje?

Jack olhou para seu cliente na recepção da PS&L. O homem parecia tão deslocado ali quanto um vira-lata num desfile de cães de raça.

– Às dez e meia. Agora são onze e quinze. Isso significa que terei 45 minutos de graça? A propósito, você está com uma aparência horrível.

Jack baixou os olhos para o terno amassado e passou a mão pelo cabelo despenteado. Seu relógio interno ainda estava no horário da Ucrânia e uma noite sem dormir não contribuiu em nada para sua aparência.

– Pode acreditar, estou me sentindo muito pior do que pareço.

Os dois homens se cumprimentaram. Tarr vestira-se para o encontro, o que significava que sua calça jeans não estava rasgada e que ele usava meias com tênis. A jaqueta de veludo cotelê era uma relíquia dos anos 1970, e o cabelo era o costureiro emaranhado de cachos e tufos.

– Podemos deixar para outro dia, Jack. Entendo tudo de ressaca.

– Não, você se aprontou todo. Vamos lá. Só preciso comer alguma coisa. Vamos almoçar. Por minha conta.

Quando os dois homens desceram o corredor, Lucinda, toda certinha e preocupada em manter a boa imagem da empresa, deixou escapar um suspiro de alívio. Mais de um sócio tinha passado por ela com uma expressão de horror ao ver Tarr Crimson. Haveria muitos memorandos naquela semana.

– Sinto muito, Tarr. Tenho andado a mil por hora. – Jack jogou o sobretudo em cima de uma cadeira e se acomodou com ar sofrido atrás de uma grande pilha de bilhetes cor-de-rosa que estava sobre sua mesa.

– Eu soube que você esteve fora do país. Espero que tenha sido em algum lugar divertido.

– Não foi. Como vão os negócios?

– Bombando. Em pouco tempo você poderá me considerar um cliente de verdade. Talvez seus sócios se sintam melhor quando me virem sentado na sala de espera.

– Eles que se danem, Tarr. É você quem paga suas contas.

– É melhor ser um cliente importante que paga algumas contas da empresa do que um cliente insignificante que paga as suas próprias.

Jack sorriu.

– Você entendeu direitinho como as coisas funcionam aqui.

– Cara, se você já viu um algoritmo, viu todos.

Jack abriu o arquivo de Tarr e deu uma olhada rápida.

– Teremos sua nova microempresa aberta amanhã. Incorporação em Delaware com uma qualificação no Distrito. Certo?

Tarr assentiu.

– Como pretende capitalizá-la?

Tarr pegou um bloco tamanho ofício.

– Tenho uma lista de potenciais. Mesma coisa do último negócio. Vou ter desconto? – Tarr sorriu. Gostava de Jack, mas negócios eram negócios.

– Sim. Desta vez não vai pagar pela curva de aprendizagem de um associado mal-informado caro.

Os dois sorriram.

– Cobrarei o mínimo, Tarr, como sempre. A propósito, para que vai servir a nova empresa?

– Fiquei sabendo de uma nova tecnologia para trabalho de vigilância.

Jack tirou os olhos de suas anotações.

– Vigilância? Isso é um pouquinho fora da sua área, não?

– É preciso nadar a favor da corrente. Os negócios vão mal. Mas, quando um empreendimento seca, um bom empresário como eu procura novas oportunidades. Vigilância e segurança para o setor privado têm sido quentes. A moda agora são câmeras para a polícia. – Não deixa de ser irônico para alguém que foi preso em todas as grandes cidades do país na década de 1960.

– Ei, nossas causas eram boas! Mas todos crescemos. Como funciona?

– De duas maneiras. Primeiro, satélites de órbita baixa são conectados às estações de rastreamento da polícia. As áreas de vigilância são pré-programadas. Ao identificarem problemas, mandam um sinal quase instantâneo para a estação de rastreamento, dando informações precisas do caso. Para os policiais, é informação em tempo real. O segundo método envolve a instalação de equipamento de vigilância militar, sensores e instrumentos de rastreamento em postes telefônicos ou sob o solo, com sensores de superfície, ou na parte externa dos prédios. Sua localização exata será confidencial, claro, mas a ideia é montar o sistema nas áreas em que os índices criminais são maiores. Se começar a acontecer alguma coisa, eles chamam a cavalaria.

Jack balançou a cabeça.

– Posso pensar em vários direitos civis que estarão sendo violados.

– Tudo bem. Mas funciona.

– Até que os bandidos reajam.

– É meio difícil vencer um satélite, Jack.

Jack assentiu e se concentrou nos documentos.

– Como vão os preparativos do casório? – perguntou Tarr.

Jack levantou a cabeça.

– Não sei, tento me manter por fora.

O cliente deu uma risada.

– Porra, Julie e eu tínhamos vinte pratos para fazer o casamento, contando com a lua de mel. Pagamos dez dólares ao juiz de paz, compramos uma embalagem de Michelob com o que sobrou, fomos de moto até Miami e dormimos na praia. Foi uma maravilha.

Jack sorriu e concordou com a cabeça.

– Acho que os Baldwin têm algo mais formal em mente. Embora seu jeito me pareça muito mais divertido.

Tarr lançou-lhe um olhar intrigado, lembrando-se de alguma coisa.

– O que aconteceu com aquela garota que você namorava quando defendia os criminosos desta bela cidade? Kate, não é?

Jack baixou os olhos para a mesa.

– Decidimos seguir caminhos diferentes – falou baixinho.

– Hum... Sempre achei que vocês formavam um casal muito bacana.

Jack olhou de esguelha para ele, passou a língua nos lábios e fechou os olhos por um momento

antes de responder:

- Bem, às vezes as aparências enganam.
- Tarr estudou o rosto do amigo.
- Tem certeza?
- Absoluta.



Depois do almoço e de pôr em dia o trabalho atrasado, Jack retornou metade dos telefonemas e decidiu deixar o resto para o dia seguinte. Olhando pela janela, concentrou seus pensamentos em Luther Whitney. No que estaria envolvido? O mais intrigante é que Luther era um solitário tanto na vida pessoal quanto no trabalho. Quando trabalhava como defensor público, Jack tinha estudado alguns casos de Luther. Ele trabalhava sozinho. Mesmo quando não tinha sido preso, apenas interrogado, nunca houve indício de mais outra pessoa envolvida. Então quem poderiam ser essas pessoas de quem ele falava? Teria sido um roubo? Mas Luther era experiente demais para se arriscar desse jeito. Seria a vítima? Talvez não pudessem provar que Luther cometera o crime e tentassem se vingar dele. Mas quem desejaria vingança por ter sido roubado? Se alguém tivesse sido morto ou ferido, Jack entenderia, mas Luther não era capaz disso.

Ele se sentou à mesa de reuniões e se lembrou do encontro com Kate na noite anterior. Tinha sido a experiência mais dolorosa de sua vida, pior do que quando Kate terminara com ele. Mas dissera o que precisava ser dito.

Esfregou os olhos. Naquele momento de sua vida, os Whitney não eram bem-vindos. Mas tinha feito uma promessa a Luther. Por quê? Afrouxou a gravata. Em algum momento teria que cortar os laços, nem que fosse pela sua saúde mental. Por ora esperava que o favor prometido jamais fosse cobrado.

Desceu para pegar um refrigerante na cozinha, voltou à sua mesa e terminou as faturas do mês. A firma estava cobrando cerca de 300 mil dólares por mês das Empresas Baldwin, e o trabalho só aumentava. Durante sua ausência, Jennifer mandara dois novos assuntos que ocupariam um exército de advogados por cerca de seis meses. Jack rapidamente calculou sua participação nos lucros do trimestre e assobiou baixinho quando chegou a um número aproximado. Era quase fácil demais.

As coisas estavam melhorando entre Jennifer e ele. Seu cérebro lhe dizia para não estragar tudo. O coração, por sua vez, não estava tão certo assim. Mas Jack achava que estava na hora de o cérebro começar a assumir o comando de sua vida. Não que o relacionamento deles tivesse mudado. O que mudou foi o que ele esperava da relação. Ele estava se comprometendo? Sim. Mas não é possível passar pela vida sem assumir compromissos. Kate Whitney havia tentado, e olhe só o que lhe acontecera.

Telefonou para o escritório de Jennifer, mas ela não estava. E não voltaria. Consultou o relógio. Cinco e meia. Quando não estava viajando, Jennifer Baldwin quase nunca saía do escritório antes das oito. Jack consultou a agenda. Jennifer passara a semana inteira na cidade. Também não tinha atendido quando ele ligara para ela do aeroporto na noite anterior. Esperava que não houvesse nada de errado.

Quando considerava a ideia de ir até a casa dela, Dan Kirksen meteu a cabeça pela porta.

– Posso incomodá-lo um minuto?

Jack hesitou. O homenzinho e suas gravatas-borboleta o irritavam, e ele sabia exatamente o motivo. Deferente como o diabo, Kirksen teria tratado Jack como estrume de vaca se ele não controlasse um negócio de milhões de dólares. E Jack sabia que Kirksen queria desesperadamente tratá-lo como estrume, de qualquer jeito, e esperava alcançar esse objetivo um dia.

– Eu estava pensando em ir embora. Tenho trabalhado muito duro nos últimos dias.

– Eu sei – disse Kirksen com um sorriso. – Todo mundo na empresa só fala disso. Sandy que se cuide. Parece que Walter Sullivan está encantado com você.

Jack sorriu por dentro. Sandy Lord era a única pessoa que Kirksen queria derrubar mais que Jack. E, sem Sullivan, Lord ficaria vulnerável. Jack podia ler todos esses pensamentos por trás dos óculos do sócio-gerente.

– Não acho que Sandy tenha com que se preocupar.

– Claro que não. São só alguns minutos. Sala de reuniões número um.

Kirksen desapareceu tão depressa quanto tinha surgido.

O que estaria acontecendo?, perguntou-se Jack. Pegou o paletó e saiu pelo corredor. Ao passar por dois colegas, eles lhe dirigiram olhares de esguelha que só aumentaram sua curiosidade.

As portas da sala de reuniões estavam fechadas, o que não era comum, a menos que estivesse acontecendo alguma coisa lá dentro. Jack deslizou uma das folhas pesadas. A sala escura explodiu numa luz brilhante e ele ficou espantado à medida que a festa entrava em foco. A faixa pendurada na parede explicava tudo: PARABÊNS, SÓCIO!

Lord era o anfitrião do generoso bufê de bebidas e petiscos caros. Jennifer estava lá com os pais.

– Estou tão orgulhosa de você, querido.

Ela já tinha tomado alguns drinques, e seus olhos suaves e as carícias delicadas diziam a Jack que as coisas ficariam ainda melhores naquela noite.

– Bem, podemos agradecer ao seu pai pela sociedade.

– Não, meu amor. Se você não estivesse fazendo um bom trabalho, papai o cortaria num minuto. Dê a si mesmo um pouco de crédito. Você acha que é fácil agradar Sandy Lord e Walter Sullivan? Meu bem, você conquistou Walter Sullivan; na verdade, o surpreendeu. Não foram muitos os advogados que conseguiram isso.

Jack engoliu o resto do drink e pensou no que ela dissera. Parecia plausível. Tinha feito um gol de placa com Sullivan. E quem poderia garantir que Ransome Baldwin não trocaria de representante legal se Jack não estivesse à altura do trabalho?

– Talvez você tenha razão.

– Claro que tenho, Jack. Se esta empresa fosse um time de futebol, você seria a revelação ou o craque do ano. Talvez as duas coisas. – Jennifer tomou outro drink e passou o braço pela cintura de Jack. – Além do mais, agora pode me sustentar no estilo de vida a que estou acostumada. – Ela beliscou o braço dele.

– Acostumada. Até parece! Só se costume vier de berço.

Os dois trocaram um beijinho furtivo.

– É melhor você socializar, astro.

Ela o empurrou de leve e foi para junto dos pais.

Jack olhou em volta. Todas as pessoas ali eram milionárias. Era de longe o mais pobre entre eles, mas suas perspectivas provavelmente eram maiores que a de todos. Seus rendimentos básicos tinham quadruplicado. Sua participação no lucro anual deveria ser o dobro disso. Ocorreu-lhe então que, tecnicamente, também era milionário. Quem poderia imaginar? Quatro anos antes, um milhão de dólares parecia ser mais dinheiro do que havia em todo o mundo.

Ele não tinha estudado direito para ficar rico. Passara anos trabalhando duro para ganhar uma ninharia. Tinha direito ao dinheiro que estava ganhando agora, não tinha? Não era esse o Sonho Americano? O que havia nesse sonho que o fazia se sentir tão culpado por realizá-lo?

Sentiu um braço grande em volta de seu ombro. Virou-se e deu de cara com Sandy Lord, que o fitava com olhos injetados.

– Conseguimos surpreender você, não foi?

Jack concordou. O hálito de Sandy rescendia a álcool e rosbife. Jack se lembrou do primeiro encontro deles, no Fillmore's. Não era uma recordação agradável. Afastou-se delicadamente do sócio.

– Olhe para esta sala, Jack. Não há uma única pessoa aqui, com a possível exceção de você mesmo, que não adoraria estar no seu lugar.

– É um pouco sufocante. Foi tudo rápido demais. – Jack estava falando mais para si do que para Lord.

– Caramba, essas coisas são sempre assim! Os afortunados vão do zero ao topo em segundos. O sucesso improvável é exatamente isto: improvável. Mas é isso que o torna tão satisfatório. Por sinal, permita-me parabenizá-lo por ter cuidado tão bem de Walter.

– Foi um prazer, Sandy. Gosto dele.

– Haverá uma pequena reunião social na minha casa no sábado. Algumas pessoas que você deveria conhecer estarão lá. Veja se consegue convencer sua linda noiva a ir junto. Ela pode descobrir boas oportunidades de marketing. A garota é danada como o pai.



Jack apertou a mão de todos os sócios presentes, alguns mais de uma vez. Às nove horas, ele e Jennifer foram levados para casa na limusine fornecida pela empresa dela. À uma da manhã, já tinham feito amor duas vezes. À uma e meia, Jennifer dormia profundamente.

Jack não.

Ele ficou à janela, contemplando uns poucos flocos de neve que tinham começado a cair. Um sistema de alarme de tempestades de inverno tinha sido precocemente instalado na área, embora não fosse haver precipitações significativas. No entanto, Jack não estava pensando no clima. Olhou para Jennifer. Estava com uma camisola de seda, aninhada entre as cobertas de cetim, numa cama do tamanho do quarto do apartamento dele. Ergueu os olhos para os murais, seus velhos amigos. A casa nova deveria ficar pronta no Natal, embora a conservadora família Baldwin jamais fosse aceitar que morassem juntos antes do casamento. O imóvel estava sendo reformado sob rígida supervisão da noiva, com o objetivo de adaptar a decoração ao gosto deles e projetar ousadamente suas afirmações pessoais – fosse lá o que isso fosse. Olhando os rostos medievais no teto, Jack achou que provavelmente estavam rindo dele.

Tinha se tornado sócio de uma das empresas de maior prestígio na cidade, estava sendo

festejado por algumas das pessoas mais influentes do país, todas ansiosas para fazer com que sua carreira meteórica fosse ainda mais longe. Ele tinha tudo – a bela princesa, o sogro rico, o mentor consagrado e impiedoso, até uma boa quantidade de dólares no banco. Apesar do exército de gente poderosa atrás dele e do futuro sem limites à frente, Jack nunca se sentiu tão solitário quanto naquela noite. E, contrariando toda a sua força de vontade, seus pensamentos continuavam se voltando para um velho amedrontado e furioso e sua filha emocionalmente abalada. Com os dois girando em sua cabeça, observou silenciosamente a delicada queda dos flocos de neve até que os primeiros raios de sol o saudaram.



A velhinha espiou por entre as persianas empoeiradas que cobriam a janela da sala de estar quando o sedã escuro parou na entrada de carros. A artrite nos joelhos muito inchados tornava difícil que ela se levantasse e mais ainda que andasse pela casa. Tinha as costas encurvadas e os pulmões inclementes, após cinquenta anos sendo bombardeados com alcatrão e nicotina. Já estava na contagem regressiva para o fim da vida. Seu corpo a tinha levado tão longe quanto possível. Mais que o de sua filha.

Apalpou a carta no bolso do velho vestido cor-de-rosa que deixava de fora os tornozelos vermelhos, inchados e cheios de pústulas. Ela sabia que eles iriam aparecer mais cedo ou mais tarde. Depois que Wanda voltara da delegacia, tinha certeza de que seria uma questão de tempo para que algo como aquilo acontecesse. As lágrimas escorreram pelo seu rosto ao se lembrar das últimas semanas.

– Foi minha culpa, mamãe – dissera a filha, sentada na pequena cozinha onde, quando era garotinha, ajudava a mãe a assar biscoitos e preparar conservas de tomates e vagens colhidos no canteiro dos fundos.

Ficara repetindo essas palavras sem parar, com a cabeça deitada em cima da mesa, o corpo se sacudindo em convulsões. Edwina havia tentado ponderar com a filha, mas não conseguira aliviar a culpa que envolvia a mulher franzina que começara a vida como um bebê gorducho de cabelo escuro grosso e pernas tortas. Tinha mostrado a carta a Wanda, mas fora inútil. Estava acima de suas possibilidades fazer a filha compreender.

Agora ela estava morta e a polícia tinha aparecido. Edwina sabia que precisava fazer a coisa certa. Aos 81 anos e temente a Deus, ia mentir à polícia.

– Sinto muito a respeito de sua filha, Sra. Broome. – As palavras de Frank soaram sinceras. Uma lágrima escorreu pelas rugas profundas do rosto de Edwina.

O bilhete que Wanda deixara foi entregue a Edwina Broome, que o leu com o auxílio de uma grande lupa que estava em cima da mesa, bem ao seu alcance. Ela examinou o rosto ansioso do detetive.

– Não sei no que ela estava pensando quando escreveu isto.

– A senhora sabe que houve um roubo na casa dos Sullivan? E que Christine Sullivan foi morta pelo invasor?

– Eu soube pela televisão logo depois que aconteceu. Que coisa horrível.

– Sua filha alguma vez falou sobre isso com a senhora?

– Claro. Ficou muito perturbada. Ela e a Sra. Sullivan se davam muito bem. Realmente bem.

Ela ficou abalada.

– Por que acha que ela se suicidou?

– Se eu pudesse, diria.

Ela deixou a frase ambígua pairar no ar. Frank pegou o bilhete de volta, dobrou-o e guardou-o.

– Sua filha alguma vez lhe disse algo sobre o trabalho que talvez possa lançar uma luz sobre o ocorrido?

– Não. Ela gostava muito do emprego. Pelo que dizia, eles a tratavam muito bem. E morar naquela mansão era ótimo.

– Sra. Broome, soube que Wanda teve um problema com a lei algum tempo atrás.

– *Muito* tempo atrás, detetive. *Muito*. E desde então levou uma vida honesta.

Edwina Broome encarou Frank com os olhos estreitados e os lábios apertados, formando uma linha reta.

– Tenho certeza disso – acrescentou Frank depressa. – Wanda trouxe alguém para vê-la nos últimos meses? Alguém que talvez a senhora não conhecesse?

Edwina negou com a cabeça. Era verdade.

Frank a fitou por um longo tempo. Os olhos de Edwina, opacos pela catarata, o encararam.

– Sua filha estava fora do país quando o crime aconteceu, não estava?

– Sim. Foi para aquela ilha com os Sullivan. Pelo que ela me disse, eles iam todos os anos.

– Mas a Sra. Sullivan não foi.

– Imagino que não, detetive, já que foi assassinada aqui enquanto eles estavam lá.

Frank quase sorriu. Aquela senhorinha nem de longe era tão burra quanto demonstrava.

– A senhora não tem ideia de por que ela não viajou? Wanda não lhe disse nada?

Edwina balançou a cabeça e acariciou um gato branco que pulou no seu colo.

– Muito obrigado por ter falado comigo. Sinto muito por sua filha.

– Muito obrigada. Também sinto muito.

Quando ela se levantou com dificuldade para levá-lo à porta, a carta caiu de seu bolso. Seu coração frágil parou por um segundo quando Frank se abaixou, pegou-a e a devolveu sem nem olhar.

Edwina Broome viu-o sair com o carro, acomodou-se lentamente na poltrona ao lado da lareira e desdobrou a carta.

Conhecia muito bem aquela caligrafia masculina: *Não fui eu. Mas você não acreditaria em mim se eu lhe dissesse quem foi.*

Era tudo o que Edwina precisava saber. Luther Whitney era seu amigo havia muito tempo e só tinha conseguido entrar naquela casa com a ajuda de Wanda. Não ajudaria a polícia a pegá-lo.

E faria o que o amigo lhe pedira. Que Deus a ajudasse, era a única coisa decente que podia fazer.



Seth Frank e Bill Burton se cumprimentaram e sentaram-se. O sol mal tinha acabado de nascer e eles já estavam na sala de Frank.

– Agradeço a consideração de me atender, Seth.

– Isto é um pouco fora do comum.

– Muito, na minha opinião. – Burton sorriu. – Se incomoda se eu fumar?

– Eu o acompanho.

Os dois homens pegaram seus maços de cigarros.

– Estou no Serviço Secreto há muito tempo e isso é novidade para mim. Mas eu entendo. O velho Sullivan é um dos melhores amigos do presidente. Ajudou-o a começar na política. Um verdadeiro mentor. Agora, aqui entre nós, não acho que o presidente queira realmente que façamos mais do que dar a impressão de que ele está se envolvendo. Não temos a menor intenção de passar por cima de vocês.

– Não teriam jurisdição para isso, mesmo.

– Exatamente, Seth. Exatamente. Caramba, passei oito anos na polícia estadual. Sei como são as investigações. A última coisa de que você precisa é alguém pegando no seu pé.

A cautela começou a sumir dos olhos de Frank. Um ex-policia! que se tornara agente do Serviço Secreto. Aquele cara realmente tinha feito carreira. Do ponto de vista de Frank, não se podia ir muito mais longe que isso.

– Então, qual é sua proposta?

– Devo ser uma fonte de informação para o presidente. Acontece alguma coisa nova, você me liga e eu comunico ao presidente. Assim, quando ele se encontrar com Sullivan, pode falar sobre o caso com embasamento. Pode acreditar em mim, não há truque nenhum. O presidente está mesmo preocupado. – Burton sorriu por dentro.

– E nada de interferência dos federais? Nem de críticas?

– Caramba, eu não sou o FBI! Não é um caso federal. Pense em mim apenas como o emissário de alguém muito importante. Não muito mais que uma cortesia profissional.

Frank correu os olhos pela sala enquanto analisava lentamente a situação. Burton seguiu seu olhar e tentou avaliar Frank com o máximo de precisão possível. Tinha conhecido muitos detetives. Todos eram medianos, o que, combinado com uma carga de trabalho que aumentava em progressão geométrica, resultava em poucas prisões e ainda menos condenações. Mas havia investigado Seth Frank. Fora do Departamento de Polícia de Nova York e tinha uma folha de elogios quilométrica. Desde que chegara ao condado de Middleton, nenhum homicídio ficara sem solução. Tudo bem que era um condado rural, mas ainda assim cem por cento de casos solucionados era impressionante. Todos esses fatos deixavam Burton bem à vontade. Embora o presidente tivesse pedido que ele entrasse em contato com a polícia apenas para cumprir seu compromisso com Sullivan, Burton tinha seus próprios motivos para querer ter acesso à investigação.

– Se alguma coisa surgir de uma hora para outra, talvez eu não consiga avisá-lo imediatamente.

– Não estou pedindo milagres, Seth, só alguma informação quando puder. Mais nada. – Burton se levantou, apagando o cigarro no cinzeiro. – Estamos combinados?

– Vou me esforçar, Bill.

– Não se pode pedir mais que isso. E então, alguma pista?

Seth Frank deu de ombros.

– Talvez. Pode não dar em nada, nunca se sabe. Você entende.

– Nem me fale! – Burton se virou para ir embora, mas se deteve. – Ah, se durante a



investigação você tiver algum problema com burocracia, precisar ter acesso a bancos de dados, coisas assim, basta me falar e seu pedido será prioridade. Aqui está meu contato.

Frank pegou o cartão.

– Muito obrigado, Bill.



Duas horas depois, Seth Frank tirou o telefone do gancho, mas nada aconteceu. Não havia sinal. Mandou chamar a companhia telefônica.

Uma hora mais tarde, pegou de novo seu telefone e ouviu o sinal. O problema tinha sido resolvido. A caixa de telefonia ficava trancada o tempo todo, mas, mesmo que alguém tivesse dado uma espiada lá dentro, o emaranhado de fios e outros equipamentos teria sido indecifrável para um leigo. Não que a polícia se preocupasse com grampos.

As linhas de comunicação de Bill Burton estavam abertas agora, muito mais do que Seth Frank sonhara.

– **A**CHO QUE ISSO É um erro, Alan. Deveríamos nos distanciar, e não tentar assumir a investigação. – Gloria estava de pé ao lado da mesa do presidente no Salão Oval.

Sentado, Richmond examinava uma legislação recente sobre o sistema de saúde; um negócio terrivelmente confuso, para dizer o mínimo, ao qual não pretendia se dedicar muito, antes da eleição.

– Gloria, continue com o programa, está bem?

Richmond estava preocupado. Embora tivesse uma boa vantagem nas prévias, achava que a diferença a seu favor deveria ser ainda maior. Seu provável adversário, Henry Jacobs, era baixo, não tinha boa aparência e não falava bem. Sua fama se devia unicamente aos trinta anos de luta em prol dos pobres. Em consequência disso, era um desastre midiático ambulante. Em tempos de discursos e fotos tiradas em eventos estratégicos, ser capaz de parecer e falar como o candidato ideal é uma necessidade absoluta. Jacobs não era nem o melhor de um grupo muito fraco que vira seus dois principais candidatos serem derrubados por diversos escândalos, sexuais ou não. Tudo isso fazia com que Richmond se perguntasse por que seus 32 pontos de vantagem não eram 50.

Finalmente, ele se virou para a chefe de gabinete.

– Veja, prometi a Sullivan ficar de olho nessa história. Falei isso em rede nacional, o que me deu doze pontos nas prévias, algo que, aparentemente, sua incrível equipe para a reeleição não consegue melhorar. Será que preciso sair daqui e começar uma guerra para que as prévias cheguem ao ponto que deveriam?

– Alan, a eleição está praticamente ganha. Nós dois sabemos disso. Mas temos que jogar para não perder. Precisamos ser cautelosos. Aquela pessoa ainda está à solta. E se for pega?

Richmond se levantou, exasperado.

– Esqueça esse cara! Se parar de pensar nele por um segundo, vai entender que o fato de eu estar tão estreitamente ligado ao caso acaba com o único resquício de credibilidade que ele poderia ter. Se eu não tivesse declarado em público meu interesse, algum repórter enxerido poderia ficar alerta quando alguém afirmasse que o presidente está envolvido na morte de Christine Sullivan. Mas agora que falei à nação que estou furioso e determinado a levar o criminoso à justiça, se a acusação for feita, todos vão pensar que o cara é apenas um lunático que me viu na TV.

Gloria se sentou. O problema era que Richmond não tinha conhecimento de todos os fatos. Se ele soubesse do abridor de cartas, teria agido do mesmo jeito? E se soubesse do bilhete e da foto que ela recebera? Gloria estava sonhando a seu chefe informações que poderiam arruiná-los completamente.



Ao passar pelo corredor de volta à sua sala, Gloria não notou Bill Burton olhando para ela de outra passagem. Não era um olhar afetuoso, muito pelo contrário.

*Estúpida, vaca estúpida.* De onde estava, poderia ter metido três balas na cabeça dela. Sem

qualquer esforço. A conversa que ele tivera com Collin esclarecera as coisas por completo. Se tivesse chamado a polícia naquela noite, teria havido problemas, mas não para ele e Collin. O presidente e sua assistente teriam ficado com toda a responsabilidade. Mas Gloria o enrolara. E agora Burton se agarrava precariamente a tudo aquilo pelo qual trabalhara, suara, fora baleado.

Entendia a situação que enfrentavam muito melhor do que Gloria. E por causa disso tomara sua decisão. Não tinha sido uma decisão fácil, mas era a única que ele podia tomar. Fora essa a razão para visitar Seth Frank. E também para grampear o telefone do detetive. Burton sabia que seus atos provavelmente só teriam resultados a longo prazo, mas eles já não tinham nenhuma garantia. O negócio era jogar com as cartas que tinha na mão e esperar que a sorte lhe sorrisse em algum momento.

Novamente Burton estremeceu de raiva por causa da posição em que aquela mulher o colocara; por causa da decisão que a burrice dela o obrigara a tomar. Era tudo o que podia fazer para não descer correndo a escada e quebrar o pescoço dela. Mas prometeu uma coisa a si mesmo: faria aquela mulher sofrer, nem que fosse a última coisa que fizesse na vida. Ele acabaria com sua carreira de poder e a atiraria na merda da realidade – e se deleitaria com cada minuto.



Gloria Russell checou o cabelo e o batom no espelho. Sabia que estava agindo como uma adolescente apaixonada, mas havia algo tão ingênuo e, ainda assim, viril em Tim Collin que estava começando a desviar sua atenção do trabalho, algo que nunca tinha acontecido. Era um fato histórico que homens em posição de poder geralmente pulam a cerca. Embora não fosse uma feminista ardorosa, Gloria não via nada de errado em agir como seus companheiros do sexo masculino. Para ela, era apenas mais uma vantagem da sua posição.

Enquanto tirava o vestido e a roupa de baixo e vestia sua camisola mais transparente, tentou lembrar por que estava seduzindo o rapaz. Precisava dele por duas razões. Primeiro, Collin sabia da sua falha com o abridor de cartas e ela precisava ter certeza absoluta de que ele manteria a boca fechada, e, segundo, necessitava de ajuda para conseguir essa evidência de volta. Razões irrefutáveis e racionais, mas ainda assim, naquela noite, como em todas as anteriores, foram praticamente esquecidas.

Naquele instante, achava que seria capaz de transar com Tim Collin todas as noites pelo resto da vida e nunca se cansar do prazer que sentia em cada encontro. Seu cérebro podia sugerir mil razões pelas quais devia parar, mas o resto do seu corpo não ouvia, pelo menos por enquanto.

A batida na porta veio um pouco cedo. Terminou de ajeitar o cabelo, rapidamente verificou de novo a maquiagem e, um tanto sem jeito, enfiou os saltos altos no mesmo momento em que disparava pelo corredor. Abriu a porta da frente e se sentiu como se tivessem cravado um punhal em seu peito.

– O que você está fazendo aqui?

Burton colocou um pé do lado de dentro e a mão enorme na porta.

– Precisamos conversar.

Inconscientemente, Gloria verificou se o homem que esperava estava atrás de Burton.

Ele notou o olhar.

– Desculpe, mas o garotão não vem, chefe.

Ela tentou bater a porta, mas esta não moveu nem um centímetro dos 110 quilos de Burton. Com uma facilidade irritante, ele empurrou a porta, entrou e a fechou.

Burton se deteve na entrada, olhando para a chefe de gabinete, que procurava desesperadamente entender o que ele fazia ali ao mesmo tempo que tentava cobrir partes estratégicas de sua anatomia. Não estava tendo sucesso em nenhuma das duas coisas.

– Saia daqui, Burton! Como se atreve a invadir a minha casa? Você está ferrado.

Burton foi para a sala de estar, quase roçando em Gloria ao passar por ela.

– Podemos conversar aqui ou em qualquer outro lugar. Você que sabe.

Ela foi atrás dele.

– Do que você está falando? Eu mandei você sair. Por acaso está se esquecendo do seu lugar?

Ele se virou para encará-la.

– Você sempre atende à porta vestida desse jeito?

Ele entendia o interesse de Collin. A camisola não escondia nada do corpo voluptuoso da chefe de gabinete. Quem diria? Apesar dos 24 anos de casamento e quatro filhos, ele bem que poderia se sentir atraído, não fosse a total repulsa àquela mulher seminua na sua frente.

– Vá para o inferno! Vá direto para o inferno, Burton.

– Provavelmente é para lá que todos nós iremos no fim das contas. Então por que você não vai se vestir para conversarmos e depois eu vou embora? Antes disso não vou a parte alguma.

– Você tem ideia do que está fazendo? Posso acabar com você.

– Certo!

Ele tirou as fotos do bolso do paletó e as jogou em cima da mesa. Gloria tentou ignorá-las, mas finalmente as pegou. Colocou uma das mãos sobre a mesa para firmar as pernas trêmulas.

– Você e Collin formam um belo casal. De verdade. Não acredito que a mídia vá deixar isso passar. Pode dar um filme interessante. O que você acha? Chefe de gabinete da Casa Branca na cama com um jovem agente do Serviço Secreto. O título poderia ser *A trepada que abalou o mundo*.

Ela deu um tapa na cara dele, o mais forte que já dera em alguém. A dor irradiou-se por seu braço. Foi como se tivesse batido num pedaço de madeira. Burton pegou sua mão e a torceu até que Gloria gritou.

– Escute aqui, madame, já sei da merda toda. O abridor de cartas. Quem o pegou. Mais importante, como pegou. E a correspondência que nosso ladrãozinho voyeur acabou de mandar. Agora, não importa o que você faça, temos um problemão, e, como você ferrou com tudo desde o início, acho que está na hora de uma mudança de comando. Vá tirar essa roupa de puta e volte aqui. Se quiser que eu salve esse seu rabinho gostoso, vai fazer exatamente o que eu mandar. Está entendendo? Porque, se não fizer, sugiro que tenhamos uma conversinha com o presidente. Só depende de você, chefe! – Burton cuspiu a última palavra, deixando claro o nojo absoluto que sentia dela.

Burton soltou o braço de Gloria, mas ainda se agigantava sobre ela, como uma montanha. Ele parecia bloquear a sua capacidade de pensar. Gloria esfregou cautelosamente o braço, e foi quase com timidez que o fitou, começando a se dar conta de como sua situação era desesperadora.

Ela correu para o banheiro e vomitou. Tinha a impressão de que estava fazendo isso cada vez com mais frequência. Lavou o rosto com água fria e isso pareceu controlar a ânsia de vômito, até

que conseguiu se manter de pé e seguir devagar para o quarto.

Com a cabeça girando, vestiu uma calça comprida e um suéter grosso, largando a camisola em cima da cama, envergonhada demais para sequer olhar a peça de roupa, seus sonhos de uma noite de prazer bruscamente arrasados. Substituiu os sapatos vermelhos de salto agulha por um par marrom baixo.

Deu umas palmadinhas nas bochechas ao perceber que elas estavam muito vermelhas, sentindo-se como se tivesse sido surpreendida pelo pai com a mão de um menino dentro de seu vestido – o que, por sinal, tinha mesmo acontecido e provavelmente contribuíra para que focasse na carreira em detrimento de tudo o mais, tão constrangida tinha ficado com o episódio. O pai a chamara de piranha e batera tanto nela que teve que ficar uma semana sem ir à escola. A vida toda rezara para nunca mais sentir tanta vergonha. Até aquela noite as preces haviam sido atendidas.

Obrigou-se a respirar com regularidade. Quando voltou à sala, notou que Burton havia tirado o paletó e pusera um bule de café em cima da mesa. Reparou no coldre pesado e na arma dentro dele.

– Creme e açúcar, certo?

– Sim – respondeu ela, conseguindo encará-lo.

Burton serviu o café e Gloria se sentou de frente para ele.

Ela baixou os olhos para sua xícara.

– O que Tim... Collin contou para você?

– Sobre vocês dois? Na verdade, nada. Ele não é do tipo que conta vantagem. Acho que está de quatro por você. Você conseguiu ferrar com a cabeça e o coração dele. Bela jogada.

– Você não entende nada, não é? – Ela saltou da cadeira.

Burton se mostrou irritantemente calmo.

– Eu entendo o seguinte: estamos à beira de um precipício do qual não dá nem para ver o fundo. Para ser franco, estou pouco me lixando para com quem você dorme. Não foi por isso que vim aqui.

Gloria sentou de novo e se obrigou a tomar o café. Seu estômago enfim começou a se acalmar.

Burton se debruçou sobre a mesa e segurou o braço dela tão delicadamente quanto pôde.

– Veja bem, Srta. Russell, não vou ficar sentado aqui de conversa-fiada e dizendo que vim porque acho você o máximo e quero tirá-la de uma encrenca, e você também não precisa fingir que gosta de mim. Mas, goste você ou não, estamos neste barco juntos. E a única chance de nos safarmos é trabalhando em equipe. Esse é o trato que estou lhe propondo. – Burton recostou-se e observou Gloria.

Ela pousou a xícara de café na mesa e limpou a boca com o guardanapo.

– Tudo bem.

Burton inclinou-se imediatamente para a frente.

– Só para confirmar: o abridor de cartas ainda tem as digitais e o sangue do presidente e de Christine Sullivan. Correto?

– Sim.

– Qualquer promotor iria babar por esse troço. Temos que pegá-lo de volta.

– Nós vamos comprá-lo. O cara quer vender. O próximo comunicado nos dirá o preço.

Burton a chocou pela segunda vez ao atirar um envelope sobre a mesa.

– O cara é esperto, mas alguma hora vai ter que nos dizer onde será efetuada a troca.

Gloria pegou a carta e leu. Estava escrita em letras de forma como da primeira vez. A mensagem era curta:

*Coordenadas seguem em breve. Recomendo que sejam tomadas medidas financeiras preparatórias. Para item de tamanha importância sugiro valor médio de sete dígitos. Recomendo que as consequências do não pagamento sejam cuidadosamente consideradas. Resposta via comunicados pessoais do Post caso haja interesse.*

– Ele tem um estilo e tanto, não é? Sucinto, mas passa o recado. – Burton se serviu de outra xícara de café. Então jogou sobre a mesa outra foto do objeto que Gloria queria desesperadamente recuperar.

– Sem dúvida ele gosta de provocar. Certo, Srta. Russell?

– Pelo menos parece que está disposto a negociar.

– Estamos falando de uma grana preta. Está preparada para isso?

– Deixe que eu cuido dessa parte, Burton. Dinheiro não será problema. – Sua arrogância tinha voltado.

– Provavelmente não – concordou ele. – A propósito, por que não deixou Collin limpar aquele troço?

– Não tenho que responder a essa pergunta.

– Não, na verdade não tem mesmo, *madame*.

Gloria e Burton sorriram um para o outro. Talvez ela estivesse enganada. Burton podia ser um pé no saco, mas era esperto e cauteloso. Percebia agora que precisava mais dessas qualidades do que da galante ingenuidade de Collin, mesmo que ela fosse acompanhada de um corpo jovem e rijo.

– Há mais uma peça para o quebra-cabeça, chefe.

– E o que é?

– Quando chegar a hora de matar esse cara, você vai ficar cheia de frescura para cima de mim?

Gloria engasgou com o café e Burton teve que bater em suas costas para que ela voltasse a respirar normalmente.

– Acho que isso responde à pergunta.

– Do que você está falando, Burton... matar o cara?

– Você ainda não entendeu o que está acontecendo, não é? Pensei que tivesse sido uma professora brilhante em algum lugar. Parece que as torres de marfim não são mais o que eram antigamente. Ou talvez você precise de uma pequena dose de bom senso. Deixe-me explicar as coisas para você de forma simples. Esse sujeito viu o presidente tentando matar Christine Sullivan, ela revidando e Collin e eu fazendo nosso serviço e acabando com ela antes que o presidente fosse esfaqueado como um pedaço de carne. Uma testemunha ocular! Lembre-se dessa expressão. Mesmo antes de eu saber dessa provinha que você deixou para trás, já achava que estávamos ferrados. O cara dá um jeito de deixar vazar essa história e então vira uma bola de neve. Algumas coisas simplesmente não podem ser explicadas, certo? Mas nada aconteceu, então imagino que talvez sejamos pessoas de sorte e o cara esteja apavorado demais para aparecer. Agora descobri a porra dessa chantagem e me pergunto o que pode significar.

Burton dirigiu um olhar inquisitivo a Gloria.

– Significa que ele quer dinheiro em troca do abridor de cartas – respondeu ela. – É a loteria dele. O que mais poderia significar, Burton?

Burton balançou a cabeça.

– Não, significa que ele está querendo nos ferrar. Fazendo joguinhos psicológicos. Significa que temos uma testemunha ocular solta por aí que está se tornando um tanto atrevida, ousada. Além de tudo, era preciso um profissional de verdade para arrombar a casa dos Sullivan. Esse cara não é do tipo que se assusta tão facilmente.

– E daí? Se recuperarmos o abridor de cartas, não estaremos livres? – Gloria começava a perceber aonde Burton queria chegar, mas as coisas ainda não estavam claras.

– Isso se ele não guardar fotos, que podem muito bem ir parar na primeira página do *Post* qualquer dia desses. Uma foto ampliada da palma da mão do presidente em um abridor de cartas no quarto de Christine Sullivan. Provavelmente dá uma interessante série de artigos. Motivos mais do que suficientes para os jornais começarem a investigar. Basta o menor indício de uma conexão entre o presidente e o assassinato de Christine Sullivan e tudo estará acabado. Claro que podemos alegar que o cara é maluco e que a foto é uma bela de uma falsificação, e talvez sejamos bem-sucedidos. Mas uma foto dessas no *Post* não me preocupa nem metade do que nosso outro problema.

– Qual? – Gloria se inclinou para a frente, a voz baixa, quase rouca, como se algo terrível começasse a se manifestar dentro dela.

– Você parece ter esquecido que esse cara viu tudo o que fizemos naquela noite. Tudo. O que estávamos vestindo. O nome de todos. Como limpamos o lugar, algo que, garanto, ainda faz com que a polícia queime os miolos. Ele pode contar como chegamos e como saímos. Pode sugerir que procurem indícios de um ferimento a faca no braço do presidente. Pode contar como extraímos uma bala da parede e onde estávamos quando atiramos. Pode contar tudo o que a polícia quer saber. E, quando fizer isso, no começo vão pensar que ele sabe de tudo sobre a cena do crime porque estava lá e, na verdade, foi quem apertou o gatilho. Mas logo os policiais vão se dar conta de que havia mais de um homem envolvido. Vão ficar se perguntando como ele sabe de tudo isso. Coisas que não poderia inventar e que eles podem verificar. Vão começar a especular sobre todos os pequenos detalhes que não fazem sentido, mas que esse cara pode explicar.

Gloria se levantou, foi até o bar e se serviu de um uísque. Serviu um para Burton também. Pensou no que ele dissera. O homem *tinha visto* tudo mesmo. Inclusive ela fazendo sexo com Richmond, inconsciente. Agoniada, afastou aquela lembrança.

– Mas por que ele apareceria depois de ter recebido o dinheiro?

– Quem disse que ele tem realmente que aparecer? Lembra o que você falou naquela noite? Ele pode fazer tudo a distância. Vai ficar rindo à toa com sua conta bancária e ainda derruba a presidência. Ele pode escrever tudo e mandar para a polícia por fax. Eles terão que investigar, e quem garante que não vão encontrar nada? Se conseguirem qualquer prova física naquele quarto, fio de cabelo, saliva, fluido seminal, tudo de que precisarão será um corpo para fazer a comparação. Antes, não havia razão para que pensassem, mas agora, quem pode saber? Se o exame de DNA apontar para Richmond, estaremos mortos. E se o cara não aparecer voluntariamente? O detetive do caso não é nenhum idiota. Tenho o pressentimento de que, com

o tempo, ele vai pegar o filho da puta. E um cara que se vê ameaçado de prisão perpétua ou mesmo de pena de morte solta a língua, pode acreditar em mim. Já vi isso acontecer muitas vezes.

Gloria teve um calafrio repentino. O que Burton dissera fazia total sentido. O presidente soara muito convincente. Nenhum deles sequer havia considerado aquela linha de raciocínio.

– Além do mais, não sei quanto a você, mas não pretendo passar o resto da vida olhando por cima do ombro, à espera de que a desgraça caia sobre mim.

– Mas como vamos encontrá-lo?

Burton achou graça de a chefe de gabinete ter aderido ao seu plano sem muita argumentação. Aparentemente, a vida humana não significava muito para aquela mulher quando seu bem-estar era ameaçado. Ele não esperava outra coisa dela.

– Antes de saber das cartas, eu achava que não tínhamos chance. Mas, com a chantagem, em algum momento chegará o dia do pagamento. E aí ele se torna vulnerável.

– Mas ele vai pedir apenas uma transferência bancária. Se o que você diz é verdade, esse cara é esperto demais para procurar um saco de dinheiro num depósito de lixo. E só saberemos onde encontrar o abridor de cartas quando o cara já estiver longe.

– Talvez sim, talvez não. Deixe que eu me preocupe com isso. O importante é que você o enrole durante algum tempo. Se ele quiser o negócio resolvido em dois dias, faça com que ele espere quatro. Seja o que for que você publique nos comunicados pessoais do *Post*, faça com que pareça sincero. Deixarei isso por sua conta, mestre. Mas vai ter que conseguir um pouco de tempo para mim.

Burton se levantou. Ela agarrou seu braço.

– O que você vai fazer?

– Quanto menos você souber, melhor. Mas você entende que, se essa coisa estourar, nós todos afundamos, inclusive o presidente? A esta altura não há nada que eu possa fazer para evitar. No que me diz respeito, vocês dois merecem isso.

– Você nunca suaviza as coisas, não é?

– Sempre achei isso inútil. – Ele vestiu o paletó. – A propósito, você sabe que Richmond espancou Christine Sullivan até quase matá-la? Pelo relatório do legista, parece que ele tentou torcer o pescoço dela como um parafuso.

– Sim. Isso é tão importante assim?

– Você não tem filhos, não é?

Gloria fez que não com a cabeça.

– Pois eu tenho quatro. Duas meninas, não muito mais jovens que Christine Sullivan. Quando se tem filhos, a gente pensa nessas coisas. As pessoas que amamos sendo surradas por um babaca como Richmond. Só queria que você soubesse que tipo de homem nosso chefe é. Quero dizer, se algum dia ele se insinuar, é melhor você pensar duas vezes.

Ele a deixou sentada na sala, contemplando sua vida arruinada.

Ao entrar no carro, Burton parou um instante para fumar um cigarro. Passara os dias anteriores examinando os últimos vinte anos de sua vida. O preço a ser pago para preservar esses anos já era estratosférico. Valia a pena? Ele estava preparado para pagá-lo? Podia procurar a polícia. Contar tudo. Sua carreira estaria acabada, é claro. A polícia poderia enquadrá-lo por



obstrução da justiça, conspiração para cometer assassinato, talvez alguma acusação ridícula de homicídio culposo por atirar em Christine Sullivan e mais umas coisinhas insignificantes. Porém tudo ia ser somado. Mesmo fazendo um acordo, ele ia ficar bastante tempo atrás das grades. Mas conseguiria suportar o tempo. E também poderia aguentar o escândalo, toda a merda que os jornais iriam publicar. Entraria para a história como um criminoso. Estaria ligado de forma indissociável à administração notoriamente corrupta de Richmond. Até isso seria capaz de suportar. O que o durão Bill Burton não poderia tolerar seriam os olhares dos filhos. Nunca mais veria neles orgulho e amor. Nem a confiança absoluta e completa de que o papai, aquele homem gigantesco, era, sem de dúvida, um dos mocinhos. Isso seria duro demais para ele.

Esses pensamentos se agitavam na cabeça de Burton desde sua conversa com Collin. Parte dele desejava não ter perguntado. Queria nunca ter descoberto a tentativa de chantagem. Porque isso lhe dera uma oportunidade. E as oportunidades sempre são acompanhadas de escolhas. Burton finalmente fizera a sua. Não sentia orgulho dela. Se tudo saísse conforme o planejado, se esforçaria ao máximo para esquecer o acontecido. E se as coisas não dessem certo? Bem, seria péssimo. Mas, se ele afundasse, todo mundo afundaria junto.

Esse pensamento desencadeou outra ideia. Burton esticou o braço e abriu o porta-luvas. Tirou de lá um minigravador e algumas fitas. Olhou de novo para a casa enquanto tragava a fumaça do cigarro.

Deu partida no carro. Quando passou pela casa de Gloria Russell, imaginou que as luzes permaneceriam acesas por um longo tempo.

**L**AURA SIMON ESTAVA PRESTES a perder a esperança de encontrar o que buscava.

A parte de fora e o interior da van haviam sido minuciosamente pincelados com pó, que depois fora soprado à procura de impressões digitais. Um aparelho a laser especial até fora emprestado pela polícia estadual de Richmond, mas, sempre que identificavam uma correspondência, era a impressão digital de outra pessoa. Alguém cuja identidade era conhecida. Àquela altura ela já sabia de cor as digitais de Pettis. Era azarado o bastante para ter todos os arcos, um dos casos mais raros de composição de impressão digital, assim como uma cicatriz minúscula no polegar que, por sinal, o levava à prisão por roubo de carro anos antes. Criminosos com cicatrizes nas pontas dos dedos são os melhores amigos dos datiloscopistas.

As impressões de Budizinski apareceram uma vez porque ele metera o dedo num solvente e depois o pressionara contra um pedaço de compensado mantido na parte de trás do furgão, uma impressão tão perfeita quanto se ela mesma a tivesse tirado.

Ao todo, Laura havia encontrado 53 impressões digitais, mas nenhuma tivera qualquer utilidade. Ela se sentou no meio da van e, melancolicamente, olhou em volta. Tinha examinado cada ponto no qual era razoável esperar que houvesse uma impressão digital. Vasculhara cada recanto e fresta do veículo com o laser manual e já estava ficando sem ideias de onde mais procurar.

Pela vigésima vez repassou os movimentos dos homens colocando a carga na viatura e a dirigindo – o espelho retrovisor era um lugar ideal para digitais –, deslocando o equipamento, levantando os frascos do material de limpeza, arrastando as mangueiras, abrindo e fechando as portas. A tarefa ficava ainda mais difícil porque as impressões digitais tendem a desaparecer com o tempo, dependendo da superfície onde estiverem e do clima. A umidade e o calor são as melhores condições para conservá-las; o ambiente seco e frio, a pior.

Ela abriu o porta-luvas e olhou outra vez o que continha. Todos os itens já haviam sido catalogados e pincelados com pó. Folheou o manual da van. As manchas púrpura no papel a fizeram lembrar que o estoque de ninidrina do laboratório estava baixo. As páginas do manual estavam bem gastas, embora a van tivesse apresentado poucos defeitos nos três anos em que estava a serviço da empresa. Aparentemente a companhia acreditava num rigoroso programa de manutenção e tinha sua própria equipe para isso. Todos os serviços feitos eram cuidadosamente anotados, rubricados e datados.

Ao folhear as páginas, um registro chamou sua atenção. Todos os outros tinham sido rubricados por G. Henry ou H. Thomas, ambos mecânicos da Metro. Aquele tinha a rubrica J. P. ao lado. Jerome Pettis. O registro indicava que a van ficara com o nível de óleo baixo e que uma boa quantidade havia sido adicionada para completá-lo. Nada disso teria o menor interesse se não fosse a data: o dia do serviço na casa dos Sullivan.

A respiração de Laura acelerou ligeiramente enquanto cruzava os dedos e saía da van. Abriu o capô e começou a olhar o motor. Acendeu sua lanterna e num minuto encontrou. A impressão digital oleosa de um polegar que se exibia para ela da lateral do reservatório do limpador de para-brisa, onde a pessoa naturalmente apoiaria a mão na hora de abrir ou fechar a tampa do

compartimento de óleo. E bastou um olhar para saber que não era de Pettis nem de um dos mecânicos. Pegou um cartão do arquivo com as impressões de Budizinski. Tinha 99 por cento de certeza de que não era dele – e estava certa quanto a isso. Pincelou a impressão com pó e cuidadosamente encostou um cartão nela. Quase correu para o escritório de Frank. Laura o encontrou de chapéu e sobretudo, mas ele rapidamente os tirou.

– Você está me sacaneando, Laura. Quer que eu veja com Pettis se ele lembra se foi Rogers quem completou o óleo naquele dia?

Frank ligou para a empresa de lavagem de carpetes, mas Pettis já tinha ido embora. Ninguém atendeu na casa dele.

Laura olhou para o cartão com a digital como se fosse a joia mais preciosa do mundo.

– Deixa para lá. Vou procurar nos nossos arquivos. Nem que leve a noite inteira. Podemos falar com Fairfax para acessar o sistema de identificação de digitais da polícia estadual, porque nosso maldito terminal ainda está fora do ar.

Por meio desse sistema, impressões encontradas em cenas de crime podiam ser comparadas às cadastradas no banco de dados do estado.

Frank pensou por um momento.

– Acho que posso fazer melhor.

– Como?

Puxou um cartão do bolso, pegou o telefone e discou. Quando atenderam, falou:

– Agente Bill Burton, por favor.



Burton pegou Frank de carro e os dois seguiram para o prédio do FBI, o Edifício Hoover, na avenida Pensilvânia. A maioria dos turistas conhece o edifício como imponente e um tanto feio, um lugar ao qual não se pode deixar de ir numa visita à capital. É ali que fica o NCIC, o Centro Nacional de Informações Criminais, um sistema computadorizado operado pelo FBI, composto de catorze bancos de dados centralizados e dois subsistemas que constituem o maior catálogo de criminosos conhecidos do mundo. O Sistema de Identificação Automatizada de Digitais, AFIS, componente do NCIC, é o melhor amigo de um policial. Com dezenas de milhões de impressões digitais arquivadas, as chances de Frank ter êxito aumentavam substancialmente.

Depois de deixar a digital com os técnicos do FBI – que tinham claras instruções para que aquela tarefa ganhasse a máxima prioridade possível –, Burton e Frank esperaram do lado de fora, no corredor, nervosos, tomando um café.

– Isso vai demorar um pouco, Seth. O computador vai descartar um monte de probabilidades. Mas os técnicos ainda terão que fazer a identificação manualmente. Eu fico esperando e entro em contato assim que surgir uma impressão igual à que você trouxe.

Frank checou o relógio. Sua filha caçula iria participar de uma peça da escola que começava em quarenta minutos. O papel dela era o de um legume, mas no momento era a coisa mais importante do mundo para sua garotinha.

– Tem certeza?

– Basta me deixar o telefone de onde eu possa encontrá-lo.

Frank deixou o número e saiu correndo. A digital podia acabar sendo irrelevante, revelando-se

de um frentista, mas algo dizia a Frank que não era o caso. Christine Sullivan estava morta já havia um tempo. As pistas já estavam tão frias quanto a vítima, descansando a sete palmos debaixo da terra. Pistas assim costumam não dar em nada. Mas aquela se tornara incandescente de uma hora para outra; restava saber se iria se apagar ou não. Por ora, Frank aproveitaria o calor. Ele sorriu, e não só por ter imaginado sua menininha de 6 anos correndo de um lado para outro vestida de pepino.

Burton o acompanhou com o olhar, sorrindo por uma razão muito diferente. O FBI usava um fator de sensibilidade e confiabilidade superior a noventa por cento ao processar digitais por meio do AFIS. O que significava que não mais do que duas impressões prováveis, e quase certamente apenas uma, seriam apuradas pelo sistema. Além disso, conseguira atribuir à busca uma prioridade mais alta do que dissera a Frank. Tudo isso fizera com que Burton ganhasse um tempo preciosíssimo.

Mais tarde naquela mesma noite, Burton se viu diante de um nome que era completamente desconhecido para ele.

LUTHER ALBERT WHITNEY.

Data de nascimento: 5/8/29. Os três primeiros dígitos do seu número do Seguro Social eram 179, o que indicava que havia sido emitido na Pensilvânia. A descrição física dizia que ele tinha 1,72m, 60 anos completos e uma cicatriz de cinco centímetros no antebraço esquerdo. Aquilo batia com a descrição que Pettis fizera de Rogers.

Usando o banco de dados do NCIC denominado Triplo I, Burton também conseguira um bom panorama do passado do homem. O relatório listava três condenações por roubo. Whitney tinha registros em três estados diferentes. Cumprira uma sentença longa, tendo saído da prisão pela última vez em meados da década de 1970. Nada desde então. Pelo menos que as autoridades soubessem. Burton conhecera caras assim. Homens que seguiam carreira e que iam se aperfeiçoando cada vez mais na profissão escolhida. Apostava que Whitney era um desses.

Deparou com uma dificuldade inesperada: o último endereço conhecido era de Nova York, de quase 20 anos antes.

Começando pelo mais fácil, Burton foi para o corredor, entrou numa cabine telefônica e pegou as listas da área. Tentou a capital primeiro. Surpreendentemente, não deu em nada. Em seguida passou à região norte do estado da Virgínia. Havia três Luther Whitney listados. Ligou para a polícia do estado da Virgínia, na qual tinha um contato de muito tempo. Os arquivos da Divisão de Automóveis eram acessados por computador. Dois dos Luther Whitney tinham, respectivamente, 23 e 85 anos. No entanto, o que morava no número 1.645 da avenida Washington leste, em Arlington, nascera a 5 de agosto de 1929 e seu número do Seguro Social, que na Virgínia era usado como número da carteira de habilitação, confirmava que esse era o homem que Burton procurava. Mas seria o tal Rogers? Havia um jeito de descobrir.

Burton pegou seu bloco de notas. Frank tinha sido muito gentil ao deixá-lo examinar o arquivo da investigação. O telefone tocou três vezes e então Jerome Pettis atendeu. Identificando-se vagamente como alguém que trabalhava com Frank, Burton fez a pergunta. Durante cinco longos segundos Burton tentou se manter calmo enquanto ouvia a respiração arfante do homem do outro lado da linha. A resposta compensou a curta espera.

- Caramba, é isso mesmo. O motor quase fundiu. Alguém tinha deixado a tampa do

compartimento do óleo aberta. Mandeí Rogers resolver isso porque ele estava sentado na lata de óleo que carregamos na parte de trás da van.

Burton agradeceu e desligou. Olhou para o relógio. Ainda tinha tempo antes de ser obrigado a avisar Frank. Apesar da quantidade de indícios, ele ainda não tinha certeza de que Whitney era o cara que estivera dentro do cofre, mas seus instintos lhe diziam que sim. E, embora não houvesse a menor possibilidade de que Luther Whitney tivesse ido a qualquer lugar perto de casa após o assassinato, Burton queria ter uma percepção melhor do cara e talvez conseguir alguma indicação de para onde fora. E a melhor maneira de fazer isso era indo ao lugar em que ele morava. Antes dos policiais. Então andou o mais rápido que pôde até o carro.



O tempo voltara a ficar úmido e frio porque a Mãe Natureza decidira brincar com a cidade mais poderosa da Terra. Os limpadores de para-brisa deslizavam pelo vidro sem parar. Kate não sabia exatamente por que estava ali. Em todos aqueles anos, só tinha ido ali uma vez. E mesmo assim ficara sentada no carro enquanto Jack ia visitá-lo. Para dizer a Luther que ia se casar com sua única filha. Jack insistira, apesar de ela sustentar que o pai não se importaria. Aparentemente, ele tinha se importado. Fora até a varanda olhar para ela, sorrindo meio sem graça, hesitando em se aproximar. Querendo parabenizá-la, mas sem saber exatamente como, dadas as circunstâncias peculiares que os uniam. Ele apertara a mão de Jack, dera-lhe um tapinha nas costas e então olhara para ela como que em busca de aprovação.

Ela desviara o rosto decididamente, com os braços cruzados, até Jack voltar para o carro e partirem. Tinha visto a imagem dele no espelho retrovisor quando saíram. Ele parecia muito menor do que ela se lembrava. Em sua mente, o pai seria para sempre uma enorme rocha de tudo o que ela temia e de que se ressentia no mundo, capaz de preencher todo o espaço disponível e de tirar o fôlego de alguém com seu peso esmagador. Aquela criatura obviamente nunca existira, porém ela se recusava a admitir isso. E, embora não quisesse voltar a ter que lidar com aquela imagem nunca mais, não conseguia desviar o olhar. Por mais de um minuto, enquanto o carro ganhava velocidade, seus olhos mergulharam no reflexo do homem que lhe dera a vida e que depois a tirara, assim como havia tirado a de sua mãe, de um modo brutalmente irrevogável.

Ele também continuara olhando para ela, com uma expressão que denotava uma mistura de tristeza e resignação e que a surpreendera. Mas, ao pensar sobre isso, considerara que era mais um de seus truques para fazer com que ela se sentisse culpada. Não conseguia atribuir boas intenções a nenhuma das ações dele. Ele era um ladrão. Não respeitava a lei. Era um bárbaro numa sociedade civilizada. Ele não sabia o que era sinceridade. Então o carro virou a esquina e a imagem dele desapareceu, como se tivesse estado presa por um fio e subitamente a houvessem afastado.

Kate parou o carro na entrada da garagem. A casa estava completamente às escuras. A luz dos faróis refletiu na traseira do carro estacionado em frente ao seu, o que incomodou seus olhos. Ela apagou os faróis, respirou fundo para se acalmar e saiu para a noite fria e úmida.

A última nevada fora leve, e a pouca neve que restara foi pisoteada quando ela seguiu para a porta da frente. A temperatura prometia uma noite ainda mais gelada. Embora não esperasse encontrar o pai em casa, lavara e penteara o cabelo, colocara uma das roupas que geralmente

vestia apenas no tribunal e aplicara mais de uma camada de maquiagem. Se o acaso os tinha posto frente a frente, ela queria que ele percebesse que, apesar de tê-la tratado mal, ela não somente sobrevivera como também se tornara bem-sucedida.

A chave ainda estava no mesmo lugar em que Jack lhe dissera que a encontraria tantos anos antes. Sempre lhe parecera uma considerável ironia que um grande ladrão deixasse sua propriedade tão vulnerável. Ao abrir a porta e entrar cuidadosamente, não notou o carro que parara do outro lado da rua nem o motorista que a observava com muita atenção e anotava o número da sua placa.

A casa tinha cheiro de mofo, como um lugar abandonado havia um longo tempo. Vez por outra imaginara como seria por dentro. Achava que seria bonita e organizada – e não ficou desapontada.

Sentou numa poltrona da sala de estar escura, sem se dar conta de que era a favorita do pai e ignorando totalmente o fato de que Luther fizera o mesmo quando visitara seu apartamento.

A foto estava no consolo da lareira. Devia ter quase trinta anos. Kate, nos braços da mãe, parecia uma trouxinha, embrulhada da cabeça aos pés, só umas mechas do cabelo escuro aparecendo sob a touca cor-de-rosa. Tinha nascido com um notável cabelo grosso. Seu pai, de semblante calmo e usando chapéu, estava ao lado delas, sua mão musculosa tocando os dedinhos esticados da menina.

A mãe de Kate conservara a mesma foto em cima da penteadeira até morrer. Kate a jogara fora no dia do enterro, amaldiçoando a intimidade entre pai e filha que a imagem mostrava. Isso tinha sido logo depois de o pai aparecer em casa, quando ela havia explodido com ele num ataque de fúria cada vez mais descontrolado, já que seu alvo não reagia, não revidava, apenas ficava ali parado, aceitando tudo. E quanto mais ele se mantinha quieto, mais furiosa ela se sentia, até que o esbofeteou com as duas mãos, e algumas pessoas a seguraram e contiveram. Só então o pai pusera de novo o chapéu, deixara as flores que levava em cima da mesa e, com o rosto vermelho pelos tapas e os olhos cheios de lágrimas, saíra, fechando a porta silenciosamente.

Sentada ali na poltrona do pai, ocorreu a Kate que ele também estava sofrendo naquele dia. Sofrendo pela mulher a quem supostamente tinha amado durante boa parte da vida e que sem dúvida também o amara. Sentiu um nó na garganta e rapidamente levou a mão ao pescoço, procurando conter as emoções.

Kate se levantou e andou pela casa, olhando atentamente cada cômodo, mais e mais nervosa à medida que adentrava os domínios do pai. A porta do quarto estava entreaberta e, após algum tempo, decidiu abri-la totalmente. Ao entrar, se arriscou a acender uma luz e, quando seus olhos se adaptaram à claridade, pousaram na mesinha de cabeceira. Então ela se aproximou mais, até que finalmente se sentou na cama.

A coleção de fotografias parecia um pequeno santuário dedicado a ela. Sua vida estava contada ali, desde os primeiros dias. Todas as noites, antes de dormir, a última coisa que o pai via era ela. No entanto, o que mais a chocou foram as fotos recentes. Sua formatura na faculdade de direito. O pai não tinha sido convidado, mas lá estava o registro. Nenhuma das fotos era posada. Ela aparecia sempre caminhando, acenando para alguém ou simplesmente parada, sem a menor consciência da presença da câmera. Na última foto, ela estava descendo a escadaria do tribunal de Alexandria. Seu primeiro dia na corte, extremamente nervosa. Um caso de transgressão sem

importância, mas seu sorriso largo proclamava a vitória incontestável.

Ela se perguntou como nunca o tinha visto. Depois se questionou se o vira e simplesmente não admitira.

A reação imediata de Kate foi de raiva. O pai a espionara durante todos aqueles anos. Em todos aqueles momentos especiais de sua vida. Ele os violara. O pai a violara com sua presença indesejada.

A segunda reação foi mais sutil. E, quando a sentiu ganhando força, saltou abruptamente da cama e se virou para sair do quarto.

Foi quando esbarrou no homem grande parado ali.



– Desculpe de novo, senhorita. Não quis assustá-la.

– Assustar? Você me deixou apavorada!

Kate sentou na beirada da cama, tentando recuperar a calma e parar de tremer, embora o frio não ajudasse.

– Desculpe, mas por que o Serviço Secreto está interessado no meu pai?

Ao fitar Bill Burton, havia algo parecido com medo nos olhos dela. Pelo menos ele achou que fosse medo. Ela o observara no quarto, avaliando rapidamente seus motivos e suas intenções com base nos sutis movimentos de seu corpo. Um talento que Burton desenvolvera ao longo dos anos, esquadrinhando multidões intermináveis à procura de uma ou duas ameaças que pudessem existir escondidas ali. As conclusões a que chegara: pai e filha haviam brigado. Ela finalmente tinha ido procurá-lo. As peças começavam a se encaixar, e talvez de uma maneira muito positiva para os objetivos dele.

– Na verdade, não estamos interessados, Srta. Whitney. Mas a polícia do condado de Middleton está.

– Middleton?

– Sim. Tenho certeza de que leu sobre o assassinato de Christine Sullivan.

Ele interrompeu a frase aí, querendo testar a reação dela. Foi a que ele esperava. De completa descrença.

– Você acha que meu pai teve algo a ver com aquilo?

Uma pergunta absolutamente sincera. E que não tinha sido enunciada de forma defensiva. Burton achou que isso era significativo e mais um ponto positivo para seu plano, que começara a elaborar no instante em que pusera os olhos nela.

– O detetive encarregado do caso acha. Parece que seu pai esteve na casa dos Sullivan pouco antes do crime, como funcionário de uma empresa de limpeza de carpetes e usando um nome falso.

Kate prendeu a respiração. Seu pai limpando carpetes? Claro que estivera estudando a casa. Verificando suas fraquezas, exatamente como antes. Nada havia mudado. Mas assassinato?

– Não acredito que ele tenha matado aquela mulher.

– Certo, mas acredita que ele estivesse tentando roubar a casa, não é, Srta. Whitney? Quero dizer, não foi a primeira vez, nem a segunda, certo?

Kate baixou a cabeça e ficou olhando as mãos. Por fim, assentiu.

– As pessoas mudam, senhorita. Não sei se tem tido contato com ele ultimamente. – Burton notou a pequena mas perceptível mudança na expressão dela. – Mas os indícios do envolvimento de seu pai são bastante convincentes. E a mulher está morta. Você provavelmente conseguiria uma condenação com menos indícios do que isso.

Kate lhe dirigiu um olhar desconfiado.

– Como sabe sobre mim?

– Vejo uma mulher se esgueirando para dentro da casa de um homem procurado pela polícia, então faço o que qualquer agente da lei faria: verifico a placa do seu carro. Sua reputação a precede, Srta. Whitney. A polícia estadual a tem em grande conta.

Ela correu os olhos pelo quarto.

– Ele não está aqui. E pelo jeito já está fora há algum tempo.

– Sim, senhorita, eu sei. Por acaso não saberia onde ele está, saberia? Ele não tentou entrar em contato com você?

Kate pensou em Jack e em sua visita noturna.

– Não – respondeu ela rapidamente, até demais para o gosto de Burton.

– Seria melhor se ele se apresentasse, Srta. Whitney. Se pegar algum policial rápido no gatilho... – Burton ergueu expressivamente as sobrancelhas.

– Não sei onde ele está, Sr. Burton. Meu pai e eu... não somos muito próximos... há um bom tempo.

– Mas a senhorita está aqui agora e sabia onde ficava a chave extra.

A voz dela subiu uma oitava:

– É a primeira vez que ponho os pés nesta casa.

Burton analisou com cuidado a expressão de Kate e percebeu que falava a verdade. A pouca familiaridade dela com a casa já tinha feito com que ele chegasse a essa conclusão e também que deduzisse que ela e o pai estavam brigados.

– Há algum jeito de você entrar em contato com ele?

– Por quê? Realmente não quero me envolver nisso, Sr. Burton.

– Bem, receio que já esteja envolvida, de certa forma. Seria melhor se cooperasse.

Kate pegou a bolsa e se levantou.

– Escute aqui, agente Burton, você não vai conseguir me enganar. Estou no ramo há anos. Se a polícia quiser perder tempo me interrogando, meu número está na lista telefônica. E na dos órgãos do governo, em Promotoria Pública. Até mais.

Ela se encaminhou para a porta.

– Srta. Whitney?

Kate se virou, pronta para discutir. Não ia aturar as baboseiras daquele sujeito, mesmo que ele fosse do Serviço Secreto.

– Se o seu pai cometeu um crime, deve ser levado a júri e condenado. Se for inocente, será libertado. É assim que o sistema deve funcionar. Sabe disso melhor que eu.

Kate estava prestes a responder quando pousou o olhar nas fotos. Seu primeiro dia no tribunal. Parecia que tinha se passado um século, e tinha mesmo, de muito mais maneiras do que ela jamais admitiria para si mesma. Aquele sorriso, os sonhos com que todo mundo começa, quando o único objetivo é a perfeição. Ela já tinha posto os pés no chão havia muito tempo.



Qualquer que fosse a resposta afiada que estivera prestes a dar a Burton, acabara de lhe escapar, perdida, como tanta coisa que ela quisera fazer na vida, no sorriso de uma bela moça.

Bill Burton a viu se virar e ir embora. Olhou para as fotos e depois para o corredor vazio.

– **P**ORRA, BILL, NÃO ERA para ter feito isso. Você disse que não ia se meter na investigação. Merda, eu devia meter você na cadeia. Pegaria muito bem para seu chefe. – Seth Frank fechou a gaveta de sua mesa com um empurrão e se levantou, com os olhos faiscando de raiva.

Bill Burton parou de andar de um lado para outro e se sentou. Sabia que ouviria um bocado pelo que fizera.

– Tem razão, Seth. Mas, caramba, fui policial durante muito tempo. Você não estava disponível, então fui até lá reconhecer o lugar e vi uma mulher entrando. O que você teria feito?

Frank não respondeu.

– Olhe, Seth, você pode me ferrar se quiser, mas tenho certeza de que essa mulher é nosso trunfo. Ela pode nos levar até o cara.

O rosto tenso de Frank relaxou, a raiva diminuindo.

– Do que você está falando?

– A garota é filha dele. Na verdade, a única filha. Luther Whitney foi condenado três vezes, um criminoso que aparentemente se aperfeiçoou com o tempo. A esposa se divorciou dele, certo? Não aguentava mais. E aí, quando ela começa a pôr a vida em ordem, morre de câncer de mama.

Ele fez uma pausa.

Seth Frank agora prestava total atenção.

– Continue.

– Kate Whitney fica arrasada com a morte da mãe. A traição do pai, em sua visão. Tão arrasada que rompe com ele. E isso não é tudo. Ela se forma em direito e depois vai trabalhar como assistente do promotor público. Na Promotoria tem a reputação de ser uma promotora durona, especialmente em crimes ligados à propriedade: furto, roubo, invasão de domicílio. Pede a sentença máxima para todos os acusados. E geralmente consegue, se quer saber.

– Onde você conseguiu toda essas informações?

– Com algumas ligações certas. As pessoas gostam de falar do sofrimento dos outros, faz com que suas vidas pareçam melhores do que realmente são.

– E aonde toda essa confusão de família nos leva?

– Seth, pense bem no que temos aqui. Essa garota odeia o pai. Com todas as forças.

– Então você quer usar a garota para pegar o pai. Se a briga entre eles é tão séria, como é que vamos fazer isso?

– Aí é que está. Até onde sabemos, toda a angústia e todo o ódio são da parte dela. Não dele. Ele ama a filha mais que tudo. Tem uma porrada de fotos dela no quarto. Estou dizendo, o cara está no papo.

– Considerando a difícil possibilidade de ela estar disposta a cooperar, como vai conseguir entrar em contato com ele? O cara com certeza não vai ficar em casa grudado no telefone.

– Não, mas aposto que ele checa as mensagens. Você tinha que ver a casa dele. O cara é muito organizado, está tudo no lugar, as contas provavelmente são pagas antecipadamente. E não tem ideia de que estamos atrás dele. Pelo menos por enquanto. Provavelmente ouve as mensagens uma ou duas vezes por dia. Por segurança.

- Então ela deixa um recado, marca um encontro com ele e nós o pegamos?
- Burton levantou, pegou dois cigarros de seu maço e ofereceu um a Frank.
- É assim que acho que as coisas vão acontecer, Seth. A menos que tenha uma ideia melhor.
- Ainda precisaremos convencê-la. Pelo que você disse, ela não se mostrou muito disponível.
- Acho que você precisa falar com ela. Sem que eu esteja junto. Talvez eu tenha pegado meio

pesado. Tenho tendência a fazer isso.

- Vou procurá-la amanhã cedo.

Frank pôs o paletó, o chapéu e parou.

- Olhe, desculpe pela bronca. Não tive a intenção.

Burton sorriu.

- Teve, sim. Eu teria feito o mesmo no seu lugar.

- Obrigado pela ajuda.

- Disponha.

Seth começou a sair.

- Ei, Seth. Só um favorzinho para um ex-policial chato.

- O que é?

- Deixe eu ajudar nesse caso também. Não me importaria nem um pouco de ver a cara dele quando baterem o martelo.

- Combinado. Ligo para você depois que eu falar com ela. Agora o policial aqui vai para casa ver a família. Você devia fazer o mesmo, Bill.

- Quando terminar o cigarro eu vou.

Frank saiu. Burton sentou e terminou o cigarro sem pressa. Depois o apagou numa xícara com um resto de café.

Poderia não ter revelado o nome de Whitney para Seth Frank. Ter dito a ele que o FBI não conseguira encontrar a impressão digital. Mas seria perigoso demais. Se Frank descobrisse, e havia várias formas de fazer isso, Burton estaria acabado. Nada poderia explicar uma coisa dessas a não ser a verdade, o que não era uma opção. Além do mais, Burton precisava que Frank confirmasse a identidade de Whitney. Seu plano era fazer o detetive caçar o ex-condenado. Encontrá-lo, mas não prendê-lo.

Burton se levantou e vestiu o paletó. Luther Whitney. Lugar errado, na hora errada, com as pessoas erradas. Bem, se isso servia de consolo, ele nem entenderia o que ia lhe acontecer. Não chegaria a ouvir o tiro. Estaria morto antes que as sinapses pudessem transmitir o impulso ao cérebro. A sorte é assim. Às vezes está a seu favor, às vezes, contra. Se conseguisse dar um jeito de ferrar o presidente e a chefe de gabinete, seu trabalho estaria completo .

Mas receava que isso estivesse acima até mesmo de suas habilidades.



Collin estacionou na rua. Algumas das poucas folhas remanescentes caíram delicadamente sobre ele, levadas pela brisa suave. Estava vestido de maneira informal: jeans, camisa de algodão e jaqueta de couro, sob a qual não se via o volume da arma. O cabelo ainda estava úmido da chuva rápida. Calçava mocassins, que deixavam seus tornozelos expostos. Dava a impressão de que ia estudar na biblioteca da faculdade ou de que iria para uma festa depois do jogo de

futebol da tarde de sábado. Enquanto caminhava para a casa, começou a ficar nervoso. O telefonema dela o surpreendera. Parecera normal, não havia tensão nem raiva em sua voz. Burton dissera que ela tinha aceitado tudo relativamente bem. Mas ele sabia como seu parceiro podia ser agressivo e era por isso que estava preocupado. Deixar que ele fosse encontrá-la em seu lugar provavelmente não tinha sido sua atitude mais inteligente. Mas havia muita coisa em jogo. Burton abriu seus olhos para isso.

A porta se abriu quando ele bateu. Collin entrou e, ao se virar, lá estava ela. Sorrindo. Vestindo um négligé branco curto e bem justo nas áreas que mais importavam, ela ficou na ponta dos pés descalços e o beijou delicadamente. Em seguida, pegou a mão dele e o levou para o quarto.

Fez um gesto para que Collin se deitasse na cama. De frente para ele, soltou as tiras que prendiam o négligé e o deixou cair no chão. Deslizou a calcinha pelas pernas. Collin começou a se levantar, mas ela o empurrou de leve para que continuasse deitado.

Subiu em cima dele bem devagar, passando os dedos pelo cabelo de Collin. Desceu a mão até seu pênis e passou a ponta da unha por cima do jeans. Ele quase gritou ao sentir a calça ficar apertada demais. Outra vez tentou tocá-la, mas ela novamente o obrigou a ficar deitado. Ela abriu o cinto, tirou a calça dele e a jogou no chão. A seguir abaixou a cueca, libertando o pênis, que saltou contra o corpo dela, já quase explodindo. Ela o aninhou no meio das pernas, apertando-o com força entre as coxas.

Abaixou, aproximando a boca da dele, e depois encostou os lábios na orelha de Collin.

– Tim, você me quer, não quer? Está louco para me comer, não está?

Ele grunhiu e apertou a bunda dela, mas Gloria se apressou em afastar as mãos dele.

– Não quer?

– Quero.

– Eu queria tanto você na outra noite. Mas aí ele apareceu.

– Eu sei, sinto muito. Nós conversamos e...

– Eu sei, ele me contou. Disse que você não falou nada sobre nós. Que foi um cavalheiro.

– Não era da conta dele.

– Você está certo, Tim. Não era da conta dele. E agora você me quer, não quer?

– Meu Deus, Gloria. É claro que quero.

– Quer tanto que chega a doer.

– Parece que vou morrer!

– É tão bom sentir você, Tim. Meu Deus, como é bom!

– Espere só um pouco, minha linda. Você ainda não sabe o que é bom.

– Eu sei, Tim. Tudo que quero é fazer amor com você. Sabe disso, não sabe?

– Sei, sim. – Collin sentia tanta dor que seus olhos lacrimejaram.

Ela lambeu as lágrimas, achando graça.

– Tem certeza de que me quer? Absoluta?

– Claro!

Collin sentiu aquilo antes mesmo que sua mente registrasse o fato. Como uma lufada de ar frio.

– Saia daqui.

As palavras foram pronunciadas lenta e deliberadamente, cada sílaba sendo saboreada, como se

tivessem sido ensaiadas diversas vezes para que chegassem ao tom certo, à inflexão ideal. Ela saiu de cima de Collin, cuidando para apertar seu pênis com força suficiente para fazê-lo arquejar.

– Gloria...

Ele ainda estava deitado quando a calça jeans o atingiu no rosto. Quando se sentou, ela usava um robe comprido de tecido grosso.

– Saia da minha casa, Collin. Agora.

Collin se vestiu depressa, constrangido, com ela ali parada, olhando. Ela o seguiu até a entrada e, quando ele ia saindo, empurrou-o e bateu a porta.

Tim Collin olhou para trás por um instante, imaginando se, atrás da porta, ela estaria rindo ou chorando, se é que esboçara alguma emoção. Não tivera a intenção de magoá-la, mas sem dúvida a envergonhara. Não devia ter agido daquele modo. Gloria com certeza tinha se vingado, levando-o quase ao êxtase, manipulando-o como um rato de laboratório para depois fazer o teto desabar sobre sua cabeça.

Mas, enquanto caminhava para o carro, a lembrança da expressão no rosto de Gloria fez com que ele se sentisse aliviado pelo fim do breve relacionamento.



Pela primeira vez desde que entrara na Promotoria Pública, Kate não foi trabalhar porque estava doente. Com as cobertas puxadas até o queixo, se permitiu ficar recostada nos travesseiros, contemplando uma manhã fria e deprimente. Todas as vezes que havia tentado se levantar, vira a imagem de Bill Burton surgir à sua frente, enorme como um bloco de granito, ameaçando esmagá-la.

Ela se deixou afundar no colchão macio como se estivesse mergulhando em água morna, logo abaixo da superfície, onde não poderia ouvir ou ver nada à sua volta.

Logo eles chegariam. Exatamente como acontecera com a mãe, tantos anos antes. Pessoas invadindo a casa e metralhando a mãe de Kate com perguntas que ela não poderia responder. Procuravam Luther.

Lembrou-se do rompante de Jack na outra noite e fechou os olhos, tentando parar de pensar em suas palavras.

Maldito.

Estava cansada. Mais exausta do que qualquer julgamento alguma vez a deixara. E tinha sido ele que causara isso a ela, exatamente como causara à mãe. Tinha envolvido Kate em seus problemas, mesmo ela os detestando e não querendo fazer parte deles. Acabaria com aquilo se pudesse.

Sentou-se de novo, respirando com dificuldade. Quando melhorou, virou para o lado e olhou a foto da mãe.

Ele era tudo o que tinha agora. Quase deu uma risada. Luther Whitney era toda a família que lhe restara. Que Deus a ajudasse.

Deitou-se de costas e esperou as batidas na porta. De mãe para filha. Agora era sua vez.



Naquele mesmo instante, perto dali, Luther olhava de novo o velho artigo de jornal. Uma xícara de café estava pousada na mesa, perto de seu cotovelo, esquecida. Ao fundo o frigobar zumbia e, no canto, a TV ligada na CNN falava sozinha. No mais, o pequeno cômodo estava em completo silêncio.

Wanda Broome tinha sido sua amiga. Uma boa amiga. Desde o dia em que se conheceram por acaso num centro de reabilitação para antigos condenados na Filadélfia, depois da última prisão de Luther e da primeira e única de Wanda. E agora estava morta. Cometera suicídio, segundo o artigo do jornal. Engolira um monte de remédios no banco da frente do carro.

Luther nunca agira de acordo com as normas da sociedade, mas aquilo era um pouco demais até mesmo para ele. Podia ser um pesadelo recorrente, só que, toda vez que acordava, olhava para o espelho e via a água fria escorrendo pelo cabelo grisalho e pelo rosto cada dia mais enrugado, sabia que deste pesadelo ele jamais acordaria.

O irônico na morte trágica de Wanda era que o trabalho na casa dos Sullivan tinha sido ideia *dela*. Percebia agora que fora uma ideia horrível e infeliz, mas saíra da mente fértil de Wanda, que insistira obstinadamente nela, apesar das advertências de Luther e da mãe.

Eles planejaram e ele executou. Simples assim. E, olhando para trás friamente, ele quisera fazer aquilo. Tinha sido um desafio, e era impossível resistir a um desafio com uma recompensa tão alta.

Como Wanda deve ter se sentido quando soube que Christine Sullivan não tinha subido naquele avião? E sem ter chance de avisar a Luther que o terreno não estava tão limpo quanto imaginaram que estaria?

Ficara amiga de Christine Sullivan. Tinha sido completamente sincera quanto a isso. Christine era o único vislumbre de pessoa normal na vida de ostentação e luxúria que Walter Sullivan levava. Naquele meio, as pessoas eram não apenas bonitas, como Christine, mas também instruídas, bem-relacionadas e sofisticadas. Coisas que Sullivan não era e jamais seria. E, por causa dessa amizade recente, Christine começara a contar a Wanda o que não devia, incluindo a localização e o conteúdo do cofre construído atrás de uma porta espelhada.

Wanda estava convencida de que os Sullivan tinham tanto dinheiro que nem dariam pela falta de tão pouco. Luther sabia que as coisas não funcionavam assim, e Wanda provavelmente também sabia, mas agora isso não tinha mais importância.

Depois de levar uma vida cheia de restrições, com o dinheiro sempre contado, Wanda resolvera correr atrás do seu grande prêmio. Exatamente como Christine Sullivan fizera. Mas nenhuma das duas tinha se dado conta de quão alto era o preço a pagar por isso.

Luther fora para Barbados e deixaria uma mensagem para Wanda lá se ela já não tivesse partido. Então acabou mandando a carta para a mãe dela. Edwina devia tê-la mostrado à filha. Mas será que Wanda acreditou nele? Mesmo que tivesse acreditado, a vida de Christine Sullivan tinha sido sacrificada. Do ponto de vista de Wanda, a culpa era dela, por sua cobiça e vontade de ter coisas a que não tinha acesso. Luther podia imaginar esses pensamentos passando na cabeça da amiga ao dirigir sozinha até aquele lugar deserto, abrir o frasco, tomar os comprimidos e por fim entrar num estado de permanente inconsciência.

E ele nem ao menos pudera ir ao enterro. Não podia dizer a Edwina Broome quanto lamentava sem correr o risco de envolvê-la naquele pesadelo. Tinha sido tão íntimo de Edwina

quanto de Wanda, em alguns aspectos até mais. Os dois haviam passado muitas noites tentando fazer com que Wanda desistisse do plano, sem sucesso. Só quando se convenceram de que ela seguiria adiante de qualquer maneira, Edwina pediu a Luther para tomar conta da filha. Não deixar que fosse presa de novo.

Seus olhos finalmente se voltaram para os anúncios pessoais do jornal e ele precisou de poucos segundos para encontrar o que procurava. Não sorriu ao ler. Assim como Bill Burton, Luther não acreditava que Gloria Russell tivesse qualidades que pudessem redimi-la.

Esperava que acreditassem que seu objetivo era apenas o dinheiro. Então pegou um pedaço de papel e começou a escrever.



– Rastreie a conta – disse Burton, sentado diante da chefe de gabinete no escritório dela. Tomou um gole de Diet Coke, mas desejou algo mais forte.

– Já estou fazendo isso, Burton. – Gloria recolocou o brinco na orelha quando desligou o telefone.

Collin estava sentado a um canto, em silêncio. A chefe de gabinete ainda não tinha notado sua presença, embora ele houvesse entrado com Burton vinte minutos antes.

– Quando que ele quer o dinheiro mesmo? – perguntou Burton olhando para ela.

– Se a transferência não cair na conta informada até o fim do expediente, não haverá amanhã para nenhum de nós. – O olhar dela passou direto por Collin e retornou a Burton.

– Merda. – Burton se levantou.

Gloria o fuzilou com o olhar.

– Achei que você estivesse cuidando disso, Burton.

Ele ignorou a atitude agressiva dela.

– Como ele vai fazer a entrega?

– Assim que receber o dinheiro, dirá onde o item estará.

– Então temos que confiar nele?

– É o que parece.

– Como ele sabe que você já recebeu a carta? – Burton começou a andar de um lado para outro.

– Estava na minha caixa de correio esta manhã. E minha correspondência é entregue à tarde.

Burton desabou numa cadeira.

– Na sua maldita caixa de correio! Quer dizer que ele estava bem na frente da sua casa?

– Duvido que ele fosse deixar outra pessoa entregar uma carta dessas.

– Como você soube que tinha de checar a correspondência?

– A bandeirinha estava levantada. – Gloria quase sorriu.

– Tenho que reconhecer que o sujeito é corajoso.

– Aparentemente mais que vocês dois – concluiu ela encarando Collin por um tempo.

Ele se encolheu e acabou desviando os olhos para o chão.

Burton sorriu por dentro ao ver aquilo. Tudo bem, em algumas semanas o garoto lhe agradecerá por salvá-lo da teia daquela viúva-negra.

– Nada mais me surpreende, chefe. E vocês? – Ele olhou para ela e depois para Collin.

Gloria ignorou a pergunta.

– Se o dinheiro não for transferido, podemos esperar que ele nos denuncie de algum jeito pouco depois. O que vamos fazer quanto a isso?

A calma da chefe de gabinete não era falsa. Decidira que não iria mais chorar nem vomitar, e que já tinha sido magoada e envergonhada o suficiente para o resto da vida. Independentemente do que o futuro lhe reservasse, era como se estivesse anestesiada. E isso era surpreendentemente bom.

– Quanto ele quer? – perguntou Burton.

– Cinco milhões – respondeu ela.

Burton arregalou os olhos.

– E você tem esse dinheiro? Onde?

– Não é da sua conta.

– O presidente sabe? – Burton já sabia a resposta.

– Também não é da sua conta.

Burton não insistiu. Por que isso interessaria a ele, afinal?

– Está certo. Bem, em resposta à sua pergunta, estamos fazendo algo a respeito. Se eu fosse você, daria um jeito de segurar essa grana. Cinco milhões de dólares não serão muito úteis para alguém que não estará mais entre os vivos.

– Você não pode matar o que não pode encontrar – rebateu Gloria.

– É verdade, chefe.

Burton sentou de novo e contou a conversa que tivera com Seth Frank.



Kate estava completamente vestida quando abriu a porta. Achou que, se estivesse de roupão, a entrevista duraria mais, pois, à medida que as perguntas fossem feitas, ela pareceria cada vez mais vulnerável. E era exatamente assim que se sentia, mas jamais deixaria transparecer.

– Não sei ao certo o que você quer de mim.

– Alguma informação, Srta. Whitney. Só isso. Sei que você trabalha na Promotoria e, acredite, detesto ter que fazê-la passar por isto. Mas neste momento seu pai é o principal suspeito num caso de muita notoriedade. – Frank lhe dirigiu um olhar extremamente sério.

Os dois estavam sentados na pequena sala de estar. Frank pegara seu caderninho de notas. Kate se mantinha ereta na beirada do sofá, tentando permanecer calma, embora os dedos não parassem de mexer no colar, retorcendo-o e formando pequenos nós.

– Pelo que me disse, tenente, você não sabe muita coisa. Se eu estivesse trabalhando neste caso, diria que, com esses indícios, não conseguiria nem um mandado de prisão, muito menos levá-lo a julgamento.

– Talvez sim, talvez não.

Frank observou como Kate brincava com o colar. Na verdade, não estava ali para coletar informações. Provavelmente sabia mais a respeito do pai dela do que a própria Kate. Mas tinha que preparar o caminho para que ela caísse na armadilha. Porque, do seu ponto de vista, tratava-se disto: uma armadilha. Para outra pessoa. Ela por acaso se importaria? Sentia-se melhor por acreditar que ela não se importava nem um pouco.



Frank continuou:

– Mas vou lhe contar algumas coincidências interessantes. Temos uma impressão digital do seu pai numa van de uma empresa de limpeza de carpetes que *sabemos* que foi até a casa dos Sullivan antes do assassinato. E sabemos que ele esteve na casa, no quarto onde o crime ocorreu, pouco tempo antes. Temos duas testemunhas disso. E há também o fato de ele ter usado nome, endereço e número do Seguro Social falsos quando começou a trabalhar para essa empresa. E agora ele desapareceu.

Ela olhou para Frank.

– Ele tinha antecedentes. Provavelmente não deu as informações verdadeiras porque achou que não conseguiria o emprego. Você disse que ele desapareceu. Já pensou que pode estar apenas viajando? Até mesmo ex-condenados tiram férias.

Seus instintos de advogada encontraram um modo de defender o pai, o que era inacreditável. Sentiu a cabeça latejar e passou a mão na testa.

– Outra descoberta interessante é que seu pai era amigo de Wanda Broome, criada e confidente de Christine Sullivan. Eu verifiquei. Seu pai e Wanda ficaram sob a responsabilidade do mesmo agente da condicional na Filadélfia. Segundo algumas fontes, eles continuaram em contato todos esses anos. Aposto que Wanda sabia sobre o cofre no quarto.

– E daí?

– Conversei com ela. Ficou claro que ela sabia muito mais do que deixou transparecer.

– Então por que você não fala com ela? Talvez ela mesma seja a assassina.

– Ela estava fora do país quando o crime aconteceu, centenas de testemunhas confirmam isso.

– Frank fez uma pausa e pigarreou. – E não posso mais falar com ela. Wanda se matou. Deixou um bilhete dizendo que sentia muito.

Kate se levantou e ficou olhando pela janela. O frio parecia envolvê-la.

Frank esperou alguns minutos, olhando-a fixamente, perguntando-se como ela devia se sentir ao ver se acumularem os indícios contra o homem que ajudara a criá-la e que depois aparentemente a abandonara. Será que Kate ainda sentia algum amor por ele? O detetive esperava que não. Pelo menos seu lado profissional esperava. Como pai de três filhas, não tinha certeza se aquele sentimento podia mesmo desaparecer, apesar dos pesares.

– Srta. Whitney, você está bem?

Kate se afastou lentamente da janela.

– Podemos ir a algum lugar? Já faz um tempo que não como nada e não tenho comida em casa.

Eles acabaram indo ao mesmo boteco em que Jack e Luther haviam se encontrado. Frank começou a devorar a comida, mas Kate não tocou em nada.

Frank deu uma olhada no prato dela.

– Você escolheu o lugar, achei que gostasse da comida. Olhe, não é nada pessoal, mas acho que precisa engordar um pouquinho.

Kate finalmente o encarou e um meio sorriso apareceu em seus lábios.

– Você é consultor de saúde nas horas vagas?

– Tenho três filhas. A mais velha tem 16, pesa quarenta quilos e jura que é obesa. Tem quase a minha altura e, se não fossem suas faces rosadas, eu diria que é anoréxica. E minha mulher, pelo

amor de Deus, está sempre fazendo algum tipo de dieta. Eu acho que ela está ótima, mas deve haver alguma forma perfeita que toda mulher busca.

– Menos eu.

– Coma. É o que digo às minhas filhas todo dia. *Coma*.

Kate pegou o garfo e conseguiu comer metade do prato. Enquanto tomava uns goles de chá e Frank segurava uma enorme caneca de café, a conversa voltou a Luther Whitney.

– Se você acha que tem o bastante para prendê-lo, por que não faz isso?

Frank balançou a cabeça e pousou a caneca na mesa.

– Você foi à casa dele. Ele não está. Provavelmente fugiu logo depois do que aconteceu.

– Se é que foi ele quem cometeu o crime. Seus argumentos são todos baseados em circunstâncias. Nem de longe estão acima de uma dúvida razoável, tenente.

– Posso jogar limpo com você, Kate? Aliás, posso chamá-la de Kate?

Ela assentiu.

Frank apoiou os cotovelos na mesa e olhou diretamente para ela.

– Deixando toda essa formalidade de lado, por que acha tão difícil acreditar que seu pai matou aquela mulher? Ele já foi condenado por três crimes. Parece que passou a vida inteira na marginalidade. Foi interrogado por diversos outros casos de arrombamento, mas não conseguiram provar nada contra ele. É um criminoso profissional. Você conhece esse tipo. A vida das pessoas não vale merda nenhuma para eles.

Kate terminou o chá antes de responder. Um criminoso profissional? Claro. Ela não tinha a menor dúvida de que ele continuara roubando durante todos aqueles anos. Parecia que estava no sangue dele. Como um viciado em cocaína. Incurável.

– Ele não mata – disse ela calmamente. – Pode roubar, mas nunca machucou ninguém. Não é o estilo dele.

O que Jack tinha dito mesmo? Que seu pai estava tão apavorado que chegara a vomitar. A polícia nunca o assustara. Mas e se ele *tivesse* matado a mulher? Talvez houvesse atirado por reflexo, e a bala acabara com a vida de Christine Sullivan. Tudo numa questão de segundos. Sem tempo para pensar. Só para agir. Para não passar o resto da vida na cadeia. Era possível. Se tivesse matado aquela mulher, seu pai estaria assustado, apavorado a ponto de vomitar.

Em meio a toda sua dor, a lembrança mais vívida que tinha do pai era sua gentileza. Suas mãos grandes segurando as dela. Era um homem reservado, tanto que chegava a ser mal-educado com as outras pessoas. Mas, com ela, ele falava. De igual para igual, não com superioridade, nem com condescendência, como a maioria dos adultos faz. Falava com ela sobre coisas que interessavam a uma garotinha. Sobre flores, passarinhos e o modo como o céu mudava de cor de repente. Sobre vestidos, fitas de cabelo e dentes moles, algo que estava acontecendo com ela o tempo todo. Eram momentos breves mas sinceros, entre pai e filha, rompidos pela súbita violência das condenações, das prisões. Mas quando ela cresceu aquelas conversas perderam a importância, à medida que a ocupação do homem por trás das caretas engraçadas e dos dedos grandes e gentis passara a dominar sua vida, sua percepção de quem era Luther Whitney.

Como poderia afirmar que aquele homem não era capaz de matar?

Frank a viu piscar várias vezes, depressa. Podia sentir que havia uma brecha ali.

Ele pegou a colher e pôs mais açúcar no café.

– Você está dizendo que é inconcebível que seu pai tenha matado aquela mulher? Achei que vocês dois não se davam bem.

Kate foi arrancada de seus devaneios.

– Não estou dizendo que seja inconcebível. Só que...

Na verdade Kate estava estragando tudo. Tinha entrevistado centenas de testemunhas e não conseguia se lembrar de nenhuma com um desempenho tão ruim quanto o seu.

Vasculhou a bolsa apressadamente em busca do maço de cigarros. Aquilo fez Frank pegar um chiclete.

Ela soprou a fumaça para longe dele e olhou o que ele tinha na mão.

– Tentando parar, também? – Ela arriscou um sorriso.

– Está sendo difícil. O que você estava dizendo?

Ela soprou a fumaça lentamente e tentou controlar o nervosismo.

– Como falei, não vejo meu pai há muitos anos. Não nos falamos. É possível que ele tenha matado a mulher. Tudo é possível. Mas isso não funciona no tribunal. O que funciona são as provas. Ponto final.

– Estou tentando montar um processo contra ele.

– Sem provas tangíveis que o liguem à cena do crime? Sem impressões digitais? Sem testemunhas? Nada do gênero?

Frank hesitou, mas respondeu:

– É.

– Conseguiu rastrear qualquer coisa do roubo que levasse até ele?

– Não.

– Balística?

– Negativo. Uma bala impossível de ser identificada e nenhuma arma.

Kate se recostou na cadeira, mais à vontade agora que a conversa estava voltada para uma análise jurídica do caso.

– Isso é tudo que você tem? – Ela o fitou com os olhos semicerrados.

Ele hesitou de novo e deu de ombros.

– É.

– Então você não tem nada, detetive. Nada!

– Tenho meus instintos, e eles me dizem que Luther Whitney estava dentro da casa naquela noite, no quarto de Christine Sullivan. O que quero saber é onde ele está agora.

– Não posso ajudá-lo com isso. Já falei isso ao seu colega na outra noite.

– Mas você foi à casa dele. Por quê?

Kate mostrou-se indiferente. Estava determinada a não falar sobre sua conversa com Jack. Seria omissão de provas? Talvez.

– Não sei. – Isso era verdade, pelo menos em parte.

– Kate, você me parece do tipo que sempre sabe o motivo pelo qual faz as coisas.

Ela se lembrou do rosto de Jack. Furiosa, afastou o pensamento e continuou a falar:

– Você ficaria surpreso, tenente.

Frank fechou cerimoniosamente o caderninho e inclinou-se para a frente.

– Realmente preciso da sua ajuda.

– Para quê?

– É claro que isto aqui fica em off, mas estou mais interessado em resultados do que em firulas legais.

– Bela declaração para se fazer a uma promotora pública.

– Não estou dizendo que não jogo de acordo com as regras. – Frank finalmente cedeu e pegou seu maço de cigarros. – Apenas que, quando posso, procuro o ponto de menor resistência. Tudo bem?

– Tudo bem.

– Eu soube que, embora você não seja louca pelo seu pai, ele ainda sente sua falta.

– Quem disse?

– Meu Deus, sou um detetive. É verdade ou mentira?

– Não sei.

– Caramba, Kate, não me enrole. Verdade ou mentira?

Ela apagou o cigarro furiosamente.

– Verdade! Satisfeito?

– Quase. Tenho um plano para fazer com que ele dê as caras e quero que você me ajude.

– Não sei como posso fazer isso. – Kate sabia o que estava por vir. Dava para ver nos olhos de Frank.

Ele precisou de dez minutos para apresentar seu plano. Ela recusou três vezes. Após meia hora, ainda estavam sentados à mesa.

Frank se recostou por um momento e em seguida se inclinou abruptamente para a frente.

– Olhe, Kate, se você não fizer isso, não teremos nenhuma chance de pegá-lo. Se você estiver certa e nós não tivermos nada para processá-lo, ele ficará livre. Mas, se foi ele e pudermos provar isso, então você deveria ser a última pessoa no mundo a me dizer que ele deve se safar. Agora, se acha que estou errado, levo você de volta para casa, esqueço que a conheci e seu pai pode continuar roubando... e talvez matando. – Ele a encarou.

Kate abriu a boca, mas as palavras não saíram. Seus olhos se desviaram para um ponto acima do ombro dele, vislumbrando uma imagem pouco definida do passado, que desapareceu logo em seguida

Com quase 30 anos, Kate Whitney não tinha mais nada da garotinha que ria quando o pai a girava no ar e que contava a ele segredos importantes que não compartilharia com mais ninguém. Era uma mulher adulta, madura, que se virava sozinha havia muito tempo. Sobretudo, trabalhava nos tribunais, era uma promotora pública que tinha jurado defender a lei e a Constituição da Virgínia. Era seu trabalho garantir que as pessoas que violassem essas leis fossem adequadamente punidas, independentemente de quem fossem e com quem se relacionassem.

E aí outra imagem invadiu sua mente. A mãe olhando para a porta, esperando que ele voltasse para casa. Preocupada, sem saber se ele estava bem. Indo visitá-lo na prisão, fazendo listas de assuntos para falar com ele, obrigando Kate a se vestir toda bonitinha para aqueles encontros, animada com a aproximação da data em que ele seria solto. Como se ele fosse um herói, e não um ladrão. As palavras de Jack ressoaram em sua memória, e a feriram. Ele dissera que toda a vida dela tinha sido uma mentira. Esperava que ela sentisse simpatia pelo pai que a abandonara. Como se Luther Whitney tivesse sido injustiçado, e não ela. Jack que fosse para o inferno! Graças a

Deus decidira não se casar com ele. Um homem capaz de lhe dizer aquelas coisas horríveis não a merecia. Mas Luther Whitney merecia tudo o que lhe aconteceria. Talvez não tivesse matado aquela mulher. Mas talvez tivesse. A decisão não cabia a ela. Seu trabalho era garantir que a decisão pudesse ser tomada pelos homens e mulheres do júri. De qualquer modo, o lugar dele era na cadeia. Lá pelo menos ele não podia magoar mais ninguém. Nem arruinar outras vidas.

E foi com este último pensamento que concordou em ajudar a polícia a pôr as mãos em seu pai.

Frank sentiu uma pontada de culpa quando se levantaram para ir embora. Não tinha sido completamente honesto com Kate Whitney. Na verdade, havia mentido sobre o detalhe mais importante do caso, com exceção do paradeiro de Luther. Não estava orgulhoso de si mesmo. Agentes da lei às vezes precisam mentir, como todo mundo. Mas isso não tornava as coisas mais fáceis, especialmente se considerasse que tinha mentido para alguém que passara a respeitar de imediato e de quem agora sentia muita pena.

**F**RANK NÃO QUERIA PERDER tempo, então Kate telefonou naquela noite mesmo. Ficou atordoada com a voz na secretária eletrônica; fazia muitos anos que não a ouvia. Calma, eficiente e cadenciada, como a passada experiente de um soldado da infantaria. Na verdade, começara a tremer ao escutá-la e precisara de toda sua força de vontade para dizer as palavras simples da armadilha. O tempo todo ficou lembrando a si mesma quanto ele podia ser dissimulado. Queria vê-lo e falar com ele. O mais rápido possível. Ficou imaginando se a mente astuciosa dele fariaria a armadilha, mas depois lembrou a última vez que tinham estado frente a frente e teve certeza de que ele não perceberia nada. Luther jamais imaginaria que a garotinha que lhe confiara suas mais preciosas confidências fosse capaz de traí-lo. Kate tinha que lhe dar esse crédito.

Pouco depois de uma hora, o telefone tocou. Ao esticar o braço para atender, arrependeu-se amargamente de ter concordado com a proposta de Frank. Sentar num restaurante e elaborar um plano para pegar o suspeito de um crime era bem diferente de participar de uma farsa cujo único objetivo era entregar o próprio pai às autoridades.

– Katie.

Ela percebeu o leve tremor na voz dele, misturado a uma certa descrença.

– Oi, pai.

Por sorte, as palavras saíram sozinhas, pois ela achou que não conseguiria formular nem o mais simples dos raciocínios.

O apartamento dela não era um bom lugar. Luther entendia. Perto demais, pessoal demais. E ela sabia que a casa dele estava fora de questão, por razões óbvias. Ele sugeriu que se encontrassem em território neutro. Ela queria falar, ele com certeza queria ouvir. Queria desesperadamente.

Combinaram no dia seguinte, às quatro da tarde, num pequeno café perto do trabalho dela. Àquela hora estaria vazio, silencioso, e eles poderiam ficar à vontade. Ele estaria lá. Kate teve certeza de que só a morte o impediria de ir.

Ela desligou e ligou para Frank. Disse a ele a hora e o lugar do encontro. Ao ouvir a própria voz finalmente se deu conta do que acabara de fazer. Sentiu como se de repente o mundo estivesse cedendo a seus pés e ela não pudesse fazer nada. Largou o telefone e irrompeu em lágrimas. Chorou tão violentamente que desmoronou no chão, o corpo todo tremendo, os gemidos enchendo o pequeno apartamento como gás num balão, tudo ameaçando explodir.

Frank ficara no telefone um segundo a mais e desejou não ter feito isso. Gritou, mas ela não o ouviu, e, mesmo que tivesse ouvido, não faria diferença. Kate estava fazendo a coisa certa. Não tinha por que se envergonhar nem se sentir culpada. Quando ele finalmente desistiu e desligou, o momento de euforia por saber que estava se aproximando de sua presa acabou.

Sua pergunta tinha sido respondida. Ela ainda o amava. Para o tenente Seth Frank, aquilo era perturbador mas controlável. Mas para Seth Frank, pai de três meninas, seus olhos se encheram de lágrimas, e, de repente, ele já não gostava tanto de seu trabalho.

Burton desligou o telefone. O detetive Frank cumprira sua promessa de deixá-lo participar do caso.

Minutos depois Burton entrou na sala de Gloria.

– Não quero saber como você vai fazer isso. – Ela parecia preocupada.

Burton sorriu por dentro. Ela estava ficando cheia de frescura, exatamente como ele previra. Queria o serviço feito, mas não queria estragar suas lindas unhas.

– Tudo o que você tem que fazer é avisar ao presidente onde vai acontecer. E certificar-se de que ele fale com Sullivan antes. Ele tem que fazer isso.

Gloria pareceu intrigada.

– Por quê?

– Deixe que eu me preocupe com isso. Só quero que faça o que estou pedindo.

Burton foi embora antes que Gloria Russell explodisse com ele.



– A polícia tem certeza de que é ele? – perguntou o presidente, com um traço de ansiedade na voz.

Gloria, que andava de um lado para outro, parou e o encarou.

– Alan, imagino que, se não tivessem certeza, não se dariam tanto trabalho para prendê-lo.

– Eles já se enganaram antes, Gloria.

– Claro que sim. Como nós todos.

O presidente fechou a pasta de documentos que estava examinando, levantou-se e foi até a janela que dava para o quintal da Casa Branca.

– Então ele será preso em breve?

– Pode ser.

– O que você quer dizer com isso?

– Apenas que às vezes os melhores planos fracassam.

– Burton está sabendo?

– Parece que foi ele que armou tudo.

O presidente se aproximou de Gloria e pôs a mão no braço dela.

– Do que você está falando?

Gloria relatou ao chefe os acontecimentos dos últimos dias.

O presidente esfregou o queixo.

– O que Burton está planejando? – perguntou ele, mais para si mesmo do que para Gloria.

– Por que não liga para ele e pergunta pessoalmente? Ele só fez questão de que você transmitisse a mensagem a Sullivan.

– Sullivan? Mas por que...

O presidente não terminou a frase. Mandou chamar Burton, mas foi informado de que ele se sentira mal e tinha ido ao hospital.

O presidente lançou um olhar penetrante à sua chefe de gabinete.

– Burton vai fazer o que acho que ele vai fazer?

– Depende do que você está pensando.

– Nada de joguinhos, Gloria. Você sabe exatamente do que estou falando.

– Se você quer saber se Burton pretende garantir que esse homem nunca seja preso, sim, essa ideia me passou pela cabeça.

O presidente pegou o pesado abridor de cartas que estava em cima de sua mesa, sentou e se virou para a janela. Gloria estremeceu ao ver aquele objeto. Tinha jogado o seu fora.

– Alan? O que você quer que eu faça?

Ela ficou olhando para a nuca dele. Ele era o presidente e você tinha que sentar e esperar pacientemente, mesmo que sua vontade fosse esganá-lo.

Por fim ele girou a cadeira e ficou de frente para ela. Seus olhos pareciam mais escuros, frios e autoritários.

– Nada. Não quero que você faça nada. É melhor eu entrar em contato com Sullivan. Qual é mesmo o local e a hora?

Ao repetir as informações, Gloria pensou a mesma coisa que já havia pensado antes: *Que amigo!*

O presidente pegou o telefone. Ela esticou o braço e pôs a mão sobre a dele.

– Alan, os relatórios do legista dizem que Christine Sullivan tinha ferimentos no queixo e marcas de estrangulamento.

O presidente não olhou para ela.

– É mesmo?

– Alan, o que exatamente aconteceu naquele quarto?

– Bem, do pouco que me lembro, ela quis uma brincadeira um pouco mais agressiva. As marcas no pescoço? – Ele fez uma pausa e abaixou o telefone. – Digamos que Christy tinha algumas preferências não convencionais. Inclusive asfixia sexual. Você sabe, algumas pessoas chegam mais rápido ao orgasmo quando ficam meio sem ar perto do clímax.

– Já ouvi falar, Alan. Só não achei que você estivesse envolvido nesse tipo de coisa. – O tom de voz dela foi ríspido.

– Ponha-se no seu lugar, Gloria – rebateu o presidente. – Não tenho que dar satisfações a você nem a ninguém.

Ela recuou e disse depressa:

– É claro. Desculpe, senhor presidente.

O rosto de Richmond relaxou. Ele se levantou e abriu os braços resignadamente.

– Fiz isso por causa dela, Gloria. O que mais posso dizer? As mulheres às vezes produzem efeitos estranhos sobre os homens. Certamente não sou imune a isso.

– Então por que ela tentou matar você?

– Como falei, ela queria uma brincadeira mais agressiva. Estava bêbada e perdeu o controle. Uma lástima, mas essas coisas acontecem.

Gloria olhou para a janela atrás dele. O encontro com Christine Sullivan não tinha simplesmente “acontecido”. O tempo e o planejamento dedicados a isso tinham sido equivalentes aos do desenvolvimento de uma campanha eleitoral. Ela balançou a cabeça ao se lembrar das imagens daquela noite.

O presidente se aproximou dela e pôs as mãos em seus ombros.

– Foi uma experiência horrível para todos, Gloria. É claro que eu não queria que Christy morresse. Era a última coisa que eu desejava. Fui até lá para ter uma noite serena e romântica



com uma linda mulher. Meu Deus, não sou nenhum monstro. – Um sorriso encantador iluminou o rosto dele.

– Sei disso, Alan. Mas foram tantas mulheres, tantas vezes. Alguma coisa ruim ia acabar acontecendo.

O presidente deu de ombros.

– Bem, como eu já disse antes, não sou o primeiro homem neste cargo a pular a cerca. E não serei o último. – Ele segurou o queixo dela. – Você conhece as exigências da minha função, Gloria. Melhor que a maioria das pessoas. Não há outra função como esta no mundo todo.

– Sei que as pressões são enormes, Alan. Tenho consciência disso.

– É isso aí. Este trabalho exige mais do que é humanamente possível. Às vezes, para lidar com essa realidade, é preciso aliviar um pouco a tensão. O modo como faço isso é importante, porque é o que me permite servir bem o povo que me elegeu, que depositou suas esperanças em mim. – Ele voltou para a mesa. – Além do mais, desfrutar a companhia de belas mulheres é um modo relativamente inofensivo de combater o estresse.

Gloria lançou-lhe um olhar furioso. Não era possível que ele acreditasse que ela fosse se deixar enrolar por aquele papinho patriótico.

– Não foi inofensivo para Christine Sullivan – disparou ela.

Richmond a encarou. Já não sorria.

– Realmente não quero mais falar nisso, Gloria. O que passou passou. Comece a pensar no futuro. Entendeu?

Ela baixou a cabeça num assentimento formal e saiu a passos largos.

O presidente voltou a pegar o telefone. Daria a seu bom amigo Walter Sullivan todos os detalhes do golpe preparado pela polícia. Ele sorriu enquanto a ligação era completada. Agora não faltava muito. Estavam quase lá. Ele podia contar com Burton para fazer a coisa certa. Por todos eles.



Luther checou o relógio. Uma hora. Tomou banho, escovou os dentes e aparou a barba. Levou um tempo ajeitando o cabelo, até ficar satisfeito com o resultado. Tinha uma aparência melhor naquele dia. O telefonema de Kate havia feito um milagre. Ele tinha ouvido a mensagem repetidas vezes, só para escutar a voz dela, as palavras que acreditara que nunca mais fosse ouvir. Arriscara-se indo a uma loja de roupas masculinas no centro da cidade, onde comprou uma calça nova, um paletó esporte e um bom par de sapatos. Tinha pensado em usar uma gravata, mas depois descartara a ideia.

Experimentou o novo paletó. Bom. A calça ficou um pouco larga, pois ele havia perdido peso. Precisava comer mais. Podia começar levando a filha para jantar, mesmo que fosse cedo. Se ela aceitasse. Não queria forçar nada.

Jack! Só podia ter sido Jack. Ele contara a Kate sobre o encontro dos dois. Tinha falado que seu pai estava com problemas. Essa era a conexão. Fora um idiota por não ter percebido logo. Mas o que aquilo significava? Que ela se importava? Sentiu um arrepio que percorreu seu corpo da nuca até os joelhos. Depois de todos aqueles anos? E justo agora? Que droga! Mas ele já havia tomado sua decisão e ninguém ia mudar isso. Nem mesmo sua filha. Algo terrivelmente errado tinha

acontecido e precisava ser consertado.

Luther tinha certeza de que Richmond não sabia de suas cartas para a chefe de gabinete. A única esperança dela era recuperar discretamente o objeto que estava com Luther e depois garantir que ninguém jamais pusesse os olhos naquilo. Pagar o que ele pedia, com a esperança de que ele desaparecesse para sempre e que o mundo nunca soubesse de nada. Ele tinha verificado a conta e o dinheiro havia sido depositado. A primeira surpresa deles seria o que ele tinha feito com o dinheiro.

A segunda surpresa, no entanto, os faria esquecer completamente a primeira. E o melhor era que Richmond não seria capaz de prever nada. Ele não acreditava que o presidente chegasse a ser preso. Mas, se aquilo não justificasse seu *impeachment*, nada mais justificaria. Watergate pareceria uma brincadeira de criança. Luther se perguntou o que os presidentes que haviam sofrido *impeachment* faziam. Esperava que definhassem nas chamas da própria destruição.

Luther puxou a carta do bolso. Daria um jeito para que ela a recebesse na hora em que esperava as últimas instruções. A recompensa. Ela receberia sua recompensa. Todos receberiam. Valeria a pena tê-la deixado se contorcendo de nervoso, como sabia que tinha feito aquele tempo todo.

Por mais que tentasse, não conseguia apagar a lembrança da relação sexual que aquela mulher tivera na presença de um cadáver ainda quente, como se a mulher morta não passasse de lixo, nada com que precisasse se importar. E havia Richmond. Aquele bêbado filho da mãe! Luther ferveu de raiva. Então, abruptamente, sorriu.

Seria capaz de suportar qualquer coisa que Jack conseguisse negociar para ele. Dez dias, dez anos, vinte anos. Não se importava mais. O presidente e todos à sua volta iam se ferrar. Ele ia derrubar todos eles.

Mas antes passaria algum tempo com a filha. Depois disso, realmente não se importaria com mais nada.

Ao se encaminhar para a cama, ocorreu a Luther um pensamento que o fez estremecer. Aquilo magoava, mas ele podia entender. Sentou-se na cama e tomou um gole d'água. Se fosse verdade, poderia culpá-la? Além do mais, poderia matar dois coelhos com uma cajadada só. Deitado de costas, pensou que tudo o que parece bom demais para ser verdade geralmente é mesmo. Será que ele merecia algo melhor da parte dela? A resposta clara: não.



Quando o dinheiro transferido chegou ao District Bank, instruções enviadas antes entraram em ação automaticamente e ele logo foi repassado para cinco outros bancos da área, um milhão de dólares para cada. Daí seguiu uma rota sinuosa até que todo o valor voltou a se reunir num único lugar.

Gloria, que tinha dado um jeito de rastrear o dinheiro, em breve descobriria o que tinha acontecido. E não ficaria nada satisfeita. Menos satisfeita ainda ficaria com a próxima mensagem que receberia.



O Café Alonzo tinha sido inaugurado havia mais ou menos um ano. Suas mesas ficavam na

calçada, cobertas por guarda-sóis coloridos e cercadas por uma corrente de ferro preta que batia mais ou menos na altura da cintura. Serviam café forte, de tipos variados. O pão era de fabricação própria, o que tornava aquele um ponto popular pela manhã e na hora do almoço. Faltando cinco minutos para as quatro horas, havia apenas uma pessoa sentada a uma das mesas da calçada. No ar frio, os guarda-sóis estavam fechados, parecendo uma fila de canudinhos.

O café se localizava no andar térreo de um prédio comercial moderno, com fachada de painéis de vidro espelhado. Dois andares acima havia um andaime. Três operários trocavam um vidro quebrado. O painel era pesado e, embora fossem fortes, os homens estavam com dificuldades para levantá-lo.

Kate apertou o casaco em volta do corpo e tomou um gole do café. Apesar do clima frio, o sol da tarde era quente, mas estava se pondo depressa. Sombras compridas se projetavam sobre as mesas. Ela estreitou os olhos para o sol ainda visível acima de uma série de casas dilapidadas do outro lado da rua. Estavam destinadas à demolição, a fim de abrir espaço para a contínua renovação da área. Não reparou que a janela no andar de cima de uma das casas estava aberta, que a do lado tinha duas janelas quebradas e que a porta de outra estava parcialmente aberta.

Kate deu uma olhada no relógio. Estava sentada ali havia cerca de vinte minutos. Acostumada ao ritmo frenético da Promotoria, o dia tinha se arrastado como se não fosse acabar nunca. Não tinha dúvida de que havia dezenas de policiais nas vizinhanças, esperando para saltar em cima de Luther assim que ele se aproximasse. Só então ela pensou em como seria. Teriam chance de dizer qualquer coisa um ao outro? Mas o que ela iria dizer, afinal? Oi, pai, o senhor está preso? Esfregou o rosto e aguardou. Ele chegaria às quatro em ponto. Era tarde demais para que ela mudasse os planos. Mas estava fazendo a coisa certa, apesar da culpa que sentia, apesar de ter desabado depois de ligar para o detetive. Esfregou as mãos com raiva. Estava prestes a entregar seu pai à polícia, e ele merecia isso. Era o fim das dúvidas e dos questionamentos. Só queria que tudo acabasse logo.



McCarty não gostou nem um pouco daquilo. Estava habituado a seguir o alvo, às vezes durante semanas, até entender os padrões de comportamento da vítima melhor do que ela mesma. Isso facilitava a execução. E também lhe permitia planejar sua fuga e imaginar o que faria se algo desse errado. Não pudera se dar a nenhum desses luxos naquele trabalho. A mensagem de Sullivan tinha sido concisa. O homem já lhe pagara uma grana altíssima por conta dos dias de sobreaviso e pagaria mais dois milhões quando ele executasse o serviço. Qualquer que fosse a referência usada, ele havia sido bem-recompensado – agora tinha que fazer sua parte. Só se sentira nervoso daquele jeito quando fez a primeira vítima por encomenda, muitos anos antes. Não ajudava em nada o fato de o lugar estar cheio de policiais.

Mas ele ficava repetindo a si mesmo que tudo daria certo. Considerando o pouco tempo de que dispusera, até que tinha feito um bom planejamento. Fora reconhecer a área imediatamente após o telefonema de Sullivan. A ideia de usar uma das casas abandonadas logo lhe ocorrera. Era realmente o único lugar lógico. Estava ali desde as quatro da manhã. A porta dos fundos da casa dava para uma viela, onde deixara o carro alugado. Precisaria de exatos quinze segundos, a contar do momento do disparo, para largar o fuzil, descer a escada correndo, sair e entrar no carro.

Antes que a polícia entendesse o que havia acontecido, ele já estaria a três quilômetros de distância. Em 45 minutos, um avião decolaria de um aeroporto particular quinze quilômetros ao norte de Washington, com destino a Nova York. Levaria uma única pessoa. Pouco mais de cinco horas depois, McCarty seria um dos mimados passageiros a bordo de um Concorde que pousaria em Londres.

Verificou o fuzil e a mira telescópica pela décima vez. Seria bom se pudesse usar um silenciador, mas ainda não havia encontrado um que funcionasse direito numa arma carregada com munição supersônica como a sua. Contava que a confusão abafasse o tiro e lhe desse cobertura para fugir. Olhou para o outro lado da rua e em seguida para o relógio. Estava quase na hora.

Mesmo sendo muito eficiente, McCarty não poderia imaginar que outra arma estaria apontada para a cabeça do seu alvo. E que, atrás dela, houvesse um par de olhos tão ou mais atentos que os seus.



Tim Collin se tornara um excelente atirador no Corpo de Fuzileiros Navais, e seu primeiro-sargento escrevera no relatório de avaliação que nunca tinha visto pontaria melhor. Collin olhou pela mira da arma e relaxou. Correu os olhos pelo interior da van onde se achava. O veículo estava estacionado em frente ao café, do outro lado da rua, e dali ele tinha uma linha de tiro direta e desimpedida. Deu outra espiada pela mira e viu Kate Whitney. Collin abriu a janela da van. Estava protegido pelas sombras dos prédios atrás dele. Ninguém podia notar o que fazia. Tinha também a vantagem de saber que Seth Frank e seu contingente estavam posicionados à direita do café, e que havia outros policiais no saguão do prédio comercial onde ficava o estabelecimento. Havia carros comuns estacionados em vários locais dos dois lados da rua. Se Whitney tentasse correr, não conseguiria ir muito longe. Mas Collin sabia que ele não ia correr para lugar nenhum.

Depois de atirar, Collin desmontaria rapidamente o rifle e o esconderia dentro da van, sairia com sua arma pessoal e seu distintivo e se juntaria às demais autoridades para tentar descobrir o que havia acontecido. Ninguém pensaria em revistar uma van do Serviço Secreto em busca da arma que matara a pessoa que eles estavam tentando prender.

O plano de Burton fazia todo o sentido para o jovem agente. Collin não tinha nada contra Luther Whitney, mas havia muito mais em jogo do que a vida de um criminoso de 66 anos. Não ia gostar de matá-lo. Para falar a verdade, se esforçaria ao máximo para esquecer aquilo logo depois de feito. Mas a vida é assim. Ele estava violando a lei? Tecnicamente, cometeria um homicídio. Mas, olhando de um ponto de vista mais prático, ia fazer o que tinha de ser feito. Imaginava que o presidente soubesse. Gloria Russell sabia. E Bill Burton, o homem que respeitava mais que a qualquer outro, mandara que ele fizesse aquilo. O treinamento de Collin não permitia que ele ignorasse essas ordens. Além do mais, o velho tinha invadido a casa para roubar. Pegaria vinte anos de cadeia. Quem quer estar na prisão aos 80 anos? Collin lhe pouparia muito sofrimento. No lugar dele, preferiria levar o tiro.

Collin ergueu os olhos para os operários no andaime acima do café, esforçando-se para trocar o vidro quebrado. Um homem agarrou a ponta de uma corda que acionava um guindaste e,

lentamente, o painel espelhado começou a subir.



Kate olhava para as mãos e, quando levantou a cabeça, o viu.

Luther andava graciosamente pela calçada. O chapéu e o cachecol escondiam suas feições, mas a maneira como caminhava era inconfundível. Quando pequena, queria saber andar como o pai, sem esforço e com confiança. Começou a se levantar, mas mudou de ideia. Frank não lhe dissera em que momento entraria em cena, mas Kate achava que não demoraria muito.

Luther parou em frente ao café e olhou para ela. Não ficava tão perto da filha havia mais de dez anos e não sabia como agir. Ela percebeu sua insegurança e forçou um sorriso. Imediatamente ele se adiantou e sentou-se à mesa dela, de costas para a rua. Apesar do frio, tirou o chapéu e guardou os óculos escuros no bolso.

McCarty olhou pela mira do fuzil. Quando o cabelo grisalho entrou em foco, desarmou a trava de segurança e em seguida levou o dedo ao gatilho.



A pouco menos de cem metros dali, Collin repetia as mesmas ações. Só que não tinha tanta pressa quanto McCarty, porque sabia quando a polícia entraria em cena.



O dedo de McCarty estava no gatilho. Antes ele havia reparado uma ou duas vezes nos operários que trabalhavam no andaime, mas depois os deixara de lado. Aquele foi apenas o segundo erro que cometeu em toda a sua carreira.

O painel espelhado de repente foi puxado para cima e a superfície se virou na direção de McCarty. Os raios do sol poente atingiram em cheio o vidro, que lançou seu reflexo vermelho e ofuscante diretamente nos olhos de McCarty. Suas pupilas doeram tanto que, por um instante, ele perdeu o controle, sua mão se contraiu involuntariamente e o fuzil disparou. Ele praguejou e largou a arma. Chegou à porta dos fundos cinco segundos antes do previsto.

A bala atingiu o cabo do guarda-sol e o quebrou, em seguida ricocheteou e penetrou no chão de concreto. Kate e Luther se jogaram no chão, o pai instintivamente protegendo a filha. Poucos segundos depois, Seth Frank e uma dúzia de policiais uniformizados empunhando suas armas formaram um semicírculo em torno deles, virados para a rua, esquadrinhando-a.

– Isolem a porra da área toda! – gritou Frank para o sargento, que começou a berrar ordens no rádio.

Policiais uniformizados se espalharam, carros apareceram.

Em cima do andaime, os operários olharam para a rua, sem saber do papel que, sem querer, haviam desempenhado nos acontecimentos lá embaixo.

Luther foi algemado e todos seguiram para o saguão do prédio comercial. Seth Frank encarou Luther por um momento, satisfeito, e depois leu seus direitos. Luther olhou para a filha. A princípio, Kate não conseguiu encará-lo, mas depois achou que ele merecia pelo menos isso. As

palavras dele a magoaram mais do que qualquer coisa para que tivesse se preparado.

– Você está bem, Katie?

Ela assentiu e as lágrimas começaram a rolar. Dessa vez, não conseguiu conter o choro e desabou.

Bill Burton parou junto à entrada do saguão e, ao ver Collin entrar atônito, fuzilou-o com o olhar. Mas então Collin sussurrou alguma coisa em seu ouvido.

Burton assimilou a informação depressa e entendeu tudo em questão de segundos: Sullivan havia contratado um matador. Tinha feito exatamente aquilo de que Burton pretendia acusá-lo.

O bilionário ganhou um ponto com Burton.

O agente se aproximou de Frank, que o encarou.

– Alguma ideia de que merda seja essa?

– Talvez – respondeu Burton, virando-se.

Pela primeira vez ele e Luther Whitney se encaravam. Todas as lembranças daquela noite voltaram a Luther. Mas ele se manteve calmo, imperturbável.

Burton admirou isso. Mas também ficou muito preocupado. Whitney obviamente não se importava por ter sido preso. Burton já havia participado de milhares de capturas, que normalmente envolviam adultos choramingando como crianças. Naquele momento, os olhos de Luther lhe disseram tudo o que ele precisava saber. Ele pretendia procurar a polícia e contar tudo. Burton não sabia por que e realmente não se importava.

Continuou encarando Luther enquanto Frank falava com seus homens. Depois olhou para um grupo reunido num canto. Luther já lutara, tentando se aproximar da filha, mas sem sucesso. Uma policial se esforçava para consolar Kate, também sem sucesso. Ao vê-la soluçar, lágrimas escorreram pelas rugas profundas do rosto de Luther.

Quando notou Burton bem ao seu lado, Luther o fuzilou com o olhar, até que o agente fez os olhos do velho se voltarem para Kate. Depois os dois se encararam de novo. Burton ergueu as sobrancelhas, num gesto tão objetivo quanto um tiro disparado na cabeça de Kate. Burton já ficara frente a frente com alguns dos piores criminosos da cidade, e sua expressão podia ser ameaçadora, mas era a absoluta sinceridade dessa expressão que fazia homens durões tremerem. Luther Whitney não era um ladrãozinho qualquer. Não era do tipo que choramingava. Mas seus nervos de aço começavam a ruir. E sucumbiram rapidamente, olhando para a mulher que soluçava num canto.

Burton virou-se e saiu.

**G**LORIA RUSSELL SENTOU NA sala de estar e segurou a carta com a mão trêmula. Deu uma olhada no relógio. Tinha chegado bem na hora, trazida por um mensageiro – um velho de turbante, num Subaru caindo aos pedaços com o nome de uma empresa de entregas na porta: Metro Rush Couriers. Esperava enfim ter em mãos a chave para acabar com seus pesadelos e com todos os riscos que decidira correr.

O vento começou a uivar, mas a lareira acesa proporcionava um calor aconchegante. A casa estava meticulosamente limpa graças aos esforços de Mary, a criada que trabalhava meio expediente e tinha acabado de sair. Gloria tinha um jantar na casa do senador Richard Miles às oito horas. Miles era muito importante para as aspirações políticas dela e tinha começado a entrar em ação. As coisas enfim estavam tomando o rumo certo. Depois de todos aqueles momentos torturantes, humilhantes. Mas e agora?

Olhou para a mensagem mais uma vez. A descrença tomava conta dela e a arrastava para o fundo do poço, de onde não sairia mais.

*Muito obrigado pela contribuição caridosa. Será imensamente apreciada. Assim como a corda que você acaba de me dar para enforcá-la. Sobre aquele item de que falamos, não está mais à venda. Pensando bem, a polícia deve precisar dele para o julgamento. E, a propósito, VÁ SE FODER!*

Estava atordoada. Não conseguia raciocinar. Corda? Seu primeiro impulso foi ligar para Burton, mas lembrou que ele não estaria na Casa Branca. Então se deu conta e ligou a TV. O noticiário das seis estava apresentando um acontecimento recente. Uma arriscada operação conduzida pelo Departamento de Polícia do condado de Middleton junto com a polícia de Alexandria prendera um suspeito do assassinato de Christine Sullivan. Um atirador desconhecido havia disparado. Presumia-se que o alvo fosse o suspeito.

Gloria assistiu às cenas gravadas na delegacia de Middleton. Viu Luther Whitney subindo as escadas, olhando para a frente, sem tentar esconder o rosto. Era muito mais velho do que ela tinha imaginado. Parecia um diretor de escola. Aquele homem a tinha visto... Nem lhe ocorreu que Luther estava sendo preso por um crime que não havia cometido. Não que ela fosse fazer algo com relação a isso. Quando a câmera foi virada para o outro lado, ela vislumbrou Bill Burton com Collin atrás dele, ouvindo Seth Frank dar uma declaração à imprensa.

Aqueles incompetentes malditos! Ele estava preso. E tinha mandado uma mensagem garantindo que derrubaria todos eles. Ela havia confiado em Burton e em Collin. O presidente tinha confiado neles. E os dois falharam miseravelmente. Não entendia como Burton fora capaz de ficar parado ali tão calmo quando o mundo estava prestes a desabar.

Seu pensamento seguinte surpreendeu até a ela mesma. Correu para o banheiro, abriu a porta do armário e pegou o primeiro frasco de remédios que viu. Quantos comprimidos seriam necessários? Dez? Cem?

Girou a tampa, mas as mãos trêmulas não conseguiram abri-la. Continuou tentando até que os comprimidos caíram na pia. Pegou alguns com a mão em concha, mas se deteve. Viu seu reflexo no espelho. Pela primeira vez percebeu quanto tinha envelhecido. Tinha os olhos fundos, as faces encovadas e seus cabelos pareciam estar ficando brancos bem diante de seus olhos.

Fitou os comprimidos verdes na palma da mão. Não conseguia fazer isso. Mesmo com o mundo desmoronando, não era capaz. Jogou as pílulas fora e apagou a luz. Telefonou para o escritório do senador. Não poderia ir ao jantar porque não estava se sentindo bem. Tinha acabado de deitar quando bateram à porta.

De início parecia um tambor soando ao longe. Será que tinham um mandado? O que havia ali que poderia incriminá-la? O bilhete! Tirou-o do bolso e o jogou na lareira. Enquanto o papel queimava, ela ajeitou o vestido, calçou os sapatos e saiu do quarto.

Pela segunda vez sentiu uma forte pontada no peito ao dar de cara com Bill Burton na porta de sua casa. Ele entrou sem dizer nada, tirou o paletó e foi direto para o bar.

Ela bateu a porta.

– Belo trabalho, Burton. Brilhante. Você cuidou de tudo maravilhosamente. Onde está seu coleguinha? Fazendo exame de vista?

Burton se sentou com sua bebida.

– Cale a boca e escute – disse.

Normalmente isso teria sido o suficiente para que Gloria explodisse, mas o tom de voz dele a conteve. Ela viu a arma no coldre. De repente se deu conta de que vivia cercada de pessoas armadas. E agora tiros estavam sendo disparados. Tinha encontrado gente perigosa em seu caminho. Sentou diante dele e arregalou os olhos.

– Collin não chegou a atirar.

– Mas...

– Foi outra pessoa. Sei disso.

Ele engoliu a bebida quase toda de uma só vez. Gloria considerou pegar uma também, mas desistiu da ideia.

Ele a encarou.

– Walter Sullivan. Aquele filho da puta. Richmond falou com ele, certo?

Gloria assentiu.

– Você acha que Sullivan está por trás disso?

– Quem mais poderia ser? Ele acredita que esse cara matou a mulher dele. Tem dinheiro de sobra para contratar os melhores atiradores do mundo. E era a única outra pessoa que sabia onde e quando seria feita a prisão. – Ele olhou para ela e balançou a cabeça, enojado. – Não seja idiota. Não temos tempo para isso.

Burton levantou e começou a andar de um lado para outro.

Gloria pensou no que tinha visto na TV.

– Mas ele está preso. E vai abrir o bico. Quando você bateu, achei que fosse a polícia.

Burton parou de andar.

– O cara não vai contar nada. Pelo menos por enquanto.

– Do que você está falando?

– Ele vai fazer qualquer coisa para que sua filha continue viva.



- Você o ameaçou?
- Ele certamente entendeu meu recado.
- Como sabe?
- Os olhos não mentem. Ele conhece o jogo. Se falar, sua filha já era.
- Mas você não iria...

Burton segurou a chefe de gabinete pelos braços e, sem esforço, a levantou do chão, mantendo-a no ar para que os olhos dela ficassem na altura dos seus.

- Eu mataria qualquer pessoa que possa me ferrar, está entendendo? - Seu tom de voz era assustador. Ele a jogou de volta na poltrona.

Gloria o encarou, pálida, os olhos cheios de terror.

O rosto de Burton estava vermelho de raiva.

- Foi você que me meteu nisso. Eu queria chamar a polícia logo no começo. Cumpri meu dever. Posso ter matado aquela mulher, mas nenhum júri me condenaria. Mas você me fez de idiota, com sua história de desastre global e sua falsa preocupação com o presidente. E eu, burro, caí na sua conversa. Agora corro o risco de perder vinte anos da minha vida e não estou nada feliz com isso. Se você não entender isso, paciência.

Ficaram sentados em silêncio por um bom tempo. Burton segurou o copo e fitou o tapete, perdido em pensamentos. Gloria ficou de olho nele enquanto tentava parar de tremer. Não falou com ele sobre o bilhete que recebera. De que adiantaria? Burton provavelmente sacaria a arma e a mataria ali mesmo. Só de pensar na proximidade de uma morte tão violenta, o sangue dela gelou.

Um relógio tiquetaqueava, parecendo contar os últimos momentos de sua vida.

- Você tem certeza de que ele não vai falar nada?
  - Não tenho certeza nenhuma.
  - Mas você disse...
  - Disse que ele vai fazer qualquer coisa para que sua filha não morra. Mas, se ele ignorar essa ameaça, passaremos muitos anos dando de cara com a parte de baixo de um beliche ao acordar.
  - Mas como ele poderia ignorar essa ameaça?
  - Se eu soubesse a resposta, não estaria tão preocupado. Mas posso lhe garantir que, neste exato momento, Luther Whitney está em sua cela pensando num modo de fazer isso.
  - O que podemos fazer?
- Ele pegou o paletó e a levantou com grosseria.
- Venha. Está na hora de falar com Richmond.



Jack consultou suas anotações e depois correu os olhos pela mesa de reuniões. Sua equipe de negociação era formada por quatro advogados, três assistentes e dois sócios. Toda a empresa tinha ficado sabendo do sucesso de Jack com Sullivan. Aquelas pessoas olhavam para ele com uma mistura de admiração, respeito e um pouco de medo.

- Sam, você vai coordenar as vendas de matérias-primas por Kiev. Nosso representante lá é um vigarista, joga no limite. Fique de olho, mas deixe que ele toque o negócio.

Sam, sócio há dez anos, fechou a pasta com barulho.

– Deixe comigo.

– Ben, li seu relatório sobre os esforços de intermediação e concordo. Acho que deveríamos pegar pesado com o pessoal de relações internacionais. Tê-los do nosso lado não vai fazer mal nenhum. – Jack abriu outra pasta. – Temos aproximadamente um mês para pôr essa operação em funcionamento. Nossa principal preocupação é a delicada situação política da Ucrânia. Se vamos agarrar essa oportunidade de ouro, tem que ser rápido. A última coisa de que precisamos é que a Rússia anexe nosso cliente. Agora eu gostaria de alguns minutos para tratar...

A secretária de Jack abriu a porta, parecendo nervosa.

– Sinto muito interromper.

– Tudo bem, Martha, o que houve?

– É uma ligação para o senhor.

– Pedi à Lucinda que não passasse minhas ligações, a menos que fosse uma emergência. Amanhã ligo de volta para todo mundo.

– Acho que é uma emergência.

Jack girou na cadeira.

– Quem é?

– Ela se apresentou como Kate Whitney.

Cinco minutos depois Jack dirigia seu carro, um Lexus 300 cor de cobre novo em folha. Seus pensamentos estavam a mil. Kate estava quase histérica. Ele só tinha entendido que Luther fora preso. Não sabia por quê.



Kate abriu a porta na primeira batida e se jogou nos braços dele. Alguns minutos se passaram antes que ela conseguisse respirar com regularidade.

– Kate, o que houve? Onde está Luther? Do que ele está sendo acusado?

Ela olhou para ele, com o rosto tão inchado que parecia ter sido agredida.

Quando finalmente conseguiu pronunciar a palavra, Jack recostou-se na cadeira, atônito.

– Assassinato? – Ele olhou em torno, a mente funcionando rápido demais para que ele registrasse qualquer coisa. – Impossível. Quem ele teria matado?

Kate sentou-se ereta e tirou o cabelo do rosto. Encarou-o e, dessa vez, as palavras foram claras, diretas e cortantes:

– Christine Sullivan.

Jack ficou imóvel por um tempo e em seguida saltou da cadeira. Olhou para ela, tentou falar, mas não conseguiu. Foi à janela, abriu-a e deixou o frio machucar sua pele. Seu estômago parecia estar cheio de ácido, que subiu até a garganta. Ele fez muito esforço para não vomitar. Aos poucos as pernas foram recuperando a firmeza, até que ele fechou a janela e voltou a sentar ao lado de Kate.

– O que aconteceu, Kate?

Ela limpou os olhos inchados com um lenço de papel gasto. Seu cabelo estava emaranhado. Não havia tirado o casaco e os sapatos estavam ao lado da cadeira onde os deixara. Controlou-se o melhor que pôde. Afastou alguns fios de cabelo da boca e finalmente o encarou.

– A polícia o prendeu. Acham que ele invadiu a casa dos Sullivan. Não devia haver ninguém

lá... mas Christine Sullivan estava. – Ela fez uma pausa e respirou fundo. – Aham que Luther atirou nela.

Assim que acabou de falar, os olhos dela se fecharam, como se as pálpebras cedessem a um peso terrível. Balançou a cabeça devagar, a testa vincada, a dor latejante aumentando ainda mais.

– Isso é loucura, Kate. Luther jamais seria capaz de matar alguém.

– Não sei, Jack. Não sei o que pensar.

Jack levantou-se e tirou o sobretudo. Passou a mão pelo cabelo, fazendo um esforço para pensar. Olhou de novo para Kate.

– Como você soube? Como eles o pegaram?

Kate estremeceu. Sentiu uma dor tão forte que devia ser visível, pairando acima dela antes de mergulhar repetidamente em seu corpo frágil. Ela limpou o rosto com outro lenço de papel. Virou-se para ele tão devagar, centímetro a centímetro, que pareceu uma velha. Os olhos continuaram fechados, a respiração foi interrompida por soluços, como se o ar estivesse preso nos pulmões e fosse preciso fazer muito esforço para liberá-lo.

Por fim, abriu os olhos. Os lábios se moveram, mas as palavras não saíram. Acabou conseguindo falá-las, lenta e nitidamente, como se estivesse se obrigando a absorver cada golpe que as acompanhava.

– Eu o entreguei.



Com a roupa laranja de presidiário, Luther estava na mesma sala de interrogatório onde Wanda Broome fora ouvida. Sentado diante dele, Seth Frank o observava com atenção. Luther olhava para a frente. Não parecia perdido, e sim estar pensando em alguma coisa.

Dois outros homens entraram. Um deles trazia um gravador que colocou no meio da mesa e ligou.

– Você fuma? – perguntou Frank, oferecendo um cigarro. Luther aceitou e os dois exalaram pequenas nuvens de fumaça.

Frank repetiu os direitos de Luther para que aquilo ficasse registrado. Não haveria erros de procedimento nesse caso.

– Você compreende seus direitos?

Luther fez um gesto vago com o cigarro.

Ele não era o que Frank estava esperando. Sua ficha certamente era a de um criminoso. Fora condenado três vezes, mas se mantivera limpo nos últimos vinte anos. Nada de assaltos ou atos violentos. Isso não queria dizer nada, claro, mas havia algo naquele homem.

– Preciso que você responda sim ou não.

– Sim.

– O.k. Você compreende que foi preso como suspeito da morte de Christine Sullivan?

– Sim.

– E tem certeza de que quer abrir mão do direito de ter um advogado para representá-lo? Podemos providenciar um defensor público ou pode chamar o seu.

– Tenho certeza.

– Você também entende que não é obrigado a dar nenhuma declaração à polícia? Que tudo o

que disser agora poderá ser usado contra você no tribunal?

– Sim, entendo.

Anos de experiência tinham ensinado a Frank que confissões feitas no início do caso poderiam se tornar um desastre para a Promotoria. Mesmo uma confissão voluntária pode ser destruída pela defesa, e quase sempre o resultado é a anulação de todas as provas obtidas por meio daquela confissão. O criminoso pode levar você direto ao corpo e ser libertado no dia seguinte, com o advogado dele sorrindo e rezando para que seu cliente jamais dê as caras na vizinhança dele. Mas Frank tinha o seu caso. Tudo o que Whitney acrescentasse seria lucro.

Ele encarou o prisioneiro tensamente.

– Então eu gostaria de lhe fazer algumas perguntas. Tudo bem?

– Tudo bem.

Frank disse a data completa e a hora, para que ficassem gravadas, e depois pediu a Luther que dissesse seu nome todo. Não conseguiram passar desse ponto. A porta se abriu e um policial uniformizado anunciou:

– O advogado dele está aí fora.

Frank olhou para Luther e desligou o gravador.

– Que advogado?

Antes que Luther pudesse responder, Jack entrou.

– Jack Graham. Sou o advogado do acusado. Tire o gravador daqui. Quero falar com meu cliente em particular.

Luther olhou espantado para Jack.

– Jack... – começou bruscamente.

– Cale a boca, Luther. – Jack olhou para os policiais. – Agora!

Os policiais começaram a se retirar. Frank e Jack se encararam e, assim que a porta foi fechada, Jack deixou a pasta em cima da mesa, mas não sentou.

– O que está acontecendo?

– Jack, você tem que ficar fora disso. Estou falando sério.

– *Você* foi me procurar. *Você* me fez prometer que eu estaria do seu lado. Pois muito bem, estou aqui!

– Ótimo, você cumpriu sua parte, agora pode ir.

– Tudo bem, eu vou. E o que você vai fazer?

– Isso não é da sua conta.

Jack se inclinou, deixando seus rostos muito próximos.

– O que você vai fazer? – insistiu.

Luther levantou a voz pela primeira vez:

– Vou confessar! Fui eu!

– Você a matou?

Luther desviou os olhos.

– Você matou Christine Sullivan?

Luther não respondeu. Jack o segurou pelos ombros.

– Você a matou?

– Sim.

Jack estudou o rosto dele. Depois pegou a pasta.

– Sou seu advogado, queira você ou não. E, até que eu descubra por que está mentindo para mim, nem pense em falar com a polícia. Se falar, terei que alegar que você está louco.

– Jack, agradeço o que está fazendo, mas...

– Olhe, Luther, Kate me contou o que aconteceu, disse o que ela fez e por quê. E deixe-me lhe dizer uma coisa: se você for condenado, sua filha nunca irá se recuperar. Está me entendendo?

Luther não disse mais nada. De repente a sala, que já era pequena, pareceu encolher e ficar do tamanho de um tubo de ensaio. Ele nem ouviu Jack saindo. Limitou-se a ficar ali sentado, olhando para a frente. Aquela era uma das poucas ocasiões na vida em que ele não tinha ideia do que devia fazer.



Jack se aproximou dos homens no corredor.

– Quem está no comando?

Frank olhou para ele.

– Tenente Seth Frank.

– Ótimo, tenente. Que fique registrado que meu cliente não abre mão de seus direitos e você não deve tentar falar sem que eu esteja presente. Entendido?

Frank cruzou os braços.

– Sim.

– Quem assumiu o caso na Promotoria?

– George Gorelick.

– Imagino que vocês farão uma acusação.

– O júri de instrução aprovou a indicição na semana passada.

Jack vestiu o sobretudo.

– Fico ciente.

– Fiança está fora de cogitação. Imagino que saiba disso.

– Bem, pelo que ouvi, acho que ele estará mais seguro com vocês. Fiquem de olho nele por mim.

Ao ouvir isso, o sorriso desapareceu dos lábios de Frank. Jack lhe entregou seu cartão e seguiu pelo corredor a passos firmes. Frank olhou para o cartão, para a sala de interrogatório e para o advogado de defesa, que se afastava depressa.

KATE HAVIA TOMADO BANHO e trocara de roupa. O cabelo molhado estava penteado para trás, caindo solto sobre os ombros. Usava um suéter índigo grosso de gola em V com uma camiseta branca por baixo. O jeans desbotado estava frouxo em seus quadris estreitos. Grossas meias de lã cobriam seus pés. Jack olhou para eles enquanto caminhavam de um lado para outro da sala. Ela estava um pouco melhor, mas o horror ainda se refletia em seus olhos. Ela parecia tentar combatê-lo mantendo-se em movimento.

Jack pegou um copo de refrigerante e se sentou de novo. Seus ombros estavam rígidos por causa da tensão. Como se percebesse isso, Kate parou atrás dele e começou a massageá-los.

- Ele não me falou que tinham feito um pedido formal de indicição – disse ela, furiosa.
- Você acha mesmo que a polícia não manipula as pessoas para conseguir o que quer?
- Parece que você está voltando a pensar como um advogado de defesa.

Ela apertou seu músculo com força, o que ele achou maravilhoso. Jack fechou os olhos. O rádio tocava “River of Dreams”, de Billy Joel. Qual é meu sonho?, ele perguntou a si mesmo. Seu objetivo de vida parecia estar sempre fugindo dele, como os raios de sol que tentamos pegar quando crianças.

- Como ele está?

A pergunta de Kate o tirou de seu devaneio. Jack engoliu o resto do refrigerante.

– Confuso. Perturbado. Nervoso. Tudo que nunca imaginei vê-lo sentir. A propósito, encontraram o fuzil. No segundo andar de uma daquelas casas velhas do outro lado da rua. Quem quer que tenha atirado, a esta altura já está bem longe. E não sei se a polícia se importa.

- Quando é a denúncia?

– Depois de amanhã, às dez horas. – Ele inclinou o pescoço e segurou a mão dela. – Vão pedir pena capital, Kate.

Ela interrompeu a massagem.

– Isso é besteira. Assassinato durante invasão e furto é considerado, no máximo, homicídio em primeiro grau. Mande o promotor estudar o Código.

– Ei, essa fala é minha, não? – brincou ele, tentando, sem sucesso, arrancar um sorriso dela. – A tese da Promotoria é que ele conseguiu invadir a casa e estava no meio do furto quando ela o surpreendeu em flagrante. Estão usando as provas de violência física, estrangulamento, espancamento e dois tiros na cabeça, para separar o homicídio do roubo. Acreditam que o homicídio deve ser classificado como um ato vil e depravado. Acrescentam a isso o sumiço das joias da Sra. Sullivan. Homicídio cometido durante assalto à mão armada é passível de pena capital.

Kate sentou e esfregou as coxas. Estava sem maquiagem e era uma dessas mulheres que não precisam disso. Mas a tensão estava ficando evidente em seu rosto, principalmente nos olhos e nas bolsas abaixo deles.

- O que você sabe a respeito de Gorelick? Ele é o promotor do caso.
- É um babaca arrogante, empolado, preconceituoso e incrivelmente eficiente no tribunal.
- Ótimo.

Jack levantou de onde estava e foi se sentar ao lado de Kate. Pegou o tornozelo dela e o massageou. Kate afundou no sofá e jogou a cabeça para trás. Sempre tinha sido assim quando estavam juntos. Sentiam-se tão relaxados e à vontade que os últimos quatro anos pareciam nunca ter acontecido.

– As provas que Frank me disse que tinha não seriam suficientes para abrir o processo. Não entendo, Jack.

Ele tirou as meias dela e massageou seus pés com as duas mãos, apalpando os ossos pequenos e finos.

– A polícia recebeu uma denúncia anônima dando a placa de um carro visto perto da casa de Sullivan na provável noite do crime. O automóvel fora confiscado e devia estar no depósito da polícia.

– E daí? A denúncia estava errada.

– Não. Luther uma vez me disse que era fácil pegar um carro apreendido pela polícia. Depois de fazer o serviço, bastaria devolvê-lo e pronto.

Kate não olhou para ele. Parecia estar estudando o teto.

– Que ótimas conversas vocês tinham. – Seu tom expressava a reprovação de sempre.

– Ora, Kate.

– Desculpe. – A voz dela pareceu cansada.

– A polícia examinou o tapete do carro. Foram encontradas fibras do carpete do quarto de Sullivan, além de uma mistura de terra muito peculiar, a mesma que o jardineiro usa no milharal ao lado da casa. A mistura era feita exclusivamente para Sullivan e não é encontrada em nenhum outro lugar. Conversei com Gorelick. Ele está bem confiante. Ainda não recebi os relatórios. Amanhã vou entrar com o pedido de revelação compulsória de tudo que a Promotoria souber.

– Mas e daí? Como isso liga meu pai ao crime?

– Conseguiram um mandado de busca para a casa e o carro de Luther. Acharam a mesma mistura de terra tanto no tapete do carro quando no da sala da casa.

Kate abriu lentamente os olhos.

– Ele esteve na casa limpando os malditos carpetes. As fibras podem ter vindo daí.

– E depois ele deu uma corrida no meio do milharal? Por favor, Kate!

– Alguém pode tê-lo seguido até a casa, levando a terra para dentro, e depois ele pisou nela.

– Eu poderia alegar isso, mas há um porém.

Ela sentou.

– Qual?

– Junto com a fibra e a terra, encontraram um solvente à base de petróleo. Durante as investigações, a polícia encontrou resquícios desse mesmo solvente no carpete do quarto. Acharam que o assassino tentou limpar uma mancha do seu próprio sangue. Tenho certeza de que eles têm um monte de testemunhas que podem jurar que esse produto nunca foi usado no carpete, nem mesmo pela empresa que fazia a limpeza. Isso prova que Luther só poderia ter pegado os resquícios desse solvente se tivesse estado na casa depois disso. Terra, fibras e solvente. É isso que liga seu pai ao crime.

Kate se recostou de novo.

– Além disso, descobriram o hotel em que Luther ficou hospedado na cidade. Encontraram um

passaporte falso e ficaram sabendo que ele tinha ido a Barbados. Dois dias depois do crime viajou de avião para o Texas, em seguida para Miami e, por fim, até Barbados. Uma fuga suspeita, não acha? Conseguiram o depoimento de um motorista de táxi que, sob juramento, afirmou ter levado Luther até a propriedade de Sullivan na ilha. Luther teria comentado com ele que estivera na casa de Sullivan na Virgínia. Para terminar, a polícia tem testemunhas que viram Luther e Wanda Broome juntos diversas vezes antes do crime. Uma amiga íntima de Wanda irá declarar que ela lhe dissera estar precisando muito de dinheiro. E que Christine Sullivan lhe falara sobre o cofre. Isso prova que Wanda Broome mentiu para a polícia.

– Agora entendo por que Gorelick foi tão generoso com as informações. Mas tudo isso é circunstancial.

– Kate, apesar de nenhuma prova direta ligar Luther à cena do crime, há tantas provas circunstanciais que os jurados vão pensar: “A quem você quer enganar? É claro que é culpado, seu filho da puta.” Vou rebater tudo o que puder, mas eles têm umas pedras bem pesadas para atirar. E, se Gorelick puder recorrer aos antecedentes de seu pai, talvez consiga acabar comigo.

– São muito antigos. Não provam nada. Apenas suscitam o preconceito. Ele nunca conseguirá usá-los. – As palavras de Kate demonstravam mais convicção do que ela realmente sentia. Afinal, como era possível ter certeza de qualquer coisa?

O telefone tocou. Ela hesitou antes de atender.

– Alguém sabe que você está aqui?

Jack balançou a cabeça.

– Alô?

A voz do outro lado era decidida, profissional:

– Srta. Whitney, aqui é Robert Gavin, do *Washington Post*. Gostaria de lhe fazer algumas perguntas sobre seu pai. Preferia vê-la pessoalmente, se possível.

– O que você quer?

– Ora, Srta. Whitney, seu pai é notícia de primeira página. Você é promotora pública. É uma história sensacional.

Kate desligou. Jack olhou para ela.

– Quem era?

– Um repórter.

– Meu Deus, como eles são rápidos.

Ela se sentou de novo, tão exausta que ele se assustou. Aproximando-se, pegou a mão dela.

De repente, Kate pegou o rosto dele e o virou para ela. Parecia aterrorizada.

– Jack, você não pode assumir esse caso.

– Claro que posso. Sou membro da Ordem dos Advogados da Virgínia. Já atuei em vários julgamentos de casos de homicídio. Sou altamente qualificado.

– Não é disso que estou falando. Sei que você é qualificado. Mas sua empresa não atua em casos criminais.

– E daí? Preciso começar de algum ponto.

– Jack, é sério. Sullivan é um cliente muito importante. *Você trabalhou para ele*. Li sobre isso no *Legal Times*.

– Não há nenhum conflito de interesses. Minha relação profissional com Sullivan não me deu



nenhuma informação que possa ser usada nesse caso. Além do mais, Sullivan não vai ser julgado. Seremos nós contra o Estado.

- Jack, não vão permitir que você atue no caso.
- Tudo bem, eu me demito. Abro meu próprio escritório.
- Não pode fazer isso. As coisas estão dando certo para você. Não pode estragar tudo. Não por causa disso.

- Então pelo quê? Sei que seu pai não ia espancar uma mulher e depois estourar os miolos dela com duas balas. Provavelmente ele foi lá para roubar, mas não matou ninguém, sei disso. E quer saber do que mais? Tenho certeza de que ele sabe quem a matou e era por isso que estava apavorado. Ele viu alguma coisa naquela casa, Kate. Ele viu *alguém*.

Kate expirou devagar enquanto absorvia aquelas palavras.

Jack suspirou e baixou a cabeça. Em seguida se levantou e vestiu o sobretudo. Puxou o cós da calça dela, de brincadeira.

- Quando fez sua última refeição de verdade?
- Não me lembro...
- Lembro que você enchia essa calça de um jeito um pouco mais agradável aos olhos masculinos.

Dessa vez ela sorriu.

- Muito obrigada.
- Nunca é tarde demais para tomar uma providência.
- Qual é sua proposta?
- Costela, salada de repolho e algo mais forte que Coca-Cola. Que tal?

Ela não hesitou.

- Vou pegar meu casaco.

Na rua, Jack abriu a porta do Lexus para que ela entrasse. Viu que Kate observava cada detalhe do carro luxuoso.

- Segui seu conselho. Achei que devia gastar parte do meu dinheiro ganho com tanta dificuldade.

Assim que Jack entrou no carro, um homem surgiu ao lado da porta do carona.

Usava um chapéu mole, tinha barba grisalha bem-aparada e um bigode fino. O sobretudo marrom estava abotoado até o pescoço. Em uma das mãos segurava um pequeno gravador e, na outra, uma credencial de imprensa.

- Bob Gavin, Srta. Whitney. Acho que a ligação caiu.

Virou-se para Jack e franziu as sobrancelhas.

- Você é Jack Graham, advogado de Luther Whitney. Vi você na delegacia.
- Parabéns, Sr. Gavin, o senhor tem a visão perfeita e um sorriso encantador. Até mais.
- Espere um minuto. Por favor, só um minuto. O público tem o direito de ser informado sobre o caso.

Jack ia começar a falar alguma coisa, mas Kate o antecedeu.

- E será, Sr. Gavin. É para isso que servem os julgamentos. Tenho certeza de que o senhor terá um lugar na primeira fila. Tchau.

O Lexus se afastou. Gavin pensou em correr até seu carro, mas desistiu. Aos 46 anos, seu corpo

fraco e maltratado sem dúvida estava na faixa de risco de ataque cardíaco. O jogo estava apenas começando. Mais cedo ou mais tarde ele os pegaria. Levantou a gola do sobretudo para se proteger do vento e foi embora.



Era quase meia-noite quando o Lexus parou na frente do prédio de Kate.

- Tem certeza de que quer fazer isso, Jack?
- Caramba, Kate, nunca gostei dos murais mesmo.
- O quê?
- Vá dormir um pouco. Nós dois vamos precisar.

Ela já ia abrir a porta, mas hesitou. Virou-se para ele. Pôs nervosamente o cabelo atrás da orelha. Dessa vez não havia dor em seu olhar. Era outra coisa, que Jack não soube definir. Alívio, talvez?

- Jack, as coisas que você disse na outra noite...

Ele engoliu em seco e apertou o volante com as duas mãos. Estivera se perguntando quando aquilo viria à tona.

- Kate, andei pensando nisso...

Ela levou a mão aos lábios dele e suspirou de leve.

- Você estava certo, Jack... sobre muitas coisas.

Ele a observou entrar no prédio e só então partiu.

Quando chegou em casa, a secretária eletrônica estava cheia de recados. Ele fez a única coisa sensata: fingir que eles não existiam. Tirou o telefone da tomada, apagou as luzes e foi dormir.

Não foi fácil.

Tinha agido de modo muito confiante na frente de Kate. Mas a quem estava enganando? Assumir aquele caso sozinho, sem falar com ninguém da PS&L, era um suicídio profissional. Mas de que teria adiantado falar? Já sabia a resposta. Os sócios prefeririam cortar os pulsos a aceitar Luther Whitney como cliente.

Mas Jack era advogado e Luther precisava de um advogado. Assuntos importantes desse tipo nunca são simples, mas é justamente por isso que nos esforçamos tanto para manter as coisas o mais nítidas possível, preto no branco. Bom. Ruim. Certo. Errado. Não era fácil a vida de um advogado, que sempre tinha que procurar a área cinzenta de tudo. Advogar para qualquer um dos lados, dependendo apenas de quem é o cliente, quem está pagando os honorários.

Ele tinha tomado sua decisão. Um velho amigo estava lutando para salvar a própria vida e pedira sua ajuda. Não importava que de repente tivesse se tornado relutante. As pessoas acusadas de crimes raramente são as mais dispostas a cooperar. Luther pedira sua ajuda e iria recebê-la. Não havia dúvida quanto a isso. Não tinha mais volta.

DAN KIRKSEN ABRIU O *Washington Post* e pegou o copo de suco de laranja, mas não chegou a encostá-lo nos lábios. Gavin tinha conseguido publicar uma matéria sobre o caso Sullivan que consistia basicamente da informação de que Jack Graham, recentemente feito sócio da Patton, Shaw & Lord, era o advogado de defesa. Kirksen telefonou imediatamente para a casa de Jack. Ninguém atendeu. Ele se trocou, chamou o carro e, às oito e meia, cruzava a recepção da empresa. Passou pela antiga sala de Jack, ainda cheia de caixas e itens pessoais. O novo escritório dele ficava no fim do corredor, perto do de Lord. Uma beleza de seis metros por seis, com um pequeno bar, mobiliário tradicional e uma vista panorâmica da cidade. Melhor que o dele próprio, pensou Kirksen com uma careta.

A cadeira estava virada de costas para a porta. Kirksen não se deu o trabalho de bater. Entrou pisando duro e largou o jornal em cima da mesa.

Jack se virou lentamente e deu uma espiada no jornal.

– Bem, pelo menos eles escreveram o nome da firma direito. Uma ótima publicidade. Pode trazer alguns casos importantes.

Kirksen sentou sem tirar os olhos de Jack. Falou devagar, como se conversasse com uma criança:

– Você ficou maluco? Não atuamos em direito criminal. Não lidamos com nenhum tipo de litígio. – Kirksen levantou-se abruptamente. A testa larga reluzia, rosada, e seu corpo pequeno tremia de raiva. – Principalmente nesse caso. Esse animal matou a esposa do nosso maior cliente – disse, com voz aguda.

– Não é bem assim. Não atuávamos em direito criminal, mas agora atuamos. E aprendi na faculdade que o réu é inocente até que sua culpa seja provada, Dan. Talvez você tenha esquecido isso. – Sorrindo, Jack encarou Kirksen com firmeza. *Quatro milhões contra seiscentos mil. É melhor baixar a bola, seu babaca.*

Kirksen balançou lentamente a cabeça e revirou os olhos.

– Jack, talvez você não tenha entendido bem quais são os procedimentos antes de aceitar um caso. Vou pedir a minha secretária que lhe entregue as orientações. Enquanto isso, tome as medidas necessárias para desvincular seu nome e o desta empresa desse caso imediatamente.

Com um gesto de desdém, Kirksen virou-se para sair. Jack se levantou.

– Escute, Dan, aceitei esse caso e vou defendê-lo. Não me interessa o que você e as regras da empresa acham disso. Feche a porta quando sair.

Kirksen se virou devagar e encarou Jack com seus olhos castanhos intensos.

– Cuidado, Jack. Sou o sócio-gerente.

– Eu sei que é, Dan. Por isso mesmo deve ser capaz de gerenciar o fechamento dessa maldita porta ao sair.

Sem dizer mais nada, Kirksen deu meia-volta e saiu, batendo a porta.

A cabeça de Jack finalmente parou de latejar e ele voltou ao trabalho. Faltava pouco para terminar com os documentos. Queria dar entrada nos papéis antes que alguém tentasse impedir-lo. Imprimiu tudo, assinou e chamou o mensageiro. Depois se recostou na cadeira. Eram quase

nove horas. Tinha que sair. Iria se encontrar com Luther às dez. A cabeça de Jack estava cheia de perguntas para fazer a seu cliente. Então se lembrou daquela noite fria no Mall, da expressão nos olhos de Luther. Jack faria as perguntas. Esperava ter forças para lidar com as respostas.

Vestiu o paletó e em poucos minutos estava no carro, a caminho do presídio do condado de Middleton.



Segundo a Constituição e o código criminal da Virgínia, o Estado deve informar ao réu qualquer indício que o incrimine. Se não fizer isso, o promotor pode arruinar sua carreira, ter a condenação anulada e ver o réu ser solto mediante uma simples apelação.

Eram justamente essas regras que estavam dando a Seth Frank uma grande dor de cabeça.

Sentado em sua sala, pensou no prisioneiro sozinho em uma cela a menos de um minuto dali. Sua atitude calma e aparentemente inofensiva não perturbava Frank. Alguns dos piores criminosos que já prendera pareciam ter acabado de sair da igreja, mesmo que houvessem arrebatado a cabeça de alguém. Gorelick estava montando um bom processo, reunindo metodicamente uma porção de fios que, quando unidos na frente do júri, resultariam numa corda para enforcar Luther Whitney. Isso também não perturbava Frank.

O que o incomodava eram todas as coisas que ainda não se encaixavam. Os ferimentos. Duas armas. Uma bala extraída da parede. O quarto desinfetado como se fosse um centro cirúrgico. O fato de ele ter ido a Barbados e voltado. Luther Albert Whitney era um profissional. Frank passara a maior parte dos últimos quatro dias aprendendo tudo o que podia sobre ele. O cara tinha conseguido executar um crime perfeito. Roubara milhões do cofre e deixara um rastro frio para a polícia. Tinha até saído do país. E mesmo assim voltara. Profissionais não agem assim. Frank entenderia se ele tivesse voltado por causa da filha, mas tinha checado com a companhia aérea. Luther Whitney, viajando com nome falso, retornara aos Estados Unidos muito antes de Frank ter combinado o plano com Kate.

E o maior problema era: ele realmente acreditava que Luther Whitney tivesse algum motivo para examinar a vagina de Christine Sullivan? Além do mais, alguém havia tentado matá-lo. Aquela era uma das poucas vezes em que Frank tinha mais perguntas *depois* de prender o suspeito do que antes.

Apalpou os bolsos em busca de um cigarro. Desistira do chiclete havia muito tempo. Tentaria parar de novo no ano seguinte. Quando levantou a cabeça, Bill Burton estava à sua frente.



– Veja bem, Seth, não tenho como provar nada, mas estou lhe dizendo o que acho que aconteceu.

–Você tem certeza de que o presidente contou a Sullivan?

Burton assentiu e mexeu numa caneca vazia em cima da mesa de Frank.

– Estou vindo de uma reunião com ele. Eu devia ter dito a ele que não falasse nada. Sinto muito, Seth.

– Caramba, Bill, ele é o presidente. Você vai dizer ao presidente o que ele deve fazer?

Burton deu de ombros.

– E aí? O que você acha?

– Faz sentido. Posso lhe garantir que não vou deixar isso passar. Se Sullivan estiver por trás do atentado, eu o indiciarei também, não importa sua justificativa. Aquele tiro podia ter atingido qualquer pessoa.

– Bem, conhecendo o modo como Sullivan opera, acho que você não vai conseguir muita coisa. A esta altura o atirador deve estar em alguma ilha do Pacífico, com um rosto diferente e uma centena de pessoas dispostas a jurar que ele nunca esteve nos Estados Unidos.

Frank terminou de fazer uns registros.

Burton o examinou.

– Conseguiu alguma coisa com Whitney?

– O advogado dele o proibiu de falar.

Burton pareceu não se importar.

– Quem é o advogado dele?

– Jack Graham. Trabalhou na Defensoria Pública. Agora é sócio de um desses escritórios de advocacia importantes. Está aí com Whitney.

– Ele é bom?

– Sabe o que está fazendo.

Burton se levantou para ir embora.

– Quando será feita a denúncia?

– Amanhã, às dez.

– Você vai levar Whitney?

– Vou. Quer ir junto?

Burton tapou os ouvidos.

– Não quero saber nada sobre isso.

– Como assim?

– Não quero que Sullivan tenha a chance de ser informado.

– Acha que ele vai tentar alguma coisa de novo?

– A única coisa que sei é que nem eu nem você temos a resposta para essa pergunta. No seu lugar, eu tomaria algumas providências especiais.

Frank olhou para Burton, sério.

– Tome conta do nosso rapaz, Seth. Ele tem uma reserva no corredor da morte em Greenville.

Burton saiu.

Frank permaneceu sentado por alguns minutos. O que Burton dissera fazia sentido. Talvez tentassem de novo. Pegou o telefone, discou um número, falou por um tempo e desligou. Tomara todas as precauções que podia imaginar com relação ao transporte de Luther. Dessa vez a informação não vazaria.



Jack deixou Luther na sala de interrogatório e foi até a máquina de café no corredor. À sua frente andava um cara grandão, de terno alinhado e postura elegante. Ele se virou exatamente

quando Jack ia passar por ele. Os dois se esbarraram.

– Desculpe.

Jack esfregou o ombro, que tinha batido na arma dentro do coldre.

– Tudo bem.

– Você é Jack Graham, não é?

– Depende de quem quer saber.

Jack estudou o homem. Se estava armado, não era repórter. Pelo modo como gesticulava, os dedos sempre prontos para entrar em ação, parecia mais um policial. Seus olhos observavam cada detalhe, sem chamar atenção.

– Bill Burton, Serviço Secreto dos Estados Unidos.

Os dois se cumprimentaram com um aperto de mãos.

– Pode-se dizer que sou o olheiro do presidente neste caso.

Os olhos de Jack se concentraram nas feições de Burton.

– Ah, sim, a entrevista coletiva. Bem, acho que seu chefe está bastante satisfeito esta manhã.

– Estaria, se não fosse a grande confusão no resto do mundo. Quanto ao seu cliente... Bem, os réus só são culpados se o tribunal disser que são.

– É isso aí. Quer fazer parte do meu júri?

Burton sorriu.

– Vá com calma. Foi um prazer falar com você.



Jack pousou os dois copos de café na mesa e olhou para Luther. Em seguida sentou e desviou o olhar para seu bloco, em branco.

– Luther, se você não começar a dizer alguma coisa, vou ter que montar a defesa durante o processo.

Luther tomou um gole do café forte e olhou pela janela gradeada, para um carvalho sem folhas que ficava ao lado do presídio. Estava nevando. A temperatura continuava caindo e as ruas já estavam caóticas.

– O que posso dizer, Jack? Consiga um acordo para mim, poupe a todos o aborrecimento de um julgamento e acabe logo com isso.

– Você não está entendendo, Luther. Quer um acordo? Pois esta é a proposta deles: amarram você numa maca, espetam um cateter na sua veia, injetam uns venenos e fingem que você é uma experiência química. Se bem que acho que agora o Estado deixa o condenado escolher. Você pode optar por ter seu cérebro frito na cadeira elétrica. Esta é a proposta deles.

Jack se levantou e foi até a janela. A ideia de uma noite feliz na mansão, diante da lareira, com pequenos Jacks e Jennifers correndo de um lado para outro, passou por sua cabeça por um momento. Engoliu em seco, balançou a cabeça para clarear as ideias e olhou de novo para Luther.

– Está me ouvindo, Luther?

– Estou. – Pela primeira vez Luther encarou Jack, com o olhar firme.

– Luther, por favor, me diga o que aconteceu. Pode ser que você estivesse na casa, pode ser que tenha roubado o cofre, mas nunca me convencerá que teve algo a ver com a morte daquela mulher. Conheço você, Luther.

O velho sorriu.

– Conhece, Jack? Que ótimo. Talvez possa me dizer quem eu sou um dia desses.

Jack jogou o bloco dentro da pasta e a fechou com um estalido.

– Vou declarar sua inocência. Talvez você mude de ideia antes que o julgamento comece. – Ele fez uma pausa e acrescentou rapidamente: – Espero que mude.

Jack se virou para ir embora. A mão de Luther pousou em seu ombro. Ao se virar, Jack deparou com o rosto trêmulo de seu cliente.

– Jack. – Luther engoliu em seco. – Se eu pudesse, lhe contaria. Mas isso não faria bem algum a você, a Kate nem a ninguém. Desculpe.

– Kate? Do que você está falando?

– Até breve, Jack. – Luther se virou e ficou olhando pela janela.

Jack olhou para o amigo, balançou a cabeça e bateu na porta para chamar o guarda.



A neve tinha mudado, passando de flocos grandes e macios a bolinhas de gelo que batiam nas amplas janelas como seixos lançados por um estilingue. Kirksen não prestava atenção no clima, mas sim em Lord. A gravata-borboleta do sócio-gerente estava ligeiramente torta. Ele viu isso em sua imagem refletida na vidraça e a endireitou com raiva. Sua testa larga estava vermelha de fúria e indignação. Aquele merdinha ia ter o que merecia. Ninguém falava com ele daquele jeito.

Sandy Lord examinou as formas escuras que compunham a paisagem da cidade. Tinha um charuto aceso na mão direita. Estava sem paletó e sua imensa barriga encostava na janela. As tiras vermelhas do suspensório se destacavam contra a camisa branca com monograma e engomada.

– Ele está arruinando o relacionamento que esta empresa e *você* têm com Walter Sullivan. Não consigo nem imaginar o que Walter pensou ao ler o jornal hoje de manhã. A empresa que o representa, seu próprio advogado, defendendo aquele... aquele sujeito. Meu Deus!

Lord assimilou apenas uma parte do discurso de Kirksen. Não tinha notícias de Sullivan havia alguns dias. Os telefonemas para seu escritório ou sua casa não tinham sido atendidos nem retornados. Ninguém sabia onde ele estava. Isso não era típico de seu velho amigo, que mantinha contato constante com um círculo muito íntimo e especial, do qual Sandy Lord fazia parte havia muitos anos.

– Sandy, sugiro que tomemos uma providência imediata contra Graham. Não podemos aceitar isso. Seria um precedente terrível. Não me interessa se Baldwin é cliente dele. Caramba, Baldwin conhece Walter. Também deve estar furioso com toda esta situação lastimável. Podemos convocar uma reunião do comitê administrativo para hoje à noite. Não deve levar muito tempo para chegarmos a uma conclusão. Aí...

Lord finalmente levantou a mão para interromper Kirksen.

– Deixe que eu cuido disso.

– Mas, Sandy, como sócio-gerente, acredito que...

Lord se virou e fuzilou Kirksen com os olhos, que estavam vermelhos.

– Já falei que vou cuidar disso.

Lord virou-se de novo para a janela. Não se importava nem um pouco com o orgulho ferido de Kirksen. O que o preocupava era o fato de alguém ter tentado matar o suspeito pela morte de



Jack estacionou, deu uma espiada do outro lado da rua e fechou os olhos. Não adiantou nada, pois a placa especial do carro de Jennifer parecia gravada em sua memória. Saltou e atravessou a rua escorregadia, driblando o tráfego.

Enfiou a chave na fechadura, respirou fundo e abriu a porta. Jennifer estava sentada na pequena poltrona perto da TV. A saia preta curta combinava com os sapatos pretos de salto alto e as meias pretas bordadas. A blusa branca, aberta na gola, deixava à mostra um colar de esmeraldas que iluminava a sala. Um sobretudo de zibelina estava cuidadosamente dobrado sobre a coberta que escondia os rasgos do sofá velho. Ela tamborilava com as unhas e olhou para ele sem dizer nada, os lábios grossos e vermelhos contraídos.

– Oi, Jenn.

– Você andou muito ocupado nas últimas 24 horas, Jack. – Ela não sorriu. Continuou batendo com as unhas.

– Tenho que ganhar a vida, você sabe disso.

Ele tirou o paletó, desfez o nó da gravata e foi à cozinha pegar uma cerveja. Quando voltou, sentou no sofá, de frente para ela.

– Consegui um cliente novo hoje.

Ela pegou o *Post* dentro da bolsa e jogou para ele.

– Estou sabendo.

Jack deu uma olhada nas manchetes.

– Sua empresa não vai permitir que você assuma o caso.

– Que pena, já assumi.

– Você sabe do que estou falando. Pelo amor de Deus, Jack, o que deu em você?

– Jenn, eu conheço o cara, está bem? É meu amigo. Não acredito que tenha matado aquela mulher e vou defendê-lo. Advogados fazem isso todos os dias em todos os lugares do mundo.

Ela se inclinou para a frente.

– Estamos falando de Walter Sullivan, Jack. Pense no que está fazendo.

– Eu sei que é Walter Sullivan, Jenn. E daí? Luther Whitney não merece uma boa defesa só porque alguém *disse* que ele matou a esposa de Sullivan? Desculpe, mas onde está escrita essa regra?

– Walter Sullivan é seu cliente.

– Luther Whitney é meu amigo e eu o conheço há muito mais tempo do que Walter Sullivan.

– Jack, esse homem é um criminoso comum. Passou a vida toda sendo preso.

– Na verdade, ele não era preso havia vinte anos.

– Ele já foi condenado.

– Mas não por homicídio – retrucou Jack.

– Jack, há mais advogados nesta cidade do que criminosos. Por que não deixa outra pessoa cuidar desse caso?

Jack olhou para sua cerveja e ofereceu:

– Você quer uma?



– Responda à minha pergunta.

Jack se levantou e jogou a garrafa na parede.

– Porque ele me pediu, porra!

Jennifer levantou os olhos para ele, a expressão assustada desaparecendo assim que os cacos de vidro e a cerveja chegaram ao chão. Ela pegou o casaco e o vestiu.

– Você está cometendo um grande erro e espero que tome juízo antes que provoque estragos *irreversíveis*. Meu pai quase teve um infarto quando leu a história no jornal.

Jack pôs a mão no ombro dela, virou seu rosto para ele e disse, com serenidade:

– Jenn, eu tenho que fazer isso. Gostaria que você me apoiasse.

– Jack, por que não para de beber cerveja e começa a pensar no que quer para o resto de sua vida?

Quando a porta se fechou, Jack praticamente desabou contra ela. Ficou ali parado, esfregando a cabeça com tanta força que achou que a pele fosse se soltar.

Pelos vidros sujos da pequena janela viu o carro de Jennifer sumir em meio a uma nuvem de neve. Então sentou e leu as manchetes de novo.

Luther queria fazer um acordo, mas isso não seria possível. O circo estava armado. Todo mundo queria assistir àquele julgamento. Os noticiários haviam transmitido uma análise detalhada do caso. Centenas de milhões de pessoas já tinham visto a foto de Luther. A opinião pública fora consultada sobre sua inocência ou sua culpa, e o resultado das pesquisas não era nada bom para ele. Gorelick vibrava de satisfação, acreditando que aquele caso poderia alçá-lo ao cargo de procurador-geral do estado em alguns anos. E, na Virgínia, os procuradores-gerais quase sempre se candidatam e são eleitos governadores.

Baixinho, careca e pretensioso, Gorelick era tão mortífero quanto uma cascavel. Táticas sujas, ética questionável, esperando a primeira oportunidade para apunhalar os outros pelas costas. Jack sabia que seria uma briga longa e difícil.

E Luther não estava falando. Estava apavorado. Mas o que Kate tinha a ver com isso? Nada fazia sentido. E o pior era que, no dia seguinte, Jack iria ao tribunal para afirmar que Luther era inocente, sem ter como provar isso. No entanto, as provas eram responsabilidade do Estado. O problema era que a Promotoria tinha indícios suficientes para acusá-lo. Jack ia fazer o possível, mas seu cliente já havia sido condenado três vezes, o que pesava bastante, mesmo que não houvesse nenhuma nova passagem pela polícia nos últimos vinte anos. Ninguém se importaria com isso. E por que deveriam? Aquele homem daria um final perfeito para uma história trágica.

Jack jogou o jornal longe e limpou os cacos de vidro e a cerveja do chão. Esfregou a nuca, sentiu a flacidez em seus braços e foi para o quarto vestir uma roupa de ginástica.



A Associação Cristã de Moços ficava a dez minutos de sua casa. Por sorte, Jack conseguiu uma vaga bem na porta e entrou. O sedã preto que vinha atrás dele não teve a mesma sorte. O motorista precisou dar várias voltas no quarteirão, seguir um pouco à frente e estacionar do outro lado da rua.

O motorista esfregou a janela do lado do passageiro e observou a fachada da ACM. Decidido, saltou do carro e correu até a escada. Olhou em volta, deu uma espiada no Lexus e só então

entrou no ginásio.

Três partidas de basquete depois, Jack suava em bicas. Sentou no banco enquanto os garotos continuavam a correr pela quadra, com a inesgotável energia da juventude. Jack gemeu quando um rapaz negro, alto e desengonçado, usando uma bermuda larga da ACM, camiseta sem manga e tênis enormes, arremessou a bola para ele, que a devolveu.

– Ei, cara, está cansado?

– Não, só velho.

Jack levantou, massageou as coxas doídas e foi embora.

Ao sair do prédio, sentiu a mão de alguém em seu ombro.



Enquanto dirigia, Jack olhou de relance para seu passageiro.

Seth Frank estudava o interior do Lexus.

– Ouvi falar muito bem deste carro. Quanto custou, se não se importa que eu pergunte.

– Quarenta e nove mil e quinhentos. Completo.

– Caramba! Não ganho isso em um ano de trabalho.

– Até pouco tempo eu também não ganhava.

– Defensores públicos não ganham muito, ouvi dizer.

– É verdade.

Os dois homens ficaram em silêncio. Frank sabia que devia estar violando mais regras do que as que já tinham sido criadas, e Jack sabia disso também.

Finalmente Jack olhou para ele.

– Tenente, imagino que não veio aqui só para verificar meu gosto com relação a carros. O que você quer?

– Gorelick vai conseguir uma vitória contra seu cliente.

– Talvez sim, talvez não. Não vou jogar a toalha, se é isso que quer saber.

– Vai declará-lo inocente?

– Não. Vou levá-lo até Greenville e injetar pessoalmente aquela porra de veneno nele.

Próxima pergunta.

Frank sorriu.

– Tudo bem, eu mereci. Acho que precisamos conversar. Há algumas coisas neste caso que não batem. Talvez ajudem ou prejudiquem Luther, não sei. Está disposto a ouvir?

– Tudo bem, mas não pense que vou dividir minhas informações com você.

– Conheço um lugar que tem um ótimo bolo de carne e um café passável.

– É discreto? Você não fica bem de uniforme.

Frank olhou para ele, sorrindo.

– Próxima pergunta.

Jack também sorriu e foi até sua casa trocar de roupa.



Jack pediu outro café enquanto Frank ainda enrolava com o primeiro. O bolo de carne era

realmente delicioso e o lugar era tão isolado que Jack não sabia dizer exatamente onde estavam. Talvez na parte rural ao sul de Maryland. O salão tinha alguns outros clientes. Ninguém prestava muita atenção neles.

Frank o olhava como se sorrisse intimamente.

– Pelo que entendi, você teve alguma coisa com Kate Whitney tempos atrás.

– Ela lhe contou isso?

– Claro que não. Ela foi à delegacia um pouco depois de você ter saído. O pai não quis vê-la.

Conversei com ela por um tempo. Falei que sentia muito pelo rumo que as coisas tinham tomado. – Os olhos de Frank brilharam por um momento e ele continuou: – Eu não devia ter feito o que fiz, Jack. Usá-la para pegar o pai. Ninguém merece isso.

– Mas funcionou. Algumas pessoas diriam que não se discute com o sucesso.

– Bem, de qualquer forma a conversa acabou nos levando a você. Não estou tão velho a ponto de não ver um brilho diferente nos olhos de uma mulher.

A garçonete trouxe o café de Jack. Ele tomou um gole. Os dois homens olharam pela janela. Finalmente havia parado de nevar e o chão parecia coberto por uma manta branca e macia.

– Jack, sei que o caso contra Luther é baseado em provas circunstanciais. Mas isso já mandou muita gente para a cadeia.

– Eu sei.

– A verdade é que tem um monte de coisas neste caso que não fazem sentido.

Jack pousou o café e se inclinou para a frente.

– Estou ouvindo.

Frank deu uma olhada em torno e depois se concentrou em Jack.

– Sei que estou me arriscando em fazer isto, mas não sou policial para prender as pessoas por crimes que não cometeram. O mundo está cheio de culpados soltos por aí.

– E então, o que não faz sentido?

– Você vai ver algumas coisas nos relatórios. O fato é que estou convencido de que Luther Whitney roubou a casa. Mas também estou convencido de que ele não matou Christine Sullivan. E...

– E você acha que ele viu quem a matou.

Frank se recostou na cadeira, olhando espantado para Jack, e perguntou:

– Há quanto tempo acha isso?

– Não muito. Tem alguma ideia a esse respeito?

– Acho que, se o cara quase é pego com a boca na botija, tem que escondê-la.

Jack não entendeu. Frank levou alguns minutos explicando sobre o cofre, a incongruência das provas e suas próprias dúvidas.

– Então Luther fica o tempo todo dentro do cofre observando quem está com a Sra. Sullivan. De repente acontece alguma coisa e ela leva dois tiros. E Luther também vê o culpado limpar todas as provas.

– Foi exatamente o que pensei, Jack.

– Ele não procura a polícia porque não quer se incriminar.

– Isso explica muita coisa.

– Exceto quem matou a Sra. Sullivan.

– O único suspeito óbvio é o marido, mas não acredito que tenha sido ele.

Jack pensou em Walter Sullivan.

– Concordo. Quem não é tão óbvio?

– A pessoa que se encontrou com ela naquela noite.

– Pelo que você me falou da vida sexual dela, o número de suspeitos fica reduzido a uns dois milhões.

– Eu não disse que seria fácil.

– Bem, acho que não se trata de um zé-ninguém.

– Por quê?

Jack tomou outro gole de café e olhou para sua fatia de torta de maçã.

– Olhe, tenente...

– Pode me chamar de Seth.

– O.k., Seth, sinto-me como se estivesse andando na corda bamba. Agradeço a informação, mas...

– Mas não está seguro de que pode confiar em mim e não quer se arriscar a dizer algo que possa prejudicar seu cliente.

– Mais ou menos isso.

– Eu entendo.

Seth e Jack pagaram a conta e foram embora. No caminho de volta, começou a nevar com tanta intensidade que os limpadores de para-brisa quase não davam conta do recado.

Jack olhou para Frank, que estava virado para a frente, perdido em pensamentos ou talvez apenas esperando que o outro falasse.

– Tudo bem, vou correr o risco – disse Jack. – Não tenho muito a perder mesmo, não é?

Frank continuou olhando para a frente.

– Não que eu saiba.

– Vamos supor que Luther estivesse dentro da casa e tenha visto a mulher ser assassinada.

Frank olhou para Jack com uma expressão de alívio.

– O.k.

– Você teria que conhecer Luther, saber como ele pensa, para entender como reagiria numa situação dessas. Talvez ele seja a pessoa mais inabalável que já conheci. E, apesar de seu histórico, é extremamente responsável e digno de confiança. Se eu tivesse filhos e precisasse deixá-los com alguém, deixaria com Luther, porque sei que nada de ruim aconteceria enquanto ele estivesse de olho. Também é incredivelmente inteligente. Luther vê tudo, é muito controlador.

– Ele vê tudo, menos que sua filha estava preparando uma armadilha para ele.

– Sim, menos isso. Ele não perceberia isso nem em um milhão de anos.

– Mas conheço o tipo de gente de que você está falando, Jack. Alguns dos caras que prendi estão entre as pessoas mais honradas que já conheci, o único senão é o hábito de se apoderarem das coisas dos outros.

– Se Luther viu Christine Sullivan ser assassinada, eu lhe garanto que daria um jeito de contar à polícia. Não deixaria isso passar! – Jack calou-se, olhando firmemente pela janela.

– A menos...

– A menos que tivesse um motivo muito forte. Como ser alguém conhecido, não apenas dele,

mas de forma geral.

– Você está sugerindo alguém que as pessoas jamais fossem acreditar que tivesse cometido o crime? Então Luther pensaria: “Por que me dar o trabalho de ir à polícia?”

– E não é só isso, Seth – Jack fez uma curva e estacionou perto da ACM. – Antes disso, eu nunca tinha visto Luther com medo. E agora ele está apavorado. Não sei por que está decidido a assumir a culpa. Pelo amor de Deus, ele chegou a sair do país!

– E voltou.

– Certo. Ainda não entendi isso. A propósito, você tem a data?

Frank abriu o caderninho de notas e deu a informação a Jack.

– O que será que aconteceu entre a morte de Christine Sullivan e a data de sua volta?

Frank balançou a cabeça.

– Pode ter sido qualquer coisa.

– Não. Foi algo específico e, se conseguirmos descobrir o quê, talvez possamos entender o caso.

Frank guardou seu caderninho e, distraidamente, passou a mão pelo painel do carro.

Jack se recostou no banco.

– E Luther não está com medo só por ele. Por algum motivo, ele teme por Kate também.

Frank ficou intrigado.

– Você acha que alguém ameaçou Kate?

Jack balançou a cabeça.

– Não. Ela teria me contado. Acho que alguém conseguiu transmitir a mensagem a Luther: ou ele fica de boca fechada ou...

– Acha que foi a mesma pessoa que tentou matá-lo?

– Talvez. Não sei.

Frank cerrou os punhos e olhou pela janela do carro. Respirou fundo e se virou para Jack.

– Você tem que convencer Luther a falar. Se ele nos dissesse quem matou Christine Sullivan, eu recomendaria liberdade condicional e serviço comunitário em troca de sua cooperação. Ele não seria preso. Caramba, Sullivan provavelmente até deixaria que ficasse com o dinheiro do roubo se ele nos levasse ao assassino.

– Você recomendaria?

– Digamos que eu faria Gorelick engolir isso. Está bom assim?

Frank estendeu a mão. Jack também estendeu a sua, devagar, encarando o policial.

– Claro que está.

Frank saltou do carro e meteu a cabeça pela janela.

– No que me diz respeito, a noite de hoje nunca aconteceu. Jamais repetirei o que foi dito, sem exceções. Nem no banco das testemunhas. Estou falando sério.

– Obrigado, Seth.

Seth Frank caminhou lentamente até seu carro, enquanto o Lexus saía, virava a esquina e sumia.

Entendia perfeitamente o tipo de cara que Luther Whitney era. Mas o que assustaria tanto um homem como ele?

ERAM SETE E MEIA da manhã quando Jack parou o carro no estacionamento da delegacia de Middleton. A manhã estava clara, mas fazia um frio cortante. Em meio a várias radiopatrulhas cobertas de neve havia um sedã preto com o capô já frio, o que indicava que Seth Frank era um madrugador.

Luther estava diferente: a roupa laranja de presidiário fora substituída por um terno marrom e uma gravata listrada conservadora e profissional. Com seu cabelo grisalho farto e bem-penteado e um resquício do bronzado que conseguira em Barbados, Luther passaria facilmente por um corretor de seguros ou sócio de uma firma de advocacia. Alguns advogados de defesa guardam as melhores roupas para o julgamento, para que o júri veja que o acusado não é um homem ruim, apenas incompreendido. Mas Jack insistiria sempre no terno. Não era um simples truque. Tinha a firme convicção de que Luther não merecia desfilas por aí com aquela roupa laranja. Sim, ele era um criminoso, mas não do tipo que agrediria alguém que se aproximasse demais. Caras assim merecem usar a roupa laranja nem que seja só para destacá-los das outras pessoas.

Jack nem se deu o trabalho de abrir a pasta. A rotina era a mesma de sempre. As acusações contra Luther seriam lidas para ele. O juiz perguntaria se ele compreendia e em seguida Jack o declararia inocente. Então o juiz explicaria detalhadamente as possíveis consequências da declaração de inocência, perguntaria se Luther tinha entendido e se estava satisfeito com seu advogado. O único problema era que Jack tinha a desagradável sensação de que Luther podia mandá-lo para o inferno na frente do juiz e se declarar culpado. Não seria a primeira vez. O maldito juiz podia simplesmente aceitar a confissão de Luther, embora o mais provável fosse ele seguir à risca o código, já que, num caso passível de pena de morte, qualquer erro durante o processo pode servir de base para uma apelação. E apelações de penas de morte tendem a se prolongar eternamente. Jack teria que arriscar.

Com sorte todo o procedimento levaria apenas cinco minutos. Então o julgamento seria marcado e a verdadeira diversão iria começar.

Como o Estado entrara com uma acusação formal contra Luther, ele não tinha direito a uma audiência preliminar. Não que isso fosse útil para Jack, mas ele poderia dar uma olhada rápida no processo montado pela Promotoria, estudando os depoimentos das duas testemunhas, embora os juízes em geral não deixassem os advogados de defesa usar as audiências preliminares com interrogatórios indefinidos.

Poderia também ter dispensado a leitura da denúncia, mas a ideia de Jack era fazer a Promotoria trabalhar duro. E queria Luther no tribunal, para que todo mundo o visse, para declará-lo inocente em alto e bom som. Depois atacaria Gorelick com um pedido de desaforamento e tiraria o processo do condado de Middleton. Com um pouco de sorte, Gorelick seria designado para um novo caso e o Sr. Futuro Procurador-Geral poderia amargar seu desapontamento por algumas décadas. Só então Jack faria Luther falar. Arranjaria proteção para Kate. Luther contaria a verdade e o acordo do século seria fechado.

Jack olhou para seu cliente.

– Você está com boa aparência.

A boca de Luther se contraiu, mais numa careta que num sorriso.

– Kate gostaria de ver você antes da audiência.

– Não! – rebateu Luther de pronto.

– Por que não? Meu Deus, Luther, você sempre quis reatar com ela e, quando Kate finalmente cede, você não quer mais. Droga, às vezes não o entendo.

– Não quero Kate perto de mim.

– Ela sente muito pelo que fez. Ficou arrasada, acredite em mim.

Luther se virou para ele.

– Kate acha que estou chateado com ela?

Jack sentou. Era a primeira vez que conseguia a atenção de Luther. Devia ter tentado aquilo antes.

– Claro que acha. Por que mais você não iria querer vê-la?

Luther baixou os olhos para a mesa de madeira e balançou a cabeça.

– Diga a ela que não estou zangado. Ela fez a coisa certa.

– Por que *você* mesmo não diz?

Luther levantou abruptamente, deu a volta na sala e parou na frente de Jack.

– Este lugar aqui tem olhos demais, está me ouvindo? Você me entende? Alguém pode vê-la aqui comigo e achar que ela sabe demais. E, pode acreditar, isso não é bom.

– De quem você está falando?

Luther sentou.

– Apenas diga a ela que eu a amo e sempre amarei, não importa o que aconteça.

– Quer dizer que alguém pode achar que você me contou algo que não me contou?

– Eu lhe avisei para não aceitar o caso, Jack, mas você não quis me ouvir.

Jack deu de ombros, abriu a pasta e tirou um exemplar do *Post*.

– Leia a matéria principal.

Luther correu os olhos pela primeira página e atirou o jornal contra a parede, furioso.

– Filho da puta! Filho da puta!

A porta se abriu bruscamente e um guarda corpulento botou a cabeça para dentro, com a mão no revólver. Jack fez um gesto para indicar que estava tudo bem e o guarda recuou devagar, os olhos fixos em Luther.

Jack pegou o jornal. A matéria principal trazia uma foto de Luther, tirada na calçada da delegacia. A manchete, impressa em letras enormes, normalmente reservadas para notícias extraordinárias, dizia: DENÚNCIA DO SUSPEITO DO CRIME SULLIVAN MARCADA PARA HOJE. Jack correu os olhos pelo resto da página. Mais assassinatos na antiga União Soviética por conta da limpeza étnica. O Departamento de Defesa se preparava para outro corte no orçamento. Não chegou a registrar a notícia sobre o presidente Alan Richmond anunciando sua intenção de fazer outra tentativa de reforma da Previdência, com um retrato dele numa creche na área pobre da capital.

Aquele rosto sorridente atingira Luther em cheio. O canalha segurava duas crianças negras pobres para que todo mundo visse. Filho da puta, mentiroso. Aquela mão tinha socado Christine Sullivan várias vezes. O sangue esguichara. Depois as mãos tentaram esganá-la, grudadas no seu pescoço como uma serpente, acabando com a vida dela sem se importar com nada. Beijando

bebês e matando mulheres.

– Luther? Luther? – Jack colocou delicadamente a mão nos ombros dele.

Luther tremia como se fosse explodir, incapaz de continuar confinado dentro de uma concha que se desgastava rapidamente. Por um terrível momento, Jack se perguntou se ele não teria mesmo matado a mulher, mas seu receio desapareceu quando Luther se virou e o encarou. A calma voltara, os olhos estavam claros e focados.

– Jack, apenas repita para Kate o que acabei de dizer. E vamos acabar logo com isto.



O tribunal de Middleton havia muito tempo era o ponto principal do condado. Com 195 anos, o prédio sobrevivera aos ingleses na guerra de 1812 e também à Guerra de Secessão. Em 1947, uma dispendiosa restauração lhe dera nova vida, e os cidadãos de Middleton esperavam que o prédio continuasse de pé para que seus tataranetos o admirassem e pudessem entrar nele – se Deus quisesse, apenas para pagar uma multa de trânsito ou tirar uma licença de casamento.

Se antes o prédio se erguia sozinho no final de uma avenida de duas pistas que era o centro econômico de Middleton, agora estava cercado de lojas de antiguidades, restaurantes, um mercado, um hotel enorme e um posto de gasolina – tudo de tijolinhos, conforme a arquitetura tradicional da área. Bem perto do tribunal havia um conjunto de escritórios onde se viam penduradas com graça e simplicidade tabuletas com os nomes de muitos dos mais respeitados advogados do condado.

Normalmente tranquilo, com exceção das manhãs de sexta-feira, dia de entrar com ações civis e criminais, o tribunal testemunhava naquele dia uma cena que teria feito os fundadores da cidade se revirarem nos caixões.

Seis vans de emissoras de TV estavam paradas bem em frente à escadaria do tribunal, com as antenas montadas, apontando para o céu. A multidão se empurrava e se acotovelava diante da muralha de policiais, reforçada por sinistros integrantes da Polícia Estadual da Virgínia, encarando silenciosamente os repórteres que brandiam blocos de notas, canetas e microfones diante de seus rostos.

Por sorte o tribunal tinha uma entrada lateral, que naquele momento estava cercada por policiais com escudos e armas contra a perturbação da ordem, desafiando quem pensasse em se aproximar. O carro com Luther chegaria por ali. Era uma pena, mas o tribunal não tinha garagem interna. Mesmo assim, a polícia acreditava ter tudo sob controle. Luther só ficaria exposto por alguns segundos.

Do outro lado da rua, policiais armados patrulhavam a calçada, os olhos vasculhando tudo, à procura de um brilho de metal ou de uma vidraça que não deveria estar aberta.

Pela janela, Jack deu uma espiada na rua. A sala de sessões era tão grande quanto um auditório. A bancada do magistrado era entalhada à mão e tinha uns dois metros e meio de altura e mais de quatro de largura. O banco do juiz era ladeado pelas bandeiras dos Estados Unidos e da Virgínia. Havia um funcionário da corte sentado sozinho diante de uma mesinha em frente à bancada, um pequeno rebocador diante de um transatlântico imenso.

Jack olhou o relógio, deu uma espiada na força policial e observou o espetáculo proporcionado pela insistência da imprensa. Os repórteres podem ser os melhores amigos do advogado de defesa



- ou seu pior pesadelo. Depende do que eles pensam sobre o advogado e o crime em questão. Um bom repórter é capaz de tratar o caso com imparcialidade profissional e, na última edição do dia, destruir o acusado, muito antes que se chegue a um veredicto. As mulheres tendem a pegar mais leve com acusados de estupro, para não darem a impressão de que são sexistas. Por razões parecidas, os homens são benevolentes com mulheres espancadas que finalmente reagem. Luther não teria esse tipo de sorte. Ex-condenados que matam mulheres jovens e ricas são atacados de todos os lados.

Jack já recebera mais de dez telefonemas de produtoras de Los Angeles interessadas na história de Luther. Antes mesmo que ele declarasse qualquer coisa em juízo, queriam a história e pagariam bem por ela. Talvez Jack devesse aceitar a proposta, mas com uma condição: que, se Luther lhes contasse algo, contassem para ele, que até o momento não sabia de nada.

Jack olhou para o outro lado da rua. De certa forma, os guardas armados o reconfortavam, embora da última vez houvesse policiais por toda parte e mesmo assim alguém tentou atirar nele. Pelo menos desta vez a polícia estava de sobreaviso. Tinha tudo sob controle. Só não contavam com uma coisa, e, naquele exato momento, ela se aproximava pelo meio da rua.

Jack virou a cabeça, observando o exército de repórteres e curiosos correr em massa em direção ao cortejo de automóveis. A princípio Jack pensou que fosse Walter Sullivan, mas então viu as motocicletas da polícia seguidas pelas vans do Serviço Secreto e, por fim, a limusine com as duas bandeirinhas americanas.

O exército que aquele homem trouxera consigo ofuscaria o que havia sido preparado para receber Luther Whitney.

Jack viu Richmond saltar do carro. Atrás dele vinha o agente com quem tinha falado antes, Burton. Um cara sério e durão. Seus olhos vasculharam a área como um feixe de radar. Mantinha a mão a poucos centímetros do presidente, pronto para jogá-lo no chão num instante. As vans do Serviço Secreto estacionaram do outro lado da rua. Uma delas entrou numa viela em frente ao tribunal e Jack voltou sua atenção para o presidente.

Um pódio foi improvisado e Richmond deu uma pequena entrevista coletiva, enquanto mais de cem jornalistas se empurravam, tentando passar à frente dos colegas. Uns poucos cidadãos comuns e mentalmente mais saudáveis permaneceram ao fundo, dois deles com câmeras de vídeo, registrando o que para eles era, sem dúvida, um momento especial.

Jack virou-se e deu de cara com o funcionário da corte, um negro que parecia uma muralha de granito.

- Trabalho neste tribunal há 27 anos e nunca vi um presidente aqui antes. Agora esse aí aparece duas vezes no mesmo ano. Vá entender!

Jack sorriu para ele.

- Bem, se seu amigo tivesse investido dez milhões de dólares na sua campanha, talvez você também estivesse lá fora.

- Um monte de peixes grandes contra você.

- Tudo bem, eu trouxe uma rede enorme...

- Samuel, Samuel Long.

- Jack Graham.

- Você vai precisar da rede, Jack. Espero que ela seja resistente.

– O que você acha, Samuel? Meu cliente vai receber um tratamento justo aqui?  
– Se você me fizesse essa pergunta há uns dois ou três anos, eu diria que sim, com certeza. – Ele deu uma espiada na multidão. – Hoje, eu não sei. Tanto faz em que tribunal você esteja. Suprema Corte, infrações de trânsito, qualquer um. As coisas estão mudando. Não são só os tribunais. Tudo. O mundo todo. E eu não sei de mais nada.

Os dois se viraram de novo para a janela e continuaram a observar.

A porta da sala de sessões se abriu e Kate entrou. Instintivamente, Jack virou-se e olhou para ela. Naquele dia não usava suas roupas de tribunal. Vestia uma saia preta plissada e um cinto preto fino. A blusa branca estava abotoada até o pescoço. O cabelo tinha sido escovado para trás e caía sobre os ombros. Tinha as faces rosadas por causa do frio cortante e trazia um casaco dobrado sobre o braço.

Eles se sentaram juntos à mesa do advogado de defesa. Samuel saiu discretamente.

– Está quase na hora, Kate.

– Eu sei.

– Olhe, Kate, foi o que lhe falei ao telefone: não é que Luther não queira vê-la. Ele está com medo. Por você. Ele a ama mais do que tudo.

– Jack, se ele não começar a falar, você sabe o que vai acontecer.

– Talvez, mas tenho algumas ideias. O processo montado pela Promotoria não é tão perfeito quanto todo mundo pensa.

– Como você sabe?

– Confie em mim. Viu o presidente aí fora?

– Como poderia não ter visto? Para mim, até que foi bom. Ninguém prestou a menor atenção em mim quando entrei.

– Ele definitivamente torna todo mundo insignificante.

– Ele já chegou?

– Daqui a pouco.

Kate abriu a bolsa e a vasculhou, em busca de chicletes. Jack sorriu, afastou seus dedos trêmulos e pegou para ela.

– Será que eu poderia ao menos falar com ele por telefone?

– Vou ver o que posso fazer.

Os dois se sentaram e esperaram. A mão de Jack deslizou para cima da de Kate e ambos levantaram os olhos para a imponente bancada onde, em alguns minutos, tudo começaria. Por enquanto, apenas esperaram. Juntos.



A van branca dobrou a esquina, passou pelo cerco de policiais e parou a poucos metros da porta lateral. O carro de Seth Frank parou logo atrás e ele saltou, com o rádio na mão. Dois policiais desceram da van e inspecionaram a área. Ótimo. Toda a multidão estava na frente do prédio, de olhos fixos no presidente. O detetive se virou e fez um sinal afirmativo com a cabeça para outro homem dentro da van. Poucos segundos depois, Luther Whitney apareceu, com as mãos algemadas e o terno coberto por uma capa de chuva escura. Seus pés tocaram o chão e, com um policial na frente e outro atrás, ele se dirigiu para o tribunal.

Então a multidão virou a esquina, seguindo o presidente, que avançava a passos firmes pela calçada, caminhando para sua limusine. Ao passar pela lateral do prédio, ergueu os olhos. Como que sentindo sua presença, Luther, que até aquele momento mantinha os olhos fixos no chão, também levantou a cabeça. Os dois homens se encararam por um instante terrível. Antes que ele mesmo se desse conta, as palavras saíram dos lábios de Luther, baxinho:

– Filho da puta!

Cada policial ouviu uma coisa, olhando em volta, enquanto o presidente passava a não mais que trinta metros de distância. Eles ficaram surpresos. Mas logo se concentraram em um único acontecimento.

Os joelhos de Luther cederam. A princípio, os policiais acharam que ele estivesse tentando dificultar seu trabalho, mas então viram o sangue escorrendo pelo seu rosto. Um deles gritou um palavrão e segurou o braço de Luther. O outro sacou a arma e a brandiu de um lado para outro, na direção de onde imaginava que tivesse vindo o tiro. Tudo o que aconteceu nos minutos seguintes foi muito confuso para a maioria das pessoas que estava lá. O tiro não foi ouvido com clareza. Os agentes do Serviço Secreto, no entanto, ouviram perfeitamente. Burton jogou Richmond no chão num segundo e vinte homens de ternos escuros carregando armas automáticas fizeram um escudo em torno dele.

Seth Frank viu a van do Serviço Secreto arrancar e bloquear a multidão agora histérica, afastando-a do presidente. Um agente apareceu carregando uma metralhadora e vasculhou a rua, gritando no rádio portátil. Frank mandou que seus homens cobrissem cada centímetro da área, todos os cruzamentos foram bloqueados e logo iria começar uma busca de prédio em prédio. Caminhões com policiais chegariam em breve, mas, por algum motivo, Frank sabia que era tarde demais.

Um segundo depois, estava ao lado de Luther. Olhou com descrença para o sangue que encharcava a neve, aquecendo-a e formando uma repugnante poça vermelha. Uma ambulância foi chamada e estaria ali em minutos. Mas Frank sabia que também era tarde demais para isso. O rosto de Luther já estava totalmente branco, os olhos perderam o foco e os dedos se crispavam, rígidos. Luther Whitney tinha dois novos buracos na cabeça e uma das balas perfurara a van depois de ter atravessado o crânio dele. Alguém não queria correr riscos.

Frank fechou os olhos do morto e olhou em torno. O presidente estava de pé, sendo levado para a limusine. Em poucos segundos, tanto a limusine quanto as vans do Serviço Secreto haviam desaparecido. Os repórteres começaram a correr, mas Frank fez um gesto para seus homens e os jornalistas foram recebidos por uma muralha de policiais furiosos e envergonhados, brandindo seus cassetetes, loucos para que alguém tentasse avançar.

Seth Frank baixou os olhos para o corpo. Apesar do frio, tirou o paletó e cobriu o torso e o rosto de Luther.

Jack chegou na janela segundos após ouvir os primeiros gritos. Sua pulsação acelerou e de repente sua testa ficou coberta de suor.

– Fique aqui, Kate.

Ela permaneceu imóvel. Seu rosto já registrara o fato que, mesmo contrariando todas as probabilidades, Jack esperava que não fosse verdade.

Samuel voltou, vindo da parte do tribunal a que o público não tinha acesso.

- O que está acontecendo?
- Samuel, fique de olho nela, por favor.

O funcionário do tribunal assentiu e Jack correu para a porta.

Do lado de fora havia mais homens armados do que Jack já vira em toda a vida, exceto em filmes de guerra. Ele correu para a lateral do prédio e estava prestes a ter a cabeça rachada pelo cassetete de um policial quando uma ordem gritada por Frank o salvou.

Jack se aproximou com cuidado. Parecia andar em câmera lenta, enquanto todos os olhos estavam fixos nele. O corpo caído sob o paletó. O sangue manchando a neve. A expressão de angústia e de revolta do detetive Seth Frank. Ele se lembraria de cada uma dessas coisas por muitas e muitas noites insones, talvez pelo resto da vida.

Quando finalmente se agachou ao lado do amigo, começou a levantar o paletó, mas se deteve. Virou-se para trás, para o caminho que acabara de percorrer. O mar de repórteres se abria. Até a muralha de policiais cedera para que ela passasse.

Kate ficou parada por um minuto, sem casaco, tremendo de frio no vento encanado entre os prédios. Olhava para a frente, os olhos tão focados que pareciam registrar tudo e, ao mesmo tempo, nada. Jack começou a se levantar para se aproximar dela, mas suas pernas não obedeceram. Poucos minutos antes estava cheio de energia e preparado para a batalha, furioso por seu cliente não se mostrar cooperativo. Agora não havia mais nenhuma centelha de energia em seu corpo.

Com a ajuda de Frank, ele se levantou e foi até Kate. Pela primeira vez em suas vidas, os repórteres não fizeram perguntas. Os fotógrafos pareciam ter se esquecido de disparar as câmeras. Quando Kate se ajoelhou ao lado do pai e gentilmente pôs a mão no ombro dele, imóvel, os únicos sons foram o vento e a sirene distante de uma ambulância que se aproximava. Por dois minutos o mundo parou diante do tribunal do condado de Middleton.



Na limusine que o levava de volta à cidade, Alan Richmond alisou a gravata e se serviu de um *club soda*. Pensava nas manchetes dos próximos jornais. Os programas de entrevistas mais importantes com certeza estariam ansiosos para recebê-lo, e ele ia tirar proveito disso. Manteria sua agenda para o resto do dia: firme como uma rocha. Tiros eram disparados à sua volta e ele nem piscava, seguia cumprindo seu dever para com o país, liderando o povo. Podia imaginar os resultados das próximas pesquisas. Ganharia no mínimo uns dez pontos. E tudo fora tão fácil. Quando iria enfrentar um desafio de verdade?

Quando a limusine se aproximou de Washington, Bill Burton estudou Richmond. Luther Whitney acabara de ser alvejado com a munição mais mortal que Collin encontrara, e o presidente bebia calmamente um *club soda*. Burton sentiu ânsias de vômito. E ainda não terminara. Sabia que nunca esqueceria nada daquilo, mas continuaria livre. Seus filhos ainda o respeitariam, embora ele mesmo não se respeitasse mais.

Ainda observando o presidente, ocorreu-lhe que o filho da mãe devia se sentir orgulhoso. Burton já tinha visto aquela calma em meio à violência extrema e calculada. Nenhum remorso pela vida que acabara de ser sacrificada. Em vez disso, uma sensação de euforia. De triunfo. Burton se lembrou das marcas no pescoço de Christine Sullivan. O queixo fraturado. Os sons

terríveis que ele ouvira atrás da porta do quarto. O Homem do Povo.

Em seguida pensou na reunião em que deixara Richmond a par de todos os fatos. Não tinha sido uma experiência agradável, exceto pela visão de Gloria se encolhendo, envergonhada.

Richmond tinha encarado cada um deles. Burton e Gloria estavam sentados lado a lado. Collin ficara de pé junto à porta. Estavam nos aposentos da Primeira Família, uma ala da Casa Branca que os sequiosos olhos da opinião pública raramente podiam ver. O restante da família desfrutava um curto período de férias, visitando parentes. Era melhor assim. O humor do homem da casa não era dos melhores.

O presidente enfim tomou conhecimento dos fatos, sendo o mais importante deles um abridor de cartas especialmente incriminador que tinha ido parar nas mãos do intrépido ladrão que testemunhara tudo. O sangue quase congelou nas veias de Richmond. Enquanto Burton ia pronunciando as palavras, o presidente se virou para Gloria Russell.

Quando Collin contou que Gloria o instruíra a não limpar a lâmina e o cabo do abridor de cartas, o presidente se levantou e partiu para cima da chefe de gabinete, que se encolheu tanto a ponto de quase se fundir com o tecido do estofamento. Ele lançou-lhe um olhar esmagador. Por fim, ela cobriu os olhos com as mãos. Sua blusa estava molhada de suor sob as axilas. A boca, completamente seca.

Em seguida Richmond se recostou, mastigando o gelo do coquetel. Olhou pela janela. Ainda estava de smoking por causa do compromisso anterior, mas havia desfeito o laço da gravata.

– De quanto tempo dispomos, Burton?

O agente ergueu os olhos do chão.

– Quem sabe? Talvez todo o tempo do mundo.

– Você é capaz de dar uma resposta mais precisa. Quero sua avaliação profissional.

– Acho que pouco. Ele já tem advogado. Vai dar um jeito de contar para alguém.

– Temos alguma ideia de onde esse troço está?

Burton esfregou as mãos, contrariado.

– Não, senhor. A polícia vasculhou a casa e o carro dele. Se tivesse encontrado o abridor de cartas, eu saberia.

– Mas a polícia sabe que o abridor sumiu?

Burton assentiu.

– Sabem de sua importância. Se o encontrarem, saberão o que fazer.

O presidente se levantou, passou os dedos numa coleção de cristais particularmente feia de sua esposa, exposta sobre uma das mesas. Ao lado das peças havia fotos da família, mas ele não olhou para elas. Tudo o que viu foram as chamas que consumiam seu governo. Seu rosto pareceu enrubescer ante esse incêndio. O curso da História estava prestes a mudar por causa de um ladrão imbecil e de uma chefe de gabinete extremamente ambiciosa e burra.

– Alguma ideia sobre quem Sullivan contratou?

Mais uma vez foi Burton quem respondeu. Gloria não estava mais à altura dos outros. E Collin só estava ali para que lhe dissessem o que fazer.

– Pode ter sido qualquer um entre os vinte ou trinta matadores mais caros do mundo. Quem quer que tenha sido, já está longe há muito tempo.

– Mas você deu alguma dica sobre isso ao detetive?

– Ele sabe que, “inocentemente”, o senhor disse a Walter Sullivan onde e quando o suspeito seria pego. Ele é bastante inteligente para entender essa dica.

Com um movimento brusco, o presidente pegou uma das peças de cristal e a jogou na parede. O objeto se estilhaçou, lançando cacos por toda parte. Seu rosto se contorceu em uma máscara de ódio e fúria que fez até Burton estremecer.

– Merda, se ele não tivesse errado, teria sido perfeito!

Gloria olhou para os minúsculos cacos de cristal no carpete. Aquela era sua vida. Tantos anos de estudo e trabalho, semanas de cem horas. Para nada.

– A polícia vai investigar o marido. Garanti que o detetive encarregado do caso compreendesse o possível envolvimento de Sullivan – prosseguiu Burton. – Embora ele seja o principal suspeito, negará tudo. A polícia não conseguirá provar nada. Não sei aonde isso os levará, senhor.

Richmond começou a andar pela sala. Podia estar se preparando para um discurso ou para cumprimentar uma tropa de escoteiros. Mas na verdade pensava em como matar alguém de modo que nem mesmo a mais ínfima suspeita recaísse sobre ele.

– E se ele tentasse de novo? Dessa vez com êxito?

Burton ficou intrigado.

– Como podemos controlar o que Sullivan fará?

– Fazendo nós mesmos.

Ninguém disse nada por alguns minutos. Gloria olhou para o chefe, incrédula. Não bastasse sua vida ter sido destruída, ela ainda se via compelida a participar de uma conspiração para cometer homicídio. Desde que tudo aquilo começara, ela se sentia emocionalmente atordoada. Até aquele momento, tivera certeza de que a situação não poderia piorar, mas acabava de descobrir que estava completamente errada.

Burton arriscou uma análise:

– Não sei se a polícia vai acreditar que Sullivan seja tão louco assim. Ele deve saber que é suspeito mas que não têm nenhuma prova contra ele. Se matarmos Whitney, não tenho certeza se a investigação irá para o lado dele.

O presidente se deteve na frente de Burton.

– Então deixe que a polícia tire suas próprias conclusões.

A verdade era que Richmond não precisava mais de Walter Sullivan para continuar na Casa Branca. Aquele talvez fosse o modo perfeito de se livrar da obrigação de apoiar o negócio de Sullivan com a Ucrânia, que podia se tornar uma desvantagem para sua campanha. Se Sullivan estivesse mesmo que remotamente envolvido na morte do assassino de sua esposa, não poderia mais fazer negócios globais. O apoio de Richmond seria discretamente retirado. Todas as pessoas que importavam compreenderiam esse afastamento silencioso.

– Alan, você quer montar um esquema para que Sullivan seja acusado de homicídio? – Era a primeira vez que Gloria abria a boca, e seu rosto expressava o mais absoluto assombro.

O presidente a encarou, sem disfarçar sua aversão.

– Alan, pense no que está dizendo. Estamos falando de Walter Sullivan, não de um vigarista qualquer sem importância.

Richmond sorriu. A burrice dela o divertia. E pensar que ele a achara tão inteligente, tão inacreditavelmente capaz no início, quando a convocara para trabalhar com ele. Tinha se

engano.

O presidente fez algumas rápidas estimativas. Concluiu que Sullivan tinha no máximo vinte por cento de chance de ser considerado culpado. No lugar dele, correria o risco. Sullivan já era bem grandinho, podia cuidar de si. E se sáísse perdendo? Bem, era para isso que havia prisões. Ele olhou para Burton.

– Burton, *você* entende?

O agente não respondeu.

Então o presidente disse, em tom severo:

– Você já esteve para matar o homem antes, Burton. Pelo que vejo, as coisas não mudaram. Na verdade, o risco só aumentou para *todos* nós. Você entende, Burton? – Richmond fez uma pausa rápida e depois repetiu a pergunta.

Burton enfim levantou a cabeça e respondeu:

– Sim, entendo.

Durante as duas horas seguintes, elaboraram o plano.

Quando os dois agentes do Serviço Secreto e Gloria Russell se levantaram para ir embora, o presidente a encarou.

– Diga-me uma coisa, Gloria, o que aconteceu com o dinheiro?

Ela sustentou seu olhar.

– Uma doação anônima à Cruz Vermelha. Pelo que sei, foi a maior contribuição individual já feita.

A porta se fechou e o presidente sorriu. *Bela despedida. Aproveite, Luther Whitney. Aproveite enquanto pode, seu merdinha insignificante.*

WALTER SULLIVAN ACOMODOU-SE NA poltrona com um livro, mas não chegou a abri-lo. Sua mente vagava. Repassou acontecimentos que pareciam mais etéreos e distantes dele do que qualquer outra coisa que tivesse acontecido em sua vida. Contrataria um homem para matar o suspeito de ter assassinado sua esposa. O serviço não chegara a ser feito, e Sullivan se sentia silenciosamente grato por isso. Sua dor havia diminuído a ponto de ele ver que tinha feito algo errado. Uma sociedade civilizada deve seguir certos procedimentos ou então se torna selvagem. E por mais que aquilo tudo fosse doloroso, ele era um homem civilizado. Seguiria as regras.

Foi então que olhou para o jornal. Era de muitos dias antes, mas seu conteúdo continuava a martelar a cabeça de Sullivan. A manchete em letras garrafais se destacava sobre o fundo. Quando desviou a atenção para o jornal, suspeitas começaram a se formar em sua cabeça. Walter Sullivan não era apenas um bilionário; também possuía uma mente brilhante e perceptiva. Do tipo que capta todos os detalhes.

Luther Whitney estava morto. A polícia não tinha suspeitos. Sullivan tinha verificado a hipótese mais óbvia, contudo McCarty estava em Hong Kong no dia do crime. A última ordem que Sullivan lhe dera tinha sido seguida. Walter Sullivan dera a caçada por terminada, mas alguém a tomara para si.

Ele era a único que tinha certeza disso – ele e McCarty, o matador que errara o tiro.

Sullivan consultou o velho relógio. Eram pouco mais de sete da manhã e ele já estava acordado havia quatro horas. As 24 horas do dia já não significavam muita coisa para ele. Quanto mais envelhecia, menos importantes se tornavam os parâmetros do tempo. Às quatro da manhã poderia estar inteiramente desperto num avião sobrevoando o Pacífico, enquanto às duas da tarde era possível que estivesse no meio do sono do dia.

Havia muitos fatos a considerar e sua mente trabalhava depressa. Uma tomografia axial computadorizada feita no seu último check-up mostrava um cérebro com a juventude e o vigor de um rapaz de 20 anos. E agora esse cérebro processava alguns fatos inegáveis e fazia seu dono se aproximar de uma conclusão capaz de assombrar inclusive a ele mesmo.

Pegou o telefone sobre a mesa e discou, contemplando os lambris de cerejeira fortemente polidos do seu escritório.

Um instante depois Seth Frank estava na linha, sem se impressionar com o fato de o homem ligar tão cedo. Sullivan o cumprimentara, mesmo que relutantemente, pela prisão de Luther Whitney. Mas, e agora?

– Sim, Sr. Sullivan, em que posso ajudá-lo?

Sullivan pigarreou. Havia em sua voz um toque de humildade que não era característico. Frank notou a diferença.

– Estou com uma dúvida quanto à informação que lhe dei sobre Christy, hum... sobre a súbita desistência de Christine da viagem para Barbados, a caminho do aeroporto.

Frank se endireitou na cadeira.

– O senhor se lembrou de mais alguma coisa?

– Na verdade, gostaria de verificar se lhe dei alguma razão para ela não ter ido.



– Não entendo.

– Bem, suponho que a idade esteja me prejudicando. Receio que não sejam só os meus ossos que estejam se deteriorando, embora não goste de admitir isso, tenente. Indo direto ao ponto, achei que pudesse ter dito que ela ficara doente e por isso voltara para casa. Quer dizer, acho que foi o que falei na ocasião.

Seth pegou a pasta do caso, embora já soubesse a resposta.

– O senhor falou que ela não deu motivo, Sr. Sullivan. Só disse que não ia e o senhor não insistiu.

– Ah, sim. Acho que isso resolve a questão. Muito obrigado, tenente.

Frank se levantou. Pegou uma xícara de café, que logo em seguida pôs de volta no mesmo lugar.

– Um momento, Sr. Sullivan. Por que o senhor acharia que me disse que sua esposa estava doente? Ela estava?

Sullivan fez uma pausa antes de responder:

– Na verdade, não, tenente. Ela era notavelmente saudável. Creio que pensei ter lhe dado outra resposta porque, para ser sincero, além de meus ocasionais lapsos de memória, passei os últimos dois meses tentando me convencer de que Christine ficara na cidade por alguma razão. Qualquer razão.

– Por quê?

– Para justificar o que lhe aconteceu. Não aceitar que tenha sido apenas uma maldita coincidência. Não acredito em destino, tenente. Para mim, tudo na vida tem um motivo. Suponho que eu quisesse me convencer de que o fato de Christine ter ficado também tivesse um.

– Oh.

– Desculpe-me se lhe causei uma perplexidade desnecessária com minhas tolices de velho.

– De modo algum, Sr. Sullivan.



Após desligar, Frank ficou um bom tempo olhando fixamente para a parede. De que se tratara aquilo?

Seguindo uma sugestão de Bill Burton, Frank fizera discretas investigações sobre a possibilidade de Sullivan ter contratado um matador de aluguel para garantir que o assassino de sua esposa nunca fosse a julgamento. Essas investigações seguiam lentamente. É preciso remar com cuidado em águas desse tipo. Frank tinha uma carreira a zelar e uma família para sustentar, e homens como Walter Sullivan tinham um exército de amigos muito influentes no governo que poderiam tornar insuportável a vida do detetive.

No dia seguinte à morte de Luther Whitney, Seth Frank investigara o paradeiro de Sullivan, embora não o imaginasse puxando o gatilho. Mas morte por encomenda é um crime particularmente perverso e, embora o detetive pudesse entender a motivação do bilionário, ele provavelmente havia liquidado o homem errado. Essa última conversa com Sullivan suscitara mais perguntas e não trouxera nenhuma nova resposta.

Seth Frank sentou e por um instante se perguntou se aquele pesadelo algum dia iria acabar.

Meia hora mais tarde, Sullivan ligou para a emissora de TV da qual era sócio majoritário. Seu pedido foi simples e direto. Em uma hora um pacote foi entregue em sua casa. Depois que uma das criadas lhe entregou a caixa, ele mandou que ela se retirasse, fechou a porta do aposento, passou a chave e acionou uma pequena alavanca na parede. Um painel deslizou silenciosamente e revelou um gravador altamente sofisticado. Atrás de quase toda aquela parede ficava o moderníssimo sistema de home theater que Christine vira numa revista e decidira que queria ter, embora seu gosto em matéria de entretenimento variasse de pornografia a novelas, nada que sobrecarregasse aquele sistema de ponta.

Sullivan abriu cuidadosamente o pacote e colocou a fita no aparelho. Escutou durante um tempo, sem que suas feições enigmáticas revelassem qualquer emoção. Tinha esperado ouvir exatamente aquilo. Mentira para o detetive. Sua memória era excelente. Mas a visão, por sua vez, nem de longe era tão boa! Tinha sido um idiota, cego para não enxergar a verdade. Por fim a raiva se estampou na linha imperscrutável de sua boca e no cinza profundo de seus olhos introspectivos. Como havia muito não sentia. Nem mesmo quando Christy morrera. Uma fúria que só seria aliviada por uma ação. E soube que só teria uma chance. Ou os pegava, ou eles o pegariam. E Sullivan não estava acostumado a perder.

O funeral foi feito numa área humilde, com apenas três pessoas presentes além do sacerdote. Fora necessário sigilo absoluto para evitar a presença dos jornalistas. O caixão de Luther ficou o tempo todo fechado. A imagem do violento trauma em sua cabeça não era a última impressão que seus parentes e amigos gostariam de guardar.

O religioso fez um serviço reverente, não dando nenhuma importância ao passado de Luther nem às circunstâncias de sua morte. O trajeto de automóvel até o cemitério foi tão curto quanto a procissão. Jack e Kate foram juntos. Atrás deles seguia Seth Frank, que se sentara na parte de trás da igreja, contrafeito, absolutamente sem graça. Jack o cumprimentara, mas Kate se recusara a olhar para ele.

Jack encostou no carro e ficou observando Kate sentada na cadeira dobrável de metal ao lado da cova que acabara de receber seu pai. Depois correu os olhos pelo cemitério, que não possuía jazigos grandiosos. Era raro ver uma lápide. A maioria dos túmulos tinha apenas uma placa: um retângulo escuro com o nome de quem estava sepultado ali e as datas de nascimento e de morte. Umas poucas diziam “Saudades eternas”, mas a maioria não continha nenhuma despedida.

Quando voltou a olhar para Kate, viu que Seth Frank se aproximava dela. Mas o detetive aparentemente achou melhor não se arriscar e desviou em silêncio para o Lexus.

Frank tirou os óculos de sol.

– Bonita cerimônia.

Jack deu de ombros.

– Na verdade não há nada de bonito em ser assassinado.

Embora não estivesse no lugar de Kate, não tinha perdoado Frank completamente por ter permitido que Luther Whitney morresse daquele jeito.

O detetive ficou em silêncio, estudou o acabamento do sedã, pegou um cigarro, mas mudou de ideia. Enfiou as mãos nos bolsos e desviou o olhar.

Estivera presente à autópsia de Luther. O buraco aberto pelo tiro tinha sido imenso. As ondas de choque disseminadas radialmente a partir do rastro da bala foram tão potentes que metade do cérebro dele se desintegrou. O que não era de admirar, já que a bala extraída do banco da van da polícia era de uma famosa Magnum A 460. O legista dissera que aquele tipo de munição costumava ser usado para caça, em particular de animais de grande porte. O estrago era explicável, pois a bala atingira Luther com a força de um avião que tivesse caído sobre ele. Caça de grande porte. Frank balançou a cabeça, exausto. E tinha acontecido sob sua responsabilidade, bem na sua frente. Jamais se esqueceria daquilo.

Frank contemplou a amplo gramado que era o cemitério. Jack recuou um pouco, encostado no carro, e acompanhou o olhar do detetive.

– E então, alguma pista?

Frank enfiou o bico do sapato na terra.

– Pouca coisa. Nenhuma que leve a algum lugar.

Ambos se empertigaram quando Kate se levantou, deixou um arranjo de flores sobre o monte de terra e ficou estática, com o olhar perdido. O vento havia parado e, embora fizesse frio, o sol brilhava.

Jack abotoou o paletó.

– E agora? Caso encerrado? Ninguém o culparia.

Frank sorriu e decidiu que fumaria aquele cigarro.

– De jeito nenhum.

– O que você vai fazer então?

Kate se virou e começou a caminhar para o Lexus. Seth Frank pôs o chapéu e pegou as chaves de seu carro.

– Simples, vou pegar um assassino.



– Kate, sei como você se sente, mas precisa acreditar em mim. Ele não a culpava. Nada disso é culpa sua. Como você mesma disse, foi arrastada para o meio disso. Não tomou a iniciativa. Luther entendia.

Os dois voltaram para a cidade no carro de Jack. O sol estava se pondo depressa. Tinham ficado duas horas sentados no carro, parados no cemitério, porque ela não queria ir embora. Como se, caso esperassem o bastante, Luther fosse sair da sepultura e se juntar a eles.

Kate abriu um pouco o vidro, deixando entrar uma corrente de ar que substituiu o cheiro de carro novo pela densa umidade que anunciava outra tempestade.

– O detetive Frank não desistiu do caso, Kate. Vai procurar o assassino de Luther.

Ela finalmente o encarou.

– Não me importo com o que ele diz que vai fazer. – Kate apalpou o nariz, que estava vermelho, inchado e dolorido.

– Ora, Kate. Ele não queria que Luther fosse morto.

– É mesmo? Um caso cheio de furos, pronto para ser derrubado no tribunal, deixando todo

mundo com cara de idiota, inclusive o detetive encarregado. E aí acontece uma mudança: agora temos um cadáver e um caso encerrado. O que o detetive quer mesmo?

Jack parou num sinal vermelho e recostou-se no banco. Sabia que Frank estava sendo sincero, mas nunca conseguiria convencer Kate disso.

O sinal abriu e ele prosseguiu, em meio ao tráfego. Olhou o relógio. Tinha que voltar ao escritório, isso se ainda tivesse um escritório para o qual voltar.

– Kate, acho que você não devia ficar sozinha agora. Que tal eu passar algumas noites na sua casa? Você prepara o café de manhã e eu cuido do jantar. Combinado?

Ele esperava uma resposta negativa e já tinha preparado seus argumentos.

– Tem certeza?

Quando Jack se virou, os olhos de Kate estavam arregalados. Seu corpo estava tenso e ela parecia prestes a gritar. De repente se deu conta de que não havia entendido a enormidade da dor e do sentimento de culpa que ela carregava. Ficou ainda mais atônito do que quando ouviu o tiro, sentado, segurando a mão dela, ciente, antes mesmo que seus dedos se separassem, de que Luther morreria.

– Tenho certeza.

Naquela noite, ele ficou no sofá. O cobertor puxado até o pescoço o protegia da corrente que entrava por uma fresta invisível da janela em frente e atingia seu peito. Tinha acabado de se acomodar quando ouviu uma porta ranger e Kate saiu do quarto. Usava o mesmo robe de antes, o cabelo preso num coque. Tinha as feições mais suaves; apenas um ligeiro reflexo vermelho nas maçãs do rosto sugeria o trauma.

– Precisa de alguma coisa?

– Tudo bem, Kate. Este sofá é muito mais confortável do que pensei. Ainda tenho o mesmo sofá do nosso apartamento em Charlottesville. Acho que não tem mais uma mola sequer.

Ela não sorriu, mas sentou ao lado dele.

Quando moravam juntos, ela tomava banho todas as noites. Depois ia para a cama cheirando tão bem que ele quase ficava maluco. Era como o hálito de um recém-nascido, um cheiro absolutamente perfeito. Ela se fazia de boba, até que o via exausto, deitado sobre ela. Então dava um sorrisinho malicioso e o acariciava. E Jack tinha a convicção de que as mulheres dominavam o mundo.

Jack sentiu seus instintos mais básicos se aguçarem quando ela apoiou a cabeça em seu ombro. Mas a exaustão e a total apatia dela logo suprimiram seus impulsos e o fizeram sentir-se bastante culpado.

– Não tenho certeza se serei uma boa companhia.

Será que ela tinha percebido o que ele estava sentindo? Como conseguira? A cabeça de Kate devia estar a milhões de quilômetros de distância.

– Não precisa ficar fazendo sala. Sou capaz de cuidar de mim mesmo, Kate.

– Sinceramente, agradeço muito o que você está fazendo.

– Não consigo imaginar nada que seja mais importante.

Kate apertou a mão dele. Quando levantou para voltar ao quarto, as abas do robe se abriram, expondo um pouco mais que as pernas longas e finas. Ele se alegrou por dormir longe dela aquela noite. Seus devaneios até de madrugada incluíram desde visões de cavaleiros com grandes

manchas pretas desfigurando a brancura virginal das armaduras a advogados idealistas que dormiam miseravelmente sozinhos.

Na terceira noite, ele estava mais uma vez acomodado no sofá. E, como antes, ela saiu do quarto. O ruído quase imperceptível o fez baixar a revista que lia. Dessa vez ela não foi para o sofá. Jack por fim virou o pescoço e a viu olhando para ele. Não parecia apática e não usava o robe. Virou-se e voltou para o quarto. A porta ficou aberta.

Por um momento, Jack não fez nada. Até que se levantou, foi até a porta do quarto e deu uma espiada lá dentro. A escuridão não era tanta que o impedisse de distinguir a silhueta de Kate, aquele corpo que conhecia tão bem quanto o seu. A coberta estava nos pés da cama. Conseguiu ver os olhos dela cravados nos dele. Não estendeu a mão. Ele se lembrou de que ela nunca fizera isso.

– Você tem certeza...? – sentiu-se obrigado a perguntar. Não queria sentimentos feridos pela manhã, nada de emoções confusas.

Como resposta ela se levantou e o puxou para a cama. O colchão era firme e morno no lugar onde ela estivera deitada. Num instante Jack também estava nu. Instintivamente, passou a mão em torno da boca entreaberta de Kate, que procurou a dele. Os olhos dela estavam abertos. Dessa vez não havia lágrimas ou nervosismo, só a expressão com que Jack tanto se acostumara e esperara ter ao seu lado para sempre. Muito lentamente, ele a abraçou.



A casa de Walter Sullivan já recebera visitas de altíssimo nível. Mas aquela noite era especial.

Alan Richmond ergueu o copo de vinho e fez um brinde breve mas eloquente ao anfitrião. Os outros quatro casais cuidadosamente escolhidos também brindaram. A primeira-dama, radiante num vestido preto simples, o cabelo louro-acinzentado emoldurando o rosto que vinha envelhecendo muito bem e garantia fotos excelentes, sorriu para o bilionário. Mesmo acostumada a se ver cercada por gente rica, inteligente e refinada, ela, como a maioria das pessoas, ainda tinha enorme admiração por Walter Sullivan e homens como ele, tão raros neste planeta.

Tecnicamente ainda de luto, Sullivan demonstrava um estado de espírito particularmente sociável. Enquanto tomavam café importado na espaçosa biblioteca, a conversa girou sobre oportunidades de negócios internacionais, as últimas manobras da diretoria do Banco Central, as chances de cada time no jogo do fim de semana e a eleição no ano seguinte. Nenhuma das pessoas ali presentes achava que Alan Richmond teria uma ocupação diferente depois que os votos fossem contados.

Exceto uma.

Ao ir embora, o presidente abraçou Walter Sullivan para se despedir e lhe dizer qualquer coisa em particular. Sullivan sorriu ao ouvir suas palavras. Em seguida tropeçou, mas segurou os braços do presidente com força para não cair.

Depois que os convidados saíram, Sullivan foi fumar um charuto no estúdio. Chegou à janela e viu as luzes do cortejo presidencial desaparecerem rapidamente. Teve que sorrir. O ligeiro estremecimento do presidente quando apertara seu antebraço tinha sido um momento particularmente vitorioso. Uma tentativa com poucas possibilidades de sucesso, mas às vezes esse

tipo de coisa funciona. O detetive Frank tinha sido muito franco sobre suas teorias com relação ao caso. Walter Sullivan ficara particularmente interessado na tese de que sua mulher talvez houvesse ferido o agressor com o abridor de cartas, na perna ou no braço. O corte devia ter sido mais fundo do que a polícia supusera. Talvez tivesse lesionado algum nervo. Um ferimento superficial certamente já teria cicatrizado.

Sullivan apagou a luz e saiu do estúdio lentamente. O presidente Alan Richmond com certeza sentira apenas uma pequena dor quando os dedos de Sullivan se fincaram em seu braço. Mas, como acontece nos infartos, uma pequena dor quase sempre é seguida por uma maior. Sullivan sorriu ao considerar as possibilidades.



Do alto da pequena elevação, Walter Sullivan contemplou a casinha de madeira com o telhado de zinco pintado de verde. Cobriu as orelhas com o cachecol e amparou as pernas fracas com a ajuda de uma bengala grossa. Naquela época do ano, o frio era cortante nas montanhas do sudoeste da Virgínia, e a previsão era de mais neve.

Sullivan desceu, atravessando o terreno que o gelo tornara duro como ferro. A casa estava muito bem-conservada, graças à sua ilimitada conta bancária e a um profundo senso de nostalgia que o consumia cada vez mais, à medida que se aproximava o momento em que ele mesmo se tornaria parte do passado. Woodrow Wilson ocupava a Casa Branca e o mundo estava mergulhado na Primeira Guerra Mundial quando Walter Patrick Sullivan veio ao mundo com o auxílio de uma parteira e a feroz determinação de sua mãe, Millie, que perdera seus três filhos anteriores, dois deles no parto.

Quando tinha 12 anos, seu pai, um mineiro de carvão – naquele tempo parecia que todos os homens daquela parte da Virgínia eram mineiros –, morrera abruptamente em decorrência de uma série de enfermidades causadas por excesso de pó de carvão e pouco descanso. Durante anos a fio o futuro bilionário vira o pai voltar para casa cambaleando, os músculos do corpo exaustos, o rosto negro, e cair na pequena cama que ficava no quarto dos fundos. Cansado demais para comer ou para brincar com o garotinho, que todos os dias esperava ganhar um pouco de atenção, mas que jamais ganhava nada do pai, cuja perpétua fraqueza era tão dolorosa de testemunhar.

A mãe vivera o suficiente para vê-lo se tornar um dos homens mais ricos do mundo, e ele sempre se esforçara ao máximo para que ela desfrutasse todos os confortos que sua imensa fortuna podia proporcionar. Como um tributo ao falecido pai, comprara a mina que o matara. Pagara cinco milhões à vista. Dera um bônus de cinquenta mil dólares a cada mineiro e depois, com uma grande cerimônia, a fechara.

Sullivan abriu a porta e entrou. A lareira a gás aquecia o ambiente sem necessidade de queimar lenha. Na despensa havia comida para seis meses. Ali ele era autossuficiente. Nunca deixava que ninguém lhe fizesse companhia naquele que considerava seu lar. Todos que tinham acesso àquela casa, com exceção dele mesmo, tinham morrido. Estava sozinho, como queria.

Preparou uma refeição simples e a comeu devagar, contemplando melancolicamente a paisagem. A pouca luz ainda permitia que distinguísse o círculo de olmos perto da casa, desfolhados pelo inverno; os galhos nus acenavam para ele com movimentos lentos e metódicos.

O interior da casa não tinha a configuração original, nem as mesmas condições. Ele havia

nascido ali, mas sua infância não fora feliz, em meio a uma pobreza que parecia não ter fim. A sensação de urgência gerada por aquele período fora útil à carreira de Sullivan, pois o abastecera com uma determinação que servira para superar muitos dos obstáculos que enfrentara.

Tirou a mesa e entrou no quartinho que tinha sido ocupado por seus pais. Continha agora uma poltrona confortável, uma mesa e diversas estantes com material de leitura extremamente selecionado. No canto havia uma cama simples e pequena, pois também era ali que ele dormia.

Sullivan pegou o sofisticado celular de cima da mesa e discou um número que pouquíssimas pessoas conheciam. A ligação foi atendida e Sullivan foi posto em espera por um momento, até que outra voz disse:

– Meu Deus, Walter, sei que você tem horários estranhos, mas realmente devia tentar relaxar um pouco. Onde você está?

– Na minha idade, não podemos diminuir o ritmo, Alan. Corremos o risco de não conseguir ligar o motor de novo. E eu preferiria explodir numa bola de fogo de atividades a ir parando aos poucos até desaparecer em meio à neblina. Espero que não esteja atrapalhando algo importante.

– Nada que não possa esperar. Estou conseguindo priorizar melhor as crises mundiais. Precisa de alguma coisa?

Sullivan levou um momento para colocar um pequeno gravador junto do receptor. Por precaução.

– Só queria fazer uma pergunta, Alan.

Sullivan fez uma pausa. Estava gostando daquilo, mas se lembrou do rosto de Christy no necrotério e fechou a cara.

– O que é?

– Por que esperou tanto tempo para matar o homem?

No silêncio que se seguiu, Sullivan pôde ouvir a respiração do outro lado da linha. É preciso reconhecer que Alan Richmond não começou a respirar de modo anormalmente rápido e profundo. Pelo contrário, sua respiração permaneceu normal. Sullivan ficou impressionado e um tanto desapontado.

– O que disse?

– Se seus homens tivessem errado, você poderia estar em reunião com seus advogados nesse momento, planejando sua defesa contra o *impeachment*. Tem que admitir que foi uma solução de última hora.

– Walter, você está bem? Aconteceu alguma coisa? Onde você está?

Sullivan segurou o telefone longe do ouvido por um tempo. O aparelho tinha um dispositivo que tornava impossível rastreá-lo. Se estivessem tentando determinar a posição dele naquele instante, e ele tinha quase certeza de que estavam, encontrariam uma dezena de locações possíveis, todas bem longe de onde ele realmente estava. O recurso havia lhe custado dez mil dólares. Mas aquilo era só dinheiro. Sorriu de novo. Podia falar o tempo que quisesse.

– Para falar a verdade, há muito tempo não me sinto tão bem.

– Walter, você não está falando coisa com coisa. Quem morreu?

– Você sabe que não fiquei nem um pouco surpreso quando Christy não quis ir para Barbados. Para ser sincero, imaginei que ela pretendesse transar com algum dos rapazes nos quais andara de olho no verão. Foi engraçado quando ela disse que não estava se sentindo bem. Lembro-me de

que estava sentado na limusine, pensando em qual seria a desculpa dela. Não era criativa, pobrezinha. Sua tosse era bastante falsa. Suponho que na escola ela devesse usar a desculpa do cachorro que comeu o dever de casa com muita frequência.

– Wal...

– O estranho é que, quando a polícia me perguntou por que ela não tinha ido comigo, subitamente percebi que não podia dizer que Christy dissera que estava doente. Você deve se lembrar de que os jornais estavam divulgando uns boatos de que ela tinha uns casos. Eu sabia que, se dissesse que ela não tinha ido comigo a Barbados porque não estava se sentindo bem, os tabloides logo diriam que ela estava grávida de outro homem, mesmo que a autópsia não confirmasse isso. As pessoas preferem acreditar no pior e no mais escandaloso, Alan, você sabe disso. Depois do *impeachment*, todo mundo vai pensar o pior a seu respeito. E merecidamente.

– Walter, você pode me fazer o favor de dizer onde está? É claro que não está bem.

– Quer que eu toque a fita para você, Alan? A da entrevista coletiva, quando você disse aquelas palavras comoventes sobre coisas que acontecem e que não têm sentido. Foi bonito. Um comentário particular entre velhos amigos gravado por diversas emissoras de TV e de rádio, mas que não chegou a ser transmitido. Creio que seja um tributo à sua popularidade o fato de ninguém ter dado muita atenção àquilo. Você estava sendo tão encantador e amigo. Quem se importaria que você tivesse dito que Christy estava doente? E você falou, Alan. Você me disse que, se Christy não tivesse ficado doente, não teria sido assassinada. Teria ido comigo para a ilha e estaria viva.

Sullivan fez uma pausa.

– Fui a única pessoa a quem Christy disse que não estava se sentindo bem, Alan. E, como falei, não mencionei isso à polícia. Então como você soube?

– Você deve ter me dito...

– Eu não me encontrei nem falei com você antes da entrevista coletiva. E isso pode ser facilmente confirmado. Minha agenda é monitorada minuto a minuto. Como presidente, seus passos também são bastante conhecidos o tempo quase todo. Quase, porque, na noite em que Christy foi assassinada, você certamente não estava nos lugares que visita com frequência. Estava na minha casa. Mais precisamente, no meu quarto. Na entrevista coletiva estivemos cercados por dezenas de pessoas o tempo todo. Tudo o que dissemos um ao outro está gravado em algum lugar. Não fui eu que lhe falei.

– Walter, por favor, diga-me onde você está. Quero ajudá-lo.

– A verdade é que Christy nunca foi discreta. Deve ter se sentido orgulhosa por ter me enganado. Provavelmente vangloriou-se de como conseguira tapear o velho, não foi? Porque minha falecida esposa era a única pessoa no mundo que podia ter lhe contado que fingira estar doente. E você, sem querer, repetiu as palavras dela para mim. Não sei por que levei tanto tempo para chegar à verdade. Acho que estava tão obcecado com a ideia de encontrar o assassino de Christy que aceitei a teoria do roubo sem questionar. Talvez também tenha sido um tipo de negação inconsciente. Nunca fui totalmente ignorante do desejo de Christy por você. Apenas não acreditei que você pudesse fazer isso comigo. Eu deveria ter considerado o pior lado da natureza humana, assim não me desapontaria. Mas, como se costuma dizer, antes tarde do que nunca.



– Walter, por que você me ligou?

A voz de Sullivan ficou mais baixa, mas não perdeu nada de sua força e intensidade:

– Porque, seu filho da puta, eu queria lhe falar pessoalmente do seu novo futuro. Envolverá advogados, tribunais e mais exposição do que, mesmo como presidente, você sonhou que fosse possível. Eu não queria que você ficasse surpreso quando a polícia batesse na sua porta. E, acima de tudo, queria que você soubesse exatamente a quem agradecer por tudo isso.

A voz do presidente ficou tensa:

– Walter, se você precisa de ajuda, eu o ajudarei. Mas sou o presidente dos Estados Unidos. E, embora você seja um dos meus amigos mais antigos, não vou tolerar esse tipo de acusação.

– Tudo bem, Alan. Você deve ter imaginado que eu estaria gravando nossa conversa. Não que isso tenha importância.

Sullivan fez uma breve pausa antes de dizer:

– Alan, meu pupilo, ensinei a você tudo o que sabia, e você aprendeu bem. O suficiente para conquistar a mais alta posição do mundo. Infelizmente, sua queda também será a maior de todas.

– Walter, você tem passado por um estresse muito grande. Pela última vez, por favor, procure ajuda.

– Engraçado, Alan, este é exatamente o meu conselho para você.

Sullivan desligou o telefone e o gravador. Seu coração batia acelerado. Levou uma mão ao peito, obrigando-se a relaxar. Não se permitiria ter um ataque cardíaco.

Olhou pela janela e depois para o interior do quarto. Seu pequeno lar. Fora exatamente ali que seu pai morrera. De algum modo, esse pensamento o reconfortou.

Recostou-se na poltrona e fechou os olhos. Pela manhã chamaria a polícia. Contaria tudo aos policiais e lhes daria a fita. Depois ficaria quieto, assistindo. Mesmo que não prendessem Richmond, sua carreira estaria arruinada. O que era o mesmo que estar morto, profissional, espiritual e mentalmente. Que importância tinha se sua carcaça continuasse de pé? Sullivan sorriu. Tinha jurado que se vingaria do assassino de sua mulher e se vingara.

A súbita sensação da sua mão sendo erguida fez com que ele abrisse os olhos. Em seguida a mão foi fechada em torno de um objeto frio e duro. Somente quando o cano da arma encostou na lateral de sua cabeça ele realmente reagiu. Mas aí era tarde demais.



O presidente olhou para o telefone e verificou o relógio. Àquela altura, tudo estaria terminado. Sullivan tinha sido um excelente professor. Bom demais para seu próprio bem. Richmond tinha quase certeza de que Sullivan entraria em contato com ele antes de denunciá-lo ao mundo. Isso tornara as coisas relativamente simples. Ele se levantou e foi para seus aposentos particulares. A lembrança do falecido Walter Sullivan já desaparecera de sua cabeça. Não é eficiente ou produtivo ficar pensando no inimigo derrotado. Isso apenas atrasa sua caminhada em direção ao próximo desafio. Também fora Sullivan quem lhe ensinara isso.



Na luz fraca, o jovem ficou olhando fixamente para a casa. Tinha ouvido o tiro, mas não

desviou sua atenção da janela nem por um instante.

Bill Burton se juntou a Collin em poucos segundos. Não conseguiu encarar o parceiro. Dois agentes do Serviço Secreto, treinados e dedicados, matadores de jovens mulheres e homens idosos.

No caminho de volta, Burton afundou no banco. Enfim estava tudo acabado. Três pessoas mortas, incluindo Christine Sullivan. E por que não incluí-la? Afinal, todo aquele pesadelo tinha começado com ela.

Burton baixou os olhos para a mão, mal acreditando que havia acabado de empunhar uma arma, puxar o gatilho e dar fim à vida de um homem. Com a outra mão apanhara o gravador e a fita. Ambos agora estavam no seu bolso, prontos para serem jogados no incinerador.

Quando ouvira a gravação da ligação entre Sullivan e Seth Frank, Burton não tinha ideia de aonde o velho queria chegar com a referência à “doença” de Christine. Mas, ao repassar essa informação para o presidente, Richmond ficara alguns minutos olhando pela janela, um pouco mais pálido do que quando Burton entrara na sala. Em seguida ligara para a Assessoria de Comunicação da Casa Branca. Pouco tempo depois os dois escutavam a fita da primeira entrevista coletiva na escadaria do tribunal de Middleton. Ouviram o presidente dar os pêsames ao velho amigo, falar dos caprichos da vida e como Christine Sullivan ainda estaria viva se não tivesse ficado doente. Havia se esquecido de que ela lhe dissera isso no dia de sua morte. Um fato que podia ser comprovado. E que podia derrubar todos eles.

Burton afundara na cadeira, sem tirar os olhos do chefe, que, por sua vez, olhava em silêncio para a fita, como se tentasse apagá-la mentalmente. Burton balançou a cabeça, incrédulo. Richmond fora apanhado em sua própria retórica piegas, exatamente como convinha a um político.

– O que vamos fazer agora, chefe? Correr para pegar o Air Force One?

Burton estava só brincando. Não tirava os olhos do tapete, aturdido demais para pensar. Quando levantou a cabeça, o presidente o encarava.

– Walter Sullivan é a única pessoa viva além de nós que conhece o significado dessa informação.

Burton se levantou, sustentando o olhar do presidente.

– Minhas obrigações não envolvem matar pessoas só porque o senhor manda.

O presidente não desviou os olhos do rosto de Burton.

– Walter Sullivan é uma ameaça a todos nós. Está querendo foder a nossa vida e eu não gosto disso. Você gosta?

– Ele tem um bom motivo, não acha?

Richmond pegou uma caneta de cima da mesa e a girou entre os dedos.

– Se Sullivan falar, nós perderemos tudo. Tudo. – O presidente estalou os dedos. – Assim, de repente. E eu farei o que for possível para evitar que isso aconteça.

Bill Burton afundou novamente na cadeira, a barriga subitamente em fogo.

– Como sabe que ele ainda não fez nada?

– Conheço Walter – respondeu o presidente. – Ele vai fazer as coisas do seu jeito. E vai ser espetacular, mas deliberado. Não é de agir às pressas. Mas, quando age, os resultados são rápidos e definitivos.

– Ótimo.

Burton apoiou a cabeça nas mãos, a mente rodando mais depressa do que imaginara que fosse possível. Anos de treinamento tinham instilado nele uma capacidade quase inata de processar informações instantaneamente. De pensar a partir de uma posição independente e de agir uma fração de segundo antes de todos. Agora seu cérebro era uma confusão só: não havia nada claro. Ele olhou para Richmond.

– Mas matar o cara?

– Posso lhe garantir que, neste exato momento, Walter Sullivan está planejando a melhor maneira de nos destruir. Esse tipo de coisa não atrai minha simpatia. – O presidente recostou-se na cadeira e prosseguiu: – Esse homem decidiu nos enfrentar. E as pessoas têm que arcar com as consequências de suas decisões. Walter Sullivan sabe disso melhor que ninguém. – Mais uma vez, os olhos do presidente se fixaram nos de Burton. – A pergunta é: estamos preparados para reagir?



Collin e Burton tinham passado os últimos três dias seguindo Walter Sullivan. Quando o carro o deixara no meio do nada, Burton não pôde acreditar em sua sorte e ficou muito triste pelo seu alvo, que havia se tornado uma presa realmente fácil.

Marido e mulher mortos. Enquanto o carro voltava depressa para a capital, Burton começou a esfregar a mão inconscientemente, tentando limpar a sujeira que sentia entranhada em cada dobra. O que o paralisava era a constatação de que jamais conseguiria se livrar dos sentimentos que tinha agora, da realidade do que fizera. Aquilo o acompanharia em cada minuto do resto de seus dias. Trocara sua vida pela de outra pessoa. Mais uma vez. Sua coluna vertebral, antes de aço, agora se reduzia a uma lamentável massa de borracha. A vida lhe proporcionara o supremo desafio e ele falhara.

Burton enterrou os dedos no descanso de braço e contemplou a escuridão pela janela do carro.

**O** APARENTE SUICÍDIO DE WALTER Sullivan não abalou apenas a comunidade financeira. Pessoas ricas e poderosas do mundo todo foram ao funeral. Numa cerimônia esplêndida e devidamente solene na Catedral de São Mateus, em Washington, o homem foi elogiado por meia dúzia de dignitários. Os mais famosos discursaram durante vinte minutos, lembrando o grande ser humano que Walter Sullivan fora, o enorme estresse que vinha sofrendo nos últimos tempos e como pessoas sob tensão tão grande às vezes fazem coisas em que nem pensariam em outras circunstâncias. Quando Alan Richmond terminou de falar, não havia um único rosto seco em toda a igreja, e as lágrimas que escorriam de seus olhos pareciam sinceras. Ele sempre se impressionava com seu talento oratório.

Deu-se início à longa procissão do funeral, que só terminou três horas e meia depois, junto à casinha onde Walter Sullivan começara e terminara sua vida. Enquanto as limusines procuravam espaço na estreita estrada coberta de neve, Walter Sullivan foi carregado e enterrado ao lado de seus pais, na pequena elevação cuja vista do vale era, de longe, a coisa mais rica daquele lugar.

Quando a terra cobriu o caixão e os amigos de Walter Sullivan começaram a voltar para o mundo dos vivos, Seth Frank examinou cada um dos rostos. Observou o presidente abrir caminho até sua limusine. Bill Burton o viu, pareceu surpreso por um instante e depois o cumprimentou com um aceno de cabeça, que Frank retribuiu.

Depois que todos foram embora, o detetive voltou sua atenção para a pequena casa. As faixas amarelas da polícia ainda cercavam a área e dois policiais uniformizados montavam guarda.

Frank se aproximou, mostrou o distintivo e entrou.

Parecia-lhe o cúmulo da ironia que um dos homens mais ricos do mundo tivesse escolhido morrer naquele lugar. Walter Sullivan tinha sido a encarnação dos heróis que conquistam riqueza e sucesso por meio de trabalho árduo e comportamento virtuoso. Frank admirava um homem que subia na vida graças a seus próprios méritos, coragem e determinação. Quem não admiraria?

Olhou de novo para a cadeira onde o corpo fora encontrado com a arma do lado. O revólver tinha sido pressionado contra a têmpora esquerda de Sullivan. O ferimento em forma de estrela, largo e cheio de projeções irregulares, precedera a imensa fratura que acabara com a vida dele. O revólver caíra no chão, do lado esquerdo. O ferimento de contato e as queimaduras de pólvora na palma da mão levaram a polícia local a arquivar o caso como suicídio, explicável por fatos simples e diretos. Mortificado com a morte da esposa, Walter Sullivan se vingara do assassino e depois se matara. Seus amigos confirmaram que ele estivera fora de contato por alguns dias, o que era incomum. Sullivan raramente ia àquele refúgio e, quando ia, alguém sempre sabia de seu paradeiro. O jornal encontrado ao lado do corpo anunciava a morte do suspeito pelo assassinato de Christine Sullivan. Todos os sinais indicavam suicídio.

Mas um pequeno detalhe perturbava Frank e, propositadamente, ele não comentara com ninguém. Estivera com Walter Sullivan no dia em que ele fora ao necrotério reconhecer o corpo da esposa. Durante esse encontro, Sullivan assinara diversos documentos relativos à autópsia e a um inventário das poucas posses da mulher.

Tudo com a mão *direita*.

Esse detalhe, por si só, não era conclusivo. Sullivan podia ter empunhado a arma com a mão esquerda por diversas razões. Suas impressões digitais foram encontradas na arma, bem nítidas. Talvez até demais, pensou Frank.

Quanto à arma, era impossível rastreá-la. O número de série fora apagado com tanta perícia que nem mesmo o microscópio pôde ajudar. Completamente esterilizada. Do tipo que se espera encontrar na cena de um crime. Por que Walter Sullivan se preocuparia que identificassem a arma que usaria para se matar? Não se preocuparia, claro. Mas isso também era inconclusivo, pois a pessoa que fornecera a arma a Sullivan poderia tê-la obtido ilegalmente, embora a Virgínia fosse um dos estados onde era mais fácil comprar um revólver, para desilusão e alarme de muitos departamentos de polícia do país.

Frank terminou de olhar o interior da casa e foi andar do lado de fora. A camada de neve sobre o solo era densa. A autópsia confirmara que Sullivan tinha morrido antes que começasse a nevar. Por sorte, seus criados sabiam onde ficava a casa. Tinham procurado por ele e descoberto o corpo aproximadamente doze horas depois da morte.

Não, a neve não ajudara Frank. E o local era tão isolado que não havia ninguém que pudesse dizer se algum suspeito fora visto na noite da morte de Sullivan.

O correspondente de Frank no departamento do xerife do condado saiu do carro e se aproximou dele. Trazia uma pasta com alguns papéis. Conversou com Frank por uns momentos. O detetive agradeceu, caminhou até seu carro e foi embora.

A autópsia indicava que a morte havia ocorrido entre onze da noite e uma da manhã. Mas, à meia-noite e dez, Walter Sullivan telefonara para alguém.



Os corredores da PS&L estavam estranhamente silenciosos. A vida de uma movimentada firma de advocacia são os telefones tocando, pessoas falando e o barulho dos faxes e dos teclados. Apesar de haver ramais diretos, Lucinda costumava receber cerca de oito telefonemas por minuto. Nesse dia estava lendo a *Vogue* tranquilamente. A maioria das portas estava fechada, escondendo as intensas e muitas vezes arrebatadas discussões entre um grupo de advogados.

A porta da sala de Sandy Lord não estava apenas fechada, mas trancada. Os poucos sócios corajosos o bastante para bater eram recebidos com uma torrente de palavras obscenas proferidas por seu ocupante solitário e mal-humorado.

Lord estava sentado em sua cadeira, os pés descalços sobre a mesa, sem gravata, colarinho aberto, uma garrafa de seu uísque mais forte ao alcance da mão, já quase vazia. Seus olhos pareciam duas manchas de sangue. Na igreja, fixara aqueles olhos no reluzente caixão de bronze que guardava o corpo de Sullivan. Podia-se dizer que lá dentro estavam tanto os restos mortais de Sullivan quanto os do próprio Sandy Lord.

Por muitos anos Lord previra a morte de Sullivan e, com a ajuda de uns dez especialistas da firma, estabelecera uma elaborada série de salvaguardas que incluíam manter um contingente leal na diretoria da holding que administrava as empresas de Sullivan, para garantir que elas continuassem representadas pela PS&L e, particularmente, por Sandy Lord. A vida continuaria. A PS&L seguiria intacta e até mesmo fortalecida. Entretanto, ocorrera um acontecimento inesperado.

Os mercados financeiros entendiam que era inevitável que Sullivan morresse um dia. O que aparentemente não eram capazes de aceitar era seu suicídio, associado a boatos cada vez mais intensos de que ele mandara matar o assassino da esposa. O mercado não estava preparado para esse tipo de revelação. E um mercado apanhado de surpresa, como alguns economistas predizem, frequentemente reage de modo irracional e precipitado. Esses economistas não ficariam desapontados. Na manhã em que o corpo de Sullivan foi encontrado, as ações de suas empresas tiveram queda de 61 por cento na Bolsa de Nova York, com o maior volume de ações negociadas nos últimos dez anos.

Com cada ação sendo vendida seis dólares abaixo do valor nominal, não levava muito tempo para que os abutres comessem a rondar.

A oferta pública de compra de ações feita pela Centrus Corp. foi rejeitada pela diretoria das Empresas Sullivan, a conselho de Lord. No entanto, tudo indicava uma esmagadora aceitação da oferta pelos acionistas, que tinham visto boa parte do seu investimento evaporar da noite para o dia. Provavelmente a batalha pelas procurações dos acionistas seria acirrada e o controle da companhia mudaria de mãos em dois meses. A representante jurídica da Centrus, a Rhoads, Director & Minor, era uma das maiores firmas de advocacia do país, com advogados extremamente competentes em todas as áreas do direito.

O resultado era claro. A PS&L não seria mais necessária. Seu maior cliente, algo em torno de vinte milhões de dólares, mais ou menos um terço de seus negócios, desapareceria. Currículos já tinham começado a ser enviados. Grupos de advogados tentavam fazer acordos com a Rhoads, alegando familiaridade com os negócios de Sullivan, o que evitaria a temida e custosa curva de aprendizado. Vinte por cento dos até então leais funcionários da PS&L tinham se demitido e não havia perspectiva de mudança.

A mão de Lord se moveu pela mesa até que ele tomou o último gole do uísque. Girando na cadeira, espiou a sombria manhã de inverno e teve que sorrir.

Para ele, não haveria acordo com a Rhoads, Director & Minor. E assim, finalmente acontecera: Lord se tornara vulnerável. Tinha visto clientes serem derrotados com rapidez alarmante, em especial na última década, quando, num minuto, a pessoa era bilionária e, no minuto seguinte, um delinquente pobre. No entanto, nunca imaginara que sua própria queda, se algum dia acontecesse, seria tão rápida, tão completa.

Esse era o problema com um cliente monstruoso como aquele. Tomava todo seu tempo e sua atenção. Os clientes antigos iam se afastando até que sumiam. Novos clientes não eram conquistados. Sua arrogância agora se virava contra ele.

Fez alguns cálculos rápidos. Nos últimos vinte anos ganhara cerca de trinta milhões de dólares. Lamentavelmente, conseguira não só torrar tudo isso, mas também gastar uma boa soma por conta. Nesse período comprara muitas casas luxuosas, uma casa de veraneio em Hilton Head Island e uma garçonnière em Nova York, para onde levava suas companhias casadas. Os carros de luxo, as várias coleções que se espera que um homem de bom gosto e recursos acumule, a adega pequena mas seleta e até mesmo um helicóptero – possuía todas essas coisas, mas três divórcios, nenhum deles amigável, haviam deteriorado seu patrimônio.

A residência que lhe restara parecia saída de uma revista de decoração, mas lhe custara uma hipoteca que podia ser equiparada à sua assombrosa opulência. Não dispunha de liquidez. E, na

PS&L, você come o que caça, e os sócios não costumam caçar em bando. Por isso sua renda mensal era tão maior que a de todos os outros. Mas agora mal conseguiria pagar o cartão de crédito. Só a fatura da American Express costumava ter mais de cinco dígitos.

Por um momento concentrou-se, com o cérebro a mil, nos outros clientes. Numa estimativa razoável concluiu que, na melhor das hipóteses, se forçasse bastante a barra, talvez pudesse conseguir meio milhão em negócios. Mas teria que visitar os clientes, correr atrás deles, e não tinha a menor vontade de fazer isso. Estava abaixo do seu nível. Pelo menos estivera, antes de o bom e velho Walter decidir que a vida não valia a pena, apesar de seus bilhões. *Meu Deus. Tudo por causa de uma putinha idiota.*

Quinhentos mil dólares! Menos que o babaca do Kirksen. Lord estremeceu com essa constatação.

Girou de novo e estudou o quadro na parede oposta. Contemplando as pinceladas de um artista pouco importante do século XIX, encontrou a razão para voltar a sorrir. Restava-lhe uma opção. Embora seu maior cliente tivesse ferrado sua vida, ele ainda dispunha de um bem para explorar. Digitou um número no telefone.



Fred Martin empurrava depressa o carrinho pelo corredor. Era seu terceiro dia no emprego e sua primeira entrega na firma de advocacia, e ele estava ansioso por completar a tarefa com rapidez e precisão. Um dos dez contínuos contratados pela empresa, Martin já estava sendo pressionado pelo supervisor. Depois de quatro meses batendo de porta em porta, munido de nada além de seu diploma de bacharel em história conseguido em Georgetown, concluíra que sua única alternativa seria cursar direito. E que lugar seria melhor para avaliar as possibilidades da carreira do que uma das mais prestigiosas firmas da capital? A interminável série de entrevistas de emprego o tinha convencido de que nunca era cedo demais para começar a fazer networking.

Consultou seu mapa com os nomes dos advogados escritos nos quadradinhos que representavam os escritórios. Pegara o mapa sobre a mesa em sua estação de trabalho, sem notar a versão atualizada enterrada debaixo de uma pasta com uma transação multinacional de cinco mil páginas que ele devia indexar e encadernar naquela tarde.

Ao fazer a curva, ele parou e viu a porta fechada. Todas as portas estavam fechadas naquele dia. Pegou o pacote da Federal Express e checkou o nome no mapa, comparando com os garranchos no pacote. Era o mesmo. Viu que a moldura para a plaqueta do nome estava vazia e suas sobranceiras se contraíram, demonstrando sua confusão.

Bateu, esperou um momento, bateu de novo e então abriu a porta.

Olhou em torno. A mesa estava uma bagunça. No chão havia montes de caixas e a mobília estava desarrumada. Havia documentos espalhados em cima da mesa. Seu primeiro impulso foi checar com o supervisor. Talvez houvesse um engano. Deu uma olhada no relógio. Já estava dez minutos atrasado. Pegou o telefone e discou o ramal do supervisor. Ninguém atendeu. Só então viu o retrato da mulher em cima da mesa. Alta, cabelos castanho-avermelhados, uma roupa caríssima. Devia ser a sala dele. Provavelmente estava se mudando para ela. Quem deixaria uma mulher daquelas para trás? Fred pôs o pacote cuidadosamente em cima da cadeira, onde tinha certeza de que seria encontrado. Saiu e fechou a porta.

– Sinto muito por Walter, Sandy. Sinceramente.

Jack olhou a paisagem. A cobertura em Upper Northwest devia ter custado uma fortuna e muitos dólares também foram gastos com a decoração. Para onde quer que ele olhasse, via pinturas originais, couro macio e esculturas em mármore. Jack chegou à conclusão de que o mundo não tinha muitos Sandy Lord e que os existentes precisavam morar em algum lugar.

Lord estava sentado ao lado do fogo que crepitava agradavelmente na lareira, com um largo roupão de lã escocesa cobrindo o corpo volumoso, os pés enfiados em chinelos de couro. A chuva fria batia contra a ampla área envidraçada. Jack se aproximou do fogo, com a impressão de que sua mente estalava e pulava como as labaredas. Uma brasa solta caiu no mármore, pegou fogo e se extinguiu. Jack segurou seu drinque com cuidado e olhou para o sócio.

O telefonema não tinha sido totalmente inesperado.

– Precisamos conversar, Jack. Para mim, quanto antes, melhor. Não no escritório.

Quando chegara, o criado pessoal de Lord, um senhor idoso, pegara seu casaco e suas luvas e desaparecera discretamente.

Os dois homens estavam no estúdio forrado de lambris de mogno, um luxuoso refúgio masculino do qual Jack sentiu uma pontada de inveja. Rapidamente se lembrou da imensa casa de pedra com uma biblioteca muito parecida com aquilo. Esforçou-se para se concentrar nas costas de Lord.

– Estou ferrado, Jack.

Aquelas eram as primeiras palavras que Lord dizia, e fizeram Jack ter vontade de sorrir. Não havia como deixar de apreciar a sinceridade do homem. Mas se conteve. O tom de Lord exigia respeito.

– A firma ficará bem, Sandy. Não vamos perder muito mais. Mesmo que tenhamos que sublocar parte do nosso espaço, não é o fim do mundo.

Lord finalmente se levantou e foi direto para o bar bem suprido num canto. Encheu um copinho com uísque até a borda e o esvaziou de uma só vez, com um gesto bem treinado.

– Desculpe, Jack, talvez eu não tenha sido muito claro. A firma sofreu um golpe mas não será derrotada. Você tem razão. Patton e Shaw vão aguentar o tranco. O que não sei é se Patton, Shaw e Lord sobreviverão.

Lord atravessou o cômodo meio cambaleando e afundou, cansado, no sofá de couro vinho. Jack tomou um gole do drinque e estudou o rosto largo de Sandy Lord. Seus olhos estreitos não passavam de duas fendas do tamanho de uma moedinha.

– Você é o líder da firma, Sandy. Isso não vai mudar, mesmo que seu principal cliente tenha sofrido um golpe.

Lord gemeu.

– Um golpe? Um golpe? Foi uma maldita bomba atômica, Jack. E explodiu bem no meu rabo. Estou na lona. Os abutres já estão rondando e eu sou o prato principal, o leitão recheado com uma maçã na boca.

– Kirksen?

– Kirksen, Packard, Mullins, o maldito Townsend. Todos, Jack, até o último nome. Tenho que



admitir que mantenho um raríssimo relacionamento de ódio com meus sócios.

– Mas não com Graham, Sandy.

Lord olhou para Jack e levantou o corpo devagar, apoiando-se num braço flácido.

Jack se perguntou por que gostava tanto daquele homem. A resposta provavelmente estava em algum momento daquele almoço no Fillmore's tanto tempo antes. Nada de papo furado. Um batismo no mundo real, o ferrão das palavras fazendo suas entranhas se retorcerem e o cérebro produzir respostas que na verdade jamais teria coragem de dar. E agora o homem estava encrocado. Jack tinha como protegê-lo. Ou talvez tivesse. Seu relacionamento com os Baldwin agora estava longe de ser sólido.

– Sandy, para pegarem você, terão que me pegar antes.

Pronto, aí estava. Ele dissera. E tinha sido para valer. Fora Lord quem lhe dera a oportunidade de brilhar com o pessoal do primeiro time, mas também fora ele quem o jogara na fogueira. Mas de que outro modo poderia saber se uma pessoa é realmente capaz ou não? Aquela experiência também valera alguma coisa.

– As águas podem ficar um tanto perigosas para nós dois, Jack.

– Eu sei nadar, Sandy. Além do mais, não veja isso como algo puramente altruísta. Você é um patrimônio da firma da qual sou sócio. É um executivo de primeira qualidade, com uma habilidade excepcional para atrair clientes, usar conexões políticas e aumentar os lucros. Está por baixo agora, mas não permanecerá assim para sempre. Aposto que em doze meses estará de volta ao topo do ranking. O número um. Não pretendo perder um patrimônio como você.

– Não esquecerei isso, Jack.

– Não deixarei que esqueça.

Depois que Jack saiu, Lord começou a servir-se de outro drinque, mas parou. Contemplou as mãos trêmulas e lentamente largou a garrafa e o copo. Conseguiu chegar ao sofá antes que os joelhos cedessem. O espelho sobre a lareira refletiu sua imagem. Tinham se passado vinte anos desde a última vez em que uma lágrima escorrera pelo seu rosto, quando a mãe morrera, mas agora as lágrimas escorriam com frequência. Havia chorado pelo amigo Walter Sullivan. Por anos a fio, Lord enganara a si mesmo, obrigando-se a acreditar que o homem não significava nada para ele além de um belíssimo cheque mensal. O preço desse autoengano fora pago no funeral, quando Lord chorara tanto que precisou voltar para o carro até a hora de enterrar o amigo.

Secou o rosto. Maldito garoto. Lord planejava tudo em detalhes. Sua jogada teria sido perfeita. Imaginara todas as respostas possíveis, menos a que ouvira. Tinha se enganado com o rapaz. Imaginou que Jack faria o que ele mesmo teria feito: pressionar para conseguir tudo o que fosse possível em troca do enorme favor que lhe pediam.

Não foi apenas a culpa que o dominou. Foi a vergonha. Ele se sentiu nauseado. Fazia muito tempo que não sentia vergonha. Quando a náusea passou, olhou novamente a ruína que era sua imagem no espelho, Lord prometeu a si mesmo que não desapontaria Jack. Que *voltaria* a ocupar o topo. E não esqueceria.

NEM EM SEUS MAIORES devaneios Frank imaginara um dia estar sentado ali. Olhou em torno e viu que realmente era oval. A mobília era sólida e conservadora, mas havia um toque colorido aqui, uma faixa ali, um par de tênis caros cuidadosamente arrumados numa prateleira baixa, sinalizando que o dono daquele escritório não estava pensando em se aposentar tão cedo. Frank engoliu em seco e se esforçou para respirar normalmente. Afinal, era um policial veterano e aquele era apenas mais um interrogatório de rotina numa série interminável de interrogatórios. Só estava seguindo uma pista, mais nada. Em poucos minutos sairia dali.

Mas o seu cérebro lembrou-lhe de que a pessoa a quem estava prestes a fazer perguntas era o presidente dos Estados Unidos. Quando a porta se abriu, foi assaltado por uma nova onda de nervosismo. Frank levantou depressa, virou-se e passou um longo momento olhando para a mão estendida, até que sua mente enfim reagiu e ele pegou a mão.

– Muito obrigado por ter vindo, tenente.

– Não há problema algum, senhor. Quero dizer, o senhor tem coisas melhores a fazer do que ficar preso no tráfego. Embora isso nunca aconteça, não é mesmo, senhor presidente?

Richmond acomodou-se atrás de sua mesa e fez um gesto para que Frank se sentasse de novo. Um impassível Bill Burton, até aquele momento invisível aos olhos de Frank, fechou a porta e inclinou a cabeça na direção do detetive.

– Receio que meus itinerários sejam traçados com muita antecedência. É verdade que não fico preso nos engarrafamentos, mas, por outro lado, tudo perde a espontaneidade.

O presidente sorriu e Frank pôde sentir a própria boca abrir-se automaticamente num sorriso.

Richmond inclinou-se um pouco para a frente e encarou o detetive. Cruzou as mãos, franziu a testa e, num instante, sua expressão passou de descontraída a intensamente séria.

– Quero lhe agradecer, Seth. – Ele dirigiu o olhar para Burton. – Bill me contou como tem cooperado nessa questão do assassinato de Christine Sullivan. Sinceramente, fico muito grato. Muitos policiais teriam sido menos francos e cooperativos ou tentariam transformar tudo num circo para benefício pessoal. Eu esperava algo muito melhor de você, e minhas expectativas foram superadas. Mais uma vez, muito obrigado.

Frank vibrou como se tivesse ganhado a medalha de primeiro lugar em leitura na quarta série.

– É tudo tão terrível. Mas, me diga uma coisa, você soube de alguma ligação entre o suicídio de Walter e o assassinato daquele criminoso?

Frank afastou seu deslumbramento e dirigiu um olhar firme ao presidente.

– Ora, vamos, tenente. Posso lhe dizer que neste exato momento toda a cidade discute selvagememente a questão de Walter ter contratado um matador para vingar a morte da esposa e depois ter se suicidado. Não se pode impedir que as pessoas fuxiquem e comentem. Eu só gostaria de saber se a investigação corrobora a teoria de que Walter encomendou a morte do assassino da mulher.

– Receio que eu não possa dizer nem que sim nem que não, senhor. Espero que compreenda, mas esta é uma investigação policial ainda em andamento.

– Não se preocupe, tenente, não tenho a intenção de ofendê-lo. Mas posso lhe dizer que tem

sido um período particularmente sofrido para mim. Pensar que Walter Sullivan daria fim à própria vida... Um dos homens mais brilhantes e com mais recursos de todos os tempos.

- Muita gente me disse a mesma coisa.

- Mas aqui entre nós, conhecendo Walter como conheci, não seria impossível que ele tivesse tomado medidas precisas e concretas para que o assassino de sua esposa... recebesse o tratamento adequado.

- O suposto assassino, senhor presidente. Inocente até que se prove o contrário.

O presidente olhou para Burton.

- Mas fui levado a crer que o caso estava praticamente encerrado.

Seth Frank coçou a orelha.

- Alguns advogados de defesa adoram casos praticamente encerrados.

- E esse defensor é desse tipo?

- Sem dúvida. Não sou de apostar, mas não teria considerado chances de condenação maiores que quarenta por cento. Teríamos uma batalha de verdade.

O presidente se recostou na cadeira enquanto absorvia a informação e depois encarou Frank de novo.

O detetive notou a expressão de expectativa no rosto dele e abriu o caderninho de notas. Seus batimentos cardíacos se acalmaram assim que deu uma olhada naqueles rabiscos tão familiares.

- O senhor tem certeza de que Walter Sullivan lhe ligou imediatamente antes de morrer?

- Sei que falei com ele. Não sabia que tinha sido imediatamente antes da morte.

- Fico surpreso que o senhor não tenha falado nada antes.

O presidente ficou visivelmente sem graça.

- Eu sei. Acho que eu mesmo também estou um pouco surpreso. Suponho que tenha acreditado que estava protegendo Walter, ou pelo menos a memória dele. Embora soubesse que a polícia acabaria descobrindo o telefonema. Sinto muito, tenente.

- Preciso saber dos detalhes da conversa.

- Gostaria de beber alguma coisa, Seth?

- Um café seria bem-vindo, obrigado.

Como numa peça bem ensaiada, Burton pegou um telefone num canto e um minuto depois uma bandeja de prata foi trazida.

Beberam o café fumegante. O presidente olhou para o relógio e depois viu que Frank tinha os olhos fixos nele.

- Desculpe, Seth. *Estou* dando à sua visita a importância que ela merece. No entanto, um grupo de deputados vai chegar para almoçar em alguns minutos. Para ser sincero, não estou muito ansioso para recebê-los. Por incrível que pareça, não sou particularmente apaixonado por políticos.

- Eu entendo. Levaremos apenas alguns minutos. Qual foi o objetivo do telefonema?

O presidente se recostou, como se para organizar as ideias.

- Eu o classificaria como um grito de desespero. Definitivamente, Walter não parecia normal. Deu-me a impressão de estar desequilibrado, descontrolado. Passou longos períodos sem dizer nada. Bem diferente do homem que eu conhecia.

- Do que ele falou?

– De tudo e ao mesmo tempo de nada. Às vezes só balbuciava coisas sem sentido. Falou sobre a morte de Christine. E sobre o suspeito que vocês prenderam. Como o odiava, como ele destruíra sua vida. Foi horrível.

– O que o senhor disse a ele?

– Bem, fiquei o tempo todo perguntando onde ele estava. Queria ajudá-lo. Mas ele não me disse. Na verdade não sei se chegou a ouvir uma só palavra do que falei, de tão perturbado que estava.

– Então o senhor acha que ele parecia um suicida em potencial?

– Não sou psiquiatra, tenente, mas, se tivesse que dar um palpite de leigo sobre seu estado mental, sim. Eu diria que Walter Sullivan parecia um suicida em potencial naquela noite. Foi uma das poucas vezes durante meu governo em que me senti realmente impotente. Para ser sincero, após a conversa que tivemos, não fiquei surpreso ao saber que ele tinha morrido. – Richmond fez uma pausa, deu uma espiada no rosto impassível de Burton e voltou a se concentrar no detetive. – Também foi por isso que lhe perguntei se era verdade que Walter tinha sido responsável pela morte do suspeito. Depois do telefonema, tenho que admitir que essa ideia me ocorreu.

Frank deu uma olhada em Burton.

– O senhor não teria uma gravação da conversa? Sei que algumas das ligações são gravadas.

Foi o presidente quem respondeu:

– Sullivan ligou para minha linha particular, tenente. É uma linha segura e nela não são permitidas gravações.

– Entendo. Ele deu alguma indicação de que estivesse envolvido na morte de Luther Whitney?

– Não diretamente. É claro que Walter não parecia pensar com clareza. Mas, lendo nas entrelinhas, a raiva que eu sabia que ele estava sentindo... bem, detesto fazer esta declaração a respeito de alguém que já morreu, mas acho que ficou muito claro para mim que ele havia encomendado a morte do homem. Não tenho provas disso, claro, mas foi a impressão que tive. Uma impressão muito forte.

Frank balançou a cabeça.

– Uma conversa bastante desagradável.

– Sim, foi muito desconfortável. Agora, tenente, receio que o dever me chame.

Frank não se abalou.

– Por que acha que ele telefonou para o senhor? E tão tarde da noite?

O presidente se recostou de novo e deu outra olhada rápida em Burton.

– Walter era meu amigo pessoal. Um dos mais íntimos. Os horários dele eram estranhos, mas os meus também são. Uma ligação dele àquela hora não era incomum. Eu não tive muitas notícias dele nos últimos meses. Como você sabe, Walter estava passando por uma pressão muito grande. Era do tipo que sofria em silêncio. Agora, Seth, se me dá licença...

– Só acho estranho que, entre tanta gente para quem ligar, tenha escolhido logo o senhor. Quero dizer, era muito provável que o senhor nem estivesse aqui. O esquema de viagens do presidente é caótico. Isso me faz pensar no que ele tinha em mente.

O presidente se recostou, juntou os dedos das mãos e estudou o teto. *Ele quer brincar comigo*

*para mostrar como é inteligente.* Olhou de novo para Frank e sorriu.

– Se eu soubesse ler pensamentos, não dependeria tanto das pesquisas de opinião.

Frank também sorriu.

– Acho que não é preciso ser telepata para saber que o senhor vai ocupar essa cadeira por mais quatro anos.

– Muito obrigado, tenente. Tudo que posso lhe dizer é que Walter me telefonou. Se estava planejando se matar, para quem ligaria? A família se afastara dele desde seu casamento com Christine. Ele tinha muitas relações no mundo dos negócios, mas poucos amigos de verdade. Walter e eu nos conhecíamos havia muitos anos e eu o considerava uma espécie de pai. Eu estava bastante engajado na investigação da morte da esposa dele, como você sabe. Tudo isso pode explicar por que ele quis falar comigo. É realmente tudo que sei. Lamento não poder ajudar mais.

A porta se abriu. Frank não viu que foi em resposta ao acionamento de um botãozinho na parte interna da mesa do presidente.

Alan Richmond olhou para sua secretária.

– Já vou, Lois. Tenente, se houver alguma coisa que eu possa fazer por você, fale com Bill.

Frank fechou o caderninho.

– Obrigado, senhor.

Richmond continuou olhando para a porta depois que Frank saiu.

– Quem era o advogado de Whitney, Burton?

O agente pensou por um momento.

– Graham. Jack Graham.

– O nome parece familiar.

– É sócio da PS&L.

Os olhos do presidente se fixaram no rosto de Burton.

– O que houve?

– Não tenho certeza. – Richmond destrancou uma gaveta e pegou o caderno em que fizera anotações sobre aquele caso. – Não se esqueça, Burton, de que uma prova muito importante, pela qual pagamos cinco milhões de dólares, nunca apareceu.

O presidente folheou o caderno. Havia muitas pessoas envolvidas, em diferentes graus, naquele pequeno drama. Se Whitney tivesse dado a seu advogado o abridor de cartas junto com um relato do que acontecera, àquela altura o mundo todo já saberia. Richmond lembrou-se da cerimônia de premiação de Ransome Baldwin na Casa Branca. Graham não pareceu excessivamente tímido ou modesto. Com certeza não estava com o abridor de cartas. Mas então a quem Whitney o teria dado?

Enquanto o presidente analisava as informações e hipóteses possíveis, um nome subitamente saltou aos seus olhos, vindo do texto preparado com sua caligrafia precisa. Uma pessoa em quem realmente nunca tinha pensado.



Jack ajeitou a comida num braço, a pasta no outro e conseguiu pegar a chave no bolso. Porém, antes que pudesse abri-la na fechadura, a porta se abriu.

Jack ficou espantado.

– Não esperava encontrá-la em casa a esta hora.

– Você não precisava ter comprado nada. Eu podia ter preparado qualquer coisa.

Jack entrou, largou a pasta em cima da mesinha de centro e foi para a cozinha. Kate não tirou os olhos dele.

– Você também trabalha o dia inteiro. Por que teria que cozinhar?

– As mulheres fazem isso todos os dias, Jack. Basta olhar à sua volta.

Ele veio da cozinha.

– Nada de discussões. Prefere frango agri-doce ou *moo goo gai pan*? Também trouxe rolinhos primavera.

– Você escolhe um e eu como o outro. Na verdade não estou com fome.

Ele se retirou e voltou com dois pratos cheios.

– Você sabe que, se não comer, vai acabar sumindo, carregada pelo vento. Do jeito como vão as coisas, já estou tentado a pôr umas pedras nos seus bolsos.

Jack se sentou no chão, de pernas cruzadas, ao lado dela. Kate começou a beliscar a comida, enquanto Jack devorava o prato.

– E então, como foi o trabalho? Você poderia ter tirado mais uns dias de folga. É tão exigente consigo mesma.

– Olhe só quem está falando. – Ela pegou um rolinho primavera, mas desistiu dele.

Jack descansou o garfo e olhou para Kate.

– Tudo bem, estou ouvindo.

Ela foi para o sofá, onde ficou sentada, mexendo no colar. Ainda com as roupas de trabalho, parecia exausta, como uma flor que houvesse murchado ao vento.

– Penso muito no que fiz com Luther.

– Kate...

– Jack, deixe eu terminar. – A voz dela pareceu uma chicotada. Num instante, porém, suas feições relaxaram e ela prosseguiu, mais calma: – Cheguei à conclusão de que nunca vou me recuperar, então o melhor é aceitar o que aconteceu. O que fiz podia ser certo por diversas razões. Mas, pelo menos por uma, foi definitivamente errado. Ele era meu pai. Por mais insatisfatória que possa parecer, essa deveria ser uma boa razão. – Ela revirou o colar mais um pouco até formar uma série de pequenos nós. – Acho que o fato de ser advogada, pelo menos o tipo de advogada que sou, me transformou em alguém de quem não gosto muito. E essa não é uma boa conclusão para se chegar aos 30 anos.

Jack estendeu uma das mãos para tentar fazer com que as dela parassem de tremer. Kate não se mexeu. Ele pôde sentir o sangue latejando nas veias dela.

– Tendo tudo isso em vista, acho que estou pronta para uma mudança radical. De vida, de carreira, tudo.

– Do que você está falando? – Jack se levantou e sentou ao lado dela. O pulso dele disparou ao antecipar o que ela ia dizer.

– Não vou mais ser promotora, Jack. Na verdade, não vou mais nem advogar. Pedi demissão hoje de manhã. Tenho que admitir que eles ficaram muito chocados. Pediram que eu pensasse. Eu disse que estava decidida.

A incredulidade era claramente perceptível na voz de Jack:

– Você largou o trabalho? Meu Deus, Kate, você investiu tanto na sua carreira. Não pode jogar tudo para o alto de uma hora para outra.

Ela se levantou de repente e foi até a janela.

– É só isso, Jack. Desistir. As lembranças do que fiz nesses quatro anos, somadas, dão uma vida inteira de filmes de terror. Não era exatamente o que eu tinha em mente no primeiro ano de faculdade, quando discutia os grandes princípios da Justiça.

– Não se desvalorize. As ruas estão muito mais seguras por causa do seu trabalho.

Ela se virou para ele.

– Não consigo mais nadar contra a corrente. Fui jogada no mar há muito tempo.

– Mas o que você vai fazer? Você é uma advogada.

– Não. Você está enganado. Só fui advogada durante uma pequena parte da minha vida. Eu gostava muito mais da vida que levava antes.

Kate parou e o encarou, os braços cruzados no peito.

– E você foi bem claro ao me dizer isso, Jack. Só virei advogada para me vingar do meu pai. Os anos de faculdade e mais os quatro sem ter uma vida fora do tribunal foram um preço muito alto.

– Ela deu um suspiro profundo e seu corpo estremeceu por um instante antes que conseguisse se recuperar. – Além do mais, acho que agora consegui me vingar dele definitivamente.

– Kate, nada disso foi culpa sua. – Jack se calou quando ela se afastou.

O que ela disse a seguir o abalou:

– Vou me mudar, Jack. Ainda não sei para onde. Tenho algum dinheiro guardado. O Sudoeste parece uma boa ideia. Ou talvez o Colorado. Quero o lugar mais diferente daqui possível. Talvez seja um começo.

– Se mudar – falou Jack, mais para si mesmo do que para ela. – Se mudar – repetiu ele, como se quisesse se livrar das palavras, dissecá-las e ao mesmo tempo interpretá-las de um modo que não fosse tão doloroso.

Kate olhou para as mãos.

– Não há nada que me prenda aqui, Jack.

Ele olhou para ela e, mais do que ouviu, sentiu a resposta furiosa brotar dos próprios lábios:

– Vá se ferrar! Como se atreve a dizer uma coisa dessas?

Kate finalmente o encarou. Jack quase percebeu o tremor em sua voz quando ela falou, trêmula:

– Acho melhor você ir embora.



Jack se sentou à sua mesa, sem querer enfrentar a pilha de trabalho e a pequena montanha de mensagens, perguntando-se se sua vida poderia ficar ainda pior. Então Dan Kirksen entrou. Jack gemeu involuntariamente.

– Dan, eu realmente não estou...

– Você não foi à reunião dos sócios hoje de manhã.

– Bem, ninguém me avisou que haveria reunião.

– Um memorando foi enviado, mas o horário de funcionamento do seu escritório tem sido um tanto errático ultimamente.

Kirksen lançou um olhar de reprovação à bagunça em cima da mesa de Jack. A dele estava sempre em perfeita ordem, o que mais provava o pouco trabalho que tinha a fazer do que qualquer outra coisa.

– Estou aqui agora.

– Soube que você esteve na casa de Sandy.

Jack lhe lançou um olhar penetrante.

– Parece que nada mais é privado.

Kirksen corou, furioso.

– Os assuntos da sociedade devem ser discutidos por toda a sociedade. Não precisamos de facções que arruinarão ainda mais esta firma.

Jack quase deu uma gargalhada. Aquilo vindo de Dan Kirksen, o rei das panelinhas!

– Acho que já passamos pelo pior.

– Acha, Jack? Mesmo? – debochou Kirksen. – Eu não sabia que você tinha tanta experiência com esse tipo de coisa.

– Ora, se isso o incomoda tanto, Dan, por que não vai embora?

O esgar de ironia desapareceu rapidamente do rosto do homem.

– Trabalho aqui há quase vinte anos.

– Parece que já está na hora de mudar. Talvez lhe faça bem.

Kirksen sentou e limpou uma mancha dos óculos.

– Um conselho de amigo, Jack. Não aposte tudo em Sandy ou estará cometendo um grande erro. Ele está liquidado.

– Obrigado pelo conselho.

– Estou falando sério, Jack. Não arrisque sua posição numa tentativa fútil, mesmo que bem-intencionada, de salvá-lo.

– Arriscar minha posição? Você quer dizer a posição de Baldwin, não é?

– Baldwin é seu cliente... por enquanto.

– E você está pensando numa mudança na direção? Se estiver, boa sorte. Você duraria apenas um minuto.

Kirksen se levantou.

– Nada é para sempre, Jack. Sandy Lord pode lhe dizer isso tão bem quanto qualquer outra pessoa. Tudo o que vai acaba voltando. Nesta cidade, podem-se queimar as pontes para garantir que não sobre ninguém vivo sobre elas.

Jack contornou a mesa. Era muito mais alto que Kirksen.

– Você é assim desde criança, Dan, ou se transformou num verme depois de adulto?

Kirksen sorriu e fez menção de sair.

– Como falei, nunca se sabe, Jack. O relacionamento com os clientes é sempre muito delicado. Veja seu caso, por exemplo. Você se ampara essencialmente no casamento com Jennifer Ryce Baldwin. Agora, se a Srta. Baldwin por acaso descobrir que à noite, em vez de ir para casa, você tem dividido o apartamento com uma certa jovem, ela pode se mostrar menos inclinada a lhe destinar serviços jurídicos e muito menos a se tornar sua esposa.

Não foi preciso mais que um instante. Kirksen foi jogado de costas contra a parede e Jack ficou tão junto dele que os óculos do homem embaçaram.



– Não faça nenhuma bobagem, Jack. Independentemente de sua posição na firma, ninguém verá com bons olhos um sócio júnior agredindo um sócio sênior. Ainda seguimos alguns padrões aqui.

– Nunca mais se meta na minha vida, Kirksen. Nunca mais! – Sem esforço, Jack o atirou porta afora e voltou para sua mesa.

Kirksen alisou a camisa e sorriu. Tão facilmente manipuláveis os bonitões grandes e altos. Fortes como mulas, e não muito mais inteligentes. Tão sofisticados quanto um tijolo.

– Sabe, Jack, você devia procurar ver onde se meteu. Por alguma razão, parece confiar cegamente em Sandy Lord. Ele lhe contou a verdade sobre Barry Alvis? Por acaso ele lhe contou o que aconteceu, Jack?

Jack virou-se devagar e dirigiu um olhar inexpressivo para Dan Kirksen, que prosseguiu:

– Ele usou o papo de advogado sem futuro, incapaz de atrair novos clientes? Ou disse que Alvis tinha arruinado um grande projeto?

Jack continuou a olhar para ele.

Kirksen sorriu, triunfante.

– Um telefonema, Jack. A moça telefona se queixando de que o Sr. Alvis tinha sido inconveniente com ela e o pai. E Barry Alvis desaparece. É assim que a coisa funciona, Jack. Talvez você não queira jogar esse tipo de jogo. Nesse caso, ninguém está impedindo *você* de ir embora.

Kirksen já vinha aperfeiçoando aquela estratégia havia algum tempo. Com Sullivan fora do caminho, ele podia prometer a Baldwin que o trabalho dele seria a prioridade da empresa, e ele ainda dispunha da melhor equipe de advogados da cidade. Quatro milhões de dólares de negócios jurídicos somados aos seus próprios negócios já existentes fariam dele o maior captador de clientes da casa. Seu nome finalmente iria para a porta, no lugar de outro que, rapidamente, desceria.

O sócio-gerente sorriu para Jack.

– Você pode não gostar de mim, Jack, mas estou lhe dizendo a verdade. Você já está bem grandinho, decida como lidar com isso.

Kirksen saiu e fechou a porta.

Jack permaneceu de pé mais um segundo e depois se afundou na cadeira. Com gestos rápidos, abriu espaço no tempo da mesa, debruçou-se e apoiou a cabeça.

SETH FRANK OLHOU PARA o velho. Baixo, com um boné de veludo macio, calças de veludo cotelê, um suéter grosso e botas de inverno, o homem parecia ao mesmo tempo desconfortável e animadíssimo por estar na delegacia. Tinha na mão um objeto retangular coberto por papel pardo.

– Não tenho certeza se entendi, Sr. Flanders.

– Eu estava lá, no tribunal, naquele dia. O senhor sabe, no dia em que o homem foi morto. Fui ver o motivo de toda aquela confusão. Passei a vida inteira ali e nunca houve nada que chegasse perto daquele espetáculo, posso garantir.

– Eu entendo – disse Frank, seco.

– Bem, peguei minha Camcorder nova, uma coisinha realmente de primeira, com visor de imagem e tudo. Basta segurar, apontar e botar para funcionar. Grande qualidade. Minha mulher disse para eu descer.

– Isso é fantástico, Sr. Flanders. Mas qual é o objetivo de tudo isso?

A percepção se estampou no rosto de Flanders.

– Ah, desculpe, tenente. Fico aqui falando sem parar, sou assim mesmo, pergunte à minha mulher. Estou aposentado há um ano. Nunca fui de falar muito no trabalho. Linha de montagem em uma fábrica. Agora gosto de falar. E de ouvir também. Passo um tempão naquele café atrás do banco. O café é bom e os bolinhos são realmente maravilhosos, nada dessas drogas sem gordura.

Frank estava exasperado.

Flanders apressou-se em explicar:

– Bem, vim aqui mostrar isto. Na verdade vim lhe dar. Guardei uma cópia. – Ele entregou o pacote.

Frank abriu e viu uma fita de vídeo. Flanders tirou o boné, revelando uma cabeça calva com tufo de cabelo branco como algodão sobre as orelhas. Prosseguiu, animado:

– Fiz algumas tomadas realmente boas. Como a do presidente e da hora em que aquele cara levou o tiro. Peguei tudo. Meu Deus, peguei mesmo. Eu estava seguindo o presidente, entende? Peguei tudo o que podia.

Frank manteve o olhar fixo no homem.

– Está tudo aí, tenente. Tudo o que era possível filmar. – Deu uma olhada no relógio. – Puxa, tenho que ir. Vou chegar atrasado para o almoço. Minha mulher não gosta disso.

Ele se virou para ir embora. Seth Frank olhou para a fita.

– Ah, mais uma coisa, tenente.

– Sim.

– Se a fita ajudar a descobrir alguma coisa, acha que vão usar meu nome quando escreverem a respeito?

Frank balançou a cabeça.

– Escreverem?

O velho parecia entusiasmado.

– É. Sabe como é, os historiadores. Eles chamariam de Fita Flanders. Talvez Vídeo Flanders. Sabe como é, igual ao outro caso.

Frank esfregou as têmporas, cansado.

– Outro caso?

– É, tenente. Sabe, como Zapruder com Kennedy.

O rosto de Frank finalmente deu sinais de reconhecimento.

– Vou me assegurar de que saibam o seu nome, Sr. Flanders. Por garantia. Para a posteridade.

– É isso aí. – Flanders apontou um dedo feliz para Seth. – Posteridade. Gosto disso. Tenha uma boa posteridade o senhor também.



– Alan?

Richmond fez um gesto distraído para que Gloria entrasse e depois olhou mais uma vez para o caderno de notas à sua frente. Ao terminar com o caderno, fechou-o e olhou, impassível, para a chefe de gabinete.

Gloria hesitou, estudando o carpete, as mãos cruzadas na frente do corpo. Em seguida atravessou a sala quase correndo e desabou numa das cadeiras.

– Não sei bem o que lhe dizer, Alan. Sei que meu comportamento foi imperdoável, absolutamente inadequado. Se eu pudesse, alegaria insanidade temporária.

– Quer dizer que não vai alegar que foi para atender aos meus melhores interesses? – Richmond recostou-se na cadeira, os olhos fixos em Gloria.

– Não, não vou. Estou aqui para apresentar meu pedido de demissão.

O presidente sorriu.

– Talvez eu a tenha subestimado, Gloria.

Ela se levantou e foi apoiar-se do outro lado da mesa, encarando Gloria Russell.

– Pelo contrário, seu comportamento foi bastante adequado. Se eu estivesse na sua posição, teria feito a mesma coisa.

Ela ergueu o rosto para ele. Sua expressão mostrava seu assombro.

– Não me entenda mal, Gloria. Espero lealdade, como qualquer líder. No entanto, não espero que seres humanos sejam mais que seres humanos, com todas as suas fraquezas e seu instinto de sobrevivência. Afinal de contas, somos animais. Consegui atingir minha atual posição por não perder de vista o fato de que a pessoa mais importante do mundo sou eu mesmo. Qualquer que seja a situação, qualquer que seja o obstáculo, eu nunca, *jámais*, perdi isso de vista. O que você fez naquela noite demonstra que pensa do mesmo modo.

– Você sabe o que eu pretendia?

– Claro que sei, Gloria. Não a condeno por querer tirar o máximo de proveito da situação. Meu Deus, essa é a base sobre a qual este país e em particular esta cidade foram construídos.

– Mas quando Burton lhe disse...

Richmond ergueu uma das mãos.

– Admito que senti certas emoções naquela noite. Com destaque, talvez, para a de ter sido traído. Mas, com o tempo, concluí que seus atos evidenciavam força de caráter, e não fraqueza.

Gloria tentou entender aonde ele queria chegar.

– Então posso presumir que você não aceita minha demissão?  
O presidente inclinou-se para a frente e segurou uma das mãos dela.  
– Nem me lembro de você ter mencionado o assunto, Gloria. Não posso imaginar que nosso relacionamento seja rompido depois de nos conhecermos tão bem. Vamos deixar assim?  
Ela se levantou para sair.  
– Ah, Gloria, tem um monte de coisas que eu gostaria de ver com você hoje à noite. Minha família está fora da cidade. Talvez possamos trabalhar nos meus aposentos.  
Ela o encarou.  
– Provavelmente ficaremos até tarde, Gloria. Melhor levar uma muda de roupa.  
O presidente não sorriu. Dirigiu-lhe um olhar cortante e depois voltou ao trabalho.  
A mão de Gloria tremia ao fechar a porta.



Jack bateu na porta com tanta força que a madeira grossa e polida machucou os nós de seus dedos.

A governanta abriu e Jack foi entrando antes que ela pudesse dizer uma só palavra.

Jennifer Baldwin acabava de descer a escada em curva e entrou no saguão de piso de mármore. Estava vestida com um caríssimo vestido de noite, o cabelo caindo sobre os ombros, emoldurando um decote generoso. Não sorria.

– Jack, o que você está fazendo aqui?  
– Quero falar com você.  
– Jack, tenho outros planos. Você vai ter que esperar.  
– *Não!*

Ele segurou a mão dela, olhou em volta e a puxou em direção à porta de madeira entalhada da biblioteca.

Ela se libertou com um puxão depois que ele fechou a porta.  
– Você está louco, Jack?

Ele deu uma olhada ao redor do aposento, com suas imensas estantes e prateleiras cheias de primeiras edições encadernadas a ouro. Tudo pura ostentação. Provavelmente nenhum daqueles livros jamais tinha sido aberto.

– Quero fazer uma pergunta simples e depois vou embora.  
– Jack...  
– *Uma pergunta.* Depois vou embora.

Ela lhe dirigiu um olhar desconfiado e cruzou os braços.

– O que é?  
– Você ligou para meu trabalho pedindo que demitissem Barry Alvis porque ele me fez trabalhar na noite em que fomos à Casa Branca? Sim ou não?

– Quem lhe disse isso, Jack?  
– Apenas responda à pergunta, Jenn.  
– Jack, por que é tão importante para você?  
– Então você fez com que o demitissem?  
– Jack, pare de pensar nisso e pense no futuro que teremos juntos. Se nós...

– Responda à maldita pergunta!

Ela explodiu.

– *Sim!* Sim, mandei que demitissem o merdinha! E daí? Ele mereceu. Tratou você como um inferior. E estava totalmente enganado. Ele não era nada. Brincou com fogo, acabou queimado. Não tenho nenhuma pena dele. – Ela o encarou sem nenhum traço de remorso.

Jack sentou numa poltrona e ficou olhando para a escrivania imponente do outro lado da sala. A cadeira de espaldar alto forrada de couro estava virada de costas para eles. Jack contemplou as pinturas a óleo originais que enfeitavam as paredes, as janelas com as cortinas combinando perfeitamente que deviam ter custado mais do que ele podia imaginar, o trabalho de entalhe, as onipresentes esculturas de metal e mármore. O teto atravessado por uma multidão de personagens medievais. O mundo dos Baldwin. Bem, eles que aproveitassem bem seu mundo. Jack fechou os olhos.

Jennifer jogou o cabelo para trás e se virou para ele, com os olhos brilhando de ansiedade. Hesitou por um momento e depois se adiantou, indo ajoelhar-se ao seu lado, a mão no seu ombro. Seu odor derramou-se em cascatas sobre Jack. Ela falou baixo, o rosto tão colado no dele que seu hálito lhe fez cócegas na orelha.

– Jack, já falei que você não tem que tolerar esse tipo de comportamento. E agora que esse ridículo caso de homicídio está fora do caminho, podemos seguir com nossas vidas. Nossa casa está quase pronta, realmente maravilhosa. Temos que terminar de planejar o casamento, querido, agora tudo pode voltar ao normal.

Ela tocou o rosto dele, virando-o na sua direção. Fitou-o com seu olhar mais lascivo e o beijou, longa e profundamente, afastando os lábios bem devagar. Então examinou os olhos dele, mas não encontrou o que procurava.

– Você tem razão, Jenn. O ridículo caso de homicídio está encerrado. Um homem que eu respeitava, de quem eu gostava, teve seus miolos estourados. Caso encerrado, hora de seguir em frente. É preciso ganhar dinheiro, muito dinheiro.

– Você entende o que quero dizer. Para começar, nunca devia ter se envolvido nisso. Não era problema seu. Se tivesse aberto os olhos, Jack, teria visto que tudo aquilo estava abaixo de você.

– E não era conveniente para você, certo?

Jack levantou-se de repente. Sentia-se mais exausto do que qualquer outra coisa.

– Tenha uma ótima vida, Jenn. Eu diria que nos esbarramos por aí, qualquer dia, mas, sinceramente, não consigo imaginar isso acontecendo.

Jack já ia saindo, quando Jennifer o segurou pela manga.

– Jack, o que fiz de tão horrível?

Ele hesitou, mas acabou por confrontá-la.

– Você ainda pergunta? Pelo amor de Deus! – Ele balançou a cabeça, fatigado. – Você destruiu a vida de um homem que nem conhecia, Jenn. E por quê? Porque ele fez algo que você considerou “inconveniente”. Arruinou uma carreira de dez anos. Com um telefonema. Sem pensar nem por um instante em quais seriam as consequências para ele e sua família. Ele poderia ter estourado os miolos com uma bala, sua esposa poderia ter pedido divórcio. Mas você não estava nem aí. Provavelmente nunca pensou nesse tipo de coisa. Eu nunca poderia amar e passar o resto de minha vida com alguém capaz de agir assim. Se você não entende isso, se realmente

acha que não fez nada de errado, eis mais um motivo para terminarmos tudo agora mesmo. É melhor que reconheçamos nossas diferenças irreconciliáveis *antes* do casamento. Vai poupar bastante tempo e trabalho a todos os envolvidos.

Ele girou a maçaneta e sorriu.

– Todas as pessoas que conheço certamente me diriam que sou louco por fazer isso. Que você é uma mulher perfeita, inteligente, rica e bonita. E você é tudo isso, Jenn. Que teríamos uma vida perfeita. Que teríamos tudo. Como poderíamos não ser felizes? Mas eu não a faria feliz porque não me importo com as mesmas coisas que você. Não ligo para milhões de dólares em negócios, casas gigantescas ou carros que custam um ano de salário. Não gosto desta casa, não gosto do seu estilo de vida, não gosto dos seus amigos. Em resumo, acho que não gosto de você. E, neste exato momento, provavelmente sou o único homem do mundo que lhe diria isso. Mas sou um cara simples, Jenn, e jamais seria capaz de mentir. Vamos encarar a realidade. Dentro de dois dias, uns dez caras mais adequados a você do que Jack Graham vão bater à sua porta. Você não vai ficar sozinha.

Ele olhou para ela e fez uma careta de dor, ao ver o absoluto assombro em seu rosto.

– Para todos os fins, se alguém perguntar, você me deu o fora. Não atendi aos padrões Baldwin. Indigno. Tchau, Jenn.

Depois que ele se foi, ela permaneceu onde estava por alguns minutos. Por fim, saiu apressada. O barulho dos saltos no piso de mármore cessou quando ela subiu correndo a escada acarpetada.

A biblioteca ficou em silêncio por mais alguns segundos. Então a cadeira da escrivaninha se virou e Ransome Baldwin olhou para a porta onde pouco antes estivera sua filha.



Jack espiou pelo olho mágico, meio que esperando ver Jennifer Baldwin com um revólver. Suas sobrancelhas se arquearam quando viu quem era.

Seth Frank entrou, tirou o casaco e olhou admirado o pequeno apartamento entulhado de coisas.

– Cara, isso traz lembranças de uma outra época de minha vida. Aproveite enquanto pode, meu amigo. Uma boa mulher não permitirá que você continue com esse tipo de vida.

– Então, talvez eu esteja com sorte.

Jack desapareceu na cozinha e voltou com duas cervejas.

Os dois homens se acomodaram.

– Problemas com o casamento, advogado?

– Numa escala de um a dez, um ou dez, dependendo do ponto de vista.

– Por que estou pensando que o problema não foi Jenniffer?

– Porque você é detetive.

– É verdade. Quer falar sobre isso?

Jack balançou a cabeça.

– Talvez eu alugue seus ouvidos outra noite, mas hoje não.

Frank deu de ombros.

– É só me chamar. Eu trago a cerveja.

Jack notou o pacote no colo de Frank.

– Presente?

Frank levantou a fita na direção de Jack.

– Presumo que você tenha um aparelho de videocassete perdido no meio do entulho.



Quando o aparelho de vídeo foi ligado, Frank olhou para Jack.

– Jack, isso definitivamente não tem classificação livre. Já vou avisando que mostra tudo o que aconteceu com Luther. Está a fim de ver?

Jack fez uma pausa.

– Você acha que poderemos ver algo que nos faça pegar o assassino?

– É a minha esperança. Você o conheceu muito melhor que eu. Talvez perceba algo que tenha me escapado.

– Então estou a fim.

Mesmo tendo sido avisado, Jack não estava preparado. Frank o observou com atenção quando o momento foi se aproximando. Na hora do tiro, viu que Jack se encolheu involuntariamente, os olhos arregalados de pavor.

Frank pausou o vídeo.

– Agente firme. Eu lhe avisei.

Jack afundou na poltrona. Sua respiração estava irregular, a testa úmida. Todo o corpo estremeceu por um instante e depois ele se recuperou lentamente.

– Meu Deus!

A observação de Flanders sobre o caso Kennedy não tinha sido inadequada.

– Podemos parar agora, Jack.

Os lábios de Jack reassumiram o desenho firme de sempre.

– De jeito nenhum!



Jack acionou de novo o botão para rebobinar. Já haviam assistido à fita mais de dez vezes. Ver a cabeça do amigo explodir não tornava a coisa mais fácil. A raiva de Jack, no entanto, com certeza aumentava cada vez que passava a fita.

Frank lamentou:

– É uma pena que o cara não tenha filmado na direção contrária. Poderíamos ter um vislumbre do atirador. Só que aí teria sido fácil demais. Ei, você tem café? Acho mais difícil pensar sem cafeína.

– Tem café fresco no bule. Você pode me trazer uma xícara também? A louça está em cima da pia.

Quando Frank voltou com as xícaras fumegantes, Jack tinha rebobinado a fita para a cena em que o presidente Alan Richmond discursava no pódio improvisado diante do tribunal.

– Esse cara é um dínamo.

Frank deu uma olhada na tela.

– Estive com ele um dia desses.

– Mesmo? Eu também. No tempo em que o casamento me faria entrar no mundo dos ricos e famosos.

– O que você acha dele?

Jack engoliu o café, pegou um pacote de biscoitos de manteiga de amendoim que estava em cima do sofá e ofereceu um a Frank, que aceitou e pôs os pés em cima da instável mesinha de centro. O detetive se readaptava com facilidade ao mundo menos estruturado dos solteiros.

Jack deu de ombros.

– Não sei. Quero dizer, ele é o presidente. E você, o que acha dele?

– Esperto. Realmente esperto. Do tipo que faz você querer tomar cuidado para não entrar em choque com ele, a menos que esteja absolutamente convicto de sua capacidade.

– Que bom que ele está do lado dos Estados Unidos.

– É. – Frank olhou de novo para a tela. – Alguma coisa chamou sua atenção?

Jack apertou um botão do controle remoto.

– Uma coisa. Veja isto. – O vídeo avançou depressa. As pessoas na tela se movimentaram com os gestos bruscos dos atores do cinema mudo. – Olhe só.

Na tela, Luther apareceu saltando da van. Tinha os olhos fixos no chão. De repente uma coluna de pessoas, liderada pelo presidente, apareceu na tela. Luther ficou parcialmente obscurecido. Jack deu uma pausa.

– Agora.

Frank examinou a tela, mastigando distraidamente os biscoitos e tomando café. Nada.

Jack olhou para ele.

– Atenção ao rosto de Luther. Dá para ver bem no meio dos ternos. Olhe o rosto dele.

Frank adiantou-se, quase grudado na tela. Em seguida recuou, de olhos arregalados.

– Parece que ele está dizendo alguma coisa.

– Não. Parece que ele está dizendo alguma coisa para alguém.

Frank encarou Jack.

– Quer dizer que ele reconheceu alguém? Talvez o cara que deu o tiro nele?

– Dadas as circunstâncias, não creio que estivesse falando com um estranho.

Frank olhou de novo para a tela, estudando a cena atentamente. Por fim tomou uma resolução.

– Vamos precisar de uma ajuda especial. – Ele se levantou. – Vamos.

Jack pegou o casaco.

– Para onde?

Frank sorriu, rebobinou a fita e pôs o chapéu.

– Bem, primeiro vou comprar um jantar para nós. Sou casado, mais velho e mais gordo que você. Biscoitos no jantar não são suficientes para mim. Depois vamos até a delegacia. Tem alguém que quero que você conheça.



Duas horas mais tarde, Seth Frank e Jack Graham entraram na delegacia de Middleton, as barrigas cheias de filé-mignon, lagosta e umas fatias de torta de amêndoas. Encontraram Laura Simon no laboratório. O equipamento já estava pronto.



Depois das apresentações, Laura pôs a fita no aparelho. As imagens ganharam vida numa tela de 46 polegadas num canto do laboratório. Frank passou a fita depressa até o ponto que queria.

– Aí – apontou Jack –, exatamente aí.

Frank parou a fita.

Laura sentou diante de um teclado e digitou uma série de comandos. Na tela, a parte do quadro que continha a imagem de Luther foi bloqueada e depois ampliada em graus cada vez maiores, como um balão se enchendo. O processo continuou até que o rosto de Luther pareceu ocupar toda a tela.

– É o máximo que consigo. – Laura virou a cadeira e olhou para Frank.

Ele apertou um botão no controle remoto e a tela voltou à vida.

O áudio era irregular e desigual: gritos, berros, barulho do trânsito e de centenas de pessoas tornaram impossível entender o que Luther dizia. Todos viram seus lábios se moverem.

– Ele está furioso. Não sei o que diz, mas não é uma explosão de felicidade. – disse Frank, pegando o maço de cigarros. Laura lançou-lhe um olhar furioso e ele o guardou de volta no bolso.

– Alguém aí faz leitura labial? – perguntou ela.

Jack fixou os olhos na tela. O que Luther dizia? Jack já tinha visto aquela expressão em seu rosto. Se ao menos pudesse lembrar quando... Fora recentemente, com certeza.

– Está vendo algo que nós não vimos? – perguntou Frank.

Jack virou-se e deu com os olhos de Frank fixos nele. Balançou a cabeça e esfregou o rosto.

– Tem qualquer coisa, sim, só não consigo descobrir o quê.

Frank fez um sinal para que Laura desligasse o equipamento. Levantou e se espreguiçou.

– Bem, durma um pouco. Se lembrar, me ligue. Obrigado por ter vindo, Laura.

Os dois homens saíram juntos. Frank olhou para Jack, esticou a mão e apalpou a nuca dele.

– Meu Deus, você é uma granada de estresse pronta para explodir.

– Nem sei por quê. Terminei um noivado, a mulher com quem realmente queria casar acaba de me mandar dar o fora da vida dela e, se não bastasse, tenho quase certeza de que não estarei mais empregado amanhã de manhã. Sem falar que mataram uma pessoa de quem eu gostava muito e que provavelmente jamais conseguiremos descobrir o assassino. Minha vida não poderia ser mais perfeita, poderia?

– Bem, talvez esteja na hora de você desfrutar um pouco da boa sorte.

Jack destrancou o Lexus.

– É. Se você souber de alguém que queira comprar um carro quase zero, fale comigo.

Os olhos de Frank brilharam quando ele se virou para Jack.

– Sinto muito, mas ninguém que eu conheça pode comprar um carro desses.

Jack sorriu ao responder:

– Nem as pessoas que eu conheço.



A caminho de casa, Jack olhou para o relógio do carro. Era quase meia-noite. Passou pela PS&L, ergueu os olhos para as salas escuras e decidiu entrar na garagem. Passou o cartão magnético especial pelo dispositivo de segurança e acenou para a câmera do circuito interno de TV colocada do lado de fora da entrada. Em poucos minutos estava no elevador.

Não sabia exatamente por que estava ali. Seus dias na firma estavam contados. Sem Baldwin como cliente, Kirksen o demitiria, claro. Sentia um pouco de pena de Lord. Prometera protegê-lo. Mas não ia se casar com Jennifer Baldwin só para garantir a renda de Lord. E o homem mentira para ele sobre a demissão de Barry Alvis. Mas Lord cairia de pé. Jack não estava brincando ao falar da fé que tinha em sua capacidade de resistência. Muitas firmas o pegariam assim que pudessem. O futuro de Lord estava muito mais garantido que o de Jack.

As portas do elevador se abriram e ele desceu no saguão da PS&L. As luzes das paredes estavam acesas no mínimo e o efeito seria um tanto enervante se ele não estivesse tão preocupado com as próprias ideias. Avançou em direção à sua sala, parou na cozinha e pegou um copo de refrigerante. Normalmente, mesmo à meia-noite, havia pessoas trabalhando para cumprir algum prazo impossível. Mas, naquela noite, havia apenas um silêncio sepulcral.

Jack acendeu a luz e fechou a porta da sala. Deu uma olhada em torno, apreciando o território que correspondia à sua participação na sociedade. Seu reino, mesmo que por apenas mais um dia. Era impressionante. A mobília elegante e cara, o carpete e o papel de parede luxuosos. E sua fileira de diplomas. Uns duramente conquistados, outros ganhos sem ônus, só porque era advogado. Notou que os papéis espalhados tinham sido reunidos, graças ao trabalho meticuloso e às vezes excessivamente zeloso do pessoal da limpeza, acostumado com seu relaxamento e seus ocasionais ataques de mau humor.

Jack sentou e se recostou. O couro da poltrona era mais macio que sua cama. Podia imaginar Jennifer falando com o pai. O rosto de Ransome Baldwin ficaria vermelho diante daquilo que, para ele, seria um insulto imperdoável à sua preciosa filhinha. Pegaria o telefone no dia seguinte de manhã e a carreira de Jack estaria acabada.

Ele não poderia se incomodar menos. Só lamentava não ter forçado essa situação antes. Quem dera a Defensoria Pública o aceitasse de volta. Lá era seu lugar. Ninguém poderia impedi-lo de ser defensor público. Seus verdadeiros problemas haviam começado ao tentar ser alguém que não era. Não cometeria esse erro de novo.

Sua atenção voltou-se para Kate. Para onde iria? Estava falando sério quanto a largar o emprego? Lembrou a expressão fatalista no rosto dela e concluiu que sim, que falara muito sério. Jack tinha insistido mais uma vez. Exatamente como quatro anos antes. Pedira que não fosse embora, que não sáísse outra vez de sua vida. Mas havia algo que ele não conseguira romper. Talvez fosse a enorme culpa que ela carregava. Talvez Kate simplesmente não o amasse. Teria ele alguma vez considerado essa possibilidade? Na verdade, não. E o fato de que ela talvez não o amasse o assustava muito. Mas que importância tinha isso agora?

Luther estava morto. Kate, indo embora. Apesar de todos os acontecimentos recentes, a vida dele não tinha mudado tanto assim. Os Whitney estavam se afastando dele irreversivelmente.

Deu uma olhada na pilha de mensagens sobre a mesa. Tudo rotina. Depois apertou um botão no telefone para checar a caixa postal, coisa que não fazia havia dois dias. A firma deixava os clientes escolherem entre o antiquado sistema de recado por escrito e o moderno correio de voz. Os mais exigentes preferiam este último. Pelo menos não tinham que esperar para gritar com você.

Havia duas mensagens de Tarr Crimson. Jack arrumaria outro advogado para ele. De qualquer forma, a PS&L era cara demais para ele, mesmo. Havia diversos assuntos relacionados com

Baldwin. Tudo bem. Poderiam esperar o próximo alvo de Jennifer. A última mensagem o deixou sobressaltado. Uma voz de mulher. Frágil, hesitante, idosa, obviamente pouco à vontade com o correio de voz. Jack a repetiu.

– Sr. Graham, o senhor não me conhece. Meu nome é Edwina Broome. Eu era amiga de Luther Whitney.

Broome? Aquele nome era familiar.

A mensagem prosseguia:

– Luther me falou que, se algo acontecesse com ele, eu devia esperar um pouco e mandar o pacote para o senhor. Ele me disse para não abrir e não abri. Ele falou que era como uma caixa de Pandora. Se abrisse, poderia me machucar. Luther era um homem bom. Que Deus abençoe sua alma. Não recebi notícias suas, e também não esperava. Mas acaba de me ocorrer que eu deveria telefonar e me certificar de que o senhor recebeu a caixa. Nunca precisei mandar algo assim antes, entrega noturna, como chamam. Acho que fiz certo, mas não posso garantir. Se o senhor não recebeu, por favor, me ligue. Luther disse que era muito importante. E ele nunca disse nada que não fosse verdade.

Jack ouviu o número do telefone e o anotou. Checou a hora da ligação: na manhã do dia anterior. Procurou rapidamente o pacote. Nada, em lugar nenhum da sala. Foi até a estação de trabalho de sua secretária. Também não havia nada lá. Voltou para o escritório. *Meu Deus, um pacote de Luther. Edwina Broome?* Pôs a mão na cabeça e, enfiando os dedos por entre os cabelos, esfregou o couro cabeludo, obrigando-se a pensar. Subitamente o nome voltou à sua memória. A mãe da mulher que se matara. Frank lhe falara sobre ela. A suposta sócia de Luther.

Jack pegou o telefone. Teve a impressão de que ficou chamando por uma eternidade.

– A-alô? – Voz sonolenta, distante.

– Sra. Broome? Aqui é Jack Graham. Desculpe por ligar tão tarde.

– Sr. Graham? – A voz tornou-se alerta, penetrante.

Jack quase podia imaginá-la sentada na cama, ajeitando a camisola, olhando ansiosamente para o telefone.

– Desculpe, mas é que acabo de ouvir sua mensagem. Não recebi o pacote, Sra. Broome. Quando a senhora mandou?

– Deixe eu pensar um instante. – Jack pôde ouvir a respiração difícil do outro lado. – Ora, foi há cinco dias, contando hoje.

Jack obrigou-se a pensar, furioso.

– Tem um recibo com um número?

– O homem me deu um pedaço de papel. Vou buscar.

– Eu espero.

Jack tamborilou na mesa, tentando manter a integridade da sua mente. *Agente firme, Jack. Agente firme.*

– Já peguei, Sr. Graham.

– Por favor, me chame de Jack. A remessa foi feita pela Federal Express?

– Isso mesmo.

– Tudo bem. Qual é o número de rastreamento?

– O quê?

– Desculpe. O número que está escrito no canto direito do papel. Deve ser um número bem comprido.

– Ah, sim. – Ela ditou o número.

Ele anotou tudo com uns garranchos e depois repetiu, para confirmar. Também pediu que ela confirmasse o endereço da empresa.

– Jack, isso é muito sério? Quer dizer, com Luther morrendo daquele jeito e tudo o mais.

– Alguém que a senhora não conheça lhe telefonou? Além de mim?

– Não.

– Bem, se acontecer, entre em contato com Seth Frank, da polícia de Middleton.

– Eu o conheço.

– É um bom homem, Sra. Broome. Pode confiar nele.

– Está bem, Jack.

Em seguida ele ligou para a Federal Express. Ouviu as teclas do computador sendo digitadas.

A voz feminina era profissional e brusca:

– Sim, Sr. Graham, foi entregue no escritório da Patton, Shaw & Lord na quinta-feira, às dez horas e dois minutos da manhã. O recibo foi assinado pela Srta. Lucinda Alvarez.

– Muito obrigado. Acho que deve estar por aqui mesmo, enfiado em algum lugar.

Ele já ia desligar, perplexo, quando a mulher perguntou:

– Houve algum problema especial com esta encomenda, Sr. Graham?

Jack ficou intrigado.

– Problema especial? Não, por quê?

– Quando puxei o histórico da entrega, vi que já perguntaram por ela hoje, mais cedo.

Todo o corpo de Jack ficou tenso.

– Mais cedo? A que horas?

– Seis e meia da noite.

– Deixaram nome?

– Bem, isso é que é estranho. De acordo com meus registros, a pessoa também se identificou como Jack Graham. – Pelo seu tom de voz, ela estava longe de ter certeza sobre a verdadeira identidade de Jack.

Jack sentiu um calafrio percorrer todo o seu corpo.

Desligou o telefone. Havia mais alguém muito interessado naquele pacote, fosse o que fosse. Ele sabia que estava para ser entregue a ele. Suas mãos tremiam quando tornou a pegar o telefone. Discou depressa o número de Seth Frank, mas o detetive tinha ido para casa. A pessoa não quis dar o número de lá, então Jack deixou o telefone do seu apartamento. Depois de muita insistência, a pessoa da delegacia ligou para Frank, mas não atenderam. Jack praguejou baixinho. Uma rápida ligação para a telefonista foi inútil: o número não constava da lista e não podia ser divulgado.

Jack recostou-se na cadeira, a respiração acelerada. De repente sentiu o peito, na altura do coração, ameaçar explodir sob a camisa. Sempre acreditara ter uma dose de coragem maior que a normal. Agora não tinha mais tanta certeza.

Obrigou-se a se concentrar. O pacote tinha sido entregue. Lucinda assinara o recibo. A rotina na PS&L era precisa: correspondência é algo vital em firmas de advocacia. Todos os pacotes

recebidos à noite deviam ser entregues à equipe de contínuos, que os distribuía com o restante da correspondência do dia. Tudo era levado num carrinho. Todos sabiam onde ficava a sala de Jack. Mesmo que não soubessem, a firma imprimia um mapa que era atualizado constantemente. Desde que tivesse sido usado o mapa certo...

Jack foi até a porta, escancarou-a e saiu correndo pelo corredor. Ele não percebeu, mas depois da curva, na direção oposta, uma luz acabara de ser acesa no escritório de Sandy Lord.

Jack acionou o interruptor e seu antigo escritório se iluminou imediatamente. Procurou em cima da mesa, depois puxou a cadeira para sentar e viu o pacote. Pegou-o. Instintivamente olhou em volta, viu que as persianas estavam abertas e correu para fechá-las.

Leu na etiqueta o nome do remetente: Edwina Broome. Era isso mesmo. Era uma caixa leve. Ela tinha dito que era uma caixa dentro de uma caixa. Começou a abrir, mas parou. Eles sabiam que o pacote tinha sido entregue ali. *Eles?* Era a única palavra cabível. Se *eles* sabiam que o pacote estava ali, se naquele mesmo dia haviam telefonado para a Federal Express para saber do pacote, o que iriam fazer? Se seu conteúdo fosse tão importante e a caixa já tivesse sido aberta, presumivelmente eles já saberiam do que se tratava. Como isso não acontecera, o que eles fariam?

Jack correu de volta para seu escritório, segurando o pacote firme debaixo do braço. Vestiu o casaco, pegou as chaves do carro em cima da mesa, quase derrubando o copo com o resto do refrigerante, e se virou para ir embora. Parou de repente, imóvel.

OuvIU um barulho. Não poderia dizer de onde vinha. Pareceu ecoar suavemente pelo corredor, como água marulhando num túnel. Não era o elevador. Sem dúvida teria ouvido o elevador. Será? O prédio era grande. O barulho constante dos elevadores era tão rotineiro. Será que ele teria mesmo notado? Ainda mais falando ao telefone, tão concentrado. Na verdade não podia ter certeza. Além do mais, podia ter sido um dos advogados, indo ali para trabalhar ou buscar alguma coisa. Porém seus instintos lhe diziam que essa conclusão estava errada. Aquele era um prédio seguro. Mas qual o verdadeiro grau de segurança de um prédio comercial? Fechou silenciosamente a porta do escritório.

OuvIU o barulho de novo. Tentou aguçar os ouvidos para identificar de onde vinha, mas não conseguiu. Fosse quem fosse, movia-se devagar, furtivamente. Ninguém que trabalhasse ali agiria daquele modo. Jack adiantou-se com cuidado, apagou a luz, esperou um instante e abriu a porta com toda a cautela.

Deu uma olhada no corredor. Estava vazio. Mas por quanto tempo? Seu problema tático era óbvio. A planta do prédio havia sido elaborada de modo que, se tomasse uma direção, estaria mais ou menos fadado a segui-la. E totalmente exposto, já que não havia móveis nos corredores. Se encontrasse o invasor, não teria a menor chance.

Uma consideração prática o assaltou e ele olhou em torno, tentando distinguir algo na sala escura. Seus olhos enfim caíram sobre um peso de papel de granito, bastante pesado, um dos muitos presentes inúteis que recebera quando se tornara sócio. Se manuseado adequadamente, poderia causar um bom estrago. E Jack acreditava que seria capaz de manuseá-lo bem. Poderia ser liquidado, mas não facilitaria as coisas. Esse pensamento fatalista o ajudou a reforçar sua decisão e ele esperou mais uns dez segundos antes de se arriscar a sair para o corredor, fechando a porta atrás de si. Quem quer que fosse, teria que abrir porta por porta para encontrar seu escritório.

Agachou-se quando chegou a uma curva. Desejava desesperadamente que tudo estivesse na mais completa escuridão. Respirou fundo e deu uma olhada. O caminho estava livre, pelo menos por ora. Pensou depressa. Se houvesse mais de um intruso, provavelmente teriam se dividido, reduzindo à metade o tempo de busca. Saberiam que ele estava no prédio? Talvez até o tivessem seguido. Essa ideia o perturbou. Naquele exato momento poderiam estar cercando-o, para o surpreenderem dos dois lados.

Os barulhos ficaram mais próximos. Passos – ele podia distinguir pelo menos um par. Sua audição estava aguçada ao máximo. Poderia ouvir a respiração de uma pessoa, ou pelo menos achava que sim. Tinha que fazer uma escolha. Seus olhos finalmente viram algo brilhante na parede: o alarme de incêndio.

Quando estava prestes a correr até ele, uma perna apareceu na curva do outro lado do corredor. Jack recuou bruscamente, sem esperar para ver de quem era a perna. Andou tão rapidamente quanto pôde na direção oposta. Fez a curva, entrou no hall e chegou à porta da escada. Abriu-a com um empurrão e ela rangeu alto.

Ouviu o barulho de passos correndo.

– Droga! – Jack bateu a porta e disparou escada abaixo.

Um homem surgiu a toda velocidade na curva do corredor. Uma máscara negra de esqui cobria seu rosto. Tinha uma pistola na mão direita.

A porta de um escritório se abriu e Sandy Lord, só de camiseta e com as calças meio abaixadas, saiu tropeçando e colidiu acidentalmente com o homem. Os dois levaram um tombo feio. As mãos de Lord se agitaram no ar, agarraram instintivamente a máscara de esqui e a arrancaram.

Lord rolou e ficou de joelhos, sentindo o sangue escorrer do nariz machucado.

– O que está havendo aqui? Quem é você? – Lord encarou furiosamente o outro homem. Quando viu a arma, ficou imóvel.

Tim Collin também o encarou, balançando a cabeça meio por descrença, meio por repugnância. Não restavam alternativas. Ele levantou a arma.

– Meu Deus! Por favor, não! – gemeu Lord, caindo para trás.

A arma disparou e o sangue jorrou de seu peito. Lord arquejou uma vez, os olhos ficaram turvos e o corpo recuou e caiu sobre a porta, que, com o impacto, acabou de se abrir, revelando a figura quase nua da jovem assessora legislativa, em estado de choque, olhos fixos no advogado morto. Collin praguejou baixinho e olhou para ela. Em seus olhos aterrorizados, Collin viu que ela sabia o que iria acontecer.

Lugar errado, hora errada. Desculpe, moça, pensou.

A pistola foi disparada uma segunda vez e o impacto derrubou o corpo esbelto, jogando-o de volta para dentro da sala. As pernas se abriram, os dedos se contraíram, os olhos se fixaram no teto, inexpressivamente vazios. Sua noite de prazer se transformara abruptamente na última de sua vida.

Bill Burton apareceu correndo, parou ao lado do parceiro ajoelhado e contemplou a carnificina com incredulidade, logo substituída por ódio.

– Você ficou maluco, porra! – explodiu ele.

– Eles viram minha cara. O que eu ia fazer? Mandar que prometessem não contar nada? Vá se foder!

Os dois estavam uma pilha de nervos. Collin brandiu a arma com força.

– Onde está ele? Era Graham? – perguntou Burton.

– Acho que sim. Ele desceu a escada de incêndio.

– Então foi embora.

Collin o encarou e se levantou.

– Ainda não. Não matei duas pessoas para que ele se mandasse.

Collin começou a se afastar, mas Burton o segurou.

– Me dê a arma, Tim.

– Caramba, Bill, você está louco?

Burton negou com a cabeça, pegou sua pistola e a entregou a Collin. Em troca pegou a arma do colega.

– Vá pegá-lo. Vou tentar fazer algum controle de danos por aqui.

Collin correu para a porta e desceu a escada. Burton olhou para os dois corpos. Reconheceu Sandy Lord e respirou fundo.

– Porra! – exclamou.

Virou-se e entrou rapidamente na sala de Jack. Tinha descoberto onde ela ficava no exato momento em que o primeiro tiro fora disparado. Abriu a porta e acendeu a luz. Examinou o interior com um olhar apressado. O cara devia estar com o pacote. Claro. Richmond estava certo quanto ao envolvimento de Edwina Broome. Whitney lhe confiara o pacote. Caramba, tinham chegado tão perto. Quem imaginaria que Graham ou qualquer outra pessoa estaria ali tão tarde?

Correu os olhos pela sala mais uma vez.

Eles passaram pela mesa e lentamente voltaram a ela. Formulou o plano em poucos segundos. Enfim, alguma coisa podia ajudá-los. Ele se aproximou da mesa.



Jack chegou ao primeiro andar e puxou a maçaneta com força. Nada. Droga! Aquilo já acontecera antes. Simulação de incêndio de rotina e as portas trancadas. A administração do prédio disse que havia resolvido o problema! Só que o erro deles podia lhe custar a vida.

Olhou para cima. Os passos se aproximavam depressa. Não adiantava mais fazer silêncio. Jack subiu correndo os degraus até o segundo andar, rezou silenciosamente ao segurar a maçaneta e uma onda de alívio o invadiu quando ela girou em sua mão suada. Virou na curva, chegou ao hall dos elevadores e apertou o botão. Olhou para trás, correu até o canto mais afastado e se agachou, sumindo de vista.

Vamos! Ele podia ouvir o elevador subindo. Então um pensamento horrível lhe ocorreu. Quem o estivesse seguindo poderia estar dentro daquele elevador. Podia ter imaginado o que Jack tentaria fazer e agora tentava lhe dar um xeque-mate.

O elevador parou. Assim que as portas se abriram, Jack ouviu o barulho da porta corta-fogo batendo na parede. Saltou para a frente, esgueirou-se por entre as portas do elevador e bateu na parte de trás. Levantou de um salto e apertou o botão para a garagem.

Imediatamente sentiu a presença, a respiração acelerada. Vislumbrou uma coisa preta e depois a arma. Arremessou o peso de papel e atirou-se para o canto.

Ouviu um grunhido de dor quando as portas finalmente se fecharam.

Saíu correndo pela garagem escura, encontrou seu carro e pouco depois passava pela porta automática, pisando fundo no acelerador. O carro subiu a rua a toda. Jack olhou para trás. Nada. O rosto estava coberto de suor. A tensão transformara todos os nervos de seu corpo num imenso nó. Esfregou o ombro com que batera na parede do elevador. Meu Deus, tinha sido por muito pouco.

Segui em frente perguntando-se para onde iria. Eles o conheciam, pareciam saber tudo a seu respeito. É claro que não podia ir para casa. Para onde, então? Polícia? Não. Não enquanto não soubesse quem o perseguia. Quem tinha sido capaz de matar Luther apesar de toda a segurança. Quem parecia saber tudo que a polícia sabia. Passaria a noite em algum lugar na cidade. Tinha seus cartões de crédito. Pela manhã, a primeira coisa que faria seria entrar em contato com Frank. Então tudo ficaria bem. Ele olhou a caixa. Aquela noite saberia o que quase lhe custara a vida.



Gloria deixou-se ficar deitada sob as cobertas. Richmond tinha acabado de sair de cima dela. Saíra do quarto sem uma palavra, depois de realizar seu único propósito com brutalidade. Ela esfregou os pulsos. Ele os apertara com tanta força que ainda ardiam. Os seios doíam, tamanha a violência com que haviam sido manipulados. Lembrou-se da advertência de Burton. Christine Sullivan também fora espancada e as marcas das balas dos dois agentes não haviam sido as únicas encontradas em seu corpo. Balançou a cabeça devagar, lutando para conter as lágrimas. Desejava aquilo desesperadamente. Queria que Alan Richmond fizesse amor com ela, imaginando que seria algo romântico, idílico. Duas pessoas inteligentes, poderosas e dinâmicas. O casal perfeito. Teria sido maravilhoso. Então a lembrança do homem a trouxe de volta à realidade: socando-a, o rosto não expressando mais emoção do que se estivesse se masturbando no banheiro com uma revista. Não lhe dera um só beijo; nem chegara a falar. Limitara-se a tirar sua roupa assim que ela entrara no quarto, se satisfizera e saíra. Tudo mal levava dez minutos. Agora ela estava sozinha. *Chefe de gabinete! Chefe das putas seria mais adequado.*

Teve ímpetos de gritar *Eu trepei com você, seu filho da puta! Eu trepei com você no quarto de Christine Sullivan naquela noite e você não pôde fazer nada a respeito, seu filho da puta!*

Suas lágrimas molharam o travesseiro e ela se amaldiçoou por ceder e chorar. Tinha se sentido tão segura de sua capacidade, tão confiante de que seria capaz de controlá-lo. Meu Deus, nunca estivera tão enganada. Aquele homem mandara matar pessoas. Walter Sullivan. *Walter Sullivan* tinha sido assassinado, com o conhecimento e a bênção do presidente dos Estados Unidos. Quando Richmond lhe contara, não pudera acreditar. Disse que queria mantê-la a par de tudo. Aterrorizada seria melhor. Não tinha ideia do que ele ia querer agora. Não era mais parte central de sua campanha, graças a Deus.

Sentou na cama e vestiu a camisola rasgada. Seu corpo tremia. Por um momento, a vergonha a sacudiu. Agora era a puta pessoal dele. Em troca, havia a promessa velada de que ele não a esmagaria. Mas seria tudo? Seria realmente tudo?

Ela se protegeu sob as cobertas e espiou a escuridão do quarto. Era uma cúmplice. Mas também algo mais. Era *testemunha*. Luther Whitney também tinha sido testemunha. E agora estava morto. E Richmond ordenara calmamente a execução de um dos seus amigos mais antigos e queridos. Se tinha sido capaz disso, quanto valia a vida dela? A resposta era espantosamente clara.



Mordeu a mão até doer. Fixou o olhar na porta por onde ele desaparecera. Estaria ali? No escuro, ouvindo? Pensando no que fazer com ela? A mão gelada do medo agarrou-a e não largou mais. Estava presa. Não tinha opções. Não tinha certeza nem de que iria sobreviver.



Jack largou a caixa em cima da cama, tirou o paletó, olhou pela janela do quarto do hotel e sentou. Estava quase seguro de que não fora seguido. Tinha saído muito depressa do prédio da PS&L. No último minuto, pensara em se livrar do carro. Não sabia quem o estava seguindo, mas devia ser gente com recursos suficientes para descobrir o paradeiro de um automóvel.

Olhou o relógio. O táxi o deixara na frente do hotel cerca de quinze minutos antes. Era um lugar absolutamente comum, o tipo de hotel em que turistas econômicos se hospedariam enquanto perambulavam pela cidade, absorvendo um pouco da história do país antes de voltar para casa. Era fora de mão, mas era exatamente isso que ele queria.

Jack olhou para a caixa e decidiu que já havia esperado demais. Poucos segundos depois a abriu e ficou olhando fixamente para o objeto dentro do saco plástico.

Um punhal? Olhou com mais atenção. Na verdade, era um modelo antigo de abridor de cartas. Segurou o saco pelas pontas e estudou o objeto minuciosamente. Não tinha treinamento especializado em medicina legal, por isso não se deu conta de que a crosta preta no cabo e na lâmina era sangue seco. Tampouco percebeu as impressões digitais no couro.

Pousou o saco plástico cuidadosamente e recostou-se na cadeira. Aquilo tinha alguma coisa a ver com o assassinato de Christine Sullivan. Tinha certeza disso. Mas o quê? Olhou de novo. Era evidente que se tratava de uma prova importante. Não era a arma do crime, claro; ela havia sido baleada. Mas Luther o considerara crucial.

Com um movimento brusco, Jack sentou-se ereto. Aquilo identificava o assassino de Christine Sullivan! Pegou o saco plástico e o ergueu contra a luz, esquadrinhando cada milímetro do objeto. Conseguiu distingui-las, mesmo que vagamente, como um turbilhão de fios negros. Impressões digitais. Examinou a lâmina com mais atenção. Sangue. E no cabo também. Só podia ser. O que Frank dissera mesmo? Esforçou-se para lembrar. Christine Sullivan possivelmente tinha esfaqueado seu atacante, no braço ou na perna, com o abridor de cartas que aparecia na foto do quarto. Pelo menos era essa uma das teorias que confidenciara a Jack. E aquele objeto parecia corroborar essa teoria.

Colocou cuidadosamente o saco plástico dentro da caixa e a enfiou debaixo da cama.

Em seguida foi de novo até a janela e deu outra olhada. O vento aumentara de intensidade. A janela barata estalava e sacudia.

Se ao menos Luther tivesse falado, confiado nele. Mas estava apavorado por causa de Kate. Como o tinham feito acreditar que Kate corria perigo?

Repassou os acontecimentos. Luther não recebera visitas na prisão. Jack tinha certeza. O que poderia ser então? Alguém simplesmente chegara perto dele e dissera “Fale e sua filha morre”? Como saberiam que ele tinha uma filha? Os dois não se encontravam havia muitos anos.

Jack deitou, fechando os olhos. Ele estava enganado. Tinham se encontrado em uma ocasião. No dia em que prenderam Luther. Tinha sido a única vez. Era possível que, sem dizer nada, alguém tivesse transmitido essa mensagem a Luther, só com um olhar, nada mais. Jack já atuara

em processos que foram anulados porque as testemunhas tinham medo de depor. Sem que ninguém lhes tivesse dito nada: intimidação sem palavras. Terror silencioso. Não era nenhuma novidade.

Quem teria feito a ameaça? Quem teria passado a mensagem que fizera Luther se calar? Até onde Jack sabia, as únicas pessoas que estavam lá eram os policiais. A menos que tivesse sido o atirador. Mas por que ele permaneceria por ali? Como alguém poderia aparecer, se aproximar de Luther e estabelecer contato visual sem que desconfiassem de nada?

Os olhos de Jack se arregalaram.

A menos que esse alguém fosse da polícia. A primeira ideia o atingiu em cheio no peito.

Seth Frank.

Afastou a ideia depressa. Não havia motivo. Por mais que se esforçasse, não era capaz de imaginar o detetive tendo um encontro amoroso com Christine Sullivan e, no fundo, esse tinha sido o início de tudo. O amante de Christine Sullivan a matara e Luther testemunhara o crime. Não podia ser Seth Frank. Esperava que não fosse, porque contava com o detetive para sair daquela confusão. Mas e se na manhã do dia seguinte Jack entregasse a Frank aquilo que ele procurava tão desesperadamente? Podia ter deixado cair o abridor de cartas ao sair do quarto. Luther saía do esconderijo, o apanhara e fugira. Era possível. Além do mais, a limpeza fora tão perfeita que só poderia ter sido realizada por um profissional. Um profissional. Um experiente detetive da divisão de homicídios, por exemplo, que sabia exatamente como limpar uma cena de crime.

Jack balançou a cabeça. Não! Precisava acreditar em alguma coisa, em alguém. Tinha que haver outra explicação. Tinha que ser outra pessoa. Ele só estava cansado. Suas tentativas de dedução tinham se tornado ridículas. Seth Frank não era um assassino.

Fechou os olhos de novo. Por ora acreditava que estivesse em segurança. Poucos minutos depois caía num sono intranquilo.



O dia amanheceu frio, o ar abafado da noite anterior expulso pela tempestade.

Jack já estava de pé. Dormira vestido, como mostravam suas roupas amarrotadas. Lavou o rosto no pequeno banheiro, penteou o cabelo, apagou a luz e voltou para o quarto. Sentou na cama e consultou o relógio. Frank ainda não devia ter chegado, mas não ia demorar. Puxou a caixa que deixara embaixo da cama e a colocou ao seu lado. Tinha a impressão de que se tratava de uma bomba-relógio.

Ligou a pequena televisão colorida situada num canto do quarto. O noticiário local já estava no ar. A loura empertigada, cuja animação sem dúvida era reforçada por consideráveis doses de caféina ingeridas enquanto esperava por uma chance no horário nobre, apresentava as principais notícias.

Jack achou que ia assistir à ladainha dos diversos problemas mundiais. O Oriente Médio ocupava pelo menos um minuto a cada manhã. Podia ter havido outro terremoto no sul da Califórnia. O presidente brigando com o Congresso.

Mas naquela manhã houve apenas uma notícia principal. Jack inclinou-se na cadeira quando um lugar que ele conhecia muito bem apareceu na tela.

Patton, Shaw & Lord. O saguão da firma. O que aquela mulher estava dizendo? Pessoas mortas? *Sandy Lord assassinado*? Baleado na sua sala? Jack atravessou o quarto com um pulo e aumentou o volume. Foi com espanto cada vez maior que viu duas macas serem tiradas do prédio. Um retrato de Lord apareceu no canto superior direito da tela. Sua carreira ilustre foi rapidamente contada. Mas ele estava morto. Alguém atirara nele no escritório.

Jack caiu de costas na cama. Sandy estava lá ontem à noite? Mas quem era a outra pessoa debaixo daquele lençol? Ele não sabia. Não tinha como saber. Mas imaginava o que tinha acontecido. O homem atrás dele, com a arma. Lord devia ter esbarrado nele. Os caras estavam atrás de Jack, e Lord trombara com eles.

Desligou a TV e foi para o banheiro, onde jogou água fria no rosto. Suas mãos tremiam e a garganta estava seca. Não podia acreditar que aquilo tivesse acontecido. Tão rápido. Embora não fosse culpa sua, Jack não conseguia deixar de se sentir responsável pela morte do sócio. Do mesmo modo como Kate se sentira. Era uma emoção esmagadora.

Pegou o telefone e discou.



Seth Frank já estava na delegacia havia uma hora. Um contato na divisão de homicídios da capital lhe contara sobre os assassinatos na PS&L. Frank não tinha ideia se seriam ligados à morte de Christine Sullivan, mas havia algo em comum, que lhe dera uma dor de cabeça terrível. E mal passava das sete da manhã.

Seu telefone direto tocou, ele pegou o aparelho, as sobrancelhas se arquearam.

– Jack, onde você está?

Havia um tom cortante na voz do detetive que Jack não esperava ouvir.

– Bom dia para você também.

– Jack, você soube o que aconteceu?

– Acabei de ver na televisão. Estive lá ontem à noite, Seth. Eles estavam atrás de mim. Não sei como, mas Sandy deve ter esbarrado neles e o mataram.

– Quem? Quem o matou?

– Sei lá! Eu estava na minha sala, ouvi um barulho. Em seguida estava sendo caçado pelo prédio por uma pessoa armada e quase não consegui sair vivo de lá. A polícia tem alguma pista?

Frank respirou fundo. A história parecia tão fantástica. Acreditava em Jack, confiava nele. Mas quem poderia ter certeza absoluta sobre qualquer pessoa?

– Seth? Seth?

Frank roeu uma unha, pensando furiosamente. O que aconteceria a seguir dependia do que ele ia fazer. Por um instante pensou em Kate Whitney. Na armadilha que preparara para ela e o pai. Ainda não tinha se recuperado daquilo. Podia ser policial, mas antes disso era um ser humano. Confiava que ainda lhe restasse alguma decência.

– Jack, a polícia tem uma pista; na verdade é muito boa.

– E qual é?

Frank fez uma pausa e respondeu:

– É você, Jack. Você é a pista. Neste exato momento, toda a polícia da capital está atrás de você.

O telefone escorregou lentamente da mão de Jack. Teve a impressão de que o sangue tinha congelado em suas veias.

– Jack? Jack, fale comigo.

Ele nem ouviu as palavras do detetive.

Olhou pela janela. Lá fora havia pessoas que queriam matá-lo e outras que queriam prendê-lo por homicídio.

– Jack!

Com esforço, ele acabou falando:

– Não matei ninguém, Seth.

Foi como se as palavras viessem do fundo da sua alma, trazendo consigo todo o sofrimento que o esmagava.

Frank ouviu o que tão desesperadamente queria. Não as palavras – os culpados geralmente mentem –, mas o tom em que foram ditas. Desespero, descrença, horror, tudo misturado.

– Acredito em você, Jack – afirmou Frank serenamente.

– O que está acontecendo, Seth?

– Pelo que me disseram, os policiais têm uma fita de vídeo que mostra você entrando na garagem por volta da meia-noite. Aparentemente, Lord tinha chegado antes com uma amiguinha.

– Não cheguei a vê-los.

– Bem, acho que não deveria mesmo. Parece que eles foram encontrados parcialmente nus, especialmente a mulher. Acho que tinham acabado de transar quando os pegaram.

– Meu Deus!

– E você também aparece numa fita fugindo a toda da garagem, ao que parece logo depois de eles terem sido mortos.

– Mas e a arma? Encontraram a arma?

– Encontraram. Num latão de lixo no estacionamento.

– E...?

– Tem suas impressões digitais, Jack. Só as suas. Depois que viram você no vídeo, a polícia da capital acessou suas digitais arquivadas na Ordem dos Advogados da Virgínia. Disseram que não há dúvidas.

Jack afundou na cadeira.

– Nunca toquei naquela arma, Seth. Alguém tentou me matar e eu fugi. Atingi o cara, com um peso de papel que peguei na minha mesa. É tudo o que sei. – Ele fez uma pausa. – O que eu faço agora?

Frank sabia que ele faria aquela pergunta. E, com toda a sinceridade, não sabia o que responder. O homem com quem estava falando era procurado por homicídio. Como oficial de polícia, seus atos deviam ser absolutamente claros, mas não foram.

– Onde quer que você esteja, não saia daí. Vou verificar as coisas. Mas, aconteça o que acontecer, não vá a lugar algum. Ligue-me de novo em três horas. O.k.?

Jack desligou e pensou no combinado. A polícia o procurava pela morte de duas pessoas. Suas impressões digitais estavam numa arma em que nunca tocara. Era um foragido da justiça. Sorriu, exausto, mas se recuperou. Foragido. Tinha acabado de desligar o telefone, depois de conversar

com um policial. Frank não perguntara onde ele estava, mas podiam ter rastreado a ligação. Era fácil conseguir esse tipo de coisa. Só que Frank não faria isso. Então Jack se lembrou de Kate.

Os policiais nunca falam toda a verdade. Ele enganara Kate. Depois se arrependera, ou pelo menos foi o que disse.

Uma sirene soou na rua e o coração de Jack parou de bater por um instante. Correu até a janela e viu uma radiopatrulha passar direto, até que suas luzes desapareceram.

Mas eles podiam estar vindo atrás dele naquele exato momento. Pegou o paletó e o vestiu. Só então olhou para a cama.

A caixa.

Não chegara a falar com Frank sobre a maldita caixa. A coisa mais importante da noite passada agora ficava em segundo plano diante do que acontecera.



– Você não tem trabalho suficiente no seu fim de mundo?

Craig Miller era um antigo detetive de homicídios de Washington. Grandalhão, com o cabelo preto espesso e ondulado, seu rosto denotava a paixão por um bom uísque. Frank o conhecia havia muito tempo. O relacionamento deles era de amizade e de comunhão na crença de que os assassinos sempre deviam ser punidos.

– Nunca estou tão ocupado a ponto de não poder vir ver se você já aprendeu a trabalhar melhor – respondeu Frank, com um sorriso irônico.

Miller também sorriu. Estavam no escritório de Jack. A equipe de Miller terminava seu trabalho.

Frank deu uma olhada no ambiente espaçoso. Jack não combinava com aquele estilo de vida, pensou.

Miller olhou para ele, lembrando alguma coisa.

– Esse tal de Graham não estava envolvido no caso Sullivan, do qual você é o encarregado?

Frank assentiu.

– Era o advogado de defesa do réu.

– Isso mesmo! Cara, é uma mudança e tanto. De advogado de defesa a réu. – Miller sorriu.

– Quem encontrou os corpos?

– A faxineira. Entra às quatro da manhã.

– Essa sua grande cabeça já conseguiu imaginar algum motivo?

Miller deu uma olhada no amigo.

– Cara, são oito horas da manhã. Você sai do seu fim de mundo para explorar meu cérebro? O que está havendo?

Frank deu de ombros.

– Não sei. Acabei conhecendo o cara durante o caso. Fiquei muito espantado ao vê-lo no noticiário da manhã. Não sei, não, acho que me fez mal.

Miller o examinou atentamente por mais uns segundos e decidiu não insistir.

– O motivo parece bastante claro: Walter Sullivan era o maior cliente do falecido. Esse tal de Graham, sem consultar ninguém na firma, se apresenta como voluntário para defender o acusado da morte da esposa de Sullivan. É claro que Lord não gostou disso. Parece que os dois

tiveram um encontro na casa de Lord. Talvez tenham tentado acertar as coisas e só conseguiram piorar tudo.

– Como você soube de todas essas informações particulares?

– O sócio-gerente da firma. – Miller folheou o caderninho. – Daniel J. Kirksen. Foi realmente útil para nos dar um cenário geral.

– Como isso explica o fato de Graham ter vindo à firma matar duas pessoas?

– Eu não disse que foi premeditado. O vídeo mostra claramente que Lord chegou várias horas antes de Graham.

– E então?

– Um não sabia que o outro estava aqui, ou talvez Graham tenha visto a luz do escritório de Lord acesa. Dá para a rua, é fácil ver alguém na sala.

– Claro. Mas, se o casal está transando, não sei se vai querer fazer uma exibição para toda a cidade. As persianas provavelmente estavam fechadas.

– Certo, mas, convenhamos, Lord não estava com essa bola toda. Duvido que conseguisse transar o tempo todo. Na verdade, a luz estava acesa e as persianas parcialmente abertas. De qualquer forma, acidentalmente ou não, os dois se encontraram. A discussão foi retomada. Os sentimentos se incendiaram, talvez tenham sido feitas ameaças, no calor do momento. Pode ter sido a arma de Lord. Eles lutaram. Graham tirou a arma do velho. Disparou. A mulher assistia a tudo, teve que morrer também. Tudo acabado em questão de segundos.

Frank não estava certo disso.

– Desculpe-me pelo que vou dizer, Craig, mas isso parece muito improvável.

– Ah, é? Pois bem, temos um vídeo do cara dando o fora do prédio, branco como cera. A câmera pegou a cara dele com muita clareza. Eu vi, Seth, posso garantir que não tinha uma gota de sangue no rosto dele.

– Por que a segurança não apareceu para verificar o que estava acontecendo?

Miller riu.

– Segurança? A metade do tempo esses caras da segurança nem olham para os monitores. O sistema grava tudo numa fita que só com muita sorte eles examinam com regularidade. Estou lhe dizendo, cara, não é nada difícil entrar num prédio como este de madrugada.

– Então talvez alguém tenha entrado.

Miller balançou a cabeça, sorrindo.

– Acho que não, Seth. Este é o seu problema. Você sempre procura a resposta complicada quando a simples está bem na sua frente.

– Então, como a arma apareceu misteriosamente?

– Muita gente guarda armas no escritório onde trabalha.

– Muita gente? Quanto é muita gente, Craig?

– Você ficaria surpreso, Seth.

– Acho que ficaria mesmo! – retrucou Frank, elevando a voz.

Miller ficou intrigado.

– Por que você está tão cismado com essa história?

Frank não olhou para o amigo. Manteve a atenção fixa no tampo da mesa.

– Não sei. Como falei, conheci o cara. Não me pareceu desse tipo. Então as digitais dele

estavam na arma?

– Duas impressões perfeitas. Polegar direito e indicador. Nunca vi impressões digitais mais claras.

Algo nas palavras dele deixou Frank alerta. Ele olhava para o tampo da mesa. A superfície muito polida tinha sido mexida, mas o pequeno círculo molhado era claramente visível.

– Onde está o copo?

– Que copo?

Frank apontou para a marca.

– O que deixou aquela marca. Você o pegou?

Miller deu de ombros e riu.

– Não verifiquei a máquina de lavar louça, se é isso que está perguntando. Esteja à vontade.

Miller se virou para assinar um relatório. Frank aproveitou a oportunidade para examinar a mesa com mais atenção. No meio havia uma marca muito leve sem poeira. Alguma coisa estivera ali. Quadrada, com uns seis centímetros de lado. O peso de papel, pensou Frank com um sorriso.

Poucos minutos depois, Frank descia o corredor. A arma tinha impressões perfeitas. Perfeitas demais, na verdade. Ele também tinha visto a arma e o relatório da polícia sobre ela. Uma 44, número de série apagado, impossível de verificar nos registros. Exatamente como a que fora encontrada junto de Walter Sullivan.

Frank teve de se permitir um sorriso. Estivera certo fazendo o que fizera, ou, mais precisamente, não fazendo nada.

Jack Graham tinha falado a verdade. Não matara ninguém.



– Sabe, Burton, estou começando a ficar cansado de ter que dedicar tanto tempo a este assunto. *Tenho* um país para governar, caso você tenha se esquecido.

Richmond estava sentado em uma poltrona do Salão Oval, diante da lareira, que crepitava. Tinha os olhos fechados, as pontas dos dedos se tocando, tensas. Antes que Burton pudesse responder, ele continuou:

– Em vez de recuperar o objeto, vocês só contribuíram com mais duas ocorrências na estatística de fracassos da divisão de homicídios da cidade, e o advogado de Whitney continua andando por aí com uma prova capaz de enterrar todos nós. Estou absolutamente entusiasmado com o resultado.

– Graham não vai procurar a polícia, a menos que realmente goste da comida da prisão e queira um sujeito grandalhão e cabeludo como namorado para o resto da vida – disse Burton, fuzilando o presidente com o olhar.

Os problemas que ele tivera que enfrentar para salvar todos eles enquanto aquele babaca ficava ali em segurança, atrás da linha de fogo! E agora vinha criticar. Como se o veterano agente do Serviço Secreto realmente tivesse gostado de ver mais duas pessoas inocentes morrerem.

– Eu o parabeno por essa parte. Demonstrou raciocínio rápido. No entanto, não creio que possamos contar com isso como uma solução de longo prazo. Se a polícia prender Graham, ele certamente apresentará o abridor de cartas, se é que está mesmo com ele.

– Mas ganhei algum tempo.

O presidente se levantou e agarrou os ombros grossos de Burton.

– E nesse tempo eu sei que você encontrará Jack Graham e o convencerá de que qualquer coisa que faça contra nossos interesses irá contra os melhores interesses *dele*.

– Quer que eu diga isso a ele antes ou depois de meter uma bala na sua cabeça?

O presidente sorriu cruelmente.

– Deixarei isso a cargo do seu julgamento profissional. – E com estas palavras se dirigiu para sua mesa.

Burton fixou os olhos nas costas de Richmond. Por um instante imaginou-se dando um tiro bem na base de seu pescoço. Para terminar com aquela farsa de uma vez por todas. Se havia um sujeito que merecia um tiro na nuca, era aquele.

– Alguma ideia de onde ele possa estar, Burton?

O agente balançou a cabeça.

– Não, mas tenho uma fonte muito confiável.

Burton não mencionou o telefonema de Jack para Seth Frank naquela manhã. Mais cedo ou mais tarde Jack revelaria sua localização ao detetive. Então Burton entraria em ação.

Ele respirou fundo. Para quem gostasse de um desafio com muita pressão, dificilmente poderia haver algo melhor que aquilo. O jogo estava empatado, faltava um minuto para terminar, a vitória era fundamental. Conseguiria Burton marcar o gol da vitória?

Quando se encaminhou para a porta, reconheceu que parte de si não achava que a vitória fosse o melhor resultado.



Seth Frank estava sentado à sua mesa, olhando para o relógio. Quando o ponteiro dos minutos passou do doze, o telefone tocou.

Jack sentou na cabine telefônica. Ainda bem que estava muito frio. O pesado casaco com capuz que comprara naquela manhã combinava com toda aquela gente abrigada em roupas grossas que passava pelas calçadas. Jack assim continuava com a impressão esmagadora de que todo mundo estava olhando para ele.

Frank percebeu o barulho ao fundo.

– Onde você está? Eu lhe disse para não sair.

Jack não respondeu na mesma hora.

– Jack?

– Olhe, Seth, detesto a ideia de ser um alvo fácil. E, na minha posição, não posso confiar inteiramente em ninguém. Deu para entender?

Frank começou a protestar, mas desistiu e recostou-se na cadeira. O cara estava certo, absolutamente certo.

– Tudo bem. Quer saber como armaram contra você?

– Estou ouvindo.

– Havia um copo em cima da sua mesa. Devia estar bebendo alguma coisa. Lembra-se disso?

– Lembro, eu estava bebendo refrigerante. E daí?

– E daí que, seja quem for que estivesse atrás de você esbarrou no Lord e na mulher, como você disse, e os dois tiveram de ser abatidos. Você fugiu. Eles sabiam que o vídeo da garagem



mostraria você saindo mais ou menos na hora das mortes. Levantaram as impressões no copo e transferiram para a arma.

– É possível fazer uma coisa dessas?

– Pode apostar que sim. Se dispuser do equipamento adequado, o que provavelmente encontraram no almoxarifado da empresa. Se tivéssemos o copo, poderíamos provar que foi uma falsificação. Assim como as impressões digitais de uma pessoa não podem ser confundidas com as de outra, as suas impressões no copo não poderiam ser absolutamente iguais às da arma, por causa da pressão aplicada e outras coisas.

– Os policiais da capital aceitam essa explicação?

Frank quase riu.

– Eu não contaria com isso, Jack. Eles só querem prender você. Os outros que se preocupem com o resto.

– Ótimo. E agora?

– Coisas importantes primeiro. Antes de mais nada, por que estavam atrás de você?

Jack quase deu uma bofetada na própria cara. Baixou os olhos para a caixa.

– Recebi uma encomenda especial de uma pessoa. Edwina Broome. É algo que acho que vai fazer você vibrar quando vir.

Seth levantou, quase desejando poder enfiar-se pelo fio do telefone para pegar a tal coisa.

– E o que é?

Jack contou.

Sangue e digitais. Laura teria um dia de glória.

– Posso me encontrar com você em qualquer lugar, a qualquer hora.

Jack pensou depressa. Ironicamente, lugares públicos pareciam ser mais perigosos que os privados.

– Que tal a estação de metrô Farragut Oeste, saída da rua 18, onze da noite?

Frank anotou a informação.

– Estarei lá.

Jack desligou. Chegaria à estação antes da hora marcada, por precaução. Se visse alguma coisa mesmo que remotamente suspeita, desapareceria para o mais longe que pudesse. Contou o dinheiro. Estava acabando depressa. Por ora os cartões de crédito estavam fora de cogitação. Podia se arriscar em alguns caixas eletrônicos, o que renderia algumas centenas de dólares. Deveria ser suficiente, por algum tempo.

Saiu da cabine e esquadrinhou a multidão. Era a típica correria da Union Station. Ninguém parecia nem um pouco interessado nele. Jack se encolheu ligeiramente. Dois policiais vinham em sua direção. Recuou e entrou de novo na cabine até que eles passassem.

Em seguida comprou hambúrgueres e fritas e pegou um táxi. Comendo enquanto observava a cidade, Jack teve um momento para ponderar suas opções. Será que os problemas realmente acabariam quando entregasse o abridor de cartas a Frank? As impressões digitais e o sangue deviam ser da pessoa que se encontrava na casa de Sullivan naquela noite. Mas neste ponto a mentalidade de advogado de defesa de Jack assumiu o comando e lhe disse que havia claros e invencíveis obstáculos no caminho de uma solução tão simples.

Primeiro, era bem possível que a prova não fosse conclusiva. Talvez não houvesse como fazer a

comparação do DNA e das impressões digitais no abridor de cartas, se o dono delas não tivesse ficha arquivada em algum lugar. Era alguém importante, conhecido. E havia outro obstáculo. Ao acusar alguém com esse perfil, era melhor poder apresentar provas sólidas, se não quisesse que tudo fosse muito bem abafado.

Segundo, estariam diante de um problema gigantesco de custódias sucessivas. Para começar, será que poderiam provar que o abridor de cartas saíra mesmo da casa de Sullivan? Ele estava morto e os criados podiam não ter certeza. Christine Sullivan provavelmente pegara nele. Talvez seu assassino o tivesse segurado por pouco tempo. Luther ficara com ele por uns dois meses. Agora estava com Jack e, se tudo desse certo, em breve passaria às mãos de Seth Frank. Finalmente ocorreu algo a Jack.

Como prova, aquilo não valia nada! Mesmo que pudessem identificar as impressões e o sangue, um advogado de defesa competente reduziria aquela tese a pó. Caramba, provavelmente não conseguiriam nem indiciar o sujeito com base naquilo. Prova defeituosa não é prova.

Parou de comer e recostou-se no banco de vinil imundo.

Mas, pelo amor de Deus! Eles tinham tentado recuperar o abridor! Havia até matado por causa dele. E estavam prontos para matá-lo pelo mesmo motivo. Tinha que ser importante para eles. Assim, mesmo que não tivesse eficácia legal, tinha valor. E algo valioso sempre pode ser explorado. Talvez ele tivesse uma chance.



Eram dez horas quando Jack pisou na escada rolante que descia para a estação Farragut. Parte das linhas laranja e azul do metrô de Washington, Farragut Oeste era movimentadíssima durante o dia, por causa de sua proximidade do centro da cidade, com sua miríade de firmas de advocacia e de contabilidade, associações comerciais e escritórios. Às dez horas da noite, contudo, ficava muito vazia.

Jack saltou da escada rolante e examinou a área. As estações subterrâneas do metrô eram imensos túneis com tetos abobadados e piso de cerâmica hexagonal. Um corredor largo, onde se alinhavam anúncios de cigarros de um lado e máquinas de venda automática de bilhetes do outro, terminava em um quiosque central no meio das roletas. Um mapa imenso do sistema metroviário, com suas linhas multicoloridas, tempo de viagem e informações de preços, podia ser visto numa parede, ao lado de duas cabines telefônicas.

Um entediado funcionário do metrô estava recostado em sua cadeira dentro do quiosque envidraçado. Jack olhou em torno e viu o relógio em cima do quiosque. Depois virou para trás e ficou apavorado. Um policial descia a escada rolante. Jack decidiu agir o mais casualmente possível e dirigiu-se para a cabine telefônica. Espremeu-se contra a parede nos fundos da cabine, escondido atrás de sua barreira. Respirou fundo e se arriscou a dar uma espiada. O policial se aproximou das máquinas de bilhetes, acenou para o cara do quiosque e deu uma olhada na entrada. Jack recuou. Ia esperar. O sujeito logo iria embora.

Passou algum tempo. Uma voz alta interrompeu os pensamentos de Jack. Ele deu outra espiada no lado de fora. Um homem vinha descendo a escada rolante, evidentemente um mendigo. Tinha a roupa em farrapos e um velho cobertor grosso sobre os ombros. Barba e cabelo emaranhados e descuidados. O rosto curtido e cansado. Fazia frio lá fora. O calor das estações do

metrô era sempre um refúgio bem-vindo para mendigos, até que fossem obrigados a sair. Os portões de ferro no topo das escadas rolantes existiam exatamente para mantê-los do lado de fora.

Jack olhou de novo. O policial desaparecera. Talvez para inspecionar as plataformas ou bater papo com o funcionário do quiosque. Olhou naquela direção. O funcionário também desaparecera.

Voltou-se de novo para o mendigo, agora encolhido num canto, inventariando seus poucos pertences, esfregando as mãos sem luvas, tentando fazer o sangue circular.

Jack sentiu uma pontada de culpa. A luta daquela gente era terrível. Uma pessoa generosa podia esvaziar os bolsos num único quarteirão do centro da cidade. Jack fizera isso mais de uma vez.

Verificou a área novamente. Ninguém. O próximo trem só chegaria em quinze minutos. Saiu da cabine e olhou diretamente para o mendigo. Ele não pareceu ver Jack. Sua atenção estava voltada para seu mundinho, muito longe da realidade. Só que, pensou Jack, sua realidade também não era mais normal, se é que fora algum dia. Tanto ele quanto o patético ser humano à sua frente estavam envolvidos em suas lutas particulares. E a morte poderia chamar qualquer um deles a qualquer hora. Só que a morte de Jack provavelmente seria mais violenta, mais repentina. O que talvez fosse preferível à morte lenta que aguardava o outro.

Jack balançou a cabeça. Pensamentos como aquele não lhe fariam bem algum. Se queria vencer, precisava ficar concentrado. Tinha que acreditar que ia sobreviver às forças reunidas contra ele.

Jack se adiantou, mas parou quase de repente. Sua pressão praticamente dobrou, deixando-o subitamente tonto.

O mendigo usava sapatos novos, de sola macia, couro marrom - deviam custar mais de 150 dólares. Destacavam-se naquele emaranhado de roupas fedorentas como um diamante azul cintilando numa camada de areia branca.

O homem levantou a cabeça. Seus olhos se fixaram no rosto de Jack. Eram familiares. Por trás de todas aquelas rugas, do cabelo imundo e do rosto curtido, já tinha visto aqueles olhos; tinha certeza. O homem começou a se levantar. Parecia ter muito mais energia do que quando chegara cambaleando.

Jack olhou em torno, desesperado. O lugar estava tão vazio quanto um túmulo. O seu túmulo. Olhou para trás. O mendigo caminhava em sua direção. Jack recuou, apertando a caixa junto ao peito. Lembrou-se da fuga no elevador, quando escapara por pouco. A arma. Ela apareceria em breve. Apontada direto para ele.

Recuou pelo túnel, em direção ao quiosque. O homem tinha a mão sob o paletó velho e rasgado. Jack olhou à sua volta. Ouviu o barulho de passos se aproximando. Olhou de novo para o mendigo, decidindo se deveria correr para o trem ou não. Então o policial fez a curva, entrando em seu campo visual.

Jack quase deu um grito de alívio.

Correu até ele, apontando para o mendigo, agora parado, absolutamente imóvel, bem no meio do corredor do túnel atrás de Jack.

- Aquele homem. Ele não é um mendigo. É um impostor.

A possibilidade de ser reconhecido pelo policial passara pela mente de Jack, embora suas feições jovens não indicassem nada nesse sentido.

– O quê?

Espantado, o policial encarou Jack.

– Olhe os sapatos dele.

Jack percebeu que suas palavras não faziam sentido, mas não podia contar a história toda ao policial.

Quando olhou na direção que Jack apontava, o policial viu o mendigo parado, o rosto retorcido numa careta. Confuso, recorreu à linguagem formal da polícia:

– Aquele homem estava perturbando o senhor?

Jack hesitou, mas acabou respondendo:

– Sim.

– Ei! – gritou o policial para o mendigo, e saiu correndo.

O mendigo deu meia-volta e fugiu. Foi na direção da escada rolante, mas ela não estava funcionando. Então virou-se e desceu correndo o túnel, fez uma curva e desapareceu, com o policial atrás dele.

Jack ficou sozinho. Deu mais uma olhada no quiosque. O funcionário do metrô ainda não tinha voltado.

Virou a cabeça bruscamente ao ouvir alguma coisa. Como um grito de dor, vindo do lugar onde os dois homens haviam desaparecido. Adiantou-se um pouco. Nesse exato momento, o policial, um tanto ofegante, reapareceu na curva. Olhou para Jack e acenou para que ele se aproximasse, com movimentos lentos do braço. Parecia enjoado, como se tivesse visto ou feito alguma coisa que o deixara nauseado.

Jack apressou-se a ir ao seu encontro.

O policial respirou fundo.

– Que droga! Não sei o que está acontecendo, cara!

Ele lutou de novo para recuperar o fôlego. Apoiou-se na parede com uma das mãos, para firmar-se.

– Você o pegou?

O policial assentiu.

– Você tinha razão.

– O que aconteceu?

– Vá ver você mesmo. Tenho que comunicar o ocorrido. – Ele se endireitou e apontou um dedo de advertência para Jack. – Mas não vá embora. Não vou explicar esta história sozinho e parece que você sabe muito mais sobre aquele cara do que está dizendo. Entendido?

Jack concordou rapidamente. O tira se afastou, apressado. Jack fez a curva. Esperar. O policial o mandara esperar. Que viessem prendê-lo. Tinha que sair dali correndo. Mas não podia. Precisava ver quem era. Tinha certeza que sabia. Mas tinha que ver.

Jack olhou para a frente. Aquela era uma entrada de serviço para pessoal autorizado. Na escuridão, do outro lado do túnel, havia uma pilha de roupas. Jack esforçou-se para conseguir ver claramente. Ao se aproximar mais, viu que se tratava mesmo do mendigo. Por uns poucos momentos permaneceu imóvel. Queria que os policiais aparecessem. Tudo tão quieto, tão escuro.

A massa de roupas não se mexeu. Não ouvia a respiração do homem. Estaria morto? Será que o policial tivera que matá-lo?

Jack enfim se adiantou. Ajoelhou-se ao lado do homem. Que disfarce elaborado. Passou a mão rapidamente pelo cabelo desgrenhado. Até mesmo o cheiro acre de quem mora na rua era autêntico. Então viu o filete de sangue escorrendo do lado da cabeça. Afastou o cabelo. Era um corte profundo. Fora o barulho que ouvira. Tinha havido uma luta e o policial o acertara. Estava acabado. Haviam tentado pegá-lo numa armadilha, mas eles mesmos é que acabaram caindo nela. Teve vontade de tirar a peruca e o resto do disfarce, para ver quem eram seus perseguidores, mas isso teria de esperar. Talvez fosse bom que a polícia se envolvesse. Ele lhes entregaria o abridor de cartas. Correria esse risco.

Levantou, virou e viu o policial se aproximando rapidamente. Jack balançou a cabeça. Que surpresa ele teria. Aquele era seu dia de sorte.

Jack aproximou-se dele e parou ao vê-lo sacar rapidamente a 9mm.

O policial o fulminou com um olhar.

– Sr. Graham.

Jack deu de ombros e sorriu. O cara finalmente o identificara.

– Em carne e osso. – Estendeu a mão que segurava a caixa. – Tenho uma coisa para você.

– Sei que tem, Jack. E é exatamente o que eu quero.

Tim Collin viu o sorriso desaparecer dos lábios de Jack. A mão dele apertou o gatilho com mais força quando se adiantou.



Seth Frank sentiu o pulso acelerar à medida que se aproximava da estação. Finalmente poria as mãos na tão desejada prova. Podia imaginar Laura Simon se debruçando sobre ela com o entusiasmo de um esfomeado avançando sobre um belo bife. Frank tinha quase certeza de que encontrariam os dados para comparar o que houvesse na tal prova. Em alguma parte. Então o caso seria esclarecido. E finalmente suas perguntas tão persistentes e incômodas poderiam ser respondidas.



Jack examinou o rosto do mendigo, absorvendo cada detalhe. Não que fosse adiantar de alguma coisa. Olhou novamente as roupas velhas e amarrotadas, os sapatos novos nos pés sem vida. O pobre sujeito provavelmente pusera o primeiro par de sapatos novos em muitos anos e agora não poderia desfrutá-los.

Jack encarou Collin e disse, furioso:

– O cara está morto. Você o matou.

– Me dê a caixa, Jack.

– Quem é você?

– Isso realmente não importa, não é?

Collin abriu um compartimento no cinto e pegou um silenciador, que encaixou rapidamente no cano da arma.

Jack viu a arma apontada para seu peito. Lembrou-se das macas com os corpos de Lord e da mulher. No jornal do dia seguinte seria a sua vez. Jack Graham e um mendigo. Macas gêmeas. Claro que dariam um jeito de incriminá-lo pela morte do mendigo. Jack Graham, de sócio da PS&L a assassino morto.

– Importa para mim.

– E daí? – Collin adiantou-se, com as duas mãos no cabo da pistola.

– Foda-se. Tome a caixa!

Jack atirou a caixa na cabeça de Collin no momento exato em que houve uma explosão abafada. A bala atingiu um canto da caixa e foi se cravar na parede de concreto. No mesmo instante, Jack se lançou para a frente, de encontro a Collin. O agente era muito forte, mas Jack também era. E tinham mais ou menos o mesmo tamanho. Jack sentiu que o deixara completamente sem ar ao bater com o ombro direto em seu diafragma. Instintivamente os movimentos de luta livre voltaram a seus membros. Jack ergueu o corpo do agente e o atirou com força no chão. Quando Collin conseguiu ficar de pé, cambaleante, Jack já tinha feito a curva.

Collin pegou a arma e depois a caixa. Teve que parar por um segundo, nauseado. A cabeça doía, do impacto com o chão duro. Ajoelhou-se, tentando recuperar o equilíbrio. Jack já se fora havia muito tempo, mas pelo menos ele tinha a caixa. Finalmente. Os dedos de Collin a apertaram com força.

Jack passou voando pelo quiosque, pulou as roletas, desceu correndo a escada rolante e atravessou a plataforma. Tinha a vaga consciência de que todo mundo o encarava, espantado. O capuz de seu casaco caíra da cabeça. O rosto estava exposto. Houve um grito às suas costas. O funcionário do quiosque. Mas Jack continuou correndo e saiu da estação pela rua 17. O homem não devia estar sozinho e a última coisa de que precisava era alguém o seguindo. Mas duvidava de que tivessem coberto ambas as saídas. Deviam ter imaginado que ele não conseguiria sair da estação sozinho. O ombro doía da colisão com o agente e a respiração ofegante se tornava cada vez mais difícil por causa do ar gelado. Estava a duas quadras de distância quando parou de correr. Ajeitou o casaco e então se lembrou. Olhou para as mãos vazias. A caixa! Deixara a maldita caixa para trás. Encostou na porta de vidro de um McDonald's às escuras.

As luzes de um carro se aproximaram. Jack desviou o rosto e rapidamente dobrou a esquina. Em poucos minutos subia num ônibus. Para onde, não sabia.



O carro saiu da rua L e entrou na 19. Seth Frank subiu pela Eye Street e depois virou na direção da rua 18. Parou em frente à estação de metrô, saltou e desceu a escada rolante.

Do outro lado da rua, escondido atrás de latões de lixo, escombros e cercas de metal, produtos de um gigantesco projeto de demolição, Bill Burton observava. Praguejando baixinho, ele apagou o cigarro, verificou a rua e atravessou depressa.

Quando saiu da escada rolante, Seth Frank consultou o relógio e deu uma olhada em torno. Não havia chegado tão cedo quanto imaginara. Seus olhos deram com uma porção de lixo encostado numa parede. Depois se desviaram para o quiosque vazio. Não havia ninguém por perto. Tudo quieto. Quietos demais. O radar de Frank instantaneamente detectou perigo e, num

gesto automático, ele sacou a arma. Percebeu um barulho vindo da sua direita. Disparou pelo corredor, na direção contrária à das roletas. Chegou a um corredor escuro. Deu uma primeira espiada e não viu nada. Depois seus olhos se adaptaram e ele viu duas coisas. Uma se mexia, a outra não.

Frank viu o homem se levantando devagar. Não era Jack. O cara estava de uniforme, tinha uma arma em uma das mãos e uma caixa na outra. Empunhou com mais força sua pistola e adiantou-se mais um pouco, furtivamente. Havia muito tempo não fazia aquilo. A imagem da mulher e das três filhas passou pela sua cabeça, mas ele a afastou. Precisava se concentrar.

Finalmente se aproximou o bastante. Rezou para que a respiração acelerada não o traísse. Apontou a pistola para as costas largas.

– Não se mexa! Polícia!

O homem ficou absolutamente imóvel.

– Ponha a arma no chão, primeiro o cabo! Não quero seu dedo perto do gatilho, senão vou abrir um buraco na sua nuca. Vamos!

A arma foi descendo bem devagar. Frank acompanhou o movimento, centímetro a centímetro. Então sua visão escureceu. A cabeça de Frank levou um forte golpe e ele desabou no chão.

Ao ouvir o barulho, Collin se virou e viu Bill Burton segurando a pistola pelo cano, olhando para Frank.

– Vamos, Tim.

Collin se levantou, trêmulo. Olhou para o policial caído e encostou a arma na cabeça dele. A mão enorme de Burton o deteve.

– Ele é da polícia. Não matamos policiais. Não matamos mais *ninguém*.

Burton cravou os olhos no colega, tomado por pensamentos desconfortáveis sobre o modo calmo como o rapaz aceitara desempenhar o papel de um assassino sem consciência.

Collin deu de ombros e guardou a arma.

Burton pegou a caixa, olhou mais uma vez para o detetive e depois para o mendigo. Balançou a cabeça com desdém e lançou um olhar de repreensão ao parceiro.

Alguns minutos depois, Seth Frank gemeu, tentou se levantar, mas voltou a perder a consciência.

KATE ESTAVA DEITADA, MAS completamente acordada. Olhava para o teto, mas o que via realmente era uma torrente de imagens, cada uma mais aterrorizante do que a anterior. Deu uma olhada no relógio da mesinha de cabeceira. Três da manhã. A persiana estava aberta o suficiente para revelar a escuridão do lado de fora. Podia ouvir os pingos da chuva no vidro da janela. Normalmente um som reconfortante, naquele momento só piorava o incessante latejar de sua cabeça.

Quando o telefone tocou, ela a princípio não se mexeu. Suas pernas e seus braços pareciam pesados demais, como se o sangue tivesse deixado de circular neles. Por um terrível momento, achou que tinha sofrido um derrame. Finalmente, no quinto toque, conseguiu pegar o fone.

– Alô?

Sua voz estava trêmula, quase inconsciente. Seus nervos estavam no limite.

– Kate. Preciso de ajuda.



Quatro horas mais tarde estavam sentados em frente à pequena delicatessen do Founder's Park, o local do primeiro encontro após tantos anos separados. O tempo tinha piorado. A neve caía tão intensamente que tinha tornado impossível dirigir e só mesmo os irracionalmente ousados arriscavam caminhar.

Jack olhou para ela. Não usava mais o casaco com capuz. Uma máscara de esqui, barba de alguns dias e um par de óculos grossos disfarçavam suas feições a tal ponto que Kate precisara olhar duas vezes para reconhecê-lo.

– Tem certeza de que ninguém a seguiu?

Ele a fitou, ansioso. Tomava um café fumegante e a caneca ocultava parcialmente seu rosto, mas ela podia ver a tensão nele. Era claro que estava prestes a chegar ao limite.

– Fiz o que você falou. Metrô, dois táxis e um ônibus. Se alguém conseguiu me acompanhar com este tempo, não é humano.

Jack pôs a caneca na mesa.

– Pelo que vi até agora, é bem possível que não sejam humanos mesmo.

Ele não dissera o nome do lugar do encontro ao telefone. Imaginava agora que houvessem grampeado qualquer pessoa ligada a ele. Apenas mencionara o lugar “de sempre”, confiando que Kate entenderia. Olhou pela janela. Cada pessoa que passava era uma ameaça. Empurrou um exemplar da *Post* para ela. A primeira página era reveladora. Jack ficara furioso ao ler.

Seth Frank estava internado no hospital da Universidade George Washington, com uma concussão cerebral. Seu quadro era estável. O mendigo, que ainda não fora identificado, não tivera a mesma sorte. No meio da história estava Jack Graham, o responsável por uma onda de crimes. Quando acabou de ler, ela levantou os olhos para ele.

– Não podemos parar – disse Jack encarando-a. Tomou o resto do café e se levantou.

O táxi os deixou no hotel em que Jack estava hospedado, na periferia da cidade antiga de Alexandria. Ele olhou para os dois lados, depois para trás e finalmente seguiram para o quarto.



Depois de passar a chave e o trinco, tirou o gorro de esquí e os óculos.

– Meu Deus, Jack, lamento vê-lo envolvido nisso.

Mesmo do outro lado do quarto, ele podia ver que Kate tremia. Em um instante, tomou-a nos braços até que sentiu seu corpo se acalmar, relaxar. Ele a encarou.

– Fui eu que me envolvi. Agora só preciso dar um jeito de sair disso.

Jack tentou sorrir, mas não conseguiu. Ela estava apavorada por ele. Tinha medo de que tivesse o mesmo destino de seu pai.

– Deixei um monte de mensagens na sua caixa postal.

– Nem pensei em verificar, Kate.

Jack gastou a meia hora seguinte contando a ela os acontecimentos dos últimos dias. Os olhos de Kate refletiram o horror que ela sentia a cada nova revelação.

– Meu Deus!

Os dois ficaram em silêncio por um momento.

– Jack, você tem ideia de quem está por trás de tudo isso?

Ele negou com a cabeça, deixando escapar um pequeno gemido.

– Tenho uma porção de fios soltos, mas nenhum deles acrescentou nada ao que já se sabe.

Espero que isso mude. Em breve.

A maneira como disse as últimas palavras atingiu-a como uma bofetada. Os olhos dele lhe disseram que a mensagem tinha sido clara. Apesar dos disfarces, das medidas de segurança para se deslocarem e de qualquer talento inato que Jack pudesse trazer para o campo de batalha, eles o encontrariam. A polícia ou quem quer que quisesse matá-lo. Era apenas uma questão de tempo.

– Pelo menos eles pegaram o que queriam? – perguntou ela, tão baixo que mal deu para ouvir.

Dirigiu um olhar quase súplice para Jack.

Ele estava arriado na cama, as pernas tão cansadas que pareciam não lhe pertencer mais.

– Não posso ficar aqui para sempre, Kate.

Ele sentou na cama e deu uma olhada no quarto. Na gravura barata de Jesus pendurada na parede. Bem que precisava da intervenção divina naquele momento. Um pequeno milagre seria bem-vindo.

– Mas você não matou ninguém, Jack. E me disse que Frank está convencido disso. A polícia da capital também vai se convencer.

– É mesmo? Frank me conhece, Kate. E ainda assim, no princípio, havia dúvida em sua voz. Ele descobriu o truque do copo, mas não há provas de que alguém tenha mexido no copo ou na arma. Por outro lado, há provas indiscutíveis de que matei duas pessoas. Três, contando a noite passada. Meu advogado recomendaria que eu aceitasse um acordo para conseguir de vinte anos à prisão perpétua, com possibilidade de condicional. Eu mesmo recomendaria isso. Se for a julgamento, não terei a menor chance. Apenas especulações tentando ligar Luther, Walter Sullivan e todo o resto numa trama qualquer de conspiração de proporções espantosas, intelectual, emocional e psicologicamente. O juiz ia morrer de rir e me expulsar do tribunal. O júri jamais me ouviria. Na verdade, não há nem o que ouvir.

Ele se levantou e encostou na parede, as mãos nos bolsos. Não olhou para ela. Suas perspectivas, tanto as de curto quanto as de longo prazo, não poderiam ser piores.

– Vou morrer velho na prisão, Kate. Isso se não me matarem antes.

Ela sentou na cama, as mãos no colo. Deixou escapar um soluço quando o desespero invadiu sua alma, como uma pedra em águas profundas e escuras.



Seth Frank abriu os olhos. A princípio, nada entrou em foco. Após alguns momentos de ansiedade, conseguiu discernir um quarto de hospital, com seus detalhes brancos, cromados e ângulos pronunciados. Quando tentou sentar, a mão de alguém o deteve com firmeza, pelo ombro.

– Não, tenente. Não tão depressa.

Frank ergueu os olhos e viu Laura Simon. O sorriso não escondia inteiramente as rugas de preocupação. Ela deu um sonoro suspiro de alívio.

– Sua mulher acabou de sair para ver as crianças. Passou a noite toda aqui. Eu disse a ela que assim que sáísse você ia acordar.

– Onde estou?

– Hospital George Washington. Ainda bem que levou essa pancada na cabeça em um lugar perto de um hospital.

Laura manteve-se debruçada sobre a cama, para que Frank não precisasse virar a cabeça.

– Seth, lembra o que aconteceu?

Frank tentou recordar a noite anterior. Teria sido mesmo a noite passada?

– Que dia é hoje?

– Quinta.

– Então foi ontem à noite?

– Por volta das onze horas. Pelo menos foi a essa hora que acharam você. E o outro cara.

– Outro cara? – Frank virou a cabeça num gesto brusco e uma onda de dor percorreu seu pescoço.

– Vá com calma, Seth.

Laura ajeitou um travesseiro ao lado da cabeça de Frank.

– Havia outro sujeito. Um mendigo. Ainda não o identificaram. Levou uma pancada parecida na cabeça. Provavelmente morreu na hora. Você teve sorte.

Frank apalpou as têmporas, que latejavam. Não se sentia com tanta sorte assim.

– Mais alguém?

– O quê?

– Encontraram mais alguém?

– Ah, não, mas você não vai acreditar. Sabe o advogado que assistiu à fita de vídeo conosco?

Frank ficou tenso.

– Sei, sim. Jack Graham.

– Isso. Matou duas pessoas na empresa em que trabalha. Depois foi visto fugindo do metrô mais ou menos na mesma hora em que você e o mendigo foram atacados. O cara é um pesadelo ambulante. E tinha uma cara tão boa.

– Já o encontraram? Jack? Ele conseguiu mesmo fugir?

Laura o fitou com estranheza.

– Ele fugiu da estação de metrô, se é isso que você quer saber. Mas é apenas uma questão de

tempo. – Ela deu uma olhada pela janela e pegou a bolsa. – A polícia da capital quer falar com você assim que estiver em condições.

– Não sei se vou poder ajudar. Não me lembro direito do que aconteceu, Laura.

– Amnésia temporária. Vai acabar se lembrando.

Ela vestiu o casaco.

– Tenho que ir. Alguém tem que manter o condado de Middleton seguro para os ricos e famosos enquanto você estiver aqui contando carneirinhos. – Ela sorriu. – Não vá se acostumar com a ideia, Seth. Ficamos realmente preocupados com a possibilidade de ter que contratar um novo detetive.

– Onde vocês iam encontrar um cara legal como eu?

Laura riu.

– Sua mulher voltará em algumas horas. Agora você precisa descansar. – Laura virou-se para sair. – A propósito, Seth, o que estava fazendo na Farragut Oeste àquela hora da noite?

Frank não respondeu de imediato. Não estava com amnésia. Pelo contrário, lembrava perfeitamente o que acontecera.

– Seth?

– Não tenho certeza, Laura. – Ele fechou os olhos e os reabriu em seguida. – Simplesmente não me lembro.

– Não se preocupe, acabará se lembrando. Nesse meio-tempo, pegarão Graham. Isso possivelmente esclarecerá tudo.

Frank não descansou depois que Laura saiu. Jack devia achar que ele tinha montado uma armadilha para pegá-lo. No entanto, se tivesse visto o jornal, já saberia que o detetive entrara às cegas na armadilha preparada para o advogado.

Mas agora não tinham o abridor de cartas. Era isso que estava dentro da caixa na mão daquele homem. Frank não tinha dúvida. E, sem o abridor, quais as chances de eles pegarem aquela gente?

Frank lutou para se sentar de novo. Tinha um tubo intravenoso no braço. A pressão na cabeça fez com que se deitasse imediatamente. Precisava sair do hospital. E entrar em contato com Jack. Naquele instante, não tinha a menor ideia de como fazer nem uma coisa nem outra.



– Você disse que precisava de ajuda. O que posso fazer?

Kate olhou diretamente para Jack.

Ele sentou ao seu lado na cama. Parecia perturbado.

– Tenho sérias dúvidas de que essa história leve a algum lugar. Na verdade, nem sei se fiz bem chamando você.

– Jack, passei os últimos quatro anos cercada por estupradores, assaltantes e assassinos.

– Eu sei. Mas pelo menos sabia com quem estava tratando. Os bandidos agora podem ser qualquer um. Um monte de gente foi assassinada. Isso é muito sério, Kate.

– Não saio daqui se você não deixar que eu o ajude.

Jack hesitou, desviando os olhos.

– Se você não me deixar ajudar, vou entregar você. É menos arriscado.

Ele a encarou.

– Você faria isso mesmo, não faria?

– Claro. Estou quebrando todas as regras por estar aqui com você agora. Se me puser na jogada, esqueço que o vi. Caso contrário...

A expressão nos olhos de Kate fazia com que, apesar de todas as possibilidades horríveis que considerava, ele se sentisse com sorte por estar ali naquele instante.

– Tudo bem então. Você precisa ser meu contato com Seth. Vocês são as únicas pessoas em quem posso confiar.

– Mas você perdeu a caixa. Como ele vai poder ajudar?

Kate não conseguia disfarçar a hostilidade que sentia pelo detetive.

Jack se levantou e começou a andar de um lado para outro. Até que parou e olhou para ela.

– Sabe como seu pai era tarado por controle? Como sempre tinha um plano B?

– Eu me lembro – respondeu Kate, amarga.

– Bem, é nisso que estou apostando.

– Do que você está falando?

– Acredito que Luther também tivesse um plano B desta vez.

Ela o encarou, boquiaberta.



– Sra. Broome?

A porta se abriu um pouquinho mais quando Edwina Broome deu uma espiada.

– Sim?

– Meu nome é Kate Whitney. Filha de Luther Whitney.

Kate relaxou quando a velha a saudou com um sorriso.

– Eu sabia que já tinha visto você antes. Luther vivia mostrando fotos suas. Você é ainda mais bonita pessoalmente.

– Muito obrigada.

Edwina abriu a porta toda.

– Onde estou com a cabeça? Você deve estar congelando. Por favor, entre.

Edwina a conduziu até a pequena sala de estar, onde três gatos estavam empoleirados nos móveis.

– Acabei de fazer chá; aceita uma xícara?

Kate hesitou. Não tinha muito tempo. Mas deu uma olhada em volta. Num canto havia um velho piano, coberto por uma camada grossa de poeira. A mulher evidentemente enxergava pouco. Os prazeres da música também lhe haviam sido tirados. O marido e a única filha mortos. Quantas visitas poderia receber?

– Aceito, sim. Obrigada.

As duas se sentaram. A mobília era velha mas confortável. Kate tomou um gole do chá forte e sentiu que a tensão diminuía. Afastou o cabelo do rosto e virou-se para a velha, que a fitava com olhos tristes.

– Sinto muito por seu pai, Kate. Sinceramente. Sei que vocês dois tinham suas diferenças. Mas Luther foi um dos melhores homens que conheci na vida.

– Muito obrigada. Nós duas temos passado por muita coisa.

Os olhos de Edwina se desviaram para uma mesinha perto da janela. Kate os acompanhou. Em cima da mesa, diversas fotos de momentos felizes compunham uma espécie de altar em homenagem a Wanda Broome. Ela se parecia muito com a mãe.

Um altar. Com um sobressalto, Kate lembrou-se da coleção de fotos suas com que Luther celebrava suas vitórias.

– É verdade. – Edwina voltou a encará-la.

Kate pousou a xícara de chá.

– Sra. Broome, detesto ir direto ao ponto, mas a verdade é que não tenho muito tempo.

A velha inclinou-se para a frente, ansiosa.

– É sobre a morte de Luther e da minha filha, não é?

Kate se espantou.

– Por que acha isso?

Edwina inclinou-se mais um pouco para a frente e sua voz se transformou num sussurro.

– Porque sei que Luther não matou a Sra. Sullivan. Sei como se tivesse visto com meus próprios olhos.

Kate ficou intrigada.

– A senhora tem alguma ideia de quem...

Edwina balançou a cabeça, triste.

– Não, não tenho.

– Então como sabe que não foi meu pai?

Edwina hesitou. Depois recostou-se e fechou os olhos. Quando finalmente os reabriu, Kate não havia movido um músculo.

– Você é filha de Luther e acredito que deva saber a verdade. – Ela fez uma pausa, tomou um gole de chá, secou os lábios com um guardanapo e ajeitou-se de novo na poltrona. Um gato persa preto pulou para seu colo. – Eu sabia sobre seu pai. O passado dele. Ele e Wanda se conheceram. Ela se meteu em encrenca muitos anos atrás e Luther a ajudou a se reerguer e levar uma vida respeitável. Serei eternamente grata a ele por isso. Luther sempre esteve perto quando Wanda ou eu precisamos dele. O fato, Kate, é que seu pai jamais estaria dentro daquela casa na noite do crime se não fosse por Wanda.

Edwina falou por alguns minutos. Quando terminou, Kate ajeitou-se na poltrona e se deu conta de que prendia a respiração. Deixou escapar um suspiro tão alto que ecoou na sala.

Edwina não disse nada, apenas continuou a observar Kate com seus imensos olhos tristes. Finalmente ela se moveu. A mão enrugada apoiou-se no joelho de Kate.

– Luther amava você, filha. Mais do que tudo.

– Eu sei...

Edwina balançou a cabeça devagar.

– Ele nunca a culpou pelo modo como se sentia. Na verdade, dizia que você tinha todo o direito de se sentir assim.

– Ele dizia isso?

– Tinha muito orgulho de você, porque é advogada e tudo. Costumava me dizer: “Minha filha é uma advogada muito boa. Põe a Justiça acima de tudo, e está certa, absolutamente certa.”

A cabeça de Kate começou a rodar. Sentia emoções para as quais não estava preparada. Esfregou a nuca e deu uma olhada do lado de fora. Um sedã preto entrou na rua e desapareceu. Ela se voltou rapidamente para Edwina.

– Sra. Broome, agradeço por me dizer essas coisas. Mas na verdade vim aqui por um motivo específico. Preciso de sua ajuda.

– Farei tudo o que puder.

– Meu pai lhe mandou um pacote.

– Sim. E eu o despachei para o Sr. Graham, como Luther tinha dito para eu fazer.

– Sim, eu sei. Jack recebeu o pacote. Mas alguém... o tirou dele. Gostaríamos de saber se meu pai não teria lhe mandado outra coisa, algo que talvez pudesse nos ajudar.

Os olhos de Edwina perderam a tristeza, transformando-se em dois pontos intensamente brilhantes. Ela olhou por cima do ombro de Kate.

– Atrás de você, Kate, no piano. O hinário.

Kate virou-se e pegou o livro. Dentro dele havia um pequeno embrulho, que ela ficou olhando.

– Luther era o homem mais cauteloso que conheci em toda a minha vida. Disse que, se alguma coisa desse errado na expedição do pacote, eu devia mandar isso para o Sr. Graham. Era o que eu já ia fazer, pois soube pela TV o que aconteceu com ele. Estou certa ao pensar que o Sr. Graham não fez nenhuma das coisas que estão dizendo que ele fez?

Kate assentiu.

– Gostaria que todos pensassem da mesma forma.

Ela começou a abrir o embrulho.

– Não faça isso, Kate – exclamou Edwina em tom cortante. – Seu pai disse que somente o Sr. Graham podia ver o que há aí dentro. Somente ele. Acho que é melhor fazermos como ele queria.

Kate hesitou, lutando contra sua curiosidade natural, mas acabou por fechar o embrulho.

– Ele lhe falou mais alguma coisa? Sabia quem matou Christine Sullivan?

– Ele sabia.

Kate olhou para ela, espantada.

– Mas não lhe contou?

Edwina balançou a cabeça vigorosamente.

– Bem, ele disse uma coisa.

– O quê?

– Que, se me contasse quem tinha sido, eu não acreditaria nele.

Kate se endireitou na poltrona e pensou por alguns instantes.

– O que ele queria dizer com isso?

– Bem, me surpreendeu, posso lhe garantir.

– Por quê?

– Porque Luther era o homem mais honesto que já conheci. Eu teria acreditado em qualquer coisa que ele me dissesse.

– Então, o que ou quem quer que tenha visto, seria inacreditável. Até mesmo para a senhora.

– Exatamente. Foi o que pensei.

Kate levantou-se para ir embora.

– Muito obrigada, Sra. Broome.

– Por favor, me chame de Edwina. É um nome engraçado, mas é o único que tenho.  
Kate sorriu.  
– Depois que tudo isso terminar, Edwina, eu... gostaria de voltar para outra visita, se você não se importar. Para conversar mais um pouco.  
– Eu adoraria. Envelhecer tem prós e contras. Mas ser uma velha sozinha só tem os contras.  
Kate vestiu o casaco e se dirigiu para a porta. Guardou o embrulho na bolsa.  
– Isso deveria reduzir um pouco o campo da pesquisa, não é, Kate?  
– O quê?  
– Alguém que seja inacreditável. Não pode haver tanta gente assim em quem eu não consiga acreditar.



O segurança do hospital era alto, corpulento e estava muito nervoso.  
– Não sei exatamente o que aconteceu. Saí por no máximo uns dois ou três minutos.  
– Você não devia ter se afastado um segundo sequer, Monroe! – advertiu o supervisor baixinho, diante do grandalhão que suava em bicas.  
– Mas a moça pediu que eu a ajudasse com uma mala, e eu ajudei.  
– Que moça?  
– Já falei, uma bacana. Bonita e com uma roupa alinhada.  
O supervisor lhe deu as costas, revoltado. Não tinha como saber que a tal moça era Kate Whitney e que Seth Frank já estava a cinco quarteirões de distância, no carro dela.



– Está doendo? – Kate olhou para ele, sem muita simpatia tanto na fisionomia quanto na voz. Frank apalpou cuidadosamente as bandagens na cabeça.  
– Você está brincando! Minha filha de 6 anos bate com mais força. – Ele deu uma olhada no interior do carro. – Tem um cigarro? Desde quando o inferno é um hospital onde é proibido fumar?  
Ela remexeu na bolsa e pegou um maço aberto.  
Frank acendeu um cigarro e olhou para ela através da fumaça.  
– A propósito, bom trabalho com o guarda. Você devia trabalhar no cinema.  
– Ótimo! Estou mesmo querendo mudar de ramo.  
– Como vai o nosso rapaz?  
– Por ora, a salvo. Vamos mantê-lo assim.  
Ela virou a esquina e o encarou com um olhar duro.  
– Sabe, não estava nos meus planos deixar seu pai levar um tiro bem na minha frente – falou Frank.  
– Foi o que Jack disse.  
– E você não acredita nele?  
– Que importância tem no que eu acredito?  
– Muita. Pelo menos para mim, Kate.

Ela parou num sinal vermelho.

– O.k. Vamos colocar as coisas da seguinte forma: estou começando a considerar que você talvez não quisesse que acontecesse. Está bom?

– Não. Mas por enquanto eu aceito.



Jack virou na esquina e tentou relaxar. A nevasca finalmente amainara, mas a temperatura continuava muito baixa e o vento tinha retornado, vingativo. Ele soprou os dedos endurecidos pelo frio e esfregou os olhos congestionados pela falta de sono. Contra o céu negro, destacava-se uma fatia de lua, suave e luminosa. Jack examinou a área. O prédio do outro lado da rua estava escuro e vazio. Tinha fechado as portas havia muito tempo. Uns poucos pedestres enfrentavam as condições inclementes, mas por largos períodos Jack esteve sozinho. Finalmente se abrigou no portal do prédio e esperou.

Três quadras adiante um táxi enferrujado encostou no meio-fio, a porta de trás se abriu e um par de sapatos de salto baixo pisou na calçada de cimento. O táxi partiu imediatamente e a rua voltou a ficar em silêncio. Kate apertou o casaco em volta do corpo e apressou o passo. Quando passava pelo quarteirão seguinte, outro carro, todo apagado, virou a esquina e a acompanhou. Concentrada no que ainda precisava fazer, Kate nada percebeu.

Jack viu quando ela virou a esquina. Olhou em todas as direções, um hábito que adquirira rapidamente e que esperava poder largar muito em breve. Adiantou-se apressadamente, ao encontro dela. A rua estava em silêncio. Nem Jack nem Kate viram a frente do sedã quando ele passou pela esquina. Dentro dele, o motorista focalizou neles os óculos de visão noturna que o catálogo de mala direta anunciava como a última palavra em tecnologia soviética. Mesmo que os antigos comunistas não soubessem muito bem como dirigir uma sociedade democrática capitalista, fabricavam equipamento militar quase sempre de primeira.

– Meu Deus, você está gelado! Há quanto tempo está esperando?

Kate tocou a mão dele e o contato frio se transmitira a todo o seu corpo.

– Mais do que precisava. O quarto de hotel estava me oprimindo. Tive que sair. Serei um péssimo prisioneiro. E então?

Kate abriu a bolsa. Tinha ligado para Jack de um telefone público. Dissera que tinha algo, mas não pudera especificar o quê. A teoria de Jack era de que ele deveria correr mais riscos que os outros. Kate já fizera a sua parte.

Ele pegou o embrulho. Não foi difícil perceber o que continha. Fotografias.

*Graças a Deus, Luther, você não me desapontou.*

– Você está bem? – Ele a examinou, preocupado.

– Quase.

– Onde está Seth?

– Por perto. Vai me levar em casa.

Os dois se encararam. Jack sabia que a melhor coisa que Kate tinha a fazer era ir embora, talvez até sair do país por um tempo, quando aquilo terminasse ou ele fosse condenado por homicídio. Nesse caso, a intenção de Kate de recomeçar a vida em outro lugar seria mesmo o melhor plano.

Só que não queria que ela fosse embora.



– Muito obrigado.

As palavras pareceram inadequadas, como se Kate tivesse acabado de lhe trazer um lanche ou de buscar sua roupa na lavanderia.

– Jack, o que você vai fazer agora?

– Ainda não sei. Mas vou fazer alguma coisa. Não vou cair sem lutar.

– Mas você não sabe com quem está lutando. Não é uma briga justa.

– E quem disse que devia ser justa?

Ele sorriu quando o vento soprou jornais velhos pela rua.

– É melhor você ir. Não é tão seguro assim por aqui.

– Tenho meu spray de pimenta.

– Boa garota.

Ela se virou para ir embora, mas pegou no braço dele.

– Jack, por favor, tenha cuidado.

– Sempre tenho. Sou advogado, lembra? Somos especialistas em tirar o nosso da reta.

– Jack, eu não estou brincando.

Ele deu de ombros.

– Eu sei disso. Prometo que serei o mais cuidadoso que puder. – Ao pronunciar estas palavras, Jack deu um passo à frente e tirou o capuz.

Os óculos de visão noturna se fixaram em seu rosto por um instante. Em seguida foram deixados de lado, trocados pelo celular do carro.

Os dois se abraçaram. Mesmo que Jack quisesse desesperadamente beijá-la, contentou-se com um leve contato, de raspão, dos lábios com seu pescoço. Quando se separaram, os olhos dela se encheram de lágrimas. Jack virou-se e saiu andando depressa.

Quando Kate refez seu caminho, não reparou no carro até que ele deu uma guinada e parou quase junto ao meio-fio. Ela recuou quando a porta do lado do motorista abriu. Atrás, uma verdadeira explosão de sirenes vinha a seu encontro. Ao encontro de Jack. Olhou instintivamente para trás. Nem sinal dele. Quando voltou a olhar para a frente, deu com um par de olhos confiantes na própria superioridade e emoldurados por sobranceiras grossas.

– Eu sabia que nossos caminhos iam se encontrar novamente, Srta. Whitney.

Kate olhou para o homem, mas não o reconheceu.

Ele ficou desapontado.

– Bob Gavin. Do *Post*.

Ela deu uma espiada no carro dele. Já o vira antes. Na rua, passando pela casa de Edwina Broome.

– Você está me seguindo.

– Sim, estou. Imaginei que você me levaria a Graham.

– A polícia... – Ela girou a cabeça bruscamente quando uma radiopatrulha se aproximou a toda a velocidade. – Você chamou a polícia.

Gavin assentiu, sorrindo. Obviamente estava satisfeito consigo mesmo.

– Agora, antes que eles cheguem, podemos fazer um pequeno acordo. Você me dá uma entrevista exclusiva. Conta toda a sujeira sobre Jack Graham e, em vez de cúmplice, aparece na minha história como uma inocente testemunha.

Kate o fuzilou com o olhar, quase explodindo com a raiva que sentia e que só fizera aumentar naquele mês de horrores.

Gavin virou-se para a radiopatrulha que se aproximava. Atrás vinham mais dois carros.

– Vamos, Kate – disse ele, nervoso –, não resta muito tempo. Você não vai para a cadeia e eu ganho o Pulitzer que me devem há tanto tempo e meus quinze minutos de fama. O que vai ser?

Ela trincou os dentes e respondeu com tanta calma que parecia ter passado meses ensaiando aquilo:

– Dor, Sr. Gavin. Quinze minutos de dor.

Ele ficou olhando espantado. Ela pegou o tubo de mais ou menos um palmo, apontou diretamente para o rosto dele e apertou o spray. O gás atingiu Gavin no nariz e nos olhos, marcando seu rosto com tinta vermelha. Quando os policiais finalmente saltaram da radiopatrulha, Bob Gavin estava caído na calçada, com as mãos no rosto, tentando sem sucesso arrancar os olhos.



Ao ouvir a primeira sirene, Jack disparara por uma rua transversal.

Quando parou, espremeu-se contra um prédio, respirando fundo. Os pulmões doíam, o frio queimava seu rosto. O fato de aquela ser uma área deserta era uma desvantagem tática para ele. Podia continuar caminhando, mas era como uma formiga numa folha de papel branco. As sirenes soavam tão alto que ele não conseguia mais distinguir de onde vinham.

Na verdade, vinham de todas as direções. E estavam cada vez mais perto. Jack correu até a outra esquina, parou e deu uma olhada. O que viu não foi nada encorajador. Estavam montando um bloqueio no fim da rua. A estratégia era evidente. Sabiam mais ou menos onde ele estava. Bastava bloquear um determinado perímetro e depois ir fechando. Só precisavam de duas coisas: efetivo e tempo – e a polícia dispunha de ambos.

A única coisa que Jack tinha era um excelente conhecimento da área. Muitos dos seus clientes na Defensoria Pública tinham saído dali. Gente cujo sonho não envolvia escola, faculdade de direito, bom emprego, família amorosa e casas de classe média, mas sim quanta grana seriam capazes de ganhar vendendo saquinhos de crack e como poderiam sobreviver, um dia de cada vez. Sobrevivência. Um impulso forte e humano. Jack esperava que fosse forte o bastante.

Ao fugir pela viela, não tinha ideia do que iria encontrar, embora supusesse que a inclemência do tempo houvesse retido em casa alguns dos criminosos locais. Ele quase riu. Nenhum de seus antigos sócios na PS&L teria sequer chegado perto daquele lugar, mesmo cercados por um batalhão blindado.

Pulou a cerca de arame e caiu do outro lado, perdendo ligeiramente o equilíbrio. Quando se apoiou com uma das mãos no muro de tijolos para se firmar, ouviu dois sons. Sua própria respiração, ofegante, e pés correndo. Diversos pares. Tinha sido descoberto. Os cães seriam soltos em seguida, e ninguém consegue fugir daqueles policiais de quatro patas. Disparou para fora da viela e seguiu para a avenida Indiana.

Jack virou em outra rua quando ouviu pneus cantando na sua direção. Mas, ao correr para outro lado, uma nova equipe de perseguidores se adiantou para recebê-lo. Agora era apenas uma questão de tempo. Apalpou o embrulho no bolso. O que poderia fazer com aquilo? Não confiava

em ninguém. Tecnicamente, fariam um inventário de tudo o que fosse encontrado em seu poder. Mas nada disso tinha valor para Jack. Quem quer que tivesse matado Luther em meio a centenas de policiais e escapado sem deixar rastros certamente conseguiria pegar os objetos recolhidos de um prisioneiro no Departamento de Polícia do Distrito de Colúmbia. E o que tinha no bolso era sua única chance de liberdade. Não havia pena de morte na capital, mas prisão perpétua sem direito a liberdade condicional não era muito melhor. Talvez fosse até pior.

Correu por entre dois prédios, tropeçou no gelo e mergulhou numa pilha de latões de lixo, batendo com força no chão. Conseguiu se recuperar e meio que rolou para a rua, esfregando o cotovelo, que ardia. E seu joelho estava meio frouxo. Quando parou de rolar, conseguiu sentar e ficou imóvel.

Os faróis de um carro vinham para cima dele. A luz de sinalização da polícia machucou seus olhos e o carro parou a cinco centímetros dele. Estava tão sem fôlego que não conseguiu se mexer.

A porta do carona foi escancarada. Jack levantou a cabeça, intrigado. Depois foi a vez da porta do motorista. Mãos enormes o pegaram pelas axilas.

– Porra, Jack, levanta esse rabo do chão!

Jack encarou Seth Frank.

**B**ILL BURTON ENFIOU A cabeça para dentro da sala que servia de posto de comando do Serviço Secreto. Tim Collin, sentado a uma das mesas, trabalhava num relatório.

– Vamos, Tim.

Collin levantou os olhos, intrigado.

Burton explicou, em voz baixa:

– Eles o encurralaram perto do tribunal. Quero estar lá. Por segurança.



O sedã de Seth Frank desceu voando a rua, a luz de sinalização exigindo respeito imediato de uma população normalmente indisciplinada no trânsito.

– Onde está Kate? – perguntou Jack, embrulhado num cobertor no banco de trás.

– Neste exato momento, estão lendo para ela seus direitos. Depois vai ser autuada como sua cúmplice.

Jack deu um pulo no banco.

– Temos que voltar, Seth. Eu me entrego. Eles vão soltá-la.

– É, vão sim.

– Não estou brincando, Seth. – Jack estava com metade do corpo para a frente do carro.

– Nem eu, Jack. Se você voltar e se entregar, não estará ajudando Kate em nada e acabará com as poucas chances que tem de fazer suas vidas voltarem ao normal.

– Mas Kate...

– Deixe que eu cuidarei dela. Já liguei para um camarada meu em Washington. Ele vai esperá-la. É um cara legal.

Jack baixou o corpo.

– Merda!

Frank abriu a janela, esticou o braço, pegou a luz de sinalização do teto e a jogou no banco ao seu lado.

– O que aconteceu? – perguntou Jack.

Frank deu uma espiada no retrovisor.

– Não sei direito. Imagino que Kate tenha sido seguida por alguém. Eu estava atravessando a área. Ia me encontrar com ela no Centro de Convenções depois que fizesse a entrega. Ouvi pelo rádio que você tinha sido localizado e fiquei acompanhando pela frequência da polícia, tentando adivinhar onde você poderia estar. Tive sorte. Mal pude acreditar quando o vi saindo da viela. Por pouco não o atropelo. A propósito, como vai o corpo?

– Nunca esteve melhor. Eu devia fazer essa maluquice uma ou duas vezes por ano, para me manter em forma. Quem sabe não posso competir nos Jogos Olímpicos dos Fora da Lei.

Frank deu uma risada.

– Você ainda está vivo e inteiro, meu amigo. Pense nas coisas positivas. E aí, recebeu algum bom presente?

Jack praguejou baixinho. Estivera tão atarefado fugindo da polícia que nem olhara. Pegou o embrulho.

– Tem luz?

Frank acendeu a luz do teto.

Jack passou as fotos.

Frank meteu a cara no espelho.

– O que temos?

– Fotos. Do abridor de cartas, punhal ou seja o que for.

– Hum. Não é de estranhar. Dá para concluir alguma coisa?

Jack examinou as fotos detidamente à luz fraca do veículo.

– Na verdade, não. Mas vocês devem ter alguma engenhoca que ajude.

Frank suspirou.

– Vou ser honesto com você, Jack. A menos que haja alguma outra coisa, não conseguiremos fazer quase nada. Mesmo que possamos recuperar algo que pareça com uma impressão digital, não teríamos como identificá-la. E não se pode fazer teste de DNA com o sangue numa fotografia, pelo menos que eu saiba.

– Eu sei. Não passei quatro anos na Defensoria Pública sem aprender nada.

Seth diminuiu a marcha. Estavam na avenida Pensilvânia e o trânsito ficara mais pesado.

– Qual é a sua ideia agora?

Jack passou a mão pelo cabelo, enfiou os dedos no joelho até que a dor diminuiu e deitou no banco.

– Quem quer que esteja por trás disso estava desesperado atrás do abridor de cartas. O bastante para matar você, eu e qualquer outra pessoa que se metesse no caminho. Estamos lidando com um caso muito sério de paranoia.

– O que se ajusta à nossa teoria de que se trata de alguém importante, que tem muito a perder se a coisa vier à tona. E agora? Eles estão com o abridor de cartas. Em que pé isso nos deixa, Jack?

– Luther não fez estas fotos só para o caso de algo acontecer ao objeto original.

– Do que você está falando?

– Ele voltou ao país, Seth, lembra?

Frank parou num sinal vermelho e virou-se para trás.

– Certo. Ele voltou. Você sabe por quê?

Jack ergueu um pouco o corpo, tomando cuidado de manter a cabeça abaixo do nível da janela.

– Acho que sim. Lembra que eu lhe disse que Luther não era o tipo de cara que deixaria um assunto desses passar em branco? Não se pudesse interferir.

– Mas ele deixou o país. A princípio, pelo menos.

– Eu sei. Talvez fosse seu plano inicial. O plano que seguiria se tudo tivesse dado certo. Mas o que interessa é que ele voltou. Alguma coisa fez com que mudasse de ideia. E tinha estas fotos. – Ele abriu as fotos como um leque.

O sinal ficou verde e Frank seguiu em frente.

– Não estou entendendo, Jack. Se ele queria pegar o cara, por que simplesmente não mandou o troço para a polícia?

– Acho que esse era seu plano inicial. Mas Luther comentou com Edwina que, se lhe contasse quem era o culpado, *ela* não ia acreditar. Se nem Edwina, que era amiga íntima dele, acreditaria na sua história, com certeza sua credibilidade seria nula. Mesmo considerando que teria que confessar o roubo.

– Tudo bem, então ele tem um problema de credibilidade. Onde é que entram as fotos?

– Digamos que ele esteja fazendo uma troca. Dinheiro por um certo item. Qual é a parte mais difícil?

A resposta de Frank foi imediata:

– O pagamento. Dar um jeito de receber o dinheiro sem ser preso ou morto. É possível dar instruções depois para a retirada do item. O recebimento do dinheiro é o mais difícil. Foi por isso que o número de sequestros diminuiu tanto.

– Como você resolveria essa dificuldade?

Frank pensou por um instante.

– Já que estamos falando de pagamento efetuado por pessoas que não chamariam a polícia, eu daria prioridade máxima à rapidez. O risco pessoal é mínimo e dá mais tempo para fugir.

– Como você faria isso?

– Transferência eletrônica. Trabalhei num caso de desfalque em Nova York. O cara fez tudo por meio do departamento de transferências do seu próprio banco. Você não acreditaria na quantidade de dólares que passa diariamente por esses lugares. E também não acreditaria no tanto que se perde nesse troca-troca. Um criminoso esperto pode pegar um tanto aqui, outro tanto ali e, quando forem atrás dele, já estará longe. Você manda instruções e o dinheiro é enviado para fora. Em questão de segundos. Muito mais fácil do que procurar dentro de um latão de lixo num parque, onde pode aparecer alguém e meter uma bala na sua cabeça.

– Mas o expedidor presumivelmente pode rastrear a ordem de transferência.

– Certo. Você tem que identificar o banco de destino e ter uma conta nesse banco. Todas essas coisas.

– Assim, supondo que o expedidor é bastante sofisticado, rastreia a transferência. E depois?

– Depois podem seguir o fluxo do dinheiro e conseguir alguma informação sobre a conta. Embora ninguém fosse idiota a ponto de usar o próprio nome ou o número correto do Seguro Social. Além do mais, um cara esperto como Luther provavelmente teria deixado instruções pré-programadas. Assim que os fundos batessem no banco, seriam enviados para outro lugar e assim por diante. Em algum ponto o rastro provavelmente some. É dinheiro instantâneo, afinal. Fundos disponíveis imediatamente.

– É, tem razão. Sou capaz de apostar que Luther fez algo assim.

Frank coçou cuidadosamente a parte externa da bandagem. O chapéu estava enterrado na cabeça, o que era muito desconfortável.

– Mas não consigo imaginar por que fazer tudo isso. Ele não precisava de dinheiro. Depois da morte de Christine Sullivan, podia simplesmente ter desaparecido. Deixar tudo para lá. Após algum tempo iam pensar que ele tinha se aposentado. Você não mexe comigo, eu não mexo com você.

– Tem razão. Ele poderia ter feito isso. Aposentar-se. Desistir. Mas preferiu voltar e, mais que isso, aparentemente chantageou a pessoa que matou Christine Sullivan. E, se não fez isso por

dinheiro, por que então?

O detetive pensou por um momento.

– Para fazer com que eles sofressem. Para que soubessem que ele estava por aí. Com uma prova que podia destruí-los.

– Mas que ele não sabia se seria suficiente.

– Porque o criminoso era alguém muito respeitável.

– Com base nisso, o que você faria?

Frank parou o carro junto ao meio-fio e se virou.

– Eu tentaria conseguir outra coisa contra eles – falou.

– Como? Se você estivesse chantageando alguém?

Frank finalmente levantou as duas mãos com as palmas para cima.

– Desisto.

– Você disse que a transferência eletrônica podia ser rastreada pelo expedidor.

– E daí?

– E daí, que tal inverter a jogada? Do destinatário para trás?

– Que idiota eu sou! – Frank esqueceu momentaneamente a concussão e deu um tapa na testa.

– Whitney montou um esquema para rastrear as transferências, *mas na direção contrária*. As pessoas que mandam o dinheiro acreditam que estão brincando de gato e rato com Luther. Ele está escondido, preparando-se para fugir.

– Só que Luther não mencionou o fato de que os papéis tinham sido invertidos. Era ele que estava brincando com eles.

– E que o dispositivo de rastreamento acabaria por levar aos bandidos, independentemente do número de escudos que usassem, se é que chegaram a pensar nisso. Toda transferência eletrônica neste país tem que passar pelo Banco Central. O número da transferência é fornecido pelo Banco Central ou pelo próprio banco expedidor. Mesmo que Luther não conseguisse fazer o rastreamento, o simples fato de ele receber o dinheiro, não importa quanto fosse, seria bastante prejudicial. Se pudesse dar essa informação à polícia junto com o nome do expedidor e se eles checassem...

Jack completou o pensamento do detetive:

– O incrível de repente passaria a ser crível. Transferências bancárias não mentem. O dinheiro foi enviado. Se foi um valor significativo, como estou seguro de que foi, não é qualquer explicaçãozinha que vai servir. Teríamos o que eu chamaria de prova praticamente irrefutável. Ele montou uma armadilha e pegou os caras.

– Acabo de ter outra ideia, Jack. Se Whitney estava montando um caso contra essa gente, acabaria se entregando à polícia. Entraria numa delegacia e entregaria a si mesmo e a prova.

Jack concordou.

– Por isso foi me procurar. Por isso precisava de mim. Só que eles foram rápidos o bastante para usar Kate para garantir o silêncio dele quando foi preso. Depois usaram uma bala, para que não houvesse dúvida.

– Então ele ia se entregar.

– Sim.

Frank esfregou o queixo.

– Sabe o que estou pensando?

– Ele sabia o que estava para acontecer – respondeu Jack de imediato.

Os dois se entreolharam.

Frank falou primeiro, quase num sussurro:

– Ele sabia que o encontro com Kate era uma armadilha. E foi mesmo assim. E eu me achando muito esperto.

– Provavelmente ele achou que aquela seria a única maneira de vê-la de novo.

– Caramba! Sei que ele ganhava a vida roubando os outros, mas meu respeito por ele cresce a cada instante.

– Entendo o que você quer dizer.

Frank engatou a marcha e arrancou.

– Tudo bem. Mas aonde todas essas conjecturas nos levam?

Jack balançou a cabeça e deitou de novo.

– Não tenho certeza.

– Como não temos pistas de quem foi, não sei o que podemos fazer. Só que...

– Mas temos pistas! – exclamou Jack, sentando. Porém foi como se toda sua energia tivesse evaporado logo após aquela explosão. – Só que não consigo encontrar nenhum sentido nelas.

Os dois homens seguiram em silêncio por uns minutos.

– Jack, sei que isso vai parecer estranho vindo de um policial, mas acho que você devia começar a pensar em dar o fora daqui. Tem alguma grana guardada? Talvez deva se aposentar um pouco mais cedo.

– E deixar Kate sozinha? Se não pegarmos esses caras, o que ela enfrentará? Dez a quinze anos como cúmplice. Não, Seth. Nem em um milhão de anos. É mais fácil eu me ferrar do que deixar isso acontecer.

– Você está certo. Desculpe por ter sugerido isso.

No exato momento em que Frank olhou para Jack pelo retrovisor, o carro que estava na frente do deles tentou dar meia-volta. Frank afundou o pé no freio e o carro derrapou, rodou e bateu de lado no meio-fio. O impacto foi violento. O carro com placa do Kansas que quase batera no deles desapareceu rapidamente.

– Turistas idiotas! Filhos da puta! – Frank segurou o volante com força, a respiração entrecortada.

O cinto de segurança funcionara, mas o tranco o machucara. A cabeça latejava.

– *Filhos da puta!* – gritou Frank de novo para ninguém em particular. Depois se lembrou do passageiro e olhou nervoso para o banco de trás.

– Jack, você está bem?

O rosto de Jack estava colado na janela. Na verdade, seus olhos estavam arregalados, fitando intensamente alguma coisa.

– Jack? – Frank soltou o cinto de segurança e agarrou Jack pelos ombros. – Você está bem? Jack!

Ele olhou para Frank e depois de volta para a janela. Frank se perguntou se o impacto não teria prejudicado o juízo do amigo. Automaticamente procurou algum ferimento na cabeça dele até que a mão de Jack o fez parar e apontou para a janela. Frank olhou.



Ele levou um susto. Os fundos da Casa Branca ocupavam todo o campo de visão.

A mente de Jack estava acelerada. As imagens se sucediam como num videoclipe. A visão do presidente recuando diante de Jennifer Baldwin, queixando-se de uma tendinite no cotovelo causada por partidas de tênis demais. Só que a dor fora provocada por um ferimento causado por um certo abridor de cartas, o que dera início a toda aquela loucura. O interesse incomum do presidente e do Serviço Secreto no assassinato de Christine Sullivan. O aparecimento de Alan Richmond na hora exata da denúncia de Luther. A menção ao caso Kennedy que Flanders fizera ao entregar o vídeo para Frank. Tudo havia começado no presidente. E isso explicava os assassinos terem matado em meio a um exército de policiais e conseguido escapar. Quem iria deter um agente do Serviço Secreto protegendo o presidente? Ninguém. Não admira que Luther achasse que ninguém acreditaria nele. O presidente dos Estados Unidos.

E tinha havido um evento significativo pouco antes de Luther voltar ao país. Alan Richmond dera uma entrevista coletiva dizendo quanto lamentava a trágica morte de Christine Sullivan. Provavelmente estava transando com a mulher do bilionário na noite em que ela foi assassinada. E resolvera tirar proveito da situação, mostrando como era sensível e bom amigo, e como sabia ser duro com o crime. Tinha sido um desempenho fantástico. Principalmente porque nada daquilo era verdade. Mas fora transmitido para o mundo inteiro. O que Luther devia ter pensado ao assistir àquilo? Jack imaginava saber. Esse era o motivo pelo qual voltara. Para acertar as contas.

Todas as peças estavam soltas na cabeça de Jack, apenas esperando que aparecesse o agente catalisador certo.

Jack olhou mais uma vez para esse agente.

Sob a luz do poste da rua, Tim Collin deu uma última olhada na direção do pequeno acidente, mas não conseguiu enxergar os detalhes por causa dos faróis dos carros que se aproximavam. A seu lado, Bill Burton também espiava. Collin deu de ombros e fechou o vidro do sedã preto. Burton pôs a luz de sinalização no teto do carro, ligou a sirene e saiu depressa pelo portão dos fundos da Casa Branca, em direção à Suprema Corte do Distrito de Colúmbia, e à perseguição a Jack.

Jack sorriu para Seth Frank ao pensar nas palavras do detetive praguejando. Foram as mesmas que Luther dissera pouco antes de morrer. Jack finalmente se lembrou de quando as ouvira antes: na cadeia, o jornal com o presidente sorrindo na primeira página.

Em frente ao tribunal, encarando aquele homem, as mesmas palavras haviam explodido da boca de Luther, com toda a fúria e amargura de que o velho foi capaz.

– *Filho da puta!* – disse Jack.



De pé ao lado da janela, Alan Richmond se perguntava se seu destino era estar cercado por incompetentes. Gloria Russell, aquela inútil, estava sentada numa cadeira diante dele. Havia transado com ela umas cinco vezes e perdera completamente o interesse. Ele a tiraria do caminho quando chegasse a hora. Formaria uma equipe muito mais competente para o novo mandato. Composta por auxiliares que lhe permitissem se concentrar na visão particular que tinha do país. Não lutara pela presidência para ficar se aborrecendo com detalhes.

– Vejo que não progredimos nada nas pesquisas de opinião. – Ele não olhou para Gloria. Já previa sua resposta.

– Realmente tem tanta importância se vai vencer com sessenta ou setenta por cento dos votos?

Ele se virou.

– Sim – respondeu, em tom de reprovação. – Tem muita importância.

Ela mordeu o lábio e recuou.

– Redobrarei os esforços, Alan. Talvez possamos conseguir uma vitória esmagadora no Colégio Eleitoral.

– Era o mínimo que deveríamos ser capazes de fazer, Gloria.

Ela olhou para o chão. Depois das eleições, iria viajar. Correr o mundo. Algum lugar onde não conhecesse ninguém nem fosse conhecida. Um novo começo. Era disso que precisava. E então tudo ficaria bem.

– Bem, pelo menos o nosso probleminha está resolvido.

Ele manteve os olhos fixos nela, as mãos cerradas às costas. Alto, magro, impecavelmente vestido e penteado. Mais parecia o comandante de uma armada invencível. Mas a história já provara que as armadas invencíveis são muito mais vulneráveis do que as pessoas imaginam.

– Jogou fora?

– Não, Gloria, está na minha mesa. Quer ver? Talvez você queira escondê-lo de novo.

O jeito condescendente dele era tão desagradável que ela sentiu a urgente necessidade de encerrar aquela reunião. Levantou-se.

– Mais alguma coisa?

Ele balançou a cabeça e voltou à janela. Gloria acabara de pegar na maçaneta da porta quando ela girou.

– Temos um problema – anunciou Bill Burton, entrando.



– O que ele quer?

O presidente olhou para a foto que Burton lhe entregara.

O agente respondeu depressa:

– O bilhete não diz. Mas posso adivinhar que, do jeito como a polícia está atrás do cara, ele deve estar precisando levantar uma grana rapidamente.

O presidente encarou Gloria.

– Como Jack Graham concluiu que deveria mandar a foto para cá? – perguntou, intrigado.

Burton entendeu aonde o presidente queria chegar, mas, mesmo que a última coisa que quisesse fosse defender o chefe de gabinete, não havia tempo para erros de avaliação.

– Talvez Whitney tenha lhe contado – sugeriu Burton.

– E ele só abriria a boca agora? – rebateu Richmond.

– Talvez Whitney não tenha dito diretamente. Graham pode ter deduzido sozinho. Encaixando as peças.

O presidente jogou a foto sobre a mesa. Glora desviou os olhos. A simples visão da imagem do abridor de cartas a paralisara.

– Burton, como essa foto poderia nos prejudicar?

O presidente tinha os olhos fixos no agente, como se sondasse os recônditos mais profundos de seu cérebro.

Burton sentou e esfregou o queixo.

– Andei pensando nisso. Graham pode estar jogando verde. A situação dele é bem complicada. Sua amiga está vendo o sol nascer quadrado. Eu diria que ele está desesperado. Teve uma inspiração súbita, somou dois mais dois e resolveu nos mandar essa foto, na esperança de nos fazer pagar seu preço, seja qual for.

O presidente se levantou e pegou a xícara de café.

– Há algum jeito de encontrá-lo? E depressa?

– Sempre há um jeito. Só não sei quanto depressa.

– E se ignorarmos o contato?

– Talvez ele não faça nada. Apenas resolva fugir e correr o risco.

– Mas aí a polícia pode pegá-lo...

– E ele falar tudo o que sabe – completou Burton. – Sim, é uma possibilidade. Bem provável, eu diria.

O presidente pegou a foto.

– Ele só tem isto para comprovar sua história. – Parecia incrédulo. – Por que nos incomodáramos?

– O que me incomoda não é o valor da foto como prova incriminatória.

– Mas que as acusações dele, associadas a quaisquer ideias que a polícia possa ter com base na foto, acabem gerando perguntas desagradáveis.

– Algo assim – concordou Burton. – Lembre-se de que isso pode acabar com sua carreira. Adeus, reeleição. Provavelmente ele vê isso como um trunfo a seu favor. O noticiário desfavorável poderia ser fatal.

O presidente ponderou por um momento. Nada nem ninguém iria atrapalhar sua reeleição.

– Você sabe que não adianta nada comprar o afastamento dele, Burton. Enquanto Graham estiver por aí, será perigoso.

Richmond olhou para Gloria, que permanecera o tempo todo sentada com as mãos no colo, olhos no chão. *Tão fraca.*

Em seguida ele se sentou, mexeu em alguns papéis e, em tom de quem dava a conversa por encerrada, completou:

– Ande, Burton. Faça o que tem que fazer.



Frank deu uma olhada no relógio de parede, fechou a porta e pegou o telefone. A cabeça ainda doía, mas o médico dissera que ele logo estaria totalmente recuperado.

Atenderam:

– D.C. Executive Inn.

– Quarto 233, por favor.

– Um momento.

Os segundos se arrastaram e Frank começou a ficar ansioso. Jack devia estar no quarto.

– Alô?

– Sou eu.

– E então, como vai a vida?

– Melhor que a sua, aposto.

– E Kate?

– Em liberdade, depois de pagar fiança. Consegui que a soltassem sob minha custódia.

– Tenho certeza de que ela ficou entusiasmada.

– Não era bem nessa palavra que eu estava pensando. Olhe, está chegando a hora. Aceite meu conselho e fuja. Está perdendo um tempo muito valioso.

– Mas Kate...

– Jack, por favor! Eles têm o testemunho de um jornalista que armou uma cilada para ela a fim de conseguir uma entrevista exclusiva. É a palavra dela contra a dele. Ninguém mais viu você. Tenho certeza de que ela vai se livrar da acusação. Conversei com o promotor. Ele está pensando seriamente em dar o caso por encerrado.

– Não sei, não.

– Caramba, Jack. Kate vai sair disso muito melhor que você, se não começar a pensar no seu futuro. Não sou só eu que penso assim. Ela também.

– Kate?

– Estive com ela hoje. Não concordamos em muitos assuntos, mas neste, sim.

Jack relaxou e deixou escapar um suspiro profundo.

– Tudo bem, mas para onde irei e como vou conseguir chegar lá?

– Eu saio do serviço às nove. Às dez estarei no seu quarto. Faça as malas. Deixe o resto por minha conta. Nesse meio-tempo, fique alerta.

Frank desligou o telefone e respirou fundo. Estava correndo um risco enorme. Era melhor nem pensar nisso.



Jack olhou para o relógio e depois para a mala em cima da cama. Não ia fugir carregando um monte de coisas. No canto havia um aparelho de televisão, mas não estava a fim de assistir a nada. Sentiu sede, então pegou umas moedas no bolso, abriu a porta do quarto e deu uma espiada no corredor. A máquina de bebidas ficava ali perto. Pôs um boné, os óculos fundo de garrafa e se esgueirou porta afora. Não chegou a ouvir o barulho da porta do outro lado do corredor sendo aberta. Tinha se esquecido de fechar a de seu quarto.

Ao voltar, notou que a luz estava apagada. Ele a tinha deixado acesa. Quando ia acionar o interruptor, a porta se fechou com violência às suas costas e ele foi jogado na cama. Rolou de barriga para cima e, quando seus olhos se adaptaram, os dois homens entraram em foco. Dessa vez não usavam máscaras, o que deixava claras suas intenções.

Jack tentou se lançar para a frente, mas duas armas o detiveram. Sentou e examinou os dois homens.

– Que coincidência, eu já havia encontrado vocês separadamente – Falou. Apontou para Collin. – Você tentou estourar minha cabeça com uma bala. E você – disse, virando-se para Burton – tentou me enganar. E conseguiu. Burton, certo? Bill Burton. Nunca me esqueço dos

nomes. Mas não perguntei o seu.

Collin olhou para Burton e depois de volta para Jack.

– Agente Tim Collin, do Serviço Secreto. Você bate bem, Jack. Deve ter sido ótimo no time da faculdade.

– É, meu ombro ainda se lembra de você.

Burton sentou ao lado de Jack, que o encarou.

– Achei que eu tivesse encoberto meu rastro direitinho. Fico surpreso por terem me encontrado.

Burton levantou a cabeça.

– Um passarinho nos contou.

Jack olhou primeiro para Collin e depois para Burton.

– Olhem, estou saindo da cidade e não vou voltar. Acho que não precisam acrescentar meu nome à lista dos mortos.

Burton deu uma espiada na mala em cima da cama, levantou-se e recolocou a arma no coldre. Em seguida pegou Jack e o jogou contra a parede. Depois, o agente veterano passou dez minutos examinando cada centímetro do quarto em busca de microfones e escutas. Terminou a revista com a mala de Jack. Pegou as fotos e as examinou.

Satisfeito, escondeu-as no bolso interno do paletó e sorriu para o advogado.

– Desculpe, mas a paranoia faz parte do meu trabalho – disse, sentando-se de novo. – Eu gostaria de saber, Jack, por que você mandou aquela foto para o presidente.

Jack deu de ombros.

– Bem, como minha vida aqui em Washington acabou, achei que talvez seu chefe fosse gostar de contribuir para minha despedida. Podia simplesmente ter feito uma transferência eletrônica, como fez com Luther.

Collin resmungou, balançou a cabeça e sorriu.

– O mundo não funciona assim, Jack, lamento. Devia ter encontrado outra solução para seu problema.

– Acho que eu devia ter seguido o exemplo de vocês – retrucou Jack. – Tem um problema? Liquide com ele.

O sorriso de Collin desapareceu. Ele lançou um olhar ameaçador ao advogado.

Burton levantou-se e começou a andar de um lado para outro. Pegou um cigarro, mas logo o enfiou no bolso. Virou-se para Jack e disse, em tom calmo:

– Você devia ter saído da cidade, Jack. Talvez conseguisse escapar.

– Não com vocês dois atrás de mim.

Burton deu de ombros.

– Nunca se sabe.

– Como podem ter certeza de que não entreguei uma das fotos à polícia?

Burton pegou as fotos e as examinou de novo.

– Polaroid One Step. Os filmes são vendidos em pacotes de dez. Whitney mandou duas para Gloria. Você mandou uma para o presidente. Restam sete, e estão todas aqui. Desculpe, Jack. Valeu a tentativa.

– Acabei de contar a Seth Frank tudo que sei.

Burton balançou a cabeça.

– Se isso fosse verdade, o passarinho teria me contado. Mas, se prefere insistir nessa linha de argumentação, podemos esperar o tenente chegar para participar da festa.

Jack deu um pulo da cama e voou na direção da porta. No instante em que a alcançou, um punho o acertou na altura do rim, pesado como ferro. Ele caiu no chão. Um segundo depois era içado e jogado de novo na cama.

Collin o encarou e disse:

– Agora estamos quites, Jack.

Jack gemeu e rolou na cama, lutando com a náusea resultante do golpe. Depois se sentou, recuperando o fôlego enquanto a dor diminuía.

Quando finalmente conseguiu olhar para cima, viu o rosto de Burton. Balançou a cabeça, a descrença evidente em sua fisionomia.

Burton percebeu e perguntou:

– O que foi?

– Pensei que vocês fossem os mocinhos – respondeu Jack em voz baixa.

Burton não disse nada por um longo momento.

Os olhos de Collin se cravaram no chão.

Finalmente Burton respondeu, a voz fraca:

– Eu também, Jack. Eu também – Fez uma pausa, engoliu em seco e prosseguiu: – Não pedi este problema. Se Richmond conseguisse manter o pau dentro das calças, nada disso teria acontecido. Mas aconteceu. E tivemos que consertar o estrago.

Burton levantou e olhou o relógio.

– Sinto muito, Jack. Sinceramente.

Ele olhou para Collin e acenou com a cabeça. O agente mais jovem fez um gesto para que Jack deitasse na cama.

– Espero que o presidente reconheça o que vocês estão fazendo por ele – disse Jack com amargura.

Burton deu um sorriso melancólico.

– Digamos que ele espera que isso seja feito. Talvez todos esperem, de certo modo.

Jack foi escorregando deitar para trás, vendo o cano da arma cada vez mais perto de seu rosto. Podia sentir o cheiro do metal. Também conseguia visualizar o tiro, a bala voando para fora do cano com mais rapidez do que seu olho poderia acompanhar.

Nesse exato momento, um golpe poderoso atingiu a porta do quarto. Collin se virou. O segundo golpe derrubou a porta para dentro e meia dúzia de policiais entraram, empunhando suas armas.

– Não se mexam. Todo mundo imóvel. Larguem as armas. *Agora.*

Collin e Burton rapidamente deixaram as armas no chão. Jack permaneceu deitado na cama, de olhos fechados. Levou a mão ao peito. Seu coração ameaçava explodir.

Burton olhou para os homens de uniforme azul.

– Somos do Serviço Secreto. Identidades nos bolsos internos dos paletós. Seguimos esse homem até aqui. Ele fez ameaças ao presidente. Nós o estávamos prendendo neste instante.

Os policiais pegaram as identidades e as examinaram. Dois deles puxaram Jack bruscamente,

obrigando-o a se levantar. Um começou a ler seus direitos. Ele foi algemado.

As identidades foram devolvidas.

– Muito bem, agente Burton. Vocês terão que esperar até que terminemos com o Sr. Graham.

Homicídio tem prioridade inclusive sobre ameaças ao presidente.

O policial olhou para Jack e depois para a mala em cima da cama.

– Devia ter fugido quando pôde, Graham. Mais cedo ou mais tarde nós o pegaríamos. – Ele fez um gesto para que seus homens levassem Jack para fora.

O mesmo policial se virou e sorriu para os dois agentes, que estavam espantados.

– Recebemos uma denúncia de que ele estava aqui. A maioria das denúncias que recebemos são bobagem. Mas não essa. Talvez eu consiga a promoção de que estou precisando tanto. Tenham um bom dia, cavalheiros. Deem minhas lembranças ao presidente.

Saíram com o prisioneiro. Burton olhou para Collin e pegou as fotos. Graham agora não tinha nada. Podia contar à polícia tudo o que eles tinham acabado de lhe dizer, e seria internado num hospício. Pobre coitado. Uma bala teria sido muito melhor do que o que o esperava. Os dois agentes recolheram suas armas e foram embora.

O quarto ficou em silêncio. Dez minutos depois, a porta do quarto adjacente se abriu e alguém se esgueirou para dentro do quarto de Jack. O aparelho de TV no canto foi virado de costas e a parte dos fundos retirada. Era igual a um aparelho de verdade, mas ocultava uma câmera de vigilância, que foi silenciosa e rapidamente retirada por mãos hábeis. O cabo foi puxado através da parede até que desapareceu.

A pessoa abriu a porta de ligação entre os dois quartos e voltou para o outro. Lá havia um gravador sobre uma mesa junto à parede. O cabo foi enrolado e guardado numa bolsa. A pessoa apertou um botão no gravador e a fita foi ejetada.

Dez minutos depois, o homem saiu pela porta da frente do Executive Inn carregando uma grande mochila, virou à esquerda e caminhou até o fim do estacionamento, onde um carro estava parado com o motor ligado. Tarr Crimson passou pelo carro e casualmente jogou a fita pela janela aberta, no banco da frente. Prosseguiu até sua Harley-Davidson 1200 cilindradas, a alegria de sua vida. Subiu na moto, deu a partida e desapareceu. Instalar o sistema de vídeo tinha sido brincadeira de criança. Câmera ativada por voz. O gravador funcionava quando a câmera era acionada. Fita VHS padrão. Não sabia o que tinha gravado, mas devia ser algo muito valioso. Jack lhe prometera um ano de serviços gratuitos para fazer aquilo. Enquanto voava para longe, Tarr sorriu, lembrando-se do último encontro deles, quando o advogado fizera um discurso contra a nova tecnologia de vigilância.

No estacionamento, o carro avançou. Com uma das mãos no volante e a outra protegendo a fita, Seth Frank virou na rua principal. Não era obcecado por cinema, mas estava louco para assistir àquele vídeo.



Bill Burton sentou no pequeno mas aconchegante quarto que dividira com a mulher durante todo o tempo em que criaram os quatro filhos tão amados. Vinte e quatro anos juntos. Tinham feito amor ali incontáveis vezes. Em muitas ocasiões Burton se sentara na velha cadeira de balanço no canto junto à janela e dera mamadeira às crianças antes de sair para os turnos da

madrugada, proporcionando à esposa exausta uns poucos minutos de descanso.

Tinham sido anos bons. Não chegara a ganhar muito dinheiro, mas isso nunca parecera ter importância. Sua mulher tinha voltado a estudar depois que o filho mais novo entrara no ensino médio. Ela se formara em enfermagem. O aumento da renda tinha sido legal, mas bom mesmo fora ver alguém que por tanto tempo sacrificara seus objetivos pessoais pelas necessidades dos outros finalmente fazer algo por si. Fora uma grande vida. Uma boa casa num bairro tranquilo e seguro, pelo menos até agora, a salvo das áreas de violência cada vez maiores. Sempre haveria bandidos. E sempre haveria pessoas como Bill Burton para combatê-los. Ou pelo menos pessoas como Bill Burton costumava ser, antigamente.

Deu uma espiada pela janela que se abria sobre o telhado. Era seu dia de folga. De jeans, camisa de flanela vermelha e botas, passaria facilmente por um lenhador. A mulher estava descarregando o carro. Era também o dia das compras. O mesmo dia nos últimos vinte anos. Lançou um olhar de admiração para o perfil elegante dela, abaixando-se para pegar as sacolas. Chris, o garoto de 15 anos, e Sidney, uma linda moça de 19, de pernas longas e cursando o segundo ano da Universidade Johns Hopkins com o sonho de estudar medicina, ajudavam a mãe. Os outros dois moravam sozinhos e estavam se saindo bem. De vez em quando ligavam para o pai pedindo conselhos sobre a compra de um carro, de uma casa, ou sobre objetivos de longo prazo na carreira. Burton amava cada minuto daquela vida. Ele e a mulher tinham feito quatro gols de placa, e era bom saber disso.

Sentou-se diante da mesinha de canto, destrancou uma gaveta e pegou uma caixa. Levantou a tampa e empilhou as cinco fitas cassete em cima da mesa, junto com a carta que escrevera naquela manhã. O nome no envelope tinha sido escrito em letras grandes e bem legíveis. “Seth Frank”. Ele lhe devia essa.

Ouviu risos e mais uma vez foi até a janela. Sidney e Chris travavam uma guerra de bolas de neve com Sherry, sua esposa, no meio dos dois. O confronto terminou com todos caindo e se embolando perto da entrada de veículos.

Virou-se e fez algo que não se lembrava de já ter feito: chorou. Nunca havia chorado. Nem nos oito anos em que fora policial, com bebezinhos morrendo em seus braços, espancados até a morte por aqueles que deviam amá-los e protegê-los; nem em todos os dias em que procurava enxergar o que havia de pior na humanidade. As lágrimas eram salgadas. Ele não as secou. A família entraria logo. Tinham combinado jantar fora. Ironicamente, naquele dia Bill Burton completava 45 anos.

Inclinou-se sobre a mesa e, com um movimento rápido, tirou o revólver do coldre. Uma bola de neve bateu na janela. Queriam que o pai descesse.

*Desculpem. Eu amo vocês. Quisera poder estar aí. Desculpem por tudo que fiz. Por favor, perdoem seu pai.* Antes que perdesse a coragem, enfiou o cano do 357 na garganta o máximo possível. Era frio e pesado. Uma das gengivas começou a sangrar, por causa de um pequeno corte.

Bill Burton tinha feito todo o possível para garantir que ninguém jamais soubesse a verdade. Cometera crimes; matara uma pessoa inocente e se envolvera em cinco outros homicídios. E agora – quando estava livre de suspeitas e o horror tinha ficado para trás, depois de meses sentindo uma repugnância cada vez maior pela pessoa que havia se tornado –, após uma noite



insone ao lado da mulher que amara com todo o coração por mais de duas décadas, percebera que não podia aceitar o que tinha feito e não seria capaz de continuar vivendo com aquilo.

O fato era que sem autorrespeito, sem orgulho, não valia a pena viver. E o amor inesgotável de sua família não ajudava em nada, só piorava as coisas. Porque o objeto desse amor, desse respeito, não era merecedor dele.

Olhou as fitas cassete. Sua apólice de seguro. Agora constituíam seu legado, seu bizarro epitáfio. Algum bem adviria daquilo. Graças a Deus.

Seus lábios se curvaram num sorriso quase imperceptível. O Serviço *Secreto*. Bem, agora os segredos se espalhariam. Pensou em Alan Richmond por um instante e seus olhos brilharam. *Vai pegar perpétua sem condicional e viver até os 100 anos, babaca.*

Seu dedo segurou o gatilho com mais força.

Outra bola de neve bateu na janela. Ouviu novamente as vozes. As lágrimas voltaram a correr quando ele pensou no que estava deixando.

Que se dane! O pensamento era carregado de mais culpa e angústia do que ele imaginara que pudesse sentir.

*Desculpem-me. Não me odeiem. Pelo amor de Deus, não me odeiem.*

Com o barulho da explosão, a brincadeira foi interrompida e três pares de olhos se voltaram para a casa ao mesmo tempo. Em um instante estavam do lado de dentro. Um minuto depois seus gritos foram ouvidos. Aquele não era mais um bairro tranquilo.

**A BATIDA NA PORTA** FOI inesperada. O presidente Alan Richmond estava em seu gabinete, no meio de uma reunião tensa. A imprensa vinha censurando severamente as políticas internas do governo e ele queria saber por quê. Não que as políticas em si interessassem muito. Ele estava mais preocupado com o modo como eram percebidas. No grande esquema, as percepções eram tudo que importava. A primeira coisa a se aprender em política.

– Quem pode ser? – O presidente lançou um olhar furioso para a secretária. – Seja quem for, não está na agenda para hoje.

Ele deu uma olhada ao redor da mesa. A chefe de gabinete não tinha ido trabalhar. Talvez houvesse optado pela solução inteligente e tomado um frasco de comprimidos. Um suicídio seria prejudicial num primeiro momento, mas depois ele saberia transformar a morte dela em algo extremamente favorável. Além do mais, Gloria tinha razão numa coisa: ele estava muito na frente nas pesquisas, então que importância tinha?

A secretária se esgueirou timidamente para dentro da sala. Seu assombro era evidente.

– É um grupo grande, Sr. presidente. O Sr. Bayliss, do FBI, vários policiais e um cavaleiro da Virgínia que não quis dizer o nome.

– A polícia? Mande agendar um horário. E fale para Bayliss me ligar à noite. Se eu não tivesse forçado a barra para nomeá-lo diretor, ele estaria perdido num posto do FBI no meio do nada. Não vou tolerar essa falta de respeito.

– Eles insistiram, senhor.

O presidente ficou roxo de raiva e se levantou.

– Diga que deem o fora daqui, sua idiota!

A mulher começou a se retirar depressa. Contudo, antes que pudesse chegar à porta, esta foi aberta. Quatro agentes do Serviço Secreto, Johnson e Varney entre eles, entraram seguidos por um contingente da polícia da capital, inclusive o chefe Nathan Brimmer, e o diretor do FBI, Donald Bayliss, um homem baixo e corpulento de jaquetão e com o rosto mais branco que o prédio em que se encontrava.

Seth Frank entrou por último e fechou a porta. Trazia uma pasta marrom. Richmond lançou a todos um olhar fulminante, que se deteve no detetive.

– Detetive... Frank, certo? Não sei se percebeu, mas está interrompendo uma reunião confidencial. Sou obrigado a pedir que se retire.

O presidente olhou para os quatro agentes, ergueu as sobranceiras e balançou a cabeça na direção da porta. Os homens o encararam e não se moveram.

Frank deu um passo à frente. Com tranquilidade puxou uma folha de papel do bolso do paletó, desdobrou-a e a entregou ao presidente. Richmond baixou os olhos, enquanto o gabinete assistia à cena no mais completo assombro. Por fim o presidente voltou a encarar o detetive.

– Isto é alguma piada?

– Não. É a cópia de um mandado de prisão por crimes cometidos na Virgínia. O chefe Brimmer está com um mandado similar referente a outras acusações em Washington.

O presidente se virou para Brimmer, que sustentou seu olhar e confirmou com a cabeça, com

ar severo. O brilho glacial em seus olhos dizia exatamente como ele se sentia a respeito do chefe do Executivo.

– Eu sou o presidente dos Estados Unidos. Vocês não podem me intimidar. Agora, rua! – Richmond terminou de falar e se virou para retornar à sua cadeira.

– Tecnicamente isso pode ser verdade. No entanto, não faz diferença. Assim que o processo de impeachment terminar, não haverá mais o presidente Alan Richmond, apenas Alan Richmond, pura e simplesmente. E, quando isso acontecer, eu voltarei. Não tenha dúvida.

O presidente se virou de novo, o rosto completamente sem cor.

– Impeachment?

Frank avançou até ficar cara a cara com ele. Em qualquer outra ocasião isso teria desencadeado uma ação imediata do Serviço Secreto. Agora, os agentes permaneceram imóveis. Era impossível perceber que, intimamente, estavam estarrecidos com a perda de um colega respeitado. Johnson e Varney estavam fervendo de raiva por terem sido enganados sobre os eventos daquela noite na casa de Sullivan. E o culpado por tudo desabava diante deles.

– Vamos direto ao ponto – disse Frank. – Já temos Tim Collin e Gloria Russell sob custódia. Ambos abriram mão do direito de terem um advogado e prestaram depoimentos detalhados sobre os homicídios de Christine Sullivan, Luther Whitney, Walter Sullivan, Sandy Lord e sua acompanhante. Creio que já fizeram acordos com os promotores, que só estão interessados mesmo no senhor. Se me permite, este caso representará muito na carreira de um promotor.

O presidente recuou um passo, tropeçando, e se endireitou.

Frank abriu a pasta e puxou uma fita de vídeo e cinco de áudio.

– Tenho certeza de que o seu gabinete vai gostar de ver este vídeo. Mostra os agentes Burton e Collin tentando matar Jack Graham. As fitas cassete contêm as gravações de diversas reuniões às quais o senhor esteve presente, planejando os crimes. Mais de seis horas de depoimento, Sr. presidente. Foram enviadas cópias para o Capitólio, o FBI, a CIA, o *Post*, o procurador-geral, o advogado da Casa Branca e todo mundo de quem me lembrei. E elas são bastante claras. Incluí também a gravação que Walter Sullivan fez da conversa que tiveram ao telefone na noite em que ele foi assassinado. Não bate com a versão que o senhor me deu. Tudo com os cumprimentos de Bill Burton. Ele deixou um bilhete dizendo que essa era sua apólice de seguro.

– E onde está Burton? – perguntou o presidente, furioso.

– Morto. Ferimento a bala autointligido.

Richmond mal conseguiu chegar à sua cadeira. Ninguém se ofereceu para ajudá-lo. Ele olhou para Frank.

– Algo mais?

– Sim, Burton deixou outro papel. Uma procuração para a próxima eleição. Sinto muito, mas parece que o senhor não conseguiu o voto dele.

Um a um, os membros do gabinete se levantaram e saíram. O medo de comprometimento por associação era algo bastante vivo na capital. Os policiais e os agentes do Serviço Secreto saíram depois. Só restou o presidente, os olhos inexpressivamente fixos na parede.

Seth Frank virou-se para ele e disse:

– Lembre-se, eu o verei em breve.

E, com estas palavras, fechou silenciosamente a porta.

# EPÍLOGO

EM WASHINGTON, AS ESTAÇÕES seguiam um padrão costumeiro, e uma semana de primavera com temperaturas toleráveis e umidade abaixo de cinquenta por cento de repente deu lugar a temperaturas astronômicas e um nível de umidade que funcionava como uma chuva completa quando se caminhava ao ar livre. Em julho, os cidadãos de Washington já haviam conseguido se adaptar, na medida do possível, a uma atmosfera em que é muito difícil respirar e em que os movimentos nunca são lentos o suficiente para evitar o suor. Mas, em meio a todo esse desespero, de vez em quando uma noite não era arruinada por uma repentina chuva torrencial, com direito a raios que ameaçam tocar a terra. Nessa noite a brisa era fresca, o ar perfumado e o céu claro.

Jack estava sentado na beira da piscina no terraço do prédio. O calção cáqui revelava pernas musculosas e bronzeadas. Estava ainda mais magro, a flacidez adquirida com a vida de escritório banida por meses de muito exercício. Os músculos vigorosamente saudáveis eram visíveis sob a camiseta branca. O cabelo estava curto e o rosto tão bronzeado quanto as pernas. Tinha os pés descalços mergulhados na água. Olhou para o céu e respirou fundo. Apenas três horas antes, aquele lugar estivera apinhado de burocratas levando seus corpos brancos e gordos para desfrutar os poderes revigorantes da água morna. Agora estava sozinho. E o despertador não perturbaria seu sono na manhã seguinte.

A porta para a piscina se abriu com um ligeiro rangido. Jack virou-se e viu o terno bege, amarrotado e de aparência desconfortável. O homem trazia um saco de papel pardo.

- O zelador me disse que você tinha voltado. – Seth Frank sorriu. – Se incomoda?
- Não se nesse saco houver o que estou pensando.

Frank sentou numa cadeira e jogou uma cerveja para Jack.

Os dois brindaram batendo as latas e tomaram um longo gole.

Frank olhou em torno. Depois perguntou:

- Então, como estavam as coisas onde quer que você tenha andado?
- Nada mal. Foi ótimo me afastar. Mas também é bom estar de volta.
- Este parece um ótimo lugar para meditar.
- Fica lotado das sete às nove horas, mais ou menos. Mas na maior parte do tempo é assim.

Frank olhou melancolicamente para a água e começou a tirar os sapatos.

- Se incomoda?
- Fique à vontade.

Frank enrolou as calças, enfiou as meias dentro dos sapatos e sentou ao lado de Jack, mergulhando as pernas brancas como leite na água.

– Que delícia! Detetives do interior com três filhas e uma hipoteca para pagar raramente vão a piscinas.

- Foi o que ouvi dizer.

Frank massageou as panturrilhas e olhou para o amigo.

- Ei, ser vagabundo até que combina com você. Talvez queira continuar com essa boa vida.
- Tenho pensado nisso e a ideia fica cada vez mais atraente.

Frank viu o envelope ao lado de Jack.

– Importante? – Ele apontou para o papel.

Jack pegou e releu rapidamente o conteúdo.

– Ransome Baldwin. Lembra-se dele?

Frank assentiu.

– Ele decidiu processá-lo por ter rompido o noivado com a filhinha?

Jack balançou a cabeça e sorriu. Terminou a cerveja e pegou outra no saco. Também jogou uma para Frank.

– O cara basicamente disse que eu era bom demais para Jennifer. Pelo menos por enquanto. Que ela ainda precisava amadurecer bastante. Ele a está mandando cuidar de algumas tarefas assistenciais da Fundação Baldwin por um ano, mais ou menos. Disse que, se um dia eu precisasse de alguma coisa, era só falar com ele. Disse inclusive que me admira e me respeita.

Frank tomou um gole da cerveja.

– Caramba! Não dá para acontecer nada muito melhor que isso.

– Ah, dá, sim. Baldwin nomeou Barry Alvis seu assessor jurídico chefe. Alvis foi o cara que Jenn mandou demitir. Ele foi imediatamente à sala de Dan Kirkson e tirou a conta do Baldwin toda. Acho que na última vez em que Dan foi visto estava pensando em se jogar do último andar de um prédio muito alto.

– Eu li que a firma fechou as portas.

– Todos os bons advogados foram recolocados. Os ruins deviam tentar ganhar a vida de outro modo. O espaço já foi alugado. A firma toda desapareceu, sem deixar rastros.

– Bem, aconteceu a mesma coisa com os dinossauros. Só que com vocês, advogados, está demorando um pouco mais. – Ele deu um soquinho no braço de Jack, que riu.

– Obrigado por vir me animar.

– Eu não perderia esta chance por nada.

Jack olhou para ele, perplexo.

– E então, o que aconteceu?

– Não me diga que ainda não está lendo os jornais.

– Há meses não leio. Desde aquela tortura dos repórteres, programas de entrevistas, produtores de Hollywood e todos os curiosos com quem tive de lidar. Não quero saber de nada. Mudei meu telefone mais de dez vezes e os filhos da mãe sempre acabavam descobrindo. É por isso que os dois últimos meses foram tão bons. Ninguém me conhecia.

Frank levou um instante para ordenar os pensamentos.

– Bem, vejamos. Collin aceitou a acusação de conspiração, duas acusações diferentes de homicídio em segundo grau, obstrução e meia dúzia de outras infrações menos sérias. Isso por Washington. Acho que o juiz teve pena dele. Collin era um garoto da zona rural do Kansas, que saiu da fazenda, entrou para os Fuzileiros e terminou como agente do Serviço Secreto. Estava apenas cumprindo ordens. O que fez durante a maior parte de sua vida. Quer dizer, o presidente manda você fazer uma coisa, você vai e faz. Pegou de vinte a perpétua, o que, na minha opinião, foi um acordo e tanto. Ele fez uma narrativa detalhada para a Promotoria. Provavelmente estará na rua quando fizer 50 anos. O Estado decidiu não processá-lo em retribuição à sua cooperação contra Richmond.

– E Gloria Russell?

Frank quase engasgou.

– Meu Deus, aquela mulher não parava de falar. Devem ter gastado uma fortuna em honorários de taquígrafos juramentados. Mas foi quem conseguiu o melhor acordo. Não vai para a cadeia. Mil horas de trabalho comunitário. Dez anos com sursis por conspiração para cometer homicídio. Dá para acreditar? Aqui entre nós, acho que ela está à beira da insanidade. A corte inclusive designou um psiquiatra. Talvez tenha que passar alguns anos internada antes de estar pronta para a vida aqui fora. Mas uma coisa eu tenho que dizer: Richmond acabou com ela. Emocional e fisicamente. Se metade do que ela disse for verdade... Meu Deus! Jogos psicológicos diretamente do inferno.

– E Alan Richmond?

– Você estava em Marte? O julgamento do milênio e passou o tempo todo dormindo?

– Alguém tinha que dormir.

– É preciso admitir que ele lutou até o fim. Deve ter gastado até o último centavo. Mas o testemunho dele não ajudou em nada. Foi arrogante demais, mentiu descaradamente. O dinheiro foi rastreado e levou até a Casa Branca. Gloria usou um monte de contas, mas cometeu o erro de reunir os cinco milhões em uma só antes de fazer a transferência. Provavelmente com medo de que Luther procurasse a polícia caso o valor não batesse todo ao mesmo tempo. O plano de Luther deu certo, mesmo que ele não estivesse mais aqui para ver. Richmond não tinha uma explicação para essa questão do dinheiro e para mais um monte de coisas. Foi crucificado. Apresentou depoimentos de uma verdadeira constelação de americanos notáveis, mas não adiantou nada. Um cara perigoso e doente, se quer minha opinião.

– E dizer que ele tinha os códigos nucleares! Mas qual foi a sentença de Richmond?

Frank contemplou a ondulação na água da piscina por alguns momentos antes de responder:

– Pena de morte, Jack.

Jack fitou-o, espantado.

– Mentira! Como foi isso?

– Um truquezinho do ponto de vista técnico-legal. Foi acusado de ter mandado matar. É o único caso em que a regra de que “quem aperta o gatilho é condenado” não se aplica.

– Como conseguiram passar a acusação de crime por encomenda?

– Argumentaram que Burton e Collin eram subordinados pagos para uma única coisa: fazer tudo que o presidente mandasse. O presidente os mandou matar. Como os pistoleiros da Máfia. Forçaram um pouco a barra, mas o júri retornou com o veredicto e a sentença, e o juiz confirmou.

– Meu Deus!

– O cara não deve ter tratamento especial só porque é presidente. Caramba, não sei por que nos surpreendemos com o que aconteceu. Para se candidatar à presidência, a pessoa não pode ser normal. Pode ser que comece bem, mas quando chega lá em cima já vendeu a alma ao diabo tantas vezes e estripou um número tão grande de pessoas que, definitivamente, deixou de ser como eu e você.

Frank fez uma pausa. Passou um tempo olhando o fundo da piscina, até que por fim falou:

– Mas nunca será executado.

– Por que não?

– Seus advogados vão apelar, o pessoal dos direitos humanos vai entrar em ação junto com outros opositores da pena de morte. Haverá manifestações no mundo todo. O cara pode ter sofrido uma tremenda baixa na sua popularidade, mas não se iluda: ainda tem amigos poderosos. Vão encontrar algum furo no processo. Além do mais, o país pode até condená-lo, mas não sei se se aceitariam executar um cara que foi eleito presidente. Também não me parece uma boa, do ponto de vista global. E, por outro lado, faz com que eu me sinta um tanto desconfortável. Embora o filho da mãe mereça.

Com a mão em concha, Jack pegou um pouco de água e jogou nos braços. Ficou olhando o céu escuro.

Frank lançou um olhar incisivo a Jack.

– Não que tudo isso não tenha tido algumas consequências positivas. Caramba, o condado de Fairfax quer ter uma verdadeira chefia de divisão. Recebi propostas de mais de dez cidades para ser chefe de polícia. Pelo que dizem, o principal promotor do caso Richmond vai ganhar de lavada a próxima eleição para procurador-geral. – O detetive tomou um gole de cerveja. – E você, Jack? Foi você que o derrubou. Montar a armadilha para pegar Burton e o presidente foi ideia sua. Cara, quando descobri que minha linha estava grampeada, pensei que minha cabeça fosse explodir. Mas você estava certo. Agora cabe a pergunta: o que Jack Graham ganha com tudo isso?

Jack olhou para o amigo e disse simplesmente:

– Estou vivo. Não sou mais um advogado de gente rica na PS&L e não vou me casar com Jennifer Baldwin. É mais do que suficiente.

– Teve notícias de Kate?

Jack tomou outro gole de cerveja antes de responder:

– Está em Atlanta. Pelo menos estava, da última vez que me escreveu.

– Vai ficar por lá?

Jack deu de ombros.

– Ela ainda não sabe. A carta não era muito clara. – Jack fez uma pausa. – Luther deixou a casa para ela em testamento.

– É de espantar que ela aceite. Dinheiro sujo e tudo o mais.

– Foi o pai de Luther que comprou a casa e deixou para ele. Luther conhecia a filha. Acho que ele queria que ela tivesse algo de concreto. Uma casa não é nada má para se começar.

– É mesmo? Pois uma casa é o tipo de coisa que requer duas pessoas, se quer saber minha opinião. E depois umas fraldas sujas e mamadeiras para torná-la completa. Vocês foram feitos um para o outro, Jack.

– Não sei se isso tem importância, Seth. – Ele fez escorrer os grossos pingos de água de cima dos braços. – Ela passou por maus bocados. Talvez até demais. E, de certa forma, estou vinculado a tudo o que aconteceu de ruim. Realmente não posso censurá-la por querer se afastar de tudo e começar uma vida nova.

– Jack, pelo que vi, o problema não foi você, mas todo o resto.

Jack levantou os olhos para um helicóptero que cruzava ruidosamente o céu.

– Estou um pouco cansado de sempre dar o primeiro passo, Seth. Entende o que estou

querendo dizer?

– Acho que sim.

Frank olhou para o relógio. Jack percebeu.

– Tem algum compromisso?

– Estava aqui pensando que precisamos de algo mais forte que cerveja. Conheço um lugarzinho perto do Dulles. Costelas do tamanho do meu braço, espigas de milho de um quilo e tequila até o sol nascer. Tem também umas garçonetes interessantes, se estiver a fim. Como sou casado, vou me limitar a ficar observando de uma distância respeitosa você fazer papel de bobo. Depois pegamos um táxi, porque estaremos de porre, e você dorme lá em casa. O que acha?

Jack sorriu.

– Parece ótimo, mas posso deixar para uma outra vez?

– Tem certeza?

– Absoluta, Seth. Obrigado.

– Então tudo bem. Fica para outro dia. – Frank se levantou e desenrolou as pernas das calças. – Pensando bem – acrescentou, pegando os sapatos –, que tal ir lá em casa no sábado? Vamos fazer um churrasco. E tenho ingressos para o jogo.

– Combinado.

Frank levantou e dirigiu-se para a porta. Olhou para trás.

– Ei, Jack, não pense demais, está bem? Às vezes não faz bem.

Jack levantou a lata.

– Obrigado pela cerveja.

Depois que Frank saiu, Jack deitou no cimento e ficou olhando para o céu estrelado. Às vezes ele acordava de um sono profundo e percebia que tivera um sonho esquisito. Mas agora o sonho acontecera realmente. Não era um sentimento agradável. E só servia para aumentar a confusão que, na sua idade, achava que já tivesse eliminado de sua vida.

O melhor remédio para sua aflição estava a uma hora e meia de avião, ao sul. Kate Whitney podia voltar ou não. A única coisa de que tinha certeza era que não podia ir atrás dela. Que desta vez a responsabilidade de voltar para sua vida seria dela. E não era por amargura que Jack pensava assim. Kate tinha que se decidir. A respeito da sua vida e de como queria vivê-la. O trauma que experimentara com o pai fora suplantado por uma esmagadora sensação de culpa e pela dor da morte dele. Kate tinha muito em que pensar, e deixara bem claro que precisava fazer isso sozinha. Provavelmente tinha razão.

Ele tirou a camiseta, mergulhou e deu três voltas na piscina. Quando terminou, alçou o corpo para a borda azulejada, pegou a toalha e a jogou nos ombros. A noite estava fresca. Olhou novamente para o céu. Nenhum mural à vista. Porém, Kate tampouco.

Estava decidindo se devia voltar ao apartamento para dormir um pouco quando ouviu a porta ranger de novo. Frank devia ter esquecido alguma coisa. Ele se virou para olhar. Por alguns segundos não conseguiu se mexer. Limitou-se a ficar ali sentado com a toalha nos ombros, com medo de fazer barulho. O que estava acontecendo podia não ser real. Outro sonho que desapareceria com os primeiros raios do sol. Finalmente se levantou, pingando, e foi em direção à porta.



Lá embaixo, na rua, Seth Frank ficou parado junto ao carro por alguns instantes, admirando a beleza simples da noite, sentindo o cheiro do ar, que lembrava mais uma primavera chuvosa que um verão úmido. Não seria tarde demais quando chegasse em casa. Talvez a Sra. Frank quisesse sair para tomar um sorvete, só os dois. Seria uma coisa boa para terminar o dia. Ele entrou no carro.

Como pai de três crianças, Seth Frank sabia que a vida é um bem admirável e precioso. Como detetive de homicídios, aprendera como esse bem pode ser brutalmente arrancado das pessoas. Deu uma olhada para o alto do prédio, sorriu e ligou o motor. Mas essa era a grande coisa de se estar vivo, pensou. Hoje pode não ser tão bom. Mas amanhã você tem outra chance de que tudo fique bem.



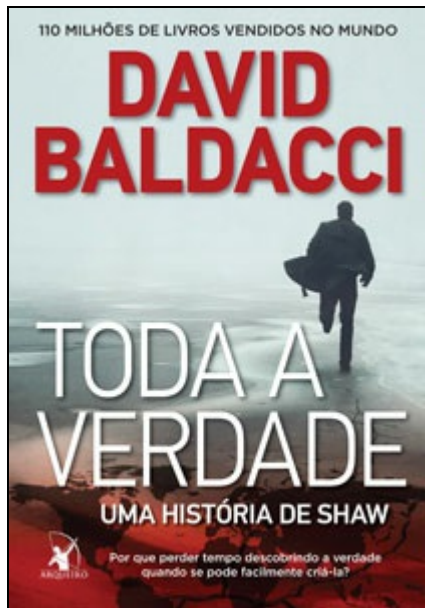
## Traição em família

Sean King e Michelle Maxwell são investigadores particulares, ambos ex-agentes expulsos do Serviço Secreto: Sean porque deixou sua atenção se desviar por uma fração de segundo, o que resultou na morte do candidato à Presidência que ele deveria proteger. Michelle, por sua vez, “perdeu” um político bem debaixo de seu nariz, enquanto ele confortava uma viúva a portas fechadas.

Seus destinos acabaram se cruzando quando Sean precisou de ajuda para solucionar alguns crimes dos quais era acusado. Desde então eles formam uma dupla cativante, unida por orgulho profissional, tensão romântica e causas em comum.

Em *Traição em família*, Sean e Michelle são contratados pela primeira-dama para encontrar sua sobrinha de 12 anos que foi sequestrada.

Em meio a uma complexa trama de mentiras, Michelle ainda tem que enfrentar um drama pessoal: sua mãe foi assassinada, seu pai é o principal suspeito e, para solucionar o caso, a investigadora precisa mergulhar em seu passado e voltar à casa onde passou a infância.



## Toda a verdade

Shaw trabalha para uma agência secreta de inteligência e sua vida se resume a viajar pelo mundo à caça de bandidos perigosos. Abandonado ainda bebê, sem laços afetivos e nem mesmo um nome próprio, ele nunca se importou com o fato de não saber se chegaria vivo ao fim do dia. Até agora.

Envolvido com a alemã Anna Fischer, especialista em assuntos internacionais que trabalha para o Phoenix Group, em Londres, tudo o que Shaw quer é deixar essa vida para trás e se estabelecer tranquilamente ao lado da mulher que ama. Mas seus planos estão prestes a ser frustrados.

Ao ver seus lucros diminuírem a cada mês, Nicholas Creel, dono da maior fornecedora de armamento militar do mundo, decide que é hora de provocar uma guerra. Para isso, contrata um especialista em manipular fatos e “criar a verdade”. Juntos, eles lançam uma campanha de difamação contra o governo russo, cujos efeitos são bombásticos.

Quando todos os outros países já estão preocupados com a nova Ameaça Vermelha, um sangrento ataque ao prédio do Phoenix Group aumenta ainda mais a tensão mundial.

Em meio a tudo isso, Katie James, uma jornalista premiada que caiu em desgraça por causa do alcoolismo, tem acesso ao único sobrevivente do Massacre de Londres que pode lhe dar o furo capaz de mudar sua vida.

Enquanto as peças desse quebra-cabeça se juntam, Shaw parece ter pouco tempo para desarticular essa rede de intrigas e impedir que tenha início um conflito capaz de acabar com o

mundo como o conhecemos.

CONHEÇA OUTRO TÍTULO DA EDITORA ARQUEIRO



## Sem deixar rastros

*Harlan Coben*

Myron Bolitar parecia destinado a uma carreira de sucesso na NBA quando uma lesão no joelho o afastou definitivamente das quadras. Porém, 10 anos depois, o agente esportivo, que também atua como detetive nas horas vagas, está de volta ao jogo – não para cumprir seu destino como astro do basquete, mas para desvendar mais um mistério.

O ídolo dos Dragons de Nova Jersey Greg Downing, principal adversário de Myron na época da faculdade, desapareceu sem deixar rastros pouco antes das finais do campeonato nacional. À frente do caso, Myron trabalhará infiltrado entre os jogadores para tentar obter informações que o levem ao paradeiro do antigo rival, com quem também competiu pelo amor de uma mulher.

O que a princípio parece um típico desaparecimento vai ganhando contornos inesperados à medida que a investigação avança, reacendendo em Myron lembranças que ele nunca imaginou ter que reviver.

Com a ajuda de seus fiéis escudeiros, o excêntrico Win e a ex-lutadora profissional Esperanza, ele comprovará que seus piores pesadelos estão mais vivos do que nunca. E, em meio ao glamour da NBA e a criminosos da pior espécie, vai descobrir coisas sobre si mesmo que mudarão sua vida

para sempre.

# CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

*Queda de gigantes*, de Ken Follett

*Não conte a ninguém*, *Desaparecido para sempre*, *Confie em mim* e *Cilada*, de Harlan Coben

*A cabana*, de William P. Young

*A farsa*, *A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich

*Água para elefantes*, de Sara Gruen

*O símbolo perdido*, *O Código Da Vinci*, *Anjos e demônios*, *Ponto de impacto* e *Fortaleza digital*, de Dan Brown

*Julieta*, de Anne Fortier

*O guardião de memórias*, de Kim Edwards

*O guia do mochileiro das galáxias*; *O restaurante no fim do universo*; *A vida, o universo e tudo mais*; *Até mais, e obrigado pelos peixes!* e *Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams

*O nome do vento*, de Patrick Rothfuss

*A passagem*, de Justin Cronin

*A revolta de Atlas*, de Ayn Rand

*A conspiração franciscana*, de John Sack

# INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br),  
curta a página [facebook.com/editora.arqueiro](https://www.facebook.com/editora.arqueiro)  
e siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta cadastrar-se diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://www.facebook.com/editora.arqueiro)



@editoraarqueiro

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)